Alexandre Mate

# O teatro adulto na cidade de São Paulo na década de 1980

ALEXANDRE MATE

# O teatro adulto na cidade de São Paulo na década de 1980

*No sentido de não praticar tantas injustiças,*
*dedico esta obra à memória de todos aqueles*
*que se foram e cujo paradeiro é desconhecido.*
*E à permanente presença daqueles que*
*não consigam responder sobre o paradeiro*
*dos que foram.*

*Quem me dirá onde está*
*Aquele moço, fulano de tal*
*Filho, marido, irmão, namorado*
*Que não voltou mais*
*Insiste o anúncio nas folhas*
*Dos nossos jornais*
*Achados, perdidos, morridos*
*Saudades demais*
*Mas eu pergunto e a resposta*
*É que ninguém sabe*
*Ninguém nunca viu*
*Só sei que não sei*
*Quão sumido ele foi*
*Sei é que ele sumiu*
*E quem souber algo*
*Acerca do seu paradeiro*
*Beco das liberdades*
*Estreita e esquecida*
*Uma pequena marginal*
*Dessa imensa avenida Brasil*

*Achados e perdidos,*
Gonzaguinha

# Sumário

# Introdução

Fruto de pesquisa desenvolvida em História Social, o texto aqui apresentado compreende, com poucas modificações, o anexo e o segundo capítulo da tese *A produção teatral paulistana dos anos 1980 – r(ab)iscando com faca o chão da história: tempo de contar os (pré)juízos em percursos de andança,* orientada pela professora Maria Aparecida de Aquino e defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). A primeira motivação para a escolha do tema foi, principalmente, o fato de a década de 1980 ser apresentada como uma "década perdida".

Por conta de a expressão ter migrado da economia – decorrência do aumento do preço do petróleo que gerou uma crise mundial na década de 1970 – para outras áreas da vida social, era fundamental enfrentar e, na medida do possível, denunciar o pressuposto de mais essa "arapuca ideológica". Nesse particular, não é pequeno o número de sujeitos "aderentes" à tese que afirma ter sido aquela década um período perdido. Não discuto neste livro os diversos processos mobilizatórios de amplos setores sociais – institucionalizados ou não – que enfrentaram a repressão montada pela ditadura e que participaram dos mais diversos enfrentamentos para a democratização do país.

A afirmação de década perdida, além de ideológica – e não apenas com relação à produção teatral –, caracteriza falta de pesquisa e desconsideração das múltiplas experiências efetivamente desenvolvidas. No sentido de demonstrar tantos absurdos contidos naquela afirmação, construí uma comunidade de destino, constituída por um conjunto de sujeitos que produziu e pensou a linguagem teatral do período, para, por meio de procedimento dialógico,

reconstruir tessituras e quadros históricos, tomando como chão histórico a cidade de São Paulo. No início do processo de coleta de tantas paisagens, por meio de entrevistas, percebi que os colaboradores não tinham muita certeza de quais teriam sido os espetáculos encenados na década de 1980. Por conta dessa contingência, fui impelido a desenvolver também uma pesquisa documental para alavancar o processo mnemônico dos colaboradores.

Por intermédio de oito fontes diferentes – jornais, revistas, livros, anuários, programas de espetáculos (peças gráficas), entrevistas, *releases* e documentários –, além da reflexão concernente ao assunto, apresento fichas técnicas de espetáculos adultos apresentados na cidade durante o período em questão. Memória cultural importantíssima, constituída por 2.042 fichas, e que complementa aquela existente (de dificílima consulta) no Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo. Além das fichas, apresento indicações de todos os espetáculos analisados por críticos teatrais do jornal *O Estado de S. Paulo.*

Além desse levantamento documental, apresento algumas ponderações e apontamentos decorrentes daquele que foi o segundo capítulo da tese. Por meio da reflexão, busquei estabelecer algumas "tendências" ou manifestações, se não criadas, pelo menos mais desenvolvidas no período citado: homoerotismo, besteirol, teatro fundamentado no chamado primado da forma (teatro imagético). Ao lado disso, destaco também alguns artistas que mais produziram no período e suas respectivas obras, a grande ênfase no feminino, os autores mais montados (tanto nacionais como internacionais), os textos mais montados (nacionais e internacionais) e diversos outros dados quantitativos.

Mesmo havendo inúmeras lacunas, parte de uma memória cultural de um período da história na cidade de São Paulo está descortinada, insisto, por meio de um texto dialógico, a partir da escuta de tantas vozes em estado de polifonia. Diferenciadas vozes, premidas pelas mais distintas perspectivas estéticas e políticas diversas. Esse coro ajudou a apresentar algumas paisagens da cena e de fora dela, decorrentes de experiências apresentadas nos espaços públicos, abertos ou fechados. Teatro, patrulhas ideológicas, censura, expedientes épicos: brechtianos ou não, teatro popular, nomes de sujeitos e de grupos (des)alinham-se para ajudar a reconstruir parte do teatro paulista no século XX.

Por último, muitas das referências feitas aos grupos Teatro Popular União e Olho Vivo (Tuov) e ao Engenho devem-se a que na tese, a partir da qual esta reflexão se desenvolveu, um capítulo ter sido dedicado a cada coletivo.

# 1
# Teatro e política:
## idas e vindas – dificuldades nas artes do fazer

*Com relação à suposta decadência da década de 1980, muitas pessoas atribuem essa decadência por conta, talvez, de seu próprio tempo estar escorrendo, mas não percebem que existe outro tempo, que está se renovando, que está nascendo. Então, me parece que pensar em decadência de uma década é, no mínimo, um pensar reacionário. Isso de imaginar que uma determinada época foi uma grande época e que no tempo presente se tende à decadência leva gente, muita gente a não perceber que tudo está diante dela, se modificando. Vejo a década de 1980 como um período de muita busca, de muita renovação. Uma década na qual a influência de um tipo de dramaturgia, um tipo de espetáculo foi importante, que alimentou uma transformação, um novo sistema de produção, que na década de 1990 se espalha. É um teatro que sai do centro, vai para a periferia, vai para o subúrbio, para outros estados. Sai fora do eixo.*

Luís Alberto de Abreu,
entrevista concedida a Alexandre Mate

Do ponto de vista da produção teatral na cidade de São Paulo, desenvolvida durante a década de 1980, é possível deparar – de modo idêntico a qualquer ou-

tro período – com as mais ambíguas e contraditórias informações. Em algumas pesquisas acerca de parte da produção desenvolvida no período é defendida a tese segundo a qual teria havido na década uma interrupção e mesmo o abandono de um processo qualitativo de trabalho estético bastante característico do momento anterior, compreendendo principalmente a década de 1970, em que proposições mais coletivizadas se desenvolveram. Essa tendência de abandono decorreria principalmente da desmontagem da totalidade de grupos e de experiências anteriores pelas injunções censórias e coercitivas impostas à vida social e à prática estética por conta do regime militar.

Fruto de um processo de sobrevivência e de enfrentamento, tanto parcelas desses grupos como novas formações buscaram (re)agrupar-se em torno de um diretor consagrado, tese defendida, por exemplo, por Sílvia Fernandes, em *Grupos teatrais – anos 70* (2000). Inserida nessa proposição, com o desmantelamento dos conceitos que norteavam e agrupavam os artistas a formar um grupo e a dividir todas as responsabilidades entre seus integrantes, o diretor parece ter sido o alvo mais importante e significativo nesse processo. De modo oposto, há outra concepção segundo a qual muitos grupos resistiram e se reconstituíram permanentemente, quase se blindando, por conta dos expedientes e dos processos de perseguição do regime à área cultural. Dessa forma, mesmo com seus espetáculos proibidos, os integrantes de diversos grupos acreditavam que a força de um trabalho decorreria também da capacidade de enfrentamento coletivo das questões decorrentes do arbítrio do regime. Defendem essa tese Ednaldo Freire e Luís Alberto de Abreu, cujas trajetórias pelo teatro se iniciam em fins da década de 1960 no ABCD paulista e prosseguem em parceria até hoje, e que na década de 1970 e início da de 1980 estreitaram esses laços, tendo em vista participarem do Grupo Mambembe.

Assim, decorrente da formação e dos "processos de resistência em grupo", caracterizava-se, também, em um dos alvos nesse tipo de formação a necessidade de processos de intercâmbio de experiências coletivamente para além das trocas simbólicas. O excerto abaixo, de Luís Alberto de Abreu, apresenta um ponto de vista acerca de um modo de fazer, enfrentar e resistir grupalmente, em uma época de contundente mercantilização, e não apenas do espetáculo teatral. Além disso, deixa registrada a expressão "teatro de grupo", cujo aparecimento o senso comum insiste em datar nos anos de 1990. Na introdução do programa de *Foi bom, meu bem?,* de Abreu, apresentado em 1980-81, pelo Grupo Mambembe, aparece o seguinte texto:

Porque somos um grupo

> [...] porque gostamos. Todos nós aprendemos a fazer Teatro em grupo. Mesmo os que entre nós frequentaram uma escola de Teatro começaram a aprender Teatro em grupo. E para nós é a melhor alternativa profissional e pessoal. Nada mais do que isso.
>
> Nós do Mambembe também temos consciência que Teatro importante não é só Teatro de grupo. Respeitamos, e muito, todas as formas honestas de se fazer Teatro. Desde o Teatro empresarial até o Teatro amador.
>
> [...] Aliás, todos nós somos um pouco magnatas da emoção.

Disputando os poucos espaços físicos e também o público, que foi escasseando pelos mais diferenciados motivos nos anos 1970 – dentre os quais podem ser destacados o teatro ter sido obrigado a recolher sua capacidade crítica, a própria violência urbana, policial e militar, a sofisticação cada vez mais apelativa da televisão –, vários grupos de teatro com objetivos completamente diferenciados coexistiram na década, enfrentando o Estado. Diversos autores apresentam pontos de vista sobre o acontecido com o teatro e seus artistas.

Pelo seu caráter simbólico e agregador, entretanto, merece destaque a introdução de *Gota d'água* (cuja obra é dedicada à memória de Oduvaldo Vianna Filho, falecido em 1974), escrita por Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes. Nela, seus autores apresentam a tese de que o texto escrito por eles tenta revelar a nova sociedade brasileira (predatória, capitalista, violenta e consumista); denunciar o modelo antipopular e autoritário do regime e os processos de cooptação dos melhores quadros da classe média para ajudar a manutenção e viabilização da própria ditadura, que se instalara no país em 1964; apontar o modo como o povo, mormente, era retratado na dramaturgia e a oposição entre cultura popular e de elite, e chamar a atenção para a necessidade de recuperação da palavra mais significada social, política e poeticamente. *Gota d'água* (1976), dirigida por Gianni Ratto, foi uma obra de surpreendente sucesso e que funcionou como um dos marcos de resistência do teatro brasileiro do período.

Uma das mais significativas produções paulistanas – e que por meio de estratagemas táticos conseguiu burlar o feroz processo de censura – foi o espetáculo *Ponto de partida (assassinou-se o assassinado),* de Gianfrancesco Guarnieri. Montada em 1976, dirigida por Fernando Peixoto e apresentada no Teatro de Arte Israelita Brasileiro (Taib), a obra de Guarnieri enfrentava o

regime militar brasileiro tematizando alegoricamente, mas de modo bastante contundente, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Ambientada em aldeia medieval, com cenografia de Gianni Ratto, durante todo o espetáculo havia um boneco enforcado em árvore cenográfica, em claríssima alusão ao assassinato de Herzog. O índice visual era contundente. Entretanto, mesmo denotando um escândalo não controlado pelas forças de repressão (que tudo fazia para manipular a realidade), o contexto precisou anacronicamente fugir ao acontecimento histórico a que diretamente ele se referia. Inúmeros grupos terroristas de extrema direita, por meio de panfletos e ligações anônimas a jornais, ameaçavam tanto os artistas da obra quanto o público que ousasse assistir ao espetáculo. Desse modo, assistir ao espetáculo para muita gente caracterizou-se como processo de enfrentamento possível ao regime e às ameaças daqueles grupos terroristas.

A despeito dos tempos violentos, das agressões à vida social e às (tão alardeadas) liberdades individuais, aqueles atores e atrizes normalmente tidos como monstros sagrados – na maior parte das vezes, empresários de suas montagens – continuaram a apresentar seus trabalhos, preferindo obras clássicas e consagradas internacionalmente, motivados pelas mais diversas necessidades postas pelo mercado. Dessa forma, à guisa de exemplo, ao adaptar, em 1985, o *vaudeville* clássico de Feydeau *O peru*, o ator e dramaturgo Juca de Oliveira afirma no programa da peça que teria buscado em seu trabalho

> Não a reconstituição da história: a reconstituição da alma. O que me fascina é recapturar a razão do autor, o seu objetivo, a sua psicologia e a psicologia das plateias que o aplaudiram há quase cem anos. O que apaixona em Feydeau é a reprodução da intriga engenhosa. Num mesmo tom de irreverência moral. Ao *vaudeville* o que nos interessa resgatar é a agilidade de sua trama superficial, a elaboradíssima carpintaria sustentando a fragilidade de um conteúdo deliciosamente irresponsável, que nos conduz à diversão, ao riso e ao esquecimento. Aqui não cabe reflexão.

Os modos de organização e de conquista entre as duas possibilidades de agrupamento (e aqui apresentados em tipologia didática), teatro de grupo e teatro empresarial, conferem à primeira delas, em tese, uma possibilidade de intervenção coletiva na sociedade por intermédio da escolha de assuntos e de utilização de expedientes estéticos para além do mero entretenimento. Tratava-se também de uma tentativa de construção de um processo de enfrentamento, de crítica de modo mais direto e cabal aos tempos em que se vivia, às inúmeras con-

tradições interpostas à prática social pelos resquícios do arbítrio ditatorial e pelo mundo da mercadoria, em sua face mais perversa representada pela circulação.

Na década de 1980, ganham destaque – alavancados por interesses mercadológicos e por certa liberação dos costumes – os espetáculos cujos assuntos giravam em torno do universo homossexual ou *gay*. Muitos foram os espetáculos abordando a temática do homoerotismo de modo mais explícito, tanto para reiterar os preconceitos e estereótipos existentes como para tentar redimensionar e humanizar a tribo, então designada GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Se na década anterior um dos grandes sucessos de bilheteria inserido nesta temática em São Paulo fora *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá*, de Fernando Melo – sucesso devido enormemente ao excelente trabalho de Raul Cortez –, na década de 1980, segundo dados obtidos na pesquisa, apresentaram-se comercialmente na cidade três montagens dessa mesma peça, sem o mesmo resultado anterior: uma em 1980, com direção de Carlos de Simone, protagonizada por Hilton Have; outra em 1982, com direção de Afonso Gentil, protagonizada por Alexandre Dressler; a terceira em 1986, com direção de Humberto de Souza, protagonizada por Kaká Freitas.

Sem aprofundar o conteúdo, mas apresentando alguns de seus expedientes característicos, é correto afirmar que na "tendência homoerótica" certos aspectos são intrínsecos à obra, independentemente de o tratamento, por questões mais comerciais e na totalidade desta produção, ser apresentado a partir de certos preconceitos e estereotipias consagrados pelos padrões morais rígidos, e repleto de contradições da sociedade. Em *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá*, como produto de mercado, preparado e produzido para uma parcela de pagantes, o amor-sexo-mercadoria, nutrido por certa concepção melodramática e consumista, foi intrínseco à obra. *Greta Garbo* não trouxe qualquer problema.

Tanto na obra mencionada como em tantas outras, a fórmula compreendia uma mescla de atores com belos rapazes, cuja compleição física agradaria a um determinado e fetichizado gosto-padrão, também imposto como mercadoria. Invariavelmente, e de modo reiterado, uma personagem mais velha, apresentada de modo patético, arranca risos e lágrimas fáceis da plateia, pelos seus desejos por um amor idealizado (e, parafraseando Drummond, em *Procura da poesia:* "[...] tão infenso à efusão lírica"). Na versão alegre, a trilha sonora, muitas vezes, é composta pelas músicas da moda e ditas do reduto *gay*, como a *dance music* (que surgiu no período) e aquelas então chamadas de cafonas,

principalmente por produtores de gravadoras que precisavam (re)impor novos modelos. Nessa segunda categoria, os boleros, cujo território é aquele do amor dilacerante, encontram-se entre os preferidos. Dalva de Oliveira, em inúmeros casos, foi aclamada como a deusa para sonorizar as desventuras dos homossexuais e seus sofridos amores impossíveis.

O filme *A gaiola das loucas* (*La cage aux folles*), de 1978, dirigido por Edouard Molinaro, comprova o que se diz. Nesta obra, os ingredientes arquetípicos fazem-se presentes também. *Priscilla, a rainha do deserto* (*Priscilla, Queen of the Desert*), de 1995, dirigido por Stephan Elliott, afiança a permanência do sucesso e da estrutura arquetípica.

Muitos espetáculos com temática homoerótica foram montados e apresentados, tanto em teatros tradicionais como em espaços alternativos, inclusive os chamados redutos *gays*: *boites* que abriram seus espaços normalmente em horário alternativo ou como mais uma atração do cardápio, que pudessem interessar ou, pelo menos, não desinteressar seus clientes e frequentadores. Do mesmo modo, espetáculos com temática não homoerótica foram apresentados em espaços frequentados por homossexuais. No capítulo 4 desta publicação, nas fichas técnicas, esses espaços aparecem mencionados.

Nem todos os espetáculos pautados na temática homoerótica foram ou estiveram perto do apelativo, como o texto *Giovanni,* de James Baldwin, dirigido por Iacov Hillel e montado com alguns artistas que buscaram em suas carreiras priorizar textos inseridos nessa temática. Segundo o crítico teatral Jefferson del Rios (1986, p.82), "Começa a existir em São Paulo um teatro *gay*, um tipo de espetáculo que procura escapar à caricatura para chegar ao público com os problemas, as ambições e os devaneios homossexuais. Não chega a ser um movimento estruturado, proposta teorizada: eles estão na praça com seu universo específico".

Hugo Della Santa, um dos atores de *Giovanni*, participou com Luiz Armando Queiroz e Maurício Abud da montagem de dois outros importantes espetáculos apresentados na década de 1980. Dirigidos por Luiz Armando Queiroz e Maurício Abud, inseridos na tendência homoerótica, mas não como objeto mercadológico, *Nossa Senhora das Flores* e *Os negros*, ambos de Jean Genet, buscaram iluminar a temática, por intermédio de uma exposição humana e agressiva. Segundo a atriz Dirce Thomaz, em *Os negros,* e o ator Nelson Baskerville, em *Nossa Senhora das Flores*, a humanização proposta pelo tratamento estético de cada espetáculo buscou tocar homossexuais e não

homossexuais para além da mera questão homoerótica. Diversos são os relatos de espectadores que se sentiram tocados pelos dois espetáculos e, segundo o que foi possível apurar, muitos "moralistas de plantão" saíram assustados com as obras.

Assim como as citadas obras, o primeiro grande sucesso de público e de crítica – com excelente qualidade técnica e de atores (Kito Junqueira, Ricardo Petraglia, Paulo César Grande, Chico Martins, Carlos Silveira, Josmar Martins, Sérgio Miletto, Carlos Capeletti) e boa direção (Roberto Vignati) – foi *Bent,* de Martin Sherman, apresentado em 1981 (cuja temporada estendeu-se até 1982). Ainda nesse filão, mas ligado ao universo feminino e sem alcançar tanto sucesso, importante lembrar as montagens de Tom Santos, como *Fim de caso*, de Aziz Bajur, apresentada em 1981 e que seguiu carreira até 1985, com intervalos, protagonizada por Inês Maria, Kátia Spencer, e a de Celso Nunes, que dirigiu, em 1984, *As lágrimas amargas de Petra von Kant*, de cujo elenco fizeram parte Fernanda Montenegro, Renata Sorrah, Juliana Carneiro da Cunha, Rosita Thomas Lopes, Paula Magalhães, Joyce de Oliveira. O espetáculo *As lágrimas amargas de Petra von Kant* esteve perto de dois anos em cartaz no Rio de Janeiro, mas não chegou a quatro meses em cartaz no teatro Cultura Artística de São Paulo. Como em qualquer outro momento da história, artistas que aderiram às tendências do mercado (montagem de textos consagrados na Broadway, por exemplo) e aqueles que buscavam outros caminhos e modos de produção, todos, mais e menos, padeceram com a censura e os processos de patrulhamento (ou patrulha ideológica).

Em tese, a expressão-comportamento "patrulha ideológica" surge a partir da entrevista que Cacá Diegues concedeu à Póla Vartuck, n'*O Estado de S. Paulo*, que teve por título original *Cacá Diegues: por um cinema popular sem ideologias.* Dentre outros aspectos importantes da entrevista, o cineasta reivindicava e assumia uma defesa da liberdade de criação artística, "[...] contra todos os intelectuais que, em nome de partidarismos ideológicos, tentam impor um tipo de censura à liberdade de expressão". A matéria, com a entrevista de Cacá Diegues, foi comprada pelo *Jornal do Brasil* que, ao reeditá-la na íntegra, rebatizou-a: *Uma denúncia das patrulhas ideológicas* (Pereira; Holanda,1980, p.7).

Nesse sentido, e com o processo de distensão política, a década permitiu a montagem de textos "engavetados" tanto pelos órgãos de censura quanto pelos seus próprios autores. Inserido nessa segunda classificação, em 1966, Oduvaldo Vianna Filho escreveu *Mão na luva*, apresentando uma discussão em

princípio amparada na temática da relação amorosa homem/mulher. A partir da paráfrase clássica do marxismo, "Proletários do mundo inteiro, preservai o amor", o texto ficou engavetado pelo autor até a data de sua morte, ocorrida em 1974. Em tese, e por declarações do próprio autor ou de pessoas próximas a ele – por exemplo, Dona Deocélia Vianna, sua mãe –, Vianinha considerava que os tempos de urgência decorrentes do estado ditatorial exigiam novas atitudes. Assim, uma obra teatral tematizando também os impasses amorosos da relação de um casal dificilmente poderia ter pertinência política e ser levada aos palcos. Apesar de premido por esta espécie de autopatrulhamento, a necessidade, talvez decorrente mesmo de sua própria vida, levou-o à escritura do texto, mas não à sua revelação ou montagem enquanto viveu.

Com a "descompressão gradual" trazida pelos processos de luta contra a censura e com relação às obras do autor, o texto teve uma significativa montagem pelas mãos de Aderbal Freire Júnior, em 1984, com Juliana Carneiro da Cunha e Marco Nanini. Segundo o crítico Sábato Magaldi (set. 1984, s.p.):

> Não se trata de um texto de amor piegas, inconscientemente, alienado. O relacionamento do casal constitui, de fato, o microcosmo desenvolvido ao longo do diálogo. Escritor maior, Vianinha inscreve a história amorosa no macrocosmo da vida pública dos protagonistas – sobretudo os problemas de Lúcio como jornalista, a luta para não ceder às pressões de uma empresa desejosa de majorar as tarifas, a coerência profissional etc. Embora colocando o foco dramático na crise do casal, a peça não perde de vista o homem e a mulher como um todo.

Durante a década foram montados também textos cuja temática buscava discutir as questões políticas e sociais por que passava o país. Em 1985 Lauro César Muniz, dramaturgo que de uma forma ou de outra sempre procurou discutir em sua obra questões sociais importantes, ganhou a montagem de seu texto *Direita, volver*. A obra apresenta um ex-senador que comemora seu aniversário em 31 de março, mesma data em que teria havido certa revolução no país. Claro que se trata de um mote para o autor discutir e desmontar o conceito de revolução imposto pelos detentores do poder. Na festa, os convidados – todos de classe média – fingem não perceber a decadência do ex-senador e da "dita" revolução e tergiversam, buscando instaurar uma relação de diálogo, sobre as relações fundamentadas e desenvolvidas no universo das aparências. No programa da peça há um texto escrito pelo diretor, Antonio Mercado, que afirma:

> Seria possível atribuir uma parcela de força acintosamente polêmica do texto à AUSÊNCIA INTENCIONAL E ABSOLUTA DE RECURSO À LINGUAGEM METAFÓRICA. Estamos desacostumados de falar às claras, de dar nome aos bois, e a repentina mudança na retórica do discurso dramático nos inquieta e sobressalta. A metáfora, ao mesmo tempo em que revela, também de certo modo mascara poeticamente a violência e a brutalidade dos fatos. Podemos então contemplá-los com curiosidade e até com emoção, mas sem temor ou risco.
>
> Quando, porém, o dramaturgo suprime essa máscara protetora, a realidade nos toma de assalto e invade o espaço interior com toda a sua crueza. Apanhados de surpresa, costumamos reagir dizendo que a obra de ficção é agressiva, chocante, brutal. Mas não: é a própria realidade do país que infelizmente tem sido assim, e ainda nos perturba o fato de encará-la sem máscaras.

A partir de diversos processos de enfrentamento e de conquista das chamadas liberdades democráticas promovidos por segmentos organizados da sociedade civil – Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Igreja (por intermédio sobretudo das Comunidades Eclesiais de Base), os sindicatos e os partidos políticos, entre outros segmentos –, grupos teatrais existentes reorganizam-se e outros novos são formados, muitos deles com o objetivo de interferir, de alguma maneira, na vida da cidade.

Assim, ainda que de modo redutor, se podem encontrar grupos de teatro:

– cuja atuação na cidade de São Paulo enfatiza os valores da cultura popular e da regional (temas e procedimentos acessíveis às amplas massas da periferia) e que propunham, após a apresentação do espetáculo, discussão com a população, tanto da obra quanto de seus problemas: o Teatro Popular União e Olho Vivo (Tuov) e o Truques, Traquejos e Teatro (TTT) inserem-se nessa proposição;

– que se reorganizaram a partir de um diretor-criador forte, como o Ventoforte, cujo líder foi (e continua sendo) Ilo Krugli, e o Centro de Pesquisa Teatral (CPT) (reconstituído a partir do Grupo de Arte Pau Brasil, depois Grupo Macunaíma) cujo líder foi (e continua sendo) Antunes Filho;

– que se formaram a partir de um núcleo de atores que queriam experimentar certos efeitos visuais em teatro, como o XPTO;

– que contaram com efetiva infraestrutura da instituição privada durante toda a década, como foi o caso do Teatro Popular do Sesi, da Avenida Paulista;

– que se formaram com a ideia de montar espetáculos cuja temática fosse, sem desconsiderar o estético, prioritariamente política, como o Apoena (hoje Engenho);

– que vieram de outros estados e que se aclimataram perfeitamente bem à cidade, como o Teatro Amador Produções Artísticas (Tapa), do Rio de Janeiro;

– que adotaram um gênero, por exemplo a comédia repleta de deboches e bastante calcada no trabalho do ator, como o Harpias e Ogros, cuja trinca de atores Ângela Dip, Grace Giannoukas e Marcelo Mansfield, de apresentação em apresentação, de espaço em espaço, foram formando um público que os acompanhou em suas diversas montagens e apresentações;

– que desenvolveram seus espetáculos a partir de uma temática cuja tradição recuperava formas e gêneros populares, como no caso de Carlos Alberto Soffredini, que esteve envolvido com três grupos que percorreram esse caminho: Núcleo Pessoal do Victor, Grupo Mambembe e Núcleo de Estética e Teatro Popular (Estep);

– que desenvolveram um denso e significativo processo de pesquisa, liderados por jovens diretores, e cujas obras eram experimentais, como o Ponkã, o Grupo de Arte Boi Voador, o Estação da Luz e tantos outros.

A possibilidade da experiência de processos criativos em teatro sem os terrores ameaçadores do regime (re)começaram a crescer e a fomentar a produção cultural. Aproveitando o abrandamento do regime e o sucesso representado pelas telenovelas brasileiras, várias escolas de teatro profissionalizantes surgiram, ao lado das já existentes: Escola de Arte Dramática (1948), Teatro-escola Macunaíma, Teatro-escola Célia Helena e Conservatório Dramático Emílio Fontana. Dentre as escolas novas, podem ser citados o Instituto de Artes e Ciência (Indac), a Recriarte, e a Fundação das Artes de São Caetano do Sul, da qual muitos estudantes eram da cidade de São Paulo. Além do ensino profissionalizante (que correspondia, então, ao chamado segundo grau, hoje ensino médio), existiam também o Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Belas Artes São Paulo, o Instituto de Artes da Unesp, a Universidade São Judas Tadeu e a Faculdade Mozarteum.

Dessas escolas saíam novos grupos todos os anos, cujos primeiros trabalhos, normalmente, eram os espetáculos de formatura. Muitos desses grupos eram dirigidos por diretores contratados ou por professores-diretores da própria instituição. Nessa perspectiva, mais forte do que a figura de um diretor eram os ideais e a coragem: dar a cara a tapa, os vislumbres interlocutórios, a experimentação radical, a ousadia estética expressavam os desejos e as necessidades

dos estudantes que se inseriam no mercado. Apesar de as turmas nas referidas escolas não serem montadas a partir de critérios de escolha pessoal, a experiência social apontava a força do grupo sobre a do indivíduo isolado.

Além disso, a Secretaria do Estado da Cultura, a partir de meados da década de 1980, ofereceu um amplo programa de oficinas de teatro. Muita gente passou a "gravitar" em torno da linguagem teatral. Pelo fato de essa tendência continuar nos dias de hoje, é bastante comum a afirmação de que "o público" – excetuando-se aqueles dos espaços tradicionais e frequentados pela burguesia – que assiste aos espetáculos de teatro na cidade de São Paulo é formado por estudantes de teatro, seja das escolas regulares seja de oficinas de teatro, e por aqueles que já se formaram. Isso pode ser comprovado em diferentes fontes, dentre as quais as malas diretas dos grupos de teatro e de instituições (como a Cooperativa Paulista de Teatro), respostas de questionários distribuídos após a apresentação de um espetáculo ou simplesmente pelo fato de, invariavelmente, encontrarem-se sempre as mesmas pessoas entre o público frequentador.

Ainda com relação aos grupos de teatro que se formaram na década, mas sem ser possível imaginar seu número por não haver dados estatísticos, vários deles atuam naquele momento e dão sentido militante, político e estético ao conceito denominado teatro de grupo, cujos processos de reordenação das formas grupal e coletiva demandarão outros modos de produção. Dessa forma, data da década, mas sem ter começado nela, a proposição do chamado processo colaborativo. As inspirações mais distantes desse tipo de processo resultam do teatro agitpropista russo-soviético, e as mais próximas, principalmente das experiências do Teatro Experimental de Cali (Colômbia), dirigido por Enrique Buenaventura.[1] De modo bastante esquemático – sem deixar de mencionar o fato de que o teatro popular invariavelmente sempre se ateve aos processos partilhados – o processo colaborativo pressupõe a instituição de um colegiado democrático de criação, com divisão de todas as tarefas demandadas pelo processo teatral. Mesmo havendo responsáveis específicos por cada área da produção, criação estética e apresentação da obra, tudo se divide e se intercambia: desde a sugestão dos assuntos do próximo espetáculo, passando pelos processos de pesquisa e pelos de criação coletiva do texto; da escolha pelo conjunto dos atores e atrizes a fazer as personagens, pela incorporação

1 Acerca do teatro de *agitprop*, cf. Garcia, 1990. Acerca do processo colaborativo, entre outros, cf. Carbonari, 2006.

de adereços e objetos até a direção aberta e predisposta às sugestões de todos e também a divisão das tarefas demandadas pela manutenção do colegiado. Atualmente, ainda que gerido por um pequeno núcleo, normalmente dito de fundadores, este procedimento/modo de produção ganha cada vez mais força e adeptos na cidade.[2]

Evidentemente, pode haver nessas formações uma ou mais figuras de destaque. Entretanto, sua realidade pressupõe as deliberações democrático-coletivas que o Tuov, em plagas paulistanas, radicalizou transitando com a unanimidade. No Tuov, a primeira norma pressupõe o uso obrigatório da palavra por todos os integrantes acerca dos assuntos que digam respeito à vida do Grupo. Nessa prática, todos têm de fazer uso da palavra e posicionar-se quanto àqueles assuntos, necessidades e propostas em pauta. Nessa perspectiva, as deliberações que organizam a convivência estético-social do grupo, de modo bastante diferenciado de outras formas e agrupamentos, buscam o consenso, isto é, a unanimidade. Assim, o poder de decisão é responsabilidade absoluta do coletivo (Vieira, 2007, p.94-5). Trata-se de uma proposição que, na década de 1980 (e não apenas em política), passou a ser chamada de "basista", em que as decisões são fruto de um colegiado gestor e administrador de seu fazer. Pode ser que a partir de tal expediente, que concorre também para o processo e desenvolvimento criativo, se possa verificar alguma forma de problema naquilo que diz respeito às decisões. Essa dificílima prática exige muito mais evidências do que a simpatia e antipatia por alguém.

Com relação, por exemplo, aos procedimentos adotados pelos coletivos formados por intermédio de Antunes Filho, e mesmo sendo ele uma figura fortíssima, como afirmam todos, e que seus pontos de vista prevaleçam na quase totalidade da criação da obra, afirmou Mariangela Alves de Lima, em entrevista a mim concedida em 16 de fevereiro de 2006, em sua residência:

> Ele sai do teatro profissional, da figura hegemônica do encenador sobre o espetáculo, e decide que é necessário outro tipo de produção e volta para onde? Volta para o modernismo, e retorna um ponto da história que é o ponto de transformação, de mudança de ideias e de abertura de várias vertentes que nunca haviam sido trilhadas

2 Nesse particular, dentre outros materiais, cf. as publicações da Cooperativa Paulista de Teatro: a revista *Camarim* e o *Breviário,* de espetáculos apresentados por grupos cooperados; o *Anuário de Teatro de Grupo da Cidade de São Paulo* produzido e editado pelo Escritório das Artes, e tantas publicações historiando trajetórias e processos de grupos da cidade.

> literalmente. [...] Então, o Antunes volta para isso, ele toma todas as referências estéticas do modernismo, de um modo atualizado e mais moderno de produzir, cria um espetáculo que é inventivo no seu modo de produção, absolutamente original na interpretação e que não é uma interpretação, nem derivada do realismo nem do psicológico, é mais icônica: uma interpretação mais ligada a fontes visuais, mais ligada ao ritmo da poesia do que aos elementos tradicionais das personagens do drama. São recursos épicos, não brechtianos, ou seja, narrativos e não necessariamente com o intuito de esclarecimento, mas com o intuito de quebras de pontos de atenção na narrativa dramática. Ele utiliza o recurso várias vezes porque é o espetáculo de um narrador e épico. A raiz dele está no teatro ibérico, que foi lá de onde o Mário de Andrade derivou também – caminho do cancioneiro popular brasileiro. Então, é do Calderón de La Barca, digamos, que o Antunes recupera e moderniza uma tradição: criação sonora até melódica, cancioneiro brasileiro, Villa Lobos. [...] Acho que esse espetáculo foi fonte de muitos outros, está dentro dele até o *performer*, no sentido de que a interpretação do próprio *Macunaíma*, do protagonista, era toda baseada na exibição dos recursos dos intérpretes. [...] Acho que o caminho do Antunes no CPT é um caminho novo que marca essa época; como linguagem é uma mudança definitiva. Muita gente quando assistiu ao espetáculo mudou de vida por causa dele – muda o modo de o espectador perceber o teatro.

Ainda acerca de Antunes Filho e da importância dos procedimentos demandados pelo processo de trabalho pautado em criação coletiva e partilhada, afirma a atriz Lígia Cortez, em entrevista a mim concedida, em 19 de maio de 2005, no camarim do Teatro Cultura Inglesa de Pinheiros:

> O CPT era um centro de criação realmente incrível. Até hoje eu agradeço muito ter podido participar daquilo. Enquanto *Romeu e Julieta* era montado, outro espetáculo era preparado. Nessa ocasião a gente tinha até aula de violino para participar de um trabalho maravilhoso, que era a adaptação para o teatro de *A pedra do reino,* de Ariano Suassuna. Infelizmente não foi apresentado. Era uma coisa!!! Era uma dramaturgia, de um jeito totalmente diferente: uma dramaturgia feita no aqui-agora, livro após livro. Quem fazia o trabalho dramatúrgico era a Walderez Gomes Cardoso. Ela escrevia o que estava acontecendo. Era um processo rico demais. Nós apresentávamos e o Antunes foi cortando... Acho mesmo que o que se chama processo colaborativo hoje já estava lá, com o Antunes. Lia-se o livro e fazia-se a cena...

Ponto de vista semelhante aos de Mariangela Alves de Lima e Lígia Cortez apresenta o crítico e pesquisador de teatro Sebastião Milaré (biógrafo de An-

tunes Filho), em entrevista a mim concedida no Centro Cultural São Paulo, em 31 de março de 2006 – destacando no processo colaborativo a chamada "dramaturgia do ator". Ele afirma:

> Acho que tem dois momentos muito importantes desse período que sinalizam uma nova fase do teatro paulista, do teatro brasileiro. Em 1978, exatamente, com a criação e encenação de *Macunaíma* pelo Grupo de Arte Pau Brasil (que depois virou o Grupo Macunaíma), com direção de Antunes Filho, e o espetáculo do Buza Ferraz, que foi o *Policarpo Quaresma*. Então, acho que esses dois eventos têm uma significação muito especial até pela maneira como foram feitos, porque os dois, coincidentemente, foram criados a partir do mesmo tipo de processo de trabalho. Quer dizer, de criação do texto a partir de uma obra escrita, de um romance, e criando por *workshops* de grupo. Então os dois foram vitais, é claro, cada um a partir de uma determinada metodologia diferente. [...] Mas os dois [Antunes Filho e Buza Ferraz] foram por esse caminho de fazer o que hoje se pode chamar de teatro colaborativo... Inventam-se mil nomes, não interessa bem qual é o termo que se usa, mas o fato é que nesse procedimento se buscava recuperar uma necessidade dramatúrgica para o ator. Porque o ator, até então, estava ali, consumido naquela coisa de fazer obras dentro de esquemas extremamente viciados, de um realismo ultrapassado. Afinal, porque aquelas experiências correspondiam ao que se podia fazer na época da ditadura. Não se consentia mais fazer além disso, era sempre um risco muito grande investir na pesquisa estética como investir numa grande produção: de repente, a peça poderia ser simplesmente vetada pela censura, no meio do caminho. O Grupo de Teatro Pau Brasil foi uma grande cooperativa que deu certo.

Grupos formados por interesses comuns, sejam eles estéticos ou políticos, costumam transitar com um caráter mais democrático. Assim, além das particularidades estético-organizativas definidas, pode-se observar, tanto no período em epígrafe quanto nos dias atuais, que tais grupos tendem a articular o assunto e os expedientes de suas obras vislumbrando uma troca de experiência melhor definida, abrigando tanto as questões estéticas como as político-comunicacionais. Tomando principalmente o prólogo da obra escrita em 1507, *A Celestina* de Fernando de Rojas, e cuja analogia é bastante pertinente ao que aqui se tenta discutir, Roger Chartier apresenta uma interessante análise acerca do ato de ler, lembrando que

> Em contraste com a representação do texto ideal e abstrato – que é estável por ser desvinculado de toda materialidade, uma representação elaborada pela própria

> literatura – é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor. Assim é necessário fazer uma distinção entre dois tipos de aparato: aqueles impostos pela colocação em forma de texto, pelas estratégias da escrita e intenções do "autor", e aqueles que resultam da manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor. Esse intervalo, que é o espaço no qual o significado é criado, tem sido muitas vezes negligenciado, não só pelas abordagens clássicas, que consideram a obra em si como um texto puro cujas formas tipográficas não têm importância, mas também pela teoria da recepção (*Rezeptionstheorie*), que postula uma relação direta e imediata entre o "texto" e o leitor, entre os "signos textuais" usadas pelo autor e o "horizonte de expectativa" daquele aos quais ele se dirige.
>
> Aqui, creio, encontramos uma simplificação incorreta do processo através do qual as obras adquirem significado. O restabelecimento de sua verdadeira complexidade exige um exame da relação muito estreita entre três polos: o próprio texto e o ator que o apreende. As variações dessa relação [...] produzem, com efeito, mudanças de significado que podem ser organizadas em alguns modelos. (Chartier apud Hunt, 2006, p.220-1)

Diferentemente de uma relação que pensa a obra "em tese", dissociada de seus contextos e mesmo de seu público característico, muitos coletivos teatrais têm enfatizado outra forma de relação com o público. Experiências comuns nesse sentido, e que já vinham de outras épocas, tanto próximas quanto distantes da cidade naquele momento, foram levadas a cabo principalmente por grupos que romperam com o circuito comercial e se "bandearam" para um lugar fixo na periferia ou, em caráter deambulante, apresentavam-se em espaços diferenciados atendendo a convites que lhes eram feitos. Silvana Garcia (1990) apresenta diversas experiências artísticas desenvolvidas em vários países, a partir da junção das experiências das *Freies Bühnes* (palco ou cena livre, derivado das proposições do *Théâtre Livre*, de André Antoine) na Alemanha em consonância com as transformações pelas quais passou a linguagem teatral, decorrentes tanto da Revolução Russa (por intermédio do teatro de *agitprop* – junção da agitação e propaganda socialistas) quanto do desenvolvimento da arte proletária (*proletarskaia kultura*).

Retornando à tese segundo a qual os grupos da década teriam se formado em torno de um nome de destaque, ressalvas precisam ser apresentadas. O

Ornitorrinco, por exemplo, foi formado em 1977, cuja "trinca" original de líderes (Maria Alice Vergueiro, Luiz Roberto Galizia e Cacá Rosset) tem na liderança de Rosset, em meados da década em epígrafe, a criação de verdadeiros fenômenos de público no teatro paulista, a partir de *Ubu Pholias Physicas, Pataphysicas e Musicaes* (1985). Segundo Rosi Campos (em entrevista à Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo, em 13 de agosto de 1985), que participou de duas das montagens do grupo (*Ubu Pholias Physicas, Pataphysicas e Musicaes* e *Teledeum*), o trabalho do Ornitorrinco era bastante coletivo e, mesmo havendo preliminarmente uma proposta já desenhada por Cacá Rosset, o fechamento do espetáculo ficava a cargo desse coletivo. Parece portanto este o "espírito do teatro não empresarial" de muitos dos coletivos na década. Assim, se não os modos de produção, pelo menos a divisão estética no trabalho criativo no Ornitorrinco parece, em muitos casos, ter sido uma realidade. Mariangela Alves de Lima assistiu aos espetáculos do grupo e participou da equipe da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo – Arquivo Multimeios (antigo Idart) que entrevistou seus integrantes, afirma em entrevista a mim já mencionada (2006):

> O Ornitorrinco começou, na verdade, erudito, brechtiano e cabaré – de nariz para cima, em relação ao Oficina. Os integrantes do Grupo começaram no porão do Oficina, com um espetáculo lindíssimo, de canções, muito bem acabado e 100% alemão. Me senti em um teatro alemão, com aquele fascínio. [...] Foi a partir de Brecht, sendo que os integrantes do Grupo poderiam ter feito um caminho mais curto, ter copiado o Oficina, que estava no andar de cima – e que já havia feito isso desde o *Rei da vela* –, mas não, eles foram lá para trás e começaram a se desenvolver novamente, acho eu que no mesmo sentido. Juntar o intérprete do que seria, enfim, um teatro musicado brasileiro, antes do teatro moderno, o comediante do cinema, recriando essa figura e a introduzir uma prova, que era uma prova brechtiana. Então, é assim que eles chegaram a fazer isso, os espetáculos que, naturalmente, se tornaram mais número de plateia, depois do Galizia ter saído. Daí, a direção ficou com o Cacá Rosset. O temperamento do Cacá Rosset é uma coisa mais abrasileirada do que o forte alemão ou a forte alta cultura idealista. Depois ficou o Cacá que daí foi criando espetáculos nesse sentido, de atrair uma plateia, atrair pela comicidade. Tudo nas mãos dele se transforma em farsa. Ele partiu de Brecht desde os bancos escolares e de sua relação com o Galizia.

Como se pode perceber pela fala de Mariangela Alves de Lima, o Grupo muda de alvos e de procedimentos ao longo de sua trajetória. Aliás, tanto a

farsa quanto os apelos por um teatro mais popular exigem intrinsecamente a presença de um ator que participe do processo e que seja capaz de improvisar (que exige a chamada capacidade de "escuta em processo"), tanto nos ensaios quanto durante a apresentação do próprio espetáculo, condição fundamental para a troca de experiência. Ainda acerca do Grupo e de alguns de seus trabalhos sob a batuta de Cacá Rosset, afirma Lígia Cortez, em entrevista a mim concedida e já mencionada (2005):

> *Teledeum?* A peça foi proibida pela censura. A proibição foi um grande *marketing* para a peça e o Cacá sempre soube fazer isso divinamente... Estou lembrando do Ricardo [Blat]!... Que delicia! Terminava a peça... aí, porque você sabia que era mentira... ele entrava com um carrinho cheio de água mineral... E ele é louco! Ele entrava com o carrinho, depois da peça terminada e dizia: "Ninguém sai desse teatro, que eu vou começar a ler a Bíblia". Era um "biblião" enorme... Gênesis. As pessoas, assim como eu agora: e só de lembrar, tinham ataques de riso. Dava uma aflição que ele, realmente, fosse fazer aquilo e que a gente não ia conseguir sair... porque era um momento, também, de pós-repressão! Então, de certa forma, mesmo rindo muito, a gente achava que a qualquer momento poderia ser reprimido, torturado, ser fechado naquele buraco da Sala Gil Vicente, como havia acontecido em período anterior com *Roda viva,* dirigida pelo Zé Celso, não é!?[3] Era sensacional, uma cena de tortura cômica, que eu jamais esqueço... Muito legal! Sabe que eu acho? Quem tem trinta anos e vai ao teatro atualmente, vamos dizer assim, e estou falando de público normal (dentista, advogado, bancário), sabe, umas pessoas assim, acho que eles vão ao teatro porque assistiram aos espetáculos do Ornitorrinco. Foi uma geração formada pelos espetáculos do Cacá Rosset, era uma geração, que no meio dos anos de 1980, poderia ter por volta de 15 anos, não é? Hoje tem trinta, 35 anos. O Cacá formou um público. Hoje a gente não tem ninguém que consegue isso.

Atendo-se a esta mesma cena final, para discutir outras questões, sobretudo com relação ao conservadorismo brasileiro, Iná Camargo Costa, em entrevista a mim concedida, em sua residência, em 17 de fevereiro de 2006, afirma:

> O final apresentado pelo Ricardo Blat! Gente, aquilo é a "antiapoteose apoteótica", porque aí, nós todos no "templo" somos os fiéis e ele vai ler a bíblia para

3 A atriz refere-se à invasão e depredação do teatro e espancamento de artistas que o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) praticou, em 18 de julho de 1968, quando no mesmo teatro se apresentava o espetáculo *Roda viva,* de Chico Buarque de Hollanda.

> nós, os fiéis: do Gênesis ao Apocalipse. – E daqui ninguém sai! E ele vai enlouquecendo. É uma coisa! Acho que é um dos grandes momentos do Blat em cena. Que maravilha! E aí é que está aquela coisa de novo, gênero épico em cena. A história desse personagem, desse pastor, vai sendo narrada no gestual do Blat, do começa ao fim da peça, puxa *flashs* na sua cabeça, até ele chegar naquela posição de cara que descompensa. Então, é uma história que não precisou ser contada. Porque ela foi contada não verbalmente. Ela não foi enunciada formalmente, mas cenicamente ela foi narrada. Então, na hora em que o cara surta, nós entendemos, porque nós já vimos. Aquilo é genial. Dificilmente os livros que historiam o teatro brasileiro falam dessa montagem; normalmente é porque eles desqualificam os procedimentos do épico. Assim, normalmente, quando se fala do Ornitorrinco fala-se do folclore do grupo e não sobre o repertório épico. Isso, penso, por falta de referencial, porque as teorias em que os teóricos e pesquisadores se apoiam são teorias que esvaziam o elemento épico. Eles não acreditam no épico, não entendem... quando veem não sabem como o vale tudo vem de longe... Para eles é o ator se divertindo na cena. É isso. É tão simples assim!

Relativo ao épico é importante ressaltar que o trabalho com esse procedimento objetiva pôr em relevo as circunstâncias sociais que tendem a envolver e condicionar as personagens, em vez de tratá-las como sujeitos dos acontecimentos. Por intermédio de várias experiências que abalaram certos esquemas estéticos segundo os quais o artista, para sobreviver, deveria "vender a alma", inserir-se de modo concessivo, alienado no mercado, a partir do circuito estabelecido, tanto a formação dos grupos quanto a escolha por certo repertório e os espaços de apresentação passaram a ser conceitos revisitados e reexperimentados por outras balizas. Desse processo, relatado em poucas obras escritas e em centenas de indicações em entrevistas díspares de vários dos artistas do período, a própria questão do realismo e de sua hegemonia ideológico-estética passou a ser revista: do ponto de vista político, concernente às funções do teatro; do ponto de vista de impossibilidade material e proposição estética adversa de dotar a cena de um realismo rigoroso e ilusionista; do ponto de vista de as personagens serem fundamentalmente sociais e não indivíduos isolados com seus conflitos arquetípicos, determinados pelo primado de classe (burguesia); pela necessidade de, ao redefinir ou mesmo ampliar suas funções, o teatro, não mais alicerçado exclusivamente na identificação emocional ou entretenimento, buscar construir outras formas de relação com a plateia.

Tratava-se para parcela significativa de artistas do período (mesmo injusto, entre alguns deles: Bia Berg, Celso Frateschi, César Vieira, Cida Moreyra, Ednaldo Freire, Fernando Peixoto, Hélio Muniz, Luiz Carlos Moreira, Maria Alice Vergueiro, Mario Masetti, Reinaldo Maia, Selma Pellizon) mesmo sem ater-se às questões de gênero artístico (uma vez que um abriga o outro) de que o épico – por sua esfera pública, e para discutir certos assuntos – seria o único pertinente a potencializar o real e a criar exercícios e experiências para jogar com a imaginação do espectador, saindo de quatro e restritas paredes.

A quase totalidade da produção teatral paulistana – nos chamados teatros de grupo, durante a década de 1980, mesmo sem filiar-se ou render-se às inserções narrativas ou ao teatro brechtiano do ponto de vista político – trabalha com inúmeros expedientes teatralistas e épicos na encenação, nos modos de produção e organização, ainda que muitas vezes o conteúdo tenha se pautado nas determinações exaradas pelo teatro realista. Segundo Iná Camargo Costa (2006), em já mencionada entrevista, afirma sobre o épico:

> Desde 1958 o bom teatro brasileiro está na esfera do épico, sem saber disso porque nunca se estudou nesses termos a nossa experiência teatral. Porque a boa compreensão para começar, do primeiro capítulo do *Eles não usam black tie* [de Gianfrancesco Guarnieri] depende de entender as exigências e as diferenças entre o drama e o épico. Estou falando do ponto de vista literário, então, como essa discussão não chegou a isso, devido à precariedade da nossa experiência teatral, no sentido próprio; devido ao tipo de trajetória das pessoas que faziam teatro e que não iam atrás disso; mais seriamente, ainda, devido à formação dos nossos críticos contemporâneos do processo, que se recusavam terminantemente a entrar nesse campo porque era coisa de comunista, porque isso, porque aquilo. Enfim, nós tivemos essa situação de deformação, no momento em que se processava uma formação, porque (e estou falando dos anos cinquenta) era uma formação de uma nova sensibilidade, explicitação de uma nova necessidade, necessidade de tratar de assuntos não contemplados pela produção clássica de dramaturgia.

Como o processo de formação dos artistas têm se pautado por determinados procedimentos e paradigmas estéticos, em que o épico lhes é apresentado a partir de inúmeras ressalvas e balizado como uma experiência de caráter datado: seja pelas escolas de teatro ou por publicações que se fundamentam em certo critério-padrão estético, demora mesmo muito tempo para entender que um conteúdo possa ser aprisionado ou libertado pela adoção de uma forma espe-

cífica. Nesse particular, as experiências do Teatro de Arena da cidade de São Paulo, na série conhecida como *Arena conta Zumbi e Tiradentes* e *canta Bahia*, tanto os procedimentos do teatro épico quanto a denúncia do engessamento que poderia possibilitar a adoção de uma estrutura díspar, ou mesmo uma "nova forma", demorou algum tempo para ser socializada e produzida.

Esse tão simples conceito, "nova forma", à luz do teatro épico e que possibilitasse a criação de novos espetáculos que conseguissem discutir, por exemplo, a própria luta de classes, foi uma reivindicação apresentada originalmente por Erwin Piscator, à frente da *Freie Volksbühne* de Berlim. Nessa "forma nova", a partir de critérios específicos, tanto estéticos quanto políticos, cabia a mistura de expedientes do teatro popular (de feira), do teatro cabaré alemão, do naturalismo que foi revisitado pela experiência da *Freie Bühne* e do expressionismo alemão.[4] É bom lembrar, dentre tantos outros, o caso da obra escrita por Gianfrancesco Guarnieri *Eles não usam black-tie*, cujo assunto é uma greve, mas ao adotar a estrutura do drama, o autor não pôde aprofundar a discussão do assunto central. A greve que basicamente deflagra a ação no texto não é mostrada, mas relatada dentro do cenário único da obra, que é o barracão de Romana e Otávio. Assim, outros pontos de vista, para além daqueles do antagonismo entre pai e filho, não são mostrados.

Dessa forma, como legado do seu tempo e de seus artistas, e também como exercício de resistência, a obra teatral, por intermédio de seus conteúdos e práticas – decorrentes dos processos de luta e de conquista iniciados ou continuados na década de 1980 –, deixa lastros diferenciados aos pósteros. Muitas das experiências significativas a que se assistem nos dias de hoje precisam ser tributadas também aos processos e gestões iniciadas por grupos e artistas, na década citada, no sentido de se libertarem de uma pasmaceira mercadológica que apresenta tudo do mesmo modo e com a mesma preocupação. A luta contra um mercado opressivo e lastreado pelo paroxismo da mercadoria, sem dúvida, inicia-se de modo programático naquela que foi chamada de "década perdida" por determinados formadores de opinião.

Há uma tendência de homogeneização na análise do objeto teatral, seja o espetáculo ou o texto teatral. Os conceitos que formatam a capacidade de apreciação derivam das concepções mais afinadas ao gosto decorrente da estética hegemônica. Ao tomar um objeto dissociado de seus contextos e

---

4 Nesse particular, cf. em português Piscator, 1968; Bornheim, 1992.

modos de produção específicos, e segmentados a partir de recortes temáticos que vislumbram uma diversidade, perde-se de vista o conjunto das tendências em disputa. Sempre houve segmentação com relação à produção artística, mas durante a década de 1980 a segmentação objetivou prioritariamente reduzir a obra ao paroxismo da mercadoria. Tomando um conceito de Theodor Adorno, no que diz respeito ao conhecimento, a obra artística é um objeto resultante de uma experiência social concreta, repleta de diversas contendas, contradições, enervações e superações, tanto individual quanto coletivamente, cujo resultado expressa derrotas e conquistas de um grupo social concreto, historicamente determinado e cujo resultado é sempre uma obra pública, chamada espetáculo.

Abrindo parênteses nesse particular, é bastante expressiva uma experiência coletiva vivida, em 1988, por alguns integrantes do Grupo Boca de Cena, de que eu fazia parte também. Integrantes do Grupo e presentes ao evento estavam Iná Camargo Costa, Itália Ferri (já falecida), Jorge Miguel Marinho e eu. Saídos do espetáculo *Uma metamorfose,* dirigido por Gerald Thomas, em tempos mais ou menos idênticos, estávamos próximos ao teatro, fumando, e algo enraivecidos com o pouco que havíamos assistido. O arbítrio do encenador deixava a todos desconcertados e irritados. Continuávamos próximos à porta de entrada do teatro aguardando outros integrantes do Grupo que permaneciam no teatro. Em determinado momento, aproximou-se de nós um rapaz que, ao inferir nossa estada no teatro, estabeleceu conosco, mais ou menos, o seguinte diálogo:

> Rapaz – E aí, já terminou o espetáculo?
> Itália Ferri (*entre enfezada e enigmática*) – Pra nós acabou!
> Rapaz – Legal.
> *Longo silêncio provocado pelo fato de o rapaz não se afastar do grupo.*
> Rapaz – Legal... isso!
> Itália Ferri (*incomodada com a situação, desabafou*) – Legal? Legal? A gente não entendeu nada!
> Rapaz (*imediatamente, sem reflexões aparentes*) – Então! Aí que você sacaram tudo, manja!?

Essa espécie de "eloquência do silêncio" foi bastante comum naqueles dias. Retórica tartamudeante, repleta de palavras a serem decifradas. Por tais questões – acompanhadas também pelo fato de serem espetáculos criados a partir

de uma quase impenetrável aproximação – obras inseridas nessa proposição não se constituíram em preocupação, interesse ou objeto de investigação nesta reflexão. As experiências performáticas desenvolvidas na cidade, sobretudo a partir dos estudos teóricos e estéticos da obra de Robert Wilson, devem muito ao *performer* e pioneiro Luiz Roberto Galizia. No livro *Os processos criativos de Robert Wilson* (1986), Galizia, mentor-consultor de muitos grupos de teatro com propostas interessantes no período, lembra:

> A dificuldade em se compreender a essência ou "significado" das peças de Wilson está, contudo, no fato de que ele não se mostra interessado em revelar a mesma "verdade" psicológica perseguida pelo realismo pós-darwiniano, ou seja, essencialmente baseada na psicologia do indivíduo, e melhor exemplificada pelos estudos de Sigmund Freud, mas sim interessado numa psicologia mais ampla e abrangente do coletivo, melhor exemplificada pelas teorias de Carl Jung. [...]
>
> Wilson não está interessado somente numa fusão das artes [...] [Ele] engendra uma justaposição de modos diferentes da expressão humana. Onde Wagner rejeitou árias e recitativos para fundir música e canção evitando, assim, qualquer interrupção ou divisão no desenrolar da ópera, Wilson simplifica os elementos do espetáculo de forma a fazê-lo emergir como unidades artísticas autônomas. Este enfoque fenomenológico preliminar, ao invés de disfarçar a verdadeira natureza de cada arte, mergulhando-a no cadinho de uma Arte irreconhecível como era o desejo de Wagner, acaba por revelar claramente a linguagem específica de cada modalidade artística. (Galizia, 1986, p.XXXIV)

Renato Cohen, bastante influenciado pelo artista norte-americano, produziu uma série de *performances* e de reflexões teórico-conceituais. *Performance como linguagem* (1989) e *Work in progress na cena contemporânea* (1998), de sua autoria, podem ajudar a compreender o lugar e o objeto *performance* na cidade nos anos 1980 e 1990. Os conceitos defendidos por Cohen não correspondem àqueles lançados pelo antropólogo e professor universitário Marshall Sahlins, tomando de empréstimo o termo de John Austin, segundo o qual a cultura poderia ser vista também como um conjunto de atos performativos. Este conceito pode, segundo os pontos de vista em tese, ser apreendido/presenciado principalmente em manifestações públicas, como, por exemplo, o caso das Diretas para presidente da República, em determinado período da década de 1980.

Segundo Peter Burke (2005, p.121), "[...] As comemorações já foram descritas como performances de história da memória." Ainda com Burke, a ascensão do conceito de *performance* substituiu aquele de uma regra cultural fixa pelo de improvisação. "[...] Pierre Bordieu, um dos principais iniciadores da mudança de abordagem – embora raramente use o termo '*performance*' –, introduziu seu conceito de '*habitus*' (o princípio da improvisação regulada) contra a noção estruturalista de cultura como sistema de regras, ideia que ele considerava rígida demais." (ibidem, p.122)

Evidentemente, as produções desenvolvidas por Cohen não se inserem nas proposições de Sahlins. Pelo processo de pesquisa realizado, todos os índices indicam que seus espetáculos-*perfomances* foram apresentados em espaços fechados. Quase exclusivamente analisadas pelo próprio artista, que era também um teórico bastante informado e complexo, as *performances* de Cohen esperam ainda por outras análises. De qualquer forma, o conjunto de experimentos do *performer* ficou restrito a certos espaços da cidade, e as discussões que tais obras provocaram, muito centradas a meia dúzia de indivíduos ou aos ditos iniciados no assunto. O fato é que todas as obras que transitam nas chamadas zonas de fronteira demoram a serem aceitas e a serem analisadas também.

Sílvia Fernandes – que já havia feito um grande esforço para analisar a obra de Gerald Thomas: *Memória e invenção: Gerald Thomas em cena* (1996) – afirma que, apesar do perigo do mover-se por entre os movediços territórios da contemporaneidade, para Renato Cohen,

> [...] entretanto, o aparente perigo é parte da gênese criativa. Além de estudioso e teórico da *performance*, Renato é um artista que transita por várias experiências de fronteira, usando a multimídia, as instalações, o teatro, a dança, as artes plásticas como operadores de uma prospecção mais funda, feita em direção aos abismos do inconsciente ou às lonjuras da metafísica. A epifania na cena é, em qualquer dos casos, a meta do criador. (Fernandes, in Cohen, 1998, p.XVII)

A *performance*, que desconstrói a linguagem pronta e recusa a forma acabada – da qual fazem parte a quarta parede; uma partitura pronta, fechada e acabada; a contemplação muda da plateia – reestrutura-se permanentemente em seu fenômeno essencial que é o espetáculo trazendo o espectador para dentro da cena como atuante, na medida em que fronteiras separatistas são eliminadas; ou, em oposição a isso, pode pressupor um espetáculo que exija até mesmo deslocamento pelo espaço, sem mudar, entretanto, a relação de

contemplação tradicional. Renato Cohen, na *performance Espelho vivo*, de 1986 – recebida de modo elogioso por parte da crítica da grande imprensa –, apresenta vários expedientes de certo fazer performático herdado das *soirées* surrealistas, que buscavam genericamente o trânsito com o chamado "maravilhoso surrealista", passando pelas experiências do teatro pânico (obras cujos expedientes atordoam e amedrontam o espectador) (cf. Arrabal, 1986), dos achados de Robert Wilson e outros (sem esquecer seus mestres teóricos da escola pós-estruturalista: Jean François Lyotard, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Gilles Delleuze, Felix Gattari, Roland Barthes até o marxista Fredric Jameson).[5]

Nos trabalhos de Renato Cohen – seguindo os paradigmas aqui apontados, a *performance*, o pós-dramático, o teatro essencial, a dança-teatro (ou o teatro-dança), a instalação entre outros nomes ou o *work in progress*, como ele passa a defender seu trabalho na obra de mesmo nome –, erige-se uma espécie de campo de batalha da cena contemporânea, do qual farão parte a fala disforme; a montagem e superposição de conteúdos, de gêneros e de linguagens artísticas; do gesto avesso (há um capítulo no livro *Work in progress* chamado Signagens, Gestus, Ações: o Discurso da *Mise-en-scène*); a cena assimétrica e disjuntiva (que superpõe camadas narrativas alicerçadas por aliterações, fraturas, fluxos de consciência e silêncios – a exemplo especialmente de James Joyce e de Samuel Beckett); o hipertexto, o parateatro (campo de manifestações pareadas, mas ideológica ou formalmente dissonantes com o *topos* teatral).

Essa espécie de aglomerado múltiplo de procedimentos, de referências, de fazeres e conceitos, às vezes antinômicos, em processo, tão ao gosto do chamado pós-moderno, será batizado por Cohen como "linguagem do *zeitgeist* contemporâneo". O nome atribuído ao evento designa as viagens criativo-existencias (quase partos ontológicos) de artistas que mergulham na radicalidade de obras absolutamente polissêmicas e inacabadas, desteatralizando o teatro, a partir de uma opção pelo irracional e apelo ao inconsciente, com o objetivo de chegar ao "corpo numinoso" (estado religioso pelas qualidades transcendentais da alma). A nova cena amalgama criador-criatura-obra, em que entre tantos outros aspectos real e imaginário estão (con)fundidos, buscando criar uma espécie de epifania.

5 Cohen (1998, nota 15) relaciona frases elogiosas à sua obra apresentadas por Vivien Lando, Edelcio Mostaço e de M. Espírito Santo, do jornal *O Primeiro de Janeiro*, de Portugal.

Tendo em vista os recortes estabelecidos nesta reflexão e a exposição de motivos aqui apresentada, obras ligadas a esta tendência – que se poderia designar imagético fosfórico (algo próximo ao efeito de luz de um fogo de artifício) –, de certa forma, caracterizam-se em ponto de partida e de chegada desses espetáculos e intervenções. Por não se lastrear no social e em questões que tomem o tempo histórico, em que as relações humanas sejam apreensíveis, tais eventos não se caracterizaram em objeto de interesse desta pesquisa.

De modo semelhante aos argumentos apresentados com relação ao trabalho de Renato Cohen – talvez por haver certas semelhanças tanto do *locus* quanto também de alvo e objetivos filosófico-estéticos, espetáculos resultantes de procedimentos cuja ênfase abriga majoritariamente o visual e a polissemia (muitas vezes considerada ou tida, do mesmo modo como no movimento simbolista, como um enigma), ou o "primado da forma" –, também não representaram interesse certos espetáculos, dentre os quais aqueles montados por Gerald Thomas. O mestre Gianni Ratto concedeu-me uma entrevista em sua casa, em 29 de junho de 2004, sobre esse tipo de teatro, que se fundamenta grande e quase totalmente em malabarismos visuais. Ele afirma que a década de 1980 e a de 1990 foram períodos de transição e que muitos dos espetáculos apresentados nesse momento podem ser designados como "duas horas de nada."

Sebastião Milaré (2006), em entrevista a mim concedida e já mencionada, afirma que no "[...] tal do teatro das imagens, aquele teatro muito alienado, em que o que interessava era o gestozinho; era o meneio; era o 'não entendi direito, mas é muito bonito'. Thomas ajuda a divulgar determinado tipo de espetáculo que provocou certo impacto visual e que foi alavancado pela imprensa." Rosi Campos, que fez parte da equipe que entrevistou Mariangela Alves de Lima para o *Anuário de Teatro de Grupo da cidade de São Paulo,* na segunda-feira de carnaval de 2005, sem defender os espetáculos de Gerald Thomas, afirma, naqueles tempos de muita dificuldade de produção, ter ficado assustada com a grandiosidade do cenário e da iluminação do projeto *Trilogia Kafka*, do qual faziam parte os espetáculos *Um Processo,* estreia em 5 maio 1988; *Uma Metamorfose*, estreia em 9 maio 1988 e *Praga*, estreia em 16 maio 1988, apresentados no Teatro Ruth Escobar. Entretanto, não deixa de ser admirável: como o diretor/encenador, de um extremo a outro, é sempre mencionado nas entrevistas por mim desenvolvidas. De fato, Gerald Thomas caracterizou-se em uma referência na década de 1980.

Sobre o encenador, Lígia Cortez (2005) afirma:

> O Gerald trouxe uma influência muito grande de fora. A gente sabe. Quem viu Victor Garcia, sabe que ele tem uma enorme influência dele; uma influência do Tadeuz Kantor. Mas, enfim, ele fez coisas incríveis, principalmente para o Luiz Damasceno e para a Bete Coelho... Mas como eu sou da antiga, o teatro da palavra sempre me foi mais contundente.

Com relação ao mesmo encenador, é surpreendente a fala de Mariangela Alves de Lima (2006):

> Gerald Thomas parece que chegou aqui de repente: um encenador tcheco, dos anos 1960. Sim, porque boa parte das referências visuais que a gente tem e que ele trouxe, e não apenas tchecas, húngaras, são daquela região da Europa central. A gente recebia muitas revistinhas que lia maravilhosamente, deslumbradamente os resumos, em francês, ou inglês, porque eram todas em línguas impossíveis. Difícil saber quais eram as peças na Tchecoslováquia, Bulgária, Hungria. Quando ele chegou, tenho a impressão – sem falar da cenografia de Svoboda, que era o mais conhecido na arte ocidental da Europa, mais visualmente – de que se tratava de um teatro muito interessante de ver, mas nunca tive nenhum interesse por aqueles signos, no sentido de decifrá-los, penetrar neles ou de me envolver emocionalmente. Não sei explicar isso. Sempre achei que havia momentos interessantes, mas, também, me parecia já ter visto aquilo ou lido em outro lugar. Porque tem uma coisa de costurar... talvez seja coisa do pós-moderno. Cinco minutos de silêncio espetáculo, um rodopio... Tem todo um arsenal de criações do teatro, sobretudo europeu, dos anos 1960, que ele parece ter recosturado. É um imaginário. Uma coisa assim um pouco sombria, uma coisa judaica ou eslava, de muito estudo, tudo muito escuro... Mas nunca me atraiu muito. Agora, ele tem textos muito ruins, mas uma voz muito bonita. Ele fala muito bem, então ele quer se mostrar. Essa exibição da pessoa é uma coisa muito chata, não é?! Ele é muito exibido. Abrindo os espetáculos, entrando no meio com textos muitos ruins, sempre me afastou muito. Então, como é uma coisa de muitos elementos, costurados, misturados, somados, algumas coisas... o todo nunca me pegou. Nunca o compreendi, sabe? No sentido de qual é a unidade detrás disso, a não ser um compêndio, de mostrar outra estética do teatro ocidental, europeu, segunda metade do século XX. [...] Ele é um desenhista muito bom. Ele desenha a cena muito bem. Vi uns desenhos dele no livro da Silvinha [Fernandes. *Memória & Invenção* (ibidem).]. Ele com um papel e lápis é genial. Ele transforma isso para a cena. É isso. Eu não tenho muito a dizer dele... A atração que ele desperta significa um anseio de cosmopolitismo. Tem coisas de todos os lugares do mundo.

Sebastião Milaré (2006), fazendo duas citações sobre encenador, afirma:

[...] uma coisa que eu acho que foi a marca dos anos 1980 [...] Era uma coisa de não se saber o que se teria a dizer, achar que é bonito e fazer, mas não ter técnica, também... Então se desenvolve tecnicamente uma coisa meio esquisita que surgiu com o Gerald Thomas, que fez muitas bobagens, mas ele é um artista vigoroso. Ele tem um vigor próprio! Só que ele alimenta muito essa linha e outros entraram fazendo barbaridades. Fizeram coisas completamente absurdas e, de repente, o teatro ficou uma coisa assim que era uma busca de sensibilidade desencontrada, uma busca de sensações desencontradas, entre atores e plateia, e essa plateia foi se esvaziando porque, de repente, não interessa a mais ninguém a masturbação íntima do artista. De repente, isso, de início, até causou um impacto, porque era uma coisa: o teatro de imagem. Aquela coisa toda dançada. Aqueles gestos... não faz mal que fosse mal feito tecnicamente, mas tinha uma novidade, mas essa novidade, de repente, passou; começou a ficar velha, sem se desenvolver e ir para canto nenhum. Eu me pergunto, no entanto, se não foi muito importante que tivesse também essa coisa meio inconsequente e inconsciente. Acho que ele se aguenta, ele é um artista de quem a gente pode discordar de sua estética, pode não gostar e tudo o mais, mas tem que reconhecer que ele é um artista vigoroso, ele é um artista que sabe fazer teatro, ele tem uma pulsação e conhecimento do palco como poucos têm no Brasil, sem dúvida nenhuma. Agora, sensacionalista. Eu não vejo a *Trilogia Kafka*, por exemplo, como todos os espetáculos do Gerald Thomas. Na sequência, ele deu uma caidinha, porque ficou sem a Daniela Thomas, e o espetáculo dele é muito, pelo menos os iniciais eram muito ligados a essa parceria do encenador com uma grande cenógrafa, não é? A cenografia, no espetáculo dele, tinha muita importância, e, de repente, sem a Daniela Thomas ele perde essa importância, mas ele continua sendo o mesmo diretor e fazendo o seu trabalho da mesma maneira. Mas eu não acho que o teatro de imagens se esgota nele. Ele foi um exemplo maior, não é? De repente, ficou parecendo que ele determinava certo tipo de estética, quando na realidade ele também era produto de um determinado tipo de tradição estética. Tinha outros aqui no Brasil, eu me lembro. Volta aos anos 1960 e se encontra o José Agripino Maia, *Rito do amor selvagem.* Nos anos 1960, o Victor Garcia nos trouxe, também, já uma coisa dessas do teatro mais de imagem, mais a gestualidade. Pode-se classificar o que ele faz de mil gêneros e modos. Pode-se dar rótulos a um produto desses, mas, na realidade, todos eles têm uma coisa em comum que é causar impacto visual. Por isso eu acho que é um teatro de imagem.

Iná Camargo Costa (2006), sempre contundente, afirma:

Uma das lembranças que eu tenho dos anos 1980 foi a de ter, pela segunda vez na minha vida, ter saído depois do primeiro ato de uma peça. Era uma peça

> do Gerald Thomas, no Teatro Ruth Escobar. [...] me senti agredida, no sentido mais profundo do termo: era o primeiro capítulo da *Trilogia Kafka*. O que eu vi ali, naquela peça, era um desrespeito absoluto, por tudo que nela havia. Isto é, o arbítrio de um artista que toma um texto da importância de *Metamorfose,* como reflexão literária de experiência de violência social, e transforma em angústia metafísica... Não que não haja essa tradição dentro do Kafka, mas transformar aquilo em teatro, naqueles termos, me agredia, tanto pela leitura que eu faço do Kafka como em relação ao que eu acho ser a responsabilidade do teatro. [...] O arbítrio do artista me incomoda. Seja ele o diretor, seja ele o dramaturgo, seja ele o ator. E por arbitrariedade no teatro, entre outras coisas, eu entendo a imposição ao público de um tema que para o público não é necessariamente relevante. Ou, por outra, pode até ser relevante demais, mas quando eu constato a arbitrariedade, não tenho porque ficar ali, presenciando aquele tipo de *show*, não é?! Aí vira *show*, virtuosismo e todas essas coisas que me incomodam. Os recursos do teatro épico acabavam sendo assimilados pelo fetichismo da tecnologia, que é o pós-moderno. O pós-moderno faz a defesa engajada do fetichismo da tecnologia. A começar por Gerald Thomas: a produção do Gerald Thomas é basicamente fetichismo da tecnologia.

César Vieira, em processo de entrevista a mim concedida, que compreendeu três sessões, durante o ano de 2007, apresenta um relato extremamente interessante de Gerald Thomas que mostra não apenas uma diferença estética entre ambos, mas evidencia aquilo que se poderia chamar de "um estar no mundo":

> Contei a história de Gerald Thomas? Quando eu trabalhava direto como advogado de preso político, a Anistia Internacional tinha um representante no Brasil, que era um cara que ficava meio escondido. Quando aconteciam coisas, ele era mandado para o exterior: prenderam não sei quem, mataram não sei e tal. Esse cara, que era o representante da Anistia, ia assistir aos ensaios e espetáculos do Olho Vivo, não saia do meu escritório para pegar notícia. Não me constava, então, que esse cara fosse diretor ou apaixonado pelo teatro. De repente, quem é ele? Gerald Thomas. Três anos ele conviveu com a gente. Ia ver ensaio, mas é como se estivesse assistindo futebol. Falava com ele: vou ensaiar na Capote Valente. Ele ia lá. Ele foi representante da Anistia Internacional por cinco anos. Ele esconde isso da biografia dele, não sei por que! Não estou criticando, mas nunca ouvi falar, em nenhum lugar, que ele fosse representante da Anistia. Isso não aparece em lugar nenhum. Eu teria orgulho de ter feito esse trabalho. Coisa, né! Ele até era um cara legal, você dizia: fulano foi preso. Ele ia lá, fazia matéria e distribuía para o mundo inteiro. A verdade é que ele estourou aqui. Não acredito que ele tivesse feito qualquer coisa

> na Alemanha e tal. Pois é, tem muita confusão. [...] Meu caso de prisão, por incrível que pareça, foi o Gerald Thomas quem informou à Anistia Internacional de Londres. De Londres a informação foi para o mundo inteiro, houve mobilização, foi enviado um telegrama para o Presidente da República, para o Ministro da Justiça. Fidel Castro, por exemplo, fala ao vivo em uma transmissão da Rádio de Havana. Isso tudo, no meu caso, evitou: não sei se eu ia ser assassinado ou não.

O crítico Macksen Luiz, analisando a produção teatral carioca apresentada em 1985, afirma ter havido basicamente três movimentos ou traços distintos na concepção de cenário e de figurino naquela produção: "[...] a definição do nacional, com a pesquisa de referências e expressões da cultura brasileira", [...]. [...] uma linha internacionalista era obtida com a manutenção do caráter realista que atendia a um padrão estético marcante [...]. e [...] a exacerbação do contemporâneo, com a coisificação do ser humano". Assim, a tendência do espetacular e do formalista em teatro (aqui designado primado da forma), ao tomar, normalmente, o texto como pretexto, investe na criação de imagens impressionáveis e grandiloquentes (Luiz, 1986, p.13). Nesse tratamento, está certo o crítico, o que resulta e se torna apreensível é o trânsito com uma espécie de "coisificação" que pretere o humano e chega ao paroxismo na criação de imagens absolutamente enigmáticas e egoidemente fechadas em si mesmas.

Outra tendência que se desenvolve na década, pelo menos com o nome que lhe será atribuído, é o chamado teatro besteirol. Em tese, o "gênero" é bastante complexo e não foi ainda devidamente estudado. O professor e pesquisador Eudinyr Fraga liga-o a uma suposta filiação dos chamados "números de cortina" do velho teatro de revista. A designação "números de cortina" refere-se invariavelmente aos solos apresentados por artistas de grande verve histriônica e imenso poder de comunicação das companhias de revista, à frente da cortina, enquanto se preparava, grande parte das vezes, o cenário para o próximo esquete ou quadro. Esta tese apresentada por Eudinyr Fraga é parcialmente correta porque bastante carregada, assim como outras que serão aqui apresentadas, por desconhecimento e, em muitos casos, preconceito mesmo com relação à tradição cômica. A definição de Fraga pode ajudar a entender algumas das determinações básicas dessa tendência, que tantos adeptos e público fiel conquista durante a década de 1980, que buscava no teatro o entretenimento e uma diversão mais palatável (Guinsburg et al., 2006, p.61-2).

Por não ser um bloco monolítico, o gênero passou por fases exemplares e distintas em que o preceito latino *ridendo castigat mores* sofreu todo tipo de ingerências e de censura por parte de poderosos, estivessem no governo ou nas estruturas sociais organizadas a partir de certos interesses corporativos, institucionais, classistas. Assim, voltando à filiação do gênero a determinadas e contundentes críticas apresentadas nas revistas, fosse em números de cortina ou nos esquetes, nas letras das músicas, em números de passarela (em que o artista atuava diretamente da plateia, relacionando-se corporalmente com um ou outro espectador) – por conveniências pessoais ou por ingerências externas – acabou-se por apresentar uma revista que se poderia chamar degradada.

O crítico teatral Yan Michalski – residente no Rio de Janeiro, onde o teatro de revista explodiu e se desenvolveu ao paroxismo por inúmeras décadas – afirma que o besteirol teria surgido no início de 1982 com o espetáculo *Bar, doce bar* de Felipe Pinheiro, Pedro Cardoso e Tim Rescala (Michalski, 1985). Analisando o espetáculo *C de canastra* (criado e interpretado por Felipe Pinheiro e Pedro Cardoso, apresentado em São Paulo em 1986), Edelcio Mostaço (que aproxima do besteirol espetáculos como *Trate-me leão, Quem tem medo de Itália Fausta, Aquela coisa toda, Doce deleite, As desgraças de uma criança*) afirma em crítica, bastante ácida e generalista e premida por falta de espaço para discussão do gênero, apresenta pontos de vista os mais díspares, no jornal *Folha de S. Paulo*:

> Besteirol, este novo (?) estilo teatral que brotou em Ipanema e tornou-se coqueluche no balneário. [...] Afinal, o que é besteirol?
>
> Para ser rápido, uma espécie de *Planeta Diário* encenado. Há quem ligue o histrionismo, a ligeireza e a verve do besteirol com a tradição dos cabarés no entreguerras. Outros preferem ir mais fundo, aparentando a nova tendência com o teatro do absurdo, com a patafísica, com o pós-moderno. A maior parte da arte contemporânea incide sobre a efemeridade, mas o besteirol não passa de instantaneísmo. [...]
>
> O besteirol, aliás, parece-me exatamente isto: um curto-circuito teatral, a transformação de um ator medíocre em centro das atenções, já que seus adeptos costumam reivindicar para si também o texto e a direção do espetáculo.

Luís Alberto de Abreu (1988, p.45), a respeito do besteirol, de modo mais comedido, afirma: "[...] a época não é a mesma de Brecht, nem é o besteirol a saída, que, aliás, não é uma tendência, é um gênero apenas, e bastante perecível."

José Cetra Filho, amante e entusiasmado espectador de teatro e um organizado pesquisador de programas de espetáculos e informações teatrais, em entrevista a mim concedida, em 21 de novembro de 2008, ao mencionar o trabalho de Marília Pêra, lembra-se de *A vida escrachada de Joana Martini e Babi Stompanato,* texto escrito por Braulio Pedroso apresentado em 1970 pela atriz e por Hélio Souto. Segundo o pesquisador, e ele está absolutamente correto, este foi um dos primeiros espetáculos ligados ao besteirol a que assistiu. Portanto, a memória do pesquisador traz uma informação esquecida pelos especialistas que falaram sobre o gênero.

Aimar Labaki (1988, p.A-34) comenta sobre as confusões que cercam o besteirol, em crítica ao espetáculo de 1988 *Levadas da breca*, de Flávio de Souza, estabelecendo algumas comparações com outras obras, e afirma, de modo bastante confuso:

> Sem ser um espetáculo excepcional, *Levadas da breca* é uma boa oportunidade para se encontrar o que seria equivalente do "besteirol" carioca, o humor descompromissado que, no Rio ou em São Paulo, talvez seja das poucas dramaturgias que falam hoje do dia-a-dia de nossas metrópoles. Superficiais, mas engraçadas e necessárias. [...]
>
> Trabalhos como o das *Sereias* [*Sereias da zona sul*] são denominados, de forma quase pejorativa, como "besteirol". Suas origens remontam ao trabalho pioneiro do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e uma fixação pelo imaginário americano, espelhado em seu cinema. Esta última vertente, curiosamente, viria a influenciar a novíssima geração de curta-metragistas paulistanos que, em filmes como *Frankenstein punk* de Eliana Fonseca e Cao Hamburguer, fazem homenagens em tudo parecidas às citações de Karan e Fallabela em seu penúltimo espetáculo, *Finalmente juntos em finalmente ao vivo*.

Para entender a complexidade que um novo gênero pode representar para os críticos (ou postulantes a esse fazer), mais um ponto de vista, agora de Otavio Frias Filho, pode ser esclarecedor. Depois de apresentar alguns dados acerca do autor Flávio de Souza, autor de 33 anos e com mais de 23 peças escritas até aquele momento e cuja obra *Fica comigo esta noite*, de acordo com o jornalista, seria seu melhor texto, afirma Frias Filho:

> A origem de seu trabalho se confunde, portanto, com a onda *vaudeville-pop* [sic] da época e que acabou se generalizando sob o nome duvidoso de "besteirol".

> Como o velho *vaudeville,* esse teatro utilizava música para fazer uma crítica humorística dos costumes, só que essa crítica será menos social que semiológica, no seu olhar microscópico sobre a superfície sintática das falas, dos tons e gestos. (1988, p.E-5)

Articulando o teatro besteirol a determinados aspectos do teatro popular, em entrevista a mim concedida, em 16 de janeiro de 2008, afirma o diretor teatral Ednaldo Freire:

> Toda classificação é perigosa. Teatro *gay*, besteirol etc. A cultura popular, se a gente for analisar profundamente, é crítica, mas em alguns momentos é preconceituosa, também. Agora, o que acontece de verdade é que a cultura espelha e expressa toda uma vivência ética e comunitária. O que acontece, penso eu, são as chamadas ondas de moda. Se um espetáculo deu certo, acontece uma repetição que vai, cada vez mais, empobrecendo e que tende a pegar, de maneira mais efetiva, aquilo que existe de pior, na maioria dos casos, totalmente destituído de preocupação filosófica e de pensamento. Fica a diversão pela diversão. Acho que de toda experiência é possível tirar um ensinamento. O próprio teatro besteirol, a experiência dessa alegria, desse descompromisso, do jogar conversa fora, tem aspectos interessantes que você pode usar em uma obra de arte. Lembro que quando dirigi o *Nasci pra ser biscate* era uma espécie de besteirol. Era uma grande brincadeira que a gente fez na época que enfocava as pessoas que estavam perdendo o emprego. As máquinas estavam paradas e as pessoas estavam sem emprego, então, elas se viam obrigadas a virar camelôs, a fazer várias coisas para se virar na vida. A ideia era essa. A gente pegava algumas formas como, por exemplo, o teatro de revista, que aliás também tinha esses nichos preconceituosos. Hoje, com a imposição do "politicamente correto" isso fica mais demoníaco ainda. Eu não demonizo desta maneira, não. Não acho que tudo deva ser jogado na lata do lixo. Acho que alguns trabalhos do Mauro Rasi, no começo, eram legais. Assim como alguns dos espetáculos do Asdrúbal Trouxe o Trombone, que fez coisas maravilhosas: *O inspetor geral, A farra da terra*. Acho mesmo que quando um determinado trabalho se sobressai em âmbito mundial começa a haver uma repetição, e toda repetição tende a virar cópia. Ela perde seu caráter de originalidade. Pois é, mas eu penso que até dessas experiências é preciso buscar qualidades. Claro, é preciso haver discernimento, princípios. Não estou dizendo de princípio da bilheteria, mas se ele é feito no sentido da festa popular, ele vai ter o seu espaço sem entrar nessa espécie de julgamento moral da coisa. Assim é a cultura popular. [...] A cultura popular, no âmbito comunitário, pode tudo. Tudo no sentido bakhtiniano, mesmo, da carnavalização.

Segundo diversas fontes consultadas – sobretudo as jornalísticas e com ênfase em *O Estado de S. Paulo*, que foi o jornal pesquisado durante toda a década –, o besteirol paulista teria surgido com *Quem tem medo de Itália Fausta,* de Miguel Magno e Ricardo de Almeida, do Grupo Aldebarã, fundado em fins da década de 1970. Segundo essas fontes, o besteirol paulista seria diferenciado daquele do Rio de Janeiro por transitar mais com o *non-sense.* De outro modo, o besteirol dos cariocas tenderia a exacerbar mais o trânsito com os preconceitos por intermédio de colher seus assuntos e expressões mais características da vida consuetudinária, naturalmente de certa classe social e mais próxima das praias. Dessa forma – a partir de "loiras burras", "tias folclóricas", "donas gostosas", "homossexuais escandalosos e desbundados" etc. –, boa parte das obras seria escrita conforme o texto apresentado em *A receita do sucesso,* de Guilherme Bryan (2004). Segundo Bryan, comentado o besteirol, e decorrente da crítica de Sábato Magaldi à obra *Se minha empregada falasse*, de Vicente Pereira e Mauro Rasi, assim se manifesta Rasi:

> Esse teatro não possuía elaboração, porque estávamos preocupados em viver 24 horas do dia e de maneira inconsequente. Não havia estabilidade emocional nem social. Por isso era um teatro de sobrevivência, feito rapidamente a fim de arrumar dinheiro para as pessoas, que tinham se envolvido com drogas, amor livre e não se enquadravam nos parâmetros do que era a juventude de esquerda brasileira, conseguirem viver. Mas essa peça tosca, feita nas coxas – seja lá o que se quiser dizer de ruim –, marcava busca de liberdade e fuga das rédeas estabelecidas. (apud Bryan, 2004, p.24-5)

O crítico e ensaísta Gerd Bornheim afirma que os espetáculos ligados ao gênero, bastante alicerçados no intérprete, são despretensiosos e inocentes, desmemoriados e imediatistas, mas insiste que o tema merece atenção e que os impasses dessa transitoriedade nada apresentam de negativo. Assim, mesmo que as manifestações artísticas de nosso tempo se pautem e mesmo exijam certa fragmentação, afirma:

> A originalidade nem é muita. E decorre toda de pequenos truques e achados, de simples jogos de palavras, da invenção de uma boa piada, de um transvestimento bem-bolado, raras vezes conseguindo alçar-se ao esboço de um núcleo mais consistente, que revele ao menos a insinuação de um ponto de partida à altura de um compromisso maior.

> Acontece que nem ocorre a alguém pedir tanto; o que todo mundo espera não vai além do insólito de uma situação ou de um chiste endereçado em primeiro lugar ao fígado. Pura saúde. E quem poderia ser contra? [...]
>
> De resto, a coisa toda nem é tão nova assim. Basta lembrar, encenados entre nós, os espetáculos inspirados em Karl Valentim e as montagens dos entreatos escritos por Brecht nos anos 20.
>
> Tudo, aliás, lembra o gênero *cabaretier* centro-europeu. De certo modo, tanto assim vejo, o precursor quase autóctone disso tudo [...] nos primeiros – infelizmente apenas nos primeiros – *shows* musicais do então solitário Eduardo Dusek. (Bornheim, 1986, p.21)

O gênero cria um novo tratamento para a comédia, e Bornheim (ibidem), referindo-se à produção em desenvolvimento no Rio de Janeiro, na década de 1980, ainda constata: "[...] as coisas se passam tão-somente no contexto da sua própria exterioridade, como o objeto de uma vitrina que se esgota em seu ser-visto."

Sebastião Milaré (2006), na entrevista já mencionada, afirma que o besteirol teria surgido com o Asdrúbal Trouxe o Trombone e que, no fim dos anos 1970, o Grupo teria a mesma importância, no sentido de caracterizar-se como uma das matrizes importantes da linguagem teatral. Dessa forma, defende a seguinte tese o crítico e pesquisador teatral:

> Bom, o Asdrúbal surge nos anos 1970 e como fruto de um processo inventado pelo Hamilton Vaz Pereira e sua turma, conhecido pelo nome de besteirol. Naquela época o besteirol tinha uma importância muito grande porque era a única maneira realmente do artista desafiar as autoridades constituídas. Era brincar com as circunstâncias de sua rua, de seu bairro, do seu pedaço e brincar de uma maneira assim a ser inconsequente. Era como se ele dissesse: "Não quero ser consequente, responsável. Chega! Eu não quero mais ser 'Caxias', do modo como todo mundo estava meio programado para ser". Então, eles fazem uma coisa que é o besteirol realmente. Eles quebram vários tabus que existiam. Acho que foi um movimento importante, mas também de transição. Eles formam uma matriz, mas o que eles vão deixar depois como vertente, acho, é um teatro muito mais importante como o Pod Minoga. Porque o Pod Minoga foi orientado pelo Naum Alves de Souza no sentido de o Grupo fazer uma crítica muito mais consequente. O Asdrúbal atirava para todos os lados assumindo-se inconsequente e ficou naquilo. Sabe! De repente o Grupo fixou uma linhagem de teatro, uma linhagem dramática com essa inconsequência que não levava a nada, que não dizia nada.

Entretanto, é importante apresentar aqui também uma impressão e registro, com relação ao besteirol, de Zuenir Ventura, para quem o gênero teria, de modo muito positivo, desmoralizado "[...] com o riso a sisudez da cultura criada sob a ditadura" (Gaspari et al., 2000, p.268).

Apropriando-se de antigas tradições, compreendendo formas artístico-estéticas e modos de fazer, o teatro besteirol, sobretudo como modo de entretenimento, estruturou-se e, pelo que se pôde perceber nos últimos anos, veio para ficar um bom tempo. Se com este nome, o gênero, cujo aparecimento se dá bem pouco antes de 1980, ao longo das três últimas décadas (vampirizando assuntos e modos de apresentar características dos programas humorísticos da televisão, que por sua vez vampirizaram o teatro de revista e plantado em certo território da crônica social), tem atendido à demanda, se desenvolvido e ganhado um significativo número de adeptos de um teatro culinário e ao gosto de certo público mais habituado à linguagem e a ida aos teatros. Com essa nova modalidade de teatro cômico, ressurge uma nem tão nova espécie de entretenimento grandemente preconceituoso, cujo paroxismo, de bobagem em bobagem, pode ser encontrado em uma obra de sucesso, com tantos meses em cartaz no Rio de Janeiro e em São Paulo, como *Os monólogos da vagina,* de Eve Ansler, adaptada e dirigida por Miguel Falabella.

Mesmo tangenciando, sem aprofundar – uma vez que o objeto desta análise não propõe o aprofundamento e análise de tendências no período em questão –, coexistiram na década, além de outras formas e estéticas distintas, a tendência *gay*, a produção teatral inserida no designado primado da forma (em que as imagens valem mais que o assunto discutido) e o teatro besteirol. De modos diferentes, a despeito de haver uma segmentação de mercado, há parcelas de público interessadas em todas as tendências aqui apresentadas. Delas, entretanto, tem havido um descenso significativo com relação à quantidade de pessoas que frequentam os espetáculos apresentados por Gerald Thomas, pelo menos no teatro paulistano. O polêmico diretor não se caracteriza em página virada, mas seus trabalhos, que antes chegaram a impactar muita gente, não se sustentam mais, na medida em que a vida social, como afirma Guy Debord (1997), espetaculariza-se dia-a-dia. Desse modo, ainda com Debord, dentre tantos outros aspectos, o espetáculo não se caracteriza apenas em um conjunto de imagens, mas em uma relação social entre pessoas, mediada por meio de imagens.

No sentido de entender, construir e partilhar impressões, apreensões e experiências expressivas acerca das produções do período finalmente delimitado (originalmente pretendia desenvolver a pesquisa de 1980 a 2001), entrei em contato, a partir de maio de 2004, ao dar início a um processo de consulta, com mais de setenta artistas, técnicos e críticos que viveram e produziram no período. Conversei pessoalmente (depois entrevistei algumas dessas pessoas), por telefone ou via correio eletrônico, solicitando-lhes que destacassem nomes e eventos significativos do período originalmente estabelecido. Esse recorte histórico, bastante amplo, depois de uma profunda reflexão, considerando principalmente o pouco tempo de que disporia, foi reduzido para a década de 1980.

Consideremos aqueles que responderam por carta (Analy Álvares, Izaias Almada, Maria Thereza Vargas e Selma Pellizon – quatro pessoas), por correio eletrônico (Acácio Valim, Alberto Guzik, Jefferson del Rios, Nelson de Sá, Neyde Veneziano, Newton Oliveira da Cunha – seis pessoas) e por material micrado (Marco Antonio Rodrigues, Vivien Buckup – duas pessoas) e por telefone (Ana Maria Amaral, Ana Maria Rebouças, Antonio Carlos Sartini, Carlos Guilherme Mota, Davi de Brito, David José Lessa Mattos, Ilka Marinho Zanotto, J. Guinsburg, Oswaldo Mendes). Daqueles que deram retorno acerca do que de mais importante teria acontecido na década aparecem os seguintes dados: 33% dos consultados apontam o diretor Antunes Filho e vários de seus espetáculos; 28% apontaram o diretor José Celso Martinez Corrêa; o nome feminino mais citado foi o da atriz e bailarina Marilena Ansaldi, citada por 19%; também com 19% de indicações, o grupo de teatro mais citado foi o Ornitorrinco; o autor brasileiro mais citado, com 14% de indicações, foi Luís Alberto de Abreu; com 9% de indicações aparecem o ator e diretor Fauzi Arap, o ator Rubens Corrêa, o dramaturgo Plínio Marcos, o Teatro Popular do Sesi, o trabalho desenvolvido pelo autor Chico de Assis no Seminário de Dramaturgia do Arena (Senda), um curso de dramaturgia por ele orientado.

A produção teatral paulistana da década de 1980, sobretudo por seu caráter de embate e de transição política, não foi ainda analisada. Difícil realizar sozinho tal tarefa; entretanto, o objetivo da reflexão aqui desenvolvida é, além de apresentar alguns dados mais significativos, tentar articulá-los a determinadas análises, espalhadas ao longo das páginas que se seguem.

De acordo com a tradição documental, as análises de que se dispõe da produção teatral em outros períodos da história contemplam, quase exclusivamente,

aquilo que se produziu no chamado circuito comercial. O já mencionado trabalho de Silvana Garcia *O teatro da militância* constitui uma honrosa exceção a essa tendência. A ida à periferia ou a espaços específicos constituídos por público mais característico e diverso daquele que habitualmente conhece ou frequenta os espaços teatrais exigiria que os criadores pensassem na organização e criação da obra também de modo diferente. De tempos em tempos, novas abordagens são criadas para reiterar o chamado caráter sublime e inefável da arte ao mesmo tempo em que a indústria cultural produz segmentadamente uma profusão de produtos: filmes, telenovelas, revistas, e espetáculos vindos ou não da Broadway... Tanto para as criações fundamentadas em necessidades de interlocução e de troca de experiências quanto para aquelas que eventualmente pensam a obra como uma mercadoria, o destinatário – e por diferentes interesses – deveria caracterizar-se em um critério quase fundante no processo artístico. Assim, de modo análogo àquele pressuposto pela ideologia, o espetáculo homogeneíza e segrega distinta, social e classistamente também. Imaginar que um grupo amador e popular possa apresentar o resultado de seu trabalho, normalmente criado na periferia, em teatros como o Cultura Artística, a Sala São Luís, o da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), o *Renaissance* e outros espaços é absolutamente improvável, sob a totalidade de circunstâncias admitidas.

Raymond Williams, analisando tanto os argumentos favoráveis como desfavoráveis à existência/permanência da tragédia nos dias que correm, afirma que "O efeito mais complexo de qualquer ideologia realmente efetiva é que ela condiciona o nosso direcionamento, mesmo quando pensamos tê-la rejeitado, para fatos do mesmo tipo" (2002, p.89). Em oposição a uma pseudo universalização da arte e do público, que no mínimo "dissolve" e dissimula a divisão da sociedade em classes, outras concepções e interesses pela linguagem teatral não perdem o foco de que a arte, enquanto fenômeno estético-social, pressupõe a formação de uma "comunidade de ouvintes" (de modo sucinto, o conceito refere-se a uma plateia, não passiva, formada por sujeitos atuantes, cuja identidade se quer descobrir e com a qual estabelecer uma relação efetiva de troca de experiências) histórica e socialmente determinada ou coletividade distinta com a qual a obra deve estabelecer um processo de conversação dialético (Benjamin, 1985a).

Nessa perspectiva, de acordo com concepção brechtiana, a obra teatral, inserida estética e politicamente em seu tempo, objetiva não o movimento de

aglutinação, mas, ao contrário e dialeticamente, a dispersão e o espanto. Sem apelar aos maniqueísmos que confluem para a criação de um comportamento unívoco, o épico brechtiano, por meio de uma organização conteudística que contempla diferentes possibilidades e propostas de resolução de um problema, busca estimular o espectador a uma tomada de partido, desalienando-o em relação à obra apresentada, obra essa que pressupõe também uma relação articulada e histórica. O conceito de espantar, e não exclusivamente quanto às formulações apresentadas por Brecht, pressupõe inicialmente um tributo à prática socrática e um permanente processo de estranhamento (*verfremdung*: do verbo alemão *verfremds* – estranhar, cuja organização de sentidos e cujo resultado correspondem ao efeito ou processo de estranhamento *Verfremdungseffekt*) de tudo aquilo que é considerado, tido como natural e, exatamente por isso, pouco propenso à discussão.[6]

De outra forma, além de divertir e emocionar, o teatro referenciado pelos postulados brechtianos apela de modo mais contundente para a razão e maieuticamente para o partejamento, por meio do qual são apontados diversos caminhos para mostrar/enfrentar os mecanismos de aprisionamento social. O produto social, chamado obra de arte (ou espetáculo) precisa estimular a plateia ao prazer de pensar, de questionar a realidade social e de transformar tanto pensamentos quanto comportamentos, aquietados por uma ideologia cuja reiterante lógica escora-se na insistência de que as coisas são naturais, por isso "normais".

Por esse viés, Walter Benjamin, ao refletir sobre o teatro épico, que é um teatro gestual por excelência, insiste na necessidade de interromper a peça muitas vezes para que o fluxo de pensamento do espectador não se acomode nem se identifique apenas emocionalmente com as personagens. A realização de um procedimento dessa natureza aponta o trabalho com as narrativas complexas, não centradas apenas em indivíduos singulares, mas em embates de múltiplos e diversos sujeitos sociais. Do mesmo modo, como na construção das narrativas históricas, sabe-se que ao expressar uma multiplicidade de pontos de vista, tornam-se muito mais inteligíveis os conflitos e as contradições. Para isso acontecer, lembrando que o trabalho com interrupções constantes "[...] é

6 Sobre o conceito de estranhamento, há vastíssima bibliografia em português. Dentre as obras podem ser destacadas as seguintes: Bentley, 1981; Bornheim, 1992; Brandão, 2005; Jameson, 1999; Koudela, 1991; Peixoto, 1979; Rosenfeld, 1977, 1985, 1993; Szondi, 2001.

um dos procedimentos fundamentais de toda a criação de formas" (Benjamin, 1985b, p.215), é preciso que durante os processos de ensaio essas descobertas sejam estimuladas, principalmente considerando o público com o qual, prioritariamente, a obra quer dialogar.

A interpretação simbólica exige a possibilidade de apreensão de um complexo conjunto de organização de símbolos que caracteriza uma linguagem. A não transposição de um sistema sígnico a outro demanda tomar o objeto nele (mas não desarticulado de seu contexto maior) e, principalmente, a capacidade de leitura daquilo que se encontra no intervalo de um signo a outro. Tomando a questão gestual, nos interstícios de um drama talvez exista um forte apelo emocional; no épico um tempo para a evocação histórica; no épico brechtiano um espanto que intente uma tomada de posição; no popular uma alegoria atávica, arquetípica... Objetos precisam ser lidos também a partir do embate entre aquilo que seus criadores propõem e de seu resultado. Lembra César Vieira (2007), em entrevista a mim concedida: "Tem muito cara que fala que a gente não faz teatro, mas política em cima do palco. Pior que isso, muitos insistirem nessa bobagem sem nunca terem assistido a nenhum espetáculo da gente. Isso é muito comum. Teve gente que escreveu isso e depois que assistiu a um espetáculo nosso pediu desculpas e deu a mão à palmatória."

Como os preconceitos não surgem na década de 1980, penso ser oportuno estabelecer alguns nexos iniciais de natureza histórico-estéticos tomando como mote as experiências de grupos de teatro desenvolvidas a partir do final da década de 1940 e na década de 1950, na cidade de São Paulo.

Desde a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 ao Brasil e até, aproximadamente, a década de quarenta, do século XX, a mais significativa produção teatral brasileira foi desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro. Tal fenômeno dispensa explicações mais aprofundadas por conta de, normalmente, as verbas destinadas à cultura serem distribuídas nos espaços-sede do poder político. Hoje, exatamente pelo fato de Brasília estar "tão longe", e de acordo com certa tradição segundo a qual quem foi rei não perde a majestade, a situação continua parecida àquela do passado. As grandes estatais como Petrobras, Banco do Brasil e Correios têm seus escritórios centrais no Rio de Janeiro. Acontecimentos teatrais importantes eram criados na antiga Capital Federal e "exportados", dependendo das possibilidades do evento-espetáculo, para as principais capitais do Brasil.

O epicentro da produção teatral brasileira, pode-se dizer, deslocou-se do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo, sobretudo em 1948 por conta do sucesso representado pela criação do Teatro Brasileiro de Comédia. Tal afirmação pode ser comprovada pelo deslocamento de um enorme contingente de artistas, cujas trajetórias haviam se iniciado na cidade do Rio de Janeiro, egressos de grupos importantes, como o Teatro do Estudante do Brasil, fundado por Paschoal Carlos Magno; Os Comediantes, fundado por Brutus Pedreira e Tomás Santa Rosa; Teatro Universitário, fundado por Jerusa Leão e Associação de Artistas Brasileiros, fundado por Celso Kelly. Dessa forma, espetáculos, grupos, diretores, atores e técnicos adotam São Paulo como cidade de trabalho e de moradia. Evidentemente, a chamada transferência de espaço de vanguarda não se deve exclusivamente à criação do TBC, mas, sobretudo, àquilo que acontece depois disso com a aparição de grupos, que em tese, lhe farão oposição.

Historiando rapidamente este processo, em 1946, logo após a apresentação do espetáculo *O improviso do Grupo de Teatro Experimental*, escrito e dirigido por Alfredo Mesquita (da família Mesquita, proprietária de *O Estado de S. Paulo*), o autor e diretor do espetáculo, ao final da apresentação, dirigiu-se à plateia, constituída por pessoas de dinheiro e de tradição da cidade, e apresentou um discurso afirmando que o grupo, fundado em 1942, a partir daquele momento, deixaria de existir. O término daquela trajetória, segundo seu diretor, se dava pelo fato de o Grupo não ter apoio e reconhecimento (e a questão econômica parecia não ser a mais importante) de "seus iguais". Indignado com o descaso dos paulistanos ilustres e endinheirados para com o teatro, o engenheiro italiano, Franco Zampari, amante das artes – residente no Brasil desde 1922 e diretor-presidente das Indústrias Francisco Matarazzo –, ajudou o Grupo com dinheiro. Mais que isso, o chamado capitão de indústria, a partir daquele momento, tomou para si a responsabilidade e a tarefa de incentivar a atividade teatral daquele Grupo e a linguagem teatral na cidade de São Paulo.

Assim, contando com a participação de vários outros (naquele tempo chamados de) grã-finos da cidade, Franco Zampari escreveu e dirigiu *A mulher de braços alçados.* Depois de vários meses de ensaio em sua mansão, o espetáculo foi apresentado a um seleto público, nos jardins da mansão do casal Fifie (Sofia) e Paulo Assumpção. Em 1947, sentindo que devia a São Paulo muito do seu prestígio e enriquecimento, Zampari deu início à construção de um teatro – a partir da criação de uma sociedade sem fins lucrativos, constituída por duzentos sócios, chamada Sociedade Brasileira de Comédia –, cuja inauguração acon-

teceu em 4 de outubro de 1948. Nessa data, foi fundado oficialmente o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), com um programa duplo: *La voix humaine,* de Jean Cocteau, monólogo apresentado em francês por Henriette Morineau (atriz francesa radicada no Brasil, desde 1941), e *A mulher do próximo*, com texto e direção de Abílio Pereira de Almeida, protagonizado por Cacilda Becker.

O TBC foi fundado a partir de moldes empresariais e constituiu-se em uma empresa capitalista, a partir da produção de espetáculos montados de acordo tanto com os rigores das grandes companhias estrangeiras quanto com os postulados do chamado esteticismo francês. De modo sumário, o conceito do esteticismo francês foi criado em Paris na década de 1910 por Jacques Copeau (1923), que desenvolveu verdadeira campanha contra o teatro de *boulevard* e o teatro naturalista, posto que, segundo ele, as obras ligadas aos pressupostos evocados por Émile Zola conspurcavam e enodoavam a arte. Afinal, de acordo com a lógica do encenador, não era possível que o teatro, fruto de inspiração "sublime e do espírito superior dos grandes homens" de teatro do mundo, pudesse ser maculado pela protagonização de trabalhadores grosseiros e sem cultura nos palcos parisienses. A partir desse pressuposto, muito mais classista que estético, Copeau fundou um teatro chamado *Vieux Colombier* (evidentemente com ajuda do Estado) e criou um verdadeiro programa para "limpar" dos palcos a invasão bárbara daquela gente feia, suja e malvada – os trabalhadores e proletários –, fazendo alusão aos espetáculos naturalistas apresentados no *Théâtre Livre*, fundado por André Antoine. O programa do *Vieux Colombier* alicerçou-se na seguinte tríade: textos clássicos e consagrados pela "gente bem do mundo"; rigor absoluto e ilusionista na apresentação visual do espetáculo e preciosismo da interpretação, visando, naturalmente, à identificação emocional. A esse respeito afirma Marvin Carlson:

> [...] Copeau deplora a moderna situação do teatro, entregue ao comercialismo, ao sensacionalismo e exibicionismo barato, à ignorância, à indiferença e à falta de disciplina – aviltando tanto a si mesmo quanto ao seu público. Propõe um novo teatro, erigido "sobre alicerces absolutamente sólidos", que possa servir como um lugar de reunião para atores, autores e plateia, "que estejam possuídos pelo desejo de restaurar a beleza no espetáculo cênico". O meio que Copeau sugere afasta-o tanto dos teatros comerciais como dos de vanguarda de sua época. Ele segue os simbolistas ao colocar o poeta e o texto num papel fundamental e sublinha que a obra do diretor sempre deve permanecer subserviente àqueles. Similarmente, ele preconiza uma simplicidade extrema no cenário físico, o famoso *tréteau nu* (palco

> nu), que permitia ao ator e ao autor apresentar o texto sem intrusão "teatral". O repertório de seu teatro enfatizaria as grandes obras do passado como modelos para o presente, encenadas em repertório para evitar a exploração sistemática de sucessos particulares. (1997, p.329-30)

Mesmo passando por altos e baixos em sua trajetória, em seu início o TBC foi uma empresa muito bem-sucedida obtendo grandes lucros. O sucesso econômico do empreendimento, em 1951, levou Franco Zampari – sempre com apoio e sociedade com Ciccillo Matarazzo – a criar outra sociedade artística para arrecadar o capital inicial para montar a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, cujos estúdios se localizavam em São Bernardo do Campo. A partir de sonhos megalomaníacos, a Vera Cruz conseguiu montar 16 longas-metragens, mas afundou em um mar de dívidas, levando também o TBC à bancarrota e à falência. No que se poderia designar momentos de glória do TBC, a empresa apresentou espetáculos antológicos[7] e um número significativo de artistas de prestígio do Rio de Janeiro e de outras cidades do país mudou-se para São Paulo com o objetivo de trabalhar na empresa. A vinda dos artistas transformou o perfil cultural da cidade, tornando-a, por algum tempo, na mais importante a produzir espetáculos no Brasil, tanto aqueles para a alta burguesia quanto aqueles ligados ao teatro épico e às experimentações fundamentadas em algumas das vanguardas estéticas mundiais, por conta da formação de outros coletivos que passaram a fazer oposição ao TBC.

Por tratar-se de um teatro empresarial – cujos produtos eram prioritariamente destinados à burguesia e também por dar pouco valor aos textos brasileiros – era de se esperar que houvesse certa oposição ao empreendimento por parte dos sempre irrequietos jovens, sobretudo universitários (e politizados), tanto do ponto de vista de repertório quanto em relação à destinação de seus produtos. Desse modo, de maneira mais significativa e fazendo oposição ao grupo empresarial, houve na cidade dois coletivos importantes, dentre tantos outros, criados exatamente para contrapor-se ao TBC: o Arena e o Oficina.[8]

---

7 A Companhia montou 144 espetáculos em 16 anos de existência (de 1948 a 1964), com mais de dois milhões de espectadores, conforme informações comprovadas por borderôs, cujos dados encontram-se na revista *Dionysos 25*, set. 1980. Acerca dos dados quantitativos cf. ibidem, p.199-265.

8 Acerca das experiências do TBC, dentre outras fontes, cf. *Dionysos 25*, set. 1980; Guzik, 1986; Mattos, 2002.

O Teatro de Arena foi fundado em 1953, tendo como um de seus criadores e primeiro diretor artístico José Renato (que na ocasião ainda usava o sobrenome Pécora). O espetáculo de estreia foi *Um demorado adeus,* de Tennessee Willians, apresentado no Museu de Arte Moderna, naquele momento localizado na rua 7 de abril, e que correspondia ao mesmo espetáculo montado por José Renato na Escola de Arte Dramática (EAD), ainda como estudante, em um palco de $12m^2$.

Na trajetória inicial do grupo – a despeito de uma pseudo e real oposição ao TBC, mas cujo repertório aproximou-se muito do Grupo a que faziam oposição – podem ser destacados, em 1955, a incorporação do Teatro Paulista dos Estudantes (TPE), um grupo teatral ligado ao Partido Comunista Brasileiro, tendo Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Vera Gertel e outros como integrantes; em 1956, a incorporação de Augusto Boal, recém-chegado da Universidade de Columbia, de Nova Iorque, que trouxe consigo tanto a história quanto as estratégias do movimento de renovação teatral estudantil estadunidense, ligado à produção de contracultura desenvolvida naquela universidade; a criação, em 1957, de cursos de teatro para os atores da própria companhia e interessados em geral na linguagem teatral e, sobretudo, a partir de fevereiro de 1958, com *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, a adesão do Grupo, de modo mais programático, ao teatro de forma épica, de acordo com os postulados de Bertolt Brecht. Ainda nessa esteira, houve a criação dos chamados Seminários de Dramaturgia do Arena.

De modo absolutamente sucinto, os Seminários de Dramaturgia foram encontros realizados quinzenalmente entre os postulantes e interessados na escritura de textos dramatúrgicos que comentassem aspectos da realidade brasileira do momento histórico em epígrafe. Com discussões bastante acaloradas, principalmente relativas à cobrança de atitudes ideológicas e políticas, desses seminários saíram os seguintes textos (todos montados pelos integrantes do Teatro de Arena): *Chapetuba Futebol Clube* e *Bilbao via Copacabana,* de Oduvaldo Vianna Filho; *Gente como a gente* e *Quarto de empregada,* de Roberto Freire; *Pintado de alegre,* de Flávio Migliaccio; *Testamento de cangaceiro,* de Chico de Assis; *Fogo frio,* de Benedito Ruy Barbosa, *A farsa da esposa perfeita,* de Edy Lima e *Revolução na América do Sul,* de Augusto Boal.

De 1958 e até 1972 – quando o Grupo deixou de existir, cerceado pelo autoritarismo e pela censura decorrente da promulgação do AI-5 (13 de dezembro de 1968) –, o Teatro de Arena de São Paulo, programática e esteticamente,

reuniu em torno de si os mais importantes artistas ligados ideologicamente aos partidos identificados com o socialismo e mesmo defensores das liberdades humanas. Ao longo desse período, coordenado principalmente por Augusto Boal, o Grupo produziu e experimentou o desenvolvimento de um teatro narrativo, conhecido como a série *Arena conta*. Ajudou ainda a desenvolver um método de trabalho, por intermédio de um conjunto de experimentações e jogos, que posteriormente Boal batizou de Teatro do Oprimido.[9]

De modo oposto ao TBC e ao Teatro de Arena, o Oficina, foi fundado em 1958, no Diretório Acadêmico XI de Agosto, pelos três então cansados alunos do curso de Direito da USP: José Celso Martinez Corrêa, Carlos Queiróz Telles e Amir Haddad. Logo depois destes, Renato Borghi, Salinas Fortes e vários outros estudantes juntam-se aos primeiros. Segundo relatos dos nomes aqui apontados, inicialmente a ideia de criar um grupo de teatro caracterizava-se mais como uma atividade para suportar o tédio do curso e não como um interesse concreto pela produção teatral. Foi fundado oficialmente com a estreia dos espetáculos *A ponte,* de Carlos Queiróz Telles, e *Vento forte para papagaio subir,* de Zé Celso (como é chamado por todos). Em 1959, como decorrência das primeiras experimentações amadoras, com vários e históricos outros integrantes, o grupo participou do 2° Festival Nacional de Estudantes do Brasil, organizado por Paschoal Carlos Magno, na cidade de Santos, com *A incubadeira,* de Zé Celso e direção de Amir Haddad. O espetáculo ganhou os principais prêmios do festival, promovendo um denso processo interno de discussão, polêmica e cisão de seus integrantes acerca ou não da profissionalização do Grupo.

A partir da vitória pela opção profissional, o Grupo montou uma série de importantes espetáculos (conciliando, sobretudo, textos comerciais para dar sustentação econômica ao conjunto e textos expressivos da dramaturgia). Por intermédio deste estratagema – sempre com a direção de Zé Celso e significativa ajuda do russo Eugênio Kusnet em procedimentos de interpretação, desenvolvendo as proposições de Stanislavski – em 1964 o Grupo consegue firmar-se e angariar respeito de muita gente.

9 Dentre outros materiais acerca do grupo, cf. Campos, 1988; Vargas et al., *Dionysos 24*, out. 1978; Almada, 2004; Mostaço, 1982; Costa, 1996.

Pela montagem de *Os pequenos burgueses* de Gorki, de 1963-4, Zé Celso ganha o Molière, cujo prêmio era uma passagem de ida e volta a Paris. Na viagem, Zé Celso conhece tanto as propostas do Grupo de vanguarda norte-americano *Living Theatre* quanto as encenações épicas apresentadas no *Berliner Ensemble*, criado por Bertolt Brecht (e ainda, na ocasião, sediado na Alemanha oriental). Na volta ao Brasil, mesclando ao seu trabalho e trajetória as duas linhas que tanto o impressionaram na viagem (vanguarda iconoclasta e teatro de forma épica), em 1967 Zé Celso dirigiu *O rei da vela,* de Oswald de Andrade, que enfeixa uma série de significativas experimentações teatrais. Segundo Zé Celso, com a montagem do espetáculo, a proposição estética na qual se encontra até agora foi criada, chamada de "estética do desbunde" ou "do deboche", misturando expedientes do teatro de vanguarda, do teatro épico e do teatro processional, a partir das proposições oswaldianas de antropofagia cultural.

Como esses três grupos, separados em tendências estéticas distintas, muitos outros foram criados, tornando a cidade de São Paulo o centro a partir de onde significativas obras teatrais foram produzidas por um longo período de tempo. Dentre outros grupos importantes, o Teatro Popular União e Olho Vivo, criado por César Vieira (nascido Idibal Pivetta), com uma perspectiva deambulante e popular, insere-se entre os mais importantes e representativos grupos de teatro do Brasil. Desde sua fundação, o Grupo tem apresentado uma série de espetáculos populares (dentre os mais conhecidos podem ser citados *O evangelho segundo Zebedeu; Corinthians meu amor; Bumba, meu queixada; Barbosinha Futebó Crubi; Morte aos brancos; Us Juãos i os Magalis; João Cândido do Brasil*) e foi reconhecido inclusive pela Unesco, pela excelência na proposição e alcance, principalmente social, de seu trabalho.

De outra forma, a cada ida a um bairro distante, no espaço em que o Grupo apresenta seu trabalho há uma transformação de um simples espaço de apresentação em uma espécie de ágora. Nesse sentido, lembra Luís Alberto de Abreu que a despeito de os espaços públicos serem espaços privilegiados para o exercício da cidadania e de que qualquer mudança social e cultural significativa passa pelas ruas, "[...] paradoxalmente, são esses espaços com a maior afluência de cidadãos, são essas 'ágoras' que recebem menos investimentos culturais. Numa sociedade que cultua e privilegia os espaços privados, ruas e praças são, em geral, solenemente desprezadas – exceção feita aos *shows* de entretenimento em datas cívicas e vésperas de eleições" (2004, p.5-6).

Na "ágora" escolhida pelo Tuov depois de assistir ao espetáculo, a plateia discute, se organiza, encaminha reivindicações. Durante os debates com a comunidade que assiste ao espetáculo, duas pessoas (o teatrólogo César Vieira e o advogado Idibal Pivetta, que nunca foram dois) "transformam-se em um só." Durante os debates, o ético e o estético aglutinam-se. Dessa união, o estético, como é fundamental, assume-se como político, como arte pública.

A partir dessa sumária exposição, é possível dizer que quatro das principais tendências da linguagem teatral estão aqui representadas (às quais outras, já mencionadas, se somaram e ganharam destaque principalmente nos anos 1980, chamadas genericamente de teatro pós-moderno e teatro besteirol). Grupos na cidade, criados na década de 1980 e 1990, aderem tanto às proposições estéticas quanto às metodologias adotadas pelos grupos aqui elencados, enfatizando os procedimentos colaborativos na criação. Todas essas tendências e sem exceção, por um bom período de tempo, sofreram também na década de 1980 os abusos da censura. Entretanto, com relação aos requintes e processos de "execração aos artistas" sofrida pela totalidade daqueles que se dedicam à linguagem teatral, gostaria de inserir aqui o fragmento de uma entrevista a mim concedida e já mencionada de Iná Camargo Costa (2006) que apresenta um relato absolutamente importante acerca do mal-estar real em que se constituía esse procedimento.

> E aqui peço licença para apresentar uma nota de roda pé. Nós fizemos uma peça chamada *O encoberto* [a ficha técnica completa do espetáculo consta do outro capítulo] que estreou em 1988 e que precisava do aval da Censura. Detalhe: a Constituinte de 1988 ainda não havia terminado seus trabalhos, porque a Constituição revogou os mecanismos de censura. Então, no começo de 1988, a censura ainda estava na ordem do dia. Detalhe, porque aí é humilhação do artista. Havia censura prévia, isto é, o censor precisava ver o ensaio corrido da peça. "Euzinha" fui lá na Polícia Federal buscar a "censura" para levar no Teatro Cacilda Becker da Lapa, que era onde estrearia o nosso espetáculo. Depois, peguei a "censura" e levei de volta: foi a maior humilhação da minha vida. Eu nunca passei por uma situação tão horrenda como essa. Você vai apanhar e vai lá buscar o instrumento da surra que você vai levar. Isto é poder, cara! Poder do Estado! Lei da inércia da legislação repressiva. Estávamos em campanha para eleição da Constituinte. Enquanto não fosse votada a nova Constituição, valia a lei da ditadura. Entendeu a derrota!? Nesse dia, eu senti na carne o significado da derrota por gente como Tancredo Neves, Ulisses Guimarães e a nossa dita classe política progressista, que queria o fim da ditadura, mas, enfim,

> "meia boca". Então eu fui lá buscar a "censura" e, ainda, para completar minha decepção, descobri que ela havia sido minha aluna! A professora transforma sua ex-aluna, funcionária da Censura, leva para ver o espetáculo e depois devolve. É duro! Isso é duro! É uma parte pesada da nossa história.

Todos os colaboradores, durante o processo de entrevista por mim desenvolvido para realização deste livro, mencionaram a censura e seus envolvimentos e lutas contra ela. Outro relato interessante, concernente aos procedimentos táticos que foram necessários para que a obra pudesse chegar ao público, pode ser apreendido na fala de César Vieira:

> Era doloroso para todos, mas tinha de fazer. Os censores eram verdadeiras bestas: havia muito ex-jogador de futebol, uns coitados. A gente mandava o texto para a Censura Federal de Brasília. De lá poderia vir tanto a liberação total ou parcial como a proibição total. No caso de proibição total cabia recurso, que não se ia ganhar nunca, mas cabia recurso. No caso do *Zebedeu* eles proibiram, depois fizeram cortes, mas como o pedido era apresentado pelo XI de Agosto, falamos para o ministro, que era o Gaminha [Gama e Silva]: "Pô, é uma merda de uma peça. Deixa liberar e tal." A peça voltou com cortes, mas eles deixaram o essencial; então, depois de uma baita reunião, e eu afirmava que o essencial ainda estava lá, a gente resolveu montar. Nesse caso e em todos os outros, na véspera da estreia, com o texto já montado, fazia parte do processo submeter o espetáculo à censura estadual. Nesse novo processo, a peça poderia ser totalmente censurada ou censurada parcialmente. O que era preciso fazer? Havia um censor chamado Coelho Neto, que era um cara muito simpático e que todo mundo tentava cair com ele. A gente falava: "Ô, Coelho, a gente vai buscar você de carro e depois levamos você de volta!" Todas as companhias profissionais faziam isso. Servia-se um café, um guaraná ao cara; isso, entretanto, não impedia que ele pudesse proibir todo o espetáculo. Apesar de a gente não ser profissional, era preciso submeter-se a isso porque a peça deveria ser apresentada num circo, cobrar ingressos a preços moderados e tal. Ainda não era o Olho Vivo, mas o XI de Agosto, que inclusive estava pagando o diretor. Na apresentação para a censura, então, e como todo mundo fazia: o grande macete dos grupos, e sem mudar nada, o texto era abrandado. A interpretação do ator tornava tudo mais leve, todas as conexões da obra eram feitas para baixo, "tudo ficava amoroso, cheio de ternura".

Na década de 1970, que corresponde no Brasil também ao paroxismo do processo de perseguição política, de torturas, de assassinatos e da censura prévia, alguns grupos importantes foram criados e montaram obras importantes.

Grupos como o carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, com suas produções irreverentes, burlaram as patrulhas ideológicas impostas por certos agrupamentos de esquerda; as patrulhas censórias e persecutórias impostas pelos militares e seus defensores; as patrulhas morais, representadas por tantos agrupamentos, dentre os quais as autodenominadas Senhoras de Santana. Dessa forma, a despeito de tantos e infernais empecilhos, dentre as mais significativas produções da década, que se caracterizam como balizas daquilo que de importante foi apresentado, em finais da década de 1970 e que lastreia a de 1980, podem ser destacadas as seguintes montagens:

– *Macunaíma*, espetáculo montado em São Paulo e dirigido por Antunes Filho: é considerado um espetáculo-ícone de novos caminhos dramatúrgicos, isto é, do teatro épico. O espetáculo aparece, também, como a mais referencial montagem do teatro brasileiro da década e como o maior destaque do teatro brasileiro de todos os tempos.

– Obra de resistência, montada originalmente no Rio de Janeiro – tomando como parâmetro a adaptação feita por Oduvaldo Vianna Filho para a televisão do texto *Medeia*, de Eurípedes –, Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes escreveram, em 1975, *Gota d'água* – a *Medeia* então rebatizada Joana. Foi dirigida por Gianni Ratto e ambientada na Vila do Meio-dia, um conjunto habitacional na periferia do Rio de Janeiro.

– Em 1979, o Grupo Pessoal do Victor, formado por alunos da Escola de Arte Dramática (com Eliane Giardini, Adilson Barros, Reinaldo Santiago, Paulo Betti, Márcio Tadeu, Marcília Rosário, Maria Eliza Martins), monta, com direção de Paulo Betti, o texto *Na carrêra do Divino*, de Carlos Alberto Soffredini, texto com raízes caipiras. Nesse mesmo ano e do mesmo autor, o Grupo Mambembe monta o texto *Vem buscar-me que ainda sou teu*, inspirado em melodrama do circo-teatro.

– Também pelo fato de em 1 de janeiro de 1979 o AI-5 ter sido revogado, estreou em Curitiba *Rasga coração* – uma das mais importantes obras do teatro brasileiro, escrita por Oduvaldo Vianna Filho –, dirigida por José Renato, estreia em 1979. Trata-se de uma metáfora, digamos, ambivalente. Vianinha escreveu o primeiro ato do texto em epígrafe, apresentou-o em caráter de leitura pública, sendo muito bem recebido. Ocorre, entretanto, que o autor lamentavelmente contraiu um câncer que o levou à morte em pouco tempo. Assim, escreveu todo o segundo ato internado na UTI do Hospital São Vicente do Rio de Janeiro, com muitas dores. Vianinha ditava o texto e

sua mãe, dona Deocélia Vianna, colocava-o no papel. Deocélia apresenta um relato comovente acerca desse acontecimento. Esse espetáculo chega à cidade de São Paulo em 1980, como uma das maiores vitórias contra o arbítrio da censura imposta pela ditadura civil-militar. O espetáculo apresentou-se no recentemente inaugurado Teatro Sérgio Cardoso, edificado no terreno em que ficava o velho Teatro Bela Vista.[10]

De certa forma, por variadas questões que vão da permanência da censura a prenúncios e a crises econômicas contundentes, o modelo empresarial, na década de 1980, com raríssimas exceções, não se viabiliza mais. A chamada "mitologização do império do encenador" (ênfase no trabalho e genialidade deslimitada do encenador) ganha novas matizes e, a despeito da apologia ao indivíduo, a década não deixa de organizar os indivíduos a partir de agrupamentos coletivos. O paradigma empresarial mostrava-se, à totalidade daqueles que queriam trabalhar em um grupo de teatro, absolutamente inexequível. Então, uma das consciências que se fortalece é aquela segundo a qual, pela crudelidade e caráter de excludência do mercado, a luta contra ele precisava dar-se também no plano da política e da organização da categoria. Assim, o ressurgimento ou recrudescimento do processo de mobilização da categoria teatral, em relação à década imediatamente anterior, retoma certo processo mobilizatório, do ponto de vista de ocupação de espaços então tornados lacunares nos anos 1980 e explode nos 1990.

Havia uma necessidade de interlocução mais objetiva e direta com o público, tornado parceiro nas experiências de grupos como o Tuov e Engenho, ainda que os caminhos estético-políticos tenham partido de preocupações semelhantes, mas adotado caminhos e estratégias diferentes. Ambos, de modo mais e menos explícitos, transitam com uma concepção e trabalho cuja construção estética alicerça-se na busca de alegorias e procedimentos pautados no épico e, mais e menos, nos expedientes do teatro popular.

Definir o popular, o teatro popular, é difícil, senão impossível; entretanto, algumas ponderações precisam ser consideradas e podem, mesmo, pautar uma reflexão que problematize o conceito, com o sentido de ampliar seus horizontes e não circunscrevê-lo a proposições teóricas que pretendam

10 Nydia Licia (2002) conta algumas histórias muito interessantes acerca do teatro e de muitos dos problemas pelos quais ela passou para administrá-lo. Na p.426 de seu referido livro há uma triste fotografia do teatro em processo de demolição.

pontificar ou limitar seu alcance, seus modos característicos e singulares de ser, seus expedientes, suas táticas.

Segundo Antonio Torres Montenegro (1992, p.11), "[...] cada época recupera e retribui ao popular um sentido, que, em princípio, resulta da disputa ou das relações do interior dos discursos, na medida em que estes discursos se propõem a estabelecer determinados imaginários [...] um dos aspectos do popular é estar implicado na questão da elite". Tendo em vista que o popular propõe uma contraposição invariavelmente – segundo as vozes hegemônicas – inferiorizada e decorrente dos critérios e padrões, não apenas de gosto, é fundamental repensar os discursos a partir dos quais "o popular" (como se apenas houvesse um) tem sido apresentado. Mesmo sem se caracterizar em objeto desta reflexão, mas fundamental à compreensão do amplo espectro compreendido pela produção teatral da década de 1980, o termo é considerado, mas sem todas as ponderações de aprofundamento que se fariam necessárias.

A despeito disso, de acordo com Marilena Chaui (1989, p.25), a cultura popular caracteriza-se por "[...] um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, inconformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência". Dessa forma, é oportuno uma vez mais trazer um argumento de Chaui estabelecendo algumas diferenças entre cultura popular e de massa – bem longe da cultura feita pelo povo e cultura feita para o povo, baseada nas exigências do mercado da indústria cultural –, segundo o qual

> [...] embora de difícil definição, a expressão Cultura Popular tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, isto é, a existência de divisões sociais, pois referir-se a uma prática cultural como Popular significa admitir a existência de algo não popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade. A noção de massa, ao contrário, tende a ocultar diferenças sociais, conflitos e contradições. Exprime a visão veiculada pela ideologia contemporânea, na qual a sociedade se reduz a uma imensa Organização funcional (regida pelos imperativos administrativos e das técnicas de disciplina e vigilância que definem a racionalidade capitalista), na qual tanto a realidade quanto a ideia das classes sociais e de sua luta ficam dissimuladas, graças à substituição dos *sujeitos sociais* pelos *objetos socioeconômicos* definidos pelas exigências da Organização. (ibidem, p.28)

Ao participar de um projeto cuja reflexão primordialmente pressupunha uma articulação entre o nacional e o popular, no Seminário I – ocorrido no primeiro semestre de 1980 –, Marilena Chaui inicia sua exposição atendo-se principalmente às reflexões de Gramsci segundo as quais em alguns de seus textos "[...] o nacional, visado como e enquanto popular, significa a possibilidade de resgatar o passado histórico-cultural italiano como patrimônio das classes populares" (1984, p.15). Depois de apresentar algumas inquietações do filósofo desenvolvidas em alguns de seus escritos, acerca dos motivos pelos quais mesmo havendo tanto interesse popular em várias linguagens artísticas, há poucas produções inseridas nesse tipo de produção cultural, Chaui apresenta o conceito de popular de acordo com o filósofo italiano. Em tese, o termo é multifacetado, possui significados simultâneos e segundo a autora (ibidem, p.17) significa

> [...] a capacidade de um intelectual ou de um artista para apresentar ideias, situações, sentimentos, paixões e anseios universais que, *por serem universais*, o povo reconhece, identifica e compreende espontaneamente. [...] a capacidade para captar no saber e na consciência populares instantes de "revelação" que alternam a visão de mundo do artista ou do intelectual que, não se colocando numa atitude paternalista ou tutelar face ao povo, transforma em obra o conhecimento assim adquirido [...]. [...] a capacidade para transformar situações produzidas pela formação social em temas de crítica social identificável pelo povo [...]. [...] a sensibilidade capaz de "ligar-se aos sentimentos populares", exprimi-los artisticamente, não interessando no caso qual o valor artístico da obra [...]. Na perspectiva gramsciana, o popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação pelo artista e pelo povo coincidem.

Dentre várias outras particularidades, o popular, que se caracteriza por uma dialética entre o conformismo e a resistência, pressupõe um permanente processo de reinvenção de si mesmo, de suas tradições e interesses socioculturais; capacidade de irreverência a quaisquer formas impositivas da cultura hegemônica e aos seus mitos e valores morais, e que na produção artística se estabelece não por discursos, mas por intermédio do trabalho com o grotesco, a paródia, o deboche em situação de jogo; a necessidade e capacidade de expressão induzindo e motivando tanto à incorporação de valores da própria tradição popular aclimatada aos dias que correm quanto à busca de novos estratagemas e procedimentos tomados como decalque ou como reinvenção-crítica da cultura da elite; o desenvolvimento de um amplo arcabouço estratégico para

tornar acessível o modo de produção e escolhas temáticas. Dessa forma, dentre algumas das premissas básicas para um teatro popular aprovadas por consenso em 1974 e, em 1981, ratificadas pelo Tuov, de acordo com César Vieira (2007, p.116-7) encontram-se as seguintes determinações e concepções:

> 1. O teatro como meio e não como fim.
> [...]
> 3. Trabalho coletivo. Autocrítica permanente.
> 4. Tema relacionado com a cultura popular.
> 5. Tema a favor das necessidades e aspirações populares.
> 6. Apresentação para operários em bairros da periferia.
> [...]
> 10. Teatro Móvel. Praticidade de cenários, figurinos, iluminação etc.
> [...]
> 12. [...] Exercitar a consciência crítica mútua (comunidade popular e grupo) através da troca de experiências.
> 13. Igualdade de todos os elementos do grupo [...].
> 14. Decisões importantes do grupo sempre por consenso, nunca por votação.
> [...]
> 19. Busca de uma maior integração e intercâmbio dentro da realidade Latino-Americana.

A esse respeito, ainda, tomando algumas teses de Marilena Chaui com relação ao tema, na revista *Teoria e Prática,* apud Bolognesi (1996, p.78), lemos:

> [...] o direito à participação nas decisões de política cultural é o direito de intervir na definição de diretrizes culturais que garantam tanto o acesso quanto a produção de cultura pelos cidadãos. Isso significa que o que se está introduzindo é a ideia da cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, à sobremesa, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária que é ideologia, mas se realiza como um direito de todos os cidadãos, a partir do qual eles se diferenciam, entram em conflito, trocam as suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras alternativas, movem todo o processo cultural.

Em um sofisticado processo de construção cujas obras são absolutamente significativas, Luís Alberto de Abreu pensa e escreve seus textos a partir de princípios imperiosamente determinados e ligados à sua gente. Dessa forma, em entrevista a mim concedida e já mencionada, o autor pensa o popular e a comédia:

> Eu gosto muito da análise que o Mikhail Bakhtin faz do riso e da vitória do riso. O riso popular, regenerador, ambivalente, que vai se transformando até chegar à sociedade burguesa. Ele se transforma em uma forma de insulto, principalmente. De características e particularidades humanas ele se transforma em um instrumento de classe. É disso que se trata, quando se diz que um espetáculo é preconceituoso: sobre *gay*, mulher... Quando o espetáculo é tão somente preconceituoso, e se extrai o riso daí, me parece que o ser humano se transforma em objeto, objeto de rebaixamento. Então, ele perde a característica. Com Bakhtin a gente aprende que o riso tem que ser regenerador, grosseiro, mas, ao mesmo tempo, tem de ter a qualidade poética e espiritual bastante acentuada. Claro, porque ele é ambivalente. Quando se elege uma forma de fazer teatro, nada contra o TBC, não, mas quando se elege uma forma, em detrimento de toda uma tradição brasileira, toda a tradição circense brasileira, isso acaba por me parecer como uma aberração. Quer dizer, esse tipo de coisa vai contra uma multiplicidade, que é característica da cultura popular. [...] Minha opção pelo popular é sobretudo decorrência de uma visão de mundo, em que exista também a ambivalência representada pela divisão de importância da relação homem-mulher e a renovação expressada pela criança. Eu prefiro me colocar dentro da cultura popular, que é uma cultura múltipla e que contempla as situações todas. O que me interessa saber se o indivíduo é homossexual ou não?! A cultura popular não é classificatória como a cultura patriarcal e burguesa. Tudo interessa. As pessoas são humanas, múltiplas, contraditórias. Eu quero falar da construção, não da desesperança, do ceticismo. Para mim, o mundo vai durar até o ano três milhões. Um olhar técnico, racional, trágico sobre a vida não me interessa. [...] Não estou interessado na última estética, na moda, se é para *gay*, para loira burra... isso, realmente, não me interessa. Me interessa trocar experiência como artista. Quando eu digo não, não é negar as coisas que estão aí. Eu aproveito tudo, mas a partir de um procedimento de troca expressiva e simbólica. Como artista, eu estou muito mais interessado em afirmar do que negar.

Sem perder de vista as observações de Luís Alberto de Abreu, também decorre da mesma entrevista que "[...] entre o popular e a chamada alta cultura existe uma única diferença: o rigor do popular é coletivo. Essa é uma base que pressupõe o congraçamento, emanado pelo coletivo. No coletivo cabe tudo, qualquer assunto, qualquer raça". Esta observação relativiza, questiona, destrói principalmente o conceito de gênio, de individualidade, de ponderações classificatório-heroicas que louvam um ser como o melhor em detrimento de todos os outros... Este pensamento e modo de conceber as relações sociais, que

vêm sendo construídos desde o Renascimento, lastreado em certa ideologia liberal, não têm interesse no coletivo, a não ser como massa, evidentemente organizada para viabilizar o capital. Portanto, na senda do coletivo, o que interessa nos procedimentos populares é o valor trabalho, sempre objetivado como troca de experiência e não como prestígio que esse trabalho possa trazer ou somar como "valor agregado".

Em inspirado momento, Leandro Konder busca estabelecer alguns nexos críticos sobre os diferentes níveis daquilo que se nomeia "artístico", e lembra que uma carta, por exemplo, pode ser banal para uns, mas vital para outros. Refletindo acerca de como evitar dois equívocos simetricamente inversos entre o que se poderia classificar como as "artes menores" (que podem desempenhar destacado papel na vida de muitas pessoas e os limites dessas realizações) e a "grande arte", exemplifica interessantemente:

> O poeta Manuel Bandeira, num poema intitulado "Testamento", diz que pretendia fazer a vontade do pai, queria estudar arquitetura, porém isso não foi possível, porque ele adoeceu: "Fiz-me arquiteto? Não pude/ Foi-se me um dia a saúde./ sou poeta menor, perdoai".
>
> Alfredo Bosi comenta esses versos em sua *História concisa da literatura brasileira.* E observa que o poeta ao se considerar modestamente um "poeta menor", ajudou os leitores a enxergar uma diferença fundamental: o poeta "menor" não é um mau poeta; o adjetivo "menor" não significa que ele seja de qualidade inferior; significa apenas que ele aborda uma temática mais restrita que os outros. Nesse sentido, um poeta menor pode ser artisticamente mais importante do que um poeta maior. (Konder, 2005, p.55)

De acordo com as teses aqui defendidas, à luz dos pontos de vista expostos, das reflexões consultadas e dos diversos materiais existentes e daquele coletado por intermédio de entrevistas, o conceito-ação acessibilidade como tática de expressão, de interlocução e de troca de experiência, no teatro popular, precisa compreender acessibilidade geográfica (o espetáculo deslocar-se e ser apresentado onde está o público), acessibilidade temática (os assuntos, além de interessar ao público de tantas e todas as periferias, assim como os modos de exposição e sem concessões, devem trabalhar com alegorias universais assimiláveis que permitam trocas efetivas de experiência), acessibilidade visual e, finalmente, interpretativa. Apontamentos acerca dessa reflexão são apresentados ao final do livro.

A década de 1980, rica em experiências temático-formais, mostrou para alguns a necessidade de que as lutas travadas nas ruas fossem também para o palco. Desse modo, diversos grupos de teatro acabaram por lançar mão de expedientes épicos e populares, na medida em que tais recursos caracterizavam-se pertinentes para discutir os tempos que se descortinavam. Mesmo sem saber, não foram poucos os grupos que incorporaram ao seu trabalho procedimentos dos expedientes épicos teatralistas-narrativos e, mesmo, em alguns casos, brechtianos. Destaco apenas alguns nomes, entre espetáculos e grupos inseridos na proposição aqui apresentada, de modo consciente ou não: *O percevejo,* dirigido por Luiz Antonio Martinez Corrêa; os espetáculos dirigidos por Antunes Filho, como *Macunaíma, Nova velha estória, Xica da Silva; Rosa de Cabriúna*, dirigido por Márcia Medina, com supervisão de Antunes Filho; todos os espetáculos do Asdrúbal Trouxe o Trombone, do Apoena/Engenho; do Núcleo de Estética e Teatro Popular (Estep) (dirigido por Carlos Alberto Soffredini e hoje por Renata Soffredini), do Pod Minoga, do Tuov; os espetáculos do Harpias e Ogros; os espetáculos do Ornitorrinco e não apenas aqueles dirigidos por Cacá Rosset; a totalidade dos textos escritos por Luís Alberto de Abreu; parte dos espetáculos da Cia. Estável de Repertório, como *Morte acidental de um anarquista, Xandu Quaresma;* a totalidade dos espetáculos em que atuou ou que dirigiu Celso Frateschi; os espetáculos do Ventoforte dirigidos por Ilo Krugli; as permanentes montagens de *Vida, morte e ressurreição de Cristo;* todos os espetáculos apresentados por Patrício Bisso; os espetáculos dirigidos por Ednaldo Freire, Ricardo Bandeira, Mario Masetti, Neyde Veneziano, Gabriel Villela; a totalidade dos espetáculos de que participaram Maria Alice Vergueiro, Cida Moreyra e Rosi Campos; a quase totalidade dos espetáculos montados pelo Grupo Mambembe; os espetáculos dirigidos por Buza Ferraz; os espetáculos em que atuou ou escreveu Gianfrancesco Guarnieri; os espetáculos – inseridos no chamado teatro de formas animadas – dirigidos por Ana Maria Amaral; os espetáculos e grupos de que participou, no início da carreira, Hugo Possolo; alguns dos espetáculos dirigidos por Antonio Abujamra, Ulisses Cruz; os textos de Aldomar Conrado, Altimar Pimentel, Ariano Suassuna; todos os espetáculos em que esteve envolvido Hamilton Vaz Pereira; todos os textos e direções de João das Neves; os espetáculos que escreveu, dirigiu e em que atuou Ronaldo Ciambroni; os espetáculos dirigidos por Maria Helena Lopes dirigindo o Grupo Tear, de Porto Alegre; os espetáculos apresentados pelo XPTO; a quase totalidade das obras literárias adaptadas para o palco.

Pode-se dizer portanto que os expedientes épicos dominaram a cena paulistana, e isto não é pouca coisa. Esse talvez pudesse ser um dos motivos pelos quais, sobretudo por parte da crítica mais conservadora e acadêmica, a década de 1980 tenha sido rotulada de perdida.

Decorrente de práticas grupais anteriores, em que as cenas de rua[11] se transformaram, em muitos casos, em cenas do palco e à luz de um processo de liberalização do país, pretende-se agora descortinar algumas "paisagens" características da produção teatral paulistana da década de 1980. Assim, de acordo com o levantamento realizado em praticamente oito fontes documentais de modalidades distintas, compreendendo o jornal *O Estado de S. Paulo;* as revistas *Palco e Plateia, Sbat, Inacen, Camarim, Vintém;* os *Anuários de Teatro* – preparados pelas equipes de pesquisa de teatro e dança da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural do São Paulo – cujas fontes consultadas na elaboração foram *O Estado de S. Paulo, A Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Folha da Tarde* e as revistas *IstoÉ/Senhor, Veja; releases* que grupos enviavam, durante boa parte da década, a Mariangela Alves de Lima (pesquisadora do Departamento de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo e crítica de *O Estado de S. Paulo*); livros especializados e de biografia, sobretudo; fichas técnicas: material preparado pela Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo; a publicação *Anuário de Artes Cênicas – Teatro/Dança,* de 1980 a 1989; conversas e entrevistas por mim desenvolvidas durante o período de desenvolvimento da pesquisa; programas de espetáculos apresentados na década; documentários sobre artistas e manifestações do período, com destaque para aquele preparado, dirigido e organizado por Julio Lerner, chamado *A aventura do teatro paulsita*.

Vale observar que a Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo originou-se do Centro de Pesquisas de Arte Brasileira Contemporânea do Departamento de Informação e Documentação Artística (Idart), ligado à Secretaria Municipal de Cultura, e que começou a funcionar em maio de 1975. A primeira diretora do órgão foi Maria Eugênia Franco, que montou as equipes técnicas de pesquisa, dentre elas a de Artes Cênicas (compreendendo as linguagens teatral e de dança), cujos profissionais foram sugeridos

---

11 Nome que batiza em português um dos únicos textos em que Bertolt Brecht se dedica mais propriamente aos pressupostos do trabalho do ator. Tomando um atropelamento de rua como uma espécie de esquema-padrão, o dramaturgo aponta questões absolutamente fundamentais para uma dramaturgia dialética e o trabalho do ator épico (cf. Brandão, 2005).

pelo então Secretário Municipal de Cultura Sábato Magaldi, coordenados pela pesquisadora Maria Thereza Vargas. Em tese, o Idart, como instituição multidisciplinar, centrava seus objetivos na guarda, preservação, estudo e reflexão das manifestações artísticas brasileiras produzidas ou apresentadas na cidade de São Paulo.

A partir de 1982, o Idart (que também abrigava o Centro de Pesquisas), no Centro Cultural São Paulo, passa a se denominar Divisão de Pesquisas – Arquivo Multimeios. De lá para cá, inúmeras conquistas e ações desenvolvidas ao longo desses anos perderam-se por diminuição das verbas destinadas ao setor, ao número de integrantes que compunham as diversas equipes de pesquisa; à compra e manutenção de equipamentos disponíveis, ao prestígio de que dispunham tanto o setor quanto o próprio trabalho e os profissionais a ele alocados.

A importância do setor e o trabalho desenvolvido em um determinado tempo foram decisivos para a guarda de parte da memória cultural e documental da cidade e de sua socialização por diferentes estratégias adotadas por um longo período de tempo, como publicações de resultados de pesquisa, exposições e seminários, que promoviam a discussão de diferentes assuntos ligados à preservação da memória cultural, colocando os acervos à disposição de pesquisadores e interessados. Lembra Mariangela Alves de Lima (2000, p.7):

> O Centro de Informação e Documentação sobre a Arte Brasileira Contemporânea sistematizou a produção de registros audiovisuais dos espetáculos apresentados no circuito cultural paulistano. Foi quando se tornou visível e audível a memória do acontecimento teatral até então perseguida pela escrita. Por meio de gravações sonoras, registros fotográficos e acompanhando também a repercussão crítica dos espetáculos constitui-se, se não uma metodologia, pelo menos um método para a captura da feição polissêmica da obra.

O setor, com valorosa e importante história, em maio de 2008, é extinto por ingerências inalcançáveis e sem explicação da administração. Os grupos de trabalho transformaram-se em uma única equipe de curadores. Os pesquisadores, que anteriormente registravam a produção cultural da cidade, pelas já citadas fontes, deixam de fazê-lo.[12] O trabalho que vinha sendo feito com

12 Cf. Decreto nº 49.492, de 15 de maio de 2008, publicado no *Diário Oficial do Município,* de 16 maio 2008, p.2, 53(90).

muito vagar, em relação àquilo que se produzia, deixou de existir a partir de janeiro de 2008: tristes os nossos trópicos. Muito tristes.

Nas fontes pesquisadas e apresentadas, foram encontrados aproximadamente 250 nomes diferentes de grupos de teatro na década. Esse total corresponde, de acordo com o encontrado – à luz de determinados indícios cujas referências são apresentadas em entrevistas e em *releases* dos grupos aqui apontados fazendo alusão a mudanças de nomes do grupo anterior –, a pouco mais de 50% do total. Desse plantel, é seguro afirmar, aproximadamente uns 50 se apresentaram com pelo menos três espetáculos no período discutido. Desses grupos, aproximadamente vinte, com os mesmos ou outros nomes, continuam em atividade até o presente momento.

Assim, foram encontrados os seguintes grupos em atividade na década: 4 Crescenti Minguante; Abaçai Núcleo Folclórico de Arte Experimental; Abaporu Uku; Abracadabra; Ab-Surdo; Acauã; Águas Claras; A Jaca Est (ainda em atividade); Aldebarã; Alegria Alegria; Algo se Passa; Alpha; Alquimia; Alternativo Tainá; Amálgama; Amora Lá em Casa; Amor-Humor; A Nave-louca; Anjo de Todas as Cores; Apoena (mudou de nome, mas continua em atividade); Apolíneos; Após'Tolos; Ararama; Ar Cênico; Arsenal das Artes; Arte Boi Voador; Arte Livre; Arte Ponkã; Arte Pau Brasil; Artes; Artefato; Arte Viva; Astros e Desastros; Átomo Lírico; A Vaca Gritou Mé; Avis Rara, Avis Cara (mudou de nome, mas continua em atividades); Bando da Lua Vermelha; Barca de Dionísos; Boca de Cena, BJ5; Calango; Canela La Nave Vá; Carroça de Ouro; Casa da Ira; Cataclisma; Cheiro de Vida; Cia. 7 Sagas; Cia. Cênica de Brincadeiras Tantos & Tortos; Cia. Dramática Piedade, Terror & Anarquia; Cia. Ópera Seca; Circo XX; Cotia Não; Cruzeiro do Sul; de Comédia Circense; Deixa Falar; de Pesquisas Literárias e Teatrais do Tuca; de Teatro Amador Voo Livre; de Teatro Ambulante: Seja o que Deus Quiser; de Teatro Ava Gardner; de Teatro Clássico; de Teatro-Dança Tesouro da Juventude; de Teatro da Esquina; de Teatro do Tuca; de Teatro Experimental Boca de Forno; de Teatro Macunaíma (ainda em atividade com outro nome); de Teatro Pasárgada; de Teatro Popular Venha de Onde Vier; de Teatro Sia Santa; Disritmia/Intrépida Trupe; Dramaticus; Dromedário Dramático; Ebaculê; Engenho (ainda em atividade); Engenho de Arte Atrás do Sol/Engenho de Artes; Escrokeria Paulista; Esfinge Teatral; Espinha na Cara; Estação da Luz; Núcleo de Estética e Teatro Popular (Estep) (ainda em atividade); Eureka; Experimental; Experimental da Hebraica; Experimental de Teatro Laços de

Arte; Fábrica São Paulo; Fáceis; Faces Nuas; Flores do Mal; Folhetim Voador Não Identificado; Forja (ainda em atividade); Forma; Formicida Avec Guaraná; Forrobodó; Frango, Farofa e Tubaína (Frafratu); Funilarte; Gaita e Rata; Grito; Gula Matari; Harpias e Ogros; Hay que Hacer Ocho Cabezas; Hora H; Impressão Digital; Improvisadores do Rei; Independente da Periferia; Ivamba; Jambaí de Comédia; Jaquitá Deixaficá; Jovens Artistas da Cidade; Klop; Língua de Fogo; Lona; Los Malcriados; Luzes da Ribalta (ainda em atividade); Lux In Tenebris (ainda em atividade); Madrigal Veredas; Magia, Plenitude e Reciclagem; Maldição; Malta; Mamãe Veio?; Mamão de Corda; Mambembe; Manhas e Manias; Marginais de Luxo; Masthur Bando Teatral – Lucrécia Me Deu Um Beijo; Matraca; Medusa; Martup; Metamorfose; Mórbidas Mordidas; Movimento Ar; NDA; Necas de Pitibiribas; Nmatti; Nós; Nove; Núcleo Edison; Núcleo Hamlet; Núcleo Mascar Arte Cênica; Núcleo O Gosto; Núcleo Os Pimentas Atômicos; Núcleo Pessoal do Victor; Núcleo Pessoal do Victor Acabou; Núcleo Pó de Guaraná; Núcleo Repertório TBC; O Bando; O Pau Brasil o Português Levou; O Pessoal do Despertar; O Pessoal do Poente; Orlando Furioso da Cia. de Teatro; Ornitorrinco (ainda em atividade); Os Farsantes; Os Modiglianis; O Valete; Ovelha Negra; Overgoze; Palmas de Teatro; Panas; Pássaro Livre; Pássaro Negro; Paulista de Teatro Qorpo-Sênico; Pedra Negra; Pégaso; Pé no Chão; Pensão Brasil; Persona; Pimba; Pinus Plof; Pippoka; Pó de Serra; Pod Minoga; Pompadour Tinha Razão; PRK a Mil; Quadricômico Teatro Mínimo; Quem Tá Vivo Sempre Aparece; Raízes da Terra; Refazendo; Renovação; Rotunda; Rua do Circo; Rugas e Remendos em Irreverências; São Paulo-Brasil; São Paulo Ensemble; Sarau das Antas; Se Fosse o Que Seria?; Seismaisum; Sensação; Sótão e Porões; Spectrum; Spiral; Stabile de Teatro Móbile; Sugere a Trapaça e Manda Beijos; Tabefe; Teatro Artístico Experimental Turma da Elis (Taete); Teatro Amador Produções Artísticas (Tapa) (ainda em atividade); Tapandari; Tarta de Teatro; Teartéia; Teatral A Contrador; Teatro Athos; Teatral Bom Conselho; Teatral Cooperarte; Teatral Curva da Tormenta; Teatral Grita; Teatral Magia; Teatral Metamorfose; Teatral Piedade; Teatral Semente; Teatro Circo Alegria do Povo; Teatro Amador Cáentrenós; Teatro Bufo; Teatro-Circo Alegria dos Pobres; Teatro da Girafa; Teatro Íntimo; Teatro Lili W.; Teatro Livre Boca Aberta; Teatro Pasárgada; Teatro Popular União e Olho Vivo (ainda em atividade); Teia de Altar; Terceira Dentição; Terror & Cia. Anarquia; Theatralha & Cia.; Theatro dos Cinco; Theatro Eros Volúsia; Torpes Delícias; Trabalho Teatral;

Traquitana; Tragicômicas Balaio de Gatos; Trup Ação de Cena; Trupe das Hortênsias Afogadas; Truques, Traquejos e Teatro; Teatro Oficina Uzyna Uzona (ainda em atividade); Tragoi; Uhuru; Vambora; Venha de Onde Vier; Ventoforte (ainda em atividade); Venusurânia; Verdadeiros Artistas; Viagem; Vim Te Vê; Vivança; XPTO (ainda em atividade); Yo'Mama; Wnymitch; Zambelê; Zôo.

A partir dessa significativa rede de grupos, à exceção daqueles consagrados pelo circuito comercial ou por análises já publicadas e/ou em andamento de suas trajetórias – como por exemplo os grupos Arte Boi Voador; Núcleo de Estética Popular (Estep); Ponkã; Teatro Macunaíma – CPT; Teatro Oficina Uzyna Uzona; Truques, Traquejos e Teatro; Ventoforte – pretendeu-se, sem particularizar ou mesmo aprofundar, apresentar nomes, alguns passos de certas trajetórias e dificuldades comuns a muitos sujeitos ou grupos teatrais em atividade pelo teatro paulista, na década de 1980. Passando por certos modos de produção e de criação, escolha de repertório, tendências estéticas, espaços de criação, problemas com a censura, dificuldades de produção buscou-se apresentar um painel que pudesse ser aprofundado em estudos posteriores. Deste estudo e preocupação, desde o início, o interesse guiou-se sempre pelo que hoje, desde algum tempo, se chama teatro de grupo.

Se por um lado, na primeira década de 2000, é seguro afirmar que o teatro passou a criar espaços de discussão antes apresentados principalmente nas universidades e outras instituições, por outro, discussões significativas acabaram sendo desenvolvidas e divulgadas pelos próprios grupos de teatro. Dentre as várias ações criadas por importantes coletivos teatrais da cidade, houve tanto publicações com certa periodicidade quanto encontros para organização e reflexão de vários assuntos (dos estéticos aos políticos, passando pela memória das atividades desenvolvidas). Dentre esses Grupos, podem ser citados a Companhia do Latão (revista *Vintém*), Folias (revista *Caderno do Folias*), Cia. São Jorge de Variedades (*Fanzine São Jorges*) e Cia. Buraco d'Oráculo (jornal *A Gargalhada*).

# 2
# Apontamentos sobre a produção teatral adulta apresentada na cidade de São Paulo e alguns de seus trabalhadores: estabelecendo redes intercambiantes

Como apontado anteriormente, foram levantados os dados dos espetáculos adultos apresentados na cidade de São Paulo durante a década de 1980, cujos registros constam nos materiais consultados. A partir dessa pesquisa são apresentadas na sequência fichas técnicas, nem sempre completas, apesar de todos os esforços possíveis. Além das fontes já citadas, conversei pessoalmente ou por diferentes meios também com Ariel Moshe, Carminda André, César Vieira, Ednaldo Freire, Fausto Fuser, Flávia de Oliveira Martins Coelho, Graça Berman, Imara Reis, Irací Tomiatto, Leo Pelicciari, Lílian Sarkis, Luiz Carlos Moreira, Marianna Monteiro, Mônica Raphael, Nydia Lícia, Roberto Lage, Selma Pellizon.

Pela relevância que caracteriza o acervo das fichas apresentadas na sequência (fichas técnicas de peças apresentadas na cidade de São Paulo na década de 1980), é seguro que muitas análises possam ser desenvolvidas por pesquisadores e interessados no assunto, no sentido de aprofundar muitas das questões apenas apontadas acerca do período tratado.

Muitos nomes de artistas e técnicos ou de trabalhadores do teatro de modo geral não figuram nem deste levantamento nem de outros, por não constar das fontes documentais disponíveis. É seguro que um número absolutamente grande de nomes de sujeitos e de grupos de teatro da década, pelos mais diversos motivos, não figura de outras fontes, a não ser da jornalística. Ainda assim a maioria dos nomes, nos roteiros teatrais, por exemplo, é citada sempre sem mais detalhes. De certa forma, apesar de terem existido, interferindo concretamente na vida cultural da cidade, seus nomes e ações não constam das fontes documentais.

Estou certo que essa tarefa e registro documental têm inequivocamente legitimidade para a cultura e história. Por meio dele, o registro de parte significativa da produção teatral da década de oitenta, na cidade de São Paulo, é dada ao conhecimento e à consulta.

Como seria impossível para uma só pessoa analisar tudo o que se produziu, estabeleci critérios para apresentar alguns apontamentos mais reflexivos. Optei, depois de muitos meandros, por apontar os artistas com maior número de trabalhos desenvolvidos no período recortado pela pesquisa. Pensei em nomes, não em grupos específicos. Sei que tal destaque é injusto, mas deixar de fazê-lo também seria. Então, e sem mais preocupações, resolvi assumir a "injustiça".

Dentre aqueles que mais produziram no período relativo à pesquisa encontram-se os diretores:

ROBERTO LAGE – o prestigiado diretor, na década, além de algumas direções de espetáculos infantis e de eventuais montagens em escolas profissionalizantes (aqui não computadas), dirigiu 29 espetáculos: *Abre as urnas, coração,* de 1984; *A cantora careca,* de 1987; *A lenda do Piuí,* de 1981; *Aqui há ordem e progresso* ou *Fala só de malandragem,* de 1982. Direção coletiva com presas da Penitenciária do Estado;[1] *Assim ou assado,* de 1983; *Banque – que se splanck,* de 1983-84; *Bésame Mucho,* de 1982-83; *Blas fêmeas,* de 1987-89; *Decifra-me ou devoro-te,* de 1989; *Diálogo noturno com um homem vil,* de 1988; *Divina increnca,* de 1986; *Dores de amores,* de 1989; *Escola de mulheres,* de 1984-86; *Fora do ar,* de 1987-89; *Hello, boy!,* de 1986; *Let's play that,* de 1987; *Mal secreto,* de 1981; *Loucuras de mamãe,* de 1981; *Mãos ao alto, São Paulo,* de 1981; *Marginais de luxo. Lado escuro,* de 1986; *Meu tio, o Iauaretê,* de 1986-89; *O colecionador,* de 1987; *O gosto da própria carne* (duas montagens diferentes), de 1984 e de 1985; *O infalível Dr. Brochard,* de 1983-84; *O purgatório, uma divina comédia,* de 1984; *Os mitos femininos,* de 1988; *Tanzi – uma mulher no ringue,* de 1985; *Viúva, porém honesta,* de 1983. Dos textos apresentados por Roberto Lage, alguns escolhidos por ele e parceiros mais constantes, outros atendendo a convites, o diretor montou vinte brasileiros, oito estrangeiros e uma colagem de textos, mesclando autores brasileiros e estrangeiros.

1 Para mais informações, consultar *Anuário de Artes Cênicas – Teatro/Dança,* 1996, p.84-5.

Em entrevista a mim concedida, em 17 de janeiro de 2008, no Instituto de Artes da Unesp, o diretor aponta os motivos pelos quais, sobretudo a partir dos anos 1970, rompeu com o magistério (formado em pedagogia) para dedicar-se exclusivamente ao teatro. Nessa nova "aventura", principalmente pelo cerceamento provocado pela censura, foi obrigado, de acordo com suas palavras, a dedicar-se também ao teatro comercial. Dessa forma, o repertório apresentado acima confirma o que se diz: o diretor mesclou obras experimentais (e "arriscadas") àquelas comerciais. Essa "passagem" ocorreu em 1980 com a montagem do texto de Paulo Goulart, *Mãos ao alto, São Paulo*. Acerca desse mesmo assunto, o diretor apresenta passagens de sua vida em que isso ocorreu.

Apesar de número tão significativo de espetáculos, Lage afirma que depois de determinado tempo de carreira optou por trabalhar sozinho, ainda que muitas vezes tenha se juntado às pessoas a partir de certos projetos. Assim, justifica tal opção:

> [...] não acreditava mais em grupos do modo como normalmente eles se constituíam. Achava que aquilo era mentiroso pela experiência anterior de trabalho que havia vivido. Individualmente, as pessoas eram maravilhosas, mas em grupo alguns trabalham, os outros usufruem, em 90% das vezes. Existe coletivo no sentido dessa divisão de responsabilidades de trabalho, mas na realidade acabava acontecendo de poucas pessoas se colocarem ideologicamente. Nas minhas experiências, as pessoas acabaram se deixando levar pela minha insegurança, pelo meu pensamento e servindo a isso muito mais do que discutindo comigo. Então, optei, a partir dos anos 1980, a cada trabalho que eu gostaria de fazer como diretor, por convidar um grupo que tinha certeza que comungaria comigo aquele conteúdo e momento. Fiz vários espetáculos com Edith Siqueira, Elias Andreato, porque aí criamos uma identidade que nos permitia continuar trabalhando juntos. E convidávamos outras pessoas, mas não éramos um grupo, e sim amigos que tinham prazer em trabalhar juntos.

Antonio Abujamra – dirigiu 21 espetáculos, trabalhou como ator e coordenou os projetos *Cacilda Becker* (ocupação do Teatro Brasileiro de Comédia) e Nagib Elchmer; concebeu projetos de luz, assessorou e orientou muitos grupos e pessoas. Obstinado pelo trabalho, Abujamra esteve envolvido com *13,* de 1980; *A lua começa a ser real*, de 1987; *À margem da vida,* de 1988; *A revolução,* de 1983-84; *A serpente,* de 1984-85; *A trilogia da louca*, de 1985; *Cerimônia do adeus* (atuação), de 1988-89; *Diário íntimo de Adão e Eva* (adaptação do texto),

de 1985; *Dona Rosita, a solteira,* de 1980; *Esperando Godot,* de 1985; *Fala, lorito!,* de 1983; *Hair,* de 1987; *Madame Pommery,* de 1982-83; *Morte acidental de um anarquista,* de 1985-88; *Nostradamus,* de 1986-87; *O contrabaixo* (atuação), de 1987-89; *O Hamleto* (duas montagens), em 1982 e 1985; *O rei devasso,* de 1984; *Órfãos* (iluminação), de 1986; *Os órfãos de Jânio,* de 1981; *Páia assada* (iluminação), de 1987; *Pessoa & Pirandello,* de 1985; *Rock and roll,* de 1983; *Uma caixa de outras coisas,* de 1986; *Um orgasmo adulto foge do zoológico*, de 1984-86. Há um equilíbrio entre os textos brasileiros e os estrangeiros, nas diferentes funções exercidas por Abujamra, durante a década.

Aliás, o "clã Abujamra", encabeçado pelo grande chefe Antonio, é formado ainda por outros Abujamra, como André, Adriana, Clarisse, Fernanda e Márcia. A produção teatral paulistana, sobretudo na década de 1980, muito deve a esse clã, chefiado por seu criador maior.

Outro homem de teatro, trabalhador permanentemente inquieto e envolvido em projetos estéticos e sociais importantes, foi CELSO FRATESCHI. Durante a década, o artista esteve envolvido com os seguintes espetáculos: *O acordo* (direção), de 1987; *Banquete* (roteiro e direção), de 1989; *Desatrela peão* (texto, direção e atuação), de 1980; *Diálogo noturno com um homem vil* (atuação), de 1988; *Diana* (texto e direção), de 1987; *Eras* (atuação), de 1988; *Os fuzis da Sra. Carrar* (direção), de 1987; *Hamlet* (atuação), de 1984-85; *Horácio* (atuação), de 1989; *Nijinski* (atuação), de 1987; *Órfãos* (atuação), de 1986; *Relimbranzza* (texto e direção), de 1987; *Santa Joana* (atuação), de 1985-86; *Sopa de sonho* (texto e direção), de 1983; *Tio Vânia* (direção), de 1989.

Homem de todos os ofícios, JOSÉ RUBENS SIQUEIRA esteve envolvido com direção, criação de texto, tradução, iluminação e figurinos nos seguintes espetáculos: *A dama das camélias*, de 1981-82; *A morada da morte*, de 1985; *Andaluz,* de 1988; *Artaud, o espírito do tempo,* de 1984-85; *As irmãs siamesas*, de 1987; *Coroação*, de 1987; *Decifra-me ou devoro-te* (criação do texto com Renato Borghi), de 1989; *Depois do expediente*, de 1987; *Doze atos de Nelson Rodrigues*, de 1985; *Felisberto do café*, de 1982; *Maldição,* de 1983; *Muito barulho por nada,* de 1987; *O amante de Madame Vidal* (atuação), de 1988; *Sampa, a cidade de amar*, de 1983; *Simón*, de 1984.

Também homem de teatro e grande parceiro de José Rubens Siqueira, na década de 1980, FRANCISCO MEDEIROS esteve envolvido com os seguintes espetáculos: direções – *A morada da morte,* de 1985; *Artaud, o espírito do tempo*, de 1984-85; *Criança enterrada*, de 1986-87; *Depois do expediente*, de 1987;

*Manos arriba,* de 1986; *Risco e paixão,* de 1988-89; *Sampa, a cidade de amar,* de 1983; *Simon*, de 1984. Iluminação – *Andaluz* (e preparação corporal), de 1988; *As irmãs siamesas* de 1987; *Faixa de segurança*, de 1984; *O rei devasso*, de 1984; *Perfume de camélia*, de 1983*; Um orgasmo adulto foge do zoológico,* de 1984-86.

MARCIO AURELIO, cuja carreira inicia-se na década, dirigiu 18 espetáculos: *Diário de um louco,* de 1980; *Édipo rei*, de 1983; *Eras,* de 1988; *Esta valsa é minha*, de 1989; *Hamlet,* de 1985; *Hamletmachine,* de 1987; *Horácio*, de 1989; *Inimigos de classe*, de 1986; *Lua de cetim*, de 1981-82; *O filho do carcará,* de 1980; *O que mantém um homem vivo* (cenografia), de 1982-83; *O segundo tiro*, de 1986; *Ópera Joyce*, de 1988; *Pássaro do poente*, de 1987; *Quase 84*, de 1983-84; *Temos que desfazer a casa*, de 1989; *Tietê, Tietê*, de 1980-81; *Trágico à força*, de 1982; *Vestido de noiva*, de 1987-88.

JAIR ANTÔNIO ALVES, diretor do Grupo Mamão de Corda, um dos fundadores da Cooperativa Paulista de Teatro e também um de seus presidentes, esteve envolvido na criação dos seguintes espetáculos: *1º de Maio* (direção), de 1983; *Como num LP (*texto e atuação), de 1981; *Constituinte é a tua mãe* (texto e direção), de 1986; *Corações explícitos* (direção e atuação), de 1984; *Donce co cê vem? (*texto e direção), de 1982; *Os cenci* ou *O processo agônico dos Cenci* (texto, direção e atuação), de 1982; *Qualé meu?* (*Guerrilha urbana no Brasil – 68 a 72*) (roteiro e atuação), de 1980; *Ubu rei* (direção), de 1981; *Viva o teatro brasileiro* (texto e atuação), de 1984.

Ainda fazendo parte desse grupo de trabalhadores-criadores não poderia, de modo algum, ficar de fora ANTUNES FILHO, diretor de tão belos espetáculos e que, com o Grupo Macunaíma, a partir do início da década, fixado no Sesc Consolação, apresentou-se no Brasil e em festivais internacionais. No Teatro Anchieta, o Grupo leva à cena, em processo de rodízio constante, sempre com a casa cheia, os seguintes espetáculos: *Macunaíma*, de 1982-87; *Nelson Rodrigues, o eterno retorno*, de 1981; *Nelson 2 Rodrigues,* de 1984*; Romeu e Julieta,* de 1984*; A hora e a vez de Augusto Matraga,* de 1986-87; *Rosa de Cabreúva* (que o diretor fez a supervisão), de 1986; *Xica da Silva,* de 1988; e *Paraíso zona norte,* de 1989-90. Porque trabalhos desenvolvidos no Centro de Pesquisa Teatral (CPT) representavam denso e extenso processo colaborativo de pesquisa e de experimentação – considerando ainda as inúmeras viagens nacionais e internacionais do Grupo –, sete espetáculos criados na década correspondem a um número bastante significativo e de fôlego.

Entre os atores e atrizes envolvidos em intensos processos de trabalho durante toda a década encontram-se:

ELIAS ANDREATO, um dos parceiros mais constantes de Roberto Lage e de Edith Siqueira, e ator em tempo integral-permanentemente, apresentou-se nos seguintes espetáculos: *Artaud, o espírito do teatro,* de 1984-85; *Arte oculta* (direção), 1989; *Auto do frade,* 1985; *Boia fria,* 1986; *Calabar, o elogio da traição,* de 1980; *Cela forte-mulher* (direção), 1981; *Corre pela jugular* (criação de ideia e roteiro), 1987; *Decifra-me ou devoro-te,* 1989; *Diário de um louco,* 1980-81; *Édipo rei,* 1983; *Escola de mulheres,* 1984-86; *Fala só de malandragem* (direção), 1982; *Favor não jogar amendoim* (direção), 1980; *Gosto da própria carne,* de 1985; *Hello, boy,* de 1986; *Lago 21,* de 1988; *Levadas da breca,* de 1988; *Lua de cetim,* de 1982; *Mitos femininos,* de 1988; *O corpo estrangeiro,* 1987; *O lírio do inferno* (direção), de 1982; *Senhorita Júlia,* de 1984; *Tietê, Tietê,* de 1981; *Trágico à força,* de 1982, *Viva o teatro brasileiro,* de 1984.

ANTONIO PETRIN – o formidável ator participou das seguintes montagens: *Alegro desbum,* de 1988*; Amante sociedade anônima,* de 1984; *A última gravação,* de 1988; *Balada de um palhaço,* de 1987*; Com a pulga atrás da orelha,* de 1985; *Cyrano de Bergerac,* de 1985*; Ganhar ou ganhar,* de 1983*; A mentira nossa de cada dia,* de 1988; *Ossos d'ofício,* de 1981-82; *Pasolini, morte e vida,* de 1987*; Patética,* de 1980; *Rasga coração,* de 1980-81*; Sigilo bancário,* de 1989*; Gemini,* de 1982*; Três Marias e uma Rosa,* de 1988; e *Vesperal paulistânia passos da cidade,* de 1983.

ARIEL MOSCHE – o versátil ator participou de *A saga das japonesas,* de 1983*; A Vênus das peles,* de 1985-86*; Bzz, o quase mosca,* de 1989*; Calabar, o elogio da traição,* de 1980*; Camas redondas, casais quadrados,* de 1982-83*; Com a pulga atrás da orelha,* de 1985*; Drácula,* de 1986*; Morre o rei,* de 1982*; O doente imaginário,* de 1988*; Pasolini, morte e vida,* de 1987*; Very, very sexy,* de 1987*; Top less,* de 1989.

O importante e deliberadamente dedicado e sempre ator WALTER BREDA participou dos seguintes espetáculos: *Amante de Madame Vidal,* de 1988; *Cyrano de Bergerac,* de 1985; *Em defesa do companheiro Gigi Damiani,* de 1981-82; *O infalível Dr. Brochard,* de 1983-84; *A lenda do Piuí,* de 1981; *Monsieur Molière,* de 1986; *Nostradamus,* de 1986-87; *Ópera do malandro,* de 1979-80; *O país do elefante,* de 1989; *Xandu Quaresma,* de 1984-85.

CARLOS PALMA – o artista e incansável trabalhador participou como ator e também com outras atribuições em *A lua começa a ser real,* de 1987*; Bieder-*

*mann e os incendiários,* de 1983; *Camaralenta,* de 1985-86*; Corre pela jugular,* de 1987*; Macbeth,* de 1988*; Nem todo ovo é de Colombo,* de 1985*; O exercício,* de 1984-85*; O homem da flor na boca,* de 1986; *O olho da rua,* de 1981; *O reino jejua, mas o rei nem tanto,* de 1982*; Os palhaços* (criação do cartaz); *Silveira Sampaio em revista* (direção e iluminação), de 1986; *Sonho (*ou *Talvez não),* de 1987*; Timidamente feliz* (direção e cenografia), de 1989.

Marcelo Mansfield – desde a década de 1980, tem sido fiel a um tipo de teatro, de humor característico dos sujeitos das grandes cidades. Desse modo, o ator-comediante transita com a performance, o teatro besteirol e o, atualmente nomeado, *stand up comedy*. O ator, de fato, consegue segurar e levar a plateia para onde quiser. Na década ele atuou em: *Como agarrar Marcelo Mansfield*, de 1988; *Eles se amaram em Pecking*, de 1986; *Excursão*, de 1987; *Golden boys*, de 1989; *Hollywood que se cuide*, 1986; *Maracaíbo a go go*, de 1987; *Mares da China*, de 1989; *Nas gôndolas do Tietê*, de 1986; *Nas gôndolas do Tietê I*, 1987; *Nas gôndolas do Tietê II*, de 1988; *Pequeno mundo de Marcelo Mansfield*, de 1987; *Perfomance (Sem título)*, de 1987; *Réquiem das Harpias*, de 1987; *SP em surto*, de 1986; *O tamanho dos olhos*, de 1988; *Tonturas de verão*, de 1987.

O artista sempre disposto a aprender e a fazer teatro, Rodrigo Matheus, bastante jovem durante a década, esteve envolvido com os seguintes espetáculos: *A cidade muda* (atuação), de 1983; *Circo mínimo* (atuação e iluminação), de 1987-88; *Cleo e Daniel* (atuação e direção), de 1985; *Diva em dúvida* (iluminação), de 1988; *Drácula,* de 1986; *Escorial* (iluminação), de 1986; *Noite dos cabelos como flores* (iluminação), de 1988; *Óleo e Daniel* (direção), de 1985; *Quase 84* (atuação), de 1983-84; *Sonho de uma noite de verão* (atuação), de 1984; *Trágico a força* (atuação), de 1982; *Velhos marinheiros* (atuação), de 1985.

A veterana, ousada e sempre elogiada Maria Alice Vergueiro, atriz ligada ao teatro de forma épica e às experimentações teatrais, trabalhou qualitativa e compulsivamente na década. Foi dirigida por diversos diretores, dentre os quais o mais presente foi Cacá Rosset. Como atriz, codiretora, roteirista participou de 13 montagens diferentes: *Eletra com Creta,* de 1987; *E ponha o tédio no ó,* de 1989; *Gosto da própria carne,* de 1985; *Katastrophé,* de 1986; *Mahagonny,* de 1983-84; *O belo indiferente,* de 1983-84; *O doente imaginário,* de 1989-90; *O lírio do inferno,* de 1982 e 1985; *O percevejo,* de 1983; *Pororoca,* de 1984; *Próximo capítulo* ou *Performances Ponkã,* de 1984; *Ubu pholias physicas, pataphysicas e musicaes,* de 1985-87.

Cleyde Yáconis – a excelente atriz participou de dez espetáculos: *A cerimônia do adeus,* de 1988-89; *Agnes de Deus,* de 1982-83; *A lei de Lynch,* de 1984; *Amante sociedade anônima,* de 1984; *A morte do caixeiro viajante,* de 1986; *A nonna,* de 1980; *Campeões do mundo,* de 1981; *Direita volver,* de *1985-86; Ensina-me a viver,* de 1981; *O jardim das cerejeiras,* de 1982.

A saudosa Edith Siqueira (1957-1996), apesar de falecida tão jovem, a atriz, tradutora e figurinista, dentre outras funções – quase sempre parceira de Elias Andreato –, participou de 18 montagens: *A cantora careca* (trilha sonora e figurinos), de 1987; *A morada da morte,* de 1985; *A morte do caixeiro viajante,* de 1986; *As meninas* (figurinos), de 1988/90; *Édipo rei,* de 1983; *Let's play that,* de 1987; *Mahagonny songspiel* (2ª versão), de 1983; *O filho do Carcará,* de 1980; *O gosto da própria carne,* de 1985; *O que mantém um homem vivo* (figurinos), de 1982-83; *Os mitos femininos,* de 1988; *O último encontro,* de 1989; *Sonho (*ou *Talvez não),* de 1987; *Srta. Júlia,* de 1984; *Tambores na noite,* de 1980-81; *Tietê, Tietê,* de 1980-81; *Trágico à força,* de 1982; *Viva o teatro brasileiro,* de 1984.

Miriam Mehler – atriz de presença intensa e marcante nos palcos, participou dos seguintes espetáculos: *Cara e coroa* (atuação e interpretação), 1988; *De repente... No último verão* (tradução), 1989; *Doce privacidade: uma comédia perversa* (tradução e atuação), 1987; *A herdeira*, 1985; *Leito nupcial* (tradução e atuação), 1983; *Não explica que complica*, 1984; *Noite das mal dormidas*, 1983; *O tempo e a vida de Carlos e Carlos*, 1987; *Viva sem medo suas fantasias sexuais*, 1982.

Rosi Campos – a atriz, basicamente ligada a grupos, participou de nove montagens: *Cala a boca já morreu,* de 1981; *Círculo de cristal,* de 1983; *Foi bom, meu bem?,* de 1980-81; *Olha pra mim e me ama,* de 1988-89; *O próximo capítulo,* de 1984; *Teledeum,* de 1987-88; *Ubu pholias physicas, pataphysicas e musicaes,* de 1985-87; *Vem buscar-me que ainda sou teu,* de 1979-80; *Você vai ver o que você vai ver, de* 1989.

Irene Ravache – atriz consagrada pela televisão, sem nunca ter abandonado os palcos, participou de espetáculos que ficaram tempo significativo em cartaz: *Afinal, uma mulher de negócios,* de 1981; *Pato com laranja,* de 1980; *Tem um psicanalista em nossa cama,* de 1980-81; *Filhos do silêncio,* de 1982; *De braços abertos,* de 1984-85; *Uma relação tão delicada,* de 1989-90.

Ricardo Bandeira e Antônio Fagundes rivalizaram quanto à permanência em cena. Bandeira, com a peça *Todo mundo nu* (basicamente remontada

durante toda a década) fica a dever em quantidade e em permanência, quando comparado aos espetáculos apresentados pelo segundo. A *Morte acidental de um anarquista* foi remontado sete vezes, batendo todos os recordes de público e de bilheteria. Antônio Fagundes criou uma organizada e bem-sucedida companhia (que chegou a editar um jornal, com diversos tipos de matérias, com entrevistas e roteiro de espetáculos da cidade) e foi também convidado a participar da montagem de vários espetáculos: *O homem elefante,* de 1981-82*; O senhor dos cachorros,* de 1980*; Carmem com filtro,* de 1986-88*; Xandu Quaresma,* de 1984-87*; Fragmentos de um discurso amoroso,* de 1988-89*; Morte acidental de um anarquista,* de 1982-88*; Sinal de vida,* de 1979-80*; Cyrano de Bergerac,* de 1985*; Nostradamus,* de 1986-87*; O país dos elefantes,* de 1989*; Arte final,* de 1980. Consciente de seu empenho e obstinação, o ator-empresário Fagundes, corrigindo a fala de muitos de seus colegas, ratifica, em diversas fontes, ser de fato o ator que mais trabalharia na cidade de São Paulo. Por exemplo, em 1982, o ator participava da produção de um filme em São Paulo, outro no Rio de Janeiro, escrevia episódios para o seriado *Carga pesada,* participava da peça *Morte acidental de um anarquista,* e apresentava, na TV Cultura, os programas *É proibido colar* e *Telecurso 2º Grau.*

No processo de entrevistas, dentre outros belos momentos, assim referiu-se Ligia Cortez a seu pai, o ator Raul Cortez, cujos espetáculos apresentados durante a década aparecem na fala da atriz:

> Eu tenho uma enorme admiração por ele e por minha mãe [a atriz Célia Helena]. Impossível não falar do meu pai. Ele faz parte da história do teatro brasileiro. Em determinadas situações, ele fez coisa que os outros companheiros, vamos dizer assim, que montavam monólogos, espetáculos mais comerciais, jamais fariam. Quando montou *Rei Lear,* foi uma loucura. Sem dinheiro público, a não ser cessão do Teatro Sérgio Cardoso... Ele sempre, de uma forma ou de outra, se engajou em montagens muito importantes. Então, a história vai passar por ele, várias vezes. *Rasga coração*, de 1980-81; *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de 1986-87; *Ah! Mérica*, de 1985-86; *Amadeus*, de 1982-83; *Drácula*, de 1986; *Lobo de Ray Ban*, de 1987-88.

Dentre tantos outros, é preciso destacar: os "visualistas" J. C. Serroni (participou de 29 montagens) e Felippe Crescenti; as criadoras de tantas trilhas sonoras Tunica e Flávia Calabi; os homens de todos os instrumentos musicais Oswaldo Sperandio e Sérvulo Augusto; os maestros Paulo

Herculano e Júlio Medaglia. Dos criadores de músicas, arranjos e direções musicais, Wanderley Martins se destaca pelo fato de a criação musical e o palco serem seu lugar. O excelente músico participou, durante a década de: *1984, de pernas para o ar* (direção musical), 1985; *Bardo* (direção musical e preparação vocal), 1987; *Cala a boca já morreu* (atuação), 1982; *O camaleão* (criação das músicas e direção musical), 1985; *Carrossel russo* (direção musical), 1986; *Casa grande & Senzala* (atuação), 1980; *Divinas palavras* (músico), 1980; *Foi bom, meu bem?* (direção musical com Tato Fischer), 1981; *A ideia fixa* (direção musical), 1981; *Laços* (direção musical), 1983, 1984; *A lenda do Piuí* (direção musical), 1981; *Luz nas trevas* (direção musical e composição), 1984; *O meu guri* (direção musical), 1984; *O morto que morreu* (atuação), 1985; *Nasci pra ser biscate* (direção musical), 1983; *Os negros* (trilha sonora), 1989; *Oh, Calcutta!* (direção musical) 1984, 1985; *Romulus Magno* (atuação), 1984; *Rumores da província* (atuação), 1984; *Schweyk na 2ª Guerra Mundial* (adaptação das letras das músicas e atuação), 1985; *Tambores na noite* (direção musical e atuação), 1980, 1981; *Vem buscar-me que ainda sou teu* (direção musical e criação das músicas), 1979, 1980. Ainda é preciso mencionar: o saudoso e gênio das soluções para os problemas cenotécnicos e grande criador Arquimedes Ribeiro; o painelista e pintor de arte Juvenal Irene dos Santos; será que alguém na década (à exceção dos carnavalescos) desenhou tantos figurinos como Kalma Murtinho? É seguro não ter havido alguém que tenha traduzido e adaptado mais que Millôr Fernandes; o criador de tantos adereços Luis Rossi; Elifas Andreato, significativo artista gráfico, criou capas de muitos programas e belíssimos cartazes durante toda a década; é bastante difícil que alguém tenha iluminado mais espetáculos que Abel Kopanski e Davi de Brito; pouco provável que alguém tenha sido tão requisitada como a atriz, professora e profissional de voz quanto Maria do Carmo Bauer para orientar atores e atrizes do teatro profissional e amador.

O sempre festejado Nelson Rodrigues teve, durante a década de 1980, seus 17 textos teatrais montados, com os nomes originais ou mudados, na íntegra ou por intermédio de fragmentos. Ao todo foram 23 montagens. Do total apenas uma delas não se caracterizou em montagem paulistana, *Toda nudez será castigada*, apresentada na cidade de São Paulo, em 1987, dirigida por José Antônio Teodoro, apresentado pelo Grupo Delta de Londrina (Paraná). Do dramaturgo, foram montados *A falecida*, dirigido por Osmar Rodrigues Cruz, de 1979-80; *Anti-Nelson Rodrigues*, dirigido por Paulo Betti, de 1981-82; *A*

*serpente,* dirigido por Antonio Abujamra, de 1984-85; *Black is beautiful* (adaptado de *O anjo negro*) dirigido coletivamente pelo RR-I (Rugas e Remendos em Irreverência), de 1988; *Dorotéia*, dirigido (I) por Aziz Bajur, de 1980; (II) por Walmor Borges, de 1985; (III) por Sérgio Corrêa, de 1988; *Doze atos de Nelson Rodrigues* (fragmentos de diversos textos), dirigido por José Rubens Siqueira, de 1985; *Engraçadinha, seus amores, seus pecados* (de *Asfalto selvagem*), dirigido por Vivien Lando, de 1988; *Lapsos da sedução* (espetáculo com fragmentos de vários autores, dentre os quais Nelson Rodrigues), dirigido por Francisco Azevedo, de 1987; *Momentos do teatro brasileiro* (espetáculo com fragmentos de vários textos, dentre os quais *Vestido de noiva*), dirigido por Miguel Falabella, de 1988; *Nelson 2 Rodrigues* (a partir de *Toda nudez será castigada* e *Álbum de família*), dirigido por Antunes Filho, de 1984; *Nelson Rodrigues, o eterno retorno* (a partir de *Toda nudez será castigada, Os sete gatinhos, Beijo no asfalto* e *Álbum de família*), dirigido por Antunes Filho, de 1988; *O magnífico reacionário* (espetáculo com fragmentos de vários autores, dentre os quais Nelson Rodrigues), dirigido por Malu Pessin, Antônio Dantas e Domingos Fuschini, de 1981; *Paraíso zona norte* (a partir de *A falecida* e *Os sete gatinhos*), dirigido por Antunes Filho, de 1989-90; *Perdoa-me por me traíres,* dirigido por Antônio do Valle, de 1985; *Senhora dos afogados*, dirigido por Silvia Poggetti, de 1987; *Toda nudez será castigada*, dirigido por José Antônio Teodoro, de 1987; *Valsa número 6,* dirigido: (I) por Paulo Yutaka, de 1983; (II) por Luiz Amorim, de 1989; *Vestido de noiva,* dirigido por Marcio Aurelio, de 1987-88; *Viúva, porém honesta*, dirigido: (I) por Roberto Lage, de 1983; (II) por Eduardo Tolentino de Araújo, de 1987.

Em outro espectro de preocupação e de construção dramatúrgica, com obras reveladoras e denunciadoras da realidade social, injusta, predatória e perversa da sociedade brasileira e envolvido em 18 montagens diferentes, aparece o excepcional autor, pouco festejado e divulgado pela grande imprensa, Plínio Marcos. O autor, nascido em Santos, inicia sua carreira na década de 1950. Esteve envolvido, na década de 1980, nos seguintes eventos e espetáculos: *A mancha roxa,* dirigida por Leo Lama, de 1989; participação em colagem de textos do *Aquilo, isto ou aquilo mesmo*, direção Francisco Azevedo, de 1986; *Balada de um palhaço,* direção Odavlas Petti, de 1986; *Barrela,* direção do autor com Renato Consorte, de 1980; *Dois perdidos numa noite suja* (I) direção de Thanah Correa, de 1980 e (II) direção de Fauzi Arap, de 1987; *Jesus homem* (I) direção do autor, de 1980-81 e (II) direção de Reinaldo Maia, de 1989; *Mme.*

*Blavatsky,* direção Jorge Takla, de 1985; *Navalha na carne* (I) direção Emílio Di Biasi, de 1980 e (II) direção de Emílio Fontana, de 1988; *O palhaço repete seu discurso, show*-palestra com o autor, de 1983-84; *O abajur lilás*, direção de Fauzi Arap, de 1980; *Os bichos da goiaba em adolescentes descrentes*, direção e atuação, de 1987; *Plínio Marcos, mesmo, show*-palestra, de 1988; *Quando as máquinas param* (I) direção Amauri Alvarez, de 1981 e (II) direção Roberto Rocco, de 1985.

João Bethencourt, comediógrafo húngaro, radicado no Rio de Janeiro, bastante saudado pelo público frequentador do teatro comercial, esteve envolvido na cidade de São Paulo com os seguintes espetáculos: *A divina Sarah* de John Murrell (tradução e direção), de 1985; *A feira de adultério*, obra coletiva produzida a partir de textos de vários autores, de 1986; *Amante sociedade anônima* de John Chapmann (adaptação), de 1984; autor de *A venerável Mme. Gouneau*, de 1981; autor de *Bonifácio Bulhões*, de 1986; *Camas redondas, casais quadrados* de John Chapmann e Ray Conner (adaptação), de 1982-83; autor de *Como matar um play boy* (ou *Como eliminar o marido*), de 1983; autor de *Festival de ladrões,* de 1986; autor de *O amante descartável*, de 1988; autor de *O dia em que Alfredo virou a mão,* de 1985; autor de *O dia em que raptaram o papa,* duas montagens: de 1981 e 1988; autor de *Onde não houver um inimigo urge criar um,* duas montagens: de 1981 e 1982; autor de *Sigilo bancário,* de 1989; autor de *Tem um psicanalista em nossa cama,* de 1980-81; *Viva sem medo suas fantasias sexuais* de John Tobias (adaptação), de 1982. O comediógrafo, como homem de teatro, participou de 17 espetáculos, 12 deles com textos de sua autoria.

Luís Alberto de Abreu – autor que basicamente surge na década – teve montados dez de seus textos, todos escritos no período e apresentados com sucesso, o que numérica e qualitativamente é muito significativo: *Bella ciao*, direção de Roberto Vignati, de 1982-84; *Cala boca já morreu* (I) direção de Ednaldo Freire, de 1982 e (II) Carlos Eduardo Rabetti, de 1987; *Círculo de cristal*, direção de João das Neves, de 1983; *E morrem as florestas* escrito com Kaj Nissen, de 1986; *Foi bom, meu bem?*, direção Ewerton de Castro, de 1980-81; *Ladrão de mulher*, direção Calixto de Inhamus, de 1987; *O rei do riso*, direção Osmar Rodrigues Cruz, de 1987; *Rosa de Cabriúna*, direção de Márcia Medina, de 1986; *Sai da frente que atrás vem gente* (I) direção de Mario Masetti, de 1984 e (II) direção de Roberto Barbosa, de 1984; *Xica da Silva*, direção de Antunes Filho, de 1988.

Vale destacar também ter sido bastante montado o dramaturgo, pesquisador e diretor Carlos Alberto Soffredini, cujos primeiros textos, ligados à tradição popular, surgem na década de 1970, que bastante influenciou Luís Alberto de Abreu. De Soffredini, que inicia a década com um grande sucesso, de 1979, *Na carrêra do Divino*, dirigido por Paulo Betti, foram montados os seguintes textos: *Dercy beaucoup,* com direção da atriz-comediante, de 1980-81*; Dercy vem aí*, de 1982; *Essa tal de Mafalda quem diria terminou numa terça-feira de carnaval,* direção João Albano, de 1980; *Mais quero asno que me carregue do que cavalo que me derrube* (I) direção de Ednaldo Freire, de 1985 e (II) direção do autor, de 1985; *Minha nossa* (I) direção do Grupo Mambembe, de 1984 e (II) direção do autor, de 1986; *Na carrera do divino*, segunda montagem com direção do autor, de 1987; *O guarani,* direção de Luiz Otávio Burnier, de 1986*; Pássaro do poente,* direção Marcio Aurelio, de 1988; *Vem buscar-me que ainda sou teu* (I) direção Iacov Hillel, de 1980 e (II) direção de Gabriel Villela, de 1986. Abreu e Soffredini, com preocupações formais bastante semelhantes, tiveram dezoito textos montados, em 24 produções diferentes. Este dado é expressivo, pelo fato de os expedientes caracterizadores dos dois autores terem como "berço e pátria" ou "régua e compasso" o teatro épico e o popular.

Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Luís Alberto de Abreu e Carlos Alberto Soffredini têm interesses e produções dramatúrgicas opostas, divergentes. Superando em número a produção dos dramaturgos, e inserido rigorosamente em teatro comercial, tão obstinado e trabalhador quanto Roberto Lage, Ronaldo Ciambroni, pelas fontes pesquisadas, esteve envolvido em 21 montagens. Como autor foram elas: *Ana, seduzida e abandonada* (atuação), de 1988; *A revista em revista* com Aron Aron, de 1988; *A saga das japonesas,* de 1983; *As filhas da mãe* (atuação), de 1985-86; *As moças do segundo andar,* de 1982; *CVV, boa noite,* de 1985-86; *De artista e louco todo mundo tem um pouco* (atuação), de 1989; *Delícias de um descasado,* de 1984; *Deu a louca no saloon* (direção), de 1983; *Doce fascínio,* de 1986; *Donana* (atuação), de 1980; *Nua na plateia,* de 1989; *O gordo e o magro,* de 1988; *Os órfãos de James Dean* com Cristina Marques, de 1989; *Romeu e Romeu,* de 1985-86; *Tem caviar na feijoada,* de 1989; *Terezinha de Jesus* (atuação), de 1980; *Uma certa Carmem* (atuação), de 1982. Atuou em *Blue jeans* de Zeno Wilde e Wanderley A. Bragança, de 1981; traduziu com Celso Batista *Boys meets boy*, de Bil Solly e Donald Ward de 1987; dirigiu *Caso sério* de Renato Kramer, de 1983.

Outro nome a ser destacado durante a década é Renata Pallottini, poeta, tradutora, dramaturga e professora. A artista desenvolveu uma atividade artística intensa no concernente à área dramatúrgica e esteve envolvida com os seguintes espetáculos: *Ah! Mérica*, de 1985-86, poemas; *Bocas da cidade*, texto montado em evento organizado por Nery Gomide no *Movimento Zero Hora*, 1980; *Caminho que fazem Darro e Genil até o mar*, de 1986; tradução de *Divinas palavras*, espetáculos montados em 1980 e 1986; poesias com outras poetizas em *Fala poesia*, de 1981; tradução de *Lulu, a caixa de pandora*, de 1986; *O amigo invisível inimigo*, de 1987; tradução e adaptação de *O camaleão*, de 1985; *O crime da cabra*, de 1985; *O país do sol*, de 1982; *Pedro Pedreiro*, de 1986; *Rodinete*, de 1989; tradução de *Simón*, de 1984; tradução de *Topografia de um desnudo, de* 1986.

Fazendo "concorrência" ao autor brasileiro, os dois dramaturgos mais montados nessa década de tantos contrastes foram o alemão Bertolt Brecht e o irlandês de expressão francesa Samuel Beckett. De Bertolt Brecht foram montados 31 espetáculos, compreendendo textos do autor, poemas, fragmentos de obras apenas do autor e colagens de textos e poemas do autor e outros. Os textos foram *A mãe, alma da revolução*, de 1987; *Antígona*, de 1986; *A vida de Galileu*, de 1989; *Happy-end*, de 1981 e 1986-87; *Horácios e Curiáceos*, de 1986; *Luz nas trevas*, de 1984; *Mahagonny*, de 1982-84; *Não é, Ana?*, de *Os sete pecados capitais*, de 1988; *O acordo*, de 1987; *O casamento do pequeno burguês*, de 1981; *O jogo de Baden-Baden*, de 1986; *O que mantém um homem vivo*, de 1982-83; *Os fuzis da Sra. Carrar*, de 1980 e 1987); *Schweyk na 2ª Guerra Mundial*, de 1985; *Tambores da noite*, de 1980; *Voo sobre o oceano*, de 1986. De poemas e fragmentos de obras de Brecht foram apresentados *A velha dama indigna*, de 1988; *Balada Brecht*, de 1987-88; *Brotos de Brecht*, de 1986; *Creme da Lua*, com fragmentos de obras de Harold Pinter, de 1987; *E ponha o tédio no ó*, com fragmentos de poemas de Carlos Drummond de Andrade, de 1989; *O lírio do inferno*, de 1982 e 1985; *Marginais de luxo. Lado escuro*, de 1986; *Nuance de voz*, com fragmentos de textos de Pirandello e outros autores, de 1988; *Teatro do Ornitorrinco canta Brecht e Weill*, de 1982.

Evidentemente, para quem "não gosta" ou faz restrições ao teatro épico, seja em perspectiva brechtiana ou mesmo narrativo-teatralista, inserido em proposição e interesses populares, a década de 1980 em São Paulo, teatralmente falando, não deve ter sido muito boa mesmo, tendo em vista os autores mais montados pelos artistas na cidade.

Entretanto, fundamentado em outras preocupações e procedimentos estéticos – diferenciados daqueles de Luís Alberto de Abreu, Carlos Alberto Soffredini e mesmo Bertolt Brecht, mas não de modo paradoxal – de Samuel Beckett foram apresentados 15 diferentes textos em 17 espetáculos: *Fim de jogo,* direção Antônio do Valle, de 1980-81; *Esperando Godot* (I) direção Tom Mazza, de 1982; (II) direção de Antonio Abujamra, de 1985; e (III) direção de Francesco Zigrino, de 1985; *A última gravação* (I) direção Eric Podor, de 1983, e (II) direção Iacov Hillel, de 1988-89; *A última fita* (com textos de outros autores), direção Stephan Dosse, de 1984; *Ato sem palavras* (I) direção Bosco Brasil (projeto *Beckett 80 anos*), de 1986 e (II) direção Selma Bustamante e Laurent Mattalia, de 1988; *A última gravação de Beckett,* texto e direção Luiz Roberto Lopreto, de 1986; *Dias felizes,* direção Luiz Roberto Lopreto (projeto *Beckett 80 anos*), de 1986; *Improptu,* direção Rubens Rusche, de 1987; *Katastrophé* – com os textos: *Eu não; Comédia; Cadeira de balanço; Catástrofe,* direção Rubens Rusche, de 1986; *Improptu* – com os textos: *Vaivém; Passos; O que onde?; O improviso de Ohio,* direção Rubens Rusche, de 1986; *Circo mínimo* – junção de textos de Beckett e de Karl Valentin, direção Eduardo Amos, de 1987; *Beckett sem palavras* – com os textos: *Ato sem palavras I e Ato sem palavras II*, direção Selma Bustamante e Laurent Mattalia, 1989; *Observatório* com textos de Beckett e outros, direção Elisabeth Lopes, de 1989.

Ainda na cidade de São Paulo, de acordo com as fontes consultadas, o outro autor estrangeiro mais montado na cidade foi o comediógrafo italiano Dario Fo. Durante a década foram montados os seguintes textos do autor (muitos deles de significativo sucesso): *A tigresa*, de 1985*; Brincando em cima daquilo* de 1985*; Mistério bufo* de 1989*; Morte acidental de um anarquista,* de 1982-88*; Partes femininas,* de 1989*; Pegue e não pague,* de 1981-83*; Um casal aberto ma non troppo,* de 1985*; Um casal do barulho,* de 1989*; Um orgasmo adulto foge do zoológico,* de 1984. Apesar de o número de montagens com o nome do dramaturgo Tennessee Williams ser maior (12), textos de autoria exclusiva do autor foram apenas seis. Do autor norte-americano foram montados *A ermo*, envolvendo outros autores, de 1987; *À margem da vida,* de 1988; *A menor dor,* com outros fragmentos de textos, de 1989; *A noite dos cabelos com flores,* com outros fragmentos de textos, de 1986; *Aquilo, isto ou aquilo mesmo,* com outros fragmentos de textos, de 1986; *Cat on a Hot Tin Roof,* de 1986; *De repente... no último verão,* de 1989; *Fraulein Grädiges,* de 1987; *Lapsos de sedução,* com outros fragmentos de textos, de 1987; *Nuance de voz,* de 1988;

*Será que já nos conhecemos?,* com outros fragmentos de textos, de 1988; *Vagões de algodão,* de 1988.

Para aqueles que gostam de bom teatro, independentemente de várias diferenças, há certa coerência entre os dois extremos dramatúrgicos mais montados na cidade de São Paulo. Nelson Rodrigues e Bertolt Brecht; Plínio Marcos e Samuel Beckett – a dramaturgia de cada um deles, seja classificada como catastrófica ou construída por contrastes patológicos, seja denunciadora das injustiças sociais e explicitamente política (mesmo aquela produzida antes da década de 1980), deixa como legado principalmente o trabalho com o épico carregado por uma brasilidade atenta à vida social, eivada por uma esperança, consciência de trabalho que se constrói em processo de andança, tentando se perceber e se somar a outros.

Salvo engano, são autores que iniciam ou têm suas carreiras "deslanchadas" na década de 1980: Alcides Nogueira; Bosco Brasil (Gianni Ratto, em entrevista a mim concedida, em 2004, afirma que se nada interferisse em sua trajetória o autor estaria entre os mais importantes dramaturgos do país); Enemir Franco; Fernando Popoff; Hamilton Vaz Pereira (em carreira solo); Leo Lama; Luís Alberto de Abreu (já mencionado); Marcelo Rubens Paiva; Marta Góes; Miguel Ângelo Filiage; Noemi Marinho; Pato Papaterra; Walcyr Carrasco; Zeno Wilde.

A classe trabalhadora – com questões sempre urgentes e bastante infensas às especulações de natureza metafísica e intersubjetiva – tem tido sua "entrada barrada" nos palcos do teatro comercial desde sempre. Na década de 1980 não houve diferença nesse processo de exclusão; entretanto, tomando personagens e assuntos ligados à classe trabalhadora (sem levar em conta as obras de Bertolt Brecht como, por exemplo, *Os fuzis da Senhora Carrar* que discute a "alienação de gente pobre"), da dramaturgia apresentada no início da década podem ser destacados, dentre outros, os textos *A ferro e fogo,* de 1981-82; *A gaiola – vida e sonhos e lutas da nossa classe operária,* de 1980; *Cala boca já morreu,* 1982, 1987; *Fábrica,* de 1979-80; *Em defesa do companheiro Gigi Damiani,* de 1980-81.

Além dos já mencionados autores, na década de 1980 muitos textos coletivos foram criados por conjuntos de artistas ligados a grupos teatrais, com produções importantes. Dentre esses grupos podem ser destacados Asdrúbal Trouxe o Trombone; Centro de Pesquisa Teatral (CPT); Engenho; Grupo Mamão de Corda; Grupo Teatro Circo Alegria dos Pobres; Harpias e Ogros; Pod Minoga;

Ponkã; Teatro Popular União e Olho Vivo (Tuov); Truques, Traquejo e Teatro; XPTO. É difícil precisar o número de obras montadas dentro da proposição colaborativa, por conta de as informações ligadas a esse tipo de processo dificilmente serem apresentadas nas fontes jornalísticas. Experiências com colagens de textos foram apresentadas também em número expressivo. Dentre os autores mais montados neste procedimento criativo podem ser destacados Cora Coralina, Fernando Pessoa, Qorpo Santo, os tragediógrafos da Antiguidade clássica grega, William Shakespeare e outros. Os textos do poeta espanhol Federico García Lorca alimentaram os seguintes espetáculos: *Andaluz,* de 1988; *Arabesco Lorqueano,* de 1986; *Choro Lorca,* de 1986; *Os amores de Lorca,* de 1983; *Federico gitano,* de 1986; *Homenagem a Flávio Império e Momentos de García Lorca,* de 1985; *Lapsos de sedução* (com outros autores), de 1987; *Quimera García Lorca,* de 1985.

Das obras literárias adaptadas para a linguagem teatral, é bastante surpreendente o fato de a insistentemente dita hermética, Clarice Lispector, ter seus textos adaptados em 11 espetáculos diferentes. Foram eles: *A esmo* (com outros autores), direção Ilder Miranda Costa, de 1987; *A hora da estrela*, direção Carlos Caetano, de 1980; *A paixão segundo G. H.,* direção Cibele Forjaz, de 1989; *Aquilo, isto ou aquilo mesmo* (com outros autores), direção Francisco Azevedo, de 1986; *Clarice*, direção Antônio Silveira, de 1989; *Esboço, um chá para Clarice,* direção Carlos Gardim, de 1987-88; *Exercício ou A imitação da rosa*, direção Clauss Teixeira, de 1989; *Lenta valsa de morrer* (vários autores), direção Luciano Alabarse, de 1987; *Nuance de voz* (com outros autores), direção Francisco Azevedo, de 1987-88; *Um sopro de vida*, direção José Possi Neto, de 1980; *Uma estrela Clarice,* direção Armando Azzari, de 1987. De todos os espetáculos apresentados na cidade, tomando obras de Clarice Lispector, apenas um deles foi montado por uma diretora e protagonizado, em espetáculo solo, por Marilena Ansaldi.

Mesmo que o número de obras de textos estrangeiros montados na década tenha sido grande, a mais conhecida obra de Roberto Athayde, o monólogo *Apareceu a Margarida* – criada na década anterior e retumbante sucesso pelo tema e modo peculiar de organização do assunto do texto e também pela interpretação de Marília Pêra – foi a obra brasileira mais montada, com cinco encenações profissionais diferentes. Em princípio, pelo menos dois motivos parecem confluir para tantas montagens. O primeiro deles diz respeito ao desafiante texto: Athayde apresenta a neurose, o autoritarismo, o desequilí-

brio psicológico, sobretudo sexual, de uma antiga professora primária: Dona Margarida, como a personagem insiste e gosta de ser chamada. A professora representa uma espécie de alegoria do regime autoritário, oscilando entre um contundente autoritarismo, cujo paroxismo pode ser encontrado no governo do general Emílio Garrastazu Médici e prenúncios de certa abertura e sedução cooptante dos alunos (população brasileira – aquela com acesso à escola, claro). Com domínio precário dos conteúdos a serem ministrados, oscilando entre a repressão explícita e certa sedução, Dona Margarida, mesmo eivada por contumaz reacionarismo – de certa forma, colaboracionismo em relação ao sistema que vivia –, caracteriza-se em ícone de resistência e de contraposição ao regime autoritário que, de modos mais e menos explícitos, atravessou as duas décadas: a de 1970 e a de 1980. Para concluir, como foi bastante comum o trânsito com os expedientes épicos – nesse caso, era necessário atingir e provocar diretamente a plateia –, trata-se de uma professora desequilibrada ministrando uma aula a seus alunos, "presentificados" na plateia. O estratagema de Roberto Athayde continuava a funcionar e se mostrava bastante eficaz também para a década de 1980. Aliado a tudo isso, tratava-se de um monólogo: um texto que, em tese, solicitava uma atriz e poucos adereços, tornando assim o investimento e o risco pequenos.

O texto estrangeiro mais montado, também com cinco apresentações, foi de Samuel Beckett. A obra aparece como *A última fita* (quatro montagens) e *A última gravação.* Trata-se, assim como *Apareceu a Margarida,* de um monólogo em que um velho "dialoga consigo mesmo" com gravação feita de si mesmo em período anterior ao tempo da obra, rememorando acontecimentos.

Os chamados grandes espetáculos jamais deixaram de ser apresentados no Brasil, aproveitando-se aqui da chancela de sucesso dos grandes centros hegemônicos culturais: *O homem de la mancha, Hair, Jesus Cristo superstar, Piaf, Cabaré* e tantos outros, ao serem remontados por aqui, de certo modo, ganhavam mais e menos tonalidades ou singularidades ditas tropicais. Entretanto, como certa tendência imposta, concordam principalmente os produtores em montar determinados sucessos de bilheteria e de público desde que a partitura original de encenação fosse cumprida à risca (que entre os iniciados são chamados "espetáculos com planta baixa definida"). Muitas obras passam a vir com uma espécie de manual de montagem (algo próximo à condição de *prêt-à-porter* ou *ready-made*), no sentido de tentar garantir certa qualidade assemelhada àquela dos países hegemônicos. Produto de entretenimento e

com planejamento de mercado, naturalmente abocanhando bons espaços de representação, investimentos e com cobertura publicitária garantida por parte da grande imprensa, na década de 1980 foram apresentados espetáculos cujo encantamento daqui aproximava-se muito ao encantamento de lá (dos grandes centros de produção), como *Aí vem o dilúvio; A chorus line; Evita; Oh, Calcutta!*

Enfim, há processos de pesquisa dos espetáculos de sucesso em cartaz na Broadway (e não são poucos os produtores, atores e atrizes de certo teatro a fazer esta sondagem de mercado), muitos foram os sujeitos, compreendendo um número razoável a trabalhar muito nessas viagens em busca de produtos mais lucrativos, de sucesso garantido. Ao mesmo tempo, ao contrário desse fluxo, espalhado pelas ruas e praças, nas casas de espetáculos, nas salas de escolas profissionalizantes de atores, nas universidades de artes cênicas, tantos atores, profissionais e amadores fizeram teatro, e dessas ações pouco se sabe. Parafraseando, de certa forma, verso de música popular: Muito falta para o Brasil conhecer o Brasil.

A década de 1980 na cidade de São Paulo, não se pode deixar de mencionar, representou um curto período de tempo para as experimentações de Luiz Roberto Galizia (1951-1985), década das primeiras experiências de Renato Cohen (1957-2006), década em que Myriam Muniz (1931-2004) trabalhou com muitos jovens e iniciantes em inúmeros cursos abertos e livres, trocando seus conhecimentos, apreensões de vida e concepções estéticas; década em que Lélia Abramo (1914-2004) participou de seu último espetáculo na cidade de São Paulo;[2] década em que a pioneira do chamado teatro-dança,[3] em plagas paulistanas, Marilena Ansaldi, reapresentou muitos trabalhos e criou outros tantos. A bailarina-atriz apresentou *A paixão segundo G.H.*, de 1989; *Escuta Zé*, de 1981; *Geni*, de 1980; *Grand finalle*, de 1985; *Hamletmachine*, de 1988; *Jogo de cintura*, de 1982; *Picasso e eu*, de 1982; *Se*, de 1984; *Um sopro de vida*, de 1979-80. Além disso, coreografou *Dona Flor e seus dois maridos*, de

2 Trata-se de *Os espectros*, de H. Ibsen, dirigido por Emílio Di Biasi, espetáculo apresentado em 1985, no Teatro Domus. Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, a atriz fez a personagem-título da obra *A mãe*, de Bertolt Brecht, dirigida por João das Neves, que lamentavelmente não chegou a ser apresentada nos palcos da cidade paulistana.

3 No sentido de aparar algumas arestas, o conceito de teatro-dança refere-se a uma forma híbrida que mistura o teatro e a dança de modo harmonioso, mas repleto de contradições e contraposições. Ocorre nessa simbiose uma subjetivação do teatro e tentativas de objetivação da dança.

1985 e *Oh, Calcutta!,* de 1986. Foi década de possibilidade de apresentação e de experimentação da grande mímica e atriz Denise Stoklos. A atriz, que participou de muitas montagens, se consagrou por intermédio dos seguintes espetáculos: *Denise Stoklos – show de mímica,* de 1981; *Briga de foice,* de 1985; *Elis – se eu quiser falar com Deus,* de 1983; *Elis aniversário,* de 1986; *Julíada,* de 1987; *Maldição,* de 1983; *Mary Stuart,* de 1987; *Momentos malditos,* de 1983; *O Hamleto,* de 1985; *O rei devasso,* de 1984; *Um orgasmo adulto foge do zoológico,* de 1984.

De modo bastante parecido ao que se vive na primeira década do século XXI, tantos eram os espetáculos que não era possível assistir a todos eles. Necessário fazer uma opção. Assim, como qualquer outra época, a década apresentou muitas coisas boas e outras nem tanto, mas, no geral e no particular, mostrou o modo como homens e mulheres pensavam, se relacionavam, sonhavam e partilhavam suas vidas.

# 3
# Processos de memória de uma pesquisa

*Nada nos é estrangeiro porque tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro.*
*Imagens do Brasil*, Paulo Emílio Salles Gomes

*Sabemos bem – hélas – que a vertigem desta era tecnológica transfigura a cada dia os meios onde se inscreve a informação. Seriam outros, hoje, os recursos adequados para o registro da manifestação cênica. É preciso apressar o passo. No entanto a atitude investigativa de rever as fontes, de observar o percurso que, entre o projeto e a obra é mediado por um modo de produção histórico, deixa aberto um lugar para a atualização. Do mesmo modo, os grupos de criação coletiva reservaram uma clareira para que, sob a forma de improviso, o espetáculo assimilasse o momento presente.*

*Grupos teatrais – anos 70, prefácio,*
Mariangela Alves de Lima

O material aqui apresentado (2.042 fichas técnicas de peças teatrais adultas colocadas em cena na cidade de São Paulo na década de 1980) corresponde ao processo de pesquisa cujas referências foram, primeiramente, coletadas no

jornal *O Estado de S. Paulo* e na Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo – Arquivo Multimeios (antigo Idart), de março a agosto de 2006. Em setembro, cotejou-se este levantamento com os dos *Anuários de Artes Cênicas* à disposição no mesmo setor, processo finalizado, em sua primeira etapa, em 14 de dezembro de 2007.

Na quase totalidade das introduções dos Anuários elaborados pela equipe de pesquisa em artes cênicas da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo, escritas por vários pesquisadores, como Maria Thereza Vargas, Sílvia Fernandes, Heloisa Margarido Sales, Maria Lúcia Pereira e Mauro Meiches, foram consultados *releases* dos grupos, os jornais *O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Folha da Tarde*, e as revistas *IstoÉ/Senhor e Veja*. Apesar de serem praticamente oito modalidades diferentes de fontes consultadas, é marcante a falta de informações acerca de certos espetáculos em cartaz a partir de 1986. Os roteiros de teatro que em certas ocasiões ofereceram inúmeros dados sobre a obra, a partir da década de 1980, passaram a apresentar apenas o título e uma ou outra informação. Datas de estreia e de encerramento ficaram impossíveis de ser recuperadas.

O material coletado caracteriza-se no que se pode chamar de discurso sobre a produção teatral, comentando aquilo que já aparece nos veículos de imprensa. Trata-se de obra restrita, repleta de lacunas e construída a partir de um processo cujas fontes, também lacunares, apresentam uma seleção rigorosamente tendenciosa pelos interesses de editores, de jornalistas, pela dimensão do roteiro do dia, pelo provável sistema de rodízio dos espetáculos, sem critérios mais verificáveis e tantas outras variáveis. Assim, nenhum jornal e nem mesmo publicações especializadas cobrem sequer o chamado circuito comercial.

Para desenvolver a pesquisa, foi escolhida como primeira fonte o jornal *O Estado de S. Paulo*. Esta escolha destinava-se, inicialmente, a rastrear apenas as críticas de Mariangela Alves de Lima, de 1980 a 1989, tendo em vista a importância e respeito ao objeto de análise escolhido, que é tanto a linguagem teatral quanto o espetáculo ao longo da década, e nas outras que se seguiram, sempre no mesmo jornal. Mariangela Alves de Lima[1] demonstra, ao longo de mais de 35 anos de trabalho, coerência surpreendente. Síntese, coesão, elegân-

1 Formada pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com habilitação em Crítica Teatral, Mariangela dá início ao seu trabalho como crítica em janeiro de 1970, no jornal *O Estado de S. Paulo,* instituição em que permanece até hoje. Para mais informações cf. *Anuário de Teatro de Grupo da cidade de São Paulo*, 2006.

cia, sutileza e moderação no uso de adjetivos, além de escopo conceitual têm constituído seu exercício e experiência críticas, características que se mativeram ao longo dos anos, apesar da crescente diminuição no espaço destinado a esse fazer, sobretudo no jornal diário e mesmo com relação à própria função que o trabalho crítico já havia representado naquele jornal.

Para apresentar apenas um exemplo de expressivo procedimento que pauta a divulgação dos espetáculos, há uma matéria de quase um terço de página, com fotografia central de Malu Mader em espetáculo com estreia prevista para março do ano seguinte. Assinada por Edmar Pereira, a matéria apresenta, por entre divulgação de várias outras obras, frases eivadas por um demolidor senso comum, expressões apologéticas, chavões mercadológicos e simplistas, comparações, como

> *The show must go on*: apesar da crise, da incerteza, de todos os medos, o teatro não vai parar em 89. Mas vai ter muito cuidado. [...] O sonho da maioria dos profissionais do palco [sem explicitar a que maioria se refere] é uma peça para poucos personagens, com um cenário leve e fácil de ser transportado, que permita a recuperação em turnês do investimento que o público da capital não conseguir transformar em lucro [portanto, fala naquilo que se designa teatro-mercadoria – obra cujo interesse econômico supera qualquer outro]. (Pereira, 1988, p.19)

Acerca do valor do ingresso: "Imagine-se que na Broadway nova-iorquina ou no londrino *West End* o preço de um ingresso varia de 40 a 50 dólares. Em São Paulo [...] não chegaram a cinco dólares – menos do que o preço médio dos cinemas nos Estados Unidos e Europa". "Paulo Autran, o mais reverenciado ator brasileiro [...] um *one-man-show*." "*Cerimônia do Adeus*, o lindo (especialmente no primeiro ato) texto de Mauro Rasi." "[...] a grande Fernanda Montenegro mudou seus planos." "O mais inteligente e refinado humor brasileiro, o que leva a *griffe* de Jô Soares." "Março é também o mês em que a musa nacional Malu Mader escolheu para estrear no teatro paulista." Ainda em relação a março: "O mês não precisava de mais nada para tornar-se referência obrigatória de todo espectador, mas ainda teve a sorte de ser escolhido por Marília Pêra para seu retorno a São Paulo." "Tônia Carrero troca o Rio por São Paulo em abril, para estrear *Zelda*, outro *one-woman-show*." (ibidem)

Paralelamente à coleta de informações, iniciei as entrevistas com colaboradores que viveram, produziram artística e conceitualmente no período e que

assistiram aos espetáculos durante a década, para estabelecer, de acordo com as proposições e terminologias do Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo, o chamado "ponto zero".[2] Nesse período, foram colaboradores, com registro em áudio e vídeo, o professor e crítico Clovis Garcia, o diretor Ednaldo Freire, o diretor e cenógrafo Gianni Ratto, a pesquisadora Iná Camargo Costa, a atriz Lizette Negreiros, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, a jornalista e ativista cultural Márcia Dutra, a crítica teatral Mariangela Alves de Lima, o diretor Roberto Lage e o pesquisador Sebastião Milaré. Em tese, tais nomes foram escolhidos pela representatividade e pela atuação em diversas áreas da produção teatral. Posteriormente, por se caracterizarem em objetos de aprofundamento da pesquisa, foram incluídos César Vieira (Idibal Pivetta) e Graciela Rodriguez, do Teatro Popular União e Olho Vivo (Tuov), com registro em áudio e vídeo nos quatro encontros; Luiz Carlos Moreira e Irací Tomiatto, do Engenho, com registro apenas em áudio nos três encontros. Também, com registro apenas em áudio, foram colaboradores o espectador José Cetra Filho, a atriz Lígia Cortez e Robson Camargo (atualmente professor na Universidade Federal de Goiânia).

Durante as entrevistas, alguns colaboradores tiveram dificuldade com o processo exigido pelo exercício mnemônico. A memória, como mecanismo dialético, compreende os embates entre o lembrar e o esquecer – tendo em vista, entre outras, as contribuições de Le Goff (2003), Huyssen (2000) e de Halbwachs (1990) a esse respeito, nem sempre se cumpria, como alargamento das fronteiras do presente. Ainda de acordo com as teses de Halbwachs, mesmo que a sociedade venha mudando permanentemente, sua "essência" permanece idêntica à sua raiz. Talvez pelo fato de a memória ser revivida e refeita pelo presente, o discurso da preservação da identidade se faça no interior da concretude do desenvolvimento do próprio sistema, inclusive político, que o gerou. De certa e analógica forma, com Manuel de Barros, esse processo se aproxima das imagens poéticas de *Comparamento*:

2 Ponto zero corresponde ao indivíduo, ou conjunto de indivíduos, que ajuda a descortinar um determinado assunto que se quer investigar. Dessa forma, normalmente por intermédio de processo de entrevista, o "ponto zero", por ter vivido, por conhecer bastante um assunto, é de fundamental importância tanto para trazer à tona quanto para estabelecer certos nexos daquilo que se vai pesquisar. Acerca do NEHO e terminologias conceituais utilizadas em história oral, cf. Meihy, 2002 e 2004.

> Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
> folhas secas, penas de urubu
> E demais trombolhos.
> Seria como o percurso de uma palavra antes de chegar ao poema.
> As palavras, na viagem para o poema, recebem
> nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.
> E demais escorralhas.
> As palavras se sujam de nós na viagem.
> Mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas.
> E livres das tripas do nosso espírito. (Barros, 2000, p.57)

Eivada por subjetividades que compreendiam a lembrança da produção teatral, a memória dos colaboradores turvava-se inúmeras vezes, apresentando-se a partir de um embate em que o esforço objetivo resvalava em subjetividades intensificadas. Tanto maior transformava-se o esforço e a luta contra a subjetividade quando o objeto-referência vinha carregado por gostares e não gostares, absolutamente distintos. Nomes de artistas, de espetáculos e anos de suas apresentações embaralhavam-se. Desse modo, urgia mudar a estratégia. Era necessário organizar e conhecer pelo menos boa parte da produção teatral montada e apresentada na cidade, para ajudar, se necessário, os colaboradores. Interrompi, então, o processo de entrevistas para pesquisar a produção da década e conscientizar-me daquilo que houvesse sido registrado e de eventuais omissões, pelo levantamento sistemático dessa produção. A Divisão de Pesquisas, principalmente pela guarda de arquivos preciosos – cartazes, programas, documentos sonoros e visuais –, era um dos espaços em que poderia ter acesso à produção que interessava e a outras formas de documentação, em seus arquivos.

No Arquivo Multimeios havia anuários referentes à produção teatral na cidade de São Paulo, de 1980 e 1981 (esgotados), e sem possibilidade de empréstimo ou de doação. Segundo informações de técnicos e da diretora do setor, na ocasião, Vera Achatkin, não havia nenhuma possibilidade de reedição do material. Era preciso, portanto, consultar o material no próprio setor. De 1982 a 1989 havia um levantamento produzido pelos técnicos, em incontáveis laudas, guardadas em pastas A-Z, nem sempre revisadas, sobretudo no concernente à grafia de nomes de artistas, datas de apresentação e títulos de espetáculos. Apesar da escassez de tempo, o levantamento dessas fontes empíricas tornava-se absolutamente urgente e necessário. Percebi, ao desenvolver a

pesquisa, que as informações coletadas no jornal *O Estado de S. Paulo* e as dos anuários não seriam suficientes. Para preencher as lacunas, ampliei as fontes e acrescentei ao processo de consulta *releases* de grupos de teatro e programas de espetáculos.

Ao longo do processo de pesquisa, o contato com o material trouxe à tona nomes de vários artistas já esquecidos ou que poucos conhecem e inúmeras obras por eles produzidas. No Brasil, decorrentemente de uma série de fatores, os artistas também são facilmente esquecidos, mesmo entre os inseridos na mesma linguagem. Nesse contato, alegrias e tristezas: muitas foram as "baixas" ocorridas durante a década de 1980, como artistas vitimados por variadas circunstâncias e pela Aids.[3] Muitos foram "colhidos" em plena juventude e no mais intenso vigor de suas possibilidades e capacidades criativas. Vários desses artistas estão esquecidos e não figuram em documentos escritos. São espécies de indivíduos desterrados da história oficial. Nesses momentos de constatação, um pouso em Brecht, mais precisamente nos dois últimos versos de seu poema *Perguntas a um operário que lê*, a provocar e a lembrar o compromisso com a história, com a preservação da memória e com a militância, luta permanente contra o esquecimento: "Tantas perguntas. Tantas histórias" (2001, p.166).

Dos artistas falecidos na década, o cenógrafo e artista plástico Flávio Império é citado pela totalidade dos colaboradores, sempre com respeito e admiração. Dentre outros, a ele assim se refere Mariangela Alves de Lima, em entrevista a mim concedida, em 16 de fevereiro 2006:

> Fala-se dele como um cenógrafo, talvez porque tenha dirigido pouco. Na verdade, ele fez coisas também como diretor. Ele não queria saber, mas era uma influência fortíssima em todos os trabalhos de que participou. Tinha um modo de inventar o espaço, que contaminava toda a concepção do espetáculo. A melhor fase dele e do Fauzi Arap foi quando trabalharam juntos. Ou seja, quando eles assumiram que um cenógrafo não é só um cenógrafo, mas é um coautor, e quando Fauzi assumiu a mesma coisa, que um diretor ou um autor não é um autor total. Eles se encontraram e fizeram coisas esplêndidas juntos. Coisas muito, muito boas. Em todo lugar onde o Flávio trabalhou conseguia mobilizar a todos. Ele tinha toda uma ideia, a começar pelo uso da matéria-prima como elemento significativo. Ele nunca construiu um cenário no papel e no desenho. [...] A ideia tinha de se dar junto

3 Durante a década de 1980, e a partir de 1982, quando a doença de fato foi diagnosticada no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, foram encontrados nove casos e nenhum óbito em 1982, 1.024 casos e 63 óbitos em 1986 e 4.851 casos e 685 óbitos em 1989.

com a matéria, a estrutura tinha de ser criada junto. Daí entra no trabalho do ator, também. Havia toda uma inserção dele dentro do espetáculo. E ele foi uma influência muito forte, sem contar que, por direito de nascimento, uma coisa congênita nele era o professor. Tudo o que ele aprendia era para ensinar. Ele estava sempre ensinando. Onde ele estava havia sempre um grupo de jovens atrás, tomando nota do que falava. Nele tudo era muito interessante, muito importante. Ele criou vários grupos de estudos. Elencos se tornavam grupos de estudo, os professores, os diretores que trabalhavam com ele aprendiam. Era uma pessoa que ensinava o tempo todo. Até mesmo com a gente, que ia simplesmente documentar o trabalho dele, ele dizia: "Vem ver como eu vou fazer esse figurino". Ele pegava um papel e mostrava. Essa coisa didática do Flávio Império fez com que ele fosse uma pessoa fundamental. Quem chegou perto dele não esquece nunca mais o que aprendeu, onde aprendeu. Ouço as pessoas dizendo: "Aprendi isso com Flávio Império". Ele fazia, por exemplo, de um tingir de pano uma história tão comprida que começava com a semente em Minas Gerais. Usos daquela semente, naquele lugar, onde as pessoas tingiam para outros fins. Ele vinha chegando. Com aquela tintura ele explicava por que estava tingindo o pano, daí o porquê da escolha por aquele tecido, porque ele ia ter aquela forma, que significado isso teria naquele tecido, naquele espetáculo. Flávio não comprava o tecido na Rua 25 de Março... Como sabemos todos, o modo de produção das coisas afeta o próprio sentido daquilo que se faz. Todo mundo que trabalhou com ele, penso, tem sempre uma coisa a contar... Ele era um artista, um criador e um professor.

Também decorrente de processo de entrevista a mim concedida, em 31 de agosto de 2007, a atriz Lizette Negreiros, bastante emocionada ao se lembrar de Flávio Império, durante o processo de montagem de *Chiquinha Gonzaga: Ó abre alas*, no Teatro Popular do Sesi, afirma:

Era maravilhoso, o Flávio Império... Como eu sinto saudades dele, como ele era inteligente e sensível. Ele entendia o ator, sabe? Ele pegava o figurino e dizia: "Esse figurino é a sua cara, veste!" E a gente vestia com prazer. Sempre dava certo. Na *Chiquinha Gonzaga* o cenário que ele fez tinha umas sacadas que representavam um teatro do Rio de Janeiro. Ele pegou a gente pela mão – e todo mundo queria pegar na mão dele – e nos fez andar por aquele cenário todo. A gente fazia isso com muito prazer... E levou a gente para passear e ver o cenário, para ver lá de cima. Dizia: "Entrem! Olhem! Se debrucem!" A gente ficava horas... "Representem! Desçam e falem! Sintam e dominem! Isso aqui é de vocês. Se vocês não dominarem não adianta nada. A peça não engrena..." Nós subíamos com prazer. Fazíamos aquilo tudo muito felizes. Eu fazia vários papéis, uma das personagens

> era uma velha dama, que criticava a Chiquinha o tempo todo. Usava uma roupa preta linda! Ele dizia: "Tem sua cara!". Ele era uma pessoa maravilhosa, tenho muitas saudades. Perder pessoas como o Flávio Império... A gente sente a falta dessas pessoas inteligentes e sensíveis. Encontramos outras, é verdade, mas tem umas que ficam dentro... O modo como certas pessoas ensinam. É uma lição que a gente jamais vai esquecer.

Ao retomar o "processo de memória da pesquisa", outro detalhe importante é que o contato com os títulos das obras e os nomes de artistas e técnicos com elas envolvidos enfatizava que havia acertado ao escolher aquele período histórico. Por ter vivido e produzido na década, além de desconfiado ficava, por vezes, irritado com a quase consensual ideia segundo a qual o período representaria uma década perdida, de alienação, de recolhimento, de empobrecimento da produção artística.

Aliado à necessidade de ajudar os colaboradores no processo de lembrança ao longo das entrevistas, e caracterizando-se em material de memória precioso, aguçou desejos e necessidades de enveredar por este caminho o importante documentário idealizado e dirigido pelo jornalista Julio Lerner: *A aventura do teatro paulista*, produzido e veiculado na Rádio e Televisão Cultura (RTC), em 1980, atualmente em fase de digitalização.[4] O documentário mescla fragmentos de entrevistas de artistas e técnicos em teatro; trechos de espetáculos montados na cidade de São Paulo até aquele momento; trechos especialmente remontados para a série, com vinte programas distintos; inserções jornalísticas, no quadro denominado Jornal da História, apresentando notícias e fazendo referências acerca de importantes acontecimentos mundiais; apreciações críticas a partir de comentários. "Costurando" toda a série, Julio Lerner e o professor Décio de Almeida Prado. Dividem a cena, como mestres de cerimônia, a atriz Ester Góes e o ator Ewerton de Castro.

Era necessário recuperar o "legado de memória" pelo mapeamento sistematizado dos artistas e técnicos, cujas ações não figuram das fontes documentais impressas: manuais, compêndios, ensaios. Apesar do esforço e trabalho desprendidos ao longo de todos os anos de pesquisa foi impossível recuperar o nome de todos esses trabalhadores. Parafraseando o título de um filme de 1989, de Michael Verhoeven – *Uma cidade sem passado* –, é como se se tra-

4 Sobre o alcance e objetivos do projeto, há uma matéria de Maria da Glória Lopes sobre o lançamento de Aventura do Teatro Paulista (In: *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1980, p.43).

tasse de uma experiência ou de "produção sem passado", que não figurava de processo documental.

Se se pensar de modo análogo ao verso de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, *O sal da terra*, segundo o qual: "[...] um mais um é sempre mais que dois", a fatia de tempo designada década de 1980 corresponde a um período em que a totalidade das ações e fazeres individuais, de um modo ou de outro, foi contaminada por mudanças e mobilizações políticas ocorridas no Brasil. Durante a década, a população, principalmente a das grandes cidades, sentiu-se mobilizada a participar de ações que ajudassem a encerrar o período ditatorial. Foi uma década em que o Tuov, por exemplo, recebeu, apesar do insignificante reconhecimento que lhe conferem os especialistas de teatro no Brasil, o prestigiado prêmio internacional Ollantay, na Venezuela, em 1984. (*O Estado de S. Paulo,* 11 fev. 1984, p.17), Além desse importante prêmio, durante a década, o Grupo recebeu, ainda, o Prêmio Casa de Las Américas, Cuba, 1982; Prêmio Mambembe-Fundacen, 1986; Prêmio Vladimir Herzog, pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 1988.

No processo de escritura da tese, entrevistei César Vieira quatro vezes (19/2, 8/3 e 7/8/2007 e 7/1/2008); e Luiz Carlos Moreira, do Engenho (11 e 18/5/2006 e 17/12/2007). Os dois autores e diretores nutrem algumas hipóteses acerca de seus trabalhos terem sido "colocados na geladeira", não só durante a década. César Vieira fala de rejeição, especialmente por ter defendido e trabalhado sempre em prol do trabalho popular. Luiz Carlos Moreira, em casa (quando adolescente), na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ou em reuniões em diversos espaços institucionais – exatamente pela defesa e necessidade de politização da arte e de seus trabalhadores – foi acusado tanto por inimigos quanto por parceiros de considerar "tudo político", como se isso fosse ruim.

Os dois diretores sabem, entretanto, que muitos de seus detratores e inimigos, sobretudo de concepção e estratégia políticas, nunca assistiram a seus espetáculos, mas, para fugir de um enfrentamento dessa natureza, desqualificam os dois criadores atendo-se à questão estética. Acerca dos procedimentos demandados pelos chamados "achismos" e pela opinião ultrageneralizada (mesmo desconhecendo o assunto de que se fala – decorrência, em grande parte, do atordoamento provocado pelo mundo contemporâneo), em que não é possível conhecer ou ter acesso a como os saberes são produzidos, construídos e camuflados, é bom lembrar que este procedimento fundamenta-se grande-

mente na chamada confiabilidade social. Não se conhece as coisas, mas se acata aquilo que os especialistas afirmam delas.[5]

A despeito da importância dos dados coletados e apresentados pelos profissionais da crítica, mas tendo em vista a irregularidade desse material de referência, utilizei-me raramente dessa fonte. Isso se deveu sobretudo ao fato de não ter encontrado, dentre os três críticos de *O Estado de S. Paulo* (Clovis Garcia, Ilka Marinho Zanotto e Mariangela Alves de Lima), material analítico mais consistente dos grupos eleitos como objetos de pesquisa: o Teatro Popular União e Olho Vivo e Apoena/Engenho. Algumas críticas são flagrantemente pessoais e parecem constituir-se em arbítrio de vingança contra os criadores.[6]

Em entrevista a mim concedida, em 27 de abril de 2007, Clovis Garcia revelou que havia certa divisão interna na editoria de cultura acerca de quem deveria assistir à qual espetáculo em cartaz. Ao comentar, por exemplo, *A ferro e fogo*, dirigido por Luiz Carlos Moreira, o crítico fala genericamente em "frieza do épico". Nessa crítica, por exclusão, há a defesa de um teatro dramático, oposto aos procedimentos teatralistas utilizados pelo autor-diretor. Olhar idiossincrático, defendendo o discurso direto, narrativa linear e causal, caráter de presentificação da obra (*hic et nunc*) e interpretação fundamentada no conceito de simulacro (intérprete em simbiose total com a personagem) parecem caracterizar-se no modelo estético e paradigmático adotado pelo crítico.

O silêncio da grande imprensa em relação a certas obras e determinados autores aponta os processos de esquadrinhamento dos ditos padrões civilizatórios. De certa forma, esse conceito, hoje conhecido por globalização, em

5 A esse respeito, dentre outros materiais, cf. Bosi, 1977; Lipmann, 1970; Heller, 1992.

6 Cf. Zanotto. Mãos sujas de terra. In: *Istoé,* 1979, p.63. Sábato Magaldi. Um eficaz equilíbrio, na retomada de um lugar comum. In: *O Estado de S. Paulo,* 15 nov. 1979, p.15. Jefferson del Rios. Mãos sujas de terra ou um sonho popular. In: *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 1979, p.23. Clovis Garcia. Cena rural no palco para o público urbano, In: *O Estado de S. Paulo,* 18 nov. 1979. Clovis Garcia. A greve, tema de dois espetáculos. In: *O Estado de S. Paulo,* 31 dez. 1981, p.14. A crítica, apesar de ter uma pequena extensão, contempla também o espetáculo: *Em defesa do companheiro Gigi Damiani*. Jefferson Del Rios. Emoção vence o baluartismo. *In: Folha de S. Paulo,* 30 dez. 1981, p.25. Edelcio Mostaço. Criança que mexe com fogo amanhece mijada. In: *Lira Paulistana*, sem outras informações. Telmo Martino. Vá ver *A ferro e fogo* no Studio São Pedro. Mas depois não diga que não foi avisado. In: *Jornal da Tarde*, 8 jun. 1981. Sábato Magaldi. Bom fim de ano? Ficou só a esperança. In: *Jornal da Tarde,* 30 dez. 1981. Alberto Guzik. Eldorado: um serão indigesto. In: *Jornal da Tarde,* 7 dez. 1985, p.8. Com relação ao Tuov, a última crítica apresentada em *O Estado de S. Paulo,* no período em epígrafe, foi a de Ilka Marinho Zanotto: *Bumba-Meu-Queixada leva o teatro para além do palco*, de 27 nov. 1979, p.21.

termos culturais, e a partir de matrizes criadas pelos países hegemônicos, de uma maneira ou de outra, sempre esteve presente em certas mentalidades. Norbert Elias, ao analisar as principais distinções entre civilização e cultura na Alemanha – e é disso que se trata também aqui, com relação à (des)classificação de certas formas teatrais – evoca, por exemplo, a obra de Frederico, o Grande, *De la littérature allemande*, e dela, em um pequeno excerto, desqualifica o por ele definido "barbarismo imperdoável" da obra de Goethe quando comparada à sofisticação e requinte atingidos pela língua e civilização francesas. O autor evoca Shakespeare como influência de seu conterrâneo, que ele ainda salva, tendo em vista o bardo inglês, segundo seu argumento, encontrar-se nos primórdios da arte. Assim, afirma o autor:

> O que Frederico, O Grande diz sobre Shakespeare é, na verdade, a opinião geral da classe alta da Europa, que só se expressava em francês. Ele nem "copia" nem "plagia" Voltaire. O que escreve é sua sincera opinião pessoal. Não acha graça nos chistes rudes e incivilizados de coveiros e gente da mesma laia, ainda mais se aparecem misturados com os grandes sentimentos trágicos de príncipes e reis. Acha que nada disso tem forma clara e concisa e que são "prazeres das classes baixas". É desta maneira que seus comentários devem ser compreendidos: não são nem mais nem menos individuais que a língua francesa que usa. Como ela, atestam sua filiação a uma sociedade particular. [...] Ele está inseparavelmente ligado à estrutura peculiar dessa sociedade de corte, cujas instituições e interesses eram multifariamente fragmentados, mas cuja estratificação social se fazia em estamentos cujo gosto, estilo e língua eram, de maneira geral, os mesmos por toda Europa. (Elias, 1994, p.33)

O *Estado de S. Paulo,* que tanto havia estimulado a produção teatral em períodos anteriores – vale evocar o trabalho e a figura de Décio de Almeida Prado como crítico de 1948 a 1968 –, a partir da metade da década de 1980, ao criar o Caderno 2, "abandona" e secundariza a produção teatral. Data desse período a inserção cada vez maior da divulgação de produções cinematográficas hollywoodianas. Além disso, outras linguagens e mídias (como a televisão), o que é justo, ganham espaço, sem ampliação do número de páginas do suplemento.[7]

7 Cf. a esse respeito, por exemplo, a transcriação por mim desenvolvida referente à entrevista de Mariangela Alves de Lima, Presença (In: *Anuário de Teatro de Grupo da cidade de São Paulo,* 2006, p.9-12).

Durante a década de 1980, no jornal *O Estado de S. Paulo*, com relação ao trabalho da crítica teatral – (uma) crítica de espetáculo analisando apenas a um espetáculo; crítica de espetáculo analisando vários espetáculos; crítica analisando a um evento (projeto de montagem, ator/atriz, evento específico como festivais de teatro, trabalho de grupo, de panorama cultural, de aniversário de atividade de alguém) – chega-se aos seguintes dados:

| Ano | Número de textos brasileiros | Número de textos estrangeiros | Número de textos brasileiros/ estrangeiros | Número de críticas | Espetáculos analisados | Total de críticas publicadas por mês |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1980 | 111 | 28 | 1 | 68 | 72 | 5,6 |
| 1981 | 106 | 34 | – | 49 | 70 | 4,1 |
| 1982 | 101 | 41 | – | 53 | 53 | 4,4 |
| 1983 | 122 | 43 | 2 | 36 | 33 | 3 |
| 1984 | 185 | 47 | 2 | 47 | 51 | 3,9 |
| 1985 | 125 | 74 | 3 | 41 | 39 | 3,4 |
| 1986 | 145 | 85 | 5 | 51 | 47 | 4,2 |
| 1987 | 217 | 71 | 9 | 30 | 27 | 2,5 |
| 1988 | 172 | 75 | 8 | 27 | 27 | 2,2 |
| 1989 | 146 | 78 | 6 | 32 | 29 | 2,6 |
| Subtotal | 1.430 | 576 | 36 | 431 | 447 | 3,5/mês |
| TOTAL GERAL DE ESPETÁCULOS APRESENTADOS NA DÉCADA = 2.042 | | | | | | |

De acordo com os dados acima se percebe que, em 1984, houve um aumento de quase 50% na oferta de espetáculos apresentados na cidade. De maneira

oposta, em 1985, houve uma diminuição de obras brasileiras e aumento de quase 70% de textos estrangeiros. Nesse cardápio internacional, há desde comédias de intriga burguesa (*Com a pulga atrás da orelha*, de Georges Feydeau, *A Vênus das peles*, de Leopold von Sacher Masoch, *Feliz páscoa*, de Jean Poiret) até as mais diversas obras experimentais (*Esperando Godot*, de Samuel Beckett, *Liolá*, de Luigi Pirandello e tantas outras). O ano com mais espetáculos apresentados foi 1987, perfazendo quase trezentos. Quaisquer causas apontadas para esse número se caracterizariam em especulação, mas o Plano Cruzado, vigente a partir de 1º de março de 1986, pode ter sido determinante para esse aumento, pela estabilização temporária da economia.

O levantamento inicial serviu como combustível para um trabalho de interlocução mais qualitativo com os sujeitos que constituíram a rede de colaboradores. Posteriormente, pelos resultados alcançados, resolveu-se apresentá-lo como anexo à tese.

Com relação aos critérios norteadores desse levantamento, não apresento (com raríssimas exceções) os *shows*-solo de humoristas e espetáculos cujos títulos apresentam ou fazem alguma alusão sexual mais explícita ou cujo humor pauta-se em expedientes bastante comerciais e interessados exclusivamente em entretenimento. Em geral são *shows*, não espetáculos teatrais, com pouca relevância para a história do teatro, ou mesmo para a chamada história do espetáculo. Esta exclusão prende-se ao fato de tais produções não se constituírem em trabalhos coletivos ou de grupos e destinarem-se exclusivamente a públicos masculinos e não transitarem com trabalho de pesquisa estético. São elencados precariamente, ainda, pela dificuldade em recuperar informações, os trabalhos de grupos amadores, *performance*s e/ou trabalhos alternativos apresentados apenas um dia.

Entre tantas dificuldades de quem faz pesquisa por estas plagas, não posso deixar de mencionar a "infernal" falta de critério e descuido nos roteiros culturais dos jornais com relação à grafia dos nomes de artistas, técnicos e até mesmo de espetáculos. Essa deficiência é constatada também na datilografia dos Anuários de Artes Cênicas da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. Muitos deles não foram revisados. Corrigi a grafia de diversos nomes, mas a maioria não tem registro em outras fontes, ficando quase impossível esse trabalho, passados mais de vinte anos de seu aparecimento. Por último, o contingente de moda que estimula a mudança de nomes para atrair sorte, trazer fluidos positivos e outras características dessa natureza não facilita encontrar

ou mesmo saber a grafia "correta" ou inicial desses nomes. Apesar de todos os cuidados, é bem possível que vários nomes tenham sido grafados incorretamente ou com a grafia alterada. Vale observar também que, nos roteiros culturais, alguns espetáculos tinham o seu nome apresentado uma única vez. Das informações aqui indicadas, apesar da importância, suprimi os nomes de costureiras, operadores de equipamentos e aparelhos durante os espetáculos, administradores e divulgadores, devido à rotatividade, por seus nomes não constarem em bom número de fichas ou pelo fato de serem poucos os grupos que contaram, por exemplo, com produtores.

Apesar de sempre terem existido os chamados teatro de grupo (o fenômeno explode, como militância e fenômeno agregador, no final da década de 1990), é bom considerar que durante a década de 1980, formaram-se coletivos grupais com destacada produção. Apesar de terem sido encontrados os nomes de mais de 250 grupos de teatro em atuação na década pesquisada, dentre eles, pela diferença no processo de formação, escolha de repertório e espaços de apresentação, podem ser destacados, a partir de diferentes formações:

– O bem-sucedido Ar Cênico, formado por turma da Escola de Arte Dramática da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com Ângela Ferraciolli, Atíllio Caesar, Cassiano Ricardo, Cida Almeida, Deborah Evelyn, Dirce Helena de Carvalho, Eliana Teruel, Guilherme Leme, João Alfredo Damiano, Leopoldo Pacheco, Ligia Lemos, Lu Bigatão, Lucila Rudge, Paulo Márcio, Regina Papini, Reinaldo Renzo e Sofia Papo.

– Teatro Amador Produções Artísticas (Tapa) profissionaliza-se, em 1979, no Rio de Janeiro, liderado por Eduardo Tolentino de Araújo. Pela qualidade dos espetáculos, "deu muito (e continua dando) o que falar", por conta de seus sempre bem construídos espetáculos.

– Ventoforte, fundado por um grande artista e um dos maiores batalhadores do teatro brasileiro – o mestre Ilo Krugli, nascido na Argentina e radicado na "pauliceia desvairada" desde a década de 1980, cujos espetáculos aproximam, inclusive fisicamente, os espectadores, que tendem a se aconchegar uns aos outros.

– O experimentalista Grupo de Arte Ponkã de tão belos resultados, desde a década de 1970, tantas vezes orientado e dirigido por Luiz Roberto Galízia, formado por Paulo Yutaka, Carlos Barreto, Ana Lúcia Cavalieri, Celso Saiki, Milton Tanaka e outros.

– O grupo de vida breve A Vaca Gritou Mé, com Hugo Possolo (ainda com Neto no nome; posteriormente, palhaço Tililingo). Desse grupo nasceu

o sempre surpreendente Parlapatões, Patifes & Paspalhões, que tem produzido significativos espetáculos eivados por diferentes comicidades e formas de intervenção e discussão da atividade teatral na cidade.

– Grupo Estação da Luz, com o saudoso Renato Cohen, um dos primeiros, na cidade de São Paulo, a defender de modo programático a ideia do ator como *performer*, cujos trabalhos e ideias embalaram tantos outros trabalhos e grupos surgidos na década de 1980.

– Grupo de Teatro Macunaíma, de Antunes Filho, mestre-criador do teatro paulista de tantos e excelentes espetáculos do teatro brasileiro de cuja jornada, na década de 1980 – já na liderança do Centro de Pesquisa Teatral (CPT) –, fazem parte as remontagens de *Macunaíma* a *Paraíso zona norte* e a criação de tantos outros e referenciais espetáculos da cena paulistana.

– Grupo Após'Tolos, liderado por Fábio Mafra, que apresentou alguns espetáculos em clubes e espaços não convencionais, caracterizando-se em "um modelo possível" de trabalho em grupo, principalmente para as populações não habituadas aos espetáculos teatrais.

– O militante e significativo grupo com trabalho na "periferia"[8] Truques, Traquejos e Teatro (TTT), com Hélio Muniz, Selma Pellizon e outros artistas, que se sucede ao Teatro Cordão (da década de 1970), cujos trabalhos animaram e promoveram discussão pela periferia da cidade. O conceito periferia aqui se refere a um grupo que fez opção por apresentar-se fora dos centros produtores de espetáculos, ou em regiões mais próximas a ele, com um núcleo mais adepto às ideias e propostas socialistas, mas não necessariamente ligado a um partido. De acordo com a atriz Selma Pellizon (uma das integrantes do grupo, em conversa ao telefone, em março de 2007), o grupo buscou desenvolver temáticas a partir de pontos de vista interessantes para a maioria da população sem acesso aos chamados bens culturais. Ainda segundo a atriz, ao responder a uma solicitação minha, em carta manuscrita de julho de 2007, o TTT "[...] deu sequência às diretrizes de um Trabalho Teatral com o povo, apresentando-se nas periferias das cidades, em escolas, associações de bairros, igrejas, sindicatos, teatros. Seu espetáculo *A terra dos meninos pelados,* em 1992, em comemoração ao centenário de Graciliano Ramos, encerrou a trajetória desse grupo".

– Movimento Zero Hora, coordenado por Nery Gomide, que dispendeu todos os esforços para lançar novos autores e atores, por meio de encontros e

8 Dentre os estudos acerca do grupo, cf. Silvana Garcia, 1990.

de apresentação de espetáculos, principalmente com o objetivo de estimular e apresentar uma nova dramaturgia produzida na cidade.

– Grupo Pó de Serra, com participação da importante artista de tradições populares – e com "serragem no coração" – Vic Militello (que durante a década dirigiu várias vezes o tradicionalíssimo texto *O mártir do calvário,* de Eduardo Garrido). O Grupo montou importantíssimos trabalhos populares ligados à tradição circense, na década, e fez muita gente gostar de teatro e voltar a vê-lo.

– Grupo de Teatro Ornitorrinco, com Maria Alice Vergueiro, Luiz Carlos Galízia e Cacá Rosset. De certa forma, em seu caminhar, por opção estética, pensa o ator como *performer* e opta pela inserção de expedientes épico-populares a partir de meados da década de 1980.

– Grupo de Arte Pau Brasil que, graças a Ulisses Cruz, em início de carreira, vindo de São Caetano, lastreou-se pela cidade de São Paulo e apresentou encenações memoráveis na década.

– Grupo Harpias e Ogros, com uma trinca de comédia da pesada (Ângela Dip, Grace Giannoukas e Marcelo Mansfield, todos ainda na ativa), trabalhou muito durante toda a década.

– Pod Minoga Studio. Originalmente um grupo de artes plásticas, ligado à Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) que, com orientação inicial de Naum Alves de Souza, tantos talentos revelou: Ângela Grassi, Carlos Moreno, Dionísio Jacob, Flávio de Sousa, Mira Haar e Regina Wilke.[9]

– Engenho, liderado por Luiz Carlos Moreira – sempre de mãos dadas com Irací Tomiatto, "pelos caminhos que houver" –, formado a partir da junção do Apoena e Engenho Teatral, cuja trajetória, em torno de um teatro épico e para além do circuito comercial, começa a ser redesenhada no final da década de 1980.

– Necas de Pitibiribas, grupo formado por jovens estudantes da zona sul (Marco Ricca, Roberto Lima, Eli Sumida, Cacá Soares), que buscou relacionar-se com o público por meio de uma linguagem adulto-juvenil.

– Grupo Mambembe e Núcleo de Estética e Teatro Popular (Estep), coordenados por Carlos Alberto Soffredini, com a participação de Ednaldo Freire, Rosi Campos, Wanderley Martins, Calixto de Inhamuns, Ana Lúcia Cavalieri, Fernando Neves, Petrônio Nascimento, Maria do Carmo Soares e outros im-

9 Mais informações do grupo, cf. *Pod Minoga Studio,* 2008.

portantes fazedores de arte, que estão até hoje por aí, lutando em prol de um elaborado (simples apenas na aparência, mas sofisticado em sua construção) teatro popular e de pesquisa das raízes da cultura popular.

– Núcleo Pessoal do Victor, formado por alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD/USP) (Adilson Barros, Eliane Giardini, Marcília Rosário, Márcio Tadeu, Paulo Betti, Reinaldo Santiago e outros), apresentou espetáculos importantes, destacando-se *Na carrêra do Divino* ou *Narração visionária do Velho Nhô Roque Lameu*. Na década de 1980, e a partir de uma cisão, o Grupo foi rebatizado, inicialmente, de Pessoal do Victor Acabou e, posteriormente, Lux in Tenebris. Muitos de seus integrantes, como Reinaldo Santiago, Marcília Rosário e Márcio Tadeu, continuam, desde sua formação, espalhando seus ensinamentos estética e amorosamente pelos palcos teatrais da cidade e do estado de São Paulo.

– Pessoal do Poente/ Os Pimentas Atônitos orientado algum tempo por Celso Saiki, "derivado" do Ponkã e como continuidade das propostas de experimentação com a linguagem teatral, a partir do "grupo de origem",

– Grupo Mamão de Corda, coordenado por Jair Antônio Alves, que apresentou vários espetáculos na década e foi um dos fundadores da Cooperativa Paulista de Teatro.

– XPTO, responsável pela introdução e desenvolvimento de uma linguagem nova no Brasil, sobretudo pelas mãos de Oswaldo Gabrielli e de outros talentosos integrantes, dando início a uma aventura surpreendentemente mágica, da década aos dias atuais.

– Grupo Barca de Dionísos, formado por turma da ECA, cujos nomes constantes nas fontes consultadas são Abílio Tavares, Ângela Salviati, Antônio Araújo, Aury Corrêa, Claudia Ayub, Daniella Nefussi, João Feferice, Luciano Chirolli, Lúcia Romano, Marcos Moraes, Pelópidas Cripriano, Sylvia Muraccho e Vanderlei Bernardino.

– Teatro Popular União e Olho Vivo (Tuov), apesar de raras menções na imprensa, caracteriza-se em uma das mais significativas referências brasileiras de teatro (vinte anos de existência em 1986). Ao longo de toda a década, mesclou apresentações no centro e na periferia da cidade, levando teatro e contribuindo para a organização social das comunidades mais distantes dos grandes centros. Além de apresentação dos espetáculos, basicamente na periferia da cidade, o grupo participou, durante a década, dos seguintes eventos: Semana Paulista de Artes (1985); I Festival Internacional da Canção pela Paz (1987); I Festival

Latino-americano de Arte e Cultura (1987); 7º Encontro Internacional de Solidariedade César A. Romero (1987); Projeto Tuov 20 anos: Oficinas Culturais Oswald de Andrade (1988); Ato Público: 10 Anos de Anistia (1989).

– Teatro Oficina Uzyna Uzona, que também atravessou toda a década preparando-se para jogar muito mais que poeira nos olhos do higienizado e comportado teatro burguês paulistano. Em longo e necessário processo de gestação, preparou-se para a explosão de criatividade que eclodiria nos anos 1990. Mais que isso, pela coleta de dados mais sistematizada, constatei, por declarações de Hamilton Vaz Pereira, a influência do grupo para a criação e estética dos trabalhos do Asdrúbal Trouxe o Trombone, do Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e 1980.[10] Como o segundo espetáculo montado por esse grupo foi *Ubu Rei,* de Alfred Jarry, não é precipitado afirmar que Cacá Rosset, por sua vez, muito teria se influenciado com o trabalho do Grupo para montar o seu *Ubu, Pholias Physicas, Pataphysicas e Musicaes*, em 1985. Na base dos trabalhos do Asdrúbal e do Ornitorrinco estará a genialidade de Zé Celso e de seus sempre fiéis, dionisíacos e animados seguidores.

Na base da permanente renovação e do processo de apropriação de experiências importantes, em entrevista de Carlos Alberto Soffredini à Eliene B. A. Costa, o importante dramaturgo paulista afirma que o sucesso de *Trata-me leão*, do Adrubal Trouxe o Trombone, no início dos anos 1980, fez com que o Núcleo Pessoal do Vitor o convidasse para criar o *Trate-me Tatu,* acerca do Jeca Tatu. Sobre esse encontro, afirma Soffredini:

> [...] peguei e estudei o material que eles já tinham, mais ou menos esquematizei o texto, os personagens que iam estar dentro do texto, aí perguntei: Bem, e a linguagem? Escrevo na minha linguagem e vocês passam para o caipira. Não deu certo porque descobri que só consigo escrever um personagem quando o ouço falar. Eu não sei falar como ele. Quando ouço o personagem falar na imaginação, sei que é ele. Os atores do elenco pegavam meu texto e falavam "poita" (no lugar de porta), "toita" (no lugar de torta), cortavam os erres. Como aquilo não era caipirismo, sugeri que parássemos. Disse que pararia o trabalho por três meses e que iria estudar dialeto. Fui ver o Valdomiro Silveira. Ler Cornélio Pires. Li outras coisas. [...] a verdade é que até hoje eu não sei falar o caipira, mas escrevi *Na carrêra do Divino*. Acabei sendo, para muita gente, imagine, referência do caipira paulista.[11]

10 Sobre o grupo, cf. Hollanda, 2004.

11 Trata-se de uma transcriação, apud Amâncio Costa, 1999, p.524.

Como não poderia deixar de ser, o Ornitorrinco, sob forte influência das teorias brechtianas, ao longo de sua carreira – em cujo trânsito incorporou um humor corrosivo e vários expedientes de movimentos das vanguardas históricas –, pelas suas invencionices e espetáculos, ajudou a despertar o gosto pelo teatro, tanto para a criação de novos grupos quanto para o retorno do público ao teatro, sobretudo com a vitoriosa montagem, em 1985, de *Ubu rei*. Trata-se de tese bastante recorrente entre a gente de teatro. Lígia Cortez, na entrevista mencionada (2005), reitera este ponto de vista e lembra-se, com muito entusiasmo e alegria, dos espetáculos *Ubu rei* e *Teledeum* apresentados pelo Grupo.

Nos anos 1980, com tantas e díspares produções, determinada tendência teatral, nomeada "primado da forma" (imagens impactantes mais importantes do que a articulação entre forma e conteúdo), dominou o mercado e se impôs, na visualidade e na seleção de conteúdos, com muito gelo seco, efeitos fosfóricos, textos ditos autorais e autonomeados herméticos.[12] Tratou-se de uma tendência internacional, mas no Brasil o barroquismo ocorreu nessa década. Gerald Thomas, evidentemente, em determinado momento, corresponde ao paroxismo dessa tendência pós-moderna e rigorosamente visual. Endeusado pela *Folha de S. Paulo*, o caso Gerald Thomas é tão singular que a sempre contida e elegante crítica Ilka Marinho Zanotto, com relação ao que parece ser a primeira direção profissional do artista na cidade, *Carmem com filtro*, nomeia sua crítica: *Não ouça. Mas veja*. Gerald Thomas se fez polêmico. Construiu uma imagem de "gênio incompreendido". No programa da *Trilogia Kafka* – compreendendo a montagem de *Um processo, Uma metamorfose e Praga* –, em resposta a questões de outros artistas, responde: "[...] eu sou o único diretor que eu mesmo respeito, agora, no momento, aqui." No mesmo programa da peça, de 1988, há algumas perguntas ao diretor; dentre elas Antonio Abujamra (p.27), cujo humor é sempre ácido, formula: "Como você se sente sabendo que todos gostam de seu espetáculo?"

"Eu duvido que isso seja verdade, eu não acredito que todos gostem. Sei de muitos que odeiam – e isso me deixa muito feliz, tanto ser odiado como gostado. Essa ruptura que me interessa muito mais do que ser gostado."

12 Cf. *O Estado de S. Paulo*, 13 maio 1986, p.4; Eletra com Creta tem análise da mesma crítica (Ilka Marinho Zanotto): *Ininteligível. Tedioso. Bestialógico.* Cf. *O Estado de S. Paulo*, 6 maio 1987, p.5.

Sem que se saibam exatamente as intenções do diretor, para além de certa autopropaganda, no mesmo programa citado (p.41) estão impressas algumas apreciações de quem – o título da página apresenta graficamente o tradicionalíssimo, em inglês: *I* coração cortado (por um X) G. T. – faz críticas às obras do diretor. Apresentar críticas à sua pessoa e obra, no programa em epígrafe, naturalmente significa autoapologia. Dentre as críticas constam: "Vi um monte de *punks* gritando, gemendo, falando palavras sem sentido num cenário lindíssimo, mas para mim tudo isso é um grande blefe" (Mauro Rasi); "É o primeiro besteirol brasileiro de luxo. Como texto de teatro *Eletra com Creta* é muito ruim. Deve ser bom como forma de dizer coisas pessoais"; "Interessante como pessoa, mas profundamente ridículo no que fala. É um cara que viveu lá, colonizado à beça. O que ele pode falar sobre teatro brasileiro? Às vezes ele pode até ter razão, mas eu não aceito a crítica dele. A visão dele não me interessa. [...] Quer impor uma visão americanoide. Isso, em outros tempos, se chamava colaboracionismo" (Raul Cortez).

Outras formas de produção, que amealharam a ida da classe média ao teatro, foram o teatro besteirol e espetáculos ligados à chamada estética homoerótica ou *gay*. Na década de 1970, Raul Cortez fez muito sucesso com *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá* de Fernando Melo, e abriu um filão importante, principalmente a partir de 1983, para que fizessem sucesso e fossem apresentados os espetáculos *Amizade colorida, A saga das japonesas, As lágrimas amargas de Petra von Kant, As tias, Bent, Blue jeans, Caso sério, Garotos de aluguel e Garotos de aluguel II, Macho beleza, Romeu & Romeu, Trampo & gandaia, Village New York.*

Outra particularidade curiosa no período, tendo em vista a permanente falta de espaços de representação, foi a utilização de redutos especialmente direcionados à comunidade homossexual. Entretanto, uma possibilidade da área musical para tal apropriação pode ser estendida a outros grupos e linguagens artísticas.

> Foi então que, em 1984 foi formada uma espécie de cooperativa de bandas, chamada "Mundo Moderno Produções", em que várias bandas se apresentavam fazendo um rodízio semanal na boate de transexuais Val Improviso [...]
>
> Pegamos um espaço, perto do Largo do Arouche, era uma boate de transexuais que era um mocó mesmo. As *drag queens* e os transexuais chegavam só depois das 3 horas da manhã e nós fechamos com o dono que iríamos utilizar a casa até esse horário. (Moraes, 2006, p.36)

Na década – e isso só fez crescer – muitos espetáculos foram batizados com nomes estrangeiros, especialmente ingleses. Moda e ideologia, amparadas em todo tipo de explicação, em sua maioria, apresentam obras leves e de entretenimento. Dentre elas, destacam-se *Boys meet boy* (1987), *Gay fantasy* (1982), *God export* (1986), *Golden boy* (1989) e *Grand finale* (1985).

Ocorre que parte da grande imprensa insistia em divulgar ao paroxismo certo tipo de experiência interessante para ela. Terry Eagleton, em *A função da crítica* (1991), apresenta uma reflexão radical acerca da importância e do papel da crítica. O autor defende que um crítico só poderia escrever com segurança enquanto a instituição crítica a que pertencesse estivesse acima de questionamentos e de processos de favoritismos, principalmente de ordem comercial. Mais que isso, e demonstrativamente, o autor defende a tese segundo a qual a crítica atual teria perdido quase toda a sua relevância social, fazendo parte do ramo das relações públicas, cuja função, a partir das teses do autor, consistiria em caráter de divulgação. De outro modo, o autor, por intermédio das teses de Jürgen Habermas (*Structural Transformation of the Public Sphere*), pensa a atividade crítica a partir do conceito de "esfera pública". Corroborando as teses de Eagleton, no livro de Nelson de Sá, *Divers/cidade*, aparecem as seguintes e importantes determinações:

> Chamado para a crítica de teatro da *Folha de S. Paulo* por Mario César Carvalho, assumi o papel num quadro bastante adverso. De um lado o teatro estava em estado de letargia; de outro, a Ilustrada havia se fechado na defesa do teatro de Gerald Thomas. Desde então, venho buscando enfrentar e mudar tal quadro. Foi então que o diretor de Redação da *Folha*, Otávio Frias Filho, também dramaturgo, fez uma palestra sobre crítica e arte no Instituto Goethe, que serviu de balizamento para o meu trabalho como crítico.
>
> A crítica jornalística deve fazer ambas as coisas, interpretar o espetáculo e indicar para o consumidor. Mas a crítica também tem que se submeter a duas condições, hoje: primeiro, o privilégio dado pela cobertura cultural à televisão, ao cinema e à música popular; segundo, a crítica tem que ser muito informativa e rápida... A pior coisa para o crítico é se munir de uma piedade pelo espetáculo. O diálogo da crítica é quase sempre com a crítica, não com o artista. (Sá, 1997, p.458-9).

Jornais como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* dos anos de 1980 ajudaram a construir uma imagem pós-moderna do teatro. Apesar de pouco ou quase não figurarem das páginas desses jornais, grupos como o Tuov e o

Apoena/Engenho, dentre outros coletivos, com muita resistência, não esmoreceram e não adotaram os procedimentos ideológicos do chamado mundo globalizado – e a criação antiaurática da obra-mercadoria.

Nova retomada de formação de grupos, redefinição de caminhos e de processos, a Cooperativa Paulista de Teatro, fundada em 28 de agosto de 1979, torna-se um importante canal para aglutinação dos indivíduos e de suas reivindicações profissionais. Segundo o que foi possível apurar, com o "fim" da censura, um colegiado de grupos de teatro criou o projeto Teatro de Repertório da Cooperativa Paulista de Teatro para viabilizar economicamente a montagem de seus espetáculos e atender às novas exigências exigidas pela legalização da profissão, impostas pelo Sindicato dos Artistas e pelo Ministério do Trabalho. Tal iniciativa se deve, fundamentalmente, ao fato de as políticas fiscais do Estado exigirem que todos os grupos tivessem constituição jurídica. Assim, desde sua fundação, a entidade abarcava apenas produções desenvolvidas por grupos inseridos nesse colegiado. Dentre esses grupos, encontravam-se o Apoena – Luiz Carlos Moreira e outros; Pessoal do Victor – Paulo Betti e outros; XXI – Alexandre Kavanji e outros; Teatro e Circo Alegria dos Pobres – Beatriz Tragtemberg e outros; Grupo Mamão de Corda – Jair Antônio Alves e outros; Agosto – José Antônio de Souza e outros; Pasárgada – José Geraldo Rocha e outros; Ab-Surdo – Orlando Parolini e outros. Atualmente, a entidade conta com mais de setecentos grupos filiados e, dentro de suas possibilidades, tem colaborado para a organização da produção teatral paulistana e dos grupos a ela filiados.[13]

O levantamento realizado das produções teatrais da década, nomeado "decanário", compreende mais de 2.040 espetáculos apresentados na cidade na década de 1980. Este número, se se considerar o tamanho da cidade e sua população, aproximadamente 8.500.000 habitantes, de acordo com dados do IBGE durante a década, é pequeno. Entretanto, se se compreender que este número se refere grandemente aos espetáculos no chamado circuito do Bixiga (restrito), o número é expressivo. Assim, limitado a certas áreas da cidade (o Bixiga é uma delas), pode-se dizer que a atividade teatral não fez parte, como sempre, da vida ou dos interesses da maioria dos moradores da cidade.

13 Acerca da Cooperativa Paulista, cf. Mate, 2009a.

Pensar a década, dentre tantos outros aspectos, significa também tentar, para além do trabalho com a memória cultural, fazer justiça aos sujeitos que produziram espetáculos na cidade, preenchendo com dados concretos e cabais as múltiplas lacunas então existentes.

Esta reflexão e esforço para juntar dados, articulá-los e socializá-los representa apenas mais um passo que se soma a outros de pesquisadores que intentam todos os esforços para que a história do teatro paulistano possa ser contada, socializada, conhecida, documentada para além dos sujeitos que participaram diretamente das experiências grupais.

Outra tendência que se incorpora ao circuito comercial da cidade diz respeito à montagem de espetáculos de sucesso em grandes centros, especificamente aqueles da Broadway. Apesar de este fluxo não ser novo, caracteriza-se como novidade o fato de os espetáculos terem de ser montados por aqui, a partir de determinações exaradas cumprindo planilhas de montagem rigorosamente pré-determinadas. Se anteriormente *Hair* havia ganhado muito pelas intervenções criativas da direção de Ademar Guerra – um sempre, como se diz, excelente diretor de atores e grande criador teatral – quando aqui foi apresentado, o mesmo, de acordo com a apreciação dos críticos teatrais, não pode ser dito com relação às montagens (em caráter *prêt-à-porter*) *Oh, Calcutta!, Aí vem o dilúvio, Evita, A chorus line.* Alguns desses espetáculos, já com a planta baixa definida, impedem a criação de qualquer procedimento aurático, intrínseco ao teatro, pela tentativa de reprodutivismo dos sujeitos criadores, que se reificam completamente.

# 4
# Decanário com os espetáculos adultos apresentados na cidade de São Paulo na década de 1980

Figuram deste "decanário" fichas de 2.042 espetáculos, em sua maioria completas. Desse total, 1.430 correspondem à dramaturgia brasileira (aproximadamente 70%), 576 textos de dramaturgia não brasileira (cerca de 20%) e 36 textos compreendendo processos de colagem entre textos brasileiros e estrangeiros (aproximadamente 1%). Portanto, de 1º de janeiro de 1980 a 31 de dezembro de 1989, de acordo com as fontes consultadas, houve supremacia de textos brasileiros. Desse total, 1.005 textos foram apresentados uma única vez, e 178 deles correspondem a textos remontados. Por intermédio deste último dado chega-se a aproximadamente 14 textos repetidos por ano, durante a década. Do total de textos não brasileiros encontra-se o seguinte número: 420 textos, sendo 71 deles remontados. Os totais indicam que os textos estrangeiros foram mais remontados do que os brasileiros.

Os dados quantitativos indicam que foram apresentados 1.425 textos diferentes. Vale destacar que este foi um dos levantamentos mais difíceis de realizar durante o processo de pesquisa, tendo em vista que, diretamente ligado à efemeridade que caracteriza o fenômeno teatral, muitos foram os espetáculos apresentados sem qualquer forma de registro ou, tendo em vista as fontes consultadas, de recuperar os dados objetivos. Assim, as informações que constam do levantamento, mesmo cotejando diversas formas, podem apresentar uma ou outra forma de equívoco. Do mesmo modo, é possível que um ou outro nome de espetáculo infantil tenha sido apresentado e figure deste decanário, que tentou cobrir nomes de espetáculos adultos. Conscientemente, faço constar os nomes de alguns espetáculos juvenis ou mesmo infantis, como, por exemplo, *Zum ou zois,* que a crítica especializada apresenta como espetáculo para todas as idades.

Como o processo para composição do decanário pressupôs várias idas e vindas, em que nomes eram acrescentados e outros suprimidos, é possível que – mesmo sob a determinação de pronto – algum não tenha sido retirado.

O texto mais montado na década foi o monólogo *Apareceu a Magarida*, de Roberto Athayde, escrito em 1971 – originalmente protagonizado por Marília Pêra, e grande sucesso da década de 1970 –, com cinco montagens. Desse mesmo texto, assisti a uma montagem que percorria escolas e universidades, e que não constava das fontes consultadas, protagonizada por Sandra Chacra. Portanto, foram seis as montagens do texto. *Explode coração*, de Enemir Franco teve quatro montagens, assim como o monólogo *Diário de um louco,* de Nicolai Gogol. Com três montagens cada, algumas bastante comerciais, foram apresentadas *A cantora careca,* de Eugène Ionesco; *Ai, meu Paraitinga,* de Diógenes Feliciano; *A resistência,* de Maria Adelaide Amaral; *As criadas,* de Jean Genet; *As hienas,* de Bráulio Pedroso*; Dorotéia,* de Nelson Rodrigues; *Escorial,* de Michel de Ghelderode (uma dessas três vezes aparece como *O escurial*); *Esperando Godot,* de Samuel Beckett; *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá,* de Fernando Melo; *Marido, mulher & cia.,* de Enemir Franco; *O burguês fidalgo,* de Molière; *Por telefone,* de Antônio Fagundes; *Senhora,* de José de Alencar, com adaptação de Sérgio Viotti; *Sonho de uma noite de verão,* de William Shakespeare; *Todo mundo nu,* de Ricardo Bandeira. Dessa forma, dentre os textos com maior número de montagens, comparando a categoria texto brasileiro *versus* texto estrangeiro, houve um maior número de obras brasileiras montadas, com ênfase nos monólogos.

Outro dado importante, sem ter sido possível cotejá-lo com informações de períodos anteriores ou mesmo posteriores, diz respeito ao fato de as mulheres e o feminino "dominarem a linguagem teatral" ou, de modo mais específico, "dominarem a cena". Em oposição a isso, na parte técnica, o universo é majoritariamente masculino. No concernente ao trabalho de criação estética os homens ainda dominam na função de direção, de cenografia e iluminação, entre outras, exceção feita à preparação corporal e à criação de coreografias. Várias mulheres constam como criadoras de figurinos, dentre as quais se destaca Kalma Murtinho; no concernente ao trabalho de sonoplastia, Tunica, seguida de Flávia Calabi, se destacam em toda a década de 1980, como as grandes criadoras de trilhas musicais.

Ligado à cena, entretanto, no concernente ao trabalho de interpretação, há o predomínio do feminino sobre o masculino. O feminino domina por ser maior o número de mulheres em cena e por haver muitos homens fazendo

personagens femininas. Alguns espetáculos feitos exclusivamente por atrizes foram *A cena de origem; Agnes de Deus; A mais forte; Aos 50 anos ela descobriu o mar; A paixão segundo G. H.; Apareceu a Margarida* (cinco/seis diferentes montagens, uma delas feita por um homem); *A pororoca; Aqui entre nós; A rainha do frango assado; A revolução está chegando... e eu não sei o que vestir; As criadas* (três montagens); *As irmãs siamesas; As lágrimas amargas de Petra von Kant; As meninas; As moças do 2º andar; As quatro meninas; Assunta do 21; A velha dama indigna* (com um pianeiro); *Bilbao Cabaret* (com músicos); *Blas fêmeas; Boa noite, mãe; Brincando em cima daquilo; Cheiro de homem; Círculo de cristal; Clarice; Coração vermelho; Damini; Dark d'Arc; De caviar a misto-quente; Depois do expediente; Deusdete, uma mulher estelar; Diva, em dúvida; Doce fascínio; Dorotéia* (três montagens); *Elis aniversário; Emily; Endecha das três irmãs; Fala poesia; Fala só de malandragem; Favor não jogar amendoim; Fim de caso; Há vagas para moças de fino trato; Hamletmachine; Harpias e Ogros; Ifigênia; Jogo de cintura* (de Marilena Ansaldi); *Julíada; Lado B; Levadas da breca; Liliam; Lulu, a caixa de pandora; Mancha roxa; Minha por um dia; Mulher, mitos e medos; Mural mulher; Nardja Zulpério; Noviças rebeldes; O dia das bruxas (Halloween); Oito mulheres; O marinheiro; Os cegos; Qualquer quarta-feira, sem falta, lá em casa; Quatro mulheres; Que saudade, Elis; Rainha por um dia; Síndica, qual é a tua?; Ufopia; Um orgasmo adulto foge do zoológico; Valsa número 6* (duas montagens).

Textos com preponderância de personagens femininos: *Abajur lilás, A casa de Bernarda Alba; A noite das mal dormidas; Uma noiva se disputa, Uma relação tão delicada.*

Obras cujos títulos priorizam o feminino: *A amante inglesa; A beata do Egito; A condessa Yacocah; A dama de copas e o rei de Cuba; A divina Sarah; Adorável Júlia; Adoro a Dora; A estrela Dalva; Afinal, uma mulher de negócios; A fúria da tigresa; A hora da estrela; Aldeia Antígona; Alice candura pura; Alice, que delícia; Alzira Power; A mãe, alma da revolução; A nonna; Antígona; Antígone; As bacantes* (duas montagens); *As filhas da mãe; As troianas; Ataliba, a gata safira; Chiquinha Gonzaga: ó abre alas; Cordélia Brasil; Delícias e malícias; Dona Flor e seus dois maridos; Dona Rosita, a solteira; Dona Xepa; Elas complicam tudo; Elas por ela; Eletra com Creta; Erêndira; Escola de mulheres; Essa tal de Mafalda, quem diria, terminou numa terça-feira de carnaval; Eva Perón; Evita; Fedra; Fraulien Grädiges; Fulaninha e dona Coisa; Helena; Irmã Maria Ignácio explica tudo; Lisístrata; Lola Moreno;*

*Mirandolina; Mme. Blavatsky; Mme. Pommery; Mme. Caviar; Mulher, o melhor investimento; Não é, Ana?; Noturno para Pagu; Nua, descasada; Os fuzis da Sra. Carrar; Os mitos femininos; Phaedra; Piaf; Revelações de uma prostituta e seu patrão; Rosa; Rosa de Cabriúna; Rosa do asfalto; Santa Joana; Srta. Júlia; Tanzi – uma mulher no ringue; Terezinha de Jesus; Três Marias e uma Rosa; Uma certa Carmem; Uma estrela Clarice; Uma mulher sem igual; Xica da Silva* (duas montagens).

Obras em que homens fazem papéis femininos: *Amar, verbo intransitivo; A saga das japonesas; As tias; Donana; Ela sou eu; Gay fantasy; Hellô, boy; Louca pelo saxofone; O apartamento de Bernarda Galha; Olhares de perfil; O mistério de Irmã Vap; Os filhos de Dulcina; Overdose; Quem tem medo de Itália Fausta, Tia Close.*

Outro motivo pelo qual essa tendência pode ser verificada, e que se ampliou nos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000, deve-se ao fato de nas escolas profissionalizantes – Teatro-escola Célia Helena, Centro de Estudos Macunaíma, Indac, entre outras – haver um número sempre maior de estudantes do sexo feminino. Formam-se sempre mais atrizes, portanto, e não havendo uma opção pelo épico, há uma escolha por dramaturgias que privilegiem as personagens femininas.

Por último, não figuram do "decanário" espetáculos selecionados no Projeto Mambembão[1] que tenham sido apresentados apenas durante o evento; com títulos apelativos e destinados essencial e fundamentalmente ao público masculino; solos de humoristas, como Chico Anísio, Jô Soares e outros; de escolas de formação de atores que não fizeram temporada em espaços extra-escola ou cujos exercícios não foram apresentados em teatros por mais de três dias; performáticos e solos de mímica.

1 Acerca dos espetáculos apresentados pelo Projeto Mambembe (ou Mambembão), ao fim dos *Anuários de Artes Cênicas*: *dança/teatro* – preparados pelas Equipes de Teatro e de Dança, desde o já mencionado Idart – há uma relação completa, com as fichas técnicas.

## Espetáculos encenados na década de 1980

*1° DE MAIO*. Texto: Mário de Andrade. Adaptação: José Rubens Chasseraux. Direção: Jair Antônio Alves. Apresentações: 30 abr. 1983 a 2 maio 1983. Teatro João Caetano e Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*13*. Texto: Sérgio Jockmann. Direção: Antonio Abujamra. Elenco: Rubens de Falco e Paulo Goulart. 1980. Teatro A Hebraica. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*15 ANOS DEPOIS*. Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Carlos Frederico. Elenco: Isabella e Carlos Frederico. Estreia: 20 set. 1984. Teatro Major Diogo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*39*. Texto: Gretchen Cryer. Tradução: Clarisse Abujamra. Tradução das letras: Celso Viáfora. Direção: Flávio Rangel. Cenografia e figurinos: Eleonora Drummond. Direção musical: Paulo Herculano. Coreografia: Lúcia Aratanha. Iluminação: Raimundo Candeia. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Banda *Cai na Real*, com Benjamin Taubklein, João Paulo, Paulo Freire, Tuba e Tuco Freire. Elenco: Clarisse Abujamra, Francarlos Reis, Dadá Cyrino e Regina Machado. De 23 set. 1981 a 27 dez. 1981. Teatro Faap.

Crítica: Clovis Garcia. Teatro: público pequeno para muitos espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 7 out. 1981, p.22.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Encenação singela e sem preocupações excessivas. *O Estado de S. Paulo*, 7 out. 1981, p.22.

*525 LINHAS*. Texto: Marcelo Rubens Paiva, em colaboração com Marcelo Karman. Direção e sonoplastia: Fernando Karnan. Cenografia: Márcio Tadeu. Figurinos: Cissa de Carvalho. Iluminação: Davi de Brito. Adereços e cenotécnica: Beto de Souza. Sonoplastia: Ricardo Karman. Participação especial (instalação e vídeo): Otávio Donasci. Adereços e cenotécnica: Beto de Souza. Elenco: Ana Cláudia de Souza, D'Artagnan Jr., Francisca Carvalho, Luiz Santos, Lulu Pavarin, Pina Nogueira e Yunes Chami. De 13 set. 1989 a 23 dez. 1989. Espaço Aeroanta.

Crítica: Jefferson del Rios. As emoções em velocidade elétrica. *O Estado de S. Paulo*, 1 out. 1989, p.3.

1907 UNA SERATA AL SUGO. Concepção, textos e direção geral: Miroel Silveira. Direção de peça do segundo ato: Beth Lopes. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Direção musical: José Benedito Camargo. Preparação corporal: Betânia Guaranys. Iluminação: Paulo de Almeida. Elenco: Alcides Lot, Ana Nepomuceno, Ângelo Gambá, Antonio Rocco, Alexandre Mate, Cássio Scapin, Fernando Rocha, Graça Berman, Jaime di Marco, Jane Mello, João Carlos Saad, José Piñeiro, Lazlo Peter, Márcia Ottoni, Marisa Orth, Pedro Felix, Roberta Barni, Tuba Ainzenstein e Wilson Fragoso. De out. a dez. de 1983. Café Piu-Piu, Village Station Cabaret. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: Durante o espetáculo, dividido em dois atos, oferecia-se aos espectadores um prato de macarrão e um copo de vinho. A ideia era aproximar o espetáculo da forma original das *serate* (noitadas com todo tipo de intervenção) dos círculos filodramáticos e do futurismo italiano. Por conta da refeição foi preciso buscar espaços alternativos de apresentação.

*1984, DE PERNAS PARA O AR*. Texto: Miguel Ângelo Filiage. Direção: Rubens de Brito. Direção musical e músicas: Wanderley Martins. Figurinos: Carlos Moreno. Cenografia: Paulo Vicente Oraggio. Coreografia: Juçara Amaral. Iluminação: Ricardo Filiage. Adereços: Luís Rossi, Paulo de Moraes e Carlos Rivera. Elenco: Cia. 7 Sagas (de Revista), com Ângela Sassine, Paulo Vicente Oraggio, Carlos Deidl, Marli Alheiros, Wagner Veiga, Paulo Cerruti Gaeta, Delta de Negreiros, Carmen Palomares e Luzia Meneghini. De 9 nov. 1984 a 23 jan. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro do Bixiga.

*1990* Espetáculo de teatro-dança. Direção: Dirceu de Oliveira. Coreografia: Marilene da Silva. Música ao vivo: Grupo Hocus Pocus, com Nina de Cássia e Dirceu de Oliveira. De 29 maio 1989 a 10 jul. 1989. Espaço Off.

*À MARGEM DA VIDA*. Texto: Tennessee Williams. Tradução: Esther Mesquita. Direção: Antonio Abujamra. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Fernanda Abujamra. Direção musical: Paulo Herculano e Delfim. Iluminação: Mario Martini. Elenco: Nicette Bruno, Bárbara Bruno, Paulo Goulart Filho e Antoine Rovis. De 8 jan. 1988 a 1 ago. 1988. Teatro Paiol.

Crítica: Charles Magno Medeiros. À margem da vida. *O Estado de S. Paulo*, 26 fev. 1988, p.6.

*ABAJUR LILÁS, O.* Texto: Plínio Marcos. Direção e iluminação: Fauzi Arap. Cenografia e figurinos: Tawfik e Vigna. Sonoplastia e assistência de direção: Tunica. Cenotécnica: Joel Jardim. Elenco: Walderez de Barros, José Fernando de Lira, Anamaria Dias, Cláudia Mello, Cilas Gregório e José Humberto. De 2 jul. 1980 a 26 out. 1980. Teatro Aliança Francesa e Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. Passagem livre em *Abajur lilás*. *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1980, p.19.

*ABBA.* Texto, direção e sonoplastia: Carlos Trujilo. Iluminação: Roberto Azevedo. Cenografia: Ivani Porto. Figurinos e coreografia: Lorena Galhardo. Cenotécnica: Pimenta. Elenco: Daliléia Ayala, Celso Batista, Valdir Ramos, Ronaly Moreno, Paulo Cezar Mendes, João Marcos, Elisa Villon e Carlos Laranjeira. De 28 nov. 1988 a 1989. Teatro Itália. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ABELARDO – O GRANDE PICARETA.* Texto: Pato Papaterra. Direção: Márcia Ottoni. Direção musical: José Henrique M. Penna. Preparação corporal: Flávia Mariotto. Cenografia: Pato Papaterra, Waldemar Zaidler Jr. *Graffiti*: Carlos Matuck e Waldemar Zaidler Jr. Adereços: Pato Papaterra. Figurinos: Juliana Bussolotti. Iluminação: Enzo Capia e Márcia Ottoni. Elenco: Beto Francine, Flávia Mariotto, Paulo Almeida, Juliana Bussolotti, Luís Battistella, Marise Von Klay, Maurício Lanzara, Pato Papaterra e Paulo Seabra. De 24 abr. 1985 a 15 set. 1985. Teatro Paulo Eiró, Teatro Arthur Azevedo e Teatro Caetano de Campos.

ABRE A JANELA E DEIXA ENTRAR O AR PURO E O SOL DA MANHÃ. Texto: Antonio Bivar. Direção e figurinos: Beto Silveira. Cenografia e programação visual: Mônica Jurado e Lúcia Bitancourt. Elenco: Cleide Marcelo, Mônica Jurado e Lúcia Bitancourt. De 25 out. 1984 a 23 dez. 1984. Teatro Ventoforte e Teatro Lira Paulistana.

*ABRE AS URNAS, CORAÇÃO.* Texto: Luís Fernando Veríssimo, Luiz Carlos Fusco e Augusto Francisco. Direção: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Música e sonoplastia: Sérvulo Augusto. Cenografia: Fernando Jacon. Cenotécnica: José Estevão do Nascimento, Walter Emílio.

Contrarregragem e camareira: Dalva Maria Pereira. Elenco: Luís Gustavo e Rita Molot. De 21 jun. 1984 a 23 dez. 1984. Teatro Domus, que foi inaugurado com este espetáculo.

*ABUTRES DA REBENTAÇÃO.* Texto, direção e produção: Cia. Tragicômica Balaio de Gatos. De 1 a 6 fev. 1983. Teatro Galpão. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ACOMPANHAMENTO, O.* Texto: Carlos Gorostiza. Direção: Eduardo Raccioppi. Elenco: Grupo Pássaro Livre, com Celso Rabetti, Milene Chicatto e Orlando Tarifa Jr. Estreia: 11 fev. 1984. Auditório Fasp. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ACORDES. Performance* com texto de Bertolt Brecht. No espetáculo, o diretor Zé Celso perguntava à plateia se devia aceitar ou não os quinhentos milhões de Paulo Salim Maluf para a reconstrução do Teatro Oficina. 25 jan. 1986. Teatro Oficina.

*ACORDO, O.* Texto: Bertolt Brecht. Direção: Celso Frateschi e Cássio Scapin. Apresentado por alunos da Casa de Cultura Mazzaropi. De 26 set. 1987 a 11 out. 1987. Casa de Cultura Mazzaropi. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ACTO/AÇÃO.* Texto e direção: Emilie Chamie. Atores/bailarinos: Maurício Ferrasa e Dagmar Dornelles. Músicas: John Cage, Jorge Green e Marlus Nobre. De 14 set. 1987 a 18 out. 1987. Bodega Bay.

*ADÃO & EVA NO PARAÍSO.* Roteiro e direção: Alberto Gaus e Vicentini Gomes. Cenografia: Alberto Gaus. Trilha sonora: Américo Córdula. Iluminação: Vicentini Gomes. Elenco: Vicentini Gomes, Márcia Harco, Anie Walter e Carla Masumoto. De 12 dez. 1988 a 31 jan. 1989. Teatro Cenarte.

*ADÃO NO PARAÍSO.* Texto e direção: Alberto Gaus. Elenco: Alberto Gaus e Vanda Mendonça. 2 ago. 1983. Centro Cultural São Paulo (Sala Adoniran Barbosa).

*ADORÁVEL JÚLIA*. Texto: Somerset Maugham, Guy Bolton e Marc-Gilbert Sauvajon. Tradução e adaptação: Domingos de Oliveira. Direção: Domingos de Oliveira e Marília Pêra. Cenografia: Luís Carlos Mendes Ripper. Figurinos: Maria Cecília Motta. Preparação corporal: Luiza Lagoas. Iluminação: Mauro Éden e Eldo Lúcio. Direção musical: Zé Rodrix. Adereços e bijuterias: Rosi Benedetti. Sonoplastia: Carmo Luiz. Elenco: Marília Pêra, Oswaldo Louzada, Tâmara Taxman, Heleno Prestes, Fábio Junqueira, Marga Abi-Ramia, Dora Pellegrino, Thiago Santiago, Chico Ozanan e Guti Fraga. De 14 set. 1983 a 18 dez. 1983. Teatro Brigadeiro.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. A adorável Júlia, alucinante jogo. *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1983, p.16.

*ADORO A DORA*. Texto: Gê Domingues. Direção: Lauro Carneiro. Cenografia: Olavo Bérgamo. Figurinos: Janete Silva, Odete Menezes e Marta Araújo. Iluminação: Fernandinho TBC. Elenco: Carmelita Menezes, Fausto de Oliveira, Hélio Zachi, Carlo Livera, Keila M. Blascke e outros. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: Algumas fontes apresentam a obra ligada ao besteirol.

*ADVOGADO, PROFESSOR E EMPREGADA DOMÉSTICA*. Texto, direção, interpretação e produção: Waldemar Sillas. De 9 nov. 1982 a 26 mar. 1983. Teatro do Bixiga.

*AFINAL, UMA MULHER DE NEGÓCIOS*. Texto: Rainer Werner Fassbinder. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Sergio Britto. Cenografia: Paulo Mamede. Figurinos: Mímina Roveda. Iluminação: Abel Kopanski. Contrarregragem e sonoplastia: Carmo Luiz. Elenco: Irene Ravache, Adilson Barros, Abrahão Farc, Liana Duval e Ivan Lima. De 15 maio 1981 a 6 set. 1981. Teatro Anchieta.

Crítica: Clovis Garcia. Fassbinder, com direção certa e intérprete perfeita. *O Estado de S. Paulo*, 22 maio 1981, p.20.

*AGNES DE DEUS*. Texto: John Pielmeier. Direção, cenografia e iluminação: Jorge Takla. Tradução: Jorge Takla e Walderez de Barros. Figurinos: Atílio Baschera. Trilha sonora e pesquisa musical: Tunica. Elenco: Cleyde Yáconis,

Walderez de Barros, Clarisse Abujamra e Neide Thomaz (a voz). De 19 ago. 1982 a 27 fev. 1983. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. Um raro momento teatral. *O Estado de S. Paulo*, 19 set. 1982, p.47.

Obs.: O espetáculo foi apresentado, em rodízio, no Centro Cultural São Paulo e nos teatros Martins Pena, Paulo Eiró, João Caetano e Municipal, no mesmo período em que esteve em cartaz no Teatro Paiol.

*AGORA OU NUNCA*. Texto: Aziz Bajur. Direção: Marcelo Peixoto e Manoel Paiva. Cenografia: Fernando Moreira. Música: Manoel Paiva. Elenco: Lígia de Paula, Marcos Mello, Mauro Eduardo, José Piñeiro e John Doo. De 14 nov. 1984 a 31 mar. 1985. Teatro Markanti e Teatro Cenarte.

*AGORA VOU MATAR-TE O HIPOPÓTAMO*. Texto: Geraldo Touchê e José Gouveia. Elenco: Geraldo Touchê. De 27 a 30 mar. 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*AH! MÉRICA*. Coletânea de textos latino-americanos de Renata Pallottini, Eduardo Galeano, César Vallejo e outros. Roteiro: Raul Cortez. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Lígia Cortez. Direção musical: Murilo Alvarenga. Coreografia: Paula Martins. Cenografia: Cláudio Lucchesi. Figurinos: Cissa Carvalho. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Adereços: Renato Dobal. Violão: Antônio Carlos Sarno e César Assolant. Elenco: Raul Cortez. De 10 abr. 1985 a 5 jan. 1986. Teatro Teatro Domus e Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Ah! Mérica, um vibrante retrato do continente latino. *O Estado de S. Paulo*, 4 maio 1985, p.15.

Obs.: Em entrevista a mim concedida, em 19 de setembro de 2005, Lígia Cortez afirma:

> *Ah! Mérica* era totalmente diferente, havia poesias latino-americanas: Gabriela Mistral... Era uma coisa totalmente diferente. Houve muita polêmica. Apesar de meu pai sempre ter convivido com uma gama enorme de criadores... Muitos não entenderam o que era aquilo. O espetáculo era muito metafórico e foi feito em uma época muito diferenciada. Era um contexto político muito forte, totalmente poético. Os poemas eram de autores em cujos países também haviam passado por

> ditaduras recentes. A expressão estava na poesia. Não havia muitas falas diretas, concretas, mas, politicamente, todo o universo de gente que tinha sofrido com a ditadura, com a tortura estava lá. Foi incrível!

*AI, MEU PARAITINGA*. Texto e interpretação: Diógenes Feliciano. Direção: Alberto Chagas. De 3 ago. 1989 a 3 set. 1989. Teatro Alfredo Mesquita. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AI, MEU PARAITINGA*. Texto: Diógenes Feliciano. Direção: Alberto Chagas. Iluminação e sonoplastia: Waldemar Rocha. Elenco: Vicente Fantin. De 30 abr. 1987 a 31 maio 1987. Teatro Célia Helena. Reestreia em 1988. Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*AI, MEU PARAITINGA*. Texto: Diógenes Feliciano. Grupo Raízes de Teatro. 19 dez. 1984. Sesc Carmo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AI QUE FOME*. Texto e direção: Jair Leite. Elenco: Enei Venturini, Luiz Carlos Ribeiro, Mallu Villa Verde, Titito Acchite e Zanne Albuquerque. 20 e 21 ago. 1983. Teatro do Carmo.

*AÍ VEM O DILÚVIO*. Texto: David Forest (Garinei Giovannini e Laia Fiastra). Tradução e adaptação: Brancato Jr. Direção (já vinda pronta da Itália): Ramon Riba e Antônio Riba. Assistência de direção: Plínio Rigon. Música: Armando Trovaioli. Coreografia: Gino Landi. Cenografia: Giulio Coltellacci. Elenco: Luiz Carlos Clay, Vivien C. Manso, Amaury Perassi, Carlos Huffell, Carmem Castro, Ceres Vittori Silva, Eduardo Malot, Genilson de Souza, Gileno Santoro, Leila Garcia, Lilia Grimaldi, Lourde Bicudo, Luciano Fernandes, Luis Eduardo Fernandes, Luiz Feliciano, Marilene Távora, Marlurdes Távaro, Maze Monteiro, Marilyn Lacreta, Rita Malot, Sérgio de Melo, Tadeu Aguiar, Vera D'Agostinho, Viviane Vaccari, Wagner Cavalcanti e Walmor Borges. De 5 jun. 1981 a 15 jul. 1983 (com intervalos). Teatro Sérgio Cardoso e Teatro Chico Anísio.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Aí vem o dilúvio, o lugar para a utopia. *O Estado de S. Paulo*, 22 jul. 1981, p.17.

Obs.: Por ser uma superprodução, há uma extensa ficha técnica. Em várias fontes pesquisadas há a informação de que o espetáculo estreou no Teatro Sérgio Cardoso, contrariando o parecer da Comissão Estadual de Teatro, que priorizava projetos e textos nacionais para o espaço.

*AINDA SOMOS OS MESMOS*. Texto: Domingos Neto e Franz Keppler. Direção: coletiva. Elenco: Domingos Neto, Flávia Barone, Franz Keppler, Mirian Forcino e Ruy de Oliveira. 11 out. 1983. Teatro das Nações.

*AKTION PERFORMANCE*. *Performance* com coordenação de Artur Matuck e Renato Cohen. O espetáculo corresponde ao final de curso na Oficina Cultural Oswald de Andrade. 28 mar. 1987.

*ALCES, OS*. Texto, direção e interpretação performática: Arthur Kohl e Renato Hellmestier. De acordo com o material de divulgação, há uma dublagem de "emocionante novela *O drama na sauna*". De 3 set. 1986 a 18 out. 1986. Espaço Off.

*ALDEIA ANTÍGONA*. Texto: criação coletiva, com dramaturgia de Fernando Popoff. Direção: Fausto Fuser. Assistência de direção: Luiz Damasceno e Rachel Araújo. Arranjos e regência: Amilson Godoy. Músicas originais e direção musical: Amilson Godoy e Celso Viáfora. Preparação de canto: Romário José Borelli. Coreografia e preparação corporal: Ademar Dornelles e Marina Athiê. Figurinos e espaço cênico: Gabriel Borba. Trilha sonora: Grupo Medusa. Elenco: Conchi Labraña, Dora, Fernando Popoff, Gilberto Benevenutti, Luiz Damasceno, Maria do Carmo Bauer, Maria Meimei, Mauro Elme, Raquel Araújo, Rosana Beltrame, Sebá, Shazan e Vera Araújo. De 14 maio 1982 a 30 jul. 1982. Teatro Lira Paulistana.

Obs.: Fausto Fuser, em correspondência eletrônica enviada a mim, em abril de 2008, afirma:

> Estávamos, no início dos anos 1980, ainda sob os olhares tortos da censura ditatorial. O Teatro Lira Paulistana, na Praça Benedito Calixto, se firmava como reduto da música popular paulistana. E bota paulistana nisso. Era questão de honra contra nossos... "detratores" cariocas... Tolices.
>
> E fui convidado a dirigir seu teatro... afirmação contra o "teatro comercial" afinado com os valores da ditadura... nada menos!

> Plantei a ideia de *Antígona*. Resultou em *Aldeia Antígona*, depois de nove meses de ensaios diários com cinco profissionais e um punhado de amadores entusiastas.

*ALEGRES VAGABUNDOS, OS*. Texto: Waldemar Sillas. Direção: Maithê Alves. Cenografia: Domingos Pascale. Figurinos: Hilce Giudice. Adereços: Carlos Alberto Silva. Iluminação: Paulo Seabra. Sonoplastia: Ney Piedade. Efeitos sonoros: José Rubens. Trilha sonora: Gabriel Silva. Elenco: Antonio Fonzar, Maithê Alves e Roberto Francisco. De 25 mar. 1987 a 31 maio 1987. Teatro Cacilda Becker (Centro). 11 e 12 ago. 1988. Espaço Mambembe.

*ALEGRIA DO CIRCO*. Texto: Magali Geara. Direção: Hugo Possolo. Estreia: 14 mar. 1987. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ALEGRO DESBUM*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Silnei Siqueira. Assistência de direção: Francarlos Reis. Cenografia: Marcos Weinstock. Assistência de cenografia: Hélio Peixoto Jr. Figurinos: Sonia Karakas. Cenografia: Ney Carrasco. Cenotécnica: Paulo Rollo. Pintura de cenário: Bira. Contrarregragem: Celso de Liso. Elenco: Márcio de Luca, Francarlos Reis, Antonio Petrin, Laura Cardoso, Eugênia de Domênico, Graça Berman, Henrique Lisboa, Noemi Gerbelli e Walmyr Barros. De 27 maio 1987 até 1988. Teatro Itália. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ALÉM DA VIDA*. Texto: Divaldo Franco, psicografado por Chico Xavier, a partir de organização de Augusto César Vanucci. Direção: Augusto César Vannucci. Figurinos: Uriel Nascimento. Adaptação: Paulo Nascimento e Hilton Gomes. Trilha sonora: Guido de Moraes. Iluminação: Jorge Queiroz. Elenco: Felipe Carone, Lúcio Mauro, Lea Bulcão, Solange Teodoro, Rosana Pena, Mercedes Queirós e Jorge Luís Queirós. De 4 maio 1989 a 14 out. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Zimbinski). De 8 a 10 jul. 1983. Palácio das Convenções do Anhembi.

*ÁLIBI, LIBIDO DE TEU HÁLITO*. Texto: Ednilson Quarenta e Luciano de Oliveira. Direção: Luciano de Oliveira. Iluminação: Renato Vidal. Elenco: Grupo Mórbidas Mordidas, com Diane Mercês, Daniel Horas, Marcelo

Chamelete, João Pires, Ednilson Quarenta, Humberto Fitipaldi e Luis Mauro. De 22 a 30 ago. 1987. Auditório da FAMO. De 29 fev. 1988 a 30 mar. 1988. Teatro Lua Nova.

*ALICE CANDURA PURA*. Texto: Ana Luiza Gouveia, Naum Alves de Souza e Luís Carlos Cardoso. Direção: Elvira Gentil. Música e direção musical: Oswaldo Faustino. Cenografia e figurinos: Carlos A. Uint. Coreografia: Ana Teixeira. Iluminação: Mario Márcio. Músicos: Cibele Troyano e Waldomiro Lima. Sonoplastia: Carlos Henrique (Poly). Preparação vocal: Alexandre Dressler. Elenco: Aguinaldo José Ceroni Neves, Ana Maria Caballero, Camilo Torres, Décio Gentil, Denys Emílio Campiom Nicolosi, Eladir Elizabeth Lima, Fernando Rodrigues, Lori Schmeling, Marcos Marinheiro, Margarida Maria Fonseca, Paulo Marques Speranza, Plauto Kenjo, Ronaldo José Moreira, Rosaura Louzzano, Tina Rinaldi, Vanice Pedrazzini Gentil e Vera Lúcia Marques Speranza. De 18 ago. 1983 a 5 fev. 1984. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Centro Cultural São Paulo. De 22 jan. 1986 a 2 fev. 1986. Teatro Markanti.

*ALICE, QUE DELÍCIA*. Texto: Antonio Bivar. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Eugênio Puppo. Cenografia e figurinos: Patricio Bisso. Música: Antonio Bivar e Roberto de Carvalho. Direção musical: Murilo Alvarenga. Coreografia: Mara Borba. Elenco: Maria Della Costa, Ênio Gonçalves, Christiane Nazareth e Renato Modesto. De 3 abr. 1987 a 2 ago. 1987. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Alice sem as delícias do bom Bivar. *O Estado de S. Paulo*, 7 maio 1987, p.6.

*ALLEZ-HUP*. Criação: Grupo Eureka. Direção: Clóvis Gonçalves. Elenco: Cássia Venturelli e Bóris Trindade Jr. De 31 ago. 1988 a 3 set. 1988. Espaço Off.

*ALMA GÊMEA DO CAVALEIRO SOLITÁRIO, A*. Textos: Léo Lama e Maria Duda. Direção: Maria Duda. Cenografia: Priscila Pinheiro. Figurinos: Maria Duda e Priscila Pinheiro. Trilha sonora: Sidinei Savariego. Elenco: Elaine Gonçalves, Dudy Silva e Daniel Weslley. De 29 ago. 1988 a 26 out. 1988. Teatro do Bixiga.

*ALMA NAU*. Criação, direção e atuação: Ana Galmarano e Thelma Bonavista. Direção musical: Edgar Lippo. 1988. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ALMANAQUE*. Texto coletivo para a revista musical dos atores do Grupo Experimental de Teatro Amor-Humor. Direção: Sérgio Pizolli. Idealização cênica: Lala Martinez Correa, Rafael Del Rio e Sílvia Ozik. Cenografia: Rafael Del Rio e Sílvia Ozik. Coreografia: Walmor Borges. Elenco: A. C. Moreira, Fátima Toledo, Laércio Ruffa, Renato Hellmeister, Lúcia Segall e Najla Zarzur. De 7 nov. 1980 a 28 dez. 1980. Tusp.

*ALUGA-SE UMA BARRIGA*. Texto: Jurandyr Pereira. Direção e cenografia: Ivo Treff. Figurinos: Madalena Machado. Trilha sonora: Luciano de Segui e Michel. Elenco: Cia. Teatral Alma, com Ademir Pelissaro, Cláudia Spinelli, Daliléa Ayala, Oscar de Oliveira, Helena Bagnoli, Patrícia Lucchesi, Paulo Leite e Walmir Barros. De 24 abr. 1989 a 1 ago. 1989. Teatro Antonio Abujamra.

*ALUGUEL VENCIDO*. Texto: Daniel Pedro. Produção: Grupo Teatral "Jaquitá Deixaficá". Monólogo com Arnaldo Patoschi. De 6 a 29 abr. 1984. Biblioteca Municipal da Lapa.

*ALZIRA POWER*. Texto: Antonio Bivar. Direção: Carlos Di Simoni. Elenco: Raquel Novaes e André Rezende. De 19 jul. 1984 a 2 set. 1984. Teatro das Nações (Sala Oscarito).

*AMADEUS*. Texto: Peter Schaffer. Tradução, direção e iluminação: Flávio Rangel. Assistência de direção: Ricardo Rangel e João Camargo. Cenografia: Gianni Ratto. Direção musical: Aylton Escobar. Figurinos: Kalma Murtinho. Trilha sonora: Flávio Rangel e Aylton Escobar. Direção de cena: Paulo Carrer. Elenco: Raul Cortez, Edwin Luisi, Liza Vieira, Renato Doball, José Luiz Rodi, Ruy Affonso, Jorge Chaia, Labanca, Abrahão Farc, João Camargo, Nereide Bonamigo, Karen Elizabeth, Giovanni Gori, Roberto Mars, Tom Gomide, Carlos Nabarrete, João Celestino, Patrícia Bissi, Dagmar Dornellas, Flora Fernandes, Silvia Cléa e Gil Vieira. De 25 ago. 1982 a 1 maio 1983. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Quem ousa negar a força do ator no palco? *O Estado de S. Paulo*, 22 ago. 1982, p.37.

Mariangela Alves de Lima. Amadeus, medidas certas. Mas sem expressão maior. *O Estado de S. Paulo*, 29 ago. 1982, p.38.

*AMAFEU* (*CIA. TEATRAL AMAFEU DE BRUSSO*). Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Zeno Wilde. Direção musical e música: Lino Simão. Coreografia: Silvia Bittencourt. Cenografia e figurinos: Maria Cecília Cerrotti. Iluminação: Léo Andreata. Sonoplastia: Clóvis Ulisses Cardoso. Projeto: Nagib Elchmer. Elenco: Sandra Pêra, Luiz Carlos Buruca, Ciça Manzano, Cerlo Briani, João de Brucó, Sílvia Mazza, Juca Santos e Edílson Lino. De 15 maio 1985 a 7 jul. 1985. Teatro Caetano de Campos.

*AMANTE DE MADAME VIDAL, O.* Texto: Louis Verneuil. Tradução: Millôr Fernandes. Direção, cenografia e iluminação: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Assistência de cenografia e pinturas de arte: Luís Frugoli. Trilha sonora: Tunica. Preparação corporal: Mariana Muniz e Ester Góes. Elenco: Ester Góes, Renato Borghi, Elizabeth Henreid, Carlos Vergueiro, Zécarlos Machado, Tânia Bondezan, José Rubens Siqueira e Walter Breda. De 6 maio 1988 a 30 out. 1988. Teatro Hilton.

*AMANTE DE MEU MARIDO, O.* Texto e direção: Rodolfo Rocha. Cenografia: Osmar Pereira. Iluminação e sonoplastia: Iguassú Braga. Figurinos: Jandira Azevedo. Elenco: Carvalhinho, Agnes Fontoura, Olegário de Holanda e Wanda Moreno. De 11 jul. 1985 a 13 out. 1985. Teatro das Nações (Sala de Bolso) e Teatro São Pedro.

*AMANTE DESCARTÁVEL, O.* Texto: Gerard Lauzier. Direção, tradução e adaptação: João Bethencourt. Cenografia: José Dias. Figurinos: Marly Marley. Iluminação e sonoplastia: Lalio Oliveira. Trilha sonora: Stefan Wohl. Elenco: Jacques Lagoa, Sebastião Campos, Sonia Lima (atriz convidada), Clarisse Derzié, Abrahão Farc, Renato Máster, Eduardo Silva, Marcelo Escorel e Cristina Ribeiro. De 4 maio 1988 a 28 ago. 1988. Teatro Itália.

*AMANTE INGLESA.* Texto: Marguerite Duras. Tradução e direção: Paulo Autran. Direção de produção e administração: Marco Antonio Rodrigues.

Assessoria artística e técnica: Arnaldo Dias. Elenco: Tônia Carrero, Paulo Autran e Karin Rodrigues. De 8 a 26 fev. 1984. Teatro Procópio Ferreira.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Mágicas presenças, peça obrigatória. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 1984, p.17.

*AMANTE SOCIEDADE ANÔNIMA*. Texto: John Chapman e Dave Freeman. Adaptação: João Bethencourt. Direção: José Renato. Cenografia: José Dias. Elenco: Cleyde Yáconis, Jussara Freire, Antonio Petrin, Marcos Caruso, Francarlos Reis, Noemi Gerbelli e Lúcia Mello. De 12 jan. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Itália.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Três espetáculos, três rumos válidos. *O Estado de S. Paulo*, 5 fev. 1984, p.31 (acerca também de *Dueto para um só* e *Os amores de Lorca*).

*AMANTES DE SAMUEL RAWET, OS*. Direção: Robson Camargo. Elenco: Grupo Téspis, com Maria Tereza Cury, Mário Sérgio Nogueira e Lucas Lima. 10 e 20/05 e 10 jun. 1986. Teatro João Caetano. 26 e 27 maio 1986. Teatro Paulo Eiró.

*AMAPOLA* [*Opera rock*]. Texto: Haroldo Arruda. Direção e cenografia: Reinaldo do Amaral. Direção musical: Abel Rocha. Músicas: Miguel Briamonte. Iluminação: Kikito do Amaral. Figurinos e acessórios: Cristina Amaral. Coreografia: Denilto Gomes. Técnica de artes marciais: Haroldo Arruda. Elenco (atores e músicos): Adão Assis, Adenor Simões, Armando Chuh, Carlos Laranjeira, Celso Branco, Cristina Koff, Cristina Guiçã, Débora Letícia, Di Rezende, Djorrié Reis, Edson Paniza, Haroldo Arruda, Guga Petri, José Victor, Júlio Vicente, Kátia Guedes, Kranium, Laura Lima, Loren Alves, Marcelo Tatoo, Mariângela Abreu, Mário Martins, Marisa Franco, Marta Franco, Renato Luiz Consorte, Rosa Cosentino, Samia Brasil, Sérgio dos Santos, Tinna Brito, Wanderley Piras e Wilson Ribeiro. Estreia: 9 jan. 1986. Teatro Aplicado. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*AMAR, VERBO INTRANSITIVO*. Texto: Mário de Andrade. Adaptação: Hermes Contesini e Roberto Cordovani. Direção: Roberto Cordovani. Elenco: Roberto Cordovani, Ricardo Pereira, Jacqueline Ribeiro, Marcos Helly Orssi e Telma Tonetto. De 18 abr. 1982 a 3 jul. 1983. Teatro São Pedro

(Studio São Pedro), Biblioteca Mário de Andrade. Reestreia: 29 jul. 1984. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Amar, verbo intransitivo, excelente resultado cênico. *O Estado de S. Paulo*, 31 mar. 1983, p.17.

*AMAZÔNIA, ANO 2000.* Texto e direção: Darcy Figueiredo. Elenco: Grupo Pinus Ploft, com Márcia Regina, Marta Meola e Osmar Ângelo. 1989. Fundação SOS Mata Atlântica.

*AMEAÇA, A.* Texto: Marco Antônio Rodrigues de Oliveira. Direção: Ibsen Wilde. Cenografia: J. C. Cione Cardoso. Música e direção musical: Ronald Chira. Elenco: Grupo Viramundo, com Célia Congílio, Kiko Guerra, Carlos Ricardo, Inês de Oliveira e Kiko de Assis. De 16 mar. 1981 a 3 maio 1981. Teatro Centro Acadêmico Pereira Barreto (CAPB) da Escola Paulista de Medicina. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AMIGO DA ONÇA, O.* Texto: Chico Caruso. Colaboração: Nani. Direção: Paulo Betti. Assistência de direção: Rafael Ponzi. Cenografia: Clóvis Bueno. Figurinos: Madu Penido. Iluminação: Aurélio di Simoni. Direção musical: Marcos Leite. Coreografia: Cláudio Gaya. Adereços: Celestino Sobral. Preparação vocal: Ju Cassou. Elenco: Chiquinho Brandão, Cristina Pereira, Eliane Giardini, Grace Giannoukas, Sérgio Mamberti, Antonio Grassi, Marcos Breda e Rafael Ponzi. De 4 ago. 1988 a 18 dez. 1988. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Jefferson del Rios. O amigo da onça, leve e vibrante. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1988, p.3.

*AMIGO INVISÍVEL INIMIGO, O.* Texto: Renata Pallottini. Direção: Marcela Alves. Cenografia: Luís Moraes. Sonoplastia e iluminação: Felipe Mauro. Elencos – *O vencedor*: Ronaldo Goulart, Humberto Pereira Braz, Paulo Tadeu Ostapenko, Daisy Miriam Cerqueira Leite e Maria Cristina Fernandes Pinheiro. *A lâmpada*: Ramon Américo Vasques e Douglas Rodrigues Braz Cançado. *Uíte cristimas*: Douglas Rodrigues Braz Cançado, Ronaldo Goulart, Paulo Tadeu Ostapenko e Deisy Miriam Cerqueira Leite. 9 e 10 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*AMIGOS, AMIGOS... CAMA, NÃO!* Texto: Hélio Natelly. Direção: Mario Brunni. Elenco: Adhemar Lima, Hélio Netelly, Janete Medina, Silton Cardoso e Mário Catão. 1 a 30 dez. 1983. Clube dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar.

*AMIGOS E AMANTES*. Texto: Nery Gomide. Direção e sonoplastia: Antônio Andrade. Assistência de direção: Thiago Moreno. Iluminação: Ulisses Leão. Cenografia e figurinos: Roberto Gotts. Elenco: Sérgio Buck, Régio Moreno, Jeanette Gonçalves e Paulo Prado. De 13 ago. 1987 a 20 dez. 1987. Teatro Zero Hora e Teatro Markanti.

*AMIZADE COLORIDA*. Texto: Hilton Have. Direção geral e visual: Carlos Di Simoni. Sonoplastia e iluminação: Luiz/Carlos Scardoni. Elenco: Hilton Have, Bruno Barroso, Paulo Novaes, Nair Cristina, Carlos Martins, Vítor Branco, Tião Hoove, Mário Cardoso, Sandra Menezes e Joselita Alvarenga. De 1 maio 1983 a 29 abr. 1984. Teatro Cezar, Café Teatro *Homo Sapiens*.

Crítica: Clovis Garcia. *O Estado de S. Paulo*, 13 jan. 1984, p.14 (acerca também de *Toalhas quentes: adultério, tema comum a duas divertidas peças*).

*AMOR EM CAMPO MINADO*. Texto: Dias Gomes. Direção: Aderbal Jr. Cenografia: Mixel Gantus. Figurinos: Ítala Nandi. Sonoplastia: Wilson Rabello. Música: Erik Satie. Elenco: Ítala Nandi, Francisco Milani, Eliane Maia e Luiz Mendonça. De 8 ago. 1985 a 8 set. 1985. Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. Dias Gomes, texto ousado e crítico. *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 1985, p.19.

*AMOR EM CINCO ATOS*. Colagem de textos de Anton Tchekhov, William Shakespeare, Robert Thomas e Bráulio Pedroso. Direção: Ednaldo Freire. Cenografia e figurinos: Petrônio Nascimento. Elenco: Grupo Teatral Siemens, com Milton Marques, Gilmar Guido, Milie Blitsman, Nilo de Souza, Cláudio Fleury, Aparecida Balganon, Roselaine Foltran e Solange Pedrão. 2 set. 1983. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*AMOR POR ANEXINS*. Texto: Arthur Azevedo. Direção: José Fernandes de Lira. Cenografia e figurinos: Billi Accioly. Criação e direção musical: Ricardo Lobo. Elenco: Cláudia Mello e Seme Lufti. Apresentação: 12 abr. 1984. Café Brasil.

*AMORES DE CASANOVA, OS.* Texto: Busoni. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Trilha sonora: Wanderley Ribeiro. Elenco: Kátia D'Ângelo, Norma Blum, Frederico D., Helô Pinheiro, Vanessa Alves, Cátia Pedrosa, Pedro de Lara, Jack Militello, Roberto Mars Jr., Wagner Maciel, Manoela Assunção, Suzy Ayres, Cláudia Nanni e Ronaldo Vianna. De 21 maio 1988 a 30 out. 1988. Teatro Márcia de Windsor.

*AMORES DE LORCA, OS.* Texto adaptado de Federico García Lorca. Direção geral, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Iluminação: Mário Martini. Preparação corporal: Paulo Yutaka. Músicas e direção musical: Cristina Serroni e Zeca Sampaio. Elenco: Cláudio Barioni, Décio Pinto, Eleonor de Brito, Guilherme Abrahão, Jô Gattas, Luiz Rossi, Mario Martini, Zeca Sampaio e Gilberto Britto. De 3 dez. 1983 a 13 maio 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *O Estado de S. Paulo*, 5 fev. 1984, p.31 (acerca também de *Amante, sociedade anônima* e *Dueto para um só: Três espetáculos, três rumos válidos*).

*AMORES DE TENNESSEE WILLIANS, OS.* Texto: Paulo Wolf. Direção: Kiko Jaess. Cenografia: Gianni Ratto. Trilha sonora: Zero Freitas. Iluminação: Abel Kopanski. Figurinos: Guilherme Guimarães. Elenco: Nuno Leal Maia, Vera Gimenez e Vitor Branco. De 24 abr. 1987 a 7 jun. 1987. Teatro Maksoud Plaza.

*ANA, SEDUZIDA E ABANDONADA (DONANA).* Texto e interpretação: Ronaldo Ciambroni. Direção: Carlos Di Simoni. De 18 abr. 1988 a 27 jul. 1988. Auditório ALS.

*ANANASES NO CHAMPAGNE. Performance* de Annie Perec. Música: Ricardo Savero. De 30 jul. 1986 a 3 ago. 1986. Teatro do Bixiga.

*ANALISTA DE BAGÉ – O MUSICAL TCHÊ!, O.* Texto: Luís Fernando Veríssimo. Adaptação e direção: Cláudio Cunha. Cenografia: Miguel Paiva e José Dias. Figurinos: Paulo Afonso de Lima e Malu Grabowski. Iluminação: Roberto Buzzini. Coreografia: Rogério de Polly. Direção musical: Cláudio Savietto. Músicas: Zé Rodrix e Miguel Paiva. Elenco: Cláudio Cunha, Simone Carvalho e Lia Farrel. De 11 nov. 1983 a 13 maio 1984. Teatro Procópio Ferreira.

*ANALISTA DE BAGÉ N°2, O*. Texto: Luís Fernando Veríssimo. Adaptação e direção: Cláudio Cunha. Elenco: Cláudio Cunha, Rita Malot, Alba Valéria, Íris Nascimento, José Luiz Rodi, Marco Antonio Leão, Gileno Santoro, Cláudia Rezende e Carlo Dorigatti. De 24 maio 1985 a 28 jul. 1985. Teatro Záccaro.

*ANDALUZ*. A partir de textos de Federico García Lorca. Roteiro, direção, cenografia e figurinos: José Rubens Siqueira. Iluminação e preparação corporal: Francisco Medeiros. Adereços: José Rubens Siqueira e Haroldo Botta. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Gabriela Rabelo, Tânia Bondezan e Haroldo Botta. De 11 jul. 1988 a 4 out. 1988. Teatro João Caetano.

*ANGELICUS PROSTITUTO*. Texto e direção: Hamilton Saraiva. Elenco: Martino Semerano, Lelé Rodas, Izabel Imamura, Val Martins e Doralice de Souza. De 13 a 28 ago. 1983. Teatro da Casa de Cultura Mazzaropi.

*ÂNGELO, O TIRANO DE PÁDUA*. Texto: Victor Hugo. Direção: Edson Maruschie e Maurício Roque Silva. Grupo Teatral Luzes da Ribalta. 13 out. 1985. Biblioteca Robert Kennedy (Santo Amaro). 19 e 20 out. 1985. Biblioteca Francisco Patti. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ANIMA*. Texto: Roberto Simenti, a partir de Sófocles, William Shakespeare e outros. Direção: Sula Miranda. Elenco: Marta Miúra e Lourival Brasil. 1989. Café Maravilha (Sala García-Guillén). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ANJOS, OS*. Criação coletiva do grupo de Terceira Idade do Sesc Consolação. Direção, pesquisa e seleção musical: Luiz Henrique. Figurinos e cenografia: Grupo. Iluminação: Davi de Brito e Robinson Teixeira. Sonoplastia: Walter Macedo Filho. Preparação corporal e dança: Paula Martins. Elenco: Amélia Conforte, Paula Martins, Pesce Roizimblit, Arge Ducceschi, Áurea Reis, Bebel Gomes, Cacilda Villela, Cida Falconi, Dirce Nogueira Magalhães, Eronda Beatrici, Ivanira Gouveia Borges, Joelson Amado, J. Sticha, Lázara Seugling, Leo Santini, Leonor de Nardi, Luís Castro, Marina Bert, Mary Contucci, Maria Helena Bonilha e Olga Mossa Reggiani. De 19 ago. 1985 a 30 set. 1985. Teatro Anchieta.

*ANJOS CAÍDOS*. O espetáculo reuniu as peças: *Primeira comunhão*, *Oração* e *Pic-Nic no front* de Fernando Arrabal. Tradução: Cleusa Mello, Geraldo Fernandes e Milton T. Madeira. Música: Vanderlei Lucentini. Direção: Geraldo Fernandes. Sonoplastia: Paulo e Geraldo. Elenco: Grupo *A Jaca Est*, com Cissa Aballa, Cleusa Mello, Paulo Barroso e outros. De 22 nov. 1988 a 25 jan. 1989. Teatro Lua Nova.

*ANJOS DA GUARDA*. Texto e direção: Zeno Wilde. Iluminação: Renato Pagliaro. Trilha sonora: Wanderley Ribeiro. Elenco: Zaira Bueno, Mauro Medeiros e Marcelo Fonseca. De 5 nov. 1987 a 31 jan. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*ANO 2095 ABN*. Texto: Celso Saiki. Direção e interpretação: Grupo Teatral O Pessoal do Poente, com Fernando Gonçalves, Gisa Rey, Guerra Filho, José Fernando Andrade, Marcos Marcel e Sandra Amorim. Coreografia: Carlos Barreto. Figurinos e adereços: Fernando Gonçalves e Guerra Filho. Seleção musical: Celso Saiki. De 6 jul. 1984 a 15 dez. 1984. Teatro Martins Pena. 22 e 23 ago. 1984. Teatro Arthur Azevedo. 29 e 30 ago. 1984. Teatro Paulo Eiró. 19 nov. 1984. Centro Cultural São Paulo.

*ANTES TARDE DO QUE NUNCA*. *Performance* com textos criados a partir de poesia de Oswald de Andrade e leitura de um texto de Consuelo de Castro. Direção: Myriam Muniz. Elenco: Maricene Costa, Ná Ozzetti, Suzana Salles, Regina Braga e alunos de cursos ministrados por Myriam Muniz. De 11 a 15 mar. 1987. Centro Cultural São Paulo.

*ANTÍGONA*. Texto: Sófocles, Friedrich Hölderlin e Bertolt Brecht. Tradução: Cida Falabella e Gil Amâncio. Direção geral: Carlos Rocha. Preparação corporal: Gil Amâncio. Músicos: Gil Amâncio, Gudah Coelho. Iluminação: Carlos Rocha. Objetos de cena e adereços: Wanda Sgarbi, Renata Dias Franca e Alexandre Amaral. Elenco: Cia. Sonho e Drama (Belo Horizonte), com Cida Falabella, Paulo Lisboa, Helvécio Izabel, Jonas Miquéas e Elisa Santana. De 6 a 29 out. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Vivien Lando. Fuja deste espetáculo. *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 1986, p.4.

*ANTÍGONE*. Texto: Sófocles. Direção: José Eduardo Vendramini. Elenco: Alberto Palmas, Andréa Egydio, Isabel Cuevas e alunos do 3º ano da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. De 16 a 30 out. 1988. Tusp. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ANTÍGONOS*. Roteiro e interpretação: Eliana Carneiro. Direção: Fernando Guimarães. Música e trilha sonora: Rodolfo Caesar. Iluminação: Sérgio Pessanha. De 1 out. 1987 a 27 dez. 1987. Estação Madame Satã.

*ANTI-NELSON RODRIGUES*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Paulo Betti. Cenografia e figurinos: Felippe Crescenti. Música: Chiquinho de Moraes. Coreografia: Ricardo Ordoñes. Cenotécnica: Joaquim Francisco. Sonoplastia e contrarregragem: Edson de Deus. Elenco: Renato Consorte, Sônia Loureiro, Luiz Guilherme, Maria Helena Steiner, Guilherme Corrêa, Cecília Rabello, Maria Helena Steiner e Manolo Fernandes. De 11 nov. 1981 a 3 jan. 1982. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Anti-Nelson Rodrigues*: do drama romântico à farsa. *O Estado de S. Paulo*, 15 nov. 1981, p.40 (acerca também de *Cala boca já morreu*).

*AO ACASO DAS RUAS... DE ONDE VENS, CRIANÇA?* Texto: criação coletiva. Direção: Célia Helena. Música: Irene Portela. Cenografia: Irineu Chamiso Jr. Elenco: Carlos Silveira de Assis, Eric Jan Krotoszynski, Fernanda Cheli, Guilherme Pires, Gisela Arantes, Jácomo Grossi Neto, Lígia Cortez, Liliana Mara Baeza, Shawn Weible e Ulisses Eliezer Simonetti. 1982. Teatro Célia Helena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*AO DEUS DIONISOS, ADEUS*. Texto: criação coletiva. Direção: Denise Papini. Elenco: Grupo de Teatro Amador da Prodesp, com Adolfo Musolino, Denise Bruno e outros. 1989. Casa de Cultura Mazzaroppi. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada (que ficou considerável tempo em cartaz).

*AO PAPAI COM DINAMITE E AFETO*. Texto: Sérgio Jockmann. Direção: Mario Masetti. Cenografia: Augusto Francisco. Figurinos: Gustavo

L. Fernandes. Sonoplastia: Hélio Gastaldi Filho. Iluminação: Edno Meireles Genial. Confecção de boneco: Luís Rossi. Elenco: Paulo Goulart, com participação especial de Umberto Magnani. De 28 nov. 1984 a 3 mar. 1985. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. Um espetáculo engraçado, mas que provoca reflexão. *O Estado de S. Paulo*, 21 dez. 1984, p.18.

*AO SOL DO NOVO MUNDO*. Texto: Consuelo de Castro. Direção: Jandira Martini. Cenografia: Renato Scripilitti. Figurinos: Lu Martan. Adereços: Paulo de Moraes. Sonoplastia: Guilherme Bonfanti. Iluminação: Gaúcho. De 8 a 29 set. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Crítica: Clovis Garcia. Frivolidade aparente. *O Estado de S. Paulo*, 23 set. 1986, p.5.

*AOS 50 ANOS ELA DESCOBRIU O MAR*. Texto: Denise Chalem. Tradução: Timochenco Wehbi e Roberto Mathus. Direção: Roberto Mathus. Assistência de direção: Márcia Correa. Cenografia: Haron Cohen. Música: Conrado Silva. Iluminação: Abel Kopanski. Elenco: Izabel Ribeiro, Ecila Pedroso e Vanessa Goulart. De 19 mar. 1986 a 1 jun. 1986. Teatro Aliança Francesa.

*AOS TRANCOS E BARRANCOS*. Colagem de textos: Esmerino Magalhães Jr. e Stela Maris. Elenco: André Luiz Rezende e Raquel Novais. De 2 a 13 jul. 1980. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*APARECEU A MARGARIDA*. Texto: Roberto Athayde. Direção, iluminação e trilha sonora: Reynaldo Puebla. Cenários e figurinos: Márcio Tadeu. Adereços: Celso Rorato. Elenco: Pamela Duncan e Humberto Fittipaldi. De 15 set. 1989 até 1990. Teatro do Henfil. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*APARECEU A MARGARIDA*. Texto: Roberto Athayde. Direção: Aparecido Luís e Cláudio Nascimento. Elenco: Clau F.M. 1987. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*APARECEU A MARGARIDA*. Texto: Roberto Athayde. Direção, cenografia e figurinos: Luiz Paulo de Vasconcelos. Elenco: Sandra Deni e Marco Aurélio. De 17 jan. 1984 a 19 fev. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Crítica: Clovis Garcia. Apareceu a Margarida, agradável sátira. *O Estado de S. Paulo*, 4 fev. 1984, p.14.

*APARECEU A MARGARIDA*. Texto: Roberto Athayde. Direção: Jurandir Diniz. Elenco: Abílio Tavares. De 7 a 29 nov. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*APARECEU A MARGARIDA*. Texto: Roberto Athayde. Direção: Ricardo Guilherme. Elenco: Grupo Pesquisa (Fortaleza/CE), com Ricardo Guilherme e Valéria de Albuquerque. De 21 a 25 jul. 1982. Teatro TAIB.

*APARTAMENTO DE BERNARDA GALHA, O.* Adaptação: João Carlos Rodrigues, a partir do texto original de Federico García Lorca. Direção: Sebastião Apolônio. Assistência de direção: Alexandre Rocha. Iluminação e sonoplastia: Sidney Muccillo. Cenografia e figurinos: Acácio Gonçalves. Coreografia: Ruben Gabira. Elenco: Leda Amaral, Fábio Amaral, Luiz Simoneti, Cláudio Jardim, Nelson Machado, Eduardo Camarão, José Ambrósio, Cláudio Gardin e Jorge Mourão. De 24 mar. 1981 a 31 maio 1981. Teatro Major Diogo.

*APOCALIPSE* (ou *O CAPETA DE CARUARU*). Texto: Aldomar Conrado. Direção: Silnei Siqueira. Figurinos: Noemia Scaravelli e Waldemir Bellei. Músicas: Adelson Canola, Antonio Del Nery e Cícero Gregório. Elenco: Cristina Lopes, Dauri Carvalho, Dilma M. Louvina, Edgar Gonçalves S., Edson Fonseca, Eloi Fonseca, Emílio Lopes, Filomena Oristânio, Ira Vidal, José Eustáquio Santos, Luciano Barbosa, Luecy Borges, Mucio Antonio Fialho, Paulo Francisco, Penha Regina Dias, Reginaldo Ferro, Roberto D. Mello, Silvia Masulo, Simone Grande J. Garcia, Sueli Maria de Lima e Vicente Pajaro Grande. 6 e 7 nov. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*APOCALIPSE* (ou *O CAPETA DE CARUARU*). Texto: Aldomar Conrado. Direção: Silnei Siqueira. Música: Badé. Elenco: Grupo de Teatro

Amador Cáentrenós. De 1 a 5 jun. 1983. Teatro Arthur Azevedo e Centro Cultural São Paulo. 14 e 15 maio 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílo Salles Gomes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*APOCALIPSE* (ou *O CAPETA DE CARUARU*). Texto: Aldomar Conrado. Direção: Silnei Siqueira. Músicas: Badé. De 16 maio 1982 a 30 out. 1982. Teatro Martins Pena e Teatro Arthur Azevedo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*APONKÃLIPSE.* Criação: Grupo de Arte Ponkã. Direção: Luiz Roberto Galízia. Cenografia e figurinos: Grupo Ponkã. Direção: Paulo Yutaka. Direção musical: Hector Gonzalez. Direção de arte: Márcio Medina. Iluminação: Paulo Almeida. Música ao vivo: Grupo Zôo. Elenco: Heleno Prestes, Fábio Junqueira, Marga Abi-Ramia, Dora Pellegrino, Thiago Santiago, Chico Ozanan, Guti Fraga, Ana Lúcia Cavalieri, Carlos Barreto, Graciela de Leonardis, Celso Saiki, Milton Tanaka e Paulo Yutaka. De 10 abr. 1984 a 1 jul. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho), Teatro São Pedro e Teatro Martins Pena.

Obs.: O Grupo, e em especial Paulo Yutaka, sempre defendeu a miscigenação de tradições com a cultura japonesa, fundamentalmente pela origem de vários de seus integrantes. Nessa simbiose era significativo mesclar certo regionalismo caipira paulista à tradição nipônica.

*AQUELA COISA TODA.* Criação coletiva dos integrantes do Asdrúbal Trouxe o Trombone. Segundo declarações de integrantes do grupo, trata-se de uma obra que aglutina uma "dispersa trupe de solitários, em processo de isolamento". Texto final e direção: Hamilton Vaz Pereira. Cenários, figurinos e adereços: Regina Casé. Iluminação: Neném/Jorginho de Carvalho. Sonoplastia: Ivan Marques. Elenco: Patrícia Travassos, Evandro Mesquita, Perfeito Fortuna, Luiz Fernando Guimarães, Regina Casé e Hamilton Vaz Pereira. De 11 nov. 1980 a 21 dez. 1980. Teatro Ruth Escobar e Teatro Alfredo Mesquita.

Crítica: Clovis Garcia. Foi bom, meu bem? e Exercício da paixão: problemas da juventude, tema de três espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1980, p.44.

*AQUELE QUE É UM É UM, AQUELE QUE NÃO É UM, É UM TAMBÉM*. Roteiro: Renata Franco. Direção e iluminação: Flávio Dias. Coreografia: Lenira Rangel. Elenco: Lenira Rangel e Sidney Donatelli. De 2 a 5 set. 1987. Espaço Off.

*AQUI ENTRE NÓS*. Texto: Ester Góes. Direção: Iacov Hillel. Direção musical: Paulo Herculano e Sérvulo Augusto. Cenografia: Beth Corrêa. Figurinos: Tânia Magaldi. Sonoplastia: Guilherme Whitaker. Elenco: Ester Góes, Anamaria Dias e Imara Reis. De 11 mar. 1981 a 31 maio 1981. Teatro Aliança Francesa (Centro).

*AQUILO, ISTO OU AQUILO MESMO*. Texto composto a partir de fragmentos de obras de James Joyce, Fernando Pessoa, Sam Shepard, Plínio Marcos, Clarice Lispector, Bráulio Pedroso e Tennessee Williams. Direção: Francisco Azevedo. Elenco: Grupo Teatral Magia, Plenitude e Reciclagem. De 14 a 17 ago. 1986. Aonde Bar. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ARABESCO LORQUEANO*. Espetáculo bilíngue fundamentado em poemas de Federico García Lorca, apresentado apenas em 6 out. 1986, com direção e interpretação de Edson Nequette. Teatro Brasileiro de Comédia.

*ARACNÍDEOS, OS* (ou *A TRÁGICA VIÚVA NEGRA*). Texto: Ademar Terra. Direção: Carlos A. Simões. Cenografia e figurinos: Grupo Renovação. Iluminação e sonoplastia: Marcela Sgarbi. Elenco: Ademar Terra e Denis Ducke. Estreia: 6 set. 1989. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ARCANOS MAIORES DA POESIA SURREALISTA*. Colagem de diversos poemas apresentados por Lélia Abramo e atores do Grupo Tapa. 8 ago. 1988 (única apresentação). Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Aimar Labaki. Surrealismo traz Lélia Abramo de volta por um dia. *O Estado de S. Paulo*, 7 nov. 1988, p.E-8.

*ARENA CONTA ZUMBI*. Texto: Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal. Músicas: Edu Lobo. Direção: Paolino Raffanti. Direção musical: Vla-

dimir Capella. Elenco: Marlene Santos, Regina Bogus, Alexandre Dressler e Janete Gonçalves. De 26 mar. 1981 a 26 abr. 1981. Teatro Arthur Azevedo, Teatro Teatro Martins Pena, Paulo Eiró e Teatro Markanti.

*ARIADNE*. Texto: Anaïs Nin e Maria Rita Kehl. Adaptação livre e direção: Fernando Jacon. De 7 a 15 dez. 1987. Espaço Off. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ARLECCHINO SERVITORE DI DUE PATRONI*. Texto: Carlo Goldoni. Direção: Giorgio Strehler, com o elenco do Teatro di Milano. Estreia: 9 jul. 1989. Teatro Municipal. Não foi possível recuperar as datas de apresentação do espetáculo.
Crítica: Mariangela Alves de Lima. O riso comedido na máscara de Arlequim. *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 1989, p.2.

*ARLEQUIM*. Texto: Rodolfo García Vázquez e Ivan Cabral (fundadores dos Sátyros, em 1989). Direção: Rodolfo García Vázquez. 1989. Teatro Zero Hora. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ARLEQUINADAS*. Texto e direção: José Eduardo Vendramini. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Elenco: Eleonor de Brito, Nelson Baskerville, Malu Pessin, Flávio Colatrelo e Roberto Arduin. 1981. Museu de Arte de São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSÍRIA, O*. Texto: Fernando Arrabal. Tradução: Leila Ribeiro e Ivan Albuquerque. Direção e trilha sonora: Marinho Piacentini. Cenografia: Jarbas Oliveira. Iluminação: Roberto Lobo. Coreografia e preparação corporal: Fernanda Haucke. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: José Piñeiro, Roberto Lobo, Fernanda Haucke, Jarbas Oliveira, Sérgio Siviero e Zernesto Pessoa. De 8 a 13 fev. 1989. Tusp. De 15 a 19 fev. 1989. Projeto Mambembe.

*ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSÍRIA, O*. Texto: Fernando Arrabal. Direção: Cláudio Cruz. Cenografia: Coca Serpa. Iluminação: Hermes Mencilha. Preparação corporal: Clarissa Cruz. Concepção visual: Cláudio

Salvador e Lizete. Painelista: Paulo Fontoura. Elenco: Paulo Conte e João Batista Diemer. De 1 fev. 1985 a 10 mar. 1985. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno). A montagem veio do Rio de Janeiro.

Crítica: Clovis Garcia. Apesar dos senões, bons intérpretes para Arrabal. *O Estado de S. Paulo*, 14 fev. 1985, p.19.

*ARRANCA-DENTES, O*. Adaptação do texto homônimo de Flamínio Scala por Roberta Barni e Francesco Zigrino. Direção: Francesco Zigrino. Espetáculo apresentado por alunos do segundo ano da EAD/USP, em 1985. Tusp. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ARREMEDO DE LEONARDO*. Texto e direção: Ednilson Quarenta. Elenco: Grupo Mórbidas Mordidas, com João Pires e Luiz Moura. De 3 a 26 nov. 1989. Teatro Zero Hora.

*ARTAUD, O ESPÍRITO DO TEATRO*. Texto: Antonin Artaud. Tradução e organização das obras em francês: José Rubens Siqueira. Direção: Francisco Medeiros. Trabalho corporal: Sônia Motta. Iluminação e cenografia: Francisco Medeiros e José Rubens Siqueira. Elenco: Ana Maria Braga, Ary França, Elias Andreato, Gabriela Rabelo, Giuseppe Oristânio, José Rubens Siqueira, Haroldo Botta e Tânia Bondezan. De 4 mar. 1984 a 9 abr. 1985. Teatro João Caetano.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Artaud, o direito de ser acessível e compreendido. *O Estado de S. Paulo*, 23 set. 1984, p.43.

Obs.: Acerca do processo percorrido pelo Grupo e referente à montagem, foi publicada uma obra, espécie de "diário de bordo", com 52 páginas: *Oficina de dramaturgia e teatro sobre Antonin Artaud*. Realização da Cooperativa Paulista de Teatro – Projeto Teatro Popular João Caetano, copatrocinado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura e Apoio Cultural do Ministério de Educação e Cultura e Instituto Nacional de Artes Cênicas. De 31 ago. 1984 a 16 set. 1984 foram realizados laboratórios abertos ao público. Houve uma apresentação, em 17 set. 1984, em sessão especial para convidados, em virtude de veto à obra pela Censura Federal ao texto da peça, cuja liberação ocorreu em 18 set. 1984.

*ARTE FINAL*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção: Denise Martha Gutierrez Baptista. Elenco: Mauro Alencar e David Ferreira. 23 e 24 ago. 1983, 29 e 30 ago. 1983. Teatro Faap. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ARTE FINAL*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção e figurinos: Leda Senise. Direção musical: Júlio Medaglia. Cenografia: Waldir Gunther. Elenco: Antônio Fagundes, Clarisse Abujamra e Edney Giovenazzi. De 20 mar. 1980 a 24 out. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Alberto D'Aversa).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Acima de tudo, o indivíduo. *O Estado de S. Paulo*, 30 mar. 1980, p.37.

Obs.: Espetáculo inserido no Projeto Cacilda Becker – Um Teatro de Repertório, dividido nas seguintes equipes:

– *Atividades gerais*: parque da dramaturgia, teatro de repertório, mostra de cenário e indumentária, ciclo de leituras dramáticas, seminário de informação teatral e assessoria editorial.

– *Coordenação geral*: Antonio Abujamra, José A. Ferrara, Hugo Barreto, Helvécio A. Cardoso e Pedro D'Aléssio.

– *Atores*: Antonio Fagundes, Wanda Stefânia, Beth Goulart, Edney Giovenazzi, Clarisse Abujamra, Paulo Guarnieri e J. C. Violla.

– *Cenografia e arte*: José A. Ferrara, J. C. Serroni, Waldir Gunther, Murilo Sola, Sérgio Shirowa, Vera Lúcia Marotti, Mário Sérgio Martini, Luiz Carlos Rossi e Danilo Pavani.

– *Produção*: Francisco Medeiros, Dulce Muniz, Lúcia Capuani e Gabriel Silva.

– *Direção*: Antonio Abujamra, Hugo Barreto, Francisco Medeiros, José Antônio de Souza, Leda Senise, Sílvio de Abreu, Oswaldo Barreto e Gilberto Zarnati.

*ARTE OCULTA*. Concepção: Renato Cohen. Roteiro e interpretação: Cristina Mutarelli e Carlos Moreno. Direção: Elias Andreato. Objetos: Guinter Parshalk. Sonoplastia: Tunica. De 23 a 26 nov. 1989. Teatro Sesc Pompeia.

*ARTE PERFORMANCE*. Espetáculo de *perfomance* com texto, direção e interpretação de Anna Maria Kieffer. 1984. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ARTE PERFORMANCE: PROCESSO DE CONSCIÊNCIA*. Concepção e direção: Renato Cohen. 26 abr. 1989. Biblioteca Mário de Andrade.

*ARTIFÍCIO E O TEATRO DAS PULGAS*. Texto, concepção e direção: Rodrigo Noronha. Elenco: Rodrigo Noronha, Paula Algugaray e Pedro Vicente. 20 e 21 abr. 1987. Espaço Off.

*AS IS (ASSIM É)*. Texto: William M. Hoffman. Tradução: Luiz Fernando Tofanelli. Direção, iluminação e sonoplastia: Roberto Vignati. Assistência de direção: Eugênia de Domênico. Cenografia e figurinos: Chico Ozanan e Márcio Colaferro. Cenografia e preparação corporal: Célia Gouveia. Elenco: Carlos Augusto Strazzer, Rodrigo Santiago, Carlos Capeletti, Sandra Pêra, Luiz Carlos Buruca, Thadeu Aguiar, Nereide Bonamigo, Marcelo Evelin e Cláudio Gardin. De 4 dez. 1985 a 2 fev. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O velho amor romântico. Com sexo. *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1985, p. 19 (acerca também de *Louco circo do desejo* e *A Vênus das peles*).

*ÀS MARGENS DA IPIRANGA*. Texto e direção: Fauzi Arap. Assistência de direção: Tereza Menezes. Cenografia, adereços e figurinos: Loira Cerroti e Márcia Benevento. Produção: T.A.RÔ dos Ventos. Preparação corporal: Klauss Vianna. Trilha sonora: Zero Freitas. Iluminação: Reginaldo Fonseca. Cenotécnica: Jorge Ferreira Silva, Jacinto Jota Eme e Ewandro Furkin. Elenco: Antônio de Andrade, Cláudia Mello, Umberto Magnani, Eric Nowinski, João Carlos Couto, Martha Mellinger, Tin Urbinatti e Toni Lopes. De 7 abr. 1988 a 14 ago. 1988. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Margens da Ipiranga. *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1988, p.6.

*ÀS MARGENS DO DESESPERO*. Espetáculo misto e radiofônico, com texto e interpretação de Arthur Khor e Júlio Sárkány. De 8 a 18 out. 1986. Espaço Off.

*ÀS MARGENS PLÁCIDAS*. Texto, direção, cenografia, figurinos e seleção musical: Pod Minoga Studio. Autores: Ana Luísa Fonseca, Cida Moreyra,

Dionísio Jacob, Flávio de Souza, Mira Haar e Regina Wilke. Redação do texto: Ana Luísa Fonseca, Dionísio Jacob e Flávio de Souza. Assistência de cenografia: Ciça Maringoni, Iara Jamra, Cristina Mutarelli, Marcos Botassi, Paulo Caruso e Sylvi Mielnik. Iluminação: José Possi Neto. Direção musical: Cida Moreyra. Sonoplastia: Cristina Mutarelli. Elenco: Ângela Grassi, Cida Moreyra, Dionísio Jacob, Flávio de Souza, Mira Haar e Regina Wilke. De 12 jun. 1980 a 3 ago. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Apropriação indevida de clichês. *O Estado de S. Paulo*, 5 jul. 1980, p.19.

Obs.: De certa forma dadaístas, os integrantes do Pod Minoga afirmam que o nome do Grupo foi retirado de um livro polonês, referindo-se a um peixe (manjuba). Por assentar-se sobretudo em uma tendência paródica, no programa de *Às margens plácidas*, com cinco personagens, consta:

> Pó de Milonga = Pod Minoga Studio. Que porra é essa? Somos francos: não sabemos. Mesmo porque, existem controvérsias e várias correntes de pensamento – alguns acham que se trata de um alucinógeno (PODUS MINOGALLIS), encontrado no sul da Islândia [...] Falando seriamente: POD MINOGA STUDIO provém da família real MINOVITZA da Romênia, e era o apelido da pequena princesa Rudoberta Monovitza, carinhosamente chamada pela sua avó de PODHY [...].

*ASSALTO, O.* Texto: José Vicente. Direção e iluminação: Wilma de Souza. Cenografia: Diógenes D. Bittencourt. Criação musical: Gilda Vandenbrande. Elenco: Orlando Vieira e Freddy Moreira. De 1 fev. 1988 a 3 maio 1988. Teatro Igreja.

*ASSALTO, O.* Texto: José Vicente. Direção: Vicente Galvão Parisi. Elenco: Miguel Rosas e Bré Gilbert. De 27 out. 1982 a 14 nov. 1982. Teatro Martins Pena e Teatro Arthur Azevedo.

*ASSASSINATO.* Texto e direção: Dárcio Della Mônica. Elenco: Éderson Granetto, Regiane Ritter, Fernando César e outros. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas. 1980. Teatro Grande São Paulo.

*ASSIM OU ASSADO*. Texto: Sylvio Hass. Direção: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Sonoplastia: Tunica. Elenco: Luiz

Armando Queiroz, Ricardo Blat, Cláudio Mamberti, Laura Cardoso e Heloisa Milet. De 9 jun. 1983 a 19 jul. 1983. Teatro A Hebraica.

*ASSUNTA DO 21*. Texto: Nery Gomide. Direção: Sebastião Apolônio. Assistência de direção: Teresa Dione. Cenografia e figurinos: Percival Rorato. Trilha sonora: Valter Gianpaolo. Elenco: Ruthnéa de Moraes. De 2 dez. 1985 a 13 maio 1986. Teatro Zero Hora.

Crítica: Clovis Garcia. Dois emocionantes monólogos. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1986, p.15 (acerca também de *As mãos de Eurídice*).

*ASTROREY*. Texto: Márcio Guimarães. Direção: Paulo Novaes. Elenco: André Valério, Paulo Novaes, Deyve Rose, Christian Landgraf e May do Lago. De 31 ago. 1989 até 1990. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*ATALIBA, A GATA SAFIRA*. Texto: Hamilton Vaz Pereira e Fausto Faucett. Direção: Hamilton Vaz Pereira. Cenografia: Cláudio Torres. Figurinos: Rita Murtinho. Coreografia: Debby Growald. Músicas: Hamilton Vaz Pereira e Zé Renato. Direção musical: Muri Costa. Iluminação: Maneco Quinderé. Elenco: Débora Bloch, Lena Brito, Miguel Magno, Péricles Cavalcanti, Hamilton Vaz Pereira, Beto Rezende e Ronald Valle. De 18 mar. 1988 a 19 jun. 1988. Espaço Mambembe.

*ATÉ AMANHÃ*. Texto, direção e iluminação: Eliézer Filho. Cenografia e figurinos: criação coletiva. Elenco: Lincoln Rolim, Wilma Albuquerque, Domingos Sávio, Analice Souto, Suely Tavares, José do Nascimento, Sônia Lira, Ângelo Nunes, Leide Gomes e Paula Francinette. De 26 jun. 1986 a 6 jul. 1986. Teatro Sesc Pompeia e Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Ideias boas em espetáculo ruim. *O Estado de S. Paulo*, 29 jun. 1986, p.4.

*ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA*. Texto e direção: Reinaldo Santiago. Tema: Marcília Rosário. Música e direção musical: Solano Carvalho. Trilha sonora: Tunica. Roteiro, cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Coreografia e assessoria folclórica: Toninho Macedo. Preparação corporal: Augusto Pompêo. Iluminação: Edinho Amorim. Adereços: Helô Cardoso. Músicos: Rubinho Marques e Mauro Henrique Araújo. Elenco: Grupo *Lux in Tenebris*, com Jair

Assumpção, Márcio Tadeu, Alzira Andrade, Augusto Pompêo, Eli Ortega, Paulo Prado, Henrique Lisboa, Álvaro Gomes, Helena Bagnoli, Marcília Rosário, Elza Gonçalves, Beatriz Bologna, Eliene Palma e Cleusa Mattoso. De 20 maio 1988 a 30 out. 1988. Auditório Augusta e Teatro Ruth Escobar.

*ATÉ QUANDO*. Texto composto a partir de fragmentos de obras de Wilhelm Reich e de Julio Cortázar. Estreia: 15 mar. 1984. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ATÉ TU, MEU FILHO?* Texto e direção: Alberto Soares. Cenografia: Márcio Colaferro. Figurinos: Antonieta Jambetti. Coreografia: Tony Callado. Preparação corporal: Carlos Nabarette. Iluminação: Kuke. Sonoplastia: Eduardo César. Elenco: Aguiberto Santos, Gilberto Caetano, Marilu Alvarez, Heleni França, Marcus Moraes, Marta Gmeiner e Zara Luisa. De 6 nov. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte) e Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*ATO CULTURAL*. Texto: José Ignacio Cabrujas. Tradução: Aidê Saran e Marcos Fayad. Direção: Marcos Fayad. Cenografia: Romero Cavalcanti e Henri Pagnocelli. Figurinos: Mimina Roveda. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Preparação vocal: Maria da Glória Beautmüller. Produção: Grupo Engenho de Teatro, com Marcos Fayad, Denise Del Vecchio, Reinaldo Maia, Jalusa Barcelos, Christina Rodrigues e Henri Pagnocelli. De 6 mar. 1980 a 27 abr. 1980. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes).
Crítica: Clovis Garcia. A realidade cultural do interior, sem caricatura. *O Estado de S. Paulo*, 23 mar. 1980, p.38.

*ATO SEM PALAVRAS*. Texto: Samuel Beckett. Direção, cenografia e interpretação: Selma Bustamante e Laurent Mattalia (trocavam semanalmente de papel). Música: Edgard Lippo. De 23 jun. 1988 a 3 jul. 1988. Estação Madame Satã.

*ATO SEM PALAVRAS*. Texto: Samuel Beckett. Espetáculo apresentado no projeto Beckett 80 Anos. Direção, cenografia e figurinos: Bosco Brasil. Colaboração na cenografia: Luís Fruguli e Carmela Gros. Iluminação: Luís Fruguli. Elenco: Ariela Goldmann e Cássio Scapin. 21 e 22 abr. 1986. Centro Cultural São Paulo.

*ATOR À TOA*. *Performance* com colagem de textos e interpretação de Mauro Ferraz. 30 mar. 1985. Apresentação: 24h. Estação Paulista.

*ATORMENTADO.* Texto, direção, sonoplastia e iluminação: Paulo Giardini. Cenografia: Renato Prieto. Elenco: Renato Prieto, Helena Airan, Quim Kehl e Geraldo Patean. De 1 a 28 jun. 1987. Teatro Zero Hora.

*AURORA DA MINHA VIDA, A*. Texto: Naum Alves de Souza. Direção: Jorge F. Lahman. Sonoplastia: Ana Paula Justino. Iluminação: Andréa Goethnauer Carvalho. Figurino: Adriana Picazio. Elenco: Grupo de Teatro do Arquidiocesano, com Adriana Picazio, Ana Paula Pestana, Andréa Hafez, Aparecida de Lira, Cláudia Fernandes Laham, Jorge Fernandes Laham, Luiz La Selva Pires, Luiz de Lira, Marco Sandrini e Pedro Pires. 15 e 16 maio 1987. Teatro do Colégio Arquidiocesano. 19 e 20 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*AURORA DA MINHA VIDA, A*. Texto, direção e cenografia: Naum Alves de Souza. Assistência de direção: Flávio de Souza. Direção musical: Samuel Kerr. Figurinos: Leda Senise. Iluminação: Takao Kusuno. Piano: Paulo Herculano. Preparação de declamação: Neusa Maria Faro. Elenco: Cristina Pereira, Paulo Betti, Eliane Giardini, J. C. Violla, Isa Kopelman, Dionísio Jacob, Roberto Arduim, Maria do Carmo Sodré e Tacus. De 3 jul. 1981 a 10 jan. 1982. Teatro do Bixiga e Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. *Aurora da minha vida*, apenas um bom espetáculo. *O Estado de S. Paulo*, 19 jul. 1981, p.16.

Ilka Marinho Zanotto. A criatividade, a fúria e a arte do teatro. Onde estão? *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 1981, p.40.

*AUTO DA BARCA DO CAMIRI*. Texto: Hilda Hilst. Concepção cênica, iluminação e direção: Tom Santos. Música: Jorge Mello. Figurinos: Lucila Fontanini e Roque Palácio. Desenhos do sudário: João Borges. Elenco: Inês Maria, Sidney Lilá, Liliana Olivan, Luca Millani, Kina Kardoso e Tom Santos. De 9 dez. 1987 a 8 maio 1988. Teatro Aplicado.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Só um texto belíssimo. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1987, p.6.

*AUTO DA BARCA DO INFERNO* e *A FARSA DE INÊS PEREIRA*. Texto: Gil Vicente. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Sidney Muccillo. Elenco: Sidney Muccillo, Angélica Belmont, Luiz Carlos Shelman, Maria Cantoia, Roberto Zeppelin, Camila Piffer, Antonio Carlé e Edson Landi. De 16 nov. 1983 a 29 abr. 1984. Teatro Major Diogo.

*AUTO DA COBIÇA*. Texto: Altimar Pimentel. Direção: Toninho Macedo. Produção: Grupo Abaçai – Núcleo Folclórico de Arte Experimental. 28 ago. 1984. Sesc Carmo. 22 out. 1984. Centro Cultural São Paulo.

*AUTO DA COMPADECIDA*. Texto: Ariano Suassuna. Direção, cenografia e iluminação: José Paulo Rosa. Assistência de direção e trilha sonora: Ubirajara Jorge. Elenco: Cícero Duarte, Dalila Camargo, Hizídio Carrijo e outros. De 4 set. 1989 a 3 jan. 1990. Auditório ALS. De 15 a 25 jun. 1989. Casa de Cutura Mazzaropi. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AUTO DO BOI GUERREIRO*. Texto e direção: Cláudio Ferreira. Figurinos: Leo Leoni. Confecção de bonecos: Chico Aleixo. Elenco: Clorys Daly, Abner Campos, Hugo Oscar, Ednea Santos e Marilisa. De 21 nov. 1981 a 31 jan. 1982. Circo Mal-Me-Quer (Praça Roosevelt).

*AUTO DO FRADE*. Texto: João Cabral de Melo Neto. Direção: Carlos Meceni e Wolney de Assis. Adaptação: Thomas Frey. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Direção musical: Sérgio Mineiro e Crispin Del Cistia. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Coreografia: Lala Deheinzelin. Preparação corporal: Izabel Costa. Iluminação: Abel Kopanski e Lálio Lândico. Adereços: Luís Rossi e outros. Sonoplastia: Ulisses Cohn. Elenco: Lígia Cortez, Gésio Amadeu, Plínio Soares, Elias Andreato, João Bourbonnais, Fernando Bezerra, João Carlos Couto, Walter Cruz, Antônio de Andrade, Nivaldo Todadro, Israel Pinheiro, Irineu Pinheiro, Ricardo Dias, Carmem Mello, Martha Mellinger e Noemi Marinho. De 2 jul. 1985 a 17 ago. 1985. Teatro São Pedro.

*AUTO DOS* 99%. Texto: Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa, Marco Aurélio Garcia, Carlos Estevam Martins e Cecil Thiré. Direção: Tim Urbinatti. Espetáculo apresentado em *Vianinha 10 Anos*, evento promovido pelo

Centro Cultural São Paulo. De 22 a 25 jul. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*AUTO DOS* 99%. Texto: Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa, Marco Aurélio Garcia, Carlos Estevam Martins e Cecil Thiré. Direção: Armando Azzari. Iluminação: Marcos Hirose. Elenco: Grupo de Teatro Libertá, com Antonio Carlos, Berna Sorgini, Carlinhos Godoy, Clarice Pastore, Débora Nogueira, Elaine Gonçalves, Elizabeth de Queiroz, Fátima Portorello, Glória Lúcia Maia, Nilton Hernandes, Reinaldo Crevilari, Rita de Cássia, Roberto Gonçalves, Rose Dellatorre, Salvador Reina, Sandra Martins, Sérgio Sampaio, Shyrley Locatelli, Sidney Rocha e Valter Ferreira. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*AVATAR*. Texto: Paulo Afonso Grisolli. Direção: Neo Rocha. Elenco: Grupo Diagnóstico de Arte (Juazeiro, BA), com Agostinho Jr., David de Hollanda, Débora Giselle, Edno Maciel, Eduardo Franciolli, Sandra Amorin, Sonia Baptista, Ubirajara Saide e Vânia Ramos. 26 jun. 1983. Centro Cultural São Paulo e Biblioteca Monteiro Lobato.

*AVENTURAS DE CARGA, O TEMERÁRIO, AS*. Texto: Vicente Parisi. Adaptação e direção: Flávio Dias. Músicas: Gustavo Kurlat. 25 e 26 abr. 1983. Teatro das Nações e Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AVENTURAS DE UM DIABO MALANDRO*. Texto: Maria Helena Kühner. Direção: Wagner Cavalcanti. Espetáculo apresentado pelos integrantes do Grupo Trup Ação de Cena. 1987. Associação Cristã de Moços (Lapa). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AVES DA NOITE, AS*. Texto: Hilda Hilst. Direção: Antônio do Valle. Assistência de direção: Renato Gonda. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Música: Marcelo Galbetti. Elenco: André Loureiro, Carlos Primiani, Lauri Prieto, Roberto Francisco, Lino Henrique, Maithê Alves, Mauro Gianfrancesco e Ney Chantagnier. De 13 nov. 1980 a 8 fev. 1981. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Relato poético que ilumina a face eterna do espírito. *O Estado de S. Paulo*, 17 dez. 1980, p.18.

*AV. IPIRANGA COM SÃO JOÃO*. Dramaturgia e direção: Edison Fernandes. Elenco: Grupo Pana. 1986. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*AVISO PRÉVIO*. Texto: Consuelo de Castro. Direção: Francisco Medeiros. Assistência de direção: Márcia Abujamra. Iluminação: Hamilton Saraiva. Cenografia: Márcio Medina. Música: Nando Carneiro. Coreografia: Lúcia Aratanha. Sonoplastia: Flávia Calabi. Elenco: Paulo Goulart e Nicette Bruno. De 12 maio 1987 a 26 jul. 1987. Teatro Paiol.

*AZN33C, UM VIAJANTE MUITO ESPECIAL*. Criação e direção: Hugo Oskar. Elenco: René Ortaner, Amilton Jose e Ângela Oskar. 1988. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*B... EM CADEIRAS DE RODAS*. Texto: Ronald Radde. Direção: Eduardo Cohen e Maria Maria. Elenco: All Ferreira e Aderaldo Maia. 6 e 7 nov. 1987. Centro Cultural Jabaquara. De 22 a 26 out. 1987. Teatro João Caetano.

*BACANTES, AS*. Texto: Eurípedes. Tradução: Maria Helena R. Pereira e Maria de Fátima M. Machado. Direção: Stephan Yarian. Cenografia e figurinos: Guilherme Filho e José Piñeiro. Iluminação: Hamilton Saraiva. Elenco: Cristiane Fischer, Lílian Bites, Yedda Chaves, Casé Campos, Luciana Azevedo, Thais Fantauzzi, Christiana Caldas, Alberto Gouveia, Ângelo Osório, José Piñeiro, Guilherme Filho e Elene Tiziortizis. Produção da EAD/USP. De 2 a 6 dez. 1987. Tusp.

*BACANTES, AS*. Texto: Eurípedes. Direção: Renée Gumiel. Produção: Grupo Spiral. Adaptação e máscaras: Fioravante Mancine. Figurinos: Lílian Zirk. Iluminação: Ubirajara Assunção. Flauta: Prata. Elenco: Alexandre Maria, Antonio Rodrigues, Beatriz Romero, Édson Bruno, Cláudia Maria Moreira, Conceição Boaventura, José Batalha, Lílian Zirk, Lúcia Pereira, Miguel Langella, Rúbia Cravo e Sueli Silva. De 18 a 29 set. 1985. Teatro Martins Penna e Teatro Arthur Azevedo.

*BAHIA TE ESPERA, A.* Texto: Grupo Metamorfose. Coreografia: Jaycobs Rodrigues. 23 out. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BAILADO DO DEUS MORTO*. Texto: Flávio de Carvalho e Oswald de Andrade. Espetáculo resultante de oficinas coordenadas por Carlos Augusto Carvalho e Lali Krotoszinski. Música: Lívio Tragtemberg. Elenco: Carlos Augusto, Magali Biff, Cleo Busatto e Carlos Ribeiro. De 5 a 7 dez. 1986. Teatro Sérgio Cardoso. De 19 a 21 dez. 1986. Oficina Cultural Oswald de Andrade (antiga Oficinas Culturais Três Rios).

*BAILEI NA CURVA*. Texto: Júlio Conti Jr. (a partir de experiências de criação do Grupo do Jeito que Dá, do Rio Grande do Sul). Direção e iluminação: Jacques Lagoa. Figurinos: Lu Martan. Coreografia: Sueli Garcia. Direção musical: Vera Sodré. Elenco: Carlos Ojeda, Cida Vieira, Eduardo Silva, Élcio Sodré, Mara Faustino, Patrícia Macruz e Ricardo Colombo. De 1 mar. 1986 a 29 jun. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Obs.: A ação da peça inicia-se em 31 de março de 1964 e atravessa a ditadura militar brasileira, apresentando a vida de diferentes indivíduos que brincavam juntos quando pequenos, mas que se separam devido às escolhas de cada um.

*BAKUNIN*. Roteiro: Marco Ricca, Roberto Lima e Val Folly. Direção e cenografia: Val Folly. Figurinos: Domingos Fuschini. Adereços: Luís Rossi. Iluminação: Val Folly e Roberto Lima. Trilha sonora: Cacá Soares. Elenco: Grupo Necas de Pitibiribas, com Marco Ricca. De 26 jan. 1989 a 28 maio 1989. Teatro do Bixiga.

*BALADA BRECHT*. Concepção, tradução, direção e interpretação: Denis Portugal. Iluminação: Denis Portugal e Marcelo Copanni. Figurinos: Diana Barradas. Músicas: Kurt Weill e Hans Fischer. Piano: Leonardo John. De 28 out. 1987 a 7 nov. 1987. Espaço Off e Teatro do Bixiga.

*BALADA DE UM PALHAÇO*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Odavlas Petti. Cenografia: Cláudio Luchesi. Preparação corporal e pantomima: Val

Folly. Músicas: Léo Lama. Arranjos e música incidental: Guga Petri. Músicos: Sérgio Zurawski (guitarra), Wilson Ribeiro (baixo), Paulo Mello (bateria), Renato Carneiro (flauta), Kátia Guedes (oboé), Marta Vidigal (clarinete) e Guga Petri (sintetizador). Elenco: Walderez de Barros e Antonio Petrin. De 19 set. 1986 a 30 nov. 1986. Teatro Zero Hora. De 3 a 28 dez. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno). De 14 jan. 1987 a 1 fev. 1987. Teatro Arthur Azevedo. De 4 a 27 fev. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Vivien Lando. Melancolia da humanidade. *O Estado de S. Paulo*, 2 out. 1986, p.5.

*BALADA DO FLAUTISTA, A*. Texto: Jordi Teixidor. Espetáculo apresentado pelo Truques, Traquejos & Teatro (TTT). De 31 maio 1980 a 3 ago. 1980. Associação dos Trabalhadores da Região do Ipiranga. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BALLET DE INFORMÁTICA*. *Performance* com o Grupo de Arte Ponkã. Museu de Arte de São Paulo. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BAND-AGE*. Texto: Zé Rodrix e Miguel Paiva. Direção e iluminação: José Possi Neto. Direção musical: Zé Rodrix. Assistência de direção musical: Cida Moreyra. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Miguel Paiva e Malu Grabowski. Adereços, telão da igreja, figurinos do circo dos pais e confecção: Cláudio Lucchesi e equipe (Célia Orlandi, Jonas Antunes, Attílio César e Daysi Nery). Coreografia: Sonia Motta. Elenco: Tânia Bondezan, Fernando Wellington, Sônia César, Miguel Magno, Roseli Silva, Carlo Briani, Mazé Crescenti e Thales Pan Chacon. Substitutos: Beatriz Barros e Paulo Contier. Músicos que tocam no espetáculo: Mário Garcia (guitarra), Dunga (contrabaixo) e Batista (bateria). Trilha sonora: gravação e mixagem no Estúdio Áudio-Patrulha. Músicos que participam em estúdio: Zé Rodrix (teclados), Nico Assunção (baixo), Carlinhos Balla (bateria e percussão), Mikka (guitarra), Faísca (guitarra), Marya Rodrix e Cida Moreyra (vocais), Roberto Sion (sax e flauta), Tennyson e Gil (trompetes). De 18 ago. 1983 a 23 out. 1983. Teatro Cultura Artística.

*BANGLADESH: CAPITAL BRASÍLIA.* Criação e direção: Grupo de Theatro Eros Volúsia. Elenco: Adriano Garib, André Luiz Lima, Eloísa Longo e Paulo de Moraes. De 11 a 13 ago. 1988. Espaço Off.

*BANQUE; QUE SE SPLANCK.* Texto: Augusto Francisco, Fernando Arrabal e Eugène Ionesco e turma de último ano da EAD/USP. Direção e iluminação: Roberto Lage. Assistência de direção: Aimar Labaki. Direção musical: Plínio Cutait. Cenografia e figurinos: Fernando Uzeda e Cláudio Lucchesi. Trilha sonora e sonoplastia: Tunica. Coreografia: Sílvia Bittencourt e Patrícia Gaspar. Elenco: Augusto Francisco, Bárbara Prado, Célia Orlandi, Fernando Petelinkar, Eliana Fonseca, Plínio Soares, Patrícia Gaspar, Magali Biff, Renato Prieto, Jose Barboza e Tânia Bueno. De 5 dez. 1983 a 8 abr. 1984. Provavelmente apresentado no Tusp.

*BANQUETE.* Roteiro e direção: Celso Frateschi. Cenografia: Ricardo Holmuth e Celso Frateschi. Figurinos: Mônica Guimarães e Ângelo Osório. Iluminação: Paulo de Moraes e Celso Frateschi. Música e preparação vocal: Pedro Veneziani. Preparação corporal: Maria Thaís. Cenotécnica: José Estevão. Elenco: Mônica Guimarães, Ângelo Osório, Alexandre Miranda e Pedro Veneziani. De 14 set. 1989 a 23 dez. 1989. Teatro do Bixiga.

*BANQUETE, O.* Texto de diversos autores: poemas de Hilda Hilst, William Shakespeare e Luiz Vaz de Camões. Concepção, roteiro e direção: Paulo Bueno. Canto: Martha Herr (soprano), Regina Helena Mesquita (soprano), Marizilda Hein (piano), Paulo Bueno (piano) e João Senna (dança). Coreografia: Célia Gouvêa. Figurinos: João Carlos Ribeiro. Tradução de Sócrates de Satie: João Carlos Ribeiro. Música de John Cage, Camargo-Guarnieri, Almeida Prado, Rossini, Chico Buarque de Hollanda e Edu Lobo, Verdi, Poulenc, Donizetti, De Falla, Corium Aharoniam e P. Dogroz. Elenco: Martha Herr, Regina Helena Mesquita, João Senna, Leonor Alvim e Paulo Bueno. 25 e 26 abr. 1987. Centro Cultural São Paulo.

*BAR LUA AZUL.* Junção de textos de Charles Baudelaire, Fenando Pessoa e outros. Direção: Valéria Di Pietro. O espetáculo contém os seguintes quadros: *France e o garçon,* de Clayre Gallizzi, com Ângela Sassine e Antônio Gincko. *A italiana fálica,* de Clayre Gallizzi, com Valéria Di Pietro e Tabajara Assumpção

(voz em *off*). *O poeta,* de Charles Baudelaire, com Antônio Gincko. *A falência do amor,* de Fernando Pessoa, com Ângela Sassine e Kinkas Neto. *A viúva,* com Valéria Di Pietro. *Os sonhos,* de Fifie, com Moisés. *Higiene,* de Arthur Azevedo, adaptação de Valéria Di Pietro, com Ângela Sassine, Antônio Gincko e Moisés. *O boêmio,* de Charles Baudelaire, Fernando Pessoa e Eduardo de Roterdam, com Kinkas Neto. *Flash romance,* de Clayre Gallizzi, com Ângela Sassine e Antônio Gincko. *Neusa Sueli,* de Nery Gomes e Valéria Di Pietro, com Valéria Di Pietro e Moisés. *Dona Doralice,* de Ângela Sassine e Clayre Gallizzi, com Ângela Sassine e Moisés. *O encontro,* de Valéria Di Pietro e Antônio Gincko, com Ângela Sassine, Antônio Gincko, Kinkas Neto, Moisés e Valéria Di Pietro. De 17 abr. 1989 a 20 ago. 1989. Café Maravilha (Sala García-Guillén).

*BARÃO DE COTIA, O.* Texto: França Jr. Direção: Eduardo Raffante. Criação: Grupo Palmas de Teatro, com funcionários-atores da Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTC): Júlio Teixeira, Fábio José, Klebson, Aurora Paz e outros. De 29 set. 1988 a 2 out. 1988. Teatro Martins Pena. 1989. Teatro Alfredo Mesquita. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BARCA DE VENEZA, A.* Texto: Adriano Banchieri. Tradução: Maria Rosa Sabatelli. Direção geral e roteiro: Ivan Lima. Visual: Paulo Penna. Iluminação: Hiran Eduardo. Chapéus: Neneco. Máscaras: Jair dos Santos. Direção musical: Espírito Santo. Orientação musical: Luthero Rodrigues. Preparação vocal: José Antonio Marson, Sonia Cavalheiro. Instrumentos: Raquel Vasconcellos (cravo) e Regina de Vasconcellos (cello). Bailarinas: Joseane Alves Ferreira e Priscila D'Daddio. Dança oriental: Roselita de Jesus. Solistas convidados: Celine Imbert, Regina Helena Mesquita, Helly-Anne Caran e José Antonio Marson. Ator convidado: Lourival Prudêncio. Elenco: Grupo Madrigal Veredas, com Ana Marta Garcia Ferreira, Aparecida Nunes, Colleen Reeks, Denise Borges Lemos, Elisa Sumi de Andrade, Lucília Hernandes Martinez, Márcia Valério Ferraz, Maria Cristina Peres, Maria F. Tereza de Moura, Rosa Maria Taveres Moreira, Roselita de Jesus, Sueli Teresa de Oliveira, Dea Cristiane K. Affini, Laudicea Soares C. Leite, Antonio Arbex, Edmundo Ferraz Santos, Fernando A. Pinho Santos, Mário Sérgio Miragliotta, Oswaldo Campos Junior, Silvio Vieira Lima, Wellington Lima, Taciano Varro Filho, Vasco Cunha Santos, Juliana Guarani C. Santos, Clélia

Lucia de Lemos, Dirce Masae Kato, Irene Elizabeth G. Santos, Isaura Mitie T. Chigashi, Jacqueline M. Ortman, Joseane Alves Ferreira, Leda Pierrotti, Liana Maria Pieren, Lídice Marly de Castro, Marinilde Tadeu Karat, Antonio Sergi Tavares, Celso Donizeti Godoy, Edmur Miranda Godoy, Erasmo Louren Munhoz, Gilmar Rampaso, João Carlos A. S. Cruz, José Carlos F. Campos, Sebastião Pereira Neto, Sergio Cavichioli, Sérgio Henrique Cuoghi e Vitor Luís C. da Costa. De 27 out. 1984 a 24 nov. 1984. Teatro Paulo Eiró, Teatro Arthur Azevedo e Auditório do Museu de Arte de São Paulo. De 20 a 22 set. 1985. Teatro Sérgio Cardoso.

*BARCA DOS ZUMBIS, A.* Texto: Evaristo Guimarães. Direção: Evaristo Guimarães e Ilka Marilu Reis. Elenco: Grupo de Teatro Experimental, com Antonio Carlos Costa, Ivanildo Ramos Raimundo Azevedo, Sérgio do Nascimento, Valdir Ramos, Evaristo Guimarães e Ilka Marilu Reis. 26 e 27 ago. 1985. Teatro Major Diogo.

*BARDO*. Texto: H. R. Dourinaud e J. D. Azuzan. Direção e preparação vocal: Wanderley Martins. Preparação corporal: Sonia Grossi. Cenografia, adereços e figurinos: Helô Cardoso. Elenco: Grupo Pedra Negra, com Carlos Gontof, Ozair Lessa e William de Martini. De 18 fev. 1987 a 8 mar. 1987. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*BARRA DO JOVEM, A.* Texto: coletivo. Direção: Célia Helena. Música: Irene Portela. Orientadores: Irinia Klaiss (dança), Irineu Chamiso Jr. (artes visuais), Eudinyr Fraga (história da arte), Beto Silveira (jogos dramáticos) e Célia Helena (interpretação). Produção: Teatro-Escola Célia Helena. Elenco: Antonio Luís de Quadros Altieri, Celso Ayres Pinheiro, Egizio Antonio Calloni, Eric Jan Krotoszynski, Gilberto Sorbini, Gisela Arantes, José Onofre de Oliveira, Lígia Maria Camargo Silva Cortez e Maria Fernanda Abdo Cheli. 1981. Teatro Célia Helena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*BARRAS DO PRECONCEITO*. Texto: Silva Campos. Direção: Joselita Alvarenga. Elenco: Sérgio Buck e Régio Moreno. Estreia: 4 jun. 1988. Teatro do Esporte Clube Pinheiros. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*BARRELA*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Renato Consorte e Plínio Marcos. Cenografia: Joel Jardim. Músicos: Jangada, Zeca da Casa Verde, Tuniquinho Batuqueiro e Talismã. Elenco: Grupo O Bando, com Francisco Milani, João Acaiabe, Benê Silva, Tanah Correa, Antônio Leite, Marcelino Buru, Antonio Leite, Junior Prata, Carlos Costa, Cachimbo, Gabriel Mendes, Zeca da Casa Verde, Manoel Gutierrez, Paco Sanches, Moisés da Rocha e Adelmo Rodrigues. De 25 jun. 1980 a 30 nov. 1980. Teatro TAIB.

Crítica: Clovis Garcia. *Barrela*: após 21 anos, a mesma força dramática. *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1980, p.20.

*BATALHA DE ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS*. Texto: Mauro Rasi. Direção: Paulo Reis. Cenografia e figurinos: Pedro Sayad. Iluminação: Ivan Marques. Pintura dos telões: Juvenal Irene dos Santos. Elenco: Bia Nunes e Miguel Falabella. De 13 ago. 1986 a 2 nov. 1986. Auditório Augusta.

Crítica: Luiz Fernando Emediato. Besteirol sem graça. *O Estado de S. Paulo*, 3 set. 1986, p.5.

Obs.: O espetáculo foi divulgado pelo *Estado de S. Paulo* (Caderno 2), em 13 ago. 1986, p.7, com referência ao besteirol.

*BEATA MARIA DO EGITO, A*. Texto: Rachel de Queiroz. Direção: Otto Prado. Iluminação e sonoplastia: Reginaldo Zarpa. Elenco: Alna Prado, Albernis Amaral, Romeu de Freitas e Hélcio Vidal. De 8 maio 1987 a 28 jun. 1987. Teatro Cenarte.

*BEATRÍCIAS: CÂNTICOS AOS PEDAÇOS DE POETAS MALDITOS*. Junção de textos de William Blake, Arthur Rimbaud e Charles Baudelaire. Roteiro e direção: Jayme Compri. Direção de arte: Jayme Compri, Cristina Lozano, Noemia Duarte e Domingos Fuschini. Iluminação: Domingos Quintiliano. Direção musical: Cristina Pinho e Ulisses Lopes. Preparação de atores: Jayme Compri. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Cristina Lozano, Cristina Pinho, Heloise Balrich, Noêmia Duartte e participações especiais de Bel Kowarick, Caetano Vilela, Leal Baiolin, Fernanda Guerra, Domingos Quintiliano, Ronaldo Passos, Marcelo Decária e Marília Adamy. De 27 out. 1989 até 1990. Teatro Sérgio Cardoso.

*BEBÊ FURIOSO, O.* Texto: Manuel Martinez Mediero. Tradução: Reinaldo de Moraes. Direção: Hugo Barreto. Assistência de direção: Álvaro Magaldi. Adaptação: Reinaldo de Moraes e Hugo Barreto. Cenografia: J. C. Serroni. Elenco: Laerte Morrone, Wanda Stefânia, Ileana Kwasinski, Luiz Armando Queiroz e Álvaro Guimarães. De 17 set. 1981 a 29 nov. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A incompetente direção de um texto indefinido e tosco. *O Estado de S. Paulo*, 24 set. 1981, p.25.

*BECKETT SEM PALAVRAS.* Junção dos textos de Samuel Beckett: *Ato sem palavras I* e *II*. Direção e atuação: Selma Bustamante e Laurent Mattalia. Música: Edgard Lippo. De 1 a 25 jun. 1989. Aliança Francesa (Butantã).

*BEIJO DA MULHER ARANHA, O.* Texto: Manuel Puig. Direção: Joselita Alvarenga. Iluminação e figurinos: Edson Silva. Música: Orlando Legname. Elenco: Enemir Franco e Dino Moreno. De 28 jul. 1989 a 5 nov. 1989. Teatro Cenarte.

*BEIJO DA MULHER ARANHA, O.* Texto: Manuel Puig. Tradução: Dina Sfat e Paulo José. Direção: Ivan de Albuquerque. Cenografia e figurinos: Anísio Medeiros. Iluminação: Eldo Lúcio. Trilha sonora e montagem: Rubens Corrêa. Direção de produção: José de Abreu. Elenco: Rubens Corrêa e José de Abreu. De 21 set. 1982 a 26 jul. 1983. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente). De 21 set. 1982 a 26 jul. 1983. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente). 1984. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Espetáculo que repousa na participação do ator. *O Estado de S. Paulo*, 26 abr. 1982, p.25.

*BEIJO NA BOCA.* Texto: Walcir Carrasco. Direção: Jacques Lagoa. Cenografia e figurinos: Beatriz Carrasco. Trilha sonora: Ney Carrasco. Elenco: Jorge Julião, Wagner Maciel, Vanessa Alves e Miguel Bretas. De 18 maio 1989 a 17 set. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*BEIJO, UM ABRAÇO, UM APERTO DE MÃO, UM.* Texto, direção e cenografia: Naum Alves de Souza. Direção musical: Samuel Kerr. Figurinos: Leda Senise. Assistência de cenografia e figurinos: Marcos Botassi. Iluminação: Abel Kopanski. Espetáculo com música ao vivo. Objetos especiais (adereços):

Beto de Souza. Voz masculina gravada por Paulo Herculano. Voz feminina gravada por Heloisa Baldin. Músicos: Paulo Herculano, Gilberto Gagliardi e Robert Augusto de Oliveira. Elenco: J. C. Violla, Maria Luiza Jorge, Hugo Della Santa, Thereza Freitas, Raimundo Matos e Cristina Mutarelli. De 16 mar. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Clovis Garcia. Elenco, um ponto alto em *Um beijo, um abraço, um aperto de mão*. *O Estado de S. Paulo*, 27 mar. 1984, p.20.

Ilka Marinho Zanotto. Naum, o teatro retoma a metafísica. *O Estado de S. Paulo*, 11 mar. 1984, p.27.

*BELAS FIGURAS*. Texto: Ziraldo. Direção: Wolf Maya. Cenografia: Anísio Medeiros. Música: Francis Hime. Figurinos: Kalma Murtinho. Iluminação: Neném e Aurélio de Simoni. Sonoplastia e VT: Roberto Reis. Efeitos especiais: Martinoil e Heloisa Lyra. Trilha sonora: *Canção infinita*, de Francis Hime e Ziraldo. Voz: Olívia Hime. Teclados: Francis Hime. Bateria: Elcio Moura. Baixo: Omar Cavalheiro. Guitarra: Ricardo Simões. Sax e flautas: Chico Sá. Participação especial: Célia Biar, José Augusto Branco, Milton Moraes e Oswaldo Louzada. Elenco: Natália Thimberg e Jorge Dória. De 18 maio 1983 a 14 out. 1983. Teatro Aliança Francesa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Belas figuras, possibilidade de paz, normalidade. *O Estado de S. Paulo*, 4 jun. 1983, p.12.

*BELLA CIAO*. Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção e iluminação: Roberto Vignati. Cenografia e figurinos: Irineu Chamiso Jr. Expressão corporal: Rosa Almeida. Efeitos sonoros e escolha de músicas: Roberto Vignati. Música *Addio bella Itália*, com Solano de Carvalho. Elenco: Grupo Arte Viva, com Mário César Camargo, Christiane Tricerri, Gabriela Rabelo, Calixto de Inhamuns, Zécarlos Machado, Rosaly Grobman e Cacá Amaral. De 9 nov. 1982 a 1 jan. 1984. Teatro TAIB.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Bella ciao, melhor peça deste ano. *O Estado de S. Paulo*, 12 dez. 1982, p.44.

Obs.: Consta no programa de *Bella ciao*: "O processo de trabalho de *Bella ciao* iniciou-se no final de 1980 quando a classe trabalhadora, depois de anos de silêncio forçado, solidificava sua posição dentro do espaço político nacional. E sentimos a necessidade de tentarmos aproximar a nossa arte da realidade que palpitava nas ruas".

*BELO INDIFERENTE, O.* Texto: Jean Cocteau. Adaptação e direção: Cacá Rosset. Tradução: Maria Alice Vergueiro. Elenco: Cacá Rosset e Maria Alice Vergueiro. De 1 a 3 jul. 1983. Centro Cultural São Paulo. De 12 jul. 1983 (com intervalos) a 12 fev. 1984. Pequeno Auditório do Museu de Arte de São Paulo e Centro Cultural São Paulo.

*BEM DE HANSEN* (de *A EXTRAORDINÁRIA VIDA DE JESUS MONTEIRO*). Adaptação (da obra de Eduardo de Carvalho Monteiro): Elifas Alves. Direção: Hamilton Saraiva. Iluminação: Edinho e Toninho. Elenco: Celso Maiellari, Ângela Rodrigues, Cilas Gregório, Nilton Coelho, Sidnei Colombo, Arnaldo Ribeiro, Christiane Camis, Edison Devitte, Magali Alves, Marina Magro e Antonio Altieri. De 16 ago. 1984 a 28 out. 1984. Teatro Célia Helena.

*BEM TRAÍDO, O.* Texto adaptado de *A mandrágora*, de Nicolau Maquiavel, por Marlene de Sousa Santos. Direção: Líbero Rípoli Filho. Cenografia e figurinos: Paolino Raffanti. Elenco: Irineu Pinheiro, Marlene Santos e Whalmir Barros. De 5 out. 1984 a 12 maio 1985. Teatro Salete, Teatro Arthur Azevedo e Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BENGALÃO DO FINADO, O.* (ou *O PODER DAS MASSAS*). Texto: Armando Gonzaga. Direção: Kleber Afonso e Vera Nunes. Cenografia: Bento Junqueira. Figurinos: Flávio Phebo. Iluminação: Rafael dos Santos. Sonoplastia: Silnei Nunes Martins. Elenco: Vera Nunes, Cuberos Neto, Elizabeth Henreid, Sebastião Apolônio, Bruno Giordano, Renato Bruno, Alex André e Cristina Mazzei. De 4 set. 1980 a 26 out. 1980. Teatro Alfredo Mesquita. Remontagem em 1984. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Comédia, alívio de tensões. *O Estado de S. Paulo*, 20 set. 1980, p. 19 (acerca também de *Os filhos de Dulcina*).

Crítica: Clovis Garcia. Fo e Magalhães Jr. em bons espetáculos teatrais. *O Estado de S. Paulo*, 6 jan. 1984, p.15 (acerca também de *Um orgasmo adulto foge do zoológico*).

*BENT*. Texto: Martin Sherman. Direção: Roberto Vignati. Cenário e figurinos: Irênio Maia. Músicas: Amilson Godoy e Celso Viáfora. Elenco: Carlos

Capeletti, Luís Guilherme, Brenno Mascarenhas, Chico Martins, Luiz Carlos Buruca, Osmar Di Pieri, Hélcio Magalhães e Vitor Branco. De 5 fev. 1987 a 3 maio 1987. Teatro Brasileiro de Comédia.

*BENT*. Texto: Martin Sherman. Tradução: Madalena Nicol e Luís Fernando Tofanelli. Direção: Roberto Vignati. Assistência de direção: Maria Yuma. Cenografia: Irênio Maia. Adereços: Lígia Medeiros. Iluminação: Abel Kopanski, Roberto Vignati e Renato Pagliano. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Músicas: Amilson Godoy e Celso Viáfora. Direção musical: Amilson Godoy. Coreografia: Clarisse Abujamra. Elenco: Kito Junqueira, Ricardo Petraglia, Paulo César Grande, Chico Martins, Carlos Silveira, Josmar Martins, Sérgio Miletto e Carlos Capeletti. De 15 jan. 1981 a 31 maio 1982. Teatro Anchieta e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. *Macho beleza, Bent, Blue jeans, Trampo & Gandaia*: homossexualismo em quatro peças. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1981, p.36.

*BÉSAME MUCHO*. Texto: Mário Prata. Direção: Roberto Lage. Cenografia: Augusto Francisco. Figurinos: Marisa Rebollo. Direção musical: Zero Freitas. Preparação corporal: Augusto Pompêo. Iluminação: Antonio Bezerra. Elenco: Grupo Mambembe, com Genésio de Barros, Maria do Carmo Soares, Renata Soffredini, Norival Rizzo, Rafaela Puopolo, Paulo Drummond, Jorge Avelino e Walter Emílio. De 5 nov. 1982 a 31 jul. 1983. Auditório Augusta.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Exageros, o mal de *Bésame mucho*. *O Estado de S. Paulo*, 24 nov. 1982, p.16.

*BICHO DO MATO, O*. Adaptação de *Meu tio, o Iuaretê*, de Guimarães Rosa. Direção e interpretação: Ayrton Salvanini. Cenografia e figurinos: Jucan. De 19 jan. 1987 a 29 jan. 1988. Pequeno Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

*BICHOS DA GOIABA EM ADOLESCENTES DESCRENTES, OS*. Texto: Léo Lama, Fernando Meme e Kiko Barros. Direção e atuação: Plínio Marcos. De 21 a 24 abr. 1987. Teatro Caetano de Campos.

*BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS*. Texto: Max Frisch. Direção, cenografia e figurinos: Paulo Roberto Moreira. Música: Pascale e Zé Batista. Ilu-

minação: Plínio Chaves. Elenco: Grupos Gula Matari e Olho da Rua, com Luiz Carlos Rossi, Mara Salles, Raphael Messias, Carlos Palma, Mauro Mori, Dagmar Dornelles e Flávio Rodrigues. De 7 set. 1983 a 1984. Teatro Lira Paulistana, Teatro Arthur Azevedo, Teatro Martins Pena e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. *O Estado de S. Paulo*, 24 dez. 1983, p.12 (acerca também de *Édipo rei, Tantos & tortos, Os pqp – palhaços queridos*: Pesquisa e experiência pelo teatro alternativo).

*BILBAO CABARET*. Roteiro, direção e cenografia: José Possi Neto. Assistência de direção: Rita Santili. Figurinos: Jacqueline Terpins. Assistência de figurinos e adereços: Marco Antonio Lima. Músicas: Kurt Weill, Chico Buarque e outros. Músicos: Gil Reyes e Sérgio Chica. Elenco: Cida Moreyra e Vera Buono. Música ao vivo. De 1 jan. 1989 a 22 fev. 1989. *Opera Room*.

*BILBAO, VIA COPACABANA*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Martins. Elenco: Aldine Bardini, Carmencita, Marcelo Vilela, Nestor Bressane, Lara Córdula e Fabogikam Arcowerdi. De novembro a 20 dez. 1988. Auditório ALS.

*BIN*. Musical com texto e direção de Ricardo Iazzetta. Elenco: Sérgio Siviero, Wilma Moretti, Rodrigo Lopez e outros. 1988. Teatro do Colégio Arquidiocesano. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*BISSO BLACK AND BLEU* Roteiro, direção e interpretação: Patricio Bisso (acompanhado de banda). De 5 a 16 out. 1988. Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita).

*BLACK IS BEAUTIFUL* Adaptação de *O anjo negro*, de Nelson Rodrigues. Com o Grupo RR em I – Rugas e Remendos em Irreverências. 29 jul. 1987. Teatro Cenarte. Não há mais informações acerca do grupo e do espetáculo nas fontes consultadas.

*BLACK-OUT*. Texto: Fredrick Knott. Direção, iluminação e figurinos: Maurice Vaneau. Tradução: Millôr Fernandes. Cenografia: Cyro del Nero.

Sonoplastia: Tunica. Elenco: Lúcia Veríssimo, Mayara Magri, John Herbert, Sérgio Mamberti, Márcio de Luca, Jacques Lagoa, Joel Jardim e Marcos Fonseca. De 2 abr. 1987 a 28 jun. 1987. Teatro Itália.

*BLAS FÊMEAS*. Concepção, roteiro e atuação: Mariana Muniz, Ana Kfouri, Lu Grimaldi e Rita Malot, com textos de Wladimir Maiakóvski, James Barrie, Gerald Thomas e das atrizes. Direção: Roberto Lage. Trabalho corporal: Val Folly. Trilha sonora: André Abujamra. Cenografia: Domingos Fuschini. Adereços: Luca Baldovino. De 20 jul. 1987 a 25 ago. 1987. Espaço Off. De 3 a 7 ago. 1988, e em 1989. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Crítica: Aimar Labaki. Não respeitaram os limites das *Blas fêmeas*. Que pena. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 1989, p.4.

*BLUE JEANS* (*UMA PEÇA SÓRDIDA*). Texto: Zeno Wilde e Wanderley A. Bragança. Direção: Zeno Wilde e Alberto Soares. Sonoplastia e iluminação: Beto Silva. Preparação corporal: Carlos Nabarreta. Trilha sonora: Nelson Presbiteris. Cenotécnica: Antônio França. Elenco: Ronaldo Ciambroni, D'Artagnan Jr., Edison Lino, Eduardo César, Gilberto Caetano, Flávio Guarnieri, Gustavo Lang, João Carlos Aur, Jorge Julião, Tadeu Beck e Zenildo Oliveira. De 19 mar. 1981 a 7 jul. 1981. Teatro das Nações.

Crítica: Clovis Garcia. *Macho beleza*, *Bent*, *Blue Jeans*, *Trampo & Gandaia*: homossexualismo em quatro peças. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1981, p.36.

*BOA NOITE, MÃE*. Texto: Marsha Norman. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Ademar Guerra. Cenografia: Maria Bonomi. Figurinos: Madeleine Saad. Iluminação: Renato Pagliaro e Edno Meireles Genial. Cartaz e programa: Hans Donner. Elenco: Aracy Balabanian e Nicette Bruno. De 9 ago. 1984 a 18 nov. 1984. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. *Boa noite, mãe*, espetáculo num crescendo de tensão. *O Estado de S. Paulo*, 22 ago. 1984, p.18

*BOCA ABERTA*. *Performance* apresentada pelo Grupo Grito. Direção: Carlo Jacomelli. Elenco: Welington Duarte, Pierre Peres, Elisa Sumi Andrade, Wagner Menegari, Eliana Santana, Sérgio Tavares e Valéria Cano Bravi. 2 ago. 1985. Estação Paulista (Espaço Pró-Jeito).

*BOCA DE CENA*. Espetáculo de teatro, canto, dança e mímica. Roteiro, direção, atuação e produção: Carlos Líbano e Wilson Dória. Figurinos: Mauro Costa. 20 e 21 out. 1984. Auditório da Biblioteca Francisco Patti (Lapa). 1985. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BOCA MOLHADA DE PAIXÃO CALADA*. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Myriam Muniz. Cenografia: Flávio Império. Figurinos: Pietro Maranca. Efeitos visuais: Djalma Batista Limongi. Música e sonoplastia: Zebba Dal Farra. Preparação corporal: Alberto Martins. Iluminação: Cacá D'Andretta. Elenco: Kate Hansen, Emílio Di Biasi e Cláudia Alencar. De 3 out. 1984 a 27 jan. 1985. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Velha ideia com excelente resultado. *O Estado de S. Paulo*, 10 nov. 1984, p.16.

*BOCAGE*. Texto, figurinos, cenografia e iluminação: Paulo Afonso de Lima. Trilha sonora: Fernando Vanucci e Paulo Afonso de Lima. Elenco: Cláudio Gonzaga, Suzane Carvalho, Isolda Cresta, Lia Farrel, Alna Prado e Oscar Alexandre. De 5 set. 1985 a a 29 dez. 1985. Teatro Cenarte.

*BOCAS DA CIDADE* (*III Movimento Zero Hora*). Com os textos *Ana Laranja*, de Nery Gomide. Direção: Vicentini Gomes. Elenco: Teresa Teller, Gabriela Rabelo, Luis Siqueira, Célio Di Malta, Lena Camilo e Wagner Cavalcanti; *Monólogo a dois*, de Tito de Alencastro. Direção: Aziz Bajur. Elenco: Marcus Vinícius e Gabriela Rabelo; *Um fato de ocasião*, de Jorge Miguel Marinho. Direção: Amália Zeitel. Elenco: Teresa Teller; *O grito do cachorro*, de Mah Luly. Direção: Horácio Russo. Elenco: Gabriela Rabelo, Lena Camilo, Teresa Teller e Luís Siqueira; *Uaite cristmas*, de Renata Pallottini. Direção: Gabriela de Sanctis. Elenco: Luís Siqueira, Marcus Vinícius, Lena Camilo e Célio Di Malta. As cinco peças têm cenografia de Percival Rorato. Iluminação: Luís Marchi. Sonoplastia: Wagner Cavalcanti. Figurinos: Luís Cosenza. De 10 abr. 1980 a 13 jun. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

Obs.: O *Movimento Zero Hora* foi coordenado por Nery Gomide cujo principal objetivo era divulgar a nova dramaturgia paulistana.

*BODAS DE SANGUE*. Texto: Federico García Lorca. Tradução: Antônio Mercado. Direção: Fernando Popoff. Direção musical: Osmar da Cunha.

Adereços: Mauro Elme. Cenografia: César Muniz. Figurinos: Adriana Vaz. Iluminação: Javier Rodriguez. Pesquisa teórica: Mário Sérgio Biaggio e Mário Gonzalez. Elenco: Grupo *Dramaticus*, com Alexandra Golik, Airton Santos, Antonio Sarubi, Beatriz Soares, Claudia Wata, Claudio Cretti, Conchi Labraña, Edson Landi, Eduardo Mello, Flora Fernandes, Jaime Sebastian, José Pedro Reis, Luisa Rodenas, Marina Ferreira, Mauro Elme, Miltinho de Almeida, Roseli Luna, Silvia de Assis e Wanda Varela. De 6 a 31 ago. 1986. Teatro Cenarte.

*BODAS DO REI, AS*. Texto e direção: Giovanni Romano. Grupo Teatral Cooperarte. Elenco: Roberto Bossolan, Paulo Fabiano, Vladimir Garcia, Milton de Almeida, Marisa Ribeiro, Hélio de Almeida, Meg Neves Cardoso e Márcio Orlando. De 14 a 18 set. 1983. Auditório da Biblioteca Paulo Setúbal, Auditório da Biblioteca Presidente Kennedy, Teatro do Carmo.

*BOI DE MAMÃO*. Texto: Gelcy José Coelho. Adaptação do Grupo Cheiro de Vida. Direção e iluminação: Jairo Maciel. Figurinos: Shirley e Caetano. Bonecos: Mateus Rocha e Maria Smiguel. Com a Banda do Mestre Ambrósio (sanfona), dupla João e Joel (violão), Sandro da Silva (atabaque). Elenco: Gilberto Gaudino, Lucilda de Oliveira, Robson Marcelo, Eliane Santana, Rubens Gonçalves, Alceu Custódio, Andréa Mendes, Marines Berty e Mateus Rocha. De 15 a 27 jul. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*BOIA-FRIA*. *Performance* com Elias Andreato e Jussara Moraes. 31 maio 1986. Sesc Pompeia.

*BOLA DE CRISTAL*. Texto: Celso Luiz Paulini. Direção: Mário Garcia-Guillén. De 31 ago. 1989 a 17 set. 1989. Espaço Off. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BOM DIA, CARA* (ou *UM ATOR TRABALHA*). Texto, direção e atuação: Paulo Yutaka. Visual: Alex Vallauri. Colaboração musical: Luís Tatit. Filme: André Martinari. Supervisão cênica: Emílio Di Biasi. De 24 out. 1980 a 28 dez. 1980. Museu de Arte de São Paulo e Teatro Lira Paulistana. De 13 ago. 1981 a 27 set. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Clovis Garcia. O ressurgimento do monólogo dramático. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1980, p.16 (acerca também de *Onde estás; O diário de um louco; O jovem Karl Marx; Eu, Sócrates, corruptor de menores*).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. A explosiva criatividade de quatro autores novos. *O Estado de S. Paulo,* 23 jun. 1981 (acerca também de *Rito do corpo em lua,* de Ismael Ivo; *Pelo avesso,* de Márcio Augusto; *Denise Stoklos: show de mímica,* de Denise Stoklos).

*BOM DIA NÃO É PALAVRÃO*. Texto: Pedro Tudech. Direção e interpretação: Paschoal Lourenço. De 11 a 28 mar. 1987. Teatro Acrópolis.

*BOM DIA NÃO É PALAVRÃO*. Texto: Pedro Tudech. Direção: Joel Melin. Direção musical: Robertinho. Cenografia: Sérgio Migliaccio. Elenco: Pasqual Lourenço. Estreia: 25 mar. 1981. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Cenarte.

*BOMBONS EM DESFILE*. Texto: René Obaldia. Elenco: Lala Deheinzelin, Adriana Ridolfi, Kaiq Antunes e Artur Kohi. De 17 a 27 set. 1986. Espaço Off.

*BONIFÁCIO BULHÕES*. Texto: João Bethencourt. Direção: Lima Duarte e Armando Bogus. Cenário e figurinos: Campello Neto. Iluminação: José Luiz Chimansky. Elenco: Lima Duarte, Armando Bogus e Ana Luíza Folly. 1986. Teatro Hilton. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BONIFÁCIO PATRULHEIRO PATRULHADO*. Espetáculo de mímica com texto, direção, interpretação e produção de Ricardo Bandeira. De 28 fev. 1980 a 9 mar. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia, Museu de Arte de São Paulo e Teatro Municipal.

*BORDEL*. Livre adaptação de *O refém,* de Brendan Behan, por Paulo Villaça. Direção: Luiz Damasceno. Músicas e direção musical: Sérgio Sá. Cenografia e figurinos: Geraldo Vespaziano. Coreografia: Henrique Alberto. Elenco: Darcy Figueiredo, Gláucia Vandeveld, Lília Cabral, Maria Isabel Setti, Renato Kramer, Olair Coan, Zuleica Bergamo, Heloisa Paternostro, Walmor

Borges, Waterloo Gregório e Cleide Paes. De 20 fev. 1981 a 3 maio 1981. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Teatro Arthur Azevedo.

*BOTEQUIM, O.* Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Montagem: Grupo Téstis. De 11 fev. 1984 a 24 mar. 1984. Teatro Alpheu Lopes. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BOYS MEETS BOY*. Texto: Bil Solly e Donald Ward. Tradução do texto: Celso Batista. Tradução das letras das músicas: Ronaldo Ciambroni. Direção: Odavlas Petti. Coreografia visual e encenação: Acácio Gonçalves. Direção musical: Guga Petri. Elenco: Rubens Caribé, Ednaldo Eiras, Ricardo Chedid, Carlos Moraes, Creso Filho, Wanderley Piras, Eduardo Cruz, Enir Elias, Regiane Salmoraghi, Keina Bueno, Leila Pantel, Ângela Aguiar e Cleyb Dias. De 16 out. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Odeon.

*BRASIL, ATÉ QUANDO...*. Texto: Dorival Zanette, Valdir Silveira e Gabriel Scoara. Direção: Eurico Cunha Franco. Elenco: Gabriel Scoara e Valdir Silveira. De 17 maio 1987 a 25 jul. 1987. Teatro Martins Pena.

*BRASIL, DA CENSURA À ABERTURA*. Texto: Sebastião Nery, Armando Costa, Jô Soares e José Luiz Arcanjo. Direção: Jô Soares. Assistência de direção: Eloy Araújo. Cenografia e figurinos: Gilberto Vigna. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Arranjos musicais: Edson Frederico. Sonoplastia: Marcos Sabóia. Elenco (apresentando mais de 270 personagens): Marília Pêra, Marcos Nanini, Sylvia Bandeira e Geraldo Alves. De 18 mar. 1981 a 21 jun. 1981. Teatro Brigadeiro.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Atores, o ponto alto de dois espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1981, p.43 (acerca também de *Presença de Vinícius*).

*BRASIL, DE FIO A PAVIO*. Texto: Anah Lúcia Leão, Carmem Mello, Luís Carlos Nistal e Odete Leos. Direção geral: Anah Lúcia Leão. Cenografia e figurinos: Luís Carlos Nistal. Iluminação: Roberto Rocha. Direção de elenco: Paulo Maurício. Músicas: Chico Buarque de Hollanda e Marcus Vinícius. Elenco: Grupo Artefato, com Alberico Souza, Carlos Nistal, Carmem Mello, Odete Leos e Paulo Maurício. De 27 maio 1980 a 31 ago. 1980. O espetáculo foi apresentado em vários espaços, inclusive no Teatro Oficina.

Crítica: Clovis Garcia. Realidade em dois tons: a análise séria e a sátira. *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 1980, p.19 (acerca também de *O Senhor dos cachorros*).

*BRASIL-PERFORMANCE. Performance* com participação de Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum, do Rio de Janeiro; Paulo Bruscky, do Recife; Medeiros, de Natal; Carlos Wladimirsky e Rogério Nazari, de Porto Alegre; Guto Lacaz, Paulo Yutaka e Aguilar, de São Paulo. Estreia: 13 dez. 1986. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BRASILEIRO, PROFISSÃO ESPERANÇA*. Texto: Paulo Pontes. Direção e iluminação: Bibi Ferreira. Direção musical: Júlio Medaglia. Arranjos e regência: Mário Valério Záccaro. Músicas: Dolores Duran e Antonio Maria, apresentadas ao vivo com os instrumentistas: Eduardo Pecci, Nahor Gomes, Magno Bissoli Siqueira, Jorge Oscar de Souza e Olmir Stocker. Coro: Cristina Cordeiro, Lígia Maria Záccaro, João Carlos Souza Cruz e João Walter Plinta. Figurinos: Verônica E. Duthie e Jack Rafael Dominguez Pena. Cenografia: José Anchieta. Supervisão de cenotécnica: Walter Ribeiro. Contrarregragem: Pedro Paulo da Silva. Elenco: Bibi Ferreira, Marcus de Toledo, Silvio Ferrari e Paulo Moreno. Estreia: 26 ago. 1987. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Procópio Ferreira.

*BRIGA DE FOICE*. Texto e direção: Carlos Mathus. Peça em 12 *rounds* contra o "destino", e cada um deles num estilo diferente. Iluminação: Abel Kopanski e Carlos Mathus. Sonoplastia: Mário José Raulino. Adereços: Mário Sodré. Elenco: Denise Stoklos e Antonio Leiva. De 20 mar. 1985 a 14 abr. 1985. Teatro Sesc Fábrica.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Briga de foice*, clima empolgante. *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1985, p.21.

*BRINCANDO COM FOGO*. Texto e direção: Armando Tiraboschi. Coreografia, sonoplastia e assistência de direção: Armando Bravi. Cenografia e figurinos: Filó Galvão. Elenco: Ronaldo Gutierrez, Celso Batista, Pedro Bellini, Cyrano Rosalem, Carlos Takeshi, Elton Pereira e Silva, José Roberto Fernandes e Teca Pereira. De 17 abr. 1987 a 18 jun. 1987. Teatro Lua Nova.

*BRINCANDO COM FOGO*. Texto: Grupo Manhas e Manias. Direção: Zé Lavigne. 1982. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*BRINCANDO EM CIMA DAQUILO*. Texto: Dario Fo e Franca Rame. Tradução: Roberto Vignati e Michele Piccoli. Direção e iluminação: Roberto Vignati. Assistência de direção: Chico Ozanan. Cenografia e figurinos: Márcio Colaferro e Chico Ozanan. Música: Oswaldo Montenegro. Adereços: Billy Accioly e Sérgio Marimba. Direção de palco: Guti Fraga. Boneca de pano: Shigueko Shiono. Elenco: Marília Pêra. De 19 set. 1985 a 9 mar. 1986. Teatro Hilton.

Crítica: Clovis Garcia. Marília Pêra em atuação perfeita. *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 1985, p.19.

*BROTOS DE BRECHT*. Criação: Wilson Justino e Carmem Mello, a partir de fragmentos de obras de Bertolt Brecht. Direção: Wilson Justino. Elenco: Carmem Mello, Lurin Ianni, Rita Niskier, Zeca Capellini, Célia Helena e Tato Fischer. De 15 a 21 ago. 1986. Teatro do Bixiga.

*BUMBA-MEU-QUEIXADA*. Dramaturgia e direção: César Vieira. Coordenação de direção: Laura Tetti. Direção musical: Zé Maria Giroldo. Elenco do Tuov: Ana Lúcia, Zé Maria Giroldo, Gonçalo Melo, Pedro Ferreira, César Vieira, Gilberto Lopes, Seldon Giacomini, Rejane Classe, Laura Tetti, José Lopes Netto, Sônia Giacomini, Mariza Bronzatti, Gilberto Karan, Márcia Moraes, Neriney Moreira, Magali Santos e Edison Magnani. Estreia: 24 nov. 1979, com apresentações em vários espaços. 20 mar. 1980. Circo Mal-Me-Quer (Praça Roosevelt). 21 jun. 1980. Teatro Oficina. 20 mar. 1981. Circo Mal-Me-Quer. 3 e 4 mar. 1983. Apresentação na I Feira de Cultura Brasileira, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura. 30 abr. 1983. Igreja da Fraternidade. 1 maio 1983. Teatro João Caetano.

*BURGUÊS FIDALGO, O*. Texto: Molière. Direção e coreografia: William Pereira. Adaptação: Eduardo Duó e Bráulio Mantovani. Figurinos: Marco Lima. Iluminação: Cibele Forjaz e Guilherme Bonfanti. Elenco: Grupo A Barca de Dionisos, com Luciano Chirolli, Lúcia Romano, Vanderlei Bernardino, Cláudia Ayub e outros. De 7 jul. 1989 a 31 dez. 1989. Tuca.

*BURGUÊS FIDALGO, O*. Texto: Molière. Tradução: Stanislaw Ponte Preta. Elenco: Ângela Salviatti, Fernanda Haucke e outros. 1986. Teatro A Hebraica. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*BURGUÊS FIDALGO, O*. Texto: Molière. Direção William Pereira. Elenco: Grupo A Barca de Dionisios (alunos de quarto ano da ECA/USP), com Luciano Chirolli, Lúcia Romano, André Garolli, Antônio Araújo e outros. 1986. Teatro Paulo Eiró. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*BUSTER KEATON CONTRA A INFECÇÃO SENTIMENTAL*. Criação e direção: Grupo XPTO. Elenco: Natália Barros, Oswaldo Gabrielli, André Gordon. Participação especial: Júlio Sárkány. 1 jul. 1985. Estação Madame Satã. 11 a 14 nov. 1987. Espaço Off.

*BZZ, O QUASE MOSCA*. Texto: Márcio Barone e Ruy Pires. Direção e iluminação: Jacques Lagoa. Assistência de direção: Christina Trevisan. Cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Adereços: Charles Lopes, Luís Rossi e Fábio Brando. Trilha sonora: Márcio Barone. Pintura do cenário: Pastel. Cenotécnica: José Estevão do Nascimento. Contrarregragem: Celso de Liso. Elenco: Eduardo Silva, Ariel Moshe, Nereide Bonamigo, Valéria Sândalo, Richard Paradisi, Flávia Barone, Domingos Neto e Carlos Mariano. De 1 jun. 1989 a 30 jul. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*C DE CANASTRA*. Texto, direção e interpretação: Felipe Pinheiro e Pedro Cardoso. Direção musical: Tim Rescala. Cenografia: Sérgio Magalhães. Figurinos: Guilherme Karan. Iluminação: Luís Paulo Nenén. Rock de abertura: Fernando Moura, com músicas ao vivo. Piano: Tim Riscala e outros. De 6 a 31 ago. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*CABARÉ DO GATO. Performance*. Texto, direção e interpretação: Maria José de Carvalho. 27 maio 1985. Casa da artista.

*CABARÉ PAULISTA*. Texto: Luiz Carlos Rossi. Direção: Paulo Roberto Moreira. Elenco: Luiz Carlos Rossi, Mané de Franco e outros. De 13 a 31 dez. 1982. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*CABARÉ SATÃ*. *Performance* com organização de Héctor Gonzáles. Elenco: Grupo Lili W. e Grupo de Arte Ponkã, com Paulo Yutaka, Robert, Graciela de Leonardis, Wilson José, Cláudio Willer, Theo Werneck, Paulo Garcia, Júlio Sárkány e Alice Kaijomi. 3 jul. 1985. Estação Madame Satã.

*CABARÉ VALENTIN*. Texto: Karl Valentin. Adaptação e direção: Buza Ferraz. Música e direção musical: Caíque Botkay. Figurinos: Silvia Sangirardi. Iluminação: Luís Paulo Nenén e Aurélio Di Simoni. Elenco: Pessoal do Cabaré (Rio de Janeiro), com Caíque Botkay, Ângela Rebello, Ariel Coelho, Chico Lá, Felipe Pinheiro, Gilda Guilhon, Juliana Prado e Pedro Cardoso. De 15 a 17 jan. 1982. Auditório Augusta.

Crítica: Clovis Garcia. Montagens quase perfeitas do Pessoal do Cabaré. *O Estado de S. Paulo*, 23 jan. 1982, p.16.

*CABARET*. Texto: Joe Masteroff. Tradução: Flávio de Souza. Direção e iluminação: Jorge Takla. Música: Fred Ebb e John Kander. Cenografia: Flávio Namatame e Ninette van Vuchelen. Figurinos: Ninette van Vuchelen. Coreografia: Val Folly. Arranjos e direção musical: Guga Petri. Sapateado: Kika Sampaio. Visagismo: Fabio Namatame. Elenco: Beth Goulart, Diogo Vilela, Mira Haar, Flávio de Souza, Cláudia Matarazzo, Caio Ferraz, Paulo Goulart Filho, Cássia de Souza, Kika Sampaio, Daniela de Carli, Maria Helena Alemany, Luciana Pereira, Blanche Torres, Rubens Caribé, Vicente Morelatto, Ricardo Chedid, Antonio Bianchi, Ricardo Liberal, Henrique Stroeter e Eduardo Paniza. Orquestra: Mônica Vermes (piano e regência), Camila Carracoza Bomfim (contrabaixo), Cíntia Orlandi (bateria), Maria Teresa Moranduzzo (sax alto), Regina Fazenda (teclado) e Paula Veneziano (clarinete e sax alto). De 21 set. 1989 a 25 mar. 1990. Teatro Procópio Ferreira.

*CABEÇA E CORPO*. Texto: Mauro Chaves. Direção: Silnei Siqueira. Assistência de direção: Caio Gaiarsa. Direção de cena: Paulo Giardini. Música: Almeida Prado. Cenografia e figurinos: Zecarlos de Andrade. Programação visual: J. C. Bruno. Iluminação: Davi de Brito. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Direção de cena: Paulo Giardini. Contrarregragem: Antonio Aracíglio P. Maquinista e Antônio Chimanski. Elenco: Eliane Giardini, Umberto Magnani, Zecarlos de Andrade e Paulo Deo/Arnaldo Dias. De 13 set. 1983 a 22 abr. 1984. Teatro Anchieta e outros espaços de representação.

*CABRA CEGA*. Texto e direção: Cícero Ferreira. Cenografia e figurinos: Marlene Rodrigues. Sonoplastia: Estelita de Assis. Iluminação: William Santana. Elenco: Ademar de Souza, Carminda André, Celso Rabetti e Neide Calegari. De 1 ago. 1985 a 22 set. 1985. Teatro Arthur Azevedo e Teatro Paulo Eiró.

*CACHORRO DO HORTELÃO, O*. Texto: Lope de Vega. Direção: Alexandro Bender. Elenco: Ana Lúcia Valença, Flávio Leal, Ana Paula Taglianetti, Edgar Galvão, João J. Borba, Rodrigo Ortiz e Sérgio Tomioka. De 17 a 20 dez. 1987. Estação Madame Satã.

Obs.: O espetáculo integrou a Mostra de Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Estação Madame Satã.

*CADA UM A SEU MODO*. Texto: Luigi Pirandello. Direção e cenografia: Cláudio Lucchesi. Assistência de direção: Maria Clara Fernandes e Valéria Lauand. Preparação de ator: Myriam Muniz. Assistência de preparação de ator: Roberto Hipólito. Figurinos: Joel Salomão. Iluminação: Hamilton Saraiva. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Casé Campos, Fausto César Franco, Cristiane Fischer, Maria Clara Fernandes, Wagner Bello, Tuna Duek, Guilherme Filho, Armando Filho, Zezéh Barbosa, Alberto Gouveia, José Piñeiro, Valéria Lauand e Joel Salomão. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e encerramento da temporada.

*CADEIRAS, AS*. Texto: Eugène Ionesco. Direção: Armando Sérgio da Silva. Elenco: Josué Correia, Esmeraldo Patrocínio e Sérgio Gonzalez (alunos da EAD/USP). 1988. Tusp. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*CÃES FAMINTOS*. Texto: criação coletiva, com orientação de Armando Lopes Correa. Direção: Reinaldo Santiago. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu e Reinaldo Santiago. Sonoplastia: Antônio Ozório. Elenco: Núcleo Pessoal do Victor Acabou, com Reinaldo Santiago, Marcília Rosário e Márcio Tadeu. De 28 ago. 1981 a 30 set. 1981. Circo Mal-Me-Quer.

Obs.: O nome do grupo, originalmente Núcleo Pessoal do Victor, agora cômico, deve-se ao fato de ter havido uma cisão no grupo original. Assim, e sem querer abrir mão do nome, os integrantes acrescentaram ao original uma sutil indicação do racha.

*CAIS OESTE*. Texto: Bernard-Maries Koltés. Tradução: Emílio Di Biasi. Direção, iluminação e sonoplastia: Marcelo Marchioro. Cenografia: Eduardo Iglesias. Música: Karlheinz Stockhausen. Elenco: Bárbara Bruno, Rildo Gonçalves, Emílio Di Biasi, Chico Martins, Rosália Petrin e Vanessa Goulart. De 14 ago. 1989 a 3 out. 1989. Teatro Paiol.

*CAIXA DE OUTRAS COISAS, UMA*. Texto: Consuelo de Castro. Direção: Antonio Abujamra. Coreografia: Val Folly. Elenco: Clarisse Abujamra, Mariana Muniz, Lu Grimaldi, Leila Garcia e Geraldo Carneiro. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Acácio Valim. Espetáculo duplamente insatisfatório. *O Estado de S. Paulo*, 16 out. 1986, p.3

*CALA BOCA JÁ MORREU*. Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Celso Eduardo Rabetti. Cenografia: Carlos Rubens. Música: Cícero Ferreira. Cenografia: Marlene Rodrigues. Elenco: Carlos Rubens da Costa, Celso Rabetti, Cícero Ferreira, Marlene Rodrigues, Neide Calegari, Rosane Silva, Rubens de Almeida, Tarcísio Motta e Vera Lúcia Amaro. De 27 a 30 ago. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*CALA BOCA JÁ MORREU*. Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Ednaldo Freire. Cenografia e figurinos: Marisa Rebolo. Trilha sonora: Zero Freitas. Adereços: Petrônio Nascimento. Iluminação: Calixto de Inhamuns. Elenco do Grupo Mambembe: Maria do Carmo Soares, Rosi Campos, Noemi Marinho, Genésio de Barros, Norival Rizzo e Wanderley Martins. De 6 nov. 1981 a 10 jan. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e outros espaços de representação.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Do drama romântico à farsa. *O Estado de S. Paulo*, 15 nov. 1981, p.40 (acerca também de *Anti Nelson Rodrigues*).

Obs.: Em 1982, além do espaço já mencionado, o espetáculo foi apresentado no Sindicato dos Químicos, em evento promovido pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos de Artes e Diversões (Sated/SP), chamado *Auê nos sindicatos – Uma ciranda das artes*.

Em entrevista a mim concedida, em janeiro de 2008, Luís Alberto de Abreu afirmou:

Essa situação e momento histórico motivaram a construção de *Bella ciao* e do *Cala boca* porque ambas derivam do mesmo processo de pesquisa. O que nós todos queríamos era entender que experiência era aquela. Então, esse processo estava dissociado de uma busca de excelência de ceticismo. A gente [refere-se a Ednaldo Freire, também entrevistado] era bastante novo nessa época, mas estávamos acordados para a vida social. Não estávamos indo atrás da forma, de contato com essa experiência, e lançamos mão daquilo que tínhamos. Então, como essa experiência era muito rica, não era possível ir atrás de uma determinada carpintaria teatral ao gosto de determinados críticos. Hoje eu sei que o teatro não tem limites, mas naquele tempo não sabíamos muita coisa. Hoje, sabemos que podemos e, às vezes, devemos estender os limites da linguagem.

*CALABAR, O ELOGIO DA TRAIÇÃO*. Texto: Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra. Direção: Fernando Peixoto (que declara ser a encenação da obra muito próxima aos expedientes utilizados pela revista musical). Assistência de direção: Wagner de Paula. Direção musical, arranjos e músicas de cena: Marcus Vinícius. Cenografia e figurinos: Hélio Eichbauer. Coreografia: Zdenek Hampl. Iluminação: Mario Masetti. Elenco: Sérgio Mamberti, Othon Bastos, Tânia Alves, Marta Overbeck, Gésio Amadeu, Renato Borghi, Osmar di Pieri, Miguel Ramos, Elias Andreato, Ariel Moshe, Dadá Cyrino/Cristina Bolzan, Edsel Britto, Iná Rodrigues, Luiz Braga, Luiz Carlos Gomes, Mercedes de Souza, Mônica Brant/Wilma Guerreiro, Samuel Santiago, Wilson Rabelo e Zdenek Hampl/Ademir Martins. De 8 maio 1980 a 24 set. 1980. Teatro São Pedro.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O talento perdido em Calabar. *O Estado de S. Paulo*, 17 maio 1980, p.20.

Obs.: Às vésperas da estreia, em 1973, e antes do ensaio para a censura, o elenco recebeu um comunicado segundo o qual a peça, por instância superior, havia sido avocada para reexame da censura. O diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, general Antonio Madeira, avisa os advogados dos produtores – Fernanda Montenegro e Fernando Torres –, que não tinha a intenção de liberar a peça brevemente. À luz de tal evidência, os produtores dispensaram o elenco e amargaram um significativo prejuízo (Cf. Em cartaz, as peças que voltaram do exílio. *O Estado de S. Paulo*, 27 abr. 1980, p.44).

*CALÇA, A* (ou *CADA QUAL NO SEU LUGAR*). Texto: Carl Sternheim. Adaptação e transmutação (*sic*): Millôr Fernandes. Direção: Maurice Vaneau.

Cenografia: Mauro Monteiro. Figurinos: Marie Odile. Elenco: Oswaldo Loureiro, Rildo Gonçalves, Guilherme Corrêa, Ana Rosa, Jacques Lagoa, Jandira Martini e Ricardo Dias. De 13 mar. 1980 a 15 maio 1980. Teatro Faap.

*CALU*. Texto: Carlos Câmara. Direção: Haroldo Serra. Criação e produção do Grupo Comédia Circense. De 24 a 27 set. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CAMA, CARAMELO E CONFUSÃO*. Texto: Paulo Figueiredo. Direção: Denis Derkian. Cenografia e figurinos: Ronaldo Damian. Elenco: Helena Ramos, Fábio Mássimo e Denis Derkian/Vitor Branco. De 16 jul. 1985 a 20 out. 1985. Teatro Sadi Cabral.

*CAMA COR-DE-ROSA, A*. Texto: Gugu Olimecha. Direção: Fausto Rocha. Cenografia: José Dias. Figurinos: Rosa Magalhães. Elenco: Vanessa Alves e Marcelo Coutinho. De 6 mar. 1988 a 3 jul. 1988. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*CAMA ENTRE NÓS, UMA*. Texto: Walcyr Carrasco. Direção e iluminação: Jacques Lagoa. Assistência de direção: Sueli Lazzari. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Lu Martan. Direção musical, arranjos e regências: Ney Carrasco. Iluminação e sonoplastia: Fernando Wagner. Elenco: Matilde Mastrangi, Andréa L'Abbate e Mauro Gorini. De 20 ago. 1986 a 21 fev. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia. De 1 mar. 1988 a 31 jul. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). De 7 jul. 1989 a 27 ago. 1989. Teatro Dias Gomes.

Crítica: Charles Magno Medeiros. A fórmula do sucesso. *O Estado de S. Paulo*, 3 mar. 1988, p.6.

*CAMA SUTRA: O ERÓTICO EM TODAS AS POSIÇÕES*. Textos: Leilah Assumpção, Mário Prata, Luís Carlos Cardoso, Celso Luiz Paulini e Antonio Bivar. Direção: Altair Lima. Música: Júlio Medaglia. Cenografia e figurinos: Cyro Del Nero. Coreografia: Edu Cardoso. Elenco: Paulo César Pereio, Alberto Baruque, Renata Soffredini, Carlos Takeshi, Carmen Lígia, Eleonora Prado, Gerson Santos, Jack Militelo, Katto Ribeiro, Lucci Baiocchi,

Ricardo Homuth, Jacqueline Roxane, Maristela Moreno e Borges de Barros. De 13 mar. 1985 a 1 set. 1985. Teatro Záccaro e Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*CAMALEÃO, O.* Reunião de três contos de Anton Tchekhov. Tradução e adaptação: Renata Pallottini. Direção: Reinaldo Santiago. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Adereços: Helô Cardoso. Coreografia: Genius Giguê. Música e direção musical: Wanderley Martins. Arranjos e assistência musical: Gerson Tatini. Iluminação: Sidney Lima. Elenco: Grupo *Lux in Tenebris*, com Ginius Giguê, Armando Correa, Reinaldo Santiago, Marcília Rosário, Genilson de Souza e Ronal Moreno. De 26 set. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno) e Teatro Sadi Cabral.

*CAMARALENTA.* Texto: Eduardo Pavlovsky. Direção: Eduardo Raccioppi. Assistência de direção: Cristina Moura. Assessoria de arte: Carlos Palma e Auro Aoki. Cenografia e figurinos: Theatro dos Cinco. Elenco: Roberto Bonaccorsi, João Checa, Marlene Graciano e Tânia Moura. De 14 out. 1985 a 13 abr. 1986. Teatro Cezar e outros espaços de representação.

*CAMAS REDONDAS, CASAIS QUADRADOS.* Texto: John Chapmann e Ray Conner. Adaptação: João Bethencourt. Direção: José Renato. Cenografia: Flávio Phebo. Figurinos: Lu Martan. Elenco: Jussara Freire, Francarlos Reis, Marcos Caruso, Noemi Gerbelli, Jandira Martini, Ariel Moshe, Lígia de Paula, Danúbia Machado e Rildo Gonçalves. De 1 out. 1982 a 27 fev. 1983. Teatro Aliança Francesa (Centro).

*CAMINHADAS.* Texto, cenografia e figurinos: Ilo Krugli. Pesquisa de movimento, concepção e coreografia: Graziela Rodrigues, Tião Carvalho e Ilo Krugli. Iluminação: Roberto Mello. Máscaras: Oswaldo Gabrielli. Direção musical, arranjos e composições: Marcus Vinícius, com os músicos Cássio Roberto Picollo, Pedrão do Maranhão, Fernando Gatti e Isa Uchara. Elenco do Teatro Ventoforte: Graziela Rodrigues, Tião Carvalho, Ricardo Cipriano, Fania Espinosa e Osmar Emídio. De outubro de 1983 a 29 jan. 1984. Teatro Maria Della Costa e Teatro Ventoforte.

Obs.: O Grupo 16 Meninos da Treze de Maio, dirigido por Penha Pietra, também participou do espetáculo.

*CAMINHO QUE FAZEM DARRO E GENTIL ATÉ O MAR*. Texto: Renata Pallottini. Direção: Tereza Aguiar. Cenografia e figurinos: Equipe. Músicas: Federico García Lorca. Direção musical: Rosa de Araucária. Coreografia: Paula Martins. Elenco: Grupo Rotunda, com Nilda Maria, Carlos Arena, Rofran Fernandes, Ariane Porto, Renato Ferreira, Márcio Cruz e Artur Inédito. De 3 out. 1986 a 2 nov. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*CAMÕES*. Texto: Marcelo Marchioro e Bárbara Bruno. Dramaturgia: Paulo Jorge Haranake. Direção: Marcelo Marchioro. Coreografia: Val Folly. Máscara: Zorávia Bettiol. Elenco: Bárbara Bruno, Paulo Goulart Filho, Antoine Rovis, Rose Mattos, Carlos Manuel, Jorge Demétrio e Flávio Guarnieri. De 4 jun. 1988 a 5 set. 1988. Teatro Paiol.

*CAMPEÕES DO MUNDO* (Mural dramático sobre os últimos 15 anos do Brasil). Texto: Dias Gomes. Direção e iluminação: Antônio Mercado. Assistência de direção: Mirtes Mesquita. Cenografia: José Dias. Figurinos: Marisa Rebollo. Direção de cena e contrarregragem: Rubens Rollo. Arranjos e direção musical: Walter Blanco. Sonoplastia: Eduardo Ruggieri. Elenco: Cleyde Yáconis, Linneu Dias, Flávio Galvão, Márcia Regina, Ariclê Perez, Leonardo Villar, Luiz Carlos Gomes, Jorge Cherques, Mauro de Almeida, Rubens Rollo, Mirtes Mesquita, José Araújo, Wilma Aguiar, Eduardo Sampaio, Cristtina Marques e Luiz Carlos Gomes. De 22 jul. 1981 a 27 set. 1981, Teatro Brigadeiro.

Crítica-matéria especial. Os *Campeões do mundo*, o teste de Dias Gomes para a abertura política. *O Estado de S. Paulo*, 4 out. 1980, p.24.

Crítica Clovis Garcia. *Campeões do mundo*: sem emoção. *O Estado de S. Paulo*, 30 jul. 1981, p.24.

*CAN-CAN*. Texto: Rhodes Bonfim. Direção: Wanda Kosmo. Cenografia e figurinos: Guy Loup. Coreografia: Dagoberto Liguori. Direção de cena: Waldemar Garcia. Contrarregragem: Walter Seben. Elenco: Wanda Kosmo, Paulo Castelli/André Loureiro e Cláudio Duarte. De 7 jan. 1981 a 19 jul. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Paulo Eiró.

CANÇÃO DENTRO DO PÃO. Texto: Raimundo Magalhães Jr. Direção: Otto Prado. Cenografia: José Teixeira. Figurinos: Alna Prado. Trilha sonora: Fábio Tomasini. Elenco: Albenis Amaral, Hélcio Vidal, Romeu de Oliveira, Eugenia de Morais, Alna Prado, Fábio Tomasini e Luís Carlos Mantovane. De 4 nov. 1983 a 31 ago. 1984. Teatro Cenarte. De 22 nov. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Cenarte.

*CANGA... GUEI O OUTRO LADO DA VIDA DE LAMPIÃO.* Texto e direção: Bruno Camargo Netto. Elenco: Carlos Iabomy, Luiz Fernando Manzini, Maria da Paz, Paulo Rolini, Bruno Camargo Netto e Cláudio Natan. De 3 set. 1986 a 26 out. 1986. Teatro Cenarte.

*CANTATA PARA ALAGAMAR*. Texto: Waldemar José Solha. Músicas: José Alberto Kaplan. Direção: Edelcio Mostaço. Direção musical: Cacá Antônio César. Elenco: Grupo Madrigal Veredas. De 8 abr. 1980 a 24 ago. 1980. Teatro São Pedro, Circo dos Bancários. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CANTO DO CISNE, O.* Texto: Anton Tchekhov. Direção: Dahala Num'Hala. Elenco: Lando Dalri e Renato Poltronieri. De 18 nov. 1987 a 9 dez. 1987. Espaço Vermelho 145.

*CANTO DO CISNE, O.* Projeto Cultura da Cidade. Texto: Anton Tchekhov. Direção e produção: Grupo Refazendo. 30 out. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CANTORA CARECA, A.* Texto: Eugène Ionesco. Tradução e adaptação: Luís de Lima. Direção: Sérgio Corrêa. Elenco: Grupo Pau Brasil, com Cláudia Fernandes, Débora Dubois, Deise Capellozza, Fabiogican Arcoverde, Zé Paulo Guerreiro e Toninha de Oliveira. De 3 a 28 fev. 1988. Teatro João Caetano.

*CANTORA CARECA, A.* Texto: Eugène Ionesco. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção, figurinos e trilha sonora: Edith Siqueira. Elenco: Marco Ribeiro, Ana Maria Ribeiro, Cássia Alves, Mário Pazini, Marli Clementi, Claudia Roncaratti e Mauro Alencar. De 8 a 11 jul. 1987. Espaço Off.

*CANTORA CARECA, A.* Texto: Eugène Ionesco. Direção: Marcos Ghilardi. Tadução: Luís de Lima. Elenco: Cia. de Teatro Vento Verde (Campinas/SP), com Joel Barbosa, Simoni Boer, Gustavo Trestini, Elizabeth Roccato, Carlo Livera e Phino Angelinni. De 13 set. 1985 a 10 nov. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). Sextas-feiras, às 24h.

*CAPA DE REVISTA*. Texto: Mira Haar, Flávio de Souza, Marco Botassi e Stela Matoso. Elenco: Grupo Pod Minoga. Estreia: abril de 1981. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CAPETA DE CARUARU, O.* Texto: Aldomar Conrado. Direção: Élson Souza Santos. Com o Grupo Teatral Astros e Desastros. 28 jun. 1987. Centro Cultural Jabaquara. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CAPITÃES DE AREIA*. Texto: Jorge Amado. Adaptação: Carlos Wilson e Grupo Novo Rio de Janeiro. Direção e cenografia: Carlos Wilson. Direção musical: Carlos Cardoso. Iluminação: Cláudio Neves. Elenco: Roberto Battaglin, Maurício Mattar, Felipe Camargo, Roberto Bomtempo, Bianca Bynton, Paulo Negri, Dedina Bernardelli e Iza de Eirado. De 8 a 19 set. 1982. Tuca.

Crítica: Clovis Garcia. Textos que falaram sobre cultura brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1982, p.11 (acerca também de *Lola Moreno; Mural mulher; Sobrevividos*).

*CAPRICHOS DO CORAÇÃO.* Show com texto, cenografia, figurinos e interpretação de Patricio Bisso. Direção: José Rubens Siqueira. Músicos: Fernando Espíndola, Roberto Barros e Héctor. De 30 abr. 1980 a 10 ago. 1980. Teatro Brigadeiro.

*CARA & COROA*. Texto: A. R. Gurney Junior. Tradução: Miriam Mehler e Cléo Ventura. Direção e iluminação: José Renato. Assistência de direção: Ricardo Pettini. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Zecarlos de Andrade. Coreografia: Neuci Tomac. Sonoplastia: Carlos Ribeiro. Arranjos musicais: Walther Neto. Direção de cena: Carlos Clean. Cenotécnica: Juraci de Mutiis, Antonio Zumba da Costa e Antonio Romão. Elenco: Miriam Mehler, Cléo Ventura, Thadeu Aguiar e D'Artagnan Jr. De 29 jun. 1988 a 21 ago. 1988. Teatro Paiol.

*CARACTERÍSTICAS MÁGICAS E MÍMICAS*. *Performance*. Autor: José Garcia Moraes. 12 nov. 1985. Pavilhão da Bienal.

*CARMEM COM FILTRO*. Texto: Gerald Thomas e Daniela Thomas. Direção e iluminação: Gerald Thomas. Cenografia e figurinos: Daniela Thomas. Arranjos e regência: Jaques Morelembau. Coreografia flamenca: Laurita Castro. Adereços: Helô Cardoso e Leopoldo Pacheco. Elenco: Antônio Fagundes, Clarisse Abujamra, Bete Coelho, Luiz Damasceno, Oswaldo Barreto, Ana Kfouri, Lu Grimaldi, Guilherme Leme, Geraldo Loureiro e Pedro Vicente. De 28 abr. 1986 a 29 jul. 1986. Teatro Procópio Ferreira e Teatro Cultura Artística. De 14 a 16 set. 1988. Teatro Ruth Escobar.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Não ouça. Mas veja. *O Estado de S. Paulo*, 13 maio 1986, p.4.

Vivien Lando. O galo cantou. O autor não sabe onde. *O Estado de S. Paulo*, 13 maio 1986, p.4.

Obs.: Foram promovidos ensaios abertos do espetáculo com o objetivo de afiná-lo para apresentação no *La Mama*, de Nova Iorque, em 1988.

*CARMEM ROCK*. Espetáculo baseado em *Carmem*, de Georges Bizet e na novela de Prosper Mérimée, com libreto de Leonardo Medeiros e música de Tuco Marcondes. Direção: Leonardo Medeiros e Alberto Sargaço. Elenco: Grupo de Teatro Cultura Inglesa. 1986. Teatro Cultura Inglesa (Pinheiros). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*CARROSSEL RUSSO*. Adaptação de obras de Nicolai Gogol por Miguel Fillages. Direção: Wanderley Martins. Elenco: Ana Maria Marinho, Marly Clementi e outros. 1986. Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*CARTA, A*. Texto: William Somerset Maughan. Tradução e adaptação: Millôr Fernandes. Direção: Geraldo Queiroz. Cenografia: Cláudio Moura. Figurinos: Clodovil Hernandez. Iluminação: Cláudio Moura e Geraldo Queiroz. Elenco: Rubens de Falco, Yara Lins, Sérgio Ropperto, Beatriz Segall, Maiko Koanoi, João Bourbonnais e Linneu Dias. De 11 set. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Mediocridade, denominador comum nos palcos de teatro. *O Estado de S. Paulo*, 24 set. 1980, p.18.

*CARTA PERDIDA* (*O NÓ DA SUCESSÃO*), *A*. Texto: Íon Luca Caragiale. Direção: Zedu Lima. Tradução, adaptação e elenco: Grupo Experimental Boca do Forno, com Álvaro Andrade, Carmem Videira, Gilmar Torres, Malu, Márcia Braga e Maricelma. De 4 a 9 set. 1984. Teatro Paulo Eiró. 20 e 21 out. 1984. Teatro Martins Pena.

*CARTAS A PIERRE RIVIÈRE*. Argumento e direção: Raul Cruz. Elenco: Alberto Perne, Jaqueline Daher e Renato Negrão/ Kátia Drummond. 1987. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: O espetáculo fez parte da Mostra Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Estação Madame Satã.

*CARTAS BRASILEIRAS*. Criação coletiva do Grupo Há! 5 e 6 mar. 1984. Centro Cultural (Pça. Benedito Calixto, 162). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CASA DE BERNARDA ALBA, A*. Texto: Federico García Lorca. Tradução: Alphonsus de Guimaraens Filho. Direção, roteiro e adaptação: Eugênia Theresa de Andrade. Cenografia: Silvio Dworecki. Música: Djalma Correa (participação de Paulo Moura). Figurinos: Irênio Maia e Glória Motta. Iluminação: Luiz Fernando Borges da Fonseca. Concepção de luz: Fauzi Arap. Elenco: Assumpta Perez, Eugênia Thereza de Andrade, Mika Lins, Ana Lorca, Adriana Seabra, André Curti, Izabel Kowarick, Lúcia Fernandes, Clarice Duarte, Judilde Medeiros, Gabriela Geoce, Marina Yamada, Mirtes Marins, Renata Almeida e Soraia Tavares. De 9 nov. 1984 a 31 mar. 1986. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

*CASA DE BONECAS*. Texto: Henrich Ibsen. Direção: Sérgio Santiago. Figurinos: Naíra Gonçalves. Iluminação: Dirceu Capuchinqui e Ira Montenegro. Adereços: Carlos de Castro. Preparação corporal: Geni Garciak. Elenco: Laura Carot, Donald Honorato, Valdir Rivaben e Roberto Trujillo. De 19 mar. 1988 a 30 dez. 1988. Teatro Markanti e Teatro Taib.

*CASA DE BONECAS*. Texto: Henrich Ibsen. Direção: Sérgio Santiago. Elenco do grupo Avis Rara Avis Cara: Ana Dábalos, Dirce Carvalho, Ana Maria Quintal, Edson Landi e Paulo Santana. De 16 set. 1987 a 11 out. 1987. Teatro Martins Pena.

*CASA DOS PALHAÇOS MALUCOS, A*. Texto, direção e interpretação: Waldemar Sillas. Estreia: 2 mar. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CASA GRANDE & SENZALA*. Texto: Gilberto Freire. Transposição da obra: José Carlos Cavalcanti Braga. Adaptação e direção: Miroel Silveira. Assistência de direção: Benê Rodrigues. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Música: Nélson de Jesus e Miroel Silveira. Adereços e joias africanas: Luiz Alberto. Preparação coreográfica: Merina Luiza. Cenotécnica: Ulisses H. de Oliveira e José Jader P. Soares. Elenco: Elpídio Navarro, Hélio Cícero, Irineu Pinheiro, Wanderley Martins, Isadora de Faria, José Wilson Spadoni, Nara Keiserman, Sonia César, Wilson Rodrigues de Moraes, Zeca Sampaio, Alfredo Luiz, Aparecido Nascimento, Carlos Alberto Santana, Carlos Marques, Célio Cunha, Everaldo Bispo Lobão, Gilberto Matos, José Maurílio, Juanito Gomes, Marina Luiza, Nélson de Jesus, Ricardo Dias, Rosângela Moraes, Teresa Convá, Zenaide, Benê Rodrigues, Paulo Weudes e Vera Barbosa. De 8 out. 1980 a 30 nov. 1980. Teatro São Pedro e circo montado na Cidade Universitária.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Casa grande e senzala*, de volta às raízes culturais. *O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1980, p.22.

*CASA TOMADA*. Inspirada em obra homônima de Julio Cortázar. Roteiro, direção, adaptação e figurinos: Fernando Popoff. Cenografia: César Muniz. Iluminação: Cláudia Wata. Elenco: Alexandra Golik e Jaime Sebastian. De 26 mar. 1987 a 17 maio 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*CASAIS EM CRISE*. Texto: Miriam Selig e José Moreira. Direção: Miriam Selig. Elenco: José Moreira, Ana Paula Castro e Evânia Jacobino. De 6 maio 1988 a 31 jul. 1988. Teatro Cenarte.

*CASAL ABERTO... MA NOM TROPPO, UM*. Texto: Dario Fo. Tradução: Roberto Vignati e Michele Piccoli. Direção e iluminação: Roberto Vignati.

Assistência de direção: Mário César Camargo. Música e direção musical: Oswaldo Montenegro. Assistência de direção musical: Mongol. Cenografia e figurinos: Maurício Sette. Cenotécnica: Mário Elias. Contrarregragem: Tony Ruggero. Elenco: Herson Capri, Malu Rocha e Gedivan. De 5 jul. 1985 a 25 ago. 1985. Auditório Augusta.

Crítica: Clovis Garcia. O riso permanente junto à reflexão, em Fo. *O Estado de S. Paulo*, 21 ago. 1985, p.17.

*CASAL DO BARULHO, UM*. Texto: Dario Fo e Franca Rami. Tradução: Michele Piccoli e Roberto Vignati. Direção, cenografia, iluminação e trilha sonora: Roberto Vignati. Coreografia e preparação corporal: Tancredo Mancini. Elenco: Cláudia Mello, Adenor Simões e Carlos Capeletti. De 26 abr. 1989 a 2 jul. 1989. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

Crítica: Aimar Labaki. Atriz salva um *Casal do barulho*. *O Estado de S. Paulo*, 13 maio 1989, p.3.

*CASAMENTO DO PEQUENO BURGUÊS, O*. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Iacov Hillel. Direção musical: Paulo Herculano e Azeitona. Cenografia e figurinos: Marisa Rebolo. Iluminação e sonoplastia: João Donda. Coreografia: Edson Claro. Produção: Grupo Vim Te Vê. Elenco: Grupo Vim Te Vê, com Bernadete Alonso, Evaldo de Brito, Francisco Cintra, Jandira de Souza, Lílian Sarkis, Marcos Antunes, Nancy Galvão, Neusa Gomes e Roberto Nogueira. De 6 jan. 1981 a 28 jun. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia, Teatro São Pedro (Studio São Pedro), Teatro João Caetano e Teatro-Café Oscar Wilde.

*CASO SÉRIO*. Texto: Renato Kramer. Direção: Ronaldo Ciambroni. Elenco: Renato Kramer, Vitor Branco, Nereide Bonamigo e Luiz Roberto. 1983. Boite Medieval. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*CASTELO DE MULUMI, O*. Texto: Jurandir Pereira. Direção: Ayrton Salvanini. Estreia: 9 mar. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CASTRO ALVES PEDE PASSAGEM*. Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Direção: Carlos Alberto Soffredini. Direção musical, arranjos e composições: Valmy Rocha. Cenografia e figurinos: Paulo de Moraes. Trabalho corporal: Eduardo Coutinho. Iluminação: Mário Martini. Elenco: Grupo Arsenal das Artes, da Cooperativa Paulista de Teatro, com Amadeo de Luigi, Ana Dávalos, Eleonora Prado, Fábio Lins, Figueira Jr., Graça Berman, Neto Alves, Ulisses Bezerra, Natal Fioryn e Roberto Bonaccorsi. De 29 set. 1989 a 3 dez. 1989. Teatro Anchieta.

*CASULO, O.* (ou *ENCONTROS E DESENCONTROS DE UM TRAVESTI*). Texto: Toni Bonita. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Álvaro Augusto. Coreografia: Branca. Iluminação e sonoplastia: Iguassú. Vídeo: Silvia Martins. Elenco: Thelma Lipp, Léa Camargo e Romeu de Freitas. De 20 ago. 1986 a 2 nov. 1986. Teatro de Bolso (Sala Oscarito).

*CAT ON A HOT TIN ROOF*. Texto: Tennessee Williams. Direção: Linda Less. Cenografia e figurinos: Chaké Ekizien e William Pereira. Iluminação: Abel Kopanski. Som: Tomothy O'Neill. Elenco: Fried Hoops, Maurício Ferrazza, Renato Máster, Stella Arens, Mirtes Mesquita e Afonso Albergaria. De 1 a 12 out. 1986. *Town SPC Auditorium* (Auditório do Clube Inglês).

Obs.: Não é raro encontrar hoje propaganda de espetáculos em que o próprio grupo alardeia ser novidade apresentar espetáculos brasileiros em língua estrangeira. Entretanto, já na década de 1980, além do espetáculo em epígrafe lançar mão desse expediente, podem ser citados, por exemplo, *Erêndira*, apresentado com poucos diálogos e predominantemente em espanhol; *Arabesco lorqueano,* em português e espanhol; *Cousons, cousins,* apresentado em francês. Em uma cidade como São Paulo, com diversos fluxos migratórios e repleta de clubes criados por diferentes colônias, foi relativamente comum a apresentação de espetáculos nas mais diversas línguas.

*CAVALEIRO DO DESTINO, O.* (ou *OS SETE ENCONTROS DO AVENTUREIRO CORRE-TERRA*). Texto: Tácito Boralho e Josias Sobrinho. Direção: Tácito Boralho. Elenco: Grupo Labcarte (Maranhão), com Tácito Boralho, Nelson Brito, Itaércio Rocha, Joel Abreu, Beth Cavalcante e Normélia Leite. De 8 a 12 jul. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*CEGOS, OS*. Texto: Michel de Ghelderode. Tradução: Aníbal Machado. Direção: Moacyr Góes. Dramaturgia: Beti Rabetti. Cenografia: José Dias. Figurinos: Samuel Abrantes. Música: Mário Vaz de Mello. Iluminação: Aurélio de Simone. Elenco: Cláudia Lira, Letícia Monte, Paula Lavigne e Paula Newlans. De 19 out. 1989 a 5 nov. 1989. Espaço Off.

Crítica: Jefferson del Rios. *Os cegos*, uma estranha fábula sobre a vida. *O Estado de S. Paulo*, 2 nov. 1989.

*CELA 20*. Texto: Cláudio Mendel. Direção: Cláudio Mendel e Jovino Cândido. Elenco: Jovino Cândido, Tuche, Carlos e Anízio Pereira. De 1 a 30 nov. 1980. Teatro das Nações. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CELA FORTE-MULHER* Criação coletiva de detentas da Penitenciária Feminina de São Paulo. Direção: Elias Andreato. Coordenação geral: Maria Rita Costa. Elenco: Ângela Maria, Lucia Ferreira, Célia Aparecida Santos, Dulcinéia, Kátia, Cida Refondini, Cristina Eloá, Francisca, Lúcia Barros, Lúcia Faro, Luiz, Maria Elvira, Martha Helena, Marlen, Neusa, Patrícia, Patrícia Prux, Renata, Rosângela e Terezinha. De 6 a 31 jan. 1981. Penitenciária Feminina do Estado.

*CEM MODOS – TEATRO DE BONECOS*. Texto: Luiz Fernando Veríssimo, Toninho Neto, Roberto Silva e outros. Direção: coletiva. Elenco: Ferré, Pedro Girardello e Roberto Dorneles. De 1 a 30 dez. 1983. Teatro Procópio Ferreira.

*CENA DE HITLER*. *Performance*s: *Hicso, Sodoma, A dança das bundas* e *Macacos*, apresentadas pelos grupos O Pessoal do Poente e XPTO. 1 jul. 1985. Estação Madame Satã. Não há mais informações acerca das *performance*s nas fontes consultadas.

*CENA DE ORIGEM, A*. Adaptação para o teatro de cenas bíblicas por Haroldo de Campos – passagens do *Gênesis* e do *Eclesiastes*. Direção: Bia Lessa. Cenografia: José Luís Rinaldi. Figurinos e consultoria cenográfica: Mello da Costa. Consultoria de figurino: Glória Kalil. Iluminação: Paulo Milani. Música e sax: Lívio Tragtemberg, com a participação de cantores líricos, destacando-se

David Kullock. Origami: Satika Gushiken. Elenco: Giulia Gam. De 10 a 19 mar. 1989. Teatro Mars.

Crítica: Aimar Labaki. Grandes talentos e pouco resultado. *O Estado de S. Paulo*, 18 mar. 1989, p.3.

*CENCI, OS* ou *O CICLO AGÔNICO DOS CENCI*. Texto e direção: Jair Antônio Alves. Cenografia e figurinos: Roberto Saturnino. Elenco: Pablo, Jair Antônio Alves e Roberto Saturnino. De 10 ago. 1982 a 10 out. 1982. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão) e outros espaços de representação.

*CERIMÔNIA*. Coletânea de textos de Sófocles e William Shakeaspeare. Adaptação e direção: José Paulo Rosa. De 27 abr. 1983 a 8 maio 1983. Teatro do Caoc. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CERIMÔNIA DO ADEUS*. Texto: Mauro Rasi. Direção: Ulysses Cruz. Assistência de direção: Marcus Vinícius. Cenografia: Marco Antônio Lima e Ulysses Cruz. Figurinos: Domingos Fuschini. Iluminação: Edvaldo Rodrigues e Domingos Quintiliano. Sonoplastia: Tunica. Pintura, efeitos e objetos de cena: Luís Rossi e Fábio Brando. Preparação corporal: Mariana Muniz. Preparação de voz: Eudósia Acuña. Direção de cena: Hugo Peale. Elenco: Cleyde Yáconis, Antonio Abujamra/Fernando Peixoto, Marcos Frota, Ileana Kwasinski, Sônia Guedes, Rômulo Arantes, Ângelo Lopes e Hugo Peake. De 7 out. 1988 a 29 jan. 1989. Teatro Anchieta e Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Jefferson del Rios. Emoção e poesia em *Cerimônia do adeus*. *O Estado de S. Paulo*, 15 out. 1988, p.3

*CERIMÔNIA PARA UM NEGRO ASSASSINATO*. Texto: Fernando Arrabal. Direção: Eric Podor. Cenografia e marionetes: Carl von Havenchild. Figurinos: Ângelo Santana. Elenco: Raquel Prado, Sérgio Guedes, Antonio Manso e Diógenes Moura. De 30 nov. 1982 a 4 dez. 1982. Teatro Aliança Francesa (Butantã).

*CERTA CARMEM, UMA*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Antônio do Valle. Cenografia e figurinos: João Prata. Direção musical: Leandro Duarte. Pesquisa: Fábio Ferrigoli, Roberto Nogueira e Wilma de Souza. Iluminação:

Antonio de Souza. Sonoplastia e adereços: Carlos ABC. Coreografia: Tony Callado. Elenco: Eurico Martins, Carlos Martinho, Ronaldo Ciambroni, Wilma Desouza, Vera Mancini, Cassia Araújo, Cristina Nicoletti, Eduardo Sampaio, Gilberto Britto, João Prata, José Roza, Moacyr Ferragi e Roberto Nogueira. De 2 abr. 1982 a 31 dez. 1982. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro das Nações.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Um espetáculo que poderia ter sido, mas que não foi. *O Estado de S. Paulo*, 25 abr. 1982, p.39.

*CERTAIN THINGS*. *Performance* com o Grupo Yo'Mama. 12 ago. 1985. Estação Madame Satã. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CHEIRO DE HOMEM*. Texto e adaptação de *A vinda do Messias*: Timochenco Wehbi. Direção: Plínio Rigon. Cenografia e figurinos: Campelo Netto. Trilha sonora: Dioni Moreno. Iluminação: Kari Lage. Preparação corporal: Graziela Rodrigues. Elenco: Geórgia Gomide. De 21 a 30 jun. 1985. Teatro Hilton.

*CHICA, CHICA, BOOM*. Criação e encenação: *Los Malcriados*. 1980. Teatro Lira Paulistana. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CHICO EM CASA*. Espetáculo de mímica com músicas de Chico Buarque de Hollanda. Roteiro e direção: Leslie Kürchhauser Marko. Interpretação: Cristina Yogui e Wagner Cássio Soares. De 11 set. 1987 a 8 nov. 1987. Espaço Mambembe.

*CHINELO NA CAMA, UM*. Texto e direção: Jurandyr Pereira. Cenário: Beto Krisler. Iluminação: Celso Tavares. Sonoplastia: Paulo Goulart Filho. Elenco: Arlete Montenegro e Carlos Arena. 1980. Teatro Aplicado. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CHIQUINHA GONZAGA: Ó ABRE ALAS*. Texto: Maria Adelaide Amaral, baseado em argumento e pesquisa de Edinha Diniz. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Cenografia: Flávio Império. Adereços: Wagner Casabranca.

Cartaz: Flávio Império. Iluminação: Domingos Fiorini. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Coreografia: Umberto da Silva e Ana Maria Mondini. Sonoplastia: Alfredo de Oliveira Filho. Músicos: Regional do Evandro. Elenco: Alberico Souza, Antônio de Andrade, Ari Guimarães, Cláudia Rezende, Cleide Queirós, Diná de Lara, Elias Gleizer, Eduardo Sena, Haroldo Acedo, Jairo Arco e Flexa, Lizette Negreiros, Lucio de Freitas, Luiz Carlos Ribeiro, Luiz Parreiras, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Marilena Ribeiro, Miro Martinez, Nelson Luiz, Nivaldo Santana, Nize Silva, Paulo Prado, Regina Braga, Reinaldo Rezende, Ricardo Dias, Romeu de Freitas, Rosamaria Pestana, Rubens Pignatari, Sérgio Rosseti, Tadeu Tosta, Walter Cruz e Wilson Alves. De 8 set. 1983 a 28 fev. 1985. Teatro Popular do Sesi.

Crítica: Clovis Garcia. Texto bem estruturado e justiça para Chiquinha. *O Estado de S. Paulo*, 30 set. 1985, p.16.

*CHORO LORCA*. Textos: Federico García Lorca, destacando *A sapateira prodigiosa*. Adaptação, direção, projeto cenográfico, visual e figurinos: Ilo Krugli. Trabalho corporal e assistência coreográfica: Paulo César Brito. Iluminação: Roberto Mello. Arranjos instrumentais: Ruy Weber. Bonecos e objetos de cena: Luís Carlos Laranjeiras e José Galas. Músicas e direção musical: Ronaldo Mota. Músicos: Edgar Lippo, Bene Castro Aleixo, Paulo R. S. Campos, Márcia Fernandes e Marta Ozzetti. Elenco do Teatro Ventoforte: Ilo Krugli, Thaia Perez, Paulo César Brito, Rosa Comporte, Fátima Campidelli, Lena Sá/ Telma Roavitta, Paulo da Rosa, Luís Carlos Laranjeiras, Lauri de Almeida e Laurent Lucien. De 5 out. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Ventoforte.

*CHORUS LINE, A*. Texto: James Kirwood e Nicholas Dante. Tradução: Millôr Fernandes. Concepção, direção e coreografia original: Michael Bennett. Música: Marvin Hamlish. Letras: Edward Kleban. Cenografia: Robin Wagner. Figurinos: Theoni V. Albredge. Iluminação original: Tharon Musser. Arranjos vocais: Don Pipin. Direção e coreografia: Roy Smith. Remontagem de coreografias: Ivonice Satie. Direção musical: Murilo Alvarenga. Direção de atores: Antônio Mercado. Iluminação: Richard Winkler. Músicas ao vivo. Elenco: Accacio Gonçalves, Alonso Barros, Augusto Pompêo, Carola Monticelli, Cláudia de Mendonça, Eduardo Malot, George Otto, Guilherme Leme, Heloisa Millet, J. C. Violla, Lígia de Castro, Luca Baldovino, Márcia Albuquerque, Marcos Jardim, Maria Cláudia Raia, Patrícia Martim, Paula Xavier, Regina

Restelli, Ricardo Bandeira, Ricardo Viviani, Rita Malot, Rogério Da Col, Rose Calheiros, Rubem Gabira, Sólon de Almeida, Sérgio Funari, Suzana Faria, Susana Yamauchi, Teça Pereira e Viviani Alfonso. De 11 abr. 1983 a 24 nov. 1983. Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Chorus line* à altura da Broadway. *O Estado de S. Paulo*, 15 abr. 1983, p.15.

Obs.: Por intervenção do Secretário de Estado da Cultura, a concessão do teatro, que a Comissão de Teatro havia definido para *Bella ciao* – e cujo propósito era atender às montagens de textos brasileiros –, sem justificativas plausíveis, desconsiderando a seleção prévia, destinou o teatro a este último espetáculo. Dessa forma, depois de elogiar o espetáculo, Ilka Marinho Zanotto afirmou: "[...] o enfoque de *Chorus line* extrapola a gênese tipicamente ianque para servir de reflexão mais ampla, inclusive sobre o tema candente do desemprego, uma das pragas modernas". Entretanto, e por ser fundamental a tomada de posição com relação à cessão de espaço, afirmou a mesma crítica, relativizando o escândalo:

> Problema ético à parte da cessão de um prédio público contra o parecer de um conselho chamado a opinar sobre o assunto; questão profissional à parte dos nossos encenadores que se submetem aos rigores dos figurinos importados (e *Chorus line* é apenas um dos espetáculos xérox já realizados no Brasil) só podemos dar boas-vindas aos produtores, especialmente a Walter Clark, ao nosso universo teatral, tão carente de recursos e realizadores dispostos a cacifar produções arrojadas.

À luz de tais considerações, afigura-se de modo bastante óbvio que o título atribuído à crítica – Chorus Line *à altura da Broadway* – não deva ser da crítica, mas de algum jornalista ou editor responsável pela área cultural.

Acerca da qualidade do espetáculo, a crítica de dança Helena Katz, depois de destacar o trabalho corporal de alguns, e especialmente de J. C. Violla, afirmou: "Enquanto o elenco cantar e interpretar tão mal, *Chorus line* continuará uma xérox capenga". (*Folha de S. Paulo*, 17 abr. 1983, p.52.)

*CICLO NACIONAL DE PERFORMANCE*. Organização: Funarte (São Paulo) e Instituto de Artes Plásticas. Com a participação dos seguintes espetáculos: *Além da realidade*: Guto Lacaz, Cristina Mutarelli, Sérgio Mamberti e Recife Farah; *Top secret*: Ivald Granato; *Vidigal – alguns fatos marcantes:*

Alessandro e Massimo Corsini; *Construção*: Paulo Yutaka; *Mistério*: Tomoshigue Kusuno; *Entre a baleia e o tigre*: Rogério Nazzari e Carlos Wladinmirsy*;* *Ludir, o mágico*: José Eduardo Garcia do Amaral; *Leilão de arte não intencional*: Artur Matuck; *A arte como jogo*: Paulo Bruscky; *Acabou?*: Eduardo Barreto; *O pior espetáculo da terra*: Edgard Ribeiro. De 3 a 5 ago. 1984. Sala Guiomar Novaes.

*CIDADE MUDA, A.* Texto: Luiz Roberto Galízia. Elenco: Grupo Trabalho Teatral, com Solange Oliveira de Faria, Eduardo Amos, Marco A. Lima e Rodrigo Matheus. De 29 set. 1983 a 24 jan. 1985 (com intervalos). Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara) e Teatro Ruth Escobar, Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*CIDADE MUDA – ATO II, A.* Texto: Luiz Roberto Galízia. Direção: Eduardo Amos e Marcos Lima. Iluminação: Eduardo Calil. Manipuladores dos bonecos: Ciça Roxo, Miriam Rinaldi, Eduardo Amos e Marcos Lima. De 10 a 21 dez. 1987. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão), em temporada intercalada. De 13 a 23 ago. 1987. Estação Madame Satã.

*CIGANA E O HOMEM DE ÓCULOS, A.* Texto: Carlos Roberto Mantovani e Maristela André. Elenco: Fátima Mantovani, Carlos Alberto Mantovani, Maristela André e a bailarina Ariene Silva. De 5 a 8 ago. 1987. Espaço Off.

*CINCO NOITES.* Roteiro do Grupo de Teatro-dança Tesouro da Juventude, inspirado em *O defunto,* de René de Obaldia. Direção: Roney Facchini. Coreografia: Grupo Tesouro da Juventude. Músicas: Laurie Anderson, Tom Waits e Carlos Gardel. Elenco: Adriana Ridolfi, Silvia Rosembaun, Henrique Stroeter, Beto Martins e Kaiq Antunes. De 30 jul. 1986 a 3 ago. 1986. Espaço Off. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*CINZAS DE VERÃO. Performance*. Criação coletiva do Grupo Mertup. Direção: Laerte Mello. Elenco: Rogério Favoretto, Roberto Marchetti e Malu Botalho. 14 jul. 1985. Sesc Pompeia.

*CIO DA LUA CHEIA, O.* Texto: Maria Duda. Direção: Marcos Cardelíquio. Cenografia: Priscila Pinheiro. Figurinos: Perla Hahum. Iluminação: Roberto Lima e Carlos Gaúcho. Música: Miguel Briamonte. Preparação vocal: Hermes Frederico. Elenco: Jayme Periard, Tuma Dwek, Maria Duda e outros. De 15 set. 1989 a 17 dez. 1989. Teatro Bibi Ferreira (ex-Teatro Cacilda Becker, no centro).

*CIRCO BRASIL.* Criação coletiva: Grupo Turma da Boca, de Campo Limpo. Direção: Flávio Porto. Espetáculo inserido no Projeto Cultura na Cidade. Elenco: Tânia Savegnano, Nortberto Falseti, Maria José Amaral e Welington dos Santos. 17 set. 1984. Centro Cultural São Paulo.

*CIRCO MÍNIMO.* Textos: Samuel Beckett e Karl Valentin. Adaptação com inserções circenses: Rodrigo Matheus. Direção: Eduardo Amos. Cenografia, figurinos e adereços: Marco Antônio Lima. Música: Paulo Tatit e Hélio Ziskind. Iluminação: Léo Lama e Rodrigo Matheus. Elenco: Alexandre Roit, Rodrigo Matheus e Camila Bolaffi. Estreia: 5 maio 1987. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: O título deste espetáculo acabou por batizar o nome da Companhia, dirigida por Rodrigo Matheus.

*CÍRCULO DE CRISTAL.* Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: João das Neves. Cenografia: Irineu Chamiso Jr. Elenco: Rosi Campos e Maria Eugênia de Domênico. De 30 ago. 1983 a 30 out. 1983. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*CIÚMES DE UM PEDESTRE, OS* ou *O TERRÍVEL CAPITÃO DO MATO.* Texto: Martins Pena. Direção, cenografia e figurinos: Paulo Jordão. Iluminação: Hamilton Saraiva. Sonoplastia: Edinho Amorim. Elenco: Elisa Prado, Jarbas Oliveira, José Aurélio Martinez, Silvio Ferreira, Tânia Castello, Josenildo Marinho e Gustavo Bajer. Produção: EAD/USP. De 7 a 12 jul. 1987. Tusp.

*CLARICE.* Criação coletiva: Grupo Terminus Nords (Paraná). Direção: Antônio Silveira. Elenco: Jeanine Rhinow, Luciana Botelho, Mariana Pacheco e Vanessa Ferlin. De 4 a 28 maio 1989. Teatro do Bixiga.

*CLÉO E DANIEL*. Texto: criação coletiva a partir do original de Roberto Freire. Direção: Rodrigo Matheus. Elenco: André Pink, Ciça Roxo, Rodrigo Matheus e Solange Oliveira de Faria. 18 e 19 mar. 1985. Teatro do Bixiga.

*CLICK! TALVEZ ABRINDO MAIS A BOCA*. Texto: Oswaldo Dragún. Direção: Daniel Cherniavsky. Cenografia e figurinos: Adão Pinheiro. Iluminação: Afonso Coralov. Música ao vivo. Sonoplastia: Alfredo Montório Jr. Preparação corporal: Alfredo Martins. Elenco: Aline de Albuquerque, Antonio Carlos Moreira, Indalécio Santana, Antônio Carlos Nóbrega, Cláudio Moraes e José Paulo Rosa. De 26 abr. 1984 a 13 maio 1984. Teatro Tuca.

*CLIENTES DE SOLANGE JOBERT, OS* (ou *MOÇATERAPIA*). Texto: Roque Santafé. Direção: Wandi Zachias. Cenografia: José Augusto Mendes de Carvalho. Iluminação: Roberto Beraldo. Elenco: Alexandre Dressler, Ângela Reis, Tina Rinaldi, Jésus Padilha, Elen Rocha, Maristela Moreno, Eleu Salvador, Roque Santafé, Roberto Beraldo, Wandi Zachias, Péricles Campos, Di Neves e André Lopez. De 20 jul. 1981 a 18 set. 1981. Café Teatro *Place de La République.*

*CLUBE DO GELO*. Texto: Janice Theodoro da Silva. Direção: Roberto Cordovani. Cenografia: Paulo Menezes. Figurinos: Maiá Mendonça. Coreografia: Paulo Contier e Roberto Cordovani. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Nezito Reis. Elenco: Marcos Orsi, Arthur Ribas, Roberto Cordovani, Mariyvone Klock, Artur Ribas e Ricardo Homuth. De 31 maio 1985 a 30 jun. 1985. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*CÓDIGO 25* Colagens de textos e imagens do livro *Vorazcidade,* de Luiz Roberto Galízia. Direção: Eugênio Puppo. Cenografia e figurinos: Marcos Botassi. Coreografia: Paula Martins. Direção musical: Héctor Gonzáles Paschoal. Trilha: Héctor Ganzález e Graciela de Leonardis. Iluminação: Davi de Brito. Elenco: Grupo Átomo Lírico, com Maurício Lanzara, Otávio Dias, Magaly Biff, Sílvia Mazza e Flávia Mariotto. De 19 fev. 1986 a 30 mar. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

Crítica: Clovis Garcia. Fiel às propostas de Galízia. *O Estado de S. Paulo*, 28 mar. 1986, p.13.

*COLAGENS E BOBAGENS* Texto, direção e cenografia: José Antônio Moreno e Shirley Pinheiro. Músicas, arranjos e execução: Banda Flores do Mal, com Paquito, Heyder, Tony Moreno e Fred Luedy. Coreografia: Cristiano Athayde e Hortência Moreno. Voz e canto: Hebe Alves e Renan Ribeiro. Elenco: Grupo Amora Lá em Casa, com Geraldo Aragão, Dedé Rebouças, Maria Bressi, Amauri Públio, Cristiano Athayde, Norma Samuel, Rita de Cássia Conceição, Margareth Menezes, Andressa Nunes, Júlio César, Emerson Borges e Grace Mascarenhas. De 17 a 28 jul. 1985. Espaço Mambembe.

*COLECIONADOR, O.* Adaptação do romance homônimo de John Fowles e David Parker. Tradução: Pontes de Paula Lima. Direção: Roberto Lage. Cenografia: Joaquim Waltrick. Figurinos: Vânia Lorenzato. Efeitos especiais: Walter Fortes. Iluminação: Silva Filho. Elenco: Zilda Mayo e André Loureiro. De 8 abr. 1987 a 2 ago. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*COLUNÁVEIS, OS.* Texto: Claude Magnier. Tradução e adaptação: Juca de Oliveira. Direção: José Renato. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Iluminação: Paulo Weudes. Elenco: Juca de Oliveira, Cléo Ventura e Othon Bastos. De 23 nov. 1982 a 3 jul. 1983. Teatro Itália.

*COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA*. Texto: Georges Feydeau. Direção, tradução e cenografia: Gianni Ratto. Assistência de direção: Jandira Martini. Assistência de cenografia: Carlos Sá. Figurinos: Kalma Murtinho. Cenotécnica: José Revolto Mir. Elenco: Tânia Seckler, Francarlos Reis, Renato Borghi, Othon Bastos, Luiz Roberto Galízia/Sérgio Ropperto, Ileana Kwasinski, Luiz Armando Queiroz, Rosália Petrin, Roney Facchini, Ariel Moshe, Flávio Porto, Jandira Martini, Eliane Giardini e Antonio Petrin. De 20 set. 1984 a 1 mar. 1985. Teatro Procópio Ferreira.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Com a pulga, O peru*: duas comédias que não se pode perder. *O Estado de S. Paulo*, 2 nov. 1985, p.14.

*COMÉDIA À MODA ANTIGA*. Texto: Alersei Arbuzov. Tradução: Marisa Murray. Direção: Arnaldo Dias. Iluminação: Hamilton Saraiva. Preparação corporal e coreografia: Ana Maria Spyer. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Thais Fantauzzi e José D'Ângelo Neto. De 11 a 19 jan. 1989. Tusp (Projeto Mambembe).

*COMÉDIA DA ESPOSA MUDA, QUE FALAVA MAIS QUE POBRE NA CHUVA*. Elenco: Grupo Galpão (Minas Gerais). 1987. Praça da Sé e Praça Vilaboim. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*COMÉDIA SEM TÍTULO*. Texto: Martins Pena. Direção: Oswaldo Mendes. Colaboração: Mylène Pacheco. Produção: EAD/USP. Cenografia e figurinos: Marco Antonio Lima. Iluminação: Hamilton Saraiva. Sonoplastia: Edinho Amorim. Elenco: Ângelo Osório, Cristiane Fischer, Sérgio Siviero, José D'Ângelo, Eliel Ferreira e Thais Fantauzze. De 22 a 26 jul. 1987. Tusp.

*COMO AGARRAR MARCELO MANSFIELD*. Texto: Marcelo Mansfield e Grace Giannoukas. Direção: Ângela Dip e Grace Giannoukas. Elenco: Marcelo Mansfield. De 28 a 29 out. 1988. Espaço Off.

*COMO AGITAR SEU APARTAMENTO*. Texto: Barrilet e Gredy. Tradução e adaptação: Sérgio Viotti. Direção: Kiko Jaess. Assistência de direção: Maria Yuma. Cenografia e figurinos: Paulo Penna. Cenotécnica: Vavá. Elenco: Maria Luísa Castelli, Ivete Bonfá, Maria Fernanda, Eugênia de Domênico, José Rubens Chasseraux, Sebastião Campos e Guilherme Lopes. De 17 set. 1980 a 8 nov. 1981. Teatro Hilton e outros espaços de representação. 1982. Não foi possível recuperar as datas de reestreia e de encerramento da temporada.

*COMO MATAR UM PLAY BOY* (ou *COMO ELIMINAR O MARIDO*). Texto: João Bethencourt. Direção e iluminação: Líbero Rípoli Filho. Cenografia e figurinos: Sônia Paiva. Trilha sonora: Carlos Henrique (Poly). Adereços de cena: Sônia Paiva e Wilson Ribaldo. Elenco: Ênio Gonçalves, Linneu Dias, Maria Vasco e Eduardo Abas. De 19 jan. 1983 a 30 abr. 1983. Teatro Markanti.

*COMO NUM LP*. Texto: Jair Antônio Alves. Direção: Paulo Rocha. Cenografia e figurinos: José Alberto Camargo. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro e Grupo Mamão de Corda, com Rosana Patsy, Ana Lúcia Cavalieri, José Dantti e Jair Antônio Alves. De 4 a 13 dez. 1981. Teatro Oficina.

*COMUNHÃO DE BENS*. Texto: Alcione Araújo. Direção: Francarlos Reis. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Ney Galvão. Elenco: Eliana Rocha, Teresa Teller, Márcio de Luca e Paulo Leite. De 25 maio 1983 a 18 set. 1983. Teatro Márcia de Windsor.

*CONCÍLIO DO AMOR, O*. Texto: Oscar Panizza. Direção e cenografia: Gabriel Villela. Produção e adereços: Grupo de Arte Boi Voador. Assistência de direção e preparação de ator: Jair Assumpção. Figurinos: Luís Rossi, Charles Moeller e Charles Lopes. Trilha sonora: Tunica. Sonoplastia: André Frota. Sonorização: Solange Mendes. Iluminação: Edvaldo Rodrigues. Pintura de arte: Fábio Brando. Preparação corporal: Haroldo dos Reis Arruda. Coreografia: Fernando Lee. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Jair Assumpção, Mônica Salmaso, Mônica Barbosa, Jairo Mattos, Davi Rocha Ta Iu, Cacá Amaral, Roberta Nunes, Marcos de Azevedo, Cristina Pikielny, Elaine Carvalho, Patrícia Melone, Luciana Mello, Luiz Rossi, João Fonseca, Alexandre Paternostro, Maurício Machado, Charles Lopes, Maria do Carmo Soares, Alexa Leirner e Lara Córdula. De 16 nov. 1989 a 23 dez. 1990. Centro Cultural São Paulo (Espaço Ademar Guerra).

Crítica: Jefferson del Rios. *O concílio do amor*, com um toque experimental. *O Estado de S. Paulo*, 29 nov. 1988, p.2.

*CONDESSA YACOCAH, A*. Texto: Márcio Guimarães. Direção: Paulo Novaes. Figurinos: Efigênia Menna Barreto. Iluminação: Renato Pagliaro. Preparação corporal: Sarubbi. Direção musical: Paulo Vilela. Elenco: Márcia Maria, Thaís de Andrade, Condessa Giovana Civetta (personagem criada e apresentada por Luiz Henrique), Fábio Tomasini e Ricardo Chileni. De 26 nov. 1988 a 4 jun. 1989. Teatro Crowne Plaza.

Obs.: O Teatro Crowne Plaza foi inaugurado com esse espetáculo.

*CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS, A*. Texto: Jean-Claude Carrière, baseado no poema homônimo de Farid Uddin Attar. Tradução e direção: Jamil Dias. Coreografia: Patrícia Noronha. Preparação corporal: Paulo Yutaka. Figurinos: Érica Masotto. Iluminação: Pierre Vilaverde e Jamil Dias. Sonoplastia: Flávia Calabi. Elenco: Grupo Avis Rara, Avis Cara, com Ana Maria Quintal, Afonso Coralov, Fábio Ferrigolli, Jonas Antunes, Marília Rocha, Patrícia Noronha, Regina Machado, Rodrigo de Azevedo Noronha

e Walmor Borges. De 14 out. 1983 a 20 dez. 1983. Espaço Govinda e Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Alegoria poética sobre a trajetória de ser humano. *O Estado de S. Paulo*, 12 nov. 1983, p.18.

*CONSTITUINTE É TUA MÃE*. Texto e direção: Jair Antônio Alves. Iluminação: Welson Câmara e Nelson Galo. Sonoplastia: Nelson Galo. Elenco: Welson Câmara, Reinaldo Barbosa, Laerte Mariotto, Rita Galina, Kátia Giullietti, Felício Galiuzzi Neto, Cicero dos Santos, Elza Maria, Rivone Doria e Eri Carvalho. De 29 abr. 1986 a 22 maio 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Centro Cultural São Paulo.

*CONSTRUÇÃO, A*. Criação e *performance*: Paulo Yutaca, Hector Gonzales e Graciella Leonardis. 19 dez. 1983. Espaço de Arena da Pinacoteca do Estado.

*CONSTRUÇÃO: PIERRÔ EM TRÊS ATOS, A*. Roteiro e direção: Paulo Yutaca. Elenco: Paulo Yutaca e Celina Fujii. 30 ago. 1985. Teatro da Cultura Inglesa.

*CONSTRUTORES DE IMPÉRIO*. Texto: Bóris Vian. Direção: Marcos Farias. Cenografia: Marcos Farias e Ozair Lessa. Figurinos: Débora Nogueira. Iluminação: Marcos Farias e Salvador Reina. Preparação corporal: Ozair Lessa. Elenco: Grupo Dromedário Dramático, com Christiane Mariano, Débora Nogueira, José de Lima e outros. De 11 a 26 fev. 1989. Estação Madame Satã.

*CONTE-ME DE VOCÊ OU DE MIM*. Texto: Wladimir Ponchirolli. Direção: Francisco Azevedo. Elenco: Grupo Magia, Plenitude e Reciclagem. 1989. Espaço Aonde. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CONTOS DO ALQUIMISTA*. Texto e direção: Luiz Duarte da Rocha. Elenco: Rogério Freitas. De 16 out. 1989 a 19 dez. 1989. Centro Cultural São Paulo (Sala Adoniran Barbosa).

*CONTRABAIXO, O*. Texto: Patrick Suskind. Tradução: Marcos Renaux e Thomas Frey. Cenografia, figurinos e programação visual: Helga Miethke.

Iluminação: Jorge Takla. Direção: Clarisse Abujamra. Elenco: Antonio Abujamra. Estreia: 25 abr. 1987. Teatro Cacilda Becker (São Bernardo do Campo). De 27 abr. 1987 a 1 maio 1988. Teatro João Caetano. De 6 nov. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Paiol. De 18 ago. 1987 a 18 out. 1987. Teatro Igreja. De 6 a 23 dez. 1989. Teatro Igreja.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Um contrabaixo bem afinado, camaleônico. *O Estado de S. Paulo*, 1 out. 1987, p.7.

*COQUETEL CLOWN* Concepção, cenografia e bonecos: Oswaldo Gabrielli. Direção musical e música: Roberto Firmino. Sonoplastia: Wagner Parra. Iluminação: Décio Filho e Oswaldo Gabrielli. Músicos convidados: Marcus Vinícius, Pena e Fernando Bastos. Elenco: Grupo XPTO, com Oswaldo Gabrielli, Anie Walter, Wanderley Piras, Sidney Carias, Beto Firmino e Décio Pires. De 13 jun. 1989 a 3 set. 1989. Museu de Arte de São Paulo e outros espaços de representação.

*CORAÇÃO NA BOCA*. Texto: Celso Luiz Paulini. Direção: Sérgio Mamberti. Cenografia e figurinos: Márcio Colaferro. Iluminação: Abel Kopanski. Sonoplastia: Flávia Calabi. Orientação corporal: Mara Borba. Projeto gráfico: Guto Lacaz. Elenco de *O pavão noturno*: Ester Góes e José Fernandes de Lira; *O marinheiro*: Sérgio Mamberti e José Fernandes de Lira; *Cléo e Cléa*: Sérgio Mamberti e Ester Góes; *O piquenique*: Ester Góes e Sérgio Mamberti. Teca Calazans, como convidada especial, acompanhada ao violão por Leonardo Ribeiro, canta *Sangrando* de Luiz Gonzaga Jr. De 25 mar. 1983 a 9 dez. 1983. Teatro Maksoud Plaza e vários teatros da prefeitura.

Crítica: Clovis Garcia. Peça para ser apreciada e apoiada por vários motivos. *O Estado de S. Paulo*, 12 maio 1983, p.21.

*CORAÇÃO VERMELHO*. Espetáculo inspirado em Cora Coralina. Roteiro: Maria Conte, Antônio do Valle e Graziela Rodrigues. Direção: Antônio do Valle. Coreografia: Graziela Rodrigues e Ademar Dornelles. Música, composição e execução: Edgard Lippo. Iluminação: Abel Kopanski. Figurinos e cenografia: Márcio Tadeu. Técnica vocal: Krystina Kasperowicz. Professores de artes circenses: Alice Donato Medeiros e Maria Medeiros. Elenco: Graziela Rodrigues De 8 a 27 out. 1985. Teatro Ventoforte. De 5 a 27 nov. 1985. Teatro Procópio Ferreira.

*CORAÇÕES EXPLÍCITOS*. Texto e direção: Jair Antônio Alves. Elenco: Marina Mesquita, Rosaly Papadopol e Vicente Parizi. De 21 fev. 1984 a 15 abr. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro João Caetano.

*CORAGEM, MEU BEM, CORAGEM*. Texto: José Safiotti Filho. Direção, cenografia, iluminação e trilha sonora: João Albano. Figurinos: Olney Kruse. Elenco: Wanda Kosmo/Ruthnéa de Moraes e André Loureiro. De 14 maio 1983 a 1 jan. 1984. Teatro Markanti.

Crítica: Clovis Garcia. Motel, tema de peças divertidas, mas sérias. *O Estado de S. Paulo* – 26 nov. 1983, p.15 (acerca também de *Grande Motel; Motel Paradiso; O infalível Doutor Brochard*).

*CORDÃO UMBILICAL, O*. Texto: Mário Prata. Direção: Ivam Sales. Elenco: Grupo Paulista de Teatro Qorpo-Sênico, com Cíntia Krempel Gomide, Ney Pereira, Maurício de Olveira e Sandra Vianna. 22 jul. 1985, 14 set. 1985 e 15 set. 1985. Centro Cultural Jabaquara e Teatro Paulo Eiró.

*CORDÉLIA BRASIL*. Texto: Antônio Bivar. Direção e iluminação: Antonio Ghigonetto. Cenografia e figurinos: Sandra Nunes. Elenco: Mauro Rodrigues, Magdalena Alves e Enemir Franco. 1988. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*CORDÉLIA BRASIL*. Texto: Antônio Bivar. Direção: Tanah Correa. Elenco: Sandra Barsotti, Paulo Leite e Felipe Von Rhein. De 30 maio 1980 a 30 ago. 1980. Teatro Alfredo Mesquita.

*COROAÇÃO*. Texto composto a partir de fragmentos de obras de vários autores. Adaptação e direção: José Rubens Siqueira. Elenco: Giuseppe Oristânio e Haroldo Botta. De 1 a 20 dez. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CORONEL DOS CORONÉIS, O*. Texto: Maurício Segall. Direção: Ulysses Cruz. Assistência de direção: Célia Luca. Cenografia: Augusto Francisco. Direção musical: Clóvis Moreno. Execução das músicas: Grupo Salvaterra,

da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Coreografia: Rosa Reis. Figurinos: Nelson Escobar e Augusto Francisco. Iluminação: Nezito Reis e Mário Martini. Sonoplastia: Marcos Diniz. Preparação corporal: Nikolas Ballistreria. Adereços: Nelson Escobar. Coreografia: Rosa Reis. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro e Guilherme Petrin. Elenco: Cássia Kiss, Nelson Escobar, Rosália Petrin, Marcos Frota, João Roberto Araújo, Célia Luca e Cláudio Loureiro. De 25 mar. 1981 a 3 jan. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro Arthur Azevedo, Teatro Martins Pena e Circo Mal-Me-Quer.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. De repente, no Eugênio Kusnet, teatro à vista. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1981, p.21.

Luiz Izrael Febrot. Delmiro Gouveia, criticado. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1981, p.21.

*CORPO DE BAILE – ENTROPIA DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA.* Adaptação: Jayme Compri, Moacir Ferragi e René Binochi. Dramaturgia: Jayme Compri. Direção e cenografia: Ulysses Cruz. Direção-adjunta: Jayme Compri e Mariana Muniz. Direção de arte e figurinos: Domingos Fuschini. Adereços: Charles Lopes, Fábio Brando e André Cañada. Direção musical: Edvaldo Rodrigues e Paulo Chiavegatti. Iluminação: Domingos Quintiliano e Edvaldo Rodrigues. Coreografia: Mariana Muniz. Pintura e tintura de tecido: Renato Orbide e Luís Rossi. Coordenação de pesquisa: Walderez Gomes Cardoso. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Adão Filho, Mariana Muniz, Hélio Cícero, Denise Courtouké, Alexandre Borges, Charles Lopes, Cyda Moreno, Domingos Fuschini, Domingos Quintiliano, Elena Andrade, Leal Baiolin, Lettícia Teixeira, Paulo Chiavegatti, Silvana Funchal e Wladimir Mafra. De 20 maio 1988 a 27 nov. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro João Caetano.

Crítica: Luiz Fernando Ramos. Vertigens ocultas no *Corpo de baile*. *O Estado de S. Paulo*, 24 maio 1988, p.1.

*CORPO ESTRANGEIRO, O.* Adaptação de *A doença da morte,* de Marguerite Duras: Márcia Abujamra e Patrícia Melo. Direção: Márcia Abujamra. Cenografia: Felippe Crescenti. Iluminação: Mário Martini. Trilha sonora: Tunica. Coreografia: Mariana Muniz. Elenco: Tânia Bondezan, Elias Andreato e Beto Marques. 19 dez. 1987. Espaço Off. Não foi possível recuperar a data de estreia do espetáculo.

*CORRE PELA JUGULAR*. Equipe de criação: Júlia Pascale, Elias Andreato, Arrigo Barnabé e Jorge Pinheiro. Roteiro: Jorge Pinheiro e Lucia Lee. Preparação corporal: Lucia Lee. Direção de atores: Itália Ferri e Juçara de Moraes. Criação e direção musical: Pascale Jr. Figurinos: Theda Mara e Elias Andreato. Iluminação: Adriana Adam. Música ao vivo apresentada por Teco Cardoso e Acê Dal Farra. Elenco: Júlia Pascale, Décio Pinto, Carlos Palma e convidado especial a cada dia de espetáculo. De 11 mar. 1987 a 11 abr. 1987. Espaço Off.

*CORRENTE PRA FRENTE* Textos: Consuelo de Castro, Lauro César Muniz e Jorge Andrade. Direção: Luiz de Lima. Cenografia: Edgar F. Leite. Figurinos: Silvinha Guimarães. Trilha sonora: Geraldo Torres. Elenco: Rosamaria Murtinho e Mauro Mendonça. De 14 maio 1982 a 27 jun. 1982. Teatro Faap.

Crítica: Clovis Garcia. Comédia alegre, realizada com perícia técnica. *O Estado de S. Paulo*, 27 maio 1982, p.28.

*CORRENTES LIGADAS*. Texto: Durvaltercio Santos. De 30 jun. 1983 a 5 jul. 1983. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*COUSONS, COUSINS*. Texto e direção: Yves de la Taille. Elenco: Cláudia Signore, Eliana Martinelli e Luciano Lupreto. Apresentação: 11 out. 1983. Teatro Aliança Francesa. A obra foi apresentada em francês. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*COZINHA, A*. Texto: Arnold Wesker. Direção: Hugo Villavicenzio. Iluminação: Hamilton Saraiva. Preparação de voz: Celina Kresiak e Jorge Nakao. Cenografia, figurino e sonoplastia: La Capula. Preparação corporal: Maria José de Carvalho. Elenco: Grupo Peaquatro (alunos do Teatro Escola Macunaíma), com Adriana Novaes, Angélica Oliveira, Alex Capellossa, Alice Batista, Altibano Demarco, Ana Cordeiro, Bel Baselice, Bernardo Bichuler, Carlos Mastandrea, Cecília Marinho, Cristina Bittencourt, Cristiane Mariano, Edison Pupo, Fábio Moura, Flávio Fonseca, Gerson Steves, Liziette Navarro, Nadia Rangel, Pedro Paulo, Renata Palmeiro, Sula Vasconcelos, Waldir Lepitch e Zé Ayres. De 7 a 21 jul. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Adoniran Barbosa).

*CRACK*. Criação: Eduardo Amos e Marco Antonio Lima. Direção: Cristiane Paoli-Quito. Iluminação: Cibele Forjaz. Trilha sonora: Marco Antonio Lima e Mirna Grizch. Confecção dos bonecos: Marco Antonio Lima. Atores-manipuladores: Eduardo Amos, Marco Antonio Lima, Cláudio A. Saltini, Fernando Vieira e Mirtes Mesquita. De 18 out. 1989 a 10 dez. 1989. Sala Especial da Bienal.

*CREME DA LUA*. Criação sobre textos e músicas de Harold Pinter, Bertolt Brecht, Glória Horta, Demônios da Garoa e Adoniran Barbosa. Direção geral: Anselmo Vasconcelos. Direção musical: Cláudio Savietto. Figurinos: Kalma Murtinho. Piano: Ribi Blaetter. Percussão: Beto Bueno. Elenco: Eduardo Martini e Elaine Maia. De 23 a 26 set. 1987. Espaço Off.

*CRIADAS, AS*. Texto: Jean Genet. Tradução: Alfredo Mesquita. Adaptação: Christiana Caldas. Direção: Silnei Siqueira. Direção de atrizes: Rodrigo Santiago. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi e Augusto Francisco. Trilha sonora: Renato Primo Comi. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Luciana Azevedo, Elene Tziortzis e Christiana Caldas/Elisabete Dorgam. De 14 a 20 jan. 1989. Bloco C – USP e Projeto Mambembe. De 22 a 26 fev. 1989. De 18 a 26 ago. 1989. Espaço Off.

*CRIADAS, AS*. Texto: Jean Genet. Adaptação: Marcos Lazarini. Concepção, direção, cenografia, figurinos e trilha sonora: Fernando Popoff. Iluminação: Nezito e Javier Rodrigues. Elenco: Alexandra Golik, Conchi Labraña e Luísa Roderos. De 26 fev. 1986 a 2 mar. 1986. Teatro Cenarte.

*CRIADAS, AS*. Texto: Jean Genet. Direção: Gilles Gwizdek. Cenografia e figurinos: Chico Ozanan. Trilha sonora: Geraldo Torres. Iluminação: Luiz Antônio Sales de Araújo. Elenco: Dina Sfat, Ítala Nandi e Jacqueline Lawrence. De 7 a 11 dez. 1981. Teatro Municipal.

Crítica: Clovis Garcia. As criadas, muita força dramática. *O Estado de S. Paulo*, 8 dez. 1981, p.2.

Ilka Marinho Zanotto. Genet, inteiro no Municipal. *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 1981, p.19.

*CRIA GERA AÇÃO. Performance*. Adaptação livre da peça *Quarto de empregada*, de Roberto Freire. Participantes: Cleide Paes, Luiz Pazzini e Walter Lima. 10 ago. 1986. Teatro do Bixiga.

Obs.: Trata-se de espetáculo apresentado entre as duas sessões da peça *Giovanni*.

*CRIANÇA ENTERRADA*. Texto: Sam Shepard. Direção: Francisco Medeiros. Elenco: Marisa Orth, Attílio Caesar, Carlos Mani, Cristina Sano e outros (Formatura de turma da EAD). 1986 e 1987. Tusp e Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Marcelo Kahns. Densidade e escorregões. *O Estado de S. Paulo*, 26 jul. 1986, p.5.

*CRIME DA CABRA, O*. Texto: Renata Pallottini. Direção: Elvira Gentil. Elenco: Alunos da Casa de Cultura Amacio Mazzaropi. Estreia: fevereiro de 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CRIMES DELICADOS*. Texto e direção: José Antonio de Souza. Cenografia e figurinos: Paulo Araújo. Iluminação: Gil Carlos Teixeira. Trilha sonora: Daniel Taubkin. Sonoplastia: Washington Luís Nascimento. Elenco: Alberto Baruque, Ana Lúcia Arbex e Norma Mantovani. De 5 dez. 1984 a 17 maio 1985. Teatro Lua Nova.

*CRIMINOSA, GROTESCA, SOFRIDA E SEMPRE GLORIOSA CAMINHADA DE ALQUICABA LA SILBA EM BUSCA DA GRANDE CRUZ, A*. Texto: Clóvis Levi e Tânia Pacheco. Elenco: Grupo Liberdade Para as Borboletas (do Rio de Janeiro). Produção: Grupo Liberdade Para as Borboletas, em conjunto com a Cooperativa Paulista de Teatro. De 28 jan. 1980 a 30 mar. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas. Teatro Cenarte e Biblioteca Municipal do Ipiranga.

*CRÔNICA DA CIDADE PEQUENA*. Roteiro e direção: Maria Helena Lopes. Direção musical, música e músico: Ayres Pothoff. Vocal: Hélvia Juchen. Figurinos: Grupo Tear (Porto Alegre) e Antonio Barth. Iluminação: Acosta. Elenco: Grupo Tear, com Eleonora Prado, Lúcia Serpa, Marco Fronchetti,

Marcos Carbonell, Maria Lúcia Raimundo, Marta Biavaschi, Nazaré Cavalcanti, Pedro Wayne, Roberto Mallet, Sérgio Lulkin e Sonia Coppin. De 15 ago. 1985 a 22 dez. 1985. Teatro Anchieta e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*CROQUETES À LORD BYRON*. Texto: Celso Luiz Paulini (peças: *Outro pedido de casal, Cléo e Cléa, Piquenique e intimidade*). Criação: Grupo Hay Que Hacer Ocho Cabezas. Direção: Guilherme Abrahão. Direção musical: Eduardo Escalante. Direção vocal: Mylène Pacheco. Elenco: Adilson Azevedo, Carolina Monserrat, Roberto Scudero e outros. De 28 maio 1982 a 4 jul. 1982. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Crítica: Clovis Garcia. A "baixa estação" teatral destaca autores teatrais. *O Estado de S. Paulo*, 13 jul. 1982, p.14 (acerca também de *As moças do segundo andar*).

*CRUIS CREDO*. Texto e direção: Jurandyr Pereira. Direção de atores: Tom Santos. Música: Hélio Tori. Cenotécnica: Antonio Chagas. Elenco: Inês Maria, Daliléia Ayala, Célio Di Malta, Renato Bruno, Marcos Machado e Jurandir Pereira. De 2 ago. 1984 a 25 nov. 1984. Teatro Aplicado.

Crítica: Clovis Garcia. A poesia de um espetáculo bem brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, 5 set. 1984, p.15.

*CRUZ CREDO. AVE MARIA! QUEM É QUE ESTÁ COM A RAZÃO*. Criação e interpretação: Grupo de Teatro Popular – Venha de Onde Vier. Direção: João Barbosa. 25 abr. 1981. Instituto Musical de São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CULPA, MÁ CONSCIÊNCIA & CIA*. Texto e direção: Fábio Mafra. Elenco e produção: Grupo Após'Tolos de São Paulo. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia. De 14 ago. 1987 a 13 set. 1987. Esporte Clube Banespa. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*CUORE INGRATO: UM ESPETÁCULO BRASILEIRO*. Texto: José Saffioti Filho. Direção: Clóvis Salgado. Música: Júlio Vicente e José Saffioti. Coreografia: Samuel Santana. Sonoplastia e iluminação: Wagner Freire. Cenografia: Daniel Clabunde. Figurinos: Leda Ferraz Rosa. Elenco: Adriana Nebuloni, Cristina Nicolleti, Inês Bonilha, Bruno Faccio, Doni Sacramento,

Nerlei Paulino e Sérgio Carvalho. De 17 abr. 1985 a 28 jul. 1985. Teatro Markanti.

*CURRICULUM VITAE*. Texto, direção e cenografia: Tony Camargo. Coreografia: Wagner Iori. Figurinos e iluminação: Tony Camargo e Marisa Costa. Máscaras: Romualdo Fontebasso e outros. Assessoria histórica: Márcia Proença. Orientação vocal: Hermano Riaño Guzman. Elenco: Emílio Fontana Filho, Lena Venturini, Márcia Montemar e outros. De 7 out. 1988 a 4 nov. 1988. Teatro Sadi Cabral.

*CURTO-CIRCUITO*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção, cenografia e iluminação: Luiz Carlos Moreira. Sonoplastia: Celso Cardoso. Sonoplastia: Celso Cardoso. Figurino de Pierrot: Oswaldo A. Faustino. Realização: Apoena/Engenho e Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Celso Cardoso, Cuberos Neto, Irací Tomiatto, Marcelo Bazani, Marli Hatum Corrêa e Wilson Damas. 1986 a 1 fev. 1988. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro João Caetano e Teatro Mazzaroppi. Não foi possível recuperar a data de estreia.

Obs.: Com este espetáculo, inicia-se a junção dos grupos Apoena e Engenho Teatral, que passa a chamar-se Engenho.

*CURVA DA TORMENTA*. Texto formado por 36 esquetes, integrando audiovisual ao espetáculo, a partir de quadrinhos de Will Eisner. Coordenação: Aderval Borges e Nando Ramos. Figurinos: Tian. Audiovisual: Ninho Moraes e Duda Couto. Iluminação: Hipólito de Souza. Sonoplastia: João Paulo. Cenografia: Pedro Rivaben, Aluísio Eras e Felipe Bofill. Elenco: Grupo Teatral Curva da Tormenta, com Cassiano Quilici, Duda Couto, Geórgia Vilela, Paulo Contier, Ana Paola Prado, Magaly do Prado, Aderval e Nando Ramos. Estreia: 8 dez. 1982. Auditório Augusta. 12 e 13 mar. 1983. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*CVV, BOA NOITE*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Marcelo Gastaldi. Assistência de direção: Paulo Leite. Preparação corporal: Tony Callado. Figurinos: Lino Verdigueiro. Cenografia: Renato Scripilliti. Sonoplastia e iluminação: Marrom. Elenco: Zilda Mayo e Irving São Paulo/Márcio Prado. De 30 abr. 1985 a 23 fev. 1986. Teatro Márcia de Windsor.

*CYRANO DE BERGERAC*. Texto: Edmond Rostand. Tradução: Ferreira Goulart. Direção, adaptação e iluminação: Flávio Rangel. Assistência de direção: Narcy Junior. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Criação de efeitos especiais: Victor Lopes. Adereços: Léo Leoni e outros. Música e direção musical: Murillo Alvarenga. Coreografia: Clarisse Abujamra. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Mestre de armas: Ângelo Pio Buonafina. Elenco: Antônio Fagundes, Bruna Lombardi, João José Pompeo, Antonio Petrin, Monalisa Lins, Jorge Chaia, Walter Breda, Tácito Rocha, Neusa Maria Faro, Sérgio de Oliveira, Antoine Rovis, Renato Dobal, Paco Sanches, Cilas Gregório, Márcia Regina, Graça Berman, Maria Duda, Luiz Fernando Rezende, Luiz Carlos Ribeiro, Nivaldo Todaro, Yur Fogaça, Newton Oliveira, Luca Baldovino, Domingos Fuschini, Roberto Mars Jr., Luiz Amaro Pera, Marcelo Mizelazzo, Célio di Malta, Regina Piccin, Lé Zurawski, Ângelo Cavalieri, Sérgio Chica, Jarbas Toledo, Emerson di Biaggi e Carlos Clean. Estreia: 5 set. 1985. Teatro Cultura Artística. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Cyrano*, canto lírico de Rostand. *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1985, p.20.

*DA CAMA À FAMA*. Texto: Ari Santiago. Direção: Danilo Martins. Coreografia: Marcus Vinícius. Iluminação: Ricardo. Elenco: Cícera Fernandes, Danilo Martins, Syllas Bueno, Laurent Caraguá, Lia Soul, Pantera Negra, Geovani Henrique, Sabrina Dantas, Mauro Pinto e Eliana Gabarron. De 16 mar. 1987 a 8 abr. 1987. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*DA PIADA NASCE O HUMORISTA*. Texto, direção e interpretação: Edson Sobral. De 8 a 17 mar. 1985. Teatro Martins Pena.

*DE ARTISTA E LOUCO TODO MUNDO TEM UM POUCO*. Texto e música: Ronaldo Ciambroni. Assistência de direção: Nilson Ramn. Direção e iluminação: Jacques Lagoa. Figurinos: Orlando Chiqueto. Sonoplastia e efeitos: Wanderley Ribeiro. Direção musical: Leandro Duarte. Adereços: Carlos ABC. Elenco: Íris Bruzzi, Alice de Carli, Nilson Raman, Valéria Luercy, Ronaldo Ciambroni e Orlando Vieira. De 6 abr. 1989 a 30 jul. 1989. Teatro Henfil.

*DE BRAÇOS ABERTOS*. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção e iluminação: José Possi Neto. Assistência de direção: Hiram Eduardo. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Leda Senise. Assistência de coreografia e figurinos: Sérgio Dias Reis. Trilha sonora: Tunica. Preparação corporal: Mazé Crescenti. Montagem da luz: Davi de Brito, Robson Camargo e Raimundo Candeia. Cenotécnica: Valter Emílio. Elenco: Irene Ravache e Juca de Oliveira. De 10 out. 1984 a 15 dez. 1985. Teatro Faap.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Uma dissecação bem conduzida. *O Estado de S. Paulo*, 27 out. 1984, p.18.

*DE CAVIAR A MISTO-QUENTE*. Texto: Benê Rodrigues. Direção: Vic Militelo. Cenografia: Reynaldo Renzo. Elenco: Vic Militelo e Zélia Martins. De 12 maio 1982 a 1 ago. 1982. Teatro Nydia Licia.

Crítica: Clovis Garcia. A tradição da farsa volta em dois bons espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 4 jun. 1982, p.18 (acerca também de *Quem é que pode com o bode quem do um bode pode*).

*DE MOFINA A MALATESTA*. Texto: adaptação de *Mofina Mendes*, de Gil Vicente, e trechos de *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes, por Alceu Nunes. Supervisão: Nydia Licia. 1981. Teatro Nydia Licia. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DE RABO PRESO*. Texto: Luiz Roberto Cardoso. Direção: Osmar di Pieri. Iluminação: Nezito Reis. Sonoplastia: Eudes Carvalho. Elenco: Patrícia Scalvi, Guilherme Lopes e Maria Yuma. Estreia: 3 abr. 1987. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DE REPENTE... NO ÚLTIMO VERÃO*. Texto: Tennessee Williams. Tradução: Kiko Jaess e Miriam Mehler. Direção: Kiko Jaess. Cenografia: Carlos Sá. Figurinos: Bastos. Trilha sonora: Bibo. Elenco: Célia Biar, Monalisa Lins, Paulo Wolf, Elizabeth Henreid, Ernando Tiago, Elina Coronado e Lenita Aguetoni. De 10 jul. 1989 a 15 out. 1989. Teatro Imprensa.

Crítica: Aimar Labaki. Um Tennessee Williams grotesco e impreciso. *O Estado de S. Paulo*, 27 jul. 1989, p.2.

*DE TODAS AS MANEIRAS*. Texto: Alexandre Darbilly. Direção: Marcos Ramos. Figurinos: Dayse Darbilly e Áurea Câmera. Sonoplastia e iluminação: Mauro Lima. Elenco: Nan Ribeiro e Alexandre Darbilly. De 7 out. 1987 a 20 dez. 1987. Café Teatro Uniarte.

*DAGMAR, A PERIGOSA*. Texto: Geraldo Petean e Franco Renaud. Direção: Tacus. Elenco: Cibele Troyano, Mariana Suzá, Tatiana Nogueira, Geraldo Petean e Franco Renaud. De 28 set. 1988 a 13 dez. 1988. Espaço Off.

*DAMA DAS CAMÉLIAS, A*. Texto: Alexandre Dumas Filho. Tradução: Gilda de Mello e Souza. Direção, iluminação e sonoplastia: José Rubens Siqueira. Cenografia e figurinos: Maria Helena Grembecki. Adereços: José Rubens Siqueira e Maria Helena Grembecki. Preparação corporal: Luiz Vasconcelos. Elenco: Albenis Amaral, Alna Prado, Antonino Assumpção/Júlio Callado, Rofran Fernandes/Oswaldo Arile, Hilda Breda/Ana Nery, Leão Lobo, Marcos Card, Monalisa Carvalho, Aron Jaffe, Cida Moreyra, Elvira Gentil, Hilma Quilula e Hélia Vidal. De 23 set. 1981 a 10 jan. 1982. Teatro Cenarte e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. Dois clássicos nos palcos da cidade. *O Estado de S. Paulo*, 1 nov. 1981, p.34 (acerca também de *Jorge Dandin*).

*DAMA DE COPAS E O REI DE CUBA, A*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Maria Yuma. Cenografia: Carlos Sá. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Ruthnéa de Moraes, Célia Coutinho e Luiz Carlos Braga. De 16 out. 1981 a 1 dez. 1981. Teatro Major Diogo (Sala José Vasconcelos) e Teatro Anchieta.

*DAMA MIJONA, A*. Texto: Laerte Levai. Direção: Décio Betencourt. Elenco: Grupo Centauro, com Tâmara Bauab e Munir Mendjoud. De 4 a 13 ago. 1989. Teatro Bela Vista.

*DAMAS E CAVALEIROS*. Colagem de textos de Qorpo Santo. Direção: Verônica Fabrini. Elenco: Grupo Produtos Notáveis (Campinas/SP), com Verônica Fabrini, Petrônio Gontijo, Cátchia Bellomo e outros. De 4 fev. 1988 a 6 mar. 1988. Estação Madame Satã.

Obs.: Pela fotografia de divulgação do espetáculo, vê-se uma bela mesa com castiçais e pessoas bem vestidas. Dessa forma, é possível aproximar a escolha do autor da cenografia da montagem da bem-sucedida diretora Verônica Fabrini em *Banquete: poemas gastro eróticos*, remontado na primeira década do século XXI. O espetáculo fez parte da Mostra de Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Estação Madame Satã.

*DAMINI*. Texto e direção: Ana Flávia Miziara. Cenografia e figurinos: Domingos Fuschini. Trilha sonora: Ana Flávia Miziara. Iluminação: Wagner Freire. Elenco: Danúbia Machado. De 19 ago. 1986 a 30 set. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*DARCY DO ANÚNCIO* (ou *O ATOR SOLITÁRIO QUE VIROU GALINHA*). Texto: Nelson Calinay e Kleber Afonso. Direção: Kleber Afonso. Cenografia e figurinos: Corinto Giaccheri. Elenco: Nelson Calinay, Olival de Andrade, Alexandre de Oliveira, N. N. e Oswaldo Spínola. De 18 fev. 1981 a 29 mar. 1981. Teatro das Nações (Sala Oscarito).

*DARK D'ARC*. Texto: Flávia Marioto e Marcus Vinícius. Direção: Marcus Vinícius. Elenco: Flávia Marioto. 1988. Espaço Off. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DECIFRA-ME OU DEVORO-TE*. Texto: José Rubens Siqueira e Renato Borghi. Cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Direção: Roberto Lage. Elenco: Lígia Cortez, Renato Borghi e Elias Andreato. 1989. Teatro Antonio Abujamra. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Jefferson del Rios. Oficina, a história e a paixão revisitadas. *O Estado de S. Paulo*, 1 set. 1989, p.3.

*DEFEITOS CÔNICOS*. *Performance*. Elenco, texto e direção: Go, Arnaldo Antunes e Ariana Freire. 10 jul. 1984. Pinacoteca do Estado.

*DEFEITOS DE FABRICAÇÃO*. Texto e direção: Ronaldo Douglas. Elenco: Roberto Campolicam, Ricardo Gil, Redney Sawallo, Josy Cruz, Magno Tremarin, Rinaldo Brito, Alcisa Oliveira, Beto Sales, Jone Ravelli, Wanderley

e Maria Célia e Laércio. Estreia: 29 maio 1985. Teatro Cezar. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DEFORMIDADES*. Reunião de seis esquetes de Bronie Lozneanu. Direção: Carlito Contini. Elenco: Grupo Os Modiglianis, com Bronie Lozneanu, Carlito Contini, Fernando Bastos e Kiko Barruttini. 1989. Espaço Off. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*DEIXA ESTAR*. Texto: Paulo Vieira. Direção: Adilson Barros. Coreografia: Marília Andrade. Cenografia e supervisão de figurinos: Márcio Tadeu e Laura Oliva. Sonoplastia: João de Oliveira. Elenco: Gustavo Trestini, Hugo Gonzalez, Jayme Paez e Simoni Boer. De 4 a 8 fev. 1987. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DELÍCIAS DE UM DESCASADO: UMA COMÉDIA SAFADA*. Texto: Walcir Carrasco. Direção: Jacques Lagoa. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Lu Martan. Iluminação: Luís Fernandes Wagner. Direção musical: Tunica. Elenco: John Herbert, Miriam Lins e Alexandra Corrêa. De 15 out. 1987 a 18 set. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Arena).

*DELÍCIAS E MALÍCIAS*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Elenco: Aldine Muller, Zaira Bueno e Raymundo de Souza. Estreia: 24 ago. 1984. Café-Teatro Village Station Cabaré.

*DELÍRIO.* Texto e direção: Antônio Ravan. Figurinos: Rosen Berg. Cenografia: Miriam Farch. Elenco: Grupo Sótão e Porões, com Sérgio Ferrara, Rosen Berg, Cláudia Dinali, Jefferson Mola, Yosey Laguno, Cláudio Garret, Alexandra Milaré, Luís Lemos, Regina Sartoni e Sarah Caldas. De 12 jul. 1987 a 27 set. 1987. Teatro Cenarte.

*DENISE STOKLOS – SHOW DE MÍMICA* (ou *MÍMICA DE DENISE STOKLOS*). Texto, direção, sonoplastia, cenografia e interpretação da atriz-mímica. De 11 jun. 1981 a 28 ago. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. A explosiva criatividade de quatro autores novos. *O Estado de S. Paulo*, 23 jun. 1981, p.23 (acerca também de *Bom dia, cara,* de Paulo Yutaka; *Rito do corpo em lua,* de Ismael Ivo; *Pelo avesso*).

Obs. Nessa análise, Ilka Marinho Zanotto afirma que Denise Stoklos, que voltou ao Brasil depois de quatro anos na Inglaterra e outras partes da Europa, é expressionista.

*DEPOIS DA QUEDA*. Texto: Arthur Miller (fragmentos). Tradução: Flávio Rangel. Direção: Luiz Damasceno. Iluminação: Nello Landi. Sonoplastia: Maria Bruno. Produção: EAD/USP. Elenco: Ângela Barros, Tiche Vianna, Cássio Scapin, Carmen Cozzi e Soraya Ocanha. De 2 fev. 1985 a 3 mar. 1985. Teatro Martins Pena.

*DEPOIS DO EXPEDIENTE*. Texto: Franz Xavier Koretz. Tradução e iluminação: Francisco Medeiros e José Rubens Siqueira. Direção: Francisco Medeiros. Assistência de direção: Márcia Abujamra e Samir Signeu. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Assistência de cenografia: Armando R. Filho. Trilha sonora: Francisco Medeiros e Walter Neiva Francisco. Cenotécnica: Antonio França. Coordenação geral do projeto: Antonio Abujamra. Elenco: Ileana Kwazinski. De 19 mar. 1987 a 14 jun. 1987. Teatro Igreja.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. De efeito devastador. *O Estado de S. Paulo*, 5 abr. 1987, p.10.

*DEPOIS DO FIM*. Texto: João Lourenço. Direção: José Carlos Lourenço, com o Grupo Forma. 1980. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DERCY 78*. *Show* com roteiro, direção e interpretação de Dercy Gonçalves. De 2 out. 1985 a 3 nov. 1985. Palace e Palácio das Convenções do Anhembi.

Obs.: O número 78 do título refere-se à idade da atriz, na ocasião.

*DERCY 80 ANOS – ADEUS AMIGOS*. Roteiro: Dercy Gonçalves. Elenco: Dercy Gonçalves e Luiz Carlos Braga. De 19 mar. 1987 a 18 out. 1987. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*DERCY BEAUCOUP*. Texto: Carlos Alberto Soffredini, Luiz Peixoto, Edir Maia, Mário Wilson Pereira e Rui Afonso. Direção: Dercy Gonçalves. Figurinos: Pedro Ivan. Cenografia: Flávio Phebo. Elenco: Dercy Gonçalves,

Fábio Ferrigolli/ Roberto Domingues e Lucy Fontes. Estreia: 4 maio 1979. Reestreia: 28 out. 1980. Teatro das Nações (Sala de Bolso). De 13 ago. 1981 a 27 set. 1981. Teatro Zácaro. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DERCY, DE CABO A RABO*. Texto: Dercy Gonçalves. Elenco: Dercy Gonçalves e Luiz Carlos Braga. De 25 fev. 1983 a 3 jul. 1983. Teatro das Nações.

*DERCY, DE PEITO ABERTO.* Roteiro e direção: Dercy Gonçalves. Elenco: Dercy Gonçalves e Luiz Carlos Braga. De 7 nov. 1984 a 23 dez. 1984. Auditório Augusta.

*DERCY VEM AÍ*. Texto: Carlos Albeto Soffredini, Mário Wilson e Dercy Gonçalves. Elenco: Dercy Gonçalves, Fábio Ferrigalli e Cristina Labronici. Estreia: 6 maio 1982. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DESATRELA PEÃO.* Texto e direção: Celso Frateschi. Cenografia e bonecos: Edison Expedito. Sonoplastia: José Galvão. Elenco: Grupo Tens a Manha, com Celso Frateschi e Marco Antônio Furtado. De 6 a 30 nov. 1980. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DESENCONTROS CLANDESTINOS*. Texto: Neil Simon. Direção: Gianni Ratto. Tradução: Marisa D. Murray. Figurinos e cenografia: Augusto Francisco. Iluminação: Marical Pérez. Elenco: Eva Wilma e Carlos Zara. Estreia: 5 mar. 1982. Teatro A Hebraica e Teatro Auditório Augusta. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. *Desencontros clandestinos*, cumprindo sua finalidade. *O Estado de S. Paulo*, 26 mar. 1982, p.23

*DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA, AS*. Texto: Martins Pena. Direção: Paschoal da Conceição. Cenografia e figurinos: Vera Hambúrguer e Ana Rita Bueno. Iluminação: Fernandinho. Sonoplastia: Tunica. Elenco: Zezé Barbosa, Pascoal da Conceição, Zeca Ibanez, Tânia Seckler e Fernando Borges. De 1 ago. 1988 a 29 nov. 1988. Teatro Bibi Ferreira.

*DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA, AS*. Texto: Martins Pena. Direção: Isa Kopelman. Figurinos: Armando Filho. Iluminação: Hamilton Saraiva. Músicas (ao vivo): Oswaldo Sperandio. Sonoplastia: Tunica. Montagem: EAD. Elenco: Armando Filho, Joel Rios e Carmo Murano. De 15 a 19 jul. 1987. Tusp.

*DESPEDIDA DE SOLTEIRO*. Texto: Nery Gomide. Direção: Ruthnéa de Moraes. Cenografia e figurinos: Gileno Santoro. Iluminação: Abel Kopanski. Trilha sonora: Tunica. Preparação corporal: Ceres Vittori. Elenco: Paulo Novaes, Silvia Pompeo, Delurdes Moraes, Antonia Pinheiro e Heron Medeiros. Estreia: 19 mar. 1987. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DESPERTAR DA PRIMAVERA, O*. Texto: Franz Wedekind. Tradução: Luiz Roberto Galízia. Adaptação: Walderez Cardoso Gomes. Direção e cenografia: Ulysses Cruz. Figurinos: Domingos Fuschini. Iluminação: Domingos Quintiliano e Edvaldo Rodrigues. Adereços: Luís Rossi. Direção musical: Marcos Smirkoff. Sonoplastia: Ângelo Lopes e Roberto Moreno. Preparação corporal: Luiz Thomaz e Paula Martins. Preparação vocal: Eudósia Acuña. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Alexa Leiner, Ângela Barros, Ângelo Lopes, Davi Rocha Ta Iu, Fernanda Guerra, Gabriela Oliveira, Letícia Teixeira, Luís Rossi, Luiz Tomaz, Marcos Winter, Marília Adamy, Roberto Moreno, Romis Ferreira, Luiz Thomas, Miriam Rinaldi e Ângela Barros. De 26 jun. 1987 a 28 fev. 1988. Teatro Sérgio Cardoso e Teatro Anchieta. De 22 out. 1987 a 1 nov. 1987. Centro Cultural São Paulo. De 18 a 29 nov. 1987 e de 6 a 27 dez. 1987. Teatro João Caetano e Teatro Auditório Augusta.

*DESPERTAR DA PRIMAVERA, O*. Texto: Franz Wedekind. Com o Grupo Masthur Bando Theatral – Lucrécia Me Deu um Beijo (alunos da Unicamp). De 30 ago. 1986 a 29 mar. 1987. Teatro Cenarte. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DESPERTAR DA PRIMAVERA, O*. Texto: Franz Wedekind. Direção: Ulysses Cruz. Elenco: formandos da EAD/USP. 1985. Tusp. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DESVENTURA DE UM MORTO VIVO*. Texto e direção: Carmem Patrícia. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DEU A LOUCA NO SALOON*. Texto e direção: Ronaldo Ciambroni. Elenco: Cleide Eunice, Wilma de Souza, Lourival Prudêncio, Nilson Raman e Gilberto Brito. Estreia: 7 abr. 1983. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DEUS*. Texto: Woody Allen. Direção: Marcília Rosário, Márcio Tadeu e Waterloo Gregório. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu, Ricardo Lima e Wagner Zivko. Máscaras: Helô Cardoso e Zequinha. Sonoplastia: Adilson Siqueira. Elenco: Airton Brancifort, Amilton Moretto, Augusto Marin, Anderson do Lago Leite, Benedito de Campos, Carlos Perales, Caroline Dupont, Clélia Vigínia Reynaldi, Jamile Gualia, João Carlos Andreassi, João Tidei, Jovair, Laura Zacura, Maria José dos Santos e Roseli de Barros Trindade. De 2 a 4 fev. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*DEUS NOS ACUDA, O*. Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Dirceu Di Neves. Sonoplastia: Wilson Rodrigues. Sonoplastia: Wilson Rodrigues. Elenco: Grupo Teatral Ziembinski, com Aprígio Germano, Fran Costa, Luy Gobbi, Davi Mafer, Nelson Marcondes, Marciano e Carmem Cita. De 20 jul. 1984 a 18 nov. 1984. Teatro Arthur Azevedo, Teatro do Bixiga e Teatro Martins Pena.

*DEUSDETE, UMA MULHER ESTELAR*. Texto: Míriam Palma e Darcy Figueiredo. Direção: Darcy Figueiredo. Cenografia: Gabriel Barba. Figurinos: Cissa Carvalho. Iluminação: Davi de Brito. Sonoplastia: Tunica e Fernanda Brankovc. Elenco: Miriam Palma. De 12 out. 1989 a 17 dez. 1989. Teatro Prema.

*DEZ INDIOZINHOS, OS*. Texto: Agatha Christie. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Antonio Ghigonetto. Cenografia e figurino: Campello Neto. Trilha sonora: Renato Mendes. Elenco: Grupo de Teatro Monte Líbano. De 15 jun. 1983 a 23 jun. 1983. Teatro Monte Líbano. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DIA DA CAÇA, O.* Texto: José Louzeiro. Direção: Walter Padgurschi. Assistência de direção: Cláudio Mendel. Sonoplastia: Zero Freitas. Elenco: Grupo de Teatro Livre Boca Aberta, com Carlos Coimbra, Leonardo Camillo e Sidney Estevam. De 3 jan. 1980 a 30 mar. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*DIA DAS BRUXAS, O* (ou *HALLOWEEN*). Texto: Nery Gomide. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Ruthnéa de Moraes. Figurinos: Sílvia Pompeo. Iluminação: Abel Kopanski. Trilha sonora: Luiz Roberto Ribeiro. Elenco: Ruthinéa de Moraes e Sílvia Pompeo. De 7 jul. 1986 a 7 out. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Vivien Lando. Vudu, arrepios. Mas pouco dá para entender. *O Estado de S. Paulo*, 19 jul. 1986, p.4.

Obs.: Nery Gomide foi o criador do Movimento Zero Hora, que se propôs fundamentalmente a estimular a produção e encenação de novos textos dramatúrgicos e o surgimento de novos atores.

*DIA DOS PRODÍGIOS, O.* Texto: Lídia Jorge. Direção: Fernando Popoff. Elenco: Tina Cunha, Alexandra Golik, Emérson Rossi, Mário Baggio, Charles Geraldi, Cláudia Wata, Fernando Popoff, José Pedro Reis e Luísa Rodenas. 1988. Teatro Arthur Azevedo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*DIA EM QUE ALFREDO VIROU A MÃO, O.* Texto: João Bethencourt. Direção: Francarlos Reis. Cenografia: Renato Scripilliti. Elenco: Luiz Serra, Célia Coutinho, Aldo César, Carlos Silveira, Bruno Giordano, Noemi Gerbelli, Henrique César e Cristina Marques. De 7 mar. 1985 a 9 nov. 1985. Teatro Itália e Teatro Cenarte.

*DIA EM QUE O BRASIL TOMOU DORIL, O.* Criação, direção e interpretação: Benvindo Siqueira. De 18 abr. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Cenarte.

*DIA EM QUE RAPTARAM O PAPA, O.* Texto: João Bethencourt. Direção: Jorge Fernando Laham. Elenco: Antônio Carlos Pereira, Andréa Hafez, Luiz de Lira, Luiz La Selva, Cláudia Fernandes e João Paulo Cortez. 20 maio 1988. Teatro Arquidiocesano. Não foi possível recuperar a data de encerramento de temporada.

*DIA EM QUE RAPTARAM O PAPA, O*. Texto: João Bethencourt. Direção: José Renato. Assistência de direção: Gisleide Athanasio. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Assistência de cenografia e figurinos: Carlos Sá. Sonoplastia Paulo Weudes. Cenotécnica: Aldemar Ferreira Lima. Contrarregragem: José Gomes. Elenco: Luiz Carlos Arutin, Dionísio Azevedo, Etty Fraser, George Otto, Tereza Teller, Henrique César e Oswaldo Barreto. De 4 mar. 1981 a 22 nov. 1981. Teatro Itália.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Teatro retoma sua função quase esquecida: divertir. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 1981, p.22 (acerca também de *O santo milagroso*).

*DIA MUITO ESPECIAL, UM*. Texto: Ettore Scola. Tradução: Carlos Mathus. Adaptação: Ruggero Maccarie e Giglio la Fantome. Direção, iluminação e figurinos: José Possi Neto. Assistência de direção: Márcia Abujamra. Cenografia: Felippe Crescenti. Assistência de cenografia: Luiz Frugoli. Trilha sonora: Tunica. Pintura de arte: Luiz Frugoli. Elenco: Glória Menezes, Tarcísio Meira/Odilon Wagner, Nereide Damigo, Sandra Annemberg, Milton Andrade, Tancredo Mancini, Adriana Abujamra, Fábio Saltini, Gustavo Arditti e Eduardo de Micheli. De 9 abr. 1986 a 31 ago. 1986. Teatro Faap.

Crítica: Vivien Lando. O amor e a política. Com risco. *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1986.

*DIÁLOGO NOTURNO COM UM HOMEM VIL*. Texto: Friedrich Dürrenmatt. Direção: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Elenco: Chico Solano e Celso Frateschi. De 29 nov. 1988 a 28 dez. 1988. Teatro do Bixiga.

Crítica: Jefferson del Rios. Algo cativante neste *Diálogo*. *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1988, p.3.

*DIÁLOGOS COM O SONO*. Texto e direção: Daniela Finzi Pasça. Elenco: Grupo Teatro Íntimo Sunil Ensemble, com Cristina Pinheiro e outros. 1988. Teatro Sesc Pompeia. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DIANA*. Texto e direção: Celso Frateschi. Música: Paulo Tatit e Hélio Ziskind. Iluminação: Hélio Ziskind. Elenco: Cássio Scapin. De 3 a 29 nov. 1987. Teatro Maria Della Costa.

*DIÁRIO DE UM LOUCO*. Texto: Nicolai Gogol. Adaptação: Rubens Rocha Filho. Direção: Zdenek Hampl e Maria da Luz A. e Silva. Elenco: Jorge de Tarso. Estreia: 15 jul. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DIÁRIO DE UM LOUCO*. Texto: Nicolai Gogol. Direção: José Parente. Cenografia e figurinos: Geraldo Fernandes. Iluminação, maquiagem, sonoplastia e adereços: Geraldo Fernandes e José Parente. Elenco: Grupo Teatral A Jaca Est, com Geraldo Fernandes e José Parente. 1986/1987. Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*DIÁRIO DE UM LOUCO*. Texto: Nicolai Gogol. Direção: Cláudio Mendel e Célio Di Malta. Elenco: Grupo Impressão Digital, com Rubem Rocha Filho. Estreia: 22 maio 1981. Bar do Padilha. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DIÁRIO DE UM LOUCO*. Texto: Nicolai Gogol. Tradução e adaptação: Elias Andreato e Marcio Aurelio. Direção: Marcio Aurelio. Elenco: Elias Andreato. De 17 nov. 1980 a 31 maio 1981. Teatros Célia Helena, Teatro Lira Paulistana, Penitenciária Feminina, Teatro João Caetano e Teatro Paulo Eiró.

Crítica: Clovis Garcia. O ressurgimento do monólogo dramático. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1980, p.16 (acerca também de *Onde estás; Eu, Sócrates, corruptor de menores; O jovem Karl Marx; Bom dia, cara*).

*DIÁRIO ÍNTIMO DE ADÃO E EVA*. Texto: Mark Twain. Direção, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Adaptação: Antonio Abujamra. Gestual: Hugo Rodas. Trilha sonora: Júlio Medaglia. Elenco: Paulo César Gorgulho e Wanda Stefânia. De 18 jul. 1985 a 30 set. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*DIAS CONTADOS*. Texto: Elias Canetti. Adaptação: Paulo Herculano. Tradução: Paulo Herculano e Bete Dorgan. Cenografia e figurinos: Hugo Rodas. Direção musical: Herbert Frederico. Adereços: Aldeniz Martinez. Iluminação: Hugo Rodas, Antonio Herculano e Aldeniz Martinez. Sonoplastia: Antonio Herculano e Aldeniz Martinez. Elenco: Teatro de Repertório da

Cooperativa Paulista de Teatro (Otrep), com Eudes Carvalho, Ricardo Pettini, Rony Schneider, Humberto Fitipalddi, Ana Maria Marinho, Beli Leal, Carlos Messias, Cássia Venturelli, Luiza Viegas, Magna Oliveira e Marco Ribeiro. De 16 jun. 1988 a 3 jul. 1988. Teatro Cacilda Becker (Lapa).

*DIAS FELIZES*. Texto: Samuel Beckett. Tradução, adaptação, direção, iluminação e figurinos: Luiz R. Lopreto. Elenco: Grupo Teia de Altar, com Felipe Andery, Grace Giannoukas, Paulo Gandolfi e Luiz Roberto Lopreto. 28 e 29 abr. 1986. Centro Cultural São Paulo, Estação Madame Satã (até 13 jul. 1986), Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Apresentado no Projeto Beckett 80 Anos.

*DIBUK – ENTRE DOIS MUNDOS, O.* Texto: Shlomo Rapoport-Anski. Tradução: Jacó Guinsburg. Direção e adaptação: Felipe Wagner. Cenografia: Paulo Dunlop. Figurinos: Zenilda Barbosa. Iluminação: Aurélio Di Simoni. Direção musical: Carlos José Szuch. Coreografia: Roberto Cohen. Preparação vocal: Beth Prado. Elenco: Ida Gomes, Jorge Cherches, Geórgia Goldfarb, Marcos Wainberg, Jorge Ida Gomes, Isaac Bardavid, Leonardo José, Miguel Rosenberg, Daniel Barcelos, Antonio Horta, Gilberto Marmoroschi, Risa Landau, Fany Sechter, Roseli Przepiorka, Miguel Melzak, Jacques Graicer, Jaques Rubinstain, Jefferson Zahnon, Mauro Lipman, Milton Luis Lando, Gilson Hochman, Willy Braga Pereira, Adam Grazybowski, Marcelo Kauffman, Daniel Kauffman, Rosane Lerner, Célia Lerner, Ivã Feingold, Clara Malim Farah, Joseph Halegua, Liuba Frankental, Fany Tchaicovsky, Nesia Tyszier, Jacinta Rojtenberg, Raquel Druker e Francisco Bocher. De 30 jun. 1989 a 9 jul. 1989. Sala Arthur Rubenstein.

*DIBUK PARA DUAS PESSOAS, UM*. Texto: Bruce Myers. Tradução: Iacov Hillel, Isa Kopelman e George Schlesinger. Direção: Iacov Hillel. Espaço cênico e figurinos: J.C. Serroni. Música e direção musical: Oswaldo Sperandio. Coreografia: Sam Schinazi. Músicos: Gilles Eduard e Ricardo Karman. Elenco: Isa Kopelman e George Schlesinger. De 11 jun. 1983 a 26 fev. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara) e Teatro Paulo Eiró.

Crítica: Clovis Garcia. *Dibuk*. Encantamento e magia. *O Estado de S. Paulo*, 26 ago. 1983, p.19.

*DILETANTE, O*. Texto: Martins Pena. Direção: José Eduardo Vendramini. Cenografia e figurinos: William Pereira. Sonoplastia: Edinho Amorim. Iluminação: Hamilton Saraiva. Produção: ECA/USP. Elenco: Elisabete Dorgam, Emílio de Mello, Lúcia Romano e outros. 1 a 12 jul. 1987. Tusp.

*DIREITA, VOLVER*. Texto: Lauro César Muniz. Direção: Emílio Di Biasi. Cenografia: Walter Quaglia. Figurinos: Ronaldo Damian. Trabalho corporal: Kylza Vallim. Elenco: Cleyde Yáconis, Cláudio Curi, Dionísio Azevedo, Bárbara Bruno, Rosamaria Murtinho/Cleo Ventura, Flávio Guarnieri e J. França. De 22 mar. 1985 a 5 jan. 1986. Teatro Paiol.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Lauro César Muniz, num trabalho sem consistência. *O Estado de S. Paulo*, 25 abr. 1985, p.26.

*DIRETAS JÁ JÁ*. *Performance* de Glória Horta. Direção e figurinos: Adélia Sampaio. Participação especial: Almir Lopes. 1989. Espaço Raisa. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*DIVA EM DÚVIDA*. Espetáculo de teatro-dança. Criação e direção: Carlos Martins. Figurinos: Analívia Cordeiro e Silvia Mecozzi. Iluminação: Rodrigo Matheus. Efeitos sonoros: Flávia Calabi e Lilo Nazário. Elenco: Isabel Setti. 6 a 16 abr. 1988. Espaço Off.

*DIVINA DECADÊNCIA*. Texto: Waterloo Gregório. Direção: Celso Nunes. Cenografia e figurinos: Zecarlos de Andrade. Iluminação: José Mendes Neto e José Avelino Bezerra. Sonoplastia: Armando Schiavone. Elenco: Sônia Samaya, Zecarlos de Andrade, João Bourbonnais e Helen Helene. De 23 set. 1981 a 11 out. 1981. Espaço Govinda.

*DIVINA INCRENCA*. Texto: Geraldo Carneiro. Esquetes: Paulo Goulart e Miguel Falabella. Direção: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: Márcio Medina. Direção musical: Nando Carneiro. Coreografia: Vivien Buckup. Trilha sonora: Tunica. Preparação vocal: Luiz Antonio Diniza. Elenco: Bárbara Bruno, Françoise Fourton, Eliana Fonseca, Ricardo Blat, Carlos Augusto Carvalho, Kiko de Michele e Patrícia Gaspar. De 22 jan. 1986 a 15 jun. 1986. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. *Divina increnca*, resultado de qualidade. *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 1986, p.14.

Obs.: Em entrevista a mim concedida, em 17 de janeiro de 2008, Roberto Lage afirma que o texto do espetáculo se insere na tendência do teatro besteirol e que "[...] era um monte de bobagem no palco, bem realizada, brincando no palco. Não tinha nenhuma preocupação maior do que fazer rir... Só entretenimento mesmo".

*DIVINA SARAH, A*. Texto: John Murrell. Tradução e direção: João Bethencourt. Cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Iluminação: Henrique Leiner. Preparação corporal: Reiner Vianna e Neide Alves. Construção e pintura de cenografia: Adílio Athos e Emily Pirmes. Elenco: Tonia Carrero e Cecil Thiré. De 9 mar. 1985 a 28 abr. 1985. Teatro Maksoud Plaza.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Sarah e Freud, sedutores. *O Estado de S. Paulo*, 23 mar. 1985, p.22 (acerca também de *Freud no distante país da alma*).

*DIVINAS PALAVRAS*. Texto: Valle-Inclán. Dramaturgista: Ilka Marinho Zanotto. Direção: Iacov Hillel. Assistência de direção: Roseli Silva. Teoria: Tereza Menezes. Cenografia e figurinos: Marisa Rebollo. Iluminação: Iacov Hillel e João Donda Galli. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Música: Oswaldo Sperandio, João Lisanti Neto, Renato Primo e Itamar Vidal. Preparação corporal: Silvia Bittencourt. Coordenação de adereços: Cecília Cerroti. Adereços: Ana Rita Bueno, Champa e Cida Viana. Tingimento de tecidos e pintura dos figurinos: Juvenal Irene dos Santos. Direção de cena: Airton Franco. Contrarregragem: Marcelo Larrea. Elenco: Rodrigo Santiago, Imara Reis, Adilson Barros, Márcia Real, Laura Cardoso, Roseli Silva, Alzira Andrade, Christiane Rando, Lourival Prudêncio, Eli Guimarães Ortega, Blandina Bibas, Jandira de Souza, João Lizanti Neto, Bárbara de La Fuente, Davi Archanjo, Marisa Papa, Lourival Prudêncio, Marcos Kaloy, Oswaldo Raimo, Oswaldo Sperandio, Salete Fracarolli, Neco Magno e Tina Britto. 7 nov. 1986. Teatro Faap. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Vivien Lando. Divino teatro pecador. *O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1986, p.5.

Obs.: Com a criação do *Caderno 2*, as obras passaram a ser classificadas de acordo com o gênero. Dessa forma, esta obra é indicada como comédia.

Trata-se de mais um absurdo, sobretudo porque as obras de Valle-Inclán, criador, em 1920, de um neoconvencionalismo estético batizado de *esperpento*, pressupunham um permanente processo de espelhamento a partir do qual as cenas daí resultantes correspondiam a imagens grotescas e deformadas: côncavas e convexas.

*DIVINAS PALAVRAS*. Texto: Valle-Inclán. Tradução Renata Pallottini. Direção: Iacov Hillel. Cenotécnica: Sabiá e Hermínio Damasceno. Músicos: Geórgia Canella, Sílvia Ramalho, Wanderley Martins e Marcos Antunes. Elenco: Lília Cabral, Nancy Galvão, Evaldo de Brito, Gláucia Vandenveld, Roberto Nogueira, Maria Isabel Setti, Lourival Prudêncio, Lílian Sarkis, Zuleika Belgamo, Jandira de Souza, Sílvia Ramalho, Bernadete Alonso, Marcos Antunes, Olair Coan, Jandira de Souza, Darcy Figueiredo, Cícero Ferreira, Carlos Takeshi Saito, José Francisco Ciantra, Flávio Colatrello e Marco Machado. De 18 jul. 1980 a 11 ago. 1980. Teatro João Caetano.

*DIVIRTA-SE*. Composta por *Maria de Paula Teodora*, *Deus talvez tenha morrido* e *O regresso*. Texto e direção: Orlando Parolini. Sonoplastia e iluminação: Sidney Barbosa Estevan. Cenografia e figurinos: Grupo Ab-Surdo. Elenco: Orlando Parolini e Paulo L. Ferreira. De 21 maio 1980 a 29 jun. 1980. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DO FUNDO DO CORAÇÃO*. Texto (inspirado em Miguel de Cervantes) adaptado: Jamil Dias e Sérgio Santiago. Direção: Jamil Dias. Direção musical: Hermelino Jorge Neder. Cenografia e figurinos: Ricardo Mendes. Iluminação: Elias de Brito. Elenco: Grupo Avis Rara, Avis Cara, com Maria do Carmo Bauer, Jorge Julião, Fátima Toledo, Boanarges, Ana Maria Quintal, Elaine Farhat, Renato Hellmeister, Edgar Campos e Sérgio Santiago. De 14 mar. 1980 a 4 maio 1980. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DO HOMEM À BESTA*. Texto: João Lourenço. Direção, cenografia e figurinos: Marcos Lourenço. Iluminação: João Felipe Palazzo. Sonoplastia: Marco Pereira Kesper. Elenco: José Carlos Lourenço, Ana Cristina Rodrigues, Francisco Lourenço, José Roberto da Silveira, Maria Isabel Cristina Lourenço Silveira, Marco Antonio Lourenço, Ana Frank, Edson Leonardo e José Carlos Nogueira. De 19 a 28 out. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*DO LAMPIÃO DE GÁS AO ABAJUR LILÁS*. Texto: Arnaud Rodrigues. Direção: Carlos Di Simoni. Cenografia e iluminação: Corintho Giachieri. Contrarregragem e cenotécnica: Carlos Gimenez de Miranda/Carlinhos. Elenco: Mário Lírio da Costa (Costinha), Marcos Lander e Lauretti Guzzardi. De 4 abr. 1984 a 2 set. 1984. Teatro das Nações (Sala Oscarito).

*DO OUTRO LADO DA PAIXÃO*. Texto (baseado em Lewis Carroll): João Marcelo e Marcelo Merchioro. Direção: Marcelo Merchioro. Composição e direção musical: João Marcelo Soares. Execução musical: Hermes Jacchieri. Iluminação: Marcelo Marchioro e João Marcelo Soares. Corpo e preparação corporal: Sandra Zugman. Figurinos e adereços: Raul Cruz. Elenco: Grupo da Fundação Teatro Guairá e Teatro de Repertório da Cooperativa Paulista de Teatro, com Carlos Daitschman, Antonia Chagas, Ana Maria Marinho, Eric Nowinski, Antônio Andrade e outros. De 10 dez. 1987 a 1988. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Markanti. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DOCE DELEITE*. Texto: Mauro Rasi, Alcione Araújo, Vicente Pereira, Jose Márcio Penido e Marco Nanini. Direção: Marília Pêra, Hamilton Vaz Pereira, Alcione Araújo e Marco Nanini. Direção musical: John Neschling e Marcos Leite. Cenografia: Márcio Colaferro. Figurinos: Marília Carneiro e Wan Dick Lorette. Iluminação: Aderbal Júnior. Direção musical: John Neschling. Coro formado por Chico Ozanan, Fábio Cartier Marques e outros. Elenco: Regina Casé/Bia Nunes e Marco Nanini. De 5 mar. 1982 a 19 nov. 1982. Teatro Maria Della Costa e Teatro Cultura Artística.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Espetáculo agradável e facilmente esquecido. *O Estado de S. Paulo*, 25 mar. 1982, p.30.

Obs.: Impressiona o número de matérias de divulgação e de crítica acerca desse trabalho. Além da já mencionada crítica de Mariangela Alves de Lima, constam: Jefferson del Rios. Doce deleite com Marília e Naninni. *Folha de S. Paulo*, 2 ago. 1981, p.55; ibidem, 1 mar. 1982, p.30; Nossas comédias já divertiram muitas plateias. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento de Turismo, 5 mar. 1982, p.2; Heloisa de Araújo Moreira. *Doce deleite*. *Jornal da Tarde*, 2 mar. 1982, p.19; *Doce deleite*, o sucesso carioca no palco paulista. *O Estado de S. Paulo*, 3 mar. 1982, p.22; *Doce deleite* com alterações. *Folha de S. Paulo*, 4 mar. 1982, p.31; Doce deleite paulista: diferente, mas não muito. *Jornal da Tarde*,

5 mar. 1982, p.21; Jefferson del Rios. Uma comédia que não faz concessões ao humor obtuso. *Folha de S. Paulo*, 5 mar. 1982, p.33; Leonor Amarante. *Doce deleite* com sabor de alegria. *O Estado de S. Paulo*, 5 mar. 1982, p.19; Sábato Magaldi, *Doce deleite*. E o título já diz tudo. *Jornal da Tarde*, 12 mar. 1982, p.19; *Doce deleite*. *Jornal da Tarde*, 13 ago. 1982, p.23. Raros eram os espetáculos na cidade com tamanha divulgação.

*DOCE FASCÍNIO*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção e trilha sonora: Carlos Di Simoni. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Coreografia: Paula Martins. Elenco: Zaira Bueno. De 28 ago. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*DOCE PRIVACIDADE: UMA COMÉDIA PERVERSA*. Texto: Noel Coward. Tradução: Miriam Mehler e Alexandre Tenório. Direção e iluminação: Emílio Di Biasi. Cenografia: Renato Scripilliti. Sonoplastia: Tunica. Elenco: Miriam Mehler, Laerte Morrone, Martha Mellinger, João Borbonnais e Tatiana Nogueira. De 18 jul. 1987 a 28 dez. 1987. Teatro Paiol.

*DOCE VAMPIRO*. Texto e direção: Anselmo Pires. Iluminação: Simone Sakamoto. Sonoplastia: João Luís. Som: João Luis. Seleção musical: Paulo Germano. Músicas: Rita Lee. Elenco: Antonelly Magri, Johny Rodrigues, Elias Toledo, Silvana Sakamoto e Anselmo Pires. De 16 nov. 1987 a 20 dez. 1987. *Wall Show*.

*DOCES E SALGADOS POR ENCOMENDA*. Texto e atuação: Marcos Favaretto e Luiz Henrique Costa Nery. Direção: Armando Azzari. De 12 set. 1985 a 13 nov. 1985. Teatro Zero Hora e Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DOENTE IMAGINÁRIO, O*. Texto: Molière. Tradução, adaptação, direção e atuação: Cacá Rosset. Assistência de direção: Lala Deheinzelin e Rubens Chachá. Cenografia e figurinos: José de Anchieta. Coreografia: Lala Dehenizelin. Assistência de coreografia: Paulo Contier. Direção musical: Hector Gonzáles. Iluminação: Abel Kopanski. Técnicas de circo: André Caldas e Guto Vasconcelos. Adereços e cenotécnica: André Motto, Antonio Marciano, Rogério Marciano, Renata Wilmer, Celina Yamauchi, Maria Angélica Rocha, Luciene G. Ferreira e Euridis F. Silva. Coordenação da oficina

de cenografia: Alessandro Loria. Preparação vocal: Marshall Netherland e Marcelo Borges. Músicos: Hector Gonzalez, Marcelo Borges, Mario Sergio Zaidan, Fábio Tagliaferri, Ana Eliza Colomar, Marshall Netherland e Jorge Peña. Elenco do Grupo Ornitorrinco: Maria Alice Vergueiro, Ary França, José Rubens Chachá, Christiane Tricerri, Loren Daé, Mashall Netherland, Edson Cordeiro, Marina Mesquita, Paulo Contier, Tereza Freire, Mônica Monteiro, André Caldas e Guto Vasconcelos. De 14 out. 1989 até 1990. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Jefferson del Rios. Cacá Rosset, deboche irresistível. *O Estado de S. Paulo*, 10 nov. 1989, p.2.

*DOENTE IMAGINÁRIO, O.* Texto: Molière. Adaptação: Francarlos Reis. Direção: Silnei Siqueira. Cenografia e figurinos: Domingos Fuschini. Coreografia: Clarisse Abujamra. Música: Walter Neto. Elenco: Francarlos Reis, Maria Vasco, Cid Pimentel, Cristiane Fischer, Roberto Orozco, Ariel Moshe, Bruno Barroso e Elisa Gomes. De 26 set. 1988 a 29 nov. 1988. Teatro Maria Della Costa.

*DOIS MIL E NOVENTA E CINCO ABN*. Texto: Celso Saiki. Interpretação e direção: Grupo Teatral O Pessoal do Poente. 1984. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Fauzi Arap. Assistência de direção: Nelson Baskerville. Cenografia, figurinos e programação visual: Márcio Tadeu. Iluminação: Fauzi Arap e Carlos Siqueira. Sonoplastia: Kid Diniz, Fauzi Arap e Zero Freitas. Cenotécnica: Rafael dos Santos. Elenco: Núcleo Pessoal do Victor, com Adilson Barros e Dartagnam Jr. De 7 ago. 1987 a 11 out. 1987. Teatro Eugênio Kusnet.

Crítica: Vivien Lando. Patética agressividade. *O Estado de S. Paulo*, 20 ago. 1987, p.6.

*DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Thanah Correa. Elenco: Marcelinho Buru e Marquinho Santista. De 30 nov. 1980 a 14 dez. 1980. Teatro TAIB.

*DOM CASMURRO*. Texto: Machado de Assis. Roteiro e adaptação: Geraldo Carneiro e Toni Marques. Direção: Vivien Lando. Cenografia e figurinos: Miguel Paladino. Trilha sonora: Tunica. Coreografia e preparação corporal: Paula Martins. Iluminação: Mário Martini. Elenco: Grupo Teatro da Girafa, com Magali Biff, Kiko Guerra e Regina Galdino. De 9 mar. 1987 a 24 abr. 1987. Teatro do Bixiga e Auditório Augusta.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Tímida recriação, acerca de *D. Casmurro*. *O Estado de S. Paulo*, 24 mar. 1987, p.7.

*DOMUS CAPTA*. Apresentado pela Cia. São Paulo-Brasil. Peça inspirada em *A casa tomada*, de Julio Cortázar. Texto, direção e cenografia: Augusto Francisco. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Músicas: Oswaldo Sperandio, Renato R. Comi e Milton Cury. Efeitos sonoros: Roberto Ferraz. Gestual e coreografia: Cida Almeida. Preparação corporal: Guilherme Leme. Figurinos e adereços: Leopoldo Pacheco. Bonecos: Marco Lima. Elenco: Cida de Almeida, Attílio Caesar, Cláudia Schapira, Guilherme Leme/Emílio de Mello, Leopoldo Pacheco e Sofia Papo. 1987. MAC (Parque do Ibirapuera).

Obs.: Espetáculo contemplado com o Prêmio Estímulo da Secretaria de Estado da Cultura. A Cia. São Paulo-Brasil era composta por Augusto Francisco, Bel Gomes, Cida de Almeida, Attílio Caesar, Guilherme Leme, Leopoldo Pacheco e Sofia Papo. O espetáculo foi apresentado também no Festival Internacional de Teatro de Manizales (Colômbia), em 1987.

*DON JUAN*. Texto: Molière. Direção: Leslie de Marko. Direção musical: Jean-Pierre Kalestrianos. Produção: Grupo Pensão Brasil (alunos do Teatro Escola Macunaíma). Elenco: Di Rezende, Fabiane Nunes, Maria Odete Vieira, Paulo César Barbosa, Pedro Bispo e Ramulfo da Silva. De 1 set. 1983 a 30 out. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*. Adaptação do romance de Jorge Amado por Manoel Carlos e José Maria Pauloantonio. Direção: José Maria Pauloantonio. Música: Júlio Medaglia. Coreografia e diretor adjunto: Ruben Cuello. Coreografia: Marilena Ansaldi. Cenografia e figurinos: Cyro del Nero. Iluminação: Sandro Poloni. Sonoplastia: Odilon Brito. Elenco: Angelina Muniz, Jonas Mello, Mario Cardoso, Ivete Bonfá, Lúcia Mello, Liana Duval/ Analy Alvarez, Lucas de Lima, Maria Helena Steiner, Rita Mallot, Vanda

Queiroz, Anselmo Lopes, Emílio Alves, Helena Bastos, Ainda Leiner, Pedro Bellini, Elísio Pita, Sophia Bisilliat, Sérgio Santos, Tércio Marinho, Wolnei Macena, Eder Colássio, Gilberto Giba, Roselita Alves, Marina Mesquita, Fernanda Meyer, Carlos Kexo, Angélica Aurora e Waldenilson Alves. De 12 mar. 1985 a 29 set. 1985. Teatro Brigadeiro.

Crítica: Clovis Garcia. Mais um musical alegre. *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1985, p.14.

*DONA ROSITA, A SOLTEIRA*. Texto: Federico García Lorca. Montagem para comemorar os 33 anos de carreira de Nicette Bruno. Tradução: Carlos Dummond de Andrade. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Teresa Aguiar. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Direção musical: Paulo Herculano. Coreografia: Clarisse Abujamra. Elenco: Nicette Bruno, Paulo Goulart/José Parisi, Vic Militello, Márcia Real, Kito Junqueira, Eleonor Bruno, Marlene Marques, Moema Brum, Ires D'Aguia, Danúbia Machado, Rosemar Schick, Carmem Hoffman, Vera de Almeida, Lúcia Segall, José Gomes Dias e Paulo Goulart Filho. De 23 abr. 1980 a 31 ago. 1980. Teatro Paiol.

Crítica Clovis Garcia. *Dona Rosita*: no palco um Lorca com muita poesia. *O Estado de S. Paulo*, 9 maio 1980, p.17.

*DONA XEPA*. Texto: Pedro Bloch. Direção: Flávio Guarnieri. Assistência de direção: Fernanda Amaral. Cenografia e cenotécnica: Mário Márcio. Figurinos: Daniel Mihalescu. Pintura cenográfica: Cristina Oubry. Iluminação: Flávio Guarnieri e Clóvis Rossi. Elenco: Flávio Guarnieri, Alexandre Martin, Ana Kalyna, Cláudia Feitosa, Everton Bortotti, Fábia Cristina, Fernanda Amaral, Janete Pontes, Jean Nascimento, Patrícia Carlotti, Paulo Mattos e Ricardo Valle. De 16 out. 1989 a 16 dez. 1989. Teatro Antonio Abujamra.

*DONANA*. Texto e interpretação: Ronaldo Ciambroni. Direção: Carlos Di Simoni. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas. Teatro Brasileiro de Comédia.

*DONDE CO CÊ VEM?* Texto e direção: Jair Antônio Alves. Iluminação: Sidney Estevão. Elenco: Grupo Mamão de Corda, com José Dante e Jair Antônio Alves. De 21 abr. 1982 a 29 maio 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DORES DE AMORES*. Texto: Léo Lama. Direção: Roberto Lage. Cenografia: Alexandre Törö. Figurinos: Domingos Fuschini. Trilha: Tunica. Trilha sonora: Celso Fonseca. Iluminação: Fernando Jacon. Adereços especiais: Tonico e Deco. Preparação corporal: Vivien Buckup. Elenco: Taumaturgo Ferreira e Malu Mader. De 16 mar. 1989 a 16 dez. 1989. Teatro Bibi Ferreira.

*DOROTÉIA*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Sérgio Corrêa. Elenco: Débora Dubois, Regina Galdino, Rosicler Taffari e outros. De 18 a 21 ago. 1988. Tusp.

*DOROTÉIA*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Walmor Borges. Figurinos: Odilon Nogueira. Trilha sonora: Vera D'Agostinho e Celso Magalhães. Sonoplastia e iluminação: Humberto Laudari. Elenco (profissionais liberais amadores): Tônio Carvalho, Zé Wilson, Carlos Moutinho, Haydée Cotelesse, Liziete Navarro, João Guímaro e Paulo César Bonfim. De 27 fev. 1985 a 10 mar. 1985. Centro Cultural São Paulo.

*DOROTÉIA*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção e cenografia: Aziz Bajur. Figurinos: E. F. Kokocht. Máscaras: Cida D'Agostinho. Iluminação: Gil Carlos Teixeira. Elenco: Esmeralda Hannah, Aron Aron, Laura Prieto, Carlos Barreto, Ecila Pedroso e João Carlo Melão. De 4 ago. 1980 a 4 out. 1980. Teatro Arthur Azevedo e Teatro Oficina.

Crítica: Clovis Garcia. Texto menor de Nelson Rodrigues bem encenado. *O Estado de S. Paulo*, 5 set. 1980, p.17.

*DOSE DUPLAS*. Junção de vários textos criados pelas duplas de intérpretes e adaptação de *O defunto* de René de Obaldia. Direção: Roney Fachini. Elenco: Ney Piacentini/Arthur Kohl e Adriana Ridolfi/Caíque Antunes. De 22 fev. 1988 a 1 mar. 1988. Teatro do Bixiga.

*DOUS, OS* ou *O INGLÊS MAQUINISTA*. Texto: Martins Pena. Direção e cenografia: Jamil Dias. Figurinos: José Manoel Piñeiro. Iluminação: Hamilton Saraiva. Sonoplastia: Edinho Amorim. Produção: EAD. Elenco: Carlos José, Fernanda Hauke, José Manuel Piñeiro, Lílian Bites, Luciana Azevedo, Luciano Chiroli, Marcella de Luca, Maria Clara Fernandes, Antonio Galleão, Marcos Azevedo, Bárbara Queiroz e Siomara Schröder. De 29 jul. 1987 a 2 ago. 1987. Tusp.

*DOUTOR DO...?* Texto, direção e interpretação: J. Toscanini. De 5 jul. 1988 a 23 ago. 1988. Teatro de Bolso.

*DOZE ATOS DE NELSON RODRIGUES*. Texto e direção: José Rubens Siqueira. Elenco (turma da EAD): Cristina Sano, Carlos Mani, Marisa Orth e Willie Bolle. 1985. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Tusp.

*DRÁCULA*. Texto: Hamilton Deane e John Balderston. Tradução: Isabel Sobral e Gianni Ratto. Direção geral, cenografia e iluminação: Gianni Ratto. Assistência de direção: Beli Leal. Assistência de cenografia e pintura do cenário: Luis Frugoli. Figurinos: Kalma Murtinho. Trilha sonora: Tunica. Supervisão de cenotécnica: Archimedes Ribeiro. Cenotécnica: Joaquim F. da Silva. Direção de cena: Roberto Paulo de Oliveira. Direção de produção: Marco Antonio Rodrigues. Contrarregragem: Teço Paiva. Adereços: Domingos André e Roberto Saturnino. Máscaras: Louis Chilson. Efeitos especiais: Mário Márcio. Elenco: Raul Cortez, Sérgio Mamberti, Carla Camurati, Jacques Lagoa, Thales Pan Chacon, Oswaldo Campozana, Tânia M. Seckler, Ariel Moshe, Lídia Bizzocchi, Mônica Reis, Renata Gilioli e Rodrigo Matheus. Estreia: 19 set. 1986. Teatro Procópio Ferreira. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Luiz Fernando Emediato. Vampirismo sedutor. *O Estado de S. Paulo*, 20 set. 1986, p.4.

*DRAGÃO, O*. Texto: Eugène Schwarz. Tradução: Maria Julieta Drummond. Adaptação: Grupo Manhãs & Manias. Direção: Zé Lavigne. Figurinos: Érica Mazotto e grupos Manha & Manias e Língua de Trapo. Direção corporal: Cláudio Baltair. Cenografia: Manhãs & Manias e Sérgio Gonzalez. Direção musical: Márcio Trigo e Mário Dias Costa. Música com a banda Morangotango, com Mário Dias Costa, Márcia Trigo, Lúcia Marlino, Beto Lanzara e Cláudio Baltar. Elenco: Grupo Língua de Fogo, com Lúcia Merlino, Raul Barreto, Solange Serpa, Manoel Cruz, Maurício Lanzara, Aline Sesahara, Augusto Neto Puppo, Lulu Morais, Lô Assunção, Narde Leônidas, Renata Grecco, Ana de Andrade, Érica Mazotto, Cleo Toledo, Cláudia Maria, Teresa Dias, Giba Lerner, Tom, Carmem del Corona, Sílvia Cardoso, Gigi Nascimento e Silvino Cardoso. De 2 fev. 1983 a 1 maio 1983. Reapresentação: 4 dez. 1983.

Teatro do Sesc Fábrica. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*DRAGÃO NA NEBLINA, O.* Texto: Giuseppe Pederiali. Adaptação: Enor Silviani e Valéria Frabetti. Tradução: Liliana Prando. Coprodução: Giramundo (Belo Horizonte) e Cooperativa Teatral Profissional Italiana La Baracca (Bolonha). Direção e iluminação: Enor Silviani. Cenografia, figurinos e bonecos: Giramundo. Seleção musical: Maurizio Scarpa. Manipuladores e técnicos: Luciano Cendou, Roberto Frabetti, Cláudio Massari e Annapaola Corrad. Elenco: Valéria Frabetti, Giovanni Boccomino, Renato Tameirão Pinto, Glória Melgaço, Bruno Cappagi, Paola Fiore Donati, Andréa Brandão e Miguel Resende. De 5 a 10 ago. 1986. Teatro Procópio Ferreira.

*DRAMA DA PAIXÃO.* Texto: Eduardo Garrido. Direção: Antonio Santoro Jr. Produção: Circo-Teatro Arethuza. Elenco: Daniel Rodrigues Ramirez, Alzira Neves, Antônio Santoro Jr. e outros 36 atores cujos nomes não aparecem em nenhuma das fontes consultadas. 30 mar. 1988, 31 mar. 1988 e 1 abr. 1988. Teatro Arthur Azevedo.

*DRAMA DA PAIXÃO*. Texto: Eduardo Garrido. Direção: Antonio Santoro Filho. 15 maio 1987. Teatro Arthur Azevedo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*DRAMA DAS CAMÉLIAS, O.* Texto: Alfredo Netto, Américo Barreto, Fábio Costa e Gladys Farah. Direção: Américo Barreto. Figurinos e iluminação: Fábio Costa. Sonoplastia: Alfredo Netto, Américo Barreto, Fábio Costa, Gladys Farah e Hélio Oliveira. Pantomima lírico-melódica: Grupo Panaceia e Haja Teatro (Pernambuco), com Gladys Farah, Maria Rossiter, Alfredo Netto, Altair Ramos, Américo Barreto, Bernardo Lucena, Dayse Rossiter, Emerson Nascimento, Gisela Fireman, Henrique Celibi, Léo Souza, Paulo Rogério Godard, Tony Vieira e Vrangel de Almeida. De 29 a 31 jun. 1986 e 4 a 7 ago. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Tão feroz. E irresistível. *O Estado de S. Paulo*, 29 ago. 1986, p.4.

*DRAMATIZAÇÃO DE POESIAS DE TUPONI COSTA*. Textos produzidos entre 1978 e 1984. Encenação: Grupo Fábrica São Paulo, com Célia Marcondes, Luciana da Silveira, Romildo Lima, Samuel Costa Tuponi, Sérgio Luís Audi e Suely Rojas. Apresentação: 10 jul. 1984. Teatro Martins Pena.

*DROPS DO HALLEY*. Texto, direção e iluminação: Eliézer Rolim. Cenografia e figurinos: Grupo Terra Cajazeiras do Paraíba. Música-tema: Roberto Oliveira, com música ao vivo. Flauta: Daniel Felipe. Elenco: Grupo Terra Cajazeiras do Paraíba, com Sonia Lira, Lincoln Rolim, Analice Souto, Suely Tavares, Wilma Albuquerque, Leide Gomes, Paula Francinette, Ângelo Nunes e Servílio Gomes. De 8 a 13 jul. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*DRUMMOND*. Roteiro e direção: Regina Bertola. Elenco: Amarildo Loschi, Ana Alice Souza, Diogo Mendes e outros. 1988. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*DUAS FACES DE ESMERITA, AS*. Texto: Vilma di Paula. Direção coletiva, adaptação e cenografia: Adauto Salomão. Sonoplastia: César Santos. Elenco: Vilma di Paula, Anna Marya e Adauto Salomão. De 13 ago. 1987 a 30 ago. 1987. Teatro Paulo Eiró.

*DUETO PARA UM SÓ*. Texto: Tom Kempinski. Tradução e direção: Antônio Mercado. Assistência de direção: Fábio Vieira. Cenografia e figurinos: José Dias. Cenotécnica: José Luiz Chimanski. Contrarregragem: Carlos Marques. Elenco: Othon Bastos e Marta Overbeck. De 13 jan. 1984 a 1 jul. 1984. Teatro Ruth Escobar.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Três espetáculos, três rumos válidos. *O Estado de S. Paulo*, 5 fev. 1984, p.31 (acerca também de *Amante, sociedade anônima* e *Os amores de Lorca*).

*DUPLA ESPECIALIZADA*. *Performance*: Ricardo Basbaum e Alexandre Dacosta. 13 e 14 dez. 1986. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes).

Obs.: Em 14 de dezembro de 1986, houve um debate entre os artistas e público a fim de discutir o conceito de *performance*.

*DURA LEX SED LEX, NO CABELO SÓ GUMEX*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Mirtes Mesquita e Celso Dell Néri. Iluminação: Rubens Brito. Sonoplastia: Cláudio César. Elenco: Grupo Deixa Falar, com Cristina V. de Lemos, Cristóvão Nelson Cruz, Elenora Naufel, Gislene Aparecida de Paula, Kazue Akisue, Luciana Miyaki, Marilia Queiroz de Almeida, Regina Marques Magalhães e Sonia Regina Gonçalves Gonzalez. 13 e 14 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*E A FARSA CONTINUA NO BRASIL* Adaptação a partir da comédia Pièrre Pathelin. Direção: Ayrton Salvanini. Cenografia: Gustavo Jurgensen. Figurinos: Alberto Fantini. Iluminação: Celso Orlando. Elenco: Abrahão Farc, Luca de Lima, Crispin Jr., Edson Lozano, Paulo M. Olivier, Marcella de Luca e Rita Guedes. De 26 jun. 1989 a 17 dez. 1989. Teatro Dias Gomes e Teatro Paiol.

*E AGORA, CACILDA?* Texto: João Carlos Couto. Supervisão: Fauzi Arap (Projeto T.A.RÔ Rosa dos Ventos). Direção: Décio Pinto. Elenco: Maria Yuma, Maria Vasco, Roberto Ascar e Eric Nowinski. 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*E AGORA... FALAMOS NÓS*. Texto: Thereza Santos e Eduardo Oliveira. Direção: Thereza Santos. Figurinos: Thereza Santos e Ismael Ivo. Adereços: Leo Leoni. Coreografia: Ismael Ivo. Música ao vivo: Armando Tobias, Elena Carvalho e outros. De 1 fev. 1982 a 13 abr. 1982. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

*E EU? VOTO EM QUEM?* Texto: Ion Luca Caragiale. Direção e adaptação: Zedu Lima. Elenco: Grupo de Teatro Experimental Boca de Forno, com Álvaro de Andrade, Olga Dume, Tâmara Nunes, Gilmar Torres, Rener Ramos e Luís Moraes. De 4 a 9 set. 1984. Teatro Paulo Eiró.

*É FOGO PAULISTA*. Texto e interpretação: Sérvulo Augusto, Paulo Garfunkel, Jaime Pratinha, José Rubens Chasseraux e Jean Garfunkel. Direção: Mario Masetti. Estreia: 25 out. 1979. Reestreia: 3 fev. 1980. Teatro Lira Paulistana e Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*E MORREM AS FLORESTAS* (*OG FOR OS DOR SKOVENE*). Coordenação dramatúrgica: Luís Alberto de Abreu e Volker Quandt. Texto: Luís Alberto de Abreu e Kaj Nissen. Cenografia: Irineu Chamiso Jr. Figurinos: Ana de Lacerda. Composição, direção musical e músico: Solano de Carvalho. Coreografia: Paul Valjean e Augusto Pompêo. Iluminação: Hamilton Saraiva. Elenco: Ana Maria de Souza, Bennye D. Austring, Genésio de Barros, Cacá Amaral, Dorrit Lillesoe, Kirsten Kolstrup, Paul Valjean e Rosaly Papadol. De 8 a 31 ago. 1986. Teatro João Caetano. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A luta ecológica em nível internacional. *O Estado de S. Paulo*, 20 ago. 1986, p.5.

*E O VENTO LEVOU*. Texto-roteiro: Ronald MacDonald. Direção: Roberto Vignati. Elenco: Maria Fernanda, Yara Amaral e Fernando Gillich. 1984. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*E PONHA O TÉDIO NO Ó*. Textos: Carlos Drummond de Andrade e Bertolt Brecht. Músicas: Kurt Weill. Roteiro: Maria Alice Vergueiro e Marshall Netherland. Direção e iluminação: Fábio Pillar. Elenco: Maria Alice Vergueiro e o músico Marshall Netherland. De 11 jan. 1989 a 27 maio 1989. Espaço Off.

*E POR QUE NÃO?... UM VERSO... UMA VOZ... UM GESTO*. Encenação de poemas de autores nacionais e estrangeiros. Direção: Giustino Marzano. Elenco: Geraldo Fernandes, Tereza Santiago e Edleuza David. De 16 a 19 fev. 1983. Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

*É SÓ ISSO QUE EU SEI, PROFESSOR*. Texto: Silvia Poggetti. Direção: Horácio Viola. Elenco: Alice Gonçalves, Janô [Antônio Januzzeli], Silvia Poggetti e Vicente Galvão Parizi. 1980. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Texto baseado em redações escolares de crianças do ensino fundamental (antigo primeiro grau).

*ECO E FOG. Performance*: Grupo Pessoas e Bichos, com Anderson Antoniacomi, Lígia Constantini, Dulce Caramelow, Paulinho Almeida, Enilde

Lando, Herdes Faria e Altamir Araújo. 3 ago. 1985. Estação Paulista – Espaço Pró-Jeito.

*EDIFÍCIO, O.* Texto adaptado de obra homônima de Murilo Rubião por André Pink. Direção: João Telles. Elenco: Grupo de Teatro do Colégio Santa Cruz, com Cristina Camargo, Patrícia Bicudo, Regina França e André Pink. 17 e 18 mar. 1983. Teatro Paulo Eiró e Teatro Ilha do Sul.

*EDIFÍCIO CHAMADO 200, UM.* Texto: Paulo Pontes. Direção: Kleber Afonso. Elenco: Paulo Oliveira, Lisa Negri e Clarice Seabra. De 3 jan. 1980 a 28 jun. 1980. Teatro Lisa Negri e Teatro São Pedro (Studio São Pedro). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ÉDIPO REI.* Texto: Sófocles. Direção: Marcio Aurelio. Tradução: Geir de Campos. Composição e direção musical: Lívio Tragtemberg. Cenografia e iluminação: Marcio Aurelio e Elias Andreato. Figurinos: Edith Siqueira e Elias Andreato. Sonoplastia: Maurício Maia. Cartaz: Elifas Andreato. Máscaras: Hector Fernando Casari e Hector Carlos. Elenco: Renato Borghi, Ítala Nandi, Elias Andreato, Edith Siqueira, Rosaly Papadopol, Beatriz Berg, Chico Martins, Josmar Martins, Guilherme Marback, Cristiano Mota Mendes e Armando Tibério. De 18 maio 1983 a 31 dez. 1983. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

Crítica: Clovis Garcia. *Édipo*, um dos melhores do ano. *O Estado de S. Paulo*, 10 jun. 1983, p.14.

*EGOS COM PLEXOS.* Texto e direção: Franz Keppler. Iluminação: Franz Keppler e Márcio Barone. Sonoplastia: Márcio Barone. Elenco: Domingos Neto e Flávia Barone. De 2 set. 1988 a 18 dez. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Teatro Câmara).

*EKHART, O CRUEL.* Texto: Luiz Fernando Emediato. Direção: Reinaldo Puebla. Cenografia e figurinos: Paulo de Moraes e Grupo Persona. Preparação corporal: Pamela Duncan. Iluminação: Ana Borges. Sonoplastia: Plínio Camilo. Elenco: Adilson Azevedo, Penha Rosa, Edil Costa, Edson Santana, Ivonne Rodrigues, Luiz Furlanetto, Márcia Caputo, Norival Cardoso, Nani Braun, Pamela Duncan, Reynaldo Puebla, Solange Costa, Wagner Muriaty e Vladimir Tibério. De 24 maio 1984 a 17 jun. 1984. Teatro Cezar.

Crítica: Clovis Garcia. A incômoda sensação do já visto em *Ekhart*. *O Estado de S. Paulo*, 13 jun. 1984, p.15.

*EL DÍA QUE ME QUIERAS*. Texto: José Ignacio Cabrujas. Tradução: Eliane Zagury. Direção e cenografia: Luís Carlos Mendes Ripper. Assistência de direção: Ariel Coelho. Figurinos: Chico Ozanan. Coreografia: Marília Pêra. Pintura do telão: Luís Rocha Miranda. Iluminação: Renato Pagliaro. Escultura da fonte: Jaime Sampaio. Sonoplastia: Walmyr Barros. Cenotécnica: Humberto Silva. Elenco: Thaís Portinho, Nildo Parente, Yara Amaral, Heleno Prestes, Ada Chaseliov, Pedro Veras e Chico Ozanan. De 5 nov. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro São Pedro.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *El día que me quieras*, um espetáculo brilhante. *O Estado de S. Paulo*, 9 nov. 1980, p.47.

*EL GRANDE DE PEPSI COLA*. Texto: Ronald House e Diane White. Direção: Carlos Di Simoni. Direção musical: Gilda Vandenbrande. Coreografia: Marilene Silva. Cenografia e figurinos: Herton Roitman. Elenco: Paulo Hesse, Jacques Lagoa, Zélia Martins, Jorge Cerruti e Sula Moreno. De 3 set. 1980 a 28 dez. 1980. Café Teatro Odeon.

*ELA SOU EU. Performance* com texto, direção e interpretação: Orival Pessini. De 22 maio 1985 a 8 jun. 1985. Bar Inverno e Verão.

*ELAS COMPLICAM TUDO* (adaptado de *VEM COM TUDO*). Texto: Ênio Gonçalves. Direção: Kiko Jaess. Cenografia: Flávio Phebo. Figurinos: Clodovil Hernandez. Elenco: Mário Gomes/Ênio Gonçalves e Maria Isabel de Lizandra. De 27 mar. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Hilton.

Crítica Clovis Garcia. O recomendável e o óbvio em mais duas comédias em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1980, p.23 (acerca também de *A exposa*).

*ELAS FAZEM POR DINHEIRO.* Texto e direção: Osvaldo Cirilo. Cenografia: Tom Santos. Coreografia: Dago Ligori. Elenco: Márcia Ferro/Tânia Marra, Osvaldo Cirilo, Max Din e Naixa Villanova. De 4 jan. 1989 a 26 mar. 1989. Teatro Aplicado.

*ELAS POR ELA*. Roteiro: Marília Pêra. Direção: André Valle, Beta Leporage, Marília Pêra e Sandra Cristina Marzulo Pêra. Direção musical: Gonzaguinha. Pesquisa musical: Homero Ferreira e Miécio Café. Supervisão de roteiro: Caetano Veloso e Nelson Motta. Coreografia: Ricardo Bandeira. Cenografia: Wagner Baldinato. Direção musical: Gonzaguinha. Figurinos: Cláudio Tovar. Iluminação: Maneco Quinderé. Música ao vivo: Jamil Soares, Paschoal Meirelles, Mingo, Ricardo Pontes, Marinho Boffa, Jaime Além, Rafael Rabello e Alceu. Coro e bailarinos: Marília Pêra, Guto Graça Mello, Esperança Pêra Mota, Beta Leporage, Amora Nascimento, Luiz Montagna, Miriam Maria, Keila Fuke e Ricardo Heilik. Direção de cena: Ney Mandarino. Contrarregragem: Helinho de Souza. Cenotécnica: Pupe e Lázaro. Estreia: 22 mar. 1989. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Jardel Filho.

Crítica: Jefferson del Rios. No palco a transfiguração. *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1989, p.1.

*ELDORADO*. Texto, direção e iluminação: Luiz Carlos Moreira. Direção musical: César Assolant. Músicas: César Assolant (composição e arranjos). Letras: Luiz Carlos Moreira. Preparação vocal: Tato Fischer. Coreografia: Dagmar Dornelles. Cenários e figurinos: Lica Neaime. Cenotécnica: Jorge Ferreira e Roberto Dias. Adereços: Antonio Rodante. Elenco do Grupo Apoena: Antonio Amadeu, Cuberos Neto, Idelene do Amaral, Irací Tomiatto, Márcia De Vecchi, Nivanda Santos, Raphael Messias e Renato de Moraes. De 20 nov. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro João Caetano. Fevereiro de 1986. Teatro Arthur Azevedo.

Obs.: Consta no programa, em folha sulfite dobrada ao meio, o texto:

> A ideia do espetáculo era antiga, mas a ascensão de Tancredo Neves e a esperança de mudanças capitalizada pela Aliança Democrática precipitaram as coisas. *Eldorado* nasceu nesse clima: eleições, crise, corrupção, desemprego, greves, violência e a criação de uma frente democrática como pretensa solução para os problemas de um país latino-americano subdesenvolvido.
>
> Se, em trabalhos anteriores, o grupo se voltara para aspectos do homem do campo (*Mãos sujas de terra*) ou da luta do operário na grande cidade (*A ferro e fogo*), agora o centro das atenções era a classe média aturdida pela crise econômica, por casamentos e relacionamentos esfacelados, por comportamentos ainda não claramente estruturados, quase sempre dirigida por acontecimentos mais fortes que sua limitada vontade de classe.

*ELECTRA*. Texto: Sófocles. Direção, cenografia e figurinos: João Albano. Elenco: Cyntia Maria Srur Dias, Fábio Carril França, Helena Soares Hungria, Jacqueline Eva Obenheimer, Jurandyr Epaminondas de Campos, Leda Maria Mendonça, Linda Santos, Maria Vanessa de Souza Assumpção, Ricardo Franco Averbach, Suzana Monteiro e Vera L. L. Rizkallah. De 20 nov. 1980 a 21 dez. 1980. Auditório do Clube Atlético Paulistano.

*ELES NÃO USAM BLACK-TIE*. Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Produção: Grupo Teatral Volkswagem Clube. Direção: Heinz Katzenwadel. Cenografia: Waldir Martins. Figurinos: Deusa Maria da Silva. Iluminação: Márcio Lourenço. Sonoplastia: Altair Antonio da Silva. Elenco: Grupo de Teatro da Volkswagen (funcionários), com Tânia Guilhem, Antonio Batista Jr., Antonio Baptista, Heinz Katzenwadel, Regina Moreno, Adriana Ribeiro, Adilson Lavrado, Jô Campos, Edgar Defensor e Manuel Cosme. De 4 a 8 fev. 1987. Teatro Arthur Azevedo.

*ELES NÃO USAM BLACK-TIE*. Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Direção, cenografia e trilha sonora: Herton Roitman. Concepção de figurinos: Herton Roitman, Fátima Toledo e Cristina Pereira. Iluminação: Paulo Weldes. De 5 jul. 1982 a 29 ago. 1982. Teatro Itália. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ELES SE AMARAM EM PECKING*. Texto, cenografia e figurinos: Grupo Faces Nuas. Direção: Maria José Bueno. Elenco: Marcelo Mansfield e Márcia Anselmo. 16 nov. 1986. Centro Cultural de Jabaquara.

*ELETRA*. Texto: Maria Adelaide Amaral (fundamentado em Sófocles). Direção e iluminação: Jorge Takla. Cenografia e figurinos: Attílio Baschera. Sonoplastia: Flávia Calabi. Elenco: Denise Del Vecchio, Françoise Fourton, Cacá Amaral, Walderez de Barros, Pedro Pianzo e outros. De 14 abr. 1987 a 4 ago. 1987. Teatro Procópio Ferreira.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Equilíbrio de tensões com grande beleza. *O Estado de S. Paulo*, 2 jul. 1987, p.7.

*ELETRA COM CRETA*. Texto e direção: Gerald Thomas. Cenografia e figurinos: Daniela Thomas. Iluminação: Jorge Takla. Música incidental: Sérgio Seixas. Pintura de cenografia, tratamento de figurinos e adereços: Flávia Ribeiro e Felipe Tassara. Direção de cena e contrarregragem: Domingos Varella. Cenotécnica: Humberto Reinaldo. Elenco: Bete Coelho, Beth Goulart/Magali Biff, Maria Alice Vergueiro/Suzana Saldanha, Vera Holtz, Luiz Damasceno e Marcos Barreto. De 28 abr. 1987 a 6 set. 1987. Teatro Anchieta.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Personagem Ininteligível. Tedioso. Bestialógico. *O Estado de S. Paulo*, 6 maio 1987, p.5.

*ELETROPERFORMANCE*. *Performance* inserida na programação da *18ª Bienal Internacional de São Paulo*. Com Guto Lacaz, Cristina Mutarelli, Javier Borracha e Nenê Lacaz. 16 nov. 1985, 17 nov. 1985 e 19 nov. 1985. Local: Auditório do Museu de Arte Contemporânea – Pavilhão da Bienal.

*ELIS* (*SE EU QUISER FALAR COM DEUS*). Roteiro, direção e interpretação: Denise Stoklos. Atílio Lopes participa do espetáculo na música: *Me deixas louca*. Grafite: Carlos Matuck e Waldemar Zaidler. Iluminação: Francisco Medeiros. Estreia: 23 fev. 1983. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Sesc Pompeia.

*ELIS ANIVERSÁRIO*. Roteiro: Christiane Torloni, Denise Stoklos e Denis Carvalho. Painel: Luiz Pizarro. Direção: Denis Carvalho. Sonorização: Rogério Costa. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Elenco: Denise Stoklos e Paulo César Pereio (participação especial). Estreia: 7 abr. 1986. Teatro Cultura Artística. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ELOY, O HERÓI*. Junção de três textos de Arthur Azevedo. Roteiro: Jamil Dias e Marcos Lazarini. Direção: Jamil Dias. Cenografia e figurinos: Mario Guariso. Iluminação: Jamil Dias. Participação especial do tenor Walter Weiszflog. Piano, música de cena e direção musical: Achille Picchi. Elenco: Grupo Avis Rara Avis Cara, com Ana Maria Quintal, Mario Guariso, José Maestro de Queirós e Angelina Garcia. De 24 abr. 1985 a 8 jun. 1985. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro Cenarte, Teatro Arthur Azevedo e Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. Montagem corajosa com texto de Arthur Azevedo. *O Estado de S. Paulo*, 25 maio 1985, p.19.

*EM DEFESA DO COMPANHEIRO GIGI DAMIANI*. Texto: Eliana Rocha e Jandira Martini. Direção: Jandira Martini. Cenografia e figurinos: Irineu Chamiso. Direção musical: Paulo Herculano. Iluminação: Enzo Capra. Elenco: Walter Breda, Eliana Rocha, Juliana Ferrite, Luiz Roberto Galízia, Noemi Gerbelli, Maria Ilma, Zecarlos de Andrade e Paulo Herculano. De 24 nov. 1981 a 31 jan. 1982. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Clovis Garcia. A greve, tema de dois espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 31 dez. 1981, p.14 (acerca também de *A ferro e fogo*).

*EM FALSETE*. Texto e direção: Olair Coan. Cenografia e figurinos: Marília Malzoni. Direção musical: Palhinha e Cruz do Valle. Músicas e letras: Palhinha e Oswaldo Boaretto Jr. Preparação corporal: Marco Aurélio. Elenco: Cia. Anjo de Todas as Cores, com Oswaldo Boaretto Jr., Elvira Kairuz e Olair Coan. De 7 ago. 1986 a 20 dez. 1986. Auditório ALS.

*EM TORNO DE VILLA-LOBOS: UM MODERNISTA*. Texto: Carlos Kater. Direção: Lúcia Capuani. Cenografia e figurinos: Miguel Paladino e Roberval Layus. Piano: Nelson Nihonmatsu Jr. Bonecos: Aude Kater e Leopoldo Pacheco. Máscaras: Aude Kater e Helô Cardoso. Cenografia: Ângela Dip. Elenco: Reinaldo Renzo, Pato Papaterra, Ângela Dip e Aline Mayer. De 30 jul. 1987 a 2 ago. 1987. Teatro do Museu de Arte de São Paulo.

*EMBRIAGANTE FACE DO AMOR, A* (*A EMBRIAGANTE FACE DO ATOR*). Texto, direção e interpretação: Alexandre Darbilly e Nani Ribeiro. Figurinos: Alexandre Darbilly. De 31 ago. 1987 a 13 out. 1987. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*EMBRULHADO PRA PRESENTE*. Texto e direção: Luiz Fernando de Rezende. Elenco: Grupo Calango, com Atílio Debatin, Sônia Lucílio e Enedir R. Silva. Estreia: 3 out. 1985. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*EMIGRADOS, OS*. Texto: Slawomir Mrozek. Direção: Antônio do Valle. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Cenografia: Carlos Eduardo Colabone. Pesquisa: Timochenco Wehbi. Iluminação: Sidnei Savariego. Elenco: Cia.

Esfinge Teatral, com João Carlos Couto e Zécarlos Machado. De 28 nov. 1984 a 21 jul. 1985. Teatro Cenarte e outros espaços de representação.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Mrozek em espetáculo perfeito. *O Estado de S. Paulo*, 2 fev. 1985, p.15.

*EMILY*. Texto: William Luce. Tradução: Maria Julieta Drummond de Andrade. Direção: Miguel Falabella. Cenografia: Maurício Sette. Iluminação: Aurélio de Simoni. Figurinos: Kalma Murtinho. Elenco: Beatriz Segall. De 18 abr. 1985 a 11 ago. 1985. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Clovis Garcia. Grande peça por Beatriz Segall. *O Estado de S. Paulo*, 26 abr. 1985, p.16.

*EMOÇÕES BARATAS*. Roteiro, concepção e direção: José Possi Neto. Banda: *Heartbreakers*, com os músicos George Freire, Sérgio Lyra David, Xico Guedes, Matias Capovilla, Luís Macedo, Mário Caribe, Guga Stroeter, Jether Garotti Jr. e Betão Caldas; as cantoras Adyel Ferreira da Silva e Misty e os bailarinos Ana Mondini, Cristina Ribeiro, Dilmah Souza, Luciana Quirino, Rui Moreira, Wilson Aguiar e Suzana Yamuchi. 1988. Bar Avenida Clube e Opera Room. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ENCOBERTO, O*. Texto: Natália Correia. Direção e cenografia: Alexandre Mate. Figurinos: Bárbara Dreher e Grupo. Direção musical: Cláudia Riccitelli. Adereços e bonecos: Luiz Laranjeiras e Grupo. Coreografia: Luiz Pazzini e Miguel Falci Jr. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Elenco: Grupo Boca de Cena, com Airton Dantas, Eduardo Marçal, Fábio Dias, Heloisa Bonfanti, Itália Ferri, Jorge Marinho, Luiz Pazzini, Márcio Boaro, Maria dos Prazeres, Maurício Carmona, Miguel Falci Jr., Rui Portugal, Mônica Raphael, Rosana Caldas, Rosi Campos, Telma Rebello, Newton de Souza, Mirella Brandi e Luciene Favoretto. De 18 a 21 ago. 1989. Teatro Cacilda Becker. De 22 fev. 1989 a 12 mar. 1989. Teatro Martins Pena. De 10 maio 1989 a 2 jul. 1989. Teatro João Caetano.

*ENCONTRAR-SE*. Texto: Luigi Pirandello. Direção: Ulysses Cruz. Tradução: Millôr Fernandes. Cenografia: Maurício Sette. Figurinos: Rita Murtinho. Iluminação: Domingos Quintiliano. Música: André Abujamra.

Trabalho corporal: Bia Junqueira. Cenografia: Fábio Namatame. Adereços: José Carlos Souto e outros. Elenco: Renata Sorrah, Cláudio Mamberti, Selma Egrei, Rodrigo Santiago, Paulo Gorgulho, Rosita Thomaz Lopes, Letícia Teixeira e Tuca Andrada. De 6 out. 1989 a 5 nov. 1989. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Marcos Ribas de Faria. Emocionante criação teatral. *O Estado de S. Paulo*, 6 out. 1989, p.3.

*ENCONTRO DE ÍTALO ROSSI E WALMOR CHAGAS COM FERNANDO PESSOA*. Texto: Fernando Pessoa. Roteiro e direção: Walmor Chagas. Músicas: Paulo Rogério Viana e Marcelo Gelio Equi. Arranjos: Paulo R. Viana. Músicos: Augusto Vanucci, Paulo Rogério e Marcelo Gelio Equi. Elenco: Ítalo Rossi e Walmor Chagas. De 16 jul. 1986 a 3 ago. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*ENCONTRO ENTRE DESCARTES E PASCAL, O*. Texto: Jean Claude Brisville. Tradução: Edla Van Steen. Direção e iluminação: Jean-Pierre Miquel. Cenografia: Luis Carlos Ripper. Figurinos: Kalma Murtinho. Elenco: Ítalo Rossi e Kito Junqueira. De 7 a 19 abr. 1988. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Charles Magno Medeiros. O encontro da razão e da paixão. *O Estado de S. Paulo*, 14 abr. 1988, p.7.

*ENCURRALADOS*. Texto: Daniel Santos. Direção: Zecarlos Freyria. Elenco: Ivandro Campos, Raquel Novaes, Marlene di Lima e outros. De 29 jun. 1988 a 31 jul. 1988. Teatro Martins Pena e Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ENDECHA DAS TRÊS IRMÃS*. Texto: Vânia Terra. Direção: Naum Alves de Souza. Elenco: Eliana Bolagno, Juliana Gontijo e Daniela Schitini. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ENFIM, SÓS*. Texto e direção: Nelma F. Penteado. Iluminação e sonoplastia: Elpídio Reis Oliveira. Figurinos: Zilda P. Penteado. Elenco: Grupo Evolução, com Ismael L. Penteado, Reinaldo Freitas Lima, Telma L. Penteado,

Eliane de Oliveira, David Morrone, Samuel L. Penteado, Reginaldo, Cristina Pilar, Edna Francisquetti, Júnior, Cláudio Marques e Sonia Pereira. De 3 a 5 set. 1987. Teatro Martins Pena.

*ENGRAÇADINHA, SEUS AMORES, SEUS PECADOS* (de *ASFALTO SELVAGEM*). Texto: Nelson Rodrigues. Direção e adaptação: Vivien Lando. Cenografia e preparação corporal: Mariana Muniz. Figurinos: Marisa Rebolo. Trilha sonora: Tunica. Iluminação: Abel Kopanski. Elenco: Grupo Teatro da Girafa, com Carla Hassri, Carla de Oliveira, Carlos Mariano, Ciça Manzano, Carlos de Oliveira, Dario Uzam, Fernando Vianna, José Elias, Marília Valença, Maurício Lancastre e Patrícia Carlotte. De 31 maio 1988 a 15 jul. 1988. Teatro Bibi Ferreira.

*ENGRAÇADO É O SEU PAÍS*. Roteiro: Serginho Leite e Luiz Henrique Ramagnoli. Direção: Adriano Stuart. Figurinos: Tânia Leite e Roldão. Cenografia: Orlando Midaglia Filho. Máscaras: Bene Olivier. Elenco: Serginho Leite e participação de Bulu e William Tucci. De 21 set. 1985 a 22 dez. 1985. Teatro Záccaro.

*ENQUANTO A PERNA NÃO CHEGA E O MONSTRO DOS OLHOS VERDES*. Texto: Walmir Ayalla. 1987. Teatro Igreja. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ENSAIO, O*. Texto: Bia Berg (Berg Bergman). Direção: Jurandyr Pereira. Elenco: Soledad Francisco, Daniel Batista, Berg Bergman, Netinho Góes, Adriano Marcelo, Rose Machado, Cyru Bruno e Vânia Maria Lyrio. De 5 ago. 1985 a 3 set. 1985. Teatro Zero Hora.

*ENSAIO GERAL DO CARNAVAL DO POVO*. Texto: Te-ato, coordenado por Zé Celso. De 29 jun. 1979 a 30 jan. 1980. Teatro Oficina. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Depois de 180 dias de interdição, o espetáculo voltou à cena, no Teatro Oficina, de 8 a 20 jan. 1980. Trata-se da reelaboração da cena de carnaval do espetáculo *A vida de Galileu,* de Bertolt Brecht, dirigida por Zé Celso, com estreia em 1968. O conceito de te-ato refere-se principalmente à prática teatral do Grupo, fundamentada grandemente em procedimentos performáticos e

experimentada depois de 1968. O processo de deambulação do Grupo ocorreu pelas ameaças do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e fechamento do regime com o AI-5. Pela tradição iconoclasta praticada pelo Grupo desde 1967, ficou impossível para o Grupo apresentar espetáculos em sua sede.[2]

*ENSINA-ME A VIVER*. Texto: Colin Higgins. Direção e adaptação: Domingos de Oliveira. Assistência de direção: Soili Eich. Cenografia: Marcos Flaksman. Assistência de cenografia: Maria Helena Salles e Paulo Flaksman. Figurinos: Kalma Murtinho. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Assistência de iluminação: Aurélio de Simone e Luís Paulo Neném. Música original e direção musical: Joaquim Assis. Contrarregragem: Chico Terra. Elenco: Diogo Vilela, Nathália Timberg/Henriette Morineau/ Maria Clara Machado/Cleyde Yáconis, Mário Borges, Helena Rego, Telmo Faria, Betty Erthal, Cláudio Mamberti, Carlos Kroeber, Clemente Vyscaino e Paulo Bibiano. De 17 set. 1981 a 27 dez. 1981. Teatro Anchieta.

Crítica: Clovis Garcia. Uma aula de interpretação. *O Estado de S. Paulo*, 26 set. 1981, p.18.

Crítica: Clovis Garcia. Morineau, Maria, Cleyde. *O Estado de S. Paulo*, 21 nov. 1981, p.16.

*EQUÍVOCO, O.* Texto: Michael Bougdahn. Direção e concepção: Carlos Martins e Isabel Setti. Elenco: Ana Cordeiro, Carla Barbisan, Carlos Passarelli, Denise Namura e Michel Bougdahn. De 26 a 30 jul. 1989. Teatro Sesc Pompeia e Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ERA UMA VEZ ALGUÉM, E DEPOIS NÃO HÁ MAIS NINGUÉM*. Texto: Simone Weill. Direção e concepção: Carlos Martins e Isabel Setti. Elenco: Ana Cordeiro, Carla Barbisan, Carlos Passarelli e outros. 1989. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ERAS*. Espetáculo composto por *Filoctetes* (tradução: Willi Bolle e Marcio Aurelio), *Horácio* (tradução: Ingrid Dormien Koudela) e *Mauser* (tradução:

2 Para mais detalhes, cf. Silva, 1981.

Reinaldo Mestrinel). Textos: Heiner Müller. Direção: Marcio Aurelio. Máscaras e adereços: Helô Cardoso. Treinamento dos atores com máscara: Beth Lopes. Trilha sonora: Roberto F. Ribas. Elenco: Celso Frateschi, Cássio Scapin, Mônica Guimarães e Paulo Macedo. De 1 jul. 1988 a 21 ago. 1988. Sesc Fábrica (Galpão de Exposições).

Crítica: Luiz Fernando Ramos. Fábulas políticas sem conclusão e sem moral. *O Estado de S. Paulo*, 20 jul. 1988, p.3.

Miriam Goldfelder. Heiner Müller no palco do Sesc. *O Estado de S. Paulo*, 1 jul. 1988, p.3.

*ERÊNDIRA*. Adaptação de *A incrível história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*, de Gabriel García Márquez. Tradução e adaptação: Walderez Cardoso Gomes. Direção, cenografia e iluminação: Ulysses Cruz e Jayme Compri. Figurinos: Wagner Donadio de Souza. Espetáculo apresentado apenas com poucos diálogos e predominantemente em espanhol. Elenco: Grupo Delta (Paraná), com Ceres Vittori, Maria Helena Carvalho, Henrique Duncker, Pedro Ramos, Luciane Lagana e Sandra Prado. De 9 mar. 1989 a 7 maio 1989. Teatro Dias Gomes.

Crítica: Aimar Labaki. *Erêndira*, uma peça sem diálogo com o seu original. *O Estado de S. Paulo*, 16 mar. 1989, Caderno Dois, p.3.

*ERMO, A*. Textos: Clarice Lispector, Tennessee Williams, Michel de Guelderode e Larjerkvist. Criação coletiva: Ilder Miranda Costa, José Carlos de Aquino, José Carlos Di Domenico e Valnice Vieira. Direção: Ilder Miranda Costa. Elenco: Grupo Pasárgada, com José Carlos de Aquino, Valnice Vieira e José Carlos Di Domenico. De fevereiro a 1 mar. 1987. Teatro Lua Nova. Não foi possível recuperar a data de estreia do espetáculo.

Crítica: Vivien Lando. Criação coletiva de equívocos. *O Estado de S. Paulo*, 13 jan. 1987, p.5.

*ERÓTICA: TUDO PELO SENSUAL*. Evento performático com várias participações. Elenco: Grupo XPTO, com Christiane Tricerri, Ângela Dip, Cláudia Wonder e outros. 1988. Espaço Mambembe e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Arena). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ERRADAS* (ou *PODE VIR QUE NÃO MORDE)*. Texto e direção: Fernando Villar. Assistência de direção: Aloísio Barata e Iara Pietricovsky. Direção musical: Bia Reis e Helinho Rocha, com as personagens: Cleópatra, Joplin, Miss Brasil 63, Nancy e Ronald Reagan, interpretadas por Ana Galmarino, André Carreira, Ialê Garcia, Luís Guilherme, Bruna Rattes, Cláudia Trajano, Edgar Linhares Jr., Edir Monteiro, Marly Garcia, Gerty Segger, Jacqueline Camila, Johanne Madsen, Luciana Banana, Luís Nicolau, Marga Maria, Mercedes Alvin, Leninha Pires, Pedro Eugênio, Susy Cape, Ticabel, Vanja, Tenisson Ottoni, Terezza Rollemberg e Solange Cianni. De 15 a 19 ago. 1984. Teatro João Caetano.

*ESBOÇO, UM CHÁ PARA CLARICE* e *O URSO*. Projeto drama & comédia. Primeira obra (textos de Clarice Lispector): Adaptação e direção: Carlos Gardini. Músicas: H. Paschoal, Luis Bonfá, Beethoven e Jean-Luc Ponty. Elenco: Regina Vaz, Blanche Torres, Clarice Guimarães, César Sorrentino, Gardim, Luis Sorrentino, Rosely Ramos, Tuka Pacheco. Segunda obra (*O urso*, de A. Tchekhov): Direção: Leda Villela. Elenco: Cyrano Rosalém, Dirce Carvalho e Cacá Lima. De 29 out. 1987 a 29 nov. 1987. Teatro Sadi Cabral.

*ESCOLA DE MULHERES*. Texto: Molière. Tradução, direção, adaptação, trilha sonora e cenografia: Domingos de Oliveira. Figurinos: Lenita Plocwienska. Iluminação: Domingos de Oliveira e Priscila Rozembaum. Elenco: Jorge Dória, Ana Luiza Lacombe, José Ferro, Flávio Henrique Lisboa/Rubens Rollo, Flávio Antonio/Fábio Máximo, Mayara Norbim, Ricardo D'Amorim/Jorge Chaia, Paulo Bibiano/Renato Dobal, Isabela de Figueiredo, Leila, Simone, Margareth Eloss, Susuky, Lilia e Telma. De 18 fev. 1986 a 2 out. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia.

*ESCOLA DE MULHERES*. Texto: Molière. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Fernando Jacon. Tradução: Millôr Fernandes. Cenografia e figurinos: Elifas Andreato. Direção musical: Tunica. Composição e arranjos: Sérvulo Augusto. Iluminação: Roberto Lage e Antonio Bezerra. Cenotécnica: Jarbas Lotto. Elenco: Ana Maria Braga, Andréa L'Abbate, Ary França, Elias Andreato, Juçara de Moraes e Mauro de Almeida. De 7 nov. 1984 a 10 mar. 1986. Teatro João Caetano e Auditório Augusta.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Escola de mulheres*, um espetáculo encantador. *O Estado de S. Paulo*, 19 jan. 1985, p.15.

*ESCORIAL*. Texto: Michel de Ghelderode. Tradução: Décio Pignatari e Nilo Odália. Direção: Cristiane Paoli. Preparação gestual: Fernando Vieira. Cenografia e figurinos: Marco Antonio Lima. Trilha sonora dos integrantes do Grupo. Iluminação: Rodrigo Matheus. Elenco: Grupo As Flores do Mal, com André Pink, Paulo Marcelo e Fernando Vieira. De 25 ago. 1986 a 18 dez. 1986. Teatro Domus. 1987. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ESCURIAL, O.* Texto: Michel de Ghelderode. Direção: Eric Podor. Cenografia: Carl von Hauenchild. Figurinos: Ângelo Santana. Máscaras: Patrício Mack e Nonato Ramos. Elenco: Grupo Valete, com Diógenes Moura, Antônio Manso, Telma Almeida, Eric Podor e André Leão. De 24 nov. 1983 a 4 dez. 1983. Teatro Aliança Francesa (Butantã).

*ESCUTA ZÉ*. Texto: Wilhelm Reich. Roteiro e adaptação: Marilena Ansaldi. Direção: Celso Nunes. Cenografia e figurino: Márcio Tadeu. Elenco: Marilena Ansaldi, Raimundo Matos, Thales Pan Chacon, João Mauríco, Zenaide e Yeta Hansen. De 7 jan. 1981 a 22 mar. 1981. Teatro Franco Zampari.

*ESPECTROS, OS*. Texto: Henrik Ibsen. Tradução e adaptação: Fernando de Almeida. Direção: Emílio Di Biasi. Cenografia: Renato Scripilliti. Música: Lívio Tragtemberg. Figurinos: Leda Senise. Iluminação: Kari Lafe. Elenco: Lélia Abramo, Fernando de Almeida, Linneu Dias, Martha Volpiani e Osmar di Piero. De 22 ago. 1985 a 6 out. 1985. Teatro Domus.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Ibsen, exercício para o pensamento. *O Estado de S. Paulo*, 13 set. 1985, p.16.

Obs.: Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, Lélia Abramo participou do espetáculo *A mãe,* de Bertolt Brecht, com direção de João das Neves. Esta montagem infelizmente não foi apresentada em São Paulo. Há referências em sua autobiografia (1997, p.267).

*ESPELHO VIVO. Performance* apresentada pela Orlando Furioso Companhia de Teatro, escrita e dirigida por Renato Cohen (a partir das obras de René Magritte). Coreografia: Lali Krotoszinski e Renato Cohen. Vídeo e *slow-scan*: Arthur Matuck e Renato Cohen. Holografia: Moysés Baumstein. Instalações: Ana Britto. Ator em *vídeo-slides*: Sérgio Farias. Elenco: Lali Krotoszinski, Beto

Martins, Maurício Femazza e Meire Nestor. De 24 jul. 1986 a 14 set. 1986. Espaço Flávio Império e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). De 29 maio 1986 a 15 jun. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Expressão Nova). De 1 abr. 1987 a 26 jul. 1987. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e Pavilhão da Bienal.

*ESPÍRITO DA COISA, O*. Texto criado e produzido por integrantes remanescentes do Asdrúbal Trouxe o Trombone. 25 e 26 out. 1986. Teatro do Bixiga e Café Piu Piu. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ESPERANDO GODOT*. Texto: Samuel Beckett. Direção: Antonio Abujamra. Corpo: Eurípides Borges. Cenografia, figurinos e sonoplastia: Nelson Escobar. Iluminação: Francisco Medeiros. Elenco: Grupo do Banespa, com Samir Signeu, Dario Uzam, José Elisa, Jorge Rupp e Waldir Caldeira. De 7 nov. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*ESPERANDO GODOT*. Texto: Samuel Beckett. Tradução: Luiz Sampaio Zacchi. Direção: Francesco Zigrino. Percussão: Claudia Sgarbi. Composição do *intermezzo*: Wagner Amorosini e José Luiz Martines. Cenografia: Cláudio Lucchesi. Orientação vocal: Mylène Pacheco. Produção: EAD/USP. Elenco: Plínio Soares, Renato Prieto, Fernando Petelinkar, Wilma de Souza e Ivan Oliveira. De 16 jan. 1985 a 3 mar. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*ESPERANDO GODOT*. Texto: Samuel Beckett. Direção: Tom Mazza. Elenco: Mara Masson, Edu Assis Brasil, Renan Barbosa e Tom Mazza. Estreia: 23 set. 1982. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ESPINHO NA GARGANTA*. Leitura dramática do texto de José Eduardo Vendramini. Direção: Antônio do Valle. Elenco: Sonia Guedes, Josmar Martins, Bruno Giordano e Ana Maria Dias. 2 fev. 1987. Teatro Lua Nova. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ESQUINA PERIGOSA, A.* Texto: J. B. Priestley. Direção: Cláudio Lucchesi. Cenografia e figurinos: Yolanda Vautier Franco e Baby Pacheco Jordão. Preparação vocal: Eudosia Acuña Quinteiro. Iluminação e sonoplastia: Nezito Reis. Elenco: Cia. São Paulo de Teatro Amador, com Baby Pacheco Jordão, Violeta Fagundes, Yolanda Vautier Franco, Stella Arens, Flávio Rudge Ramos, Luiz Carlos Junqueira Franco e Álvaro da Costa Carvalho. De 24 abr. 1986 a 4 maio 1986. Teatro Caetano de Campos.

*ESSA GENTE INCRÍVEL.* Texto: Neil Simon. Tradução e adaptação: Doris Ballweg. Direção e iluminação: Kiko Jaess. Assistência de direção: Paulo Wolf e Nirce Levin. Cenografia e direção musical: Ruy Sant'Anna. Direção de cena: Paulo Wolf e Paulo Novaes. Cenotécnica: Afonso Xavier Dantas. Elenco: Eva Todor, Arlete Montenegro, Paulo Wolf, Vicente Baccaro, Nirce Levin e Paulo Novaes. De 25 jun. 1981 a 27 dez. 1981. Teatro Hilton.

*ESSA TAL DE MAFALDA, QUEM DIRIA, TERMINOU NUMA TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL.* Texto: Carlos Alberto Soffredini. Direção: João Albano. Elenco: Alunos da EAD/USP. 1980. Espaço de Dança da Bienal. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ESTÁ LÁ FORA O INSPETOR.* Texto: Joseph Priestley. Direção: Aparecido Leonardo. Elenco: Grupo de Teatro Raízes da Terra. 1986. A Hebraica. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ESTA VALSA É MINHA.* Texto: William Luce. Tradução: Lya Luft. Direção: Marcio Aurelio. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Jacqueline Terpins. Assistência de figurinos: Marco Antonio Lima. Música: Paulo Tatit. Iluminação: Cibele Forjaz e Marcio Aurelio. Preparação corporal: Joel Rocha. Assistência de cenografia: Henrique Lanfranchi. Cenotécnica: José Estevão. Elenco: Tonia Carrero, Ana Luisa Seellaender e Kaike Arantes. De 6 abr. 1989 a 2 jul. 1989. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Aimar Labaki. O brilho de Tonia numa valsa frágil. *O Estado de S. Paulo*, 21 abr. 1989, p.3.

*ESTILHAÇOS*. Texto: Jorge Miguel Marinho. Direção: Antonio Januzelli (Janô). Elenco: Grupo Pimba, com Ana Assumpção, Ana Tibiriçá, Cida de Assis, Cláudio Saltini, Fábio Saltini, Quito Paoli, Rogério David e Vânia Parma. 23 jun. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*ESTÓRIAS QUE NOSSAS AVÓS NÃO CONTAVAM, AS*. Texto: Afonso Coralov. Direção: Arlindo Barreto. Elenco: Esmeralda Santos, Salomé Parísio, Sebastião Apolônio, Pablo, Cláudio Gardim, Dorothy Sierra, Marcos Valério, Dalmo Tenório, Jarbas Toledo, Derby Daniel e Arlindo Barreto. Estreia: 17 ago. 1981. Café-Teatro Pica-Pau. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ESTÓRIAS URBANAS* (Movimento Zero Hora). Evento coordenado por Nery Gomide e constituído pelos seguintes espetáculos: *O que se deve fazer com a raposa apreendida,* de Lígia Batista. Direção: Roberto Koln; *Gande prêmio Brasil,* de Beatriz Hardman. Direção: Vicentini Gomes; *Fausto em mesa de bar,* de Ida Laura. Direção: Raul Moraes; *O sexo dos executivos,* de Nery Gomide. Direção: José Luiz Sconi. Elenco dos textos: Vicentini Gomes, Célio Di Malta, Ida Laura, Kleber Afonso, Marco Rinaldi, Lígia Batista, Rafaela Arnaud, José Luís Sconi, Sônia Cristina, Raul Moraes, Beatriz Hardman, Bia Freire, Reinaldo Mesquita, Fausto Teixeira Rocha, F. E. Kokotch, Rubens Pereira e Carlos Maia. De 29 jul. 1980 a 3 set. 1980. Teatro Major Diogo.

Obs.: Sobre o Movimento Zero Hora, verificar a observação apresentada ao término da ficha do espetáculo *Bocas da cidade*.

*ESTRANGEIRO NO SARAU DAS ANTAS, UM*. Texto: Martins Pena. Direção: Ednaldo Freire. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Direção musical: Rubens Ricciardi. Letras das músicas: Rubens Ricciardi e Delurdes Moraes. Adereços: Carlos Machado. Elenco: Delurdes Moraes, Vera Achatkin, Izabel Ortiz, Di Rezende, Marcos Moraes, Mari Bertoli, Paulo César Barbosa, Pedro Bispo e Léo Jonh. De 25 maio 1985 a 11 ago. 1985. Teatro João Caetano, Teatro Martins Penna, Teatro Arthur Azevedo e Teatro Sérgio Cardoso.

*ESTRANHO ESPELHO*. Texto: Walmir Ayala. Direção: José Eduardo Amarante. Figurinos e maquiagem: Márcio Medina. Iluminação: Mário Martini. Elenco: Antônio Amadeu, Márcia de Vecchi, Nivanda Santos e Israel Ferez. De 28 out. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Igreja.

*ESTRANHO HÁBITO.* Criação, cenografia e figurinos: Grupo Tantos e Tortos. Música e direção musical: Félix Wagner. Músicos: Félix Wagner, Teco Cardoso, Luiz Britto, Ivan Decloedt, Gil Reys, Fernando Marconi e Mané Silveira. Direção corporal: Rodrigo Noronha. Iluminação: Dallaqua. Elenco: Grupo Tantos e Tortos, com Emília Mello, Marcelo Evelin, Marcelo Maier, Márcia Bozon, Regina Mercúrio, Renata Bittencourt e Rogério Lima. De 3 a 21 abr. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*ESTRANHOS SÃO OS OUTROS.* Colagem de texto de Fernando Pessoa, Vaslav Nijinski, Antonin Artaud e outros, inspirado no filme *Um estranho no ninho,* de Milos Forman. Direção e iluminação: Jorginho de Carvalho. Cenografia, figurinos e trilha sonora: Grupo Canela Lanavevá, com Caco Monteiro, Jorci Niskier, Titila Tornaghi, Guico de Morais, José Carlos Xavier, Solange Badin, Kátia Lattufe, Cláudio Handrey e Tereza Oliveira. De 12 fev. 1987 a 29 mar. 1987. Teatro Aliança Francesa.

*ESTREBUCHA BABY.* Colagem de textos de Consuelo de Castro, Jean e Paulo Garfunkel, Cacilda Becker. Direção, iluminação e sonoplastia: Zebba Dal Farra. Figurinos: Muriel Matalon. Elenco: Regina Braga, Paulo e Jean Garfunkel. De 9 a 15 dez. 1987. Espaço Off e outros espaços de representação.

*ESTRELA CLARICE, UMA.* Inspirada em *A hora da estrela,* de Clarice Lispector. Adaptação: Thomas Frei. Direção, figurinos e cenografia: Armando Azzari. Coreografia, preparação corporal e preparação vocal: Antonio Pio. Arranjo musical: Silvio A. Haas. Iluminação: Hamilton Saraiva. Elenco: Zuleica de Oliveira, Maria Léo, Pedro Lopes, Mahe Machado, Dulcinei, Paschoal Cioffi, Norma Cambiaghi, Cláudia Magna, Josy Santos, Regina Santos, Ernando Tiago, Marco Sena, Antonio Pio, Ira Bernardes, Daniel Weslley e Airton Guedes. De 21 e 22 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*ESTRELA DALVA, A.* Texto: Renato Borghi e João Elísio Fonseca. Concepção original: Roberto Talma. Direção: Jorge Fernando. Trilha sonora: César Camargo Mariano. Figurinos: Sílvia Sangirardi e Muriel Matalon. Cenografia: Américo Issa e Jorge Fernando. Coreografia: Regina Miranda. Iluminação: Luís Paulo Nenén. Músicos: Roberta Dubeaux, Betto Sodré, Eduardo Miranda, Itamar Vidal, Luiz Alberto, Lula e Sérgio Paulista. Bailarinos: Edinaldo

Eiras, Geraldo Si Lourenço, Keila Bueno, Licia Rockenback, Maria Helena Alemany, Paulo Perez, Patrícia Castro, Ricardo Chedid, Teça Pereira, Vera Liotino e Walter Costa. Elenco: Sylvia Massari, Jorge Fernando, Paulo César Grande, Maria Yuma, João Bourbonais, João Carlos Buruca, Wilson Rabelo e Sérgio Maia. 1987. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Teatro Bandeirantes. De 17 maio 1988 a 31 jul. 1988. Teatro Bandeirantes.

*ESTRELAS HUMANAS*. Texto e direção: Fauzi Arap. Cenografia: J. C. Serroni. Preparação corporal: Klauss Vianna. Elenco: Nelson Baskerville, Noemi Marinho, Eric Nowinski, Antônio Andrade e outros. 1987. Espaço Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ESTÚDIO NAGASAKI*. Texto e direção: Hamilton Vaz Pereira. Cenografia e objetos de cena: Cláudio Torres. Figurinos: Lena Brito. Músicas: Zé Renato, Cláudio Nucci, Mimi Lessa e Hamilton Vaz Pereira. Coreografia: Debby Growald. Iluminação: Waltinho Antunes. Elenco: Hamilton Vaz Pereira, Lena Brito, Patrícia Pillar, Pedro Brandão, Lourenço Baeta, Paulo Roberto e Muri Costa. De 14 a 24 maio 1987. Espaço Mambembe. De 6 a 30 ago. 1987. Auditório Augusta.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Um estúdio muito bagunçado. *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1987, p.6

Obs.: O espetáculo é composto por quatro histórias: *O grande Norte; BHZ, tesuda e eletrônica; Cúmplice* e *Voo inesquecível*. Há uma matéria assinada por Maurício Stycer sobre o espetáculo em *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1987, p.5.

*ETERNO RETORNO, O*. Texto: Stephane Dosse. Elenco: Juliana Carneiro da Cunha e Carlos Augusto Strazzer, com participação especial de Renée Gumiel. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*EU ERA BRANCA DE NEVE, SÓ QUE DERRETI*. *Performance*-solo de Lala Deheinzelin. Música: Grupo Marzipan. 8 jan. 1987. Espaço Viver.

*EU NÃO SOU CANDIDATO*. Texto: José de Vasconcelos. Direção: Jacques Lagoa. Elenco: Péricles Flaviano e Mariana Natal. De 12 maio 1989 a 9 jul. 1989. Teatro Bandeirantes.

*EU, SÓCRATES, CORRUPTOR DE MENORES*. Espetáculo de mímica com seleção de textos, direção, interpretação e produção de Ricardo Bandeira. De 30 maio 1980. Teatro Municipal e Auditório da Biblioteca Mário de Andrade. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. O ressurgimento do monólogo dramático. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1980, p.16 (acerca também de *Onde estás; O diário de um louco; O jovem Karl Marx; Bom dia, cara*).

*EU SOU VIDA, EU NÃO SOU MORTE*. Texto: Qorpo Santo. Direção: César Huapaya. Elenco: Grupo Experimental Capixaba, com Ângela Bravin, Elieser Almeida, Ângela Caulyt e outros. De 12 a 15 nov. 1987. Estação Espaço Madame Satã.

Obs.: Espetáculo apresentado na Mostra de Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Estação Madame Satã.

*EU TOMO ALEGRIA (UNS TOMAM ÉTER, OUTROS COCAÍNA)*. Textos: Manuel Bandeira. Direção e interpretação: Luiz Thomaz. Projeto do Grupo de Arte Boi Voador. Iluminação: Edvaldo Rodrigues e Domingos Quintiliano. De 13 out. 1988 a 17 dez. 1988. Auditório Augusta. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*EVA & ADÃO NO PARAÍSO*. Roteiro: Alberto Gaus e Vicentini Gomes. Direção e iluminação: Vicentini Gomes. Cenografia: Alberto Gaus. Trilha sonora: Américo Córdula. Elenco: Vicentini Gomes e Alberto Gaus. De 12 dez. 1988 a 31 jan. 1989. Teatro Cenarte.

*EVA PERÓN*. Texto do cartunista argentino De Copi. Tradução: Rodrigo Santiago. Cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Iluminação: Iacov Hillel e Cacá d'Andretta. Direção musical: Paulo Herculano. Direção: Iacov Hillel. Elenco: Myriam Muniz, Ester Góes, Rodrigo Santiago, Paulo Herculano e Roseli Silva. De 4 dez. 1979 a 30 abr. 1980. Auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade e Teatro João Caetano.

*EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU, O.* Texto: César Vieira. Direção: Cícero Ferreira. Produção: Associação Desportista Classista. Músicas: Arlindo Bello de Oliveira, Márcio Alves Coelho e Cláudio Fagnane. Compositores: Arlindo B. de Oliveira e Cícero Ferreira. Cenografia: Celso Eduardo Rabetti. Iluminação: Rudinei Nicoli. Elenco: Grupo Roda Viva ADCM, com Abílio Pereira de Toledo, Adeilto Cardoso de Souza, Arlindo Bello de Oliveira, Carlos Rubens da Costa, Celso Eduardo Rabetti, Claudionor Bastos, Cláudio Sagnani, Danilo José dos Reis, Doralice dos Reis, Dorize dos Reis, Douglas Alves, Edson Duller, Eleine Telles Gomes, Estelita de Assis, Francisco de Assis Oliveira, José Francisco, José Ronaldo Ribeiro, Lino Jácomo Nunes, Luciana Costa, Márcio Alves Coelho, Marlene Rodrigues, Nilda Maia Bello, Rosana Gonçalves Cerdeira, Rosane Silva, Rita de Cássia Oliveira e Vera Lúcia Amaro. 3 e 4 set. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes).

Matéria: Outra vez o evangelho de Zebedeu. *O Estado de S. Paulo*, 6 dez. 1984, p.18.

*EVITA.* Texto: Andrew Lloyd Weber e Tim Rice. Tradução e direção geral: Victor Berbara. Direção no Brasil: Maurício Sherman e Harold Prince. Direção musical e orquestrações adicionais: Edson Frederico. Coreografia no Brasil: Fernando Moya. Guarda-roupa: Hilda Marinho. Maestro do coro: Dirceu Machado. Coordenação geral de coreografia: Johnny Franklin. Cenografias brasileiras adicionais: Norman Westwater. Direção de cena: Miguel Rosenburg. Elenco: Cláudia, Campos Neto, Elymar Santos, Agnaldo Albert, Loren, Arina Campos, Márcia Cabral, Cristina Cordeiro, Cristina Guiça, Diana Simonelli, Maria Aparecida, Maria Eunice L. Pereira, Marta Laurito, Mônica Pocker, Vera Barbosa, Áurea Colpas, Carlos Laranjeiras, Eduardo Panizas, Frade, Gilberto Santamaría, João Carlos Malatian, Jonas Costa Mendes, Juan Martins, Mauro Prates, Paulo Barbosa, Ângela Borges, Cida Carpi, Claudia Mendonça, Denise Gasos, Maria Helena Alemany, Mônica Pereira, Nadia, Rosana Paz, Rose, Sara Attiyh, Alonso Barros, Antonio Bianchi, Carlos, Creso Filho, Eduardo Botbol, Eduardo Fraga, Fábio Brando, Marcus Vinícius Lacerda, Sérgio Melo e Tinho. De 1984 a 1986. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Palace.

Obs.: O programa consultado, adquirido em São Paulo (mas com nomes da montagem do Rio de Janeiro), apresentava na ficha técnica a totalidade dos nomes que daqui constam. Em outras fontes, entretanto (como a jornalística),

que pouco destaque deu ao espetáculo, eram outros os nomes. Assim, indico os nomes apresentados nas fontes consultadas.

*EXCURSÃO. Performance* de Marcelo Mansfield, Lala Deheinzelin e Grupo Harpias e Ogros. Elenco: Luiz Roberto Lopreto, Marcelo Mansfield, Lala Deheinzelin e outros. 22 fev. 1987. Ponto Chic-Fundação Bienal.

*EXERCÍCIO, O.* Texto: Lewis Joe Carlino. Tradução: Roberto de Cleto. Direção: Myriam Muniz. Música: Marcelo Zilber. Trabalho corporal: Alberto Martins. Cenografia: Carlos Clémen. Composição e direção musical: Zebba Dal Farra. Iluminação: Cacá D'Andretta. Sonoplastia: Caio Vilela. Figurinos: Theda. Iluminação: Paulo Macedo. Elenco: Carlos Palma, Júlia Pascale e Paulo Gaeta. De 30 jun. 1984 a 6 jan. 1985. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*EXERCÍCIO...* (ou *A IMITAÇÃO DA ROSA*). Adaptação de cinco textos da obra *Feliz aniversário,* de Clarice Lispector. Direção: Clauss Teixeira. Elenco: Grupo Teatral Metamorfose. 1989. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*EXERCÍCIO DA PAIXÃO.* Texto e direção: Jamil Dias. Iluminação: Maestro. Elenco: Grupo Avis Rara, Avis Cara, com Ana Maria Quintal, Nazeli Bandeira, Sérgio Santiago, Bibi Junquira, Elaine Farhat e Edgar Campos. De 1 nov. 1980 a 30 dez. 1980. Teatro Abertura.

Crítica: Clovis Garcia. Problemas da juventude, tema de três espetáculos. *O Estado de S. Paulo,* 16 nov. 1980, p.44 (acerca também de *Foi bom, meu bem?* e *Aquela coisa toda*).

*EXERCÍCIO DO PODER, O.* Coletânea de sete comédias curtas, escritas e dirigidas por Tito Alencastro. Texto e direção: Tito de Alencastro. Figurinos: Domingos Fuschini. Música: Cleston Teixeira. Iluminação: Washington de Oliveira. Elenco: Roberto Mars Jr., Cristina Mendes, Yur Fogaça e Manuela Assunção. De 9 fev. 1987 a 31 mar. 1987. Teatro Zero Hora. 19 set. 1988. Auditório ALS. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*EXERCÍCIO NÚMERO 1*. Roteiro e direção: Bia Lessa. Assistência de direção: José Luis Rinaldi. Cenografia e figurinos: Fernando M. da Costa. Assistência de cenografia e figurinos: Márcia Machado. Direção musical: Caíque Botkay e José Luis Rinaldi. Iluminação: Maneco Quinderé e Fred Pinheiro. Elenco: Abelardo Lustosa, Cil Corrêa, Elaine Mattos, Maria Borba, Mariane Eliott, Paulo Trajano, Sandra Prazeres, Saulo Roberto, Suzana Macedo, Zé Maria, Ana Pada Hehl, Dayse Reston, Eduardo Mamberti, Emmanuel Marinho e Maira Castro/Márcia Machado. De 16 mar. 1988 a 3 abr. 1988. Teatro Mars.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Belo e comovente. *O Estado de S. Paulo*, 18 mar. 1988, p.6.

*EXPLODE CORAÇÃO*. Texto: Enemir Franco. Direção: Sandra Nunes. Elenco: André Vale, Deborah Madeira e Enemir Franco. De 5 nov. 1987 a 31 jan. 1988. Teatro Zero Hora e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara). De 31 jan. 1989 a 26 fev. 1989. Teatro Zero Hora.

*EXPLODE CORAÇÃO*. Texto: Enemir Franco. Direção: Vera Dufo. Elenco: Mário de Carvalho, Carmelita Menezes, Wilson Araújo e Enemir Franco. De 8 maio 1986 a 7 jun. 1987 e de 27 nov. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*EXPLODE CORAÇÃO*. Texto e direção: Enemir Franco. Elenco: Carmelita Menezes, Mário de Carvalho, Sandra Santana, Enemir Franco e Cindy Campos. De 19 dez. 1984 a 10 fev. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*EXPLODE CORAÇÃO*. Texto e direção: Enemir Franco. Grupo Vivança. 29 e 30 ago. 1983. Teatro do Bixiga. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*EXPLODE SEIVA BRUTA*. Texto: Evill Rebouças. Direção: Edemir Praxedes. Sonoplastia e iluminação: Diaulas Ulisses. Elenco: Airton Dupin, Alvini di Lima, Evill Rebouças, João Kinon e Paulo Alvarado. De 10 set. 1987 a 20 out. 1987. Teatro Markanti.

*EXPOSA – A COMÉDIA DO ORGASMO, A*. Texto: Renato Pereira. Direção: Sérgio Reis. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Quadros: Clélia Vargas. Sonoplastia e iluminação: Daniel Gomes. Elenco: Renato Pereira. De 20 mar. 1980 a 18 maio 1980. Teatro Alfredo Mesquita.

Crítica: Clovis Garcia. O recomendável e o óbvio em mais duas comédias em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, 2 mar. 1980, p.23 (acerca também de *Elas complicam tudo*).

*EXPRESSO DA ILUSÃO*. Texto: Jésus Padilha. Direção: Lu Martan. Sonoplastia e iluminação: Wanderley Ribeiro. Elenco: Emerson Caperbá, Lenita Aguetoni, Miguel Bretas e Maria Lúcia Ferreira. De 7 nov. 1988 a 7 fev. 1989. Teatro Bela Vista.

*EXPRESSO EXPRESSO*. Texto: Tuponi Costa e Eduardo Almeida. Direção: Roberto Rosa. Elenco: Célia Marcondes, Luciene da Silveira, Romildo Lima Garcia, Samuel Costa Tuponi e Sérgio Luís Audi. 29 out. 1984. Centro Cultural São Paulo.

*EXTRACONJUGAL*. Texto: Hermes Altemani e Nery Gomide. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Celso Rorato. Figurinos: Gileno. Elenco: Celso Batista, Iara Grey, Maura Faustino e João Valarelli. De 3 mar. 1988 a 5 jun. 1988. Teatro Zero Hora.

*EXTREMOS*. Texto: William Mastrosimone. Tradução: Carlos Eduardo Dolabella. Direção: Amir Haddad. Iluminação: Luís Paulo Nenén. Cenografia: José Dias. Figurinos: Pepita Rodrigues. Efeitos sonoros: Xodó. Efeitos especiais: Pedro Louzada. Direção de luta: Rogério Emerson. Elenco: Pepita Rodrigues, Carlos Eduardo Dolabella, Annamaria Dias e Yolanda Cardoso. De 24 maio 1985 a 27 out. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Paulo Eiró.

Crítica: Clovis Garcia. Violência, com enfoque superficial. *O Estado de S. Paulo*, 20 jul. 1985, p.14.

*FÁBRICA*. Texto: Nathália Davini e Eneida Soller. Direção: Marília de Castro. Assistência de direção: Ilíada Démeter. Cenografia: Otávio Donasci. Figurinos: Otávio Donasci e Abigail Wimer. Sonoplastia: Castro Junior. Elenco: Alcione Bourbon, André Luiz, João Acaiabe, Walter Luiz, Ana Nery,

Castro Jr., Ilíada Démeter, Inês de Castro, Jeanne D'Arc, Osmar di Pieri, Silen Clair, Cláudio da Silva e Walter Luiz. De 21 set. 1979 a 20 jan. 1980. Teatro Taib.

*FÁBRICA DE CHOCOLATE*. Texto: Mário Prata. Direção: Ruy Guerra. Cenografia e figurinos: José de Anchieta. Elenco: Ruth Escobar, Rolando Boldrin, João José Pompeu, José Drummond, Luiz Carlos Laborda e Mauro de Almeida. De 7 dez. 1979 a 31 jan. 1980. 1981. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Em 1980, o espetáculo participou de um festival de teatro em Sevilha e fez temporada em Lisboa.

*FABULOSA EPOPEIA DOS IRMÃOS BROTHERS, A*. Texto: Luis Fernando Veríssimo. Direção: Cláudio Levitan. Elenco: Léo Vitor, Careca da Silva, Chaminé e Mutuca. De 15 jul. 1987 a 26 jul. 1987. Espaço Off.

*FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL*. Texto: Marcos Rey. Direção geral: Augusto Maciel. Cenografia: Oswaldo Gonçalves. Som e iluminação: Newhilton Queiroz. Elenco: Oswaldo S. Lupinetti, Jane Jovanazzi, Ana Rosa e Douglas Zanei. De 27 jul. 1983 a 16 out. 1983. Teatro Cenarte.

*FAIXA DE SEGURANÇA* (*PALHAÇOS*). Texto: Timochenco Wehbi. Direção: Affonso Barrella. Cenografia e figurinos: Carlos Colabone. Iluminação: Francisco Medeiros. Sonoplastia: Robson de Andrade. Elenco: João Antônio Gincko e Almir Nilson Rodrigues. 1984. Teatro Cezar. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*FALA BAIXO, SENÃO EU GRITO*. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Leonardo Novelli. 1989. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FALA BAIXO, SENÃO EU GRITO*. Texto: Leilah Assumpção. Direção e interpretação: Jô Freiria e Rose do Valle. 4 dez. 1982, 5 dez. 1982, 21 dez. 1982 e jan. 1983. Teatro Abertura.

*FALA, LORITO!* "Extravagância musical" de Hugo Rodas. Supervisão: Antonio Abujamra. Cenografia: Keko Silva. Figurino: Hugo Rodas e Grupo. Elenco: Adriana Ridolfi, Alcides Kabelo, Antonio Herculano, Hugo Rodas, Gerty Segger, Lígia Veiga, Luiza Viegas, Marga Maria e Mercedes Alvim. Estreia: 26 jan. 1983. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*FALA POESIA.* Textos: Renata Pallottini, Neide Arcanjo, Ilka Brunhilde Laurito e Olga Savary. Direção: Teresa Aguiar. Cenografia e figurinos: Jucan. Direção musical: Filó. Elenco: Isadora de Faria, Danúbia e as cantoras Bete Sá e Maricene Costa. 1981. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FALA SÓ DE MALANDRAGEM.* Texto e criação: Grupo da Penitenciária Feminina do Estado. Direção: Elias Andreato. 1982. Penitenciária Feminina. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*FALANDO DE AMOR COM HUMOR.* Texto: Anamaria Dias. Direção: Carlos Di Simoni. Trilha sonora: Tunica. Luz e som: Paulo Camargo. Elenco: Ivete Bonfá, Luiz Serra, Bruno Barroso e Thaís de Andrade. De 3 abr. 1987 a 2 ago. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Arena).

*FALECIDA, A.* Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Assistência de direção: Celso Ribeiro. Cenografia e figurinos: Flávio Império. Iluminação: Domingos Fiorini. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Direção de cena: Claudino Martinuzzo. Elenco: Nize Silva, Cleide Eunice, Cláudia Rezende, Raimundo Mattos, Reinaldo Rezende, Paulo Prado, Ismael Roan, Rubens Pignatari, Elias Gleizer, Antônio de Andrade, Ari Guimarães, Dinah Ribeiro, Eugenia Santa Cruz, Marcos Granado, Rosa Maria Pestana, Lizette Negreiros, Silvio Modesto, Luiz Carlos Ribeiro, Luiz Parreiras e Luiz Carlos de Moraes. De 20 jun. 79 a 31 dez. 80. Teatro Popular do Sesi. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FAMÍLIA À PROCURA DE UM ATOR, UMA.* Texto e interpretação: Samir Yazbek. Direção, cenografia e figurinos: Edson Santana. Iluminação:

Nezito Reis. 1 maio 1989. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*FAMÍLIA E A FESTA NA ROÇA, A*. Texto: Martins Pena. Direção, cenografia e figurinos: Clênia Teixeira. Coreografia: Marina Mesquita. Música: coletânea de calangos "Umbu-lundu" coletadas por Téo Azevedo. Elenco: Grupo Quem Tá Vivo Sempre Aparece, com Adriana Gentile, Agostinho Gambera, Arnaldo Franco, Arnaldo Ribeiro, Ary Scapin, Benito Serey, Cássio Luiz, Celso Arikita, Cyntia Machado, Débora Gutierrez, Eli Daruj, Fernando di Mathus, Kaká Pons Olmos, Leni Pinto, Ligia Cabral Assumpção, Luciana Paolozzi, Maria Librandi Rochas, Sergio Pilva, Taciana Rodrigues Alves, Vitor Mendez e Walter Barbosa. 1980. Teatro Célia Helena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*FANDO E LIS*. Texto: Fernando Arrabal. Direção: Christiane Tricerri. Cenografia: Pato Papaterra. Sonoplastia: Zeca Sampaio. Iluminação: Paulo Almeida. Elenco: Suia Legaspe, Luiz Nascimento, Pato Papaterra, Juliana Bussotti e Clóvis Gonçalves. De 10 a 20 dez. 1983. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio).

*FANTASIA*. Texto: Arthur Azevedo. Direção: Zé Eduardo Amarante. Músicos: César Assolant, Marco Argi, Fernando C. Marconi, Luiz A. da Cruz, Roberto Silva, Tato Fischer e Zé Ito. Músicas e direção musical: Tato Fischer. Arranjos e regência: César Assolant. Cenografia e figurinos: Márcio Medina. Coreografia e Preparação corporal: Paula Martins. Iluminação: Nezito Reis. Elenco: Grupo Ararama, com Abigail Wímer, Antonio Amadeu, Heber Notini, Israel Ferez, Leni Ferreira, Márcia de Vecchi, Nivanda Santos, Rita Corrêa, Robson Loddo, Sílen Clair, Tércio Marinho, Tereza Convá, Willian Sisdelli e Zeca Capellini. De 21 ago. 1984 a 2 set. 1984. Teatro Arthur Azevedo.

*FANTÓPERA DA ASMA, O*. Texto, direção, figurinos e direção musical: Cláudio Tovar. Cenografia: Helena Kuma. Iluminação: Maneco Quinderé. Coreografia: Ciro Barcelos. Arranjos musicais: Luiz Macedo. Adereços: Ronaldo Vieira Melo. Bailarinos: Carlo Dorigatti, Cláudia Lisboa, Cláudia Boselsanger, Dinah Perry, Gabriela Dellias, Liliane Queyroi, Luís Antonio Rocha, Marilia Brandi, Paulo Perez, Ricardo Vinícius, Roberto de Aguiar e

Walter Costa. Músicos: Luiz Macedo, George Freire, Matias Capovila, Sérgio Lyra David, Xico Guedes, Jether Garotti, Mario Caribe, Beto Caldas, Lílian Carmona e Adriano Bosco. Elenco: Cláudio Tovar, Eduardo Galvão, Lucinha Lins, e Robson Lodo. De 4 a 10 out. 1989. Teatro Bandeirantes.

*FARRA DA TERRA, A*. Espetáculo apresentado como ensaio (portanto, não pronto), ou como espetáculo-*show*. Em síntese, caracteriza-se como um processo aberto no qual os participantes de um curso, desenvolvido no Sesc Pompeia, ajudaram a criá-lo e a encená-lo. 1982. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. De 4 mar. 1983 a 29 maio 1983. Sesc Pompeia e Teatro Faap.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. O teatro delicado e bonito do Asdrúbal. *O Estado de S. Paulo*, 3 mar. 1983, p.38.

Obs.: Sem especificar o nome, integrantes afirmam que o espetáculo nasceu em Trancoso (na Bahia). O espetáculo apresenta uma viagem por 15 lugares diferentes (países e cidades), por meio de "uma história sem história". O processo de criação do espetáculo compreendeu a junção de três ações: o grupo desenvolve um curso, em setembro de 1982, no Centro de Convivência do Sesc Pompeia; uma maratona no Centro Cultural São Paulo e ensaios públicos apresentados, em novembro de 1982, no mesmo espaço do curso. O espetáculo é apresentado como uma viagem em várias estações (jornadas), convidando o público a acompanhar os atores. Utilização de recursos eletrônicos e de vanguarda (montagem, colagem, simultaneidade), epicizando a cena. Segundo declaração dos integrantes do grupo, o ator é substituído pela figura do *performer* (aqueles que levam a si mesmos para a cena). Durante o ano, o Asdrúbal sentiu necessidade de abrir o seu processo de criação e desenvolveu um ateliê livre de teatro (como já havia feito anteriormente no Rio de Janeiro), e o resultado (cenas-síntese) foi apresentado profissionalmente no espaço de convivência do Sesc Pompeia. Algumas das cenas-síntese desse processo coletivo foram apresentadas, processionalmente, no espaço de convivência da unidade do Sesc já mencionada.

Trata-se do último espetáculo montado pelo Asdrúbal Trouxe o Trombone. Hamilton Vaz Pereira, depois da dissolução do Grupo, tenta dar continuidade à pesquisa desenvolvida desde o início da formação do Grupo. Segundo Silvia Fernandes,

> Hamilton continuou solitariamente a pesquisa de uma dramaturgia cênica que surgiu no grupo, em que personagens, movimentos, imagens e músicas são propostos de modo concomitante, num mecanismo de amealhar referências totalmente despreocupado com linearidade narrativa ou tensionamento dramático. Para levar adiante sua pesquisa, Hamilton passou a dar conta sozinho de todas as atividades de criação. A partir de 1987, foi dramaturgo, encenador, cenógrafo e ator de *Estúdio Nagazaki; Ataliba, a gata Safira; O máximo; Nardja Zulpério; Ela odeia mel; Noites silenciosas; Uiva e vocifera,* além de adaptar Homero em *A ira de Aquiles* e *Odisseia,* e atuar, dirigir e escrever um dos episódios de *5 X comédia*. (2000, p. 15-6)

*FARRAMBAMBA*. Espetáculo inspirado em textos de Joaquim Manuel de Macedo, Martins Pena e Karl Valentin. Encenação: Ebaculê. Direção: Petrônio Nascimento. 1987. Teatro Arthur Azevedo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*FARSA DA BOA PREGUIÇA, A*. Texto: Ariano Suassuna. Direção: Teodora Ribeiro. Cenários: Ferrari. Iluminação e sonoplastia: Bifulco. Elenco: Grupo Alegria Alegria (operários da fábrica Souza Cruz). De 10 a 18 jan. 1981. Auditório do Instituto Musical de São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FARSA DE INÊS PEREIRA*. Texto: Gil Vicente. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Sidney Muccillo. Elenco: Sidney Muccillo, Angélica Belmont, Luiz Carlos Shelman e outros. De 16 nov. 1983 a 29 abr. 1984. Teatro Major Diogo.

*FATO E AFETO*. Texto e direção: Chico Solano. Elenco: Valdir Fernandes e Fátima Ribeiro. De 29 abr. 1989 a 28 maio 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*FAUNAS DO ASFALTO, AS*. Seis comédias curtas de Pato Papaterra e Laura Figueiredo. Direção: Laura Figueiredo. Iluminação: Guilherme Bonfanti. Elenco: Pato Papaterra, Mauro Ferraz e Silvia Perez. De 6 a 14 jul. 1987. Espaço Off.

*FAUSTO*. Texto: J. W. Goethe. Direção: Hector Orthon. Tradução: Willi Bolle. Sonoplastia, cenografia e figurinos: Grupo. Produção: EAD/USP. Elenco: Carlos Mani, Cristina Sano, Marisa Orth, Willi Bolle, Maria Grimaldi e Débora Nogueira. De 23 jan. 1985 a 1 fev. 1985. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Teatro Arthur Azevedo.

*FAUSTO*. Texto: J. W. Goethe. Tradução, adaptação, trilha sonora, cenografia, iluminação e direção: Paulo Cerruti Gaeta. Figurinos: Wanda Cerruti Gaeta. Encenação: Teatro de Fantoches Tio Penáceo. Titeriteiros: Paulo Cerruti Gaeta e Wanda Cerruti Gaeta. Estreia: 11 mar. 1981. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Teatro de bonecos, dois exemplos raros. *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1981, p.55 (acerca também de *Palomares*).

*FAVOR NÃO JOGAR AMENDOIM*. Texto e música criados em processo colaborativo com 11 detentas da Penitenciária Feminina da Capital (em algumas fontes aparece como do Carandiru), cujo projeto foi criado por Rita Maria Costa. Direção: Elias Andreato. De 4 a 10 fev. 1980. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes) e Capela da Penitenciária Feminina do Estado.

*FEDERICO GITANO*. Poemas de Federico García Lorca. Direção: Silnei Siqueira. Recital de Maju (Maria José) de Carvalho. Estreia: 16 set. 1986. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*FEDRA*. Texto: Racine. Tradução: Millôr Fernandes. Direção e trilha sonora: Augusto Boal. Assistência de direção: Eduardo Lago. Cenografia e figurinos: Hélio Eichbauer. Iluminação: Aurélio de Simoni. Adereços: Carlito Ferreyra. Direção de cena: Carlito Bastos. Elenco: Fernanda Montenegro, Edson Celulari, Linneu Dias, Giulia Gam, Jacqueline Laurence, Betty Erthal, Sebastião Vasconcelos e Joyce de Oliveira. De 6 mar. 1987 a 3 maio 1987. Teatro Cultura Artística.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Paixão em ritmo devastador. *O Estado de S. Paulo*, 20 mar. 1987, p.7.

*FEIRA DO ADULTÉRIO, A*. Texto: João Bethencourt, Ziraldo, Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso e Jô Soares. Direção: Marcos Ghilardi. Assis-

tência de direção: Eliana Olivero. Cenografia: Maria do Carmo Nefussi e Tuca Greco. Figurinos: Ney Galvão. Trilha sonora: Beatriz Linardi. Elenco: Jofre Soares, Ney Galvão, Sandra Pêra, Lucélia Machiavelli, Nereide Bonamigo, Joel Barbosa, Elizabeth Roccato, Cláudio Gardin, Phino Angelinni, Vanessa Alves e Oscar Alexandre. De 4 abr. 1986 a 29 jun. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Apenas corriqueiro, televisivo. *O Estado de S. Paulo*, 9 abr. 1986, p.4.

*FEITIÇO*. Texto: Oduvaldo Vianna. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Assistência de direção: Celso Ribeiro e Marilena Ribeiro. Cenografia e figurinos: Zecarlos de Andrade. Trilha sonora e operação de som: Valdemir Gonçalves. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Direção de cena: Claudino Martinuzzo. Contrarregragem: Haroldo Acedo. Assessoria geral: Francisco Medeiros. Elenco: Zecarlos de Andrade, Paulo Hesse, Lia de Aguiar, Nize Silva, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Lucio de Freitas, Anamaria Barreto, Roberto Azevedo e Rosamaria Pestana. De 25 set. 1987 até 1º maio 1988. Teatro Popular do Sesi.

*FELICIDADE PARA TODOS* (ou *INFLUÊNCIA DOS VENTOS ALÍSEOS NA MENSTRUAÇÃO DA BORBOLETA*). Texto e direção: Jayme Compri. Elenco: Grupo Ivamba, com Cristina H. C. Pinho, Cristina Lozano e outros. De 4 a 7 jul. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). 1985. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*FELISBERTO DO CAFÉ*. Texto: Gastão Tojeiro. Direção: Carlos Alberto Soffredini. Músicas: Sérvulo Augusto e José Rubens Chasseraux. Cenografia e figurinos: José Rubens Siqueira. Coreografia: Mara Borba. Iluminação e sonoplastia: Antônio Escargeta. Músicos: Renato Loyola, Ari Dias e Sérvulo Augusto. Cenotécnica: Antônio Gentil. Elenco: Maria Izabel de Lizandra, João Signorelli, Márcio de Luca, Oswaldo Barreto, Maria Lucia Ferreira e Bárbara Thiré. De 10 dez. 1981 a 31 mar. 1982. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

Crítica: Clovis Garcia. A boa diversão está presente em dois musicais. *O Estado de S. Paulo*, 4 jan. 1982, p.19 (acerca também de *Todo mundo nu*).

*FELIZ ANO VELHO*. Texto: Marcelo Rubens Paiva. Adaptação: Alcides Nogueira. Direção: Paulo Betti. Cenografia: Kalil Farran. Figurinos e adereços: Luiz Fernando Pereira. Iluminação: Paulo Betti e Carlinhos. Sonoplastia: Tunica. Música: Sérvulo Augusto. Trabalho corporal: Mara Borba. Músicos: Renato Loyola, Ari Dias, Paulinho e Sérvulo Augusto. Elenco: Adilson Barros, Denise Del Vecchio, Marcos Frota, Christiane Rando, Lilia Cabral e Marcos Kaloy. De 31 ago. 1983 a 21 nov. 1985. Centro Cultural São Paulo, Auditório Augusta e Tuca. 1986. Espaço Cultural Mambembe. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A agilidade das formas e o sensível: *Feliz ano velho*. *O Estado de S. Paulo*, 5 out. 1983, p.17.

Obs.: A peça estreou no Teatro Municipal de Sorocaba, em 13 ago. 1983. Além do sucesso na cidade, o espetáculo foi apresentado também nos festivais: Internacional Latino-Americano (Nova Iorque, 1985); de San Juan (Porto Rico, 1985); da Universidade Autônoma do México – Unam (Cidade do México, 1985).

*FELIZ PÁSCOA*. Texto: Jean Poiret. Tradução: Paulo Autran. Direção: José Possi Neto. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Clô Orozco. Preparação corporal: Mazé Crescenti. Elenco: Paulo Autran, Cristina Mutarelli, Karin Rodrigues, Cláudia Alencar, Sérgio Mamberti, Hedy Siqueira, Arnaldo Dias, Emerson Caperbá, José Barbosa, George Freire, Roberto Orosco e Nicole Puzzi. De 31 mar. 1985 a 22 set. 1985. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Feliz Páscoa* com humor, leveza e falhas. *O Estado de S. Paulo*, 18 maio 1985, p.19.

Ilka Marinho Zanotto. Autran/Tartufo e alquimia teatral. *O Estado de S. Paulo*, 13 abr. 1985, p.20 (acerca também de *O tartufo*).

Obs. Este espetáculo foi apresentado no mesmo teatro, em rodízio com *Tartufo,* no projeto Exercício de Comédia.

*FÊNIX, A MARINHEIRO – ÓPERA BISSEXUAL*. Texto e interpretação: Helena Muller. De 27 jul. 1989 a 6 ago. 1989. Espaço Off.

*FÉRIAS EXTRACONJUGAIS*. Texto: Peter Yelbhan e Donald Churchill. Tradução: Marisa D. Murray. Direção: Attílio Riccó. Cenografia: José Dias. Figurinos: Ronaldo Damian. Iluminação: Lalio Oliveira. Pinturas: Palhinha.

Elenco: Angelina Muniz, Paulo Celestino Filho, Vic Militello, Carlos Capeletti, Maria Helena Nunes, Reynaldo Otero e Andréia Zambrano. De 17 ago. 1988 a 29 jan. 1989. Teatro Taib.

*FERRO E FOGO, A.* Texto e direção: Luiz Carlos Moreira. Cenografia: Cláudio Lucchesi. Trilha sonora: Oswaldo Sperandio. Figurinos e adereços: Attilio Bellini Vaz, Célia Orlandi e Reinaldo Renzo. Fotos (*slides*): Ricci. Elenco do Grupo Apoena: Aiman Hammoud, Antonio Tadeu Di Pietro, Elza Gonçalves, Irací Tomiatto (na versão censurada, que não chegou a estrear: Aiman Hammoud, Irací Tomiatto, Júlia Gomes e Rubens Pereira). De 9 dez. 1981 a 13 jun. 1982. Auditório Augusta.

Crítica: Clovis Garcia. A greve, tema de dois espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 31 dez. 1981, p.14 (acerca também de *Em defesa do companheiro Gigi Damiani*).

Obs.: O espetáculo foi apresentado em evento promovido pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos de Artes e Diversões (Sated/SP), chamado *Auê nos Sindicatos – uma ciranda das artes*, em São Paulo, Osasco, Guarulhos e São José dos Campos.

*FESTA DO PASTORIL CONTA CORDEL E MAMULENGO, A.* Criação e produção: Grupo Teatro Circo Alegria dos Pobres, de Rafael de Carvalho, Bráulio Tavares, J. Barros, Natanael da Costa Oliveira e Pedro Macambira. Elenco: Zinho do Norte, Beatriz Berg e Lucila Tragtemberg. 26 e 27 jul. 1980. Não consta o espaço de representação. De 2 a 13 jun. 1982. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FESTAROLA*. Texto: Célia Gouveia. Direção: Maurice Vaneau. Elenco: Helena Bastos, Mônica Monteiro, Alberi Lima e Aloísio Avaz. De 9 a 12 dez. 1988. Teatro Sérgio Cardoso.

*FESTIVAL DE LADRÕES*. Texto: João Bethencourt. Direção: Carlos Di Simoni. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: Hélio Souto, Ivete Bonfá, Josmar Martins e José Parisi. De 20 mar. 1986 a 25 maio 1986. Teatro Záccaro.

Crítica: Clovis Garcia. Roubar, verbo riso. *O Estado de S. Paulo*, 25 abr. 1986, p.4.

*FICA COMIGO ESTA NOITE.* Texto e direção: Flávio de Souza. Cenografia: Marcos Botassi. Iluminação: Cibele Forjaz. Elenco: Carlos Moreno e Marisa Orth. De 20 set. 1988 até 1989. Teatro Igreja e Teatro Maria Della Costa. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Jefferson del Rios. A alucinada viagem de Flávio de Souza. *O Estado de S. Paulo*, 25 out. 1988.

*FIFTY-FIFTY.* Texto: Jorge Goldenberg. Elenco: Grupo Sensação, com Renato Kramer e Walmor Borges. De 10 abr. 1984 a 27 maio 1984. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Obs.: O espetáculo foi produzido pelo Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral (Celcit), com sede em Buenos Aires que, desde 1975, tem desenvolvido um trabalho relevante para o teatro latino-americano. Além de cursos, palestras e orientações regulares, o Centro conta com significativo acervo de textos teatrais latino-americanos, disponível no endereço eletrônico www.celcit.org.ar.

*FÍGARO.* Texto e interpretação: Duda Costilhes e Artur Kohl. *Show* com números variados. Iluminação: Guilherme Bonfanti. De 15 a 25 abr. 1987. Espaço Off.

*FILHA DA..., A.* Texto: Chico Anísio. Direção: Fábio Sabag. Cenografia: Campana. Iluminação: Vânia Cristina. Elenco: Ilva Nino, Martim Francisco e Fátima Ribeiro. De 5 set. 1985 a 30 out. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*FILHA DA..., A.* Texto: Chico Anísio. Direção e concepção de cenografia: Wanda Marlene. Iluminação e sonoplastia: Renato Pagliaro. Elenco: Wanda Kosmo, José Parisi e Daliléia Ayala. De 3 set. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro das Nações.

*FILHAS DA MÃE, AS.* Texto, música e direção musical: Ronaldo Ciambroni. Direção: Carlos Di Simoni. Cenotécnica: Antonio de Souza. Iluminação: Nilson Raman. Elenco: Vanessa Alves/Zaira Bueno, Ronaldo Ciambroni, Patrícia Scalvi, Nilson Raman, Deise Maria e Dalva Maria. De 13 nov. 1985 a 2 fev. 1986. Teatro Markanti e Teatro Martins Pena.

*FILHO DO CARCARÁ, O.* Texto: Alcides Nogueira Pinto. Direção: Marcio Aurelio. Música e direção musical: José Baptista Martins. Preparação corporal: Theo Motta Jr. Sonoplastia: Flávia Calabi. Elenco: Grupo Os Farsantes, com Arnaldo Valério, Cecília Camargo, Edith Siqueira, João Carlos Couto, Luís Guilherme, Júlia Pascale, Sylvio Mazucca, Fábio Oriente, Jean Arnoult, Marcelo Almada e Maurício Zidiai. De 17 jul. 1980 a 2 nov. 1980. Teatro Faap.

Crítica: Clovis Garcia. A história recente no palco. *O Estado de S. Paulo*, 21 ago. 1980, p.24.

*FILHOS DE DULCINA, OS.* Texto e interpretação: Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Direção: Antônio Fernando C. A. Negrini. Cenografia e figurinos: Carlos Eduardo de Andrade. De 10 set. 1980 a 2 nov. 1980. Teatro do Bixiga e Teatro Experimental Eugênio Kusnet. De 10 a 29 jul. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. Comédia, alívio de tensões. *O Estado de S. Paulo*, 20 set. 1980, p.19 (acerca também de *O bengalão do finado*).

Obs.: Trata-se de texto da mesma dupla de *Quem tem medo de Itália Fausta*, espetáculo de sucesso cuja estreia ocorreu em 1979. Precursores, em São Paulo, de nova onda denominada "teatro besteirol", Magno e Almeida escreveram a primeira obra, cuja origem, de certa forma, pode ser amparada em certos números de cortina do tradicional "teatro de revista". Esses números se caracterizavam em espécies de entre-atos. Enquanto se mudava o cenário do palco, um ou mais artistas, à frente da cortina fechada, apresentava um número específico: piadas, intervenção com a plateia, canto, número musical etc. O besteirol, normalmente amparado em situações cômicas de apelo mais fácil e alicerçado em certos e conhecidos estereótipos do mundo contemporâneo – loura burra, caipira "nerso", homossexual escandaloso etc. –, o "gênero", a partir de criadores como Mauro Rasi e Vicente Pereira, na tradição fluminense, ganhou outras tonalidades com a dupla de autores aqui em epígrafe. Em *Quem tem medo...*, para se ter uma ideia de humor sarcástico da dupla de protagonistas, Fanta Maria e Pandora são duas professoras cujo tema de pesquisa, na pós-graduação, era "A importância dos monossílabos e das interjeições átonas na literatura dramática na Ilha de Java nos últimos 15 dias do século XII a. C."[3]

3 Para outras informações acerca dessa nova modalidade cômica Faria, Guinsburg e Lima, 2006, com verbete preparado por Eudinyr Fraga. Cf. também Bryan 2004, p.24-6.

*FILHOS DO MEDO*. Texto adaptado de romance homônimo de Roniwalter Jatobá por Benê Rodrigues. Direção: Ednaldo Freire. Elenco: Grupo Ponto Final do Teatro Escola Macunaíma, com Ângela Sassine, Monica Zarif, Ângelo de Souza Osório, Arlete Cavaliere, João Carlos Antipon, Maria Helena Figueiredo, Carminda André, Vicente Oraggio, Rosângela Verdi e Walter Valverde. De 15 a 26 fev. 1984. Teatro Arthur Azevedo e outros espaços de representação.

*FILHOS DO SILÊNCIO*. Texto: Mark Medoff. Tradução: Léo Gilson Ribeiro. Direção, sonoplastia e iluminação: José Possi Neto. Cenografia: Felippe Crescenti. Figurinos: Valério S. Wagner. Elenco: Irene Ravache, Odilon Wagner, Flora Geny, Mira Haar, Aldo César, Hélio Abreu e Teresa Freitas. De 21 jan. 1982 a 4 jul. 1982. Sesc Pompeia.

Crítica: Clovis Garcia. Uma boa peça e teatro imperfeito. *O Estado de S. Paulo*, 27 jan. 1982, p.18.

*FILME TRISTE*. Texto e direção: Vladimir Capella. Cenografia: Carlos Pazetto. Figurinos: Valnice Vieira. Preparação corporal: Lenora Lobo. Elenco: Antonio Brandão Arthur Leivas, Ana Maria Surani, Carlos Pazetto, Cibele Troyano, Cida de Assis, Cristina Bosco, Dani Patarra, Eber Mingardi, Eliana Kairuz, Evinha Sampaio, Ge Petean, Ju Rodrigues, Marcos de Jesus Machado, Marcos Favaretto, Nelson Baskerville, Roberto Domingues, Susie Walker, Toni Brandão, Valnice Vieira e Vera Zimmermann. De 5 a 20 maio 1984. Centro Cultural São Paulo. De 21 maio 1984 até 12 ago. 1984. Teatro Arthur Azevedo e outros espaços de representação.

*FIM DAS TRAGÉDIAS, O*. Texto: Filastor Brega. Adaptação livre dos textos clássicos *Édipo Rei, Hipólito, Eletra, Medéia*. Produção: Teatro Abaporu Uku. 18 out. 1986, 19 out. 1986, 25 out. 1986 e 26 out. 1986. Circo Amarelo (Campo de Bagatelli – Anhembi).

*FIM DE CASO*. Texto: Aziz Bajur. Direção: Tom Santos. Elenco: Inês Maria, Kátia Spencer, Maristela Moreno, Mariza Morrone e Gea Sampaio. De 24 nov. 1981 a 11 nov. 1985, com intervalos entre temporadas. Teatro Aplicado.

Crítica: Clovis Garcia. A dramaturgia nacional em dois espetáculos corretos. *O Estado de S. Paulo*, 19 dez. 1982, p.51 (acerca também de *Sobrevividos*).

*FIM DE JOGO*. Texto: Samuel Beckett. Direção: Antônio do Valle. Música: Marcelo Galbetti. Elenco: Cia. Dramática Piedade, Terror & Anarquia, com Fernando Neves, Hugo Della Santa, Antônio Henrique Alberto e Lica Neiame. De 13 ago. 1980 a 28 jun. 1981. Teatro São Pedro (Studio São Pedro), Teatro Paulo Eiró e Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. *Fim de jogo*, no melhor estilo de Beckett. *O Estado de S. Paulo*, 29 ago. 1980, p.23.

*FIM DE TEMPORADA*. Texto: Lílian Lacross. Direção: Adílson Vladimir. Elenco: Ricardo Fernandez e Magda Miranda. Estreia: 22 jul. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*FINADA SENHORA SUA MÃE, A*. Texto: Georges Feydeau. Direção: Maurice Vaneau. 1983. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FIQUE AO MEU LADO*. Texto: Luiz Gustavo Alves. Direção e iluminação: Sebastião Apolônio. Cenografia: Áureo Câmara. Figurinos: Eliana Paiva. Preparação corporal: Sarubbi. Sonoplastia: Nunes Filho. Elenco: Gustavo Luiz, Adler Pellegrini e Alice Faria. Estreia: 10 abr. 1987. Teatro Márcia de Windsor. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*FISCAL FEDERAL* (de *O INSPETOR GERAL*). Texto adaptado por Chico de Assis. Direção: Adilson Rodrigues. Elenco: Yuri Abranovich e outros. 1984. Auditório da Biblioteca Viriato Correia (Vila Mariana). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FÍSICOS – UMA HISTÓRIA MUITO LOUCA, OS*. Texto: Friedrich Dürrenmatt. Tradução: Gert Mayer. Direção: Emílio Fontana. Coreografia: Barthô Rodrigues. Cenografia e figurinos: Luís Rossi. Iluminação: Alex Andreotti. Elenco: Grupo Aldebarã, com Vanderson Fire, Rosy Ciupak, Vlady Reis, Walter Ferreira, Telma Dias, Rosária Gramacho, Mevilton de Freitas, Chris Rover, Thyma Formosart, Paulo de Oliveira, Cinthia Levy e Reginaldo Martinez. De 21 out. 1985 a 23 dez. 1985. Teatro Cenarte.

*FLOR DE MAIO*. Texto: Márcia Furtado. Direção: Henrique Cladan. 1989. Teatro Bela Vista. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*FOGO NA TERRA*. Texto: Benedito Ruy Barbosa. Direção: Mario Masetti. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Cenografia e figurinos: Renato Scripilliti. Coreografia: Silvia Bittencourt. Iluminação: Guto Wagner. Músicas: Oswaldo Sperandio e Renato Primo Comi. Elenco: Gésio Amadeu, Josmar Martins, Maria do Carmo, Mauro de Almeida, Cláudia Campos, Nelson Baskerville, Celso Batista, Vera d'Agostinho, Henrique Lisboa, Luiz Carlos Buruca, Armando Tiraboschi, Carlos Takeshi, Ilza Gonçalves, Valéria Senne, Salete Fracaroli, Mauro Ferraz, Armando Bravi Filho e Sérgio Melo. De 22 ago. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Taib.

Crítica: Clovis Garcia. *Fogo na terra*: encenação que valoriza a volta do Taib à atividade. *O Estado de S. Paulo*, 19 out. 1985, p.15.

Obs.: Em 7 nov. 1985, *Fogo na terra*, além de assistido pelo Ministro da Reforma Agrária – Nelson Ribeiro –, por líderes camponeses e trabalhadores rurais, foi alvo de debate público após o espetáculo.

*FOI BOM, MEU BEM?* Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Ewerton de Castro. Direção musical: Tato Fischer e Wanderley Martins. Coreografia: Juçara Amaral. Cenografia: Ednaldo Freire. Adereços: Sérgio Lopes. Músicos: Zero Freitas, Sérgio Roberto Chica e Eliane Gambini. Elenco: Grupo Mambembe, com Rosi Campos, Ana Lúcia Cavalieri, Calixto de Inhamuns, Genésio de Barros, Norival Rizzo e Maria do Carmo Soares. De 11 nov. 1980 a 31 jun. 1981. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes), Teatro do Supermercado do Pão de Açúcar e Teatro Markanti.

Crítica: Clovis Garcia. Problemas da juventude, tema de três espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1980, p.44 (acerca também de *Aquela coisa toda* e *Exercício da paixão*).

Obs.: O autor ainda não assinava o nome composto Luís Alberto. Com relação à obra, trata-se do primeiro texto do Grupo Mambembe não escrito e nem dirigido por Carlos Alberto Soffredini. Abreu muito deve ao Grupo e ao seu fundador, sobretudo por conta de seu trabalho ter, de certa forma, dado sequência às pesquisas de Soffredini.

Em *O Estado de S. Paulo* (8 jul. 1986, p.2), em *Texto de teatro você não lê, você estuda*, Abreu afirma:

> Quando o trabalho envolve pesquisa de uma época ou personagem histórica, eu acho que a gente tem de pegar a visão mais humana possível, para não cair num tratamento que cabe muito mais a um sociólogo ou historiador. Eu pego as informações e verifico até que ponto a personagem que tenho na cabeça é adequada a elas. Ou seja, não sujeito as personagens aos fatos, mas faço o sistema inverso. Em *Bella ciao*, por exemplo, a Revolução de 32 não importava, mas a Revolução de 24 sim, porque o Brás foi bombardeado e minhas personagens estavam lá.

Com relação ao texto, assim aparece justificado pelo autor, no programa da peça:

> Quando o grupo Mambembe me propôs escrever um texto sobre sexo e amor – tão antigo e repisado assunto –, uma preocupação logo se impôs: como realizar esse trabalho sem, por um lado cair na pornografia gratuita e, por outro, descambar para o melodrama barato? A solução que surgiu através de constantes discussões em grupo foi a de realizar um trabalho simples relatando as distorções de um aprendizado que não nos habilita para um relacionamento natural e sim nos prepara para um mero cumprimento de funções como macho e como fêmea. Um homem racional, prático, eficiente e uma mulher emocional, fantasiosa e subserviente. Essa foi a função que fomos preparados para desempenhar. E o relacionamento só vai subsistir através da aceitação desses papéis ou de um longo e custoso aprendizado.
>
> Foi isso que tivemos em mente com esse trabalho no qual optamos pelo tom geral cômico porque achamos que nenhuma experiência é trágica se não perdermos a capacidade de resistir a ela, e reaprender de maneira mais correta as coisas tortas.

*FOI BONITA TUA FESTA, PÁ*. Adaptação livre de *O dia dos prodígios*, de Lídia Jorge por Fernando Popoff. Direção e trilha sonora: Fernando Popoff. Cenografia e adereços: Charles Geraldi e Cláudia Wata. Apoio teórico: Oscar D'Ambrósio. Figurinos: Carlos Alberto Gardin. Sonoplastia: Murilo Borges. Preparação corporal: Kylza Vallim. Elenco: Charles Geraldi, Cláudia Wata, Fernando Popoff, José Pedro Reis, Luisa Rodenas, Mário Baggio e Tina Cunha. De 9 nov. 1988 a 8 jan. 1989. Teatro Igreja.

*FORA DO AR*. Texto: Rodolfo Santana. Direção e cenografia: Roberto Lage. Iluminação: Nezito Reis. Som e produção de vídeo: Fernando Jacon. Figurino: Tereza Freire. Elenco: Décio Pinto e Wilson Justino. De 28 set. 1987 a 28 fev. 1988. Teatro do Bixiga. 20 mar. 1989. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*FOTOGRAMA*. Roteiro e direção: Júlio Sárkány. Espetáculo de mímica. De 17 mar. 1988 a 2 abr. 1988. Teatro do Bixiga.

*FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO*. Texto: Roland Barthes. Adaptação e tradução: Teresa de Almeida. Direção: Ulysses Cruz. Assistência de direção: Luca Baldovino. Composição musical: André Abujamra. Iluminação: Edvaldo Rodrigues e Domingos Quintiliano. Cenografia e figurinos: Ninette van Vuchelen. Preparação corporal: Mariana Muniz. Elenco: Antônio Fagundes, Mara Carvalho, Marcos Winter e Luís Furlanetto. De 9 mar. 1988 a 6 nov. 1988. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner). De 13 fev. 1988 a 16 mar. 1989. Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita).

Crítica: Charles Magno Medeiros. A paixão segundo Barthes. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1988, p.7.

*FRANGO E A FREIRA, O*. Texto e direção: Orlando Parolini. Cenografia e iluminação: Cláudio Mendel. Elenco do Grupo Ab-Surdo: Sidney Estevam, João Foltran e Orlando Parolini. De 3 a 13 abr. 1982. Tusp.

*FRANKENSTEIN*. Texto: Mary Shelley. Adaptação e direção: Cissa Carvalho e Ricardo Hoflin. Música: Arrigo Barnabé. Trabalho corporal: Lali Krotoszynski. Preparação vocal: Madalena Bernardes. Figurinos: Cissa Carvalho. Elenco: Ary França, Cissa Carvalho, Otávio Dias, Raul Barreto e Ricardo Hoflin. De 4 out. 1985 a 24 nov. 1985. Teatro Cezar.

*FRAULEIN GRADIGES (GRÄDIGES FRÄULEIN)*. Texto: Tennessee Williams. Direção, tradução e iluminação: Stephan Yarian. Cenografia, figurinos e programação visual: Cláudio Lucchesi. Música: Rogério Moraes. Elenco: Sonia Guedes, Analy Álvares, Rosaly Papadopol, Tércio Marinho e Daniel Beeson. De 24 jun. 1987 a 9 ago. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*FREUD NO DISTANTE PAÍS DA ALMA*. Texto: Henry Denker. Tradução, direção e iluminação: Flávio Rangel. Assistência de direção: João Camargo. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Adereços de cena: Carlitos Ferreira. Cenotécnica: Walter Emílio. Direção de cena: João Camargo. Contraregragem: Carrera. Elenco: Ariclê Perez, Edwin Luisi/ Rodrigo Santiago, Vanda Lacerda, Jorge Chaia, Chico Solano, Thaia Perez, Sérgio Mamberti, Newton Oliveira, Déa Peçanha, Claudia Duarte e Leonardo José. De 13 mar. 1985 a 4 ago. 1985. Teatro Aliança Francesa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Sarah e Freud, sedutores. *O Estado de S. Paulo*, 23 mar. 1985, p.22 (acerca também de *A divina Sarah*).

Obs.: Às quartas-feiras, durante a temporada, e sempre após o espetáculo, havia debates públicos com psicanalistas convidados.

*FRIO E O QUENTE, O*. Texto: Pacho O'Donnel. Tradução: Mouzar Benedito da Silva. Direção: Reinaldo Puebla. Cenografia: Grupo Persona. Figurinos: Erica Masotto. Iluminação: Celso Rorato. Sonoplastia: Tuca. Elenco: Bernadete Alonso, Carlos Pita e Pamela Duncan. De 13 ago. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*FULANINHA E DONA COISA*. Texto: Noemi Marinho. Direção: Eric Nowinski. Supervisão: Fauzi Arap. Cenografia e figurinos: Carlos Eduardo Colabone. Iluminação: Reginaldo Fonseca. Trilha sonora: Zero Freitas e Noemi Marinho. Elenco: Cláudia Mello, Martha Mellinger e Antônio de Andrade. De 26 ago. 1988 a 3 maio 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. De 3 a 18 dez. 1988; 14 jan. 1989 e 5 mar. 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Em *Fulaninha...*, os estigmas da solidão. *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1988, p.2.

Obs.: A peça foi escrita no Seminário de Dramaturgia do T.A.RÔ dos Ventos.

*FÚRIA DA TIGRESA*. Texto e concepção geral: Renato Campão. Direção musical: Leo Ferlautho. Iluminação: Guilherme Bonfanti. Espetáculo mescla música e expedientes metateatrais. Elenco: Grupo A Gaita e a Rata (RS), com Elaine Steinmetz, Leo Ferlautho e Renato Campão. De 28 a 31 out. 1987. Espaço Off.

*FUZIS DA SENHORA CARRAR, OS*. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Mário Nascimento. Elenco: Grupo A Jaca Est, com Ademir de Moraes, Wagner Batto, Terê Santiago, Geraldo Fernandes, Gisse Fróes, Edileusa David e Osmar Aguiar. De 7 maio 1980 a 15 jun. 1980. Teatro do Sindicato dos Bancários e Biblioteca Municipal do Ipiranga.

*FUZIS DA SENHORA CARRAR, OS*. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Celso Frateschi. Elenco: Alunos da Casa de Cultura Mazzaropi. 1987. Casa de Cultura Mazzaropi. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GAIOLA – VIDA, SONHOS E LUTAS DA NOSSA CLASSE OPERÁRIA, A*. Texto e direção: José Luiz Andreone e Julian Romeo. Cenografia: Carlos Alemany. Elenco: Rosa Duarte, Eduardo Lima e Rachel Almeida. De 6 maio 1980 a 28 dez. 1980. Circo do Sindicato dos Bancários e Teatro Experimental Eugênio Kusnet. De 6 a 18 maio 1980. O elenco de *A gaiola* foi desdobrado em três, de acordo com os locais das apresentações: Eduardo Lima (Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Circo do Sindicato dos Bancários); Vicente Irineu (Teatro Igreja); Maria Cohen (em espaços da periferia); Maria Inês da Silva (Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Circo do Sindicato dos Bancários); Paulo Marchezan (Teatro Igreja); Mazda Nogueira (Teatro Experimental Eugênio Kusnet); Rosa Duarte (Circo do Sindicato dos Bancários); Wagner Cavaleiro (Teatro Igreja); Julian Romeo (Teatro Experimental Eugênio Kusnet); Walter Selmikaitis (Circo do Sindicato dos Bancários); Alberto Uditi (Teatro Igreja); Paulina Mion (espaços da periferia); Rachel Almeida (Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Circo do Sindicato dos Bancários); Adriana Della Torre (Teatro Igreja) e Domitila (espaços da periferia).

Crítica: Clovis Garcia. Duas adaptações da literatura e espontânea criação coletiva. *O Estado de S. Paulo*, 28 maio 1980, p.16.

*GALAXI*. Texto e direção: Cláudio Roberto Faustino. Elenco: Márcio Giacobelli e outros. 1986. Teatro Arthur Azevedo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GANHAR OU GANHAR*. Texto: Donald L. Coburn. Tradução: Gabriela Rabelo. Direção: Celso Nunes. Cenografia: Antonio e Marcos Petrin. Ilumina-

ção: José Mendes Ferreira Neto. Sonoplastia: Osley Delamo. Elenco: Antonio Petrin, Sonia Guedes e Martins Fonsia. De 8 abr. 1983 a 7 ago. 1983. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho), Teatro Paiol, Teatro Paulo Eiró, Teatro Arthur Azevedo e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. Dois atores em grande momento. *O Estado de S. Paulo*, 25 maio 1983, p.16.

*GAROTA DO GÂNGSTER, A.* Texto: Zeca Capellini e Cláudia Dalla Verde. Direção: Manoel Paiva. Cenografia: Renato Prieto. Figurinos: Idovar Sthal Filho. Iluminação: Rogério M.M. Reis. Som: Nestor de Almeida Filho. Música adaptada: Ney Carrasco. Elenco: Alfredo Damiano, Wladimir Soares, Ciça Camargo, Rosaly Papadopol/Sandra Pêra, José Pinheiro/Paulo Leite, Rosa Maria/Virginia Rosa, Ana Lúcia Cavallieri e Fernando Ózio. Participação especial no filme: Rosa Maria, Virgínia Rosa e Ciça Camargo. De 1 jul. 1986 a 29 ago. 1986. Teatro do Bixiga e Teatro Brigadeiro.

Crítica: Vivien Lando. *A garota do gângster*. A sessão coruja é melhor. *O Estado de S. Paulo*, 8 jul. 1986, p.5.

*GAROTOS DE ALUGUEL.* Texto e direção: Carlinhos Lira. Assistência de direção: Rit Roque. Cenografia e figurinos: José Leal. Som e fotografia: Lauro Rodrigues. Iluminação: Luiz Aran. Elenco: Ana Leão, Carlos Chirotto, Airton Santos, Durval Lakatos, Célio Lacalle e Fernando R. Silva. De 20 maio 1981 a 21 jun. 1981. Teatro da Praça.

*GAROTOS DE ALUGUEL II.* Texto: Carlos Lyra. Direção: Ivan Gonçalves. Sonoplastia: Reinaldo Jacynto. Elenco: Sirley Magri, Rinaldo Zanchetta, Roberto Gabriel, Jefferson Domingos, Ely Moraes, Jurandir Dias, Renato Soares, Silvio Vieira, Aldo Rubini Jr. e Carlinhos Lira. De 21 nov. 1984 a 30 dez. 1984. Teatro Major Diogo.

*GATA POR LEBRE.* Texto: Bricaire e Laygnes. Tradução: Marisa D. Murray. Direção: Kiko Jaess. Cenografia: Julio Fischer. Iluminação e trilha sonora: Armando Bravi. Elenco: Laerte Morrone, Arlete Sales, Hélio Souto, Wolf Maia e Vera Mancini. De 15 jun. 1988 a 29 jan. 1989. Teatro Imprensa.

*GATO DE ESTIMAÇÃO*. Texto: Gerard Lauzier. Tradução: Marisa D. Murray. Adaptação: Luís Fernando Veríssimo. Direção: Cecil Thiré. Cenografia: Frederico Padilha. Figurinos: Tonia Carrero. Iluminação: Cecil Thiré e Hiram Dantas. Elenco: Cláudia Raia, Cecil Thiré, Paulo Celestino e Carina Cooper. De 11 abr. 1986 a 15 jun. 1986. Teatro Hilton.

Crítica: Clovis Garcia. Gargalhadas e um tempero muito erótico. *O Estado de S. Paulo*, 20 abr. 1986, p.4.

*GAY FANTASY*. Texto e direção: Arnaud Rodrigues. Assistência de direção: Reinaldo de Souza. Concepção visual: Joãozinho Trinta. Cenografia: Marco Antônio Palmeiras. Assistência de cenografia: Jorge Edson, Luiz Eduardo Pinheiro e Sara Grossemann. Figurinos: Marco Antônio e Eloína. Coreografia: Fernando Azevedo. Assistência de coreografia: Eduardo Allende. Músicas: Arnaud Rodrigues e Renato Piau. Arranjos: maestro Sérgio de Souza. Cenotécnica: Humberto Silva. Pintura no telão: Fernando Kauê. Adereços: Américo Issa, Billy Acioly, Cláudio Chane e José Paulo Corrêa. Iluminação: Nilson Jorge. Elenco: Rogéria, Veruska, Cláudia Celeste, Marlene Casanova, Eloína, Jane, Eduardo Allende, Edson Heath, Ernesto Grandelli, Gilberto Beiruth, Henrique Sierra, Hugo Getta e Sérgio Bellota. Estreia: 13 abr. 1982. Teatro Procópio Ferreira. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Uma fantasia sem a realização artística. *O Estado de S. Paulo*, 23 abr. 1982, p.27.

*GAY REVIEW*. Revista *gay*, com roteiro, direção e apresentação de Jerry Di Marco. De 17 jan. 1984 a 26 fev. 1984. Village Station Cabaré. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GÊMEOS, OS*. Texto: Wellington de Brito. Direção: Joselita Alvarenga. Cenografia: Roque Palácio. Figurinos: Vânia Lorenzato. Coreografia: Rogério da Col. Elenco: Joselita Alvarenga, André Loureiro e Thaís de Andrade. De 14 set. 1985 a 14 nov. 1985. Teatro do Bixiga.

*GEMINI*. Texto: Albert Innaurato. Tradução: Marcelo Marchioro. Direção: Emílio Di Biasi. Cenografia: Marcos Weinstock. Iluminação: Luiz Carlos Dulcini. Confecção de árvore cenográfica: Mário Costa Sodré. Pintura de

*outdoor*: Milton Rodrigues Alves. Cenotécnica: Sebastião Gotsfrits Reimberg e José Paulo Tuxen. Elenco: Kate Hansen, Júlia Lemmertz, Sonia Guedes, Antonio Petrin, Paulo Castelli, Paulo Ivo e Marcos Frota. De 17 set. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Clovis Garcia. *Gemini*, falta a ação dramática. *O Estado de S. Paulo*, 23 set. 1982, p.21.

*GENI*. Interpretação, roteiro musical e adaptação (a partir da música de Chico Buarque de Hollanda): Marilena Ansaldi. Direção e iluminação: José Possi Neto. Cenografia: Felippe Crescenti. Coreografia: Victor Navarro. Figurinos: Umberto Silva. Direção musical: Paulo Herculano. Roteiro musical: Marilena Ansaldi. Sonoplastia: Jackson Silva. Sonorização: Flávia Calabi. Elenco: Marilena Ansaldi, Acácio Gonçalves, Tânia Bondezan, Ivan Lima, João Mauricio, Armando Tirabosqui, Yetta Hansen, Raimundo Matos, Augusto Rocha e Cristina Brandini. De 16 out. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Franco Zampari.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Geni*, apenas decorativo. *O Estado de S. Paulo*, 19 out. 1980, p.30.

Obs.: O espetáculo foi insistentemente atacado, sobretudo pelo Lions e pelo Rotary Clube. As duas instituições indignavam-se com a letra-título da música do espetáculo e pediam sua censura.

*GENTE VIVE (VOCÊ ACREDITA), A*. Texto e direção: Alfredo Suarez Serrano. Tradução: Hélio Záccaro. Cenografia e figurinos: Rafael Del Rio. Produção: Teatro Jovem. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas. De 27 jun. 1981 a 5 jul. 1981. Teatro Markanti.

*GESTICULADOR, O*. Texto: Rodolfo Usigli. Tradução e direção: José Luís de Oliveira Joy. Elenco do Grupo Pasárgada: Valnice Vieira, José Geraldo Rocha, Israel Zerez e Patrícia Cenache. De 7 nov. 1980 a 31 dez. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*GIOVANNI*. Texto: James Baldwin. Tradução: Caíque Ferreira. Adaptação (do romance *Giovanni's Room*): Hugo Della Santa. Direção, cenografia e iluminação: Iacov Hillel. Cenografia e figurinos: Sérgio Reis. Trilha sonora: Paulo Herculano. Pesquisa: Isa Mara Lando. Sonoplastia: João Batista. Maior

Força: Miriam Muniz. Elenco: Caíque Ferreira, Hugo Della Santa, Roseli Silva, José Fernandes de Lira e Oswaldo Barreto. De 21 mar. 1986 a 31 ago. 1986. Teatro do Bixiga.

Crítica: Clovis Garcia. A superficialidade domina na adaptação de *Giovanni*. *O Estado de S. Paulo*, 26 mar. 1986, p.17.

*GLÓRIA MARIA ESTÁ MORTA*. Texto e direção: João Hilário Jr. Elenco: Grupo Teatro Artístico e Experimental Turma da Elis (Taete). De 17 jul. 1987 a 28 ago. 1987. Teatro Câmara de Arte. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GOD EXPORT*. Colagem de texto de Georg Büchner, Woody Allen e Darcy Figueiredo. Direção: Darcy Figueiredo. Cenografia e figurinos: Grupo. Expressão corporal: Lazara Seugling. Elenco: Grupo Pinus Plof, com Osmar Ângelo, Silvania Barbosa, João Carlos Soares, Hernandes Oliveira, Amaro Marinho e Lazara Seugling. De 17 out. 1986 a 29 nov. 1986. Teatro Ruth Escobar.

*GOLDEN BOY*. Texto, direção e interpretação: Marcelo Mansfield. De 7 abr. 1989 a 14 maio 1989. Espaço Off.

*GORDO E O MAGRO, O*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Maithê Alves. Cenografia: Eurípedes Borges. Elenco: Antônio Fonzar, Roberto Francisco, José Alfredo e Maithê Alves. 1988. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GOSTO DA PRÓPRIA CARNE, O*. Texto: Albert Innaurato. Tradução: Solange Carvalho e Rodrigo Paz. Direção e iluminação: Roberto Lage. Assistência de direção: Fernando Jacon. Música: Kito Siqueira. Sonoplastia: Patrícia Gaspar. Figurinos: Edith Siqueira. Cenografia e programação visual: André Siqueira e Thaís Sogayar. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Maria Alice Vergueiro, Edith Siqueira, Eliana Fonseca, Elias Andreato e Ary França. De 13 ago. 1985 a 20 dez. 1985. Teatro do Bixiga.

*GOSTO DA PRÓPRIA CARNE, O*. Texto: Albert Innaurato. Tradução: Solange Carvalho e Rodrigo Paz. Direção e iluminação: Roberto Lage. Sono-

plastia: Patrícia Gaspar. Cenografia e figurinos: Célia Orlandi. Elenco: Acê Moreira, Célia Orlandi, Eliana Fonseca, José Barbosa e Patrícia Gaspar. De 9 a 13 fev. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*GOSTO DE MEL, UM.* Texto: Shelagh Delaney. Tradução: João Marschner. Direção: Tereza Menezes. Cenografia, iluminação e figurinos: Maria Helena Grembecki. Trilha sonora: Tunica. Preparação corporal: Yolanda Amadei. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Bárbara De La Fuente, Eliana Guttmann, Gabriel Catrellani, Gustavo Bajer e Israel Luziano. De 18 a 23 jan. 1989. De 25 a 29 jan. 1989. Tusp e Projeto Mambembe.

*GOSTO DE MEL, UM.* Texto: Shelagh Delaney. Tradução, adaptação, iluminação e direção: Francisco Solano. Cenografia e figurinos: Coletivo. Trilha sonora: Zero Freitas. Sonoplastia: João Foltran e Sidney Estevam. Elenco: Lucélia Machiavelli, Carmem Mello, João Foltran, Eudes Carvalho e Sidney Estevam. De 23 set. 1981 a 29 nov. 1981. Auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

GOTA D'ÁGUA. Texto: Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes. Direção: Robson Camargo. Elenco: Sonia Francine, Reinaldo Simões, Laerte Mello e outros. 1984. Teatro João Caetano, Teatro Paulo Eiró, Teatro Funarte e Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*GRALHAS, AS.* Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Boanerges. Música: Nando Carneiro. Elenco: José Mauro Padovani e Walmor Borges. De 11 mar. 1981 a 12 abr. 1981. Teatro João Caetano e Teatro Arthur Azevedo.

*GRAND FINALE.* Texto, cenografia, trilha sonora e iluminação: Flávio de Souza. Figurino: Mira Haar e Carlos Moreno. Coreografia: Marilena Ansaldi. Elenco: Lennie Dale e Marilena Ansaldi. De 22 mar. 1985 a 14 abr. 1985. Espaço Cultural Mambembe.

*GRANDE E PEQUENO.* Texto: Botho Strauss. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Celso Nunes. Assistência de direção e direção de cena: Creusa de Carvalho. Cenografia: Hélio Eichbauer. Figurinos: Dina Eichbauer. Seleção

musical, composição e arranjos: Pietro Maranca. Iluminação: Aurélio de Simoni. Contrarregragem: Marcelo Ribeiro e Bobby Jacob. Elenco: Renata Sorrah, Selma Egrei, Caíque Ferreira, Joyce de Oliveira, Telmo Faria, Catalina Bonaki, Roberto Lopes, Ada Chaseliov, José de Abreu, Paulo Villaça e Abrahão Farc. De 9 out. 1985 a 1 dez. 1985. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*GRANDE FESTA DOS ARTISTAS*. Improvisações com artistas de teatro, circo, cinema, TV e dança, procurando mobilizar a classe teatral para o fortalecimento do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo. Promoção: Chapa Única. Projeto SP. Dia 5 jan. 1986.

*GRANDE LÍDER, O*. Texto: Fernando Jorge. Direção: João Batista de Moraes. Elenco: Edgar Franco, Carlos Koppa, Malu Braga, Marcelo Gastaldi, J. F. G. Filho, Malu Braga e Valkíria. De 29 set. 1982 a 30 dez. 1982. Auditório Cidade de São Paulo.

*GRANDE MOTEL*. Texto e direção: Ewerton Capri Freire. Cenografia: Miguel Saliby. Direção musical: Marcelo Izar. Locução: Sílvia Carneiro. Direção de visual e fotografia: Dimas Schittini. Elenco: Aldine Muller/Matilde Mastrangi e Paulo Wolff/Paulo Leite. De 28 out. 1983 até 17 fev. 1985. Teatro Márcia de Windsor.

Crítica: Clovis Garcia. Motel, tema de peças divertidas, mas sérias. *O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1983, p.15 (acerca também de *Coragem, meu bem, coragem; Motel Paradiso; O infalível Doutor Brochard*).

*GRANDE REVISTA, A*. Roteiro e direção: Abelardo Figueiredo. Elenco: Dercy Gonçalves e Luiz Carlos Braga (ator convidado). De 12 jan. 1989 a 19 mar. 1989. Palladium.

*GRANDE SERTÃO: VEREDAS*. Adaptação, a partir de obra homônima de João Guimarães Rosa: Carlos Rocha. Direção e iluminação: Carlos Rocha. Cenografia e figurinos: Niura Bellavinha. Adereços: Nicia Mafra, Kátia Guerra, Niura Bellavinha e Helvécio Izabel. Pesquisa musical: Gilberto Amâncio. Elenco: Cia. Sonho e Drama (Belo Horizonte/MG), com Cida Falabella, Paulo Lisboa, Helvécio Izabel, Simone Ordones, Juliana Contijo,

Luiz Maia, Evandro Rogers, Oswaldo Junior e Rodolfo Vaz. De 24 jul. 1985 a 18 ago. 1985. Auditório do Museu de Arte de São Paulo e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ*. Texto: Fernando Melo. Direção: Humberto de Souza. Direção de elenco: Moisés Machado. Cenografia e figurinos: Letícia Gomes. Iluminação: Fernando Paiva. Sonoplastia: Paulo Simões. Elenco: Kaká Freitas, César Friche e Cida Fraga. De 10 abr. 1986 a 29 jun. 1986. Teatro Caetano de Campos.

*GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ*. Texto: Fernando Melo. Direção: Afonso Gentil. Elenco: Alexandre Dressler, Marlene Santos e Paolino Raffanti. Estreia: 7 set. 1982. Teatro das Nações e Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ*. Texto: Fernando Melo. Direção: Carlos Di Simoni. Elenco: Hilton Have, Nair Cristina e Bruno Barroso. De 13 jun. 1980 a 28 dez. 1980. Café Teatro Odeon e Teatro das Nações.

*GRITA PAIXÃO*. Texto: Walcyr Carrasco. Direção e iluminação: Maurice Vaneau. Cenografia: Cyro del Nero. Trilha sonora: Tunica. Figurinos: Suely Cencini. Música-tema: Antonio Rafael dos Santos e Grupo Pippoka. Elenco: Fúlvio Stefanini e Cléo Ventura. De 17 abr. 1986 a 6 jul. 1986. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Svener).

Crítica: Vivien Lando. Uma paixão requentada. *O Estado de S. Paulo*, 7 maio 1986, p.4.

*GRITARIA NOS MUROS DA CIDADE* (ou, em outras fontes, *IMPRECAÇÃO DIANTE DOS MUROS DA CIDADE*). Texto: Tankred Dorst. Adaptação: Paulo Leminski. Tradução: Maria Tereza Linhares e Carlos Queiroz Telles. Direção: Fernando Rodrigues de Souza. Cenografia e figurinos: Rosa Magalhães. Iluminação: Juba Machado. Preparação corporal: Oldair Amadeu. Música: José Penalva. Elenco: Central de Produções da Fundação Teatro Guaíra, com Ivette Hofmann, João Luiz Fiani, Luiz Melo e Paulo C. M. Buttune. De 27 a 31 mar. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*GRITO DO CACHORRO, O.* Texto: Mah Luly. Direção: Nery Gomide. Elenco: Cristina Cezar, Ricardo Guyash, Valéria di Pietro e Yara Grey. De 11 jul. 1988 a 27 set. 1988. Teatro Zero Hora.

*GRITO PARADO NO AR, UM.* Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Direção, cenografia e figurinos: Herton Roitman. Iluminação: Davi de Brito. Elenco: Grupo Teatral Itaú, com Bira Ronchi, Manolo Bastos, Mara Rocha, Roberto Guimarães, Sueli Tibério e Zezé Marques. Setembro de 1986. Teatro Célia Helena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*GRITO PARADO NO AR, UM.* Texto: Gianfresco Guarnieri. Direção: coletiva. Elenco: Ade Oliveira, Cléo Moraes, Marapuã de Oliveira, Marcos Bonsucesso, Wado Gonçalves, Marla Ohara e Tina Santos. Apresentação em 11 out. 1986, no 10º Festival de Teatro do Sesc. 1986. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*GROSSO MODO, A.* Roteiro: Lu Martan. Supervisão: Myriam Muniz. Figurinos: Lu Martan para *O burguês fidalgo,* de Molière; Ornella Venturi para *O defunto,* de René de Obaldia. Iluminação: Celso Rorato. Trilha sonora: Wanderley Ribeiro. Elenco: Lu Martan, Sebastião Apolônio e Miguel Bretas. Estreia: 10 ago. 1987. Auditório ALS. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*GUARANI, O.* Texto: Carlos Gomes. Direção artística e musical, criação dos bonecos, cenografia e roteiro: Álvaro Apocalypse. Adaptação musical: Raul do Valle. Figurinos: Álvaro Apocalypse e Teresinha Veloso. Manipuladores: Maria do Carmo V. Martins, Teresinha V. Apocalypse e outros. Apresentado pelos bonecos do Grupo Giramundo. Pintura de telão: Wilde Lacerda. Músicas ao vivo. De 1 e 2 ago. 1987. Teatro Sesc Pompeia.

*GUARANI, O.* Texto inspirado em José de Alencar, com libreto de Antonio Scalvini e Carlos D'Ormeville. Escrito por Carlos Alberto Soffredini. Direção: Luiz Otávio Burnier (do Laboratório Unicamp de Movimento e Expressão). Música: Denise Garcia. Cenografia e figurinos: Irineu Chamiso Jr., Ana de Lacerda e Fábio Namatame. Iluminação: Mário Martini. Arranjo para violão

da canção de Ceci: Cláudio Lucci. Adereços: Marco Antonio Lima. Adereços em metal: Kiokawa. Elenco: Quadricômico Teatro Mímico, com Eduardo Márquez, Eli Daruy, Fábio Namatame, Gisela Arantes, Carlos Simioni e Nina Barros. De 8 set. 1986 a 25 nov. 1986. Teatro Ruth Escobar.

*GUARDA-CHUVA DO DESEJO, O*. Texto: Orleyd Faya. Direção: Cléo Bussato. Estreia: 4 abr. 1987. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*HÁ VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO*. Texto: Alcione Araújo. Direção: Lineu Constantino. Elenco: Grupo de Teatro Amador Voo Livre, com Lígia Waib, Maria Rita Viana e Rosa de Paula. 1986. Auditório Bacarelli. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*HABBEAS CORPUS* (*QUE TU TENHAS TEU CORPO*). Texto: Luiz Fernando Guimarães e Joel C. Oliveira. Direção: Nelson Baltrusis. Músicas: Edgar Ferreira. Músicos: Ricardo Fernando, Zé Antonio e outros. Concepção: Zé Celso. Elenco: Grupo The Ato SP-BR (da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco), com Edgar e Sandi. De 10 jun. 1985 a 5 set. 1985. Faculdade de Direito da USP (Sala dos Estudantes) e Teatro Zero Hora.

*HAIR*. Texto: Jerome Ragni, James Rado e Galt Mac Dermo. Adaptação: Consuelo de Castro (também adapta as letras das músicas). Tradução: Lilio Alonso e Gilberto di Piero. Direção: Antonio Abujamra. Músicas: Gaet Mac Dermot. Figurinos: Domingos Fuschini e Luca Baldovino. Iluminação: Mário Martini. Coreografia: Clarisse Abujamra. Cenografia: Campello Neto. Direção musical: Oswaldo Sperandio. De 13 maio 1987 a 6 set. 1987. Teatro Jardel Filho. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Crítica: Charles Magno Medeiros. *Hair*, um desagradável gosto de requentado. *O Estado de S. Paulo*, 29 maio 1987, p.7.

*HAMLET*. Texto: William Shakespeare. Adaptação: Marcio Aurelio e Antônio Góes. Direção: Marcio Aurelio. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Adereços: Luís Rossi, Paulo Moraes e Carlos Riviera. Programação visual: Márcio Medina. Iluminação: Mário Martini e Marcio Aurelio. Música e direção musical: Lívio Tragtemberg. Músicos: Lívio Tragtenberg,

Krummhorn, Koiti Watanabi, Balour Liessenberg, Aldo Barbieri, Marília M. Fernandes, Alain Lacour, Luis Ramosta, Gunter Pusch, Sergio Cascapora, Gilberto Siqueira, Mario Rocha, Daniel Havens, Antonio Ceccato, Wagner Polistchik, Felipe Ávila, Lucila Tragtemberg e Damilton Viana. Máscaras: Luigi Migliaccio (Veneza). Elenco: Celso Frateschi, Sérgio Mamberti, Ester Góes, Chico Martins, Edson Celulari, Mayara Magri, Carlos Augusto Carvalho, Taumaturgo Ferreira, Carlo Briani, Márcio Martini, Guilherme Abrahão e André Ceccato. De 17 out. 1984 a 31 mar. 1985. Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Hamlet*, as falhas não empanam a importância. *O Estado de S. Paulo*, 1 nov. 1984, p.22.

*HAMLETMACHINE*. Texto: Heiner Müller. Tradução: Reinaldo Mestrinel. Direção e iluminação: Marcio Aurelio. Concepção geral: Marilena Ansaldi e Marcio Aurelio. Direção: Marcio Aurelio. Concepção geral: Marilena Ansaldi e Marcio Aurelio. Figurinos, cenografia e trilha sonora: Marilena Ansaldi e Marcio Aurelio. Pintura de painel: Ermelindo Nardin. Elenco: Marilena Ansaldi. De 17 jun. 1987 a 9 ago. 1987. Teatro Igreja. 1 maio 1988. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Teatro Lua Nova. De 29 jul. 1988 a 28 ago. 1988. Teatro Bela Vista.

*HAMLETO, O*. Texto: Giovanni Testori. Tradução: Ana Maria Seabra. Direção: Antonio Abujamra. Elenco: Françoise Fourton, Iara Pietricovsky, Tânia Bondezan, Denise Aracelli, Eleonora Rocha, Fernanda Abujamra, Cuca Caiuby, Arlete Sbrighi e Cristina Barros. De 12 mar. 1985 a 2 ago. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Crítica: Clovis Garcia. *O Hamleto*, montagem audaciosa e renovadora. *O Estado de S. Paulo*, 3 abr. 1985, p.16.

*HAMLETO, O*. Texto: Giovanni Testori. Tradução: Ana Maria Seabra e Mário Scacciaglia. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Patrícia Figueiredo. Cenografia e figurinos: Domingos Fuschini. Direção musical: Júlio Medaglia. Iluminação: Hugo Barreto e Aparecido André. Sonoplastia: Luís Ricardo de Oliveira. Direção de cena: Plínio Passos. Elenco: Emílio Di Biasi, Ricardo de Almeida, Miguel Magno, Denise Stoklos, Armando Tiraboschi, Armando Azzari, Thales Pan Chacon, Yeta Hansen, Paulo Yutaka, Kátia

Suman, Zenaide, Arlete Sbrighi e Cristina Barros. De 27 jan. 1982 a 28 mar. 1982. Teatro Brasileiro de Comédia e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. A quebra das convenções em espetáculo desafiante. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 1982, p.27.

*HAPPY END*. Texto: Bertolt Brecht, Kurt Weill e Elizabeth Hauptmann. Direção: Augusto Francisco. Elenco: Adenor Simões, Delurdes Moraes, Izabel Ortiz, Jorge Roff, Jaqueline Cordeiro, José Puppo, Marcos Moraes, Plínio Luppino e Samir Signeu. 1986 e 1987. Tusp e Teatro Igreja. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*HAPPY END*. Texto: Bertolt Brecht, Kurt Weill e Elizabeth Hauptmann. Tradução: Marcelo Kahns. Tradução das canções: Cacá Rosset. Adaptação do texto: José Lavigne. Direção: Paulo Reis. Direção musical: Duda Neves. Iluminação: Luís Paulo Nenén. Figurinos: Silvia Sangirardi. Coreografia: Zdenek Hampl. Músicos: Susy Schwartz, Eliane Teplik, José Rosalvo, Josué Domingues, Manoel Leão e Duda Neves. Elenco: Grupo Pessoal do Despertar (RJ), com Paulo Reis, Ilse Rodrigues, Maria Padilha, Carlos Wilson, Sebastião Lemos, Rogério Emerson, Chico Marques, Mário Roberto e Luciana Macowiecky. De 5 ago. 1981 a 6 set. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Happy end*: atual e arrebatadora. *O Estado de S. Paulo*, 29 ago. 1981, p.18.

*HARPIAS E OGROS*. *Performance* com criação coletiva. Produção, direção e elenco: Grupo Harpias e Ogros, com Giovanna Gold, Grace Giannoukas e Ângela Dip. 31 mar. 1986. Estação Madame Satã.

*HEDDA GABLER*. Texto: Henrik Ibsen. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Gilles Gwizdeck. Cenografia e iluminação: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Adereços: Vicentina Novelli, Pablo e Carlos Ferreira. Elenco: Dina Sfat, Francisco Cuoco, Otávio Augusto, Edney Giovenazzi, Sura Berditchevsky, Estelita Bell e Gilda Sarmento. De 5 mar. 1983 a 1 maio 1983. A Hebraica.

Crítica: Clovis Garcia. O esmero formal de *Hedda Gabler*. *O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1983, p.38.

*HEI, HITLER, ANAUÊ!* Texto: Ivaldo de Carvalho. Direção: Augusto Maciel. Elenco: Berg Bergman e Antonio Rossam. 1989. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*HELENA*. Texto: Alberto Pugnalin. Direção: Clarisse Abujamra. Elenco: Carolina de Ó, Chico Solano, Márcia Regina, Marta Meola e Adenor Luiz Simões. De 30 jun. 1988 a 12 set. 1988. Dancing Teatro Terceiro Tempo.

*HELLO, BOY!* Texto: Roberto Gil Camargo. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Fernando Jacon. Programação visual e espaço cênico: Elifas Andreato. Preparação corporal: Vivien Buckup. Ambientação: Lucas Baldovino. Figurinos: Domingos Fuschini. Adereços: Fábio Beluzzo Brando. Elenco: Elias Andreato e Renato Modesto. De 15 abr. 1986 a 18 maio 1986. Teatro Domus e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Vivien Lando. Édipos e Electras a ver navios. *O Estado de S. Paulo*, 24 abr. 1986, p.4.

*HERANÇA, A.* Coordenação da montagem: Ben Abraham. Participação especial: Dina Sfat e Wilson Fragoso. Com o Grupo Juvenil da Wiso: Dor Chadash. 10 abr. 1983. Teatro A Hebraica.

Obs.: Espetáculo em comemoração ao 40º aniversário do Gueto de Varsóvia.

*HERDEIRA, A.* Texto: Henry James, adaptado por: Ruth e Augustus Goetz. Tradução: Ricardo Rangel e Flávio Rangel. Direção e iluminação: Flávio Rangel. Cenografia: Túlio Costa. Figurinos: Ninette van Vuchelen. Trilha sonora: Murilo Alvarenga. Elenco: Miriam Mehler, Kito Junqueira, Sérgio Viotti, Laura Cardoso, Susy Arruda, Mirtes Mesquita, Sonia César, Tatiana Nogueira e Marcos Mello. De 25 jul. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Itália.

Crítica: Clovis Garcia. Uma revolução cênica insuperável. *O Estado de S. Paulo*, 23 ago. 1985, p.15.

*HETERÔNIMOS DE FERNANDO PESSOA, OS.* Adaptação e interpretação: Ayrton Salvagnini, do Grupo Pó de Guaraná. Concepção cênica e figurinos: Hugo Marinelli. De 16 a 26 fev. 1988. Pequeno Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

*HIENAS, AS.* Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Marapuã de Oliveira. Elenco: Eduardo Valente, Valéria March, Rick von Dents e outros. De 6 jan. 1989 a 29 set. 1989. Teatro Bela Vista.

*HIENAS, AS.* Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Josias B. Montegan. Elenco: Sérgio Migliaccio, Adenor Simões, Alberto Amorim e Rosana Rezende. De 1 abr. 1987 a 10 maio 1987. Teatro Sadi Cabral.

*HIENAS, AS.* Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Kleber Afonso. Elenco: Roberto Orosco e Wilson Fragoso. 1980. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*HISTÉRICA HISTÓRIA, UMA.* Texto: Gugu Oliveira (Tutuca). Direção: O. Cazarré. Elenco: Suzana Queiroz, Alcyr Cobucci, Hugo Gross, Zoraide Vieira e Sérgio Lannes. De 17 a 21 set. 1986. Teatro Randi. De 23 a 28 set. 1986. Teatro Paulo Eiró. De 1 out. 1986 a 28 nov. 1986. Teatro Márcia de Windsor.

*HISTÓRIA DE FUGA, PAIXÃO E FOGO.* Texto (baseado em *Os fugitivos,* de Alejo Carpentier) e direção: Ilo Krugli. Elenco do Grupo Teatro Ventoforte: Alice Gonçalves, Ilo Krugli, Berenice Boeder, Márcia Cabral, Fernando Gatti, Márcia do Maranhão, Tião Carvalho, Graziela Rodrigues, Thaia Perez e Paulo César Brito. De 5 nov. 1982 a 31 dez. 1982. Teatro Sesc Pompeia.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O Ventoforte sem fazer jus a seu talento. *O Estado de S. Paulo*, 20 nov. 1982, p.20 (acerca do trabalho e da importância do Ventoforte e do espetáculo).

*HISTÓRIA É UMA ESTÓRIA, A.* Texto: Millôr Fernandes. Direção: Otto Prado. Cenografia: Alna Ferreira. Figurinos: Alna Ferreira e Eleonora Ferreira. Iluminação: Reginaldo Zarpa. Sonoplastia: Hélcio Vidal. Elenco: Alma Prado, Eleonora Prado, Hélcio Vidal e Reginaldo Zarpa. De 24 set. 1988 a 30 dez. 1988. Teatro Cenarte.

*HISTÓRIA É UMA HISTÓRIA, A.* Texto: Millôr Fernandes. Direção: Nadine Stambouli Trzmielina e Aparecido Leonardo. Elenco: Grupo Raízes

da Terra, com Blanche Skidnevski, Daniela Meshulam, Daniela Paula Gelamn e Estela Braganich. 22 out. 1983. Teatro A Hebraica.

*HISTÓRIA GERAL DAS ÍNDIAS*. Texto: José Vicente. Direção: Roberto Nogueira. Cenografia e adereços: Eduardo Silveira. Elenco: Roberto Nogueira, Clóvis Gonçalves e Eduardo Silva. De 10 maio 1984 a 9 set. 1984. Teatro Paulo Eiró e outros espaços de representação.

*HISTÓRIA PARA CONTAR, UMA*. Texto: Grupo BJ5. Direção: Cláudia Mello. Elenco: Grupo BJ5, com Isabel Cristina, Miriam Krenus, Paulo Eugênio e Renata Facuri. De 26 a 29 out. 1986. Espaço Off.

*HISTÓRIAS ORDINÁRIAS*. Texto e direção: Jamil Dias. Direção musical: O. Cruz do Valle. Coreografia: Beto Martins. Figurinos: May Suplicy. Elenco: Augusto Pereira da Rocha, Cláudia Mello, Oswaldo Boaretto Jr. e outros. De 16 maio 1982 a 1 set. 1982. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*HOLLYWOOD QUE SE CUIDE*. Texto, direção e coreografia: Marcelo Mansfield. Supervisão: Carlos Fariello. Cenografia: Rosana Shimdt. Figurinos: Madalena Machado. Iluminação: Rosana Olivares. Trilha sonora: Mario Luiz Buonfiglio. De 17 abr. 1986 a 17 ago. 1986. Auditório ALS e Espaço Off.

*HOMEM DA FLOR NA BOCA, O*. Texto: Luigi Pirandello. Elenco: Carlos Palma e Eduardo Tornaghi. 1986. Teatro do Bixiga. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*HOMEM DO PRINCÍPIO AO FIM, O*. Texto: Millôr Fernandes. Direção: Carlos Di Simoni. Figurinos e cenografia: Eurico Martins. Elenco: Manoel Luiz Aranha, Neusa Maria Faro e Eurico Martins. De 6 jun. 1979 até 27 jan. 1980. Reestreia: 12 mar. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro), Teatro Paulo Eiró e Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*HOMEM ELEFANTE, O*. Texto: Bernard Pomerance. Tradução: Isabel Rupaud e Paulo Autran. Direção: Paulo Autran. Assistência de direção: Ar-

naldo Dias. Cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Direção de cena: Ricardo Muniz. Adereços: Roberto Martins (Neneco). Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Pintura de telões: Flávio de Souza, Marcos Botassi e Sílvia Millniki. Elenco: Antônio Fagundes, Ewerton de Castro, Karin Rodrigues, Carlos Vergueiro, Helena Pacheco, Arnaldo Dias, Ricardo Muniz, Hedy Siqueira, Tácito Rocha, Helinho, Sandro Francischetti e Day N. Borba. De 28 maio 1981 a 27 dez. 1982. Teatro Faap e Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Vibração contínua em *O homem elefante*. *O Estado de S. Paulo*, 7 abr. 1981, p.42.

*HOMEM QUE NÃO BOTAVA OVO, O.* Direção: Val Folly. Elenco: Umberto Silva. Teatro do Bixiga. 1988. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*HOMEM QUE NASCEU DUAS VEZES, O.* Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Tácito Rocha. Iluminação e sonoplastia: Alex Andreotti. Trilha sonora: Adriano Capobianco. Figurinos: Mara Faustino. Elenco: Grupo Funilarte, com Ana Cláudia Bringel, Carlos Ojeda, Mara Faustino, Cida Vieira, Mauro Marelli, Nerlei Paulino, Ricardo Colombo, Vera D. e Diva Figueiredo. De 11 abr. 1984 a 28 out. 1984. Teatro Arthur Azevedo, Teatro Paulo Eiró e Teatro Markanti.

*HOMEM RATO, O.* Baseado no conto *O rato,* de Toninho Neto. Roteiro e direção: Ângela Dip, Grace Giannoukas e Élcio Rossini. Elenco: Ângela Dip e Raul Barreto. De 18 maio 1989 a 6 nov. 1989. Espaço Off, Espaço Aeroanta e Teatro do Bixiga.

*HOMEM SEM H*. Texto: Costinha e Emanuel Rodrigues. Direção: Lauretti Guzzardi. Elenco: Costinha, Carla Maia, Maria Quitéria e Nélson Donner. Estreia: 6 maio 1982. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*HOMENAGEM A FLAVIO IMPÉRIO/MOMENTOS DE GARCIA LORCA*. Texto: Federico García Lorca. Criação coletiva: Grupo de Teatro do Espaço Viver. Direção: Myrian Muniz. Cenografia: Maria Helena Grembecky e Cecília Cerroti (Loira). Figurinos e máscaras: Maria Helena Grembecky.

Iluminação: Iacov Hillel, Cacá d'Andretta e Paulo Macedo. Direção musical: Zebba Dal Farra e Isa Mara Lando. Preparação corporal: Sandra Rodrigues e Zé Maria. Elenco: Isa Mara Lando, Itália Ferri, Maria Helena Grembecki, Paulo Macedo, Sandra Rodrigues, Tereza Menezes, Zebba Dal Farra, Adriana Muniz de Mello, Alceste Madella, Ana Codha, Ângelo Lopes Molina, Beatriz Soubine, Costa J., Celso Simões, Edla Pedroso, Fernanda Muniz, Fernando A. Pinto Teixeira, Kiko Ribeiro, Marcelo Braga de Carvalho, Márcia Manfredini, Marcos Vinícius, Maria Alípia Guimarães, Maria Amália Ribeiro, Maria Cecília Simões Magro, Maria Tereza de Carvalho Mattoso, Marina Piedra Guanaes, Maurício de Miranda Paranhos, Muriele Matolon, Paula Meinbery, Regina Remencues, Rosa Beatriz Gouveia da Silva, Sonia Gama, Sylvia Chames, Valéria Poyares, Wander Clifton, Bartira Nunes Telles, Cláudia Pacheco, Eduardo Florian e Elba Ofélia D'Elia. Museu da Casa Brasileira. 19 de dezembro de 1985.

*HOMENAGEM A SAMUEL BECKETT. Performance. Happy Days*, com Grace Giannoukas, Erick Passos e Paulo Yutaka. *O vídeo Peças em jogo*, com o Grupo Metairon. 14 abr. 1986. Estação Madame Satã.

*HOMO DRAMATICUS*. Texto: Alberto Adellach. Tradução, adaptação e direção: Reynaldo Puebla. Execução de músicas: Naná Vasconcelos. Sonoplastia: Cristina Oka. Iluminação: Adelaide Machado. Preparação corporal: Pamela Duncan. Elenco: Luiz Lopes, Célia Torres, Ivaldo Dantas, Daniel Buturi, Ivone Rodrigues, Ronaldo Goulart, Edil Costa, Ailton Santos Silva, Arlindo Guimarães, Isabel Pricoli e Viktor Moreira. De 19 mar. 1981 a 30 ago. 1981. Teatro da Praça e Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

*HORA DA ESTRELA, A*. Texto: Clarice Lispector. Adaptação e direção: Carlos Caetano. De 30 nov. 1979 a 3 mar. 1980. Teatro Abertura e Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, A*. Texto: Guimarães Rosa. Adaptação: Grupo de Teatro Macunaíma e Antunes Filho. Direção: Antunes Filho. Figurinos: Noêmia Mourão. Assistência de figurinos e projeto dos objetos de cena: Ricardo Karman. Adereços: José Rosa, com execução do

Grupo de Teatro Macunaíma. Seleção musical: Grupo de Teatro Macunaíma. Iluminação: Davi de Brito. Linguagem corporal: Paula Martins. Movimento e expressão bioenergética: Jou Eel Jia. Preparação vocal: Marlene Fortuna. Elenco: Raul Cortez, Arciso Andreoni, Carlos Gomes, Cláudia Cavalheiro, Dario Uzam, Elias Batista, Francisco Carvalho, Geraldo Mário, Giovanna Gold, Jefferson Primo, José Rosa, Kátia Regina, Lazinha Pereira, Luís Melo, Luiz Fernando de Rezende, Malu Pessin, Marlene Fortuna, Regina Remencius, Valdir Ramos, Walter Portella e Warney Paulo. De 8 maio 1986 a 31 ago. 1986. Teatro Anchieta. 1987. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Com feição de milagre. *O Estado de S. Paulo*, 6 maio 1986, p.3.

Obs.: Em entrevista já mencionada, a atriz Lígia Cortez, filha de Raul Cortez, declarou que seu pai dizia:

> Eu preciso trabalhar com o Antunes, eu vou voltar com o Antunes. Eu acompanhei esse movimento: Antunes querendo trabalhar com Raul e o Raul querendo trabalhar com Antunes. Será que isso daria certo? Bem, meu pai entrou no grupo de pesquisa mesmo. Não foi um espetáculo que estava pronto e tal. Augusto Matraga foi um negócio! De incrível, de lindo, de forte. Acho que veio, sim, daquela vontade de *A pedra do reino* que não saiu. [...] O Antunes sempre gostou do Guimarães Rosa. Eu lembro sempre de ele ter duas ou três pessoas trabalhando o universo do *Grande sertão veredas*. Não me surpreende que Antunes venha a fazer um novo. Acho que a coisa do Antunes é o universo brasileiro. Quando ele pega o universo brasileiro, é outro *Matraga, Macunaíma, A pedra do reino,* o próprio Nelson Rodrigues, *Vereda da salvação*!

*HORÁCIO.* Texto: Heiner Müller. Direção: Marcio Aurelio. Máscaras: Helô Cardoso. Trilha sonora: Cacá Soares. Elenco: Celso Frateschi. De 10 ago. 1989 a 23 dez. 1989. Teatro do Bixiga.

*HORÁCIOS E CURIÁCIOS*. Texto: Bertolt Brecht. Tradução e coordenação pedagógica: Ingrid Dormien Koudela. Direção: Hugo Villavicenzio e Paulo Yutaka. Percussionista: Décio Giorelli. Criação visual: Paulo Moraes. Direção musical: César Assolant. Assessoria musical: Tato Fischer. Iluminação: Nezito Reis. Assistência de iluminação: Guilherme Bonfante. Acompanhamento da pesquisa: Zeca Capellini. Elenco: Clayre Gallizzi, Guilherme Bonfanti, Lucy

Bianco, Carolina de Ó, Rita Niskier, Maurício Lancastre, Paulo Yutaka, Valéria Senne, Antônio Rodante, Larin Ianni, Vânia Leite, Paulo Moraes, Celina Fujii, Mônica Jurado, Dirce Carvalho e Irineu Pinheiro. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno). 17 nov. 1986. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Obs.: Espetáculo decorrente de oficina promovida pela Cooperativa Paulista de Teatro: *O outro lado de Bertolt Brecht*. Desse evento resultaram ainda as *performances* apresentadas no Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*HÓSPEDE INESPERADO, O*. Texto: Agatha Christie. Tradução: Gert Mayer. Direção: Afonso Gentil. Cenografia e figurinos: Márcia Mello. Sonoplastia e iluminação: Narcísio Silva. Elenco: Alexandre Dressler, N. N., Marlene Santos, Tina Rinaldi, Milton Cecílio, Elvira Gentil, Wilson Ribaldo, Jésus Padilha, Gustavo Pinheiro e Paolino Raffanti. De 18 jan. 1980 a 18 maio 1980. Teatro Markanti.

*HOTEL DOS MEUS AMORES*. Texto: Miguel Santos. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Luy Gobbi. Figurinos: Leila Caran. Elenco: Aprígio Germano, Leila Caran, Misael Maia, Carla Zanocco, Fran Costa, Luy Gobbi, Davi Maffer, Miguel Ângelo, Franciscarlos e Di Paula'J. De 7 nov. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Zero Hora.

*HOTEL PURAMENTE FAMILIAR*. Texto e direção: Emanuel Rodrigues. Elenco: Zilda Mayo, André Resende, Noelle Pime e René Mauro. De 3 nov. 1981 a 20 dez. 1981. Teatro Abertura.

*HUMOR E CULTURA*. Texto, produção e interpretação: Gil Bráulio. De 22 fev. 1983 a 6 mar. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*HYBRIS*. Texto: Maria Isabel Setti e Olair Coan. Direção: A. C. Moreira. Elenco: Maria Isabel Setti, Olair Coan e Paulo Macedo. De 26 ago. 1982 a 5 set. 1982. Teatro João Caetano.

*HYSTÉRIA*. Texto (*opera-collage*): Jacques Teboul. Direção: Jacobo Romano e George Zuluela. Elenco: Grupo Acción Instrumental. De jul. a ago. 1982. Teatro Sesc Pompeia.

Crítica Mariangela Alves de Lima. Sob o fascínio de uma arte elaborada. *O Estado de S. Paulo*, 29 jul. 1982, p.21.

*IAIÁ GARCIA*. Texto: Machado de Assis. Adaptação e direção: José Teotônio. Elenco: Grupo Teatro Íntimo, com Cíntia Abreu, Andréia Arfeli, Moacir Vezzani e outros. 1989. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*IDEIA FIXA, A*. Texto, direção e cenografia: Norberto Conti. Direção de atores: Carlos Alberto Soffredini. Figurinos: Maria Tereza Arditti. Sonoplastia: Flávia Calabi. Direção musical: Wanderley Martins. Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro. Contrarregragem: Paulo Carrera. Elenco: John Herbert, Ruthnéa de Moraes, Sérgio Mamberti, Célia Coutinho, Gésio Amadeu, Fernando Bezerra, Paulo Hesse e Laerte Morrone. De 27 maio 1981 a 27 set. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia.

*IFIGÊNIA*. Texto e direção: Wagner Salazar. Elenco: Lavínia Pannúnzio e Regina França. 1989. Teatro Dias Gomes e Espaço Off. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*IMAGENS DA NOITE*. Texto: Maria Angélica Chaves. Adereços: Roberto Maineri. Efeitos visuais e montagem: Alain Michon. Figurinos: Roberto Maineri, Marcos Botassi e Maria Angélica Chaves. Músicas: Paulo Moura, Noel Rosa e Bob Mac Ferrin. Iluminação: Guilherme Bonfanti. Elenco: Maria Angélica Chaves. De 15 a 25 abr. 1987. Espaço Off.

*IMPÉRIO DA COBIÇA*. Inspirado em *Memórias do fogo,* de Eduardo Galeano. Roteiro e direção: Maria Helena Lopes. Cenografia: Antonio Barth. Figurinos: Grupo Tear (Porto Alegre) e Antonio Barth. Iluminação: Maria Helena Lopes e Acosta. Preparação vocal: Marlene Goidanich. Música: Silvio Marques. Músicos: Adolfo Almeida Jr. e Luís Mário Tavares. Elenco: Ciça Reckziegel, Eleonora Prado, Lúcia Serpa, Marco Fronchetti, Marcos Corbonell, Pedro Wayne, Marta Biavaschi, Roberto Camargo e Sérgio Lulkin. De 24 mar. 1987 a 19 abr. 1987. Teatro Anchieta e Casa de Cultura Amacio Mazzaropi (Sala Vicente Celestino).

*IMPRECAÇÃO DIANTE DOS MUROS DA CIDADE.* Texto: Tankred Dorst. Direção: Ademir Martins. Elenco: João Bosco Cunha, Jorge Fram, Penha Rosa e Roberto Scudero. De 27 jul. 1981 a 2 ago. 1981. Tusp.

*IMPROPTU.* Junção de peças de Samuel Beckett: *Vaivém, Passos, O que onde?, O improviso de Ohio*. Tradução: Rubens Rusche e Luiz Roberto Benati. Direção: Rubens Rusche e Cláudio Lucchesi. Cenografia e figurinos: Marco Lima. Iluminação: Sérgio Dória. Elenco: Wagner Salazar, Miriam Rinaldi, Bia Grimaldi, Lúcia Lisboa e Edson Santana. De 16 a 18 fev. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*IMPROPTU.* Junção de peças de Samuel Beckett. Direção: Rubens Rusche. Elenco: alunos da EAD/USP, com Miriam Rinaldi, Bia Grimaldi, Lúcia Lisboa, Wagner Salasar e Anton Zacharkov. 1986. Tusp. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*INCAPACIDADE DE SER VERDADEIRO, A.* Texto inspirado em *Contos plausíveis,* de Carlos Drummond de Andrade. Adaptação: Paulo Macedo. Direção: Zebba Dal Farra e Paulo Macedo. Supervisão: Myriam Muniz. Trilha sonora: Zebba Dal Farra. Iluminação: Paulo Macedo. Elenco: Grupo da Greta do Banespa, com Carlos Bárbaro, Celso Pacheco, Rita Polli, Zé Mandula, Egberto Tássil, Zé Antonio Leal, Cláudia Pacheco, Mônica Guimarães, Carlos Farias, Rinaldo dos Santos, Marco Capuano e Sandra Rodrigues. De 15 a 18 jan. 1986. Teatro Martins Pena.

Obs.: Em outras apresentações, participaram Gaby Rocco, Isabel Cristina, Bella Garcia, Noemi Mortari e José Ignácio. Os participantes Gaby Rocco, Claudia Pacheco, Celso Pacheco, Sandra Rodrigues, Rosângela Farias Costa e Bella Garcia encarregaram-se, respectivamente, de figurinos, sonoplastia, preparação corporal, divulgação e assistência de direção.

*INFALÍVEL DR. BROCHARD, O.* Texto: Paulo Goulart. Direção: Roberto Lage. Cenografia: Augusto Francisco. Sonoplastia: Tunica. Iluminação e sonoplastia: Marcelo Larrea. Elenco: Flávio Galvão, Zaira Bueno, Giuseppe Oristânio, Walter Breda, Jacques Lagoa e Kiko de Micheli. De 21 set. 1983 a 15 jan. 1984. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. Motel, tema de peças divertidas, mas sérias. *O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1983, p.15 (acerca também de *Grande Motel; Coragem, meu bem, coragem; Motel Paradiso*).

*INFECÇÃO SENTIMENTAL CONTRA ATACA, A.* Criação e direção: Grupo XPTO. Cenários e bonecos: Oswaldo Gabrielli. Adereços: Oswaldo Gabrielli e André Gordon. Iluminação e *slides*: Hélio Flores. Sonoplastia: Fernando Figueiredo. Trilha sonora: XPTO, com Pena ao violino e Roberto Firmino ao piano. Elenco: Grupo XPTO, com Júlio Sárkány, Natália Barros, Oswaldo Gabrielli e André Gordon. De 22 abr. 1985 a 22 jun. 1985. Teatro do Bixiga. De 5 a 21 set. 1986. Teatro Sérgio Cardoso. 11 abr. 1988. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro Martins Pena, Espaço Off, Espaço Mambembe e Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*INIMIGOS DE CLASSE.* Texto: Nigel Williams. Tradução: Gysela Wocal. Adaptação: Marcio Aurelio e Grupo Mambembe. Direção: Marcio Aurelio. Cenografia: Marcio Aurelio e Ednaldo Freire. Figurinos: Genésio de Barros. Sonoplastia: Zero Freitas. Iluminação: Sérgio Barbosa e Marcio Aurelio. Elenco: Grupo Mambembe, com Ednaldo Freire, Genésio de Barros, Fernando Neves, Hugo Napoli, Marcelo Andrade, Norival Rizzo, Reinaldo Rezende e Sérgio Barbosa. De 28 ago. 1985 a 5 jan. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Espaço Mambembe.

Crítica: Clovis Garcia. Encenações instigantes do Ar Cênico e Mambembe. *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1985, p.20 (acerca também de *Máscaras*).

*INOCENTE, O.* Texto: Sérgio Jockmann. Direção: Antonio Ghigonetto. Elenco: Luiz Carlos Arutin, Luiz Serra e Rubens Rollo. De 10 ago. 1979 a 27 jan. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Alberto D'Aversa) e Teatro Taib. De 22 set. 1982 a 3 out. 1982. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*INSETOS*. Texto: Carlos Ângelo. Direção: Auri Correia. Cenografia: Araguaci Gomes. Figurinos: J. Paiva. Coreografia: Waldoni Arseno. Iluminação e sonoplastia: Celso Góis. Elenco: Waldoni Arseno e Teca Souza. De 14 a 27 jul. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Major Diogo.

*INSPETOR GERAL, O.* Texto: Nicolai Gogol. Direção: Ricardo Hoflin. Trabalho corporal: Laly Krotozinski. Voz: Sandra Peres. Bateria: Otávio. Figurinos: Luciana Bueno. Iluminação: Rodrigo Ortiz. Elenco: Grupo de Teatro Experimental Athos, com Ricardo Assumpção, Sérgio Tamioka, Ciça Monteiro, Daniela Zagari, Edgard Galvão, Guilherme Sipahi, Kazem Serpi, Luciana Bueno, Paula Souza, Paulo Martins, Pedro Paulo, Wendell Gasparini e Rodrigo Ortiz. Estreia: 11 nov. 1985. Teatro Cezar. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*INSPETOR GERAL, O.* Texto: Nicolai Gogol. Tradução: Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Direção e coreografia: Juthael Dayan. Iluminação: Maria Abadia. Sonoplastia: Willian Adib. Assistência de produção e direção: Caio Sakihama. Cenografia: Jonas Flores. Elenco: Theotônio Pereira, Sílvia Zinsly, Graça Borges e outros. De 2 set. 1980 a 30 dez. 1980. Teatro Abertura.

*INSTANTE, UM.* Espetáculo de mímica com criação, direção e interpretação: Alberto Gaus. De 5 fev. 1981 a 19 nov. 1981. Teatro da Praça.

*INSTANTE DE GELO.* Texto e interpretação: João Bruçó. Direção: Eugênio Puppo. Cenografia: Márcio Medina. De 20 jul. 1989 a 6 ago. 1989. Espaço Off.

*INTRANQUILLIS MARIS.* Roteiro, direção, trilha sonora, iluminação e concepção cênica: Jean Pierre Kalestrianos. Figurinos e cenotécnica: Lili W. Elenco: Jean Pierre Kalestrianos, Dinah Doctors e Gilles Eduards. De 30 set. 1987 a 10 out. 1987. Espaço Off.

*INTRODUÇÃO AO POVO E À MORTE.* Espetáculo baseado em temas de Nelson Rodrigues. Direção: Jayme Compri. Grupo Ivamba. 25 mar. 1983. Sesc Carmo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*INVASÃO, A.* Texto: Dias Gomes. Direção e adaptação: Clóvis Gonçalves. Música e direção musical: Tato Fisher. Elenco: Grupo Acauã, com Inês Bonilha, Miriam Mazarioli, Roberto Simpatia e Bruno Faccio. De 10 a 25 nov. 1984. Teatro de Bolso.

*IRMÃ MARIA IGNÁCIO EXPLICA TUDO*. Texto: Christopher Durang. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Ademar Guerra. Cenografia e figurinos: Cyro Del Nero. Elenco: Ruth Escobar, Regina Braga, Sérgio Ropperto, Fernando Souza, Maria Helena Steiner e Luciano Di Franco. De 22 jul. 1982 a 29 ago. 1982. Teatro Ruth Escobar (Sala Ruth Escobar).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. As irônicas lições da *Irmã Maria Ignácio*. *O Estado de S. Paulo*, 12 ago. 1982, p.25.

*IRMÃS SIAMESAS, AS*. Texto, direção, cenografia e figurinos: José Rubens Siqueira. Iluminação: Francisco Medeiros. Elenco: Nize Silva e Ruthnéa de Moraes. De 4 maio 1987 a 25 ago. 1987. Espaço Off. De 6 jul. 1987 a 25 ago. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio).

*JANELA PARA O SOL, UMA*. Texto: Pedro Bloch. Direção: Mário Brunif. Elenco: William Pinto, Márcia Relva e Valdeli. De 1 jul. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Paulo Eiró.

*JARDIM DAS CEREJEIRAS, O*. Texto: Anton Tchekhov. Tradução: Millôr Fernandes. Direção, cenografia e iluminação: Jorge Takla. Coreografia: Sônia Mota. Figurinos: Kalma Murtinho. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Cleyde Yáconis, Ednei Giovenazzi, Walderez de Barros, Carlos Koppa, Francarlos Reis, Abrahão Farc, Ileana Kwasinski, Sérgio Ropperto, Eugênia de Domênico, George Otto, Carlos Silveira, Noemi Gerbeli, Osmar di Pierri, Rubens Rollo e João Paulo Mendonça. De 14 jan. 1982 a 13 jun. 1982. Teatro Anchieta e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. O jardim das delícias: com todo o encantamento de Tchekhov. *O Estado de S. Paulo*, 22 jan. 1982, p.18.

*JARDIM DOS COGUMELOS*. Texto, direção e sonoplastia: Antônio Ravan. Cenografia: Cláudia Dinalli e Tadeu Nachter. Figurinos: Rosen Berg. Iluminação: Ademir Baldão. Elenco: Grupo Sótão e Porões, com Antonio Ravan, Rosen Berg, Cláudia Dinalli, Marcelo Franzolin, Ricardo Martins, Tadeu Nachter, Gilson Maganha e Sarah Caldas. De 7 jun. 1988 a 25 set. 1988. Teatro Lua Nova.

*JESUS DE NAZARÉ* (do *Evangelho de São João*). Texto: Roberto Verdegay Torres. Direção: Orlando Loreal. Cenografia: Nelson B.S. Figurinos: Lídia Bueno. Elenco: Orlando Loreal, Maria do Carmo Rodrigues e Roberto Verdegay Torres. 17 abr. 1987. Parque do Carmo.

*JESUS HOMEM*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Reinaldo Maia. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Direção de atores: Fauzi Arap, Marco Antonio Rodrigues e Umberto Magnani. Músicos: Zeca da Casa Verde, Toninho Batuqueiro, Edson Batata, Paulinho Mancha Branca, Silvio Modesto e Erlon Campos. Elenco: Ariclê Perez, Umberto Magnani, Ênio Gonçalves, Marco Antonio Rodrigues, Amaury Alvarez, Marta Tramonte, Roberto Rocco, Mara Faustino, Cristina Mendes, Ana Carmelita, Henrique Lisboa, Dulce Muniz, Kiko de Barros, Walter Cruz, Deive Rose, Graça Berman, Nise Silva, Bruno Giordano, Cachimbo, Carlos Costa, Cristina Maresti, Dudy Silva, Fátima Ribeiro, Liz Pezzoton, Luiz Mauro de Godoy, Lulu Pavarin e Ricardo Rocco. De 23 a 26 mar. 1989. Teatro Caetano de Campos.

*JESUS HOMEM*. Texto, direção e iluminação: Plínio Marcos. Assistência de direção: Moisés da Rocha. Músicas: Zeca da Casa Verde, Talismã, Toniquinho Batuqueiro e Marco Aurélio Jangada. Elenco: Grupo O Bando, com Antônio Leite, João Acaiabe, Joselita Alvarenga, Marcos Santista, Carolina de Caruaru, Ana Nery, Regina Rei, Cachimbo, Osmar di Pietri, Moisés da Rocha, Paco Sanches, Júnior Prata, Carlos, Costa, Gabriel Mendes, Mestre Ananias, Zeca da Casa Verde, Talismã, Toninho Batuqueiro, Marco Aurélio Batucada e Adamilton José. De 15 dez. 1980 a 10 jul. 1981. Teatro Taib.

Crítica: Clovis Garcia. Um exemplo de como enfrentar um teatro de crise. *O Estado de S. Paulo*, 13 fev. 1980, p.15.

*JOGO, O.* Texto: Mariela Romero. Direção e tradução: Paulo Herculano. Cenografia e figurinos: Hugo Rodas. Música: Herbert Frederico. Elenco: Françoise Fourton e Iara Pietricovsky. De 21 jun. 1985 a 2 ago. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*JOGO DE BADEN-BADEN, O.* Texto baseado na peça de Bertolt Brecht. Coordenação: Ingrid Dormien Koudela. Elenco: alunos do Teatro Escola Macunaíma. 1 dez. 1986. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: No programa geral do evento promovido pela Cooperativa Paulista de Teatro, *O outro lado de Bertolt Brecht,* que enfatiza o espetáculo *Horácios e curiácios*, não consta os nomes dos participantes.

*JOGO DE CINTURA*. Texto, direção, cenografia, coreografia, trilha musical, interpretação e produção: Marilena Ansaldi. De 24 set. 1982 a 17 nov. 1982. Teatro Ruth Escobar e Centro Cultural São Paulo.

*JOGO DE CINTURA*. Texto e interpretação: Jandira Martini e Marcos Caruso. Direção: José Renato. Assistência de direção: Ricardo Pettini. Figurinos e cenografia: J. C. Serroni. Assistência de cenografia: Bruno Miranda e Charles Moeller. Pintura de arte e adereços: Luís Rossi. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Iacov Hillel. Cenotécnica: Oswaldo Lisboa. De 26 out. 1988 a 30 jul. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Hilton.

Crítica: Jefferson del Rios. *Jogo de cintura* não tem o que o texto promete. *O Estado de S. Paulo*, 9 dez. 1988, p.23.

*JOGOS NA HORA DA SESTA*. Texto: Roma Mahieu. Direção: Nirce Levin. Com o Grupo de Teatro Experimental da Hebraica. Dias 26 nov. 1988, 27 nov. 1988 e 3 dez. 1988. Teatro Arthur Rubenstein.

*JORGE DANDAN, O MARIDO CONFUNDIDO*. Texto: Molière. Direção: João Albano. Assistência de direção: Cecília Sampaio. Cenografia, figurinos e programação visual: Márcio Colaferro. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro e Edílson Tadeu Tosta. Elenco: José Fernandes de Lyra, Regina Dourado, Lúcia Mello, Raymundo de Souza, Neusa Maria Faro e Taumaturgo Ferreira. De 21 out. 1981 a 16 maio 1982. Teatro Martins Pena e Café Teatro Odeon.

Crítica: Clovis Garcia. Dois clássicos nos palcos da cidade. *O Estado de S. Paulo*, 1 nov. 1981, p.34 (acerca também de *A dama das Camélias*).

*JORNADA, A*. Texto: Hamilton Saraiva. Direção: Ronaly Moreno. Cenografia e figurinos: Cleoo. Iluminação: Neuter Michelon. Músicas e arranjos: João Peres. Coreografia: Rosmary Almeida e Grupo. Preparação vocal: José Fernando de Mattos, com música ao vivo apresentada pelos músicos: João Peres, Edgar C. D'Rey, Stopa, Osmar Murad e Nelson H. Gomes. Elenco: Grupo Tabefe, com Sílvio Romano, Ana Araújo, Roberto Alves, Rosmary Al-

meida, Margareth Guimarães, Ricardo Peixoto, Ana Araújo, Neto, Estrellita, Neuter Michelon e Roberto Alves. De 15 jul. 1987 a 2 ago. 1987. Conjunto Cultural da Caixa.

*JORNAL DAS SOMBRAS, A HORA MARCADA, O HOMEM DO SACO, O.* Textos e direção: Bosco Brasil. Músicas: Hélio Ziskind e Paulo Tatit. Preparação vocal: Nanci Miranda. Coreografia e figurinos: William Pereira. Elenco: Ariela Goldman, Ana Lúcia Cavalieri, William Pereira, Carminda André, Augusto Borges, Ednaldo Pinheiro e Vicente Latorre. De 12 a 15 ago. 1987. Teatro Zero Hora.

*JOSÉ E SEU MANTO TECHNICOLOR*. Produção: Congregação Israelita Brasileira, com 112 atores: crianças de sete a 14 anos. Letras das músicas: Tim Rice e Andrew Lloyd Weber. 1982. Teatro A Hebraica. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica Clovis Garcia. Uma ópera-rock cheia de surpresas. *O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1982, p.25.

*JOSÉ MARIA SANTOS PROCURA SARNEY PRA SE COÇAR*. Texto: Aldo Schmitz, Valério Xavier e J. M. Santos. Direção: J. M. Santos. Elenco: J. M. Santos e Eduardo Hora. 1988. Teatro Igreja. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*JOVEM KARL MARX, O.* Espetáculo de mímica com texto, direção, interpretação e produção: Ricardo Bandeira. Estreia: dezembro de 1980. Teatro das Nações. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. O ressurgimento do monólogo dramático. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1980, p.16 (acerca também de *Onde estás; O diário de um louco; Eu, Sócrates, corruptor de menores; Bom dia, cara*).

*JUDAS NO TRIBUNAL*. Texto: Godofredo Tinoco. Direção: Paulo Filisbino. Elenco: Thalma L. Bertozzi, Tom de Carvalho e outros. 1986. Teatro Paulo Eiró. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*JULGAMENTO DE JUDAS, O.* Texto coletivo organizado pelo padre Chico Falconi. Elenco: Grupo Se Fosse o que Seria?, com Márcia Dutra, Marli Dutra, Donizete Silva, Wilson José e outros. 1981. Espetáculo apresentado em salões de paroquias de igrejas da Zona Leste da cidade.

*JULÍADA.* Texto e interpretação: Júlio Sárkany. Direção: Denise Stoklos. Iluminação: Ysla Jay. 29 maio 1987. Teatro Cultura Inglesa.

*JULIANA.* Texto: Jésus Padilha. Direção e iluminação: Gil Pinheiro de Mello. Cenografia: Izilda Marcondes. Sonoplastia: Aparecida Arruda. Elenco: Cristina Labronici e Carlos Bonini. 8 e 9 mar. 1988. Centro Cultural São Paulo.

*JURUQUIVI.* Texto: Maria Rita. Elenco: Madalena Bernardes. 21 e 22 maio 1983. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*KALKHAS.* Texto adaptado a partir de *Os malefícios do tabaco* e *O canto do cisne,* de Anton Tchekhov. Direção: Carlos Eduardo Carneiro. Elenco: Antonio Altieri e Cláudia Guimarães. 1989. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*KAMA 5 – OS EFEITOS DO SEXO CRUZADO.* Texto: Luís Lopes. Direção: Josias Montegan. Sonoplastia e iluminação: Iguaçu Braga. Elenco: Sandra Midori, Edna Gleiser, Valdir Nunes, Gerson Moura e Gilda Braga. De 31 ago. 1987 a 23 set. 1987. Teatro das Nações.

*KATASTROPHÉ.* Junção dos textos *Eu não, Comédia, Cadeira de Balanço* e *Catástrofe,* de Samuel Beckett. Projeto Beckett 80 Anos. Tradução: Luís Roberto Benatti e Rubens Rusche. Direção: Rubens Rusche. Assistência de direção: Marianna Monteiro. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Iluminação: Mario Martini. Pintura: Antonio Carlos Leite. Adereços: Juvenal Irene dos Santos. Assistência de cenografia: Ricardo Cukierman. Cenotécnica: José Estevão do Nascimento e Oswaldo Lisboa. Coordenação de montagem: Luís Carlos Rossi. Elenco: Maria Alice Vergueiro, Edson Santana e Cissa Carvalho. De 9 abr. 1986 a 25 maio 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno) e outros espaços de representação.

Críticas: Mariangela Alves de Lima. Ardente dolorida! Maria Alice Vergueiro interpreta os solos da peça com perfeição. *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1986, p.4.
Vivien Lando. Beckett: silêncio. *O Estado de S. Paulo*, 9 abr. 1986, p.4.

*KATHARSIS*. Texto: Rodrigo Campos. Direção: Sérgio Funari. Espetáculo com atores e bonecos. Elenco: Grupo Circus Pocus, com Sérgio Funari e Rodrigo Campos. De 1 a 4 dez. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*KING KONG UMA TRAGICOMÉDIA DO CORAÇÃO*. Texto e direção: Grupo de Teatro-dança Tesouro da Juventude, com Paulo Contier, Inês Sadek, Kaiq Antunes e outros. 1989. Teatro Célia Helena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*KRONOS*. Criação, direção, cenografia, roteiro e bonecos: Grupo XPTO, com Natália Barros, Oswaldo Gabrielli, André Gordon, Hélio Flores, Tambo Chacon e Sidney Carta. Direção musical: Laura Finocchiaro. Músicas: Laura Finocchiaro e XPTO. Iluminação: Paulinho Almeida e XPTO. De 20 ago. 1987 a 1 nov. 1987. Espaço Mambembe.
Crítica: Mariangela Alves de Lima. Ou adesão. Ou recusa. *O Estado de S. Paulo*, 10 set. 1987, p.7.
Obs.: Espetáculo contemplado com o Prêmio Estímulo de 1987. No programa da peça, dentre outras informações, consta: "XPTO é uma aventura em forma de grupo. Partimos de São Paulo, sob o signo de Áries, em 1984, sem capitão e com poucos marinheiros: Natália Barros, Oswaldo Gabrielli, André Gordon e Roberto Firmino, em busca de novas imagens – linguagens – pulsações sonoras a serem exploradas".

*LÁ*. Texto: Sérgio Jockman. Direção: Hilton Have. Interpretação e cenografia: Richards Paradizzi. De 22 ago. 1986 a 28 out. 1986. Teatro Jardel Filho.

*LÁ NO FUNDO DO QUINTAL*. Espetáculo de temática ecológica. Concepção e roteiro: Gisela César e Maria Araci Smilari. 1987. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT, AS*. Texto: Reiner W. Fassbinder. Tradução: Millôr Fernandes. Direção e cenografia: Celso

Nunes. Figurinos: Kalma Murtinho. Iluminação: Aurélio di Simoni e Nenén. Sonoplastia: Andréa Elisa Zeni. Elenco: Fernanda Montenegro, Renata Sorrah, Juliana Carneiro da Cunha, Rosita Thomas Lopes, Paula Magalhães e Joyce de Oliveira. De 11 abr. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Cultura Artística.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *As lágrimas amargas de Petra von Kant:* extraordinário. *O Estado de S. Paulo*, 18 abr. 1984, p.16.

*LABIRINTO DE ARRABAL*. Junção de textos de Fernando Arrabal. Direção: Tarteau Regis. Elenco: Antônio Fávero, Beth Puglia, Jonas Antunes, Lúcia Pavarin e Luiza Mendes. 5 a 9 ago. 1987. Teatro Martins Pena e Teatro Paulo Eiró.

*LAÇOS*. Texto: R. D. Laing. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Aimar Labaki. Cenografia: Célia Orlandi. Assistência de cenografia e figurinos: Atíllio Caesar. Coreografia e preparação corporal: Sílvia Bittencourt. Direção musical: Wanderley Martins. Figurinos: Sarita e Léu Shehtman. Iluminação: Pierre Villaverde. Sonoplastia: Bel Gomes. Músicos: Maurício Grassmann, Pércio Sápia, Roberto Tafuri e Roberto Rossini. Máscaras: Helô Cardoso. Saxofone ao vivo: César Albino. Cenotécnica: Hermínio Damasceno e João Sabiá. Co-produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Grupo Ar Cênico (alunos do 4º período da EAD/USP), com Ângela Ferraciolli, Atíllio Caesar, Cassiano Ricardo, Cida Almeida, Deborah Evelyn, Dirce Helena de Carvalho, Eliana Teruel, Guilherme Leme, João Alfredo Damiano, Leopoldo Pacheco, Ligia Lemos, Lu Bigatão, Lucila Rudge, Paulo Márcio, Regina Papini, Reinaldo Renzo e Sofia Papo. De 5 set. 1983 a 1 abr. 1984. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno) e outros espaços de representação.

*LADO B*. Texto: Cláudia Dalla Verde e Zeca Capellini. Direção: Cláudia Dalla Verde. Cenografia e figurinos: Fátima Lima. Sonoplastia: Cacá Soares. Iluminação: Guilherme Bonfanti. Elenco: Silvia Poggetti e Marilda Carvalho. De 22 nov. 1988 a 20 dez. 1988. Teatro Sérgio Cardoso.

*LADRÃO DE MULHER*. Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Calixto de Inhamus. Cenografia e figurinos: Petrônio Nascimento. Criação mímica e interpretação: Vicentini Gomes. De 2 out. 1987 a 28 fev. 1988. Teatro Cenarte.

*LADRÃO EM NOITE DE CHUVA*. Texto: Millôr Fernandes. Direção e iluminação: Carlos Di Simoni. Cenografia: Joaquim Waltrick. Figurinos: Carlos Alberto Ramos. Sonoplastia: Armando Tirabósque. Elenco: André Loureiro, Carlos Silveira, Matheus Esperança e Patrícia Scalvi. De 9 nov. 1988 a 29 jan. 1989. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*LAGO 21*. Fragmentos de *Hamlet* e de *A gaivota*. Direção, cenografia, figurinos e iluminação: Jorge Takla. Música: Guga Preti. Elenco: Walderez de Barros, Elias Andreato e Mariana Muniz. Estreia: 30 maio 1988. Teatro Procópio Ferreira (público no palco). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Luiz Fernando Ramos. O teatro refletido em *Lago 21*. *O Estado de S. Paulo*, 19 jun. 1988, p.3.

*LAMBE-BEIÇOS E SEU CRIADO CATA-FARELOS*. Texto: Fábio Gaia. Direção: Celso Saiki. Produção: Grupo Mamão de Corda. 1982. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*LAPSOS DE SEDUÇÃO*. Textos: Bráulio Pedroso, Nelson Rodrigues, Federico García Lorca, Tennessee Williams, Antonio Bivar e William Shakespeare. Roteiro e direção: Francisco Azevedo. Elenco: Grupo Magia, Plenitude e Reciclagem, com Cida Camargo, Carlos Cardoso, Lena Lins e Lucas Junior. De 15 a 25 out. 1987. Espaço Aonde.

*LEDO ENGANO*. Texto, incluindo *O homem da flor na boca* e *A licença:* Luigi Pirandello. Direção: Paulo Almeida. Assistência de direção: Laura Figueiredo. Preparação corporal: Reginaldo Pereira. Cenografia: Cristina Decot e Pato Papaterra. Figurinos: Joram. Iluminação: Paulo Almeida. Sonoplastia: Laura Figueiredo. Máscaras: Aude Kater. Orientação teórica: José Eduardo Vendramini. Elenco: Bosco Brasil, Cristina Decot, Douglas Munhoz, Élcio Ribeiro, Joram Macedo, Marise Von Klay e Silvia Perez. De 1 a 3 out. 1982. Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

*LEI DE LYNCH, A*. Texto e cenografia: Walter Quaglia. Direção: Emílio Di Biasi. Figurinos: Zecarlos de Andrade. Trabalho corporal: Graziela Rodrigues. Adereços e máscaras: Fábio Tomasini. Iluminação: Aparecido

André. Sonoplastia: João Bomba. Elenco: Andréa L'Abbate, Cleyde Yáconis, Cláudio Curi, Dulce Muniz, Raymundo de Souza, Carlos Augusto Carvalho, Josmar Martins, Walter Mendonça, Carlos Cambraia, Roberto Sáfady, João Bomba e Roberto Ascar. De 18 jun. 1984 a 26 ago. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Clovis Garcia. A estreia auspiciosa de um autor. *O Estado de S. Paulo*, 20 jul. 1984, p.15.

*LEITO NUPCIAL, O.* Texto: Jean Hartog. Tradução: Miriam Mehler e Emílio Di Biasi. Direção: Emílio Di Biasi. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Lu Martan. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Emílio Di Biasi e Gianni Ratto. Elenco: Miriam Mehler e Geraldo Del Rey. De 22 jul. 1983 a 30 dez. 1983. Teatro Faap.

*LEMBRANÇAS DA CHINA*. Texto: Alcides Nogueira. Direção e iluminação: Jorge Takla. Cenografia: J. C. Serroni. Figurinos: Kalma Murtinho. Trilha sonora: Otávio Machado. Sonoplastia e direção de cena: Yara Leite. Pintura de arte: Juvenal Irene dos Santos. Adereços: Helô Cardoso. Elenco: Denise Del Vecchio, Noemi Marinho, Fernando Bezerra, Mauro de Almeida e Nicola Christensen. De 21 ago. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Maria Della Costa.

*LENDA DO PIUÍ, A.* Texto: José Rubens Chasseraux e Sérvulo Augusto. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Rubens de Brito. Direção musical: Wanderley Martins. Sonoplastia: Tunica. Cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Coreografia: Ana Mota. Elenco: Ana Maria Braga, Andréa Leão, Cacá Amaral, Chiquinho Brandão, Nelson Escobar, Ulisses Bezerra, Walter Breda e Zécarlos Machado. 1981. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Trata-se de um espetáculo infanto-juvenil, destinado aos diversos tipos de público. Algumas vezes aparecia em roteiros de espetáculos infantis; outras, em colunas de entretenimento.

*LENTA VALSA DE MORRER*. Colagem de textos de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Arthur Muller, Renato Camppão, Samuel Beckett e Naum Alves de Souza. Direção: Luciano Alabarse. Iluminação e figurinos:

José Adão Barbosa. Elenco (grupo de Porto Alegre): Ivan Mattos, Adriane Motolla e Elaine Steinmetz. Participação: Adriana Calcanhoto. De 3 a 6 set. 1987. Estação Madame Satã.

Obs.: Espetáculo apresentado na Mostra de Novíssimos Diretores do Estação Madame Satã.

*LENZ, PASSEIOS NA SOLIDÃO E WOYZECK*. Texto: Georg Büchner. Direção: Moacir Góes. De 24 a 27 set. 1987. Estação Madame Satã. Grupo do Rio de Janeiro. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Espetáculo apresentado na Nova Mostra de Novíssimos Diretores do Estação Madame Satã.

*LEONCE E LENA*. Texto: Georg Büchner. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. Cenografia e direção: William Pereira. Codireção: Cibele Forjaz. Figurinos e adereços: Marco Antonio de Lima. Direção musical e composição: Waghy. Iluminação: Cibele Forjaz e Edinho Amorim. Músicos: Banda BR-3, com Enos Máximo Jr., Márcio Atoji Berti, Rilton Jorge Barbosa e Sérgio Travaglini. Preparação corporal: Eliana Cavalcanti. Preparação vocal: Eudósia Acuña. Cantor lírico: Jorge Nakao. Pianista/teclados: André Scavone. Elenco: Grupo A Barca de Dionísio, com Abílio Tavares, Ângela Salviati, Lúcia Romano, Aury Corrêa, Claudia Ayub, Daniella Nefussi, João Feferice, Luciano Chirolli, Marcos Moraes, Pelópidas Cripriano, Sylvia Muraccho, Antônio Araújo e Vanderlei Bernardino. De 5 nov. 1987 a 31 jan. 1988. Galpão de Exposição do Sesc Pompeia.

*LET'S PLAY THAT*. Espetáculo com textos e poemas de Torquato Neto. Direção: Roberto Lage. Elenco: Edith Siqueira, Carlos A. de Carvalho e a cantora Suzana Salles. 1987. Teatro Sesc Fábrica. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: Promovido pelo Sesc Pompeia, o evento *Tropicália 20 anos* teve em sua programação *shows* musicais, exposições de artes plásticas, debates, apresentações especiais de teatro. O evento contou com a participação de jornalistas, artistas e estudiosos ligados direta ou indiretamente ao Tropicalismo.

*LEVADAS DA BRECA*. Texto: Flávio de Souza. Direção: Elias Andreato. Cenografia e figurinos: Mira Haar e Patrícia Gaspar. Elenco: Mira Haar

e Patrícia Gaspar. De 24 fev. 1988 a 2 jul. 1988. Espaço Off e Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

*LIBERDADE, LIBERDADE*. Texto: Millôr Fernandes e Flávio Rangel. Direção, figurinos e trilha sonora: Herton Roitman. Direção musical: Dirceu Rodrigues. Cenografia: Herton Roitman e Mariangelo Laghi. Iluminação: Alfredo Montório Jr. Elenco: Grupo Teatral Itaú, com Malu Gonçalves, Zezé Marques, Francisco Rossi, Nelson Chiquinho, Jorge Pontes, Francisco Cazzone, Dirceu Rodrigues, Ciça Oliveira, Marcília Ribeiro, Rogério Cunha, Lélis Bessa, Adílson Rodrigues e Edwiges dos Santos. Estreia: 6 ago. 1983. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*LIÇÃO, A*. Texto: Eugène Ionesco. Direção: Jonas Lemos. Cenografia: Waldo de Mattos. Elenco: Marco Guilardi, Ruth Elizabeth e Mariluce Lopes. De 10 a 27 mar. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*LIÇÃO DE ANATOMIA*. Texto, direção, figurinos e trilha sonora: Carlos Mathus. Iluminação: Abel Kopanski. Preparação física: Wilson Kool. Elenco: Flávio Porto, Walter Cruz, Alexandra Correa, Ecila Pedroso, Cyrano Rosalém, Heron Medeiros e Valda Prado. De 9 out. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Maria Della Costa.

*LIÇÃO DE ANATOMIA*. Texto, direção e iluminação: Carlos Mathus. Tradução: Glauco Mirko Laurelli. Preparação de atores e assistência de direção: Antônio Leiva. Cenotécnico: Jarbas Lotto. Elenco: Paulo Castelli, Sérgio de Oliveira, Nancy Galvão, Alexandre Corrêa, Carlos Cambraia, Cássia Venturelli, Marcos Melluso, Raul Toledo e Sérgio de Oliveira. De 11 set. 1981 a 10 jan. 1982. Teatro de Bolso e Teatro Martins Pena.

*LIÇÃO LONGE DEMAIS, UMA*. Texto: Zeno Wilde. Direção e iluminação: Fauzi Arap. Cenografia e figurinos: Cecília Cerrotti. Programação visual: Jader Marques Filho. Trilha sonora: Fauzi Arap e Zero Freitas. Elenco: Gabriela Rabelo, Nelson Baskerville e Eric Nowinski. De 19 abr. 1986 a 13 jul. 1986. Teatro Zero Hora. De 16 jul. 1986 a 2 ago. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). De 4 set. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Clovis Garcia. Angústias no barracão. *O Estado de S. Paulo*, 8 maio 1986, p.4.

*LIGAÇÕES PERIGOSAS*. Texto: Chordelos de Laclos. Adaptação: Frederico D'. Direção: Roberto Mars Jr. Música: Cleston Teixeira. Cenografia e adereços: Celso Rorato e Chico Américo. Elenco: Wanda Stefânia, Alzira Andrade, Roberto Mars Jr., Lana Ernandes, Celso Marawalha, Vera Lu Ribeiro e Laércio Shiave. 17 ago. 1989. Auditório ALS. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*LÍLIAM*. Texto: Willian Luce. Tradução: Flávio Marinho. Direção e iluminação: José Possi Neto. Figurinos: Kalma Murtinho. Trilha sonora: Xodó. Elenco: Beatriz Segall. De 15 set. 1989 a 5 nov. 1989. Teatro Cultura Artística.

*LILIOM*. Texto: Ferencz Molnar. Direção: Elvira Gentil. Tradução: Esther Mesquita. Cenografia: Fernando Rodrigues. Figurinos: Fernando Rodrigues e Margarida Fonseca. Músicas: Oswaldo Faustino. Trilha sonora: Carlos Henrique (Poly). Iluminação: Mario Márcio. Preparação vocal: Alexandre Dressler. Elenco: Grupo Teatral Semente, com Décio Gentil, Fernando Rodrigues, Vanice Pedrazzini Gentil/Sidney Courtuké, Eladir Lima/Ligia Cruz Ferreira, Edith Cândida, Lori Schmeling/Ivanny Pinheiro, Luiz Cutolo/Wesley Rangel, Camilo Torres/Olympio José, Vicente do Carmo Vieira, Heloisa/Ciari, Elaine de Carvalho/Ethell Alves e Gustavo Pinheiro. De 2 maio 1986 a 3 ago. 1986. Teatro Markanti, Teatro Martins Penna e Teatro João Caetano.

*LÍNGUA DA MONTANHA*. Texto: Harold Pinter. Direção: Maurício Paroni de Castro. Tradução: Marcos Renaux e Otávio Frias Filho. Iluminação: Hilton Ribeiro. Figurinos: Adriana Vaz. Elenco: Raul Barreto, Cláudia Botta, Mar Zucchic e outros. 3 e 4 mar. 1989. Sesc Pompeia.

*LÍNGUA PERDIDA, A*. Texto e direção: Olair Coan. Elenco: Noeli Santisteban, Marco Antônio Pâmio e Olair Coan. De 9 nov. 1988 a 23 dez. 1988. Espaço Off.

*LIOLÁ*. Texto: Luigi Pirandello. Direção: José Eduardo Vendramini. Produção: ECA/USP (estudantes do 6º semestre de Interpretação). Cenografia

e figurinos: William Pereira. Música: Mário C. A. Loureiro e Gilson Lopes Corsaletti. Músicos: Mário César Albieri, Gilson Lopes Corsaletti. Elenco: Paulo Barbosa, Vera Achatkin, Raquel Barcha, Marcos de Moraes, Jacqueline Cordeiro, Fabianne Telles, Cecília Reis, Izabel Ortiz, Wanda Varella e Carolina de Ó. De 14 ago. 1985 a 22 set. 1985. Teatro Paulo Eiró e Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*LIRA DOS VINTE ANOS, A.* Texto: Paulo César Coutinho. Direção: Silnei Siqueira. Assistência de direção: Caio Gaiarsa. Cenografia: J. C. Serroni. Assistência de cenografia: Ricardo Cukierman Figurinos: Alzira Andrade e Dulce Muniz. Pintura: Antonio Carlos Leite. Direção musical e trilha sonora: Antonio Osório. Cenotécnica: Oswaldo Lisboa. Contrarregragem: Lauro Senna. Pintura: Antonio Carlos Leite. Elenco: Alzira Andrade, Dulce Muniz, Amaury Alvarez, Benjamin Cattan, D'Artagnan Jr., Pedro Pianzo, Selma Pellizon/Sônia Oiticica, Paulo Drummond, Lauro Senna e Marco Antonio de Castro. De 16 maio 1985 a 29 set. 1985. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

Crítica: Clovis Garcia. A repressão em um espetáculo interessante. *O Estado de S. Paulo*, 1 jun. 1985, p.18.

*LÍRIO DO INFERNO, O.* Texto e músicas: Bertolt Brecht. Elenco: Maria Alice Vergueiro e Guilherme Vergueiro (piano). Apresentação: 25 maio 1985. Fundação Maria Luísa e Oscar Americano.

*LÍRIO DO INFERNO, O.* Textos e poemas: Bertolt Brecht, Hanns Eisler e outros. Espetáculo de teatro-cabaré. Direção: Elias Andreato. Arranjador: Milton Ferreira. Elenco: Maria Alice Vergueiro e Sérgio Manes (pianista). De 1 a 17 out. 1982. Teatro Oficina e Sesc Pompeia.

Crítica: Clovis Garcia. Dois grandes momentos teatrais: com Brecht. *O Estado de S. Paulo*, 7 nov. 1982, p.38 (acerca também de *O que mantém um homem vivo*).

*LISARB OU MULTI ANTES PELO CONTRÁRIO.* Texto: Luís Fernando Veríssimo. Adaptação e direção: Dilmar Messias. Assistência de direção: Vivy Carral. Cenografia e figurinos: Alziro Azevedo. Iluminação: Flávio Magalhães. Elenco: Elen Nara, Lurdes Eloy, Careca da Silva, Carlos Cunha e Hamilton Mosmann. De 8 a 26 out. 1980. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*LISÍSTRATA*. Texto: Aristófanes. Tradução e adaptação: Millôr Fernandes. Direção, figurinos e sonoplastia: Herton Roitman. Assistência de direção: Denilde Almeida. Cenografia e iluminação: Rodrigo Cid. Coreografia: Carolina Lobianco. Assistência de coreografia: Irínia Klaiss. Música: Orquestra Armorial do Recife, interpretando: Clóvis Pereira, Maciel, Waldemar de Almeida e Capiba. Música final: Míkis Theodorakis. Cenotécnica: Jarbas Lotto. Elenco: Grupo Teatral Itaú, com Cássia Araújo, Ivete Rui, Cristina Pereira, Aparecida Guilherme, Suely Tibério, Ana Maria Salles, Malu Gonçalves, Solange Gonzáles, Dorothy Belício, Francisco Rossi, Braz Gomes, Jorge Pontes, Nelson Chiquinato, Dalci Rodrigues, Abílio Boin, Oswaldenir Stocker, Francisco Cazzoni e Pedro Izaias. De 12 maio 1981 a 2 ago. 1981. Teatro Aplicado.

*LOBO DE RAY BAN*. Texto: Renato Borghi. Direção, iluminação e figurinos: José Possi Neto. Assistência de direção: Hiram Eduardo. Assistência de figurinos: Muriel Matalon. Cenografia: George Freire. Preparação corporal: Denilto Gomes. Cenografia: Alexandre F. Törö. Cenotécnica: José Estevão do Nascimento. Elenco: Raul Cortez, Christiane Torloni, Renato Modesto e Renato Dobal. De 4 dez. 1987 a 28 ago. 1988. Teatro Bibi Ferreira.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Lobos atormentados. *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 1987, p.6.

*LOLA MORENO*. Texto: Bráulio Pedroso, Geraldo Carneiro e John Neschling. Direção: Ulysses Cruz. Assistência de direção: Walter Portella. Coreografia: Janice Vieira. Direção musical: Oswaldo Sperandio Jr. Pianista: Júlio César Afonso. Cenografia: Mário Martini. Figurinos: Beth Kok e Sérgio Reis. Iluminação: Jefferson Medeiros e Marcos G. de Araújo. Sonoplastia: José Rubens Mattielo. Pinturas: Fátima Doné. Elenco: Bri Fiocca, Tânia Bondezan, Antônio Natal, Carlos Roberto Coelho, Cláudia Andrade, Edson Vasquez, Esther de Paula, Fortuna Drauer, Haydée Figueiredo, João da Silva, Paulo Pompeia, Ramon Vivas, Roberto Fraga e Sérgio Rossetti. De 9 a 14 nov. 1982. Centro Cultural São Paulo.

Crítica: Clovis Garcia. Textos que falaram sobre cultura brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1982, p.11 (acerca também de *Capitães de areia*, *Mural mulher* e *Sobrevividos*).

*LOUCA DA CONSOLAÇÃO, A*. Texto e direção: Marcos Bragato. Cenografia: Luís Carlos Nistal. Sonoplastia e iluminação: Carlos Alberto Martins. Elenco: Paulo Braz. De 21 jun. 1980 a 27 jul. 1980. Teatro Oficina.

*LOUCA PELO SAXOFONE*. Roteiro, direção, figurinos e atuação: Patrício Bisso. Com a Banda Bokomoko e o Trio As Notas Pretas, com Rivaldo, Márcio Mascarenhas de Almeida, Rosa Maria, Jean Wey e Paulo. 21 nov. 1985. Teatro Sesc Fábrica. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*LOUCO CIRCO DO DESEJO*. Texto: Consuelo de Castro. Direção: Vladimir Capela. Cenografia: Gianni Ratto. Iluminação: Marcelo Tangerino. Elenco: Umberto Magnani e Mayara Magri. De 6 dez. 1985 a 5 jan. 1986. Teatro Maksoud Plaza e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O velho amor romântico. Com sexo. *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1985, p. 19 (acerca também de *As is* e *A Vênus das peles*).

Crítica: Clovis Garcia. Louco circo do desejo, diálogo fluente e brilhante. *O Estado de S. Paulo*, 3 jan. 1986, p.16.

*LOUCO DE AMOR: UM ATO DE LOUCURA*. Texto: Sam Shepard. Tradução: Marcos Renaux e Thomas Frey. Direção: Hector Babenco. Assistência de Direção: Luis Frugoli. Direção de arte: Marcos Flaksman. Assistência de cenografia e objetos de cena: Tânia Mills. Figurinos: Mikistedile. Iluminação: Maneco Quinderé. Efeitos especiais: Mário Márcio. Sonoplastia: Flávia Calabi. Preparação vocal: Maria Behlau. Preparação corporal: Lena Brito. Cenotécnica: José Pupi e Lázaro Ferreira. Elenco: Xuxa Lopes, Edson Celulari, Antônio Calloni e Linneu Dias. De 7 jul. 1988 a 19 nov. 1988. Teatro Mars e Teatro Cultura Artística.

Crítica: Jefferson del Rios. Uma cerimônia de posse e maldição. *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1988, p.1.

*LOVE, LOVE, LOVE*. Texto: Luiz Arthur Nunes. Direção: Luiz Damasceno. Direção musical: Leandro Duarte. Cenografia: Márcio Medina. Elenco: Eurico Martins, Neusa Maria Faro, Manoel Luiz Aranha e Cássia Araújo. De 6 out. 1982 a 31 dez. 1982. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Circo Mal-Me-Quer.

Crítica: Clovis Garcia. Dois musicais brasileiros interessantes e de qualidade. *O Estado de S. Paulo*, 20 nov. 1982, p.22 (acerca também de *Felisberto do café*).

*LOUCURAS DE MAMÃE*. Texto: Jota Gama. Direção: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Assistência geral: Marcos Arânega. Elenco: Kátia Nasralla, Dora Helena Malouf Cury, Sérgio Saadé, Eduardo Rodrigues Meyer, Cora Boumansour, Cláudio Curi, Ricardo Hussmi e Cássio Bogus Paoletti. De 9 a 11 jun. 1981. Clube Atlético Monte Líbano.

*LUA COMEÇA A SER REAL, A*. Roteiro: Manoel Carlos, a partir de textos em prosa e poemas de Fernando Pessoa. Direção: Antonio Abujamra. Voz: Eudósia Acuña. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Preparação corporal: Val Folly. Elenco: Wanda Stefânia, Carlos Palma e Cid Pimentel. Estreia: 28 out. 1987. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*LUA DE CETIM*. Texto: Alcides Nogueira [Pinto]. Direção, cenografia, trilha sonora e figurinos: Marcio Aurelio. Assistência de direção: Iolanda Huzak. Iluminação: Giancarlo Bortoloti. Cenotécnica: Careca. Elenco: Denise Del Vecchio, Umberto Magnani, Júlia Pascale, Marisa Gracini, Elias Andreato, Ulisses Bezerra, Wellington de Oliveira, Luiz Lopes Correia, Tide Moreyra, Iolanda Huzak e Dona Tina. De 12 nov. 1981 a 27 maio 1982. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes).

Crítica: Clovis Garcia. Uma análise séria de nossa realidade. *O Estado de S. Paulo*, 2 dez. 1981, p.18.

*LUA DE MEL NO MOTEL*. Texto: Emanuel Rodrigues. Direção: Kleber Afonso e Sebastião Apolônio. Elenco: Kleber Afonso, Daliléia Ayala, Renato Bruno e Júnior Prata. Estreia: 28 ago. 1981. Teatro Cenarte e Auditório do Clube Piratininga. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*LUA NUA*. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção e direção de cena: Rosângela Assis. Cenografia: José Dias. Figurino: Tawfic. Sonoplastia: Xodó. Iluminação: Cari Lage. Elenco: Elizabeth Savala, Adilson Barros e Neusa Maria Faro. De 31 mar. 1989 a 17 dez. 1989. Teatro Imprensa.

Crítica: Aimar Labaki. *Lua nua* fica abaixo do talento da autora e atores. *O Estado de S. Paulo*, 5 abr. 1989, p.13.

*LULU, A CAIXA DE PANDORA*. Texto: Franz Wedekind. Tradução: Renata Pallottini. Direção, adaptação e iluminação: Carmem Paternostro. Trilha: Rolland Schaffner e Carmem Paternostro. Cenografia e figurinos: Niura Bellavinha. Adereços: André Cañada, Roberto Saturnino e Marco Antonio de Lima. Elenco: Bete Coelho, Ana Kfouri e Lu Grimaldi. De 25 out. 1985 a 1 dez. 1985. Teatro Caetano de Campos. De 9 a 26 jan. 1986. Teatro Caetano de Campos.

*LÚMEN*. Criação coletiva: Grupo Amálgama. Cordenação geral: Anne Westphae, com músicas ao vivo. Elenco: Leonora Rumsen, Ronaldo Pedra e Anne Westphae (atores bailarinos). De 12 a 28 jun. 1987. Teatro Arthur Azevedo.

*LUSÍADAS OR NOT LUSÍADAS*. Adaptação de textos de vários autores – Sófocles, Oswald de Andrade, Caetano Veloso e outros –, por Bráulio Mantovani e Luiz Rafael Cabral. Direção: Pablo Moreira. Trabalho corporal: Valério Sirangelo. Trabalho vocal: Leslie P. Ferreira. Direção musical: Fernanda Gianesella. Iluminação: Eduardo Cardoso e Plínio Chaves. Máscaras: Sandra Arruda. Músicos: Alexandre Numas, Durval Rodrigues, Marcos Calil, Mônica Tavares, Nereu Velecico e Vinícius Ricardo. Elenco: Grupo de Teatro do Tuca, com Marcelo Lazzaratto, Bráulio Mantovani, Cássia Rosa, Cristiane Megen, Cláudia Carli, Eduardo Roque, Gilberto Ramos, Hugo Acosta, Laerte Rabonni, Luciana Castro, Luiz Carlos Lula Ribeiro, Luiz Rafael Cabral, Luiz Roberto Nunes, Luiz Soares, Maria Palmira, Neuza Martinez, Rita Aventurato, Rubem Roschel, Sandra Tsonis, Soro, Tabajara Assunpção, Valéria Rodrigues e Vânia Meira. Bacantes: Andréa Rezende, Celso Alvesan, Daniel Rossini, Elias de Mendonça, Luiz Casado Filho, Luzia Pacheco, Marcos Altheman, Nilcéia Romani, Octávio Cariello Jr., Rita Pocchá, Rosana Perez e Suely Lucindo. De 15 a 26 jul. 1987. Teatro Sérgio Cardoso.

*LUZ NAS TREVAS*. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Reinaldo Santiago. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Adereços: Luiz Antonio Martins. Direção musical e composição: Wanderley Martins. Pesquisa musical e trilha sonora: Armando Lopes Correa. Elenco: Grupo Lux In Tenebris,

com Carlos Takeshi, Helen Maria Helene, Luiz Carlos Rossi, Gladys Rodrigues, João Carlos Antipon, Raphael Messias, Marcela de Lucca, Marcília Rosário e Mônica Zarif. De 18 maio 1984 a 28 out. 1984. Foyeur do Instituto Goethe, Auditório do Museu de Arte de São Paulo e Estação Madame Satã.

*LUZES, TEATRO, AÇÃO*. Espetáculo apresentado no auditório da Fundação Getúlio Vargas. 1989. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MACBETH*. Texto: William Shakespeare. Adaptação: Pablo Moreira. Direção: Pablo Moreira e Marcelo Lazzaratto. Cenografia e figurinos: Pablo Moreira. Direção musical: Pascale Jr. Iluminação: Nezito Reis e Plínio Chaves. Trilha sonora: Eduardo Schiavone. Elenco: Adilson Azevedo, Wanda Stefânia, Carlos Palma, Marcelo Almada, Carlos Alberto Pezzi, Cristiane Magen, José Luís Afonso, Marcelo Lazzarato, Luiz Vasco, Luís Rafael Cabral e Renato Herzer. De 2 set. 1988 a 28 nov. 1988. Teatro do Bixiga.

*MACHO BELEZA*. Texto: Tito Alencastro. Direção: João Albano. Cenografia: Tito Alencastro. Figurinos: Ronaldo de Oliveira Costa. Adereços: Ramon. Iluminação e sonoplastia: Nezito Reis e Antônio Bezerra. Cenotécnica: Raphael Moreira. Elenco: Carlos Arena, Jorge Cerruti e Yur Fogaça. De 9 jan. 1981 a 3 maio 1981. Teatro Bixiga.

Crítica: Clovis Garcia. Homossexualismo em quatro peças. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1981, p.36 (acerca também de *Bent; Blue jeans; Trampo & gandaia*).

*MACUNAÍMA*. Texto: Mário de Andrade. Adaptação: Grupo Pau Brasil e Jacques Thieriot. Direção: Antunes Filho. Assistência de direção: Isa Kopelman. Direção de arte, cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Aderecistas: Neneca e Rui Pereira de Carvalho. Rapsódia e direção musical: Murilo Alvarenga. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Preparação corporal: Oswaldo Diaz. Iluminação: Renato Pagliaro e Luis Marchi. Pintura de cenário: Naoyuki Uehara e Carlito e Roberto. Elenco: Angela de Castro, Beto Ronchezel, Carlos Augusto Carvalho, Clarita Sampaio, Deisi Rose, Guilherme Marback, Ilona Filet, Isa Kopelman, Jair Assumpção, Luiz Henrique, Manfre-

do Bahia, Mirtes Mesquita, Nazeli Bandeira, Salma Buzzar, Theodora Ribeiro, Whalmyr Barros, Walter Portella e Wanda Kosmo.[4] Teatro São Pedro.

Obs.: O espetáculo reestreou em 1982 e ficou em cartaz até 1984 (em repertório) – Ficha técnica: Texto: Mário de Andrade. Adaptação: Grupo Pau Brasil e Jacques Thieriot. Direção: Antunes Filho. Assistência de direção: Salma Buzzar. Adereços e figurinos: Grupo de Teatro Macunaíma. Preparação musical: Edson Roque da Costa. Rapsódia musical: Grupo de Teatro Macunaíma. Iluminação: Davi de Brito Alves. Sonoplastia: Ulisses Cohn e Oswaldo Boaretto Jr. Dança: Paula Martins. Direção da pesquisa: Walderez Cardoso Gomes. Elenco: Arciso Andreoni, Cecília Homem de Mello, Cissa Carvalho, Darci Figueiredo, Evaldo de Brito, Flávia Steward Pucci, Giulia Gam, João Bosco Cunha, Ligia Cortez, Lúcia de Souza, Luiz Henrique, Malu Pessin, Marco Antonio Pâmio, Marcos Oliveira, Marlene Fortuna, Olair Coan, Oswaldo Boaretto Jr., Salma Buzzar, Ulisses Cohn e Walter Portella. De 2 maio 1984 a 23 dez. 1984; de 6 dez. 1985 a 6 jan. 1986. Teatro Anchieta.[5] 1987. Teatro Anchieta.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Macunaíma*, um milagre teatral. *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1984, p.16.

*MADAME CAVIAR*. Texto: Walcir Carrasco. Direção: Sebastião Apolônio. Elenco: Íris Bruzzi, Marlene Silva, Adriana Lopes, Ricardo Chileni, Vinícius de Nicklaus e J.C. Rocco. 7 fev. 1989. Teatro Edgar Soares. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MADAME FINO TRATO*. Texto: Zirta Kiray. Direção: Freddy Moreira. Elenco: Nilton Araújo, Antônio Rodrigues, Zirta Kiray e Tony Sá. 1988. Espaço Persona. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

---

4 O novo espetáculo é de três horas, sendo que o original era de 4h30m. Os espetáculos *Macunaíma, Nelson 2 Rodrigues, Romeu e Julieta* rodiziaram-se, de setembro a dezembro, no Teatro Anchieta. Esta é a ficha técnica da primeira montagem do espetáculo apresentado em 28 de setembro de 1978.

5 Considerei importante apresentar a ficha técnica da primeira montagem tendo em vista que, em entrevista a mim concedida por Ligia Cortez, em 19 set. 2005, a atriz comentou inúmeras vezes do hercúleo trabalho de Salma Buzzar e Walter Portella para recuperar a montagem inicial. Dessa forma, e de acordo com Bertolt Brecht (em *A mãe*, obra homônima adaptada do romance de Máximo Gorki), a despeito de estes indivíduos não se fazerem presentes nesta montagem, eles nela se presentificaram por conta da dupla Portella/Buzzar.

*MADAME POMMERY.* Texto (baseado em Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta): Alcides Nogueira [Pinto]. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Tião de Souza e Roberto Moreira. Música e direção musical: Oswaldo Sperandio. Cenografia: Kalil Farran. Figurinos: Leda Senise. Coreografia: Hugo Rodas. Murais: Sara Goldman-Belz. Telão: F. Giacchieri. Adereços: Nelson Escobar. Preparação corporal: Luis Vasconcelos. Danças de salão: Fernando Jacon. Estudos teóricos: Edelcio Mostaço. Elenco: Ciça Camargo, Caio Perez, João Carlos Couto, Lúcia Capuani, Marcelo Almeida, Marcos Galvão Kaloy, Márcia Correa, Teça Pereira, Margot Ribas, Nelson Escobar, Paulo Maurício e Rosália Petrin. De 25 out. 1982 a 19 maio 1983. Espaço Govinda e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. Boa diversão, mas poderia ser melhor. *O Estado de S. Paulo*, 8 dez. 1983, p.18.

*MÃE – ALMA DA REVOLUÇÃO, A.* Texto: Bertolt Brecht. Tradução: Gert Meyer. Direção: Leda Villela. Músicas: Emílio Fontana Filho. Coreografia: Jorge Ruy. Cenografia: Nelson Moura Jr. Figurinos: Leda Villela e Vilma Fernandes. Direção musical: Regina Carvalho e Tuca Fernandes. Elenco: Maria do Carmo Bauer, Alexandre Mate, Barthô Rodrigues, Rosy Ciupak, Allan Porto, Betto Passos, Dora Nascimento, Edson Caeiro, Elias Bedori, Henderson Cisz, Isis Benevene, Islana Gomes, J. B. Silva, Cacá Bastestin, Mara Regina Rondi, Marco Deboni e Sandro Macchia. De 19 out. 1984 a 31 dez. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*MÃE D'ÁGUA, A.* Texto: Raimundo Alberto. Direção: Carlinhos Lira. Elenco: Grupo MCTA, com Cleusa Borges, Aluísio Silva, Heleno Morais, Henrique Talma, Luís Oliveira, Paulo de Souza, Roberto Dias e Constança dos Santos. De 7 dez. 1983 a 1984. Village Station Cabaret. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MAHAGONNY.* Texto: Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução, adaptação e direção: Cacá Rosset. Direção: Félix Wagner. Elenco: Luiz Roberto Galízia, Maria Alice Vergueiro, Dada Cirino, Edith Siqueira, Félix Wagner, Zeca Lennert e Chiquinho Brandão. 29 e 30 abr. 1983. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MAHAGONNY*. Texto: Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução, adaptação e direção: Cacá Rosset. Direção: Félix Wagner. Elenco: Cacá Rosset, Maria Alice Vergueiro, Dadá Cirino, Chiquinho Brandão, José Rubens Chasseraux, Paulo Ivo, Denise Araceli, Felix Wagner, Zeca Lennert e Magaly Biff. De 21 abr. 1984 a 22 jul. 1984. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Clovis Garcia. Ponkã e Ornitorrinco: duas propostas criativas. *O Estado de S. Paulo*, 17 maio 1984, p.18 (acerca também de obras do *Ponkã*).

*MAHAGONNY SONGSPIEL*. Texto: Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução, adaptação e direção: Cacá Rosset. Direção musical: Cida Moreyra. Cenografia: Luiz Roberto Galízia e Victor Nosek. Figurinos: Domingos Fuschini. Iluminação: Pedro Farkas. Coreografia: Ana Motta. Sapateado: André Bruno. Orientação pugilística: Sidney Ubeda Campos. Elenco: Ana Maria Braga/Dadá Cirino, Cida Moreyra, Denise Del Vecchio, Luiz Roberto Galízia, Cacá Rosset, Antonio Carlos Brunet, Kátia Suman e Zeca Lennert. De 28 maio 1982 a 10 out. 1982. Teatro Célia Helena, Centro Cultural São Paulo e Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Toda a ironia de Brecht na criação do Ornitorrinco. *O Estado de S. Paulo*, 23 jun. 1982, p.16.

Obs.: A obra ficou pouco tempo em cartaz devido a problemas com a censura, mas não brasileira.

> Mahagonny, de Brecht, nas mãos do grupo, adquiriu uma nova leitura. Tão nova que foram convidados a participar de um festival nos Estados Unidos. Os puristas de lá não gostaram muito da montagem que, de certa forma, dessacralizava o autor alemão. Além de críticas negativas, trouxeram na bagagem de volta a proibição de encenar a peça. Aqui, no entanto, o espetáculo conseguiu arrebanhar público considerável – e críticas favoráveis. (*Palco e Plateia*, ano I, n.5)

Além do festival Latino-Americano de Nova Iorque (1984), o Grupo apresentou o espetáculo nos seguintes festivais: Internacional de Caracas, em 1983; Internacional Cervantino do México, em 1983; Internacional das Artes de Monterrey (México), em 1983; Internacional de Manizales (Colômbia), em 1984.

*MAIS FORTE, A*. Texto: August Strindberg. Direção, cenografia e iluminação: Silvia Poggeti. Figurinos: Tânia Gaidarji. Sonoplastia: Luiz Augusto Pereira. Direção musical: Roberto Stocchi. Elenco: Magdalena Alves, Hanna Kruolf e Orlando Gama. De 1 set. 1989 a 28 out. 1989. Teatro Zero Hora.

*MAIS QUERO ASNO QUE ME CARREGUE QUE CAVALO QUE ME DERRUBE*. Texto (adaptado de *A farsa de Inês Pereira*): Carlos Alberto Soffredini. Direção: Ednaldo Freire. Direção musical e composição: Marcos Arthur. Cenografia e figurinos: Tieko. Iluminação: Carlos Batista. Coreografia: Fernando Neves e Henrique Alberto. Músicos: Gustavo Kurlat, Marcelo Mig e Paulo Rappoport. Elenco: Grupo Zambelê, com Márcia Regina, John Braz e Tereza Convá. De 19 nov. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro das Nações.

*MAIS QUERO ASNO QUE ME CARREGUE DO QUE CAVALO QUE ME DERRUBE*. Texto e direção: Carlos Alberto Soffredini. Figurinos: Irineu Chamiso Jr. Iluminação: Marcos de Barros. Coreografia: Eduardo Coutinho. Elenco: Núcleo Estep, com Chiquinho Cabrera, Cláudia de Freitas, Renata Soffredini, Isser Korik, Marcos Moreira, Rita Ivenof, Gesser de Sorita, Marcos de Barros e Walmir Rocha. De 27 nov. 1987 a 7 fev. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*MÁGICO, O*. *Performance* mímica com texto, direção e interpretação: Alberto Gaus. 1983. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MAGNÍFICO REACIONÁRIO, O*. Texto: criação coletiva de textos ligados à vida de Nelson Rodrigues por Malu Pessin, Antônio Dantas e Domingos Fuschini. De 4 a 25 jun. 1981. Bang-Bang Bar.

*MAL SECRETO*. Texto: José Antônio de Souza. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Tito Teijídio. Cenografia e figurinos: Luiz Fernando Pereira. Direção musical e sonoplastia: Acê Dall Farra e José Baptista Martins. Cenografia e figurinos: Luiz Fernando Pereira. Preparação corporal e movimento: Ana Motta. Direção de cena: Gilberto Zarmati. Iluminação: Arthur Roque. Cenotécnica: Walcir Ribeiro. Elenco: Alberto Baruque, Samuel Napolitano, Giuseppe Oristânio, Gigi Zarmati/Christiane Tricerri e Júlia Pascale/

Salete Fracaroli. De 15 jul. 1981 a 27 dez. 1981. Teatro São Pedro (Studio São Pedro), Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro Martins Pena e Teatro Arthur Azevedo.

Crítica: Clovis Garcia. *Mal secreto*: excelente espetáculo. *O Estado de S. Paulo*, 5 set. 1981, p.15.

*MALANDRAGENS DE ESCAPINO, AS*. Texto: Molière. Tradução: Carlos Drummond de Andrade. Direção, cenografia e iluminação: Maurice Vaneau. Figurinos: Ninette van Vuchelen. Elenco: Antoine Rovis, Lourival Prudêncio, Ana Lucia Cavalieri, Kiko Guerra, Flávio Colatrello, Hugo Della Santa, Fernando Neves, Francisco Cintra, Idelene do Amaral e Silvia Poggetti. De 18 jun. 1982 a 12 set. 1982. Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Clovis Garcia. A atualidade de Molière num espetáculo cuidado. *O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 1982, p.26.

*MALDIÇÃO*. Texto e direção: Denise Stoklos. Iluminação: José Rubens Siqueira. Figurinos: Fernanda Abujamra. Elenco: Denise Stoklos, Gisela Arantes, Marianna Monteiro, Carolina Macedo, Ali Daruj, Eduardo Márquez, Júlio Sárkány, Ramon Vivas e Rosângela Silva. Participação especial: Bete Coelho e Fernanda Abujamra. De 11 ago. 1983 a 6 out. 1983. Teatro Sesc Fábrica e Teatro São Pedro.

*MALDITA*. Roteiro e direção: Roberto Lima. Argumento: Raul Costa. Preparação corporal: Gabriel Guimard. Coreografia: Paulo Contier. Música: Duda Oliveira. Figurinos: Tércio Freitas. Iluminação: Fernando Jacon. Elenco: Ciça Fonseca, Mônica Ávila e Tereza Freire. De 16 set. 1988 a 2 out. 1988. Teatro do Bixiga.

*MALEFÍCIOS DO FUMO, OS*. Texto: Anton Tchekhov. Direção: Francisco Seabra. Elenco: Lando Dalri. De 12 a 26 ago. 1987. Espaço Vermelho 145.

*MALUQUICES DO PICADEIRO, AS*. Espetáculo de mímica, com texto e interpretação de Vicentini Gomes. De 18 fev. 1988 a 13 mar. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes).

*MAMAS DE TIRÉSIAS, AS*. Texto: Guillaume Apollinaire. Direção: Carolina do Ó. Figurinos: Ângela Salviati, Cláudio Cretti. Iluminação: Murilo Borges. Adereços: Cláudio Cretti. Sonoplastia: Carolina de Ó. Elenco: Grupo Apolíneos, com Antonio Cupertino, Berg Bretas, Carolina de Ó, Alê Pinheiro, Douglas Nunes, Peter Bruschi e Vanda Warela. 28 e 29 nov. 1986. Escola de Comunicações e Artes. 5, 6 e 8 dez. 1986. Espaço Madame Satã. 10 dez. 1986. Bar Malícia. 11 e 12 dez. 1986. Ácido Plástico. 23 dez. 1986. Espaço Off.

*MANCHA ROXA, A*. Texto: Plínio Marcos. Direção, música e trilha sonora: Léo Lama. Iluminação: Léo Lama e Sidnei Savariego. Preparação corporal: Camila Bolaffi. Elenco: Camila Bolaffi, Beth Daniel, Dione Leal, Elaine Fonseca, Leila Panthel e Graça de Andrade. De 13 mar. 1989 a 29 maio 1989. Teatro do Bixiga.

Crítica: Jefferson del Rios. *A mancha roxa*, um efeito devastador. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1989, p.3.

*MANDRÁGORA, A*. Texto: Maquiavel. Tradução: Mario Silva. Revisão do texto: Pina Côco, com assistência de Bruno Miranda. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Figurinos: Lola Tolentino. Cenografia: Ricardo Ferreira. Iluminação: Wagner Pinto. Música: Miguel Briamonte. Adereços: Olinto Mendes de Sá. Elenco Grupo Tapa: Giuseppe Oristânio, Clara Carvalho, Ernani Moraes, Eliana Fonseca, Brian Penido, Charles Myara e Guilherme Sant'Anna. De 29 jun. 1988 a 20 dez. 1988. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Maquiavel, acima dos séculos. *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1988, p.1.

*MANIFESTO, O*. Texto: Brian Clark. Tradução: Flávio Marinho. Direção e iluminação: José Possi Neto. Cenografia: Alexandre Toro. Figurinos: Kalma Murtinho. Sonoplastia: Xodó. Elenco: Cláudio Corrêa e Castro e Beatriz Segall. De 9 abr. 1988 a 17 jul. 1988. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Charles Magno Medeiros. Elogio da tolerância. *O Estado de S. Paulo*, 13 maio 1988, p.6.

*MANOS, ARRIBA*. Direção: Francisco Medeiros. Com o Grupo Marzipan. Seis peças coreografadas, com concepção do grupo. 1986. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento do espetáculo.

Obs.: Trata-se de espetáculo inserido na categoria teatro-dança.

*MANSAMENTE*. Texto, concepção do espetáculo, dos bonecos, direção da manipulação: Marcos Caetano Ribas. Cenografia e manipulação dos bonecos: Marcos Caetano e Raquel Ribas. De 9 ago. 1981 a 31 jan. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. De 7 a 10 fev. 1983. Centro Cultural São Paulo.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Brasil, autor da magia que brilhou no festival. *O Estado de S. Paulo*, 13 ago. 1981, p.27.

*MANSOS DA TERRA, OS*. Texto: Raimundo Alberto. Direção: Ivan Kohn. Elenco: Evaristo Guimarães, Zanny Santini e Orlando Longhi. 6 set. 1984. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MÃO NA LUVA*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Amilton Monteiro. Cenografia e figurinos: André Cañeda e Fábio Brando. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Raphael M. dos Santos. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Trabalho corporal: Sonia Azevedo. Elenco: Fabianne Telles e Paulo César Barbosa. Estreia: 25 jan. 1988. Teatro Igreja e Teatro Markanti. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MÃO NA LUVA (INTRODUÇÃO AO HOMEM DE DUAS FACES)*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção e iluminação: Aberbal Júnior. Cenografia, figurinos e programação visual: Márcio Colaferro. Direção e movimentação corporal: Klauss Vianna. Direção musical: Marcos Leite. Trilha sonora: João Bomba. Música: Heitor Villa Lobos. Sonoplastia: Paulo Roberto. Placas: Fred. Telão: Cláudia Johnsen e Loira. Direção de palco: Paulo Carreira. Cenotécnica: José Ferreira Silva. Elenco: Marco Nanini e Juliana Carneiro da Cunha. De 11 set. 1984 a 25 nov. 1984. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Mão na luva*, espetáculo íntegro. *O Estado de S. Paulo*, 30 set. 1984, p.41.

Obs.: Considero modelar o cartaz da peça. Nele, o artista explicita tanto as ideias, crenças e militância de Vianinha quanto o "compromisso" da obra. Vale observar que no cartaz não consta o nome do diretor. Não pela primeira vez, Aderbal Júnior quebra a hegemonia de informação no cartaz, suprimindo dele seu nome.

*MÃOS AO ALTO, SÃO PAULO*. Texto: Paulo Goulart. Direção: Roberto Lage. Cenografia: Campello Neto. Figurinos: Sonia Coutinho e Tito Teijido. Efeitos de som: Tunica. Iluminação: Joel Jardim. Cenotécnica: Vavá. Elenco: Bárbara Bruno, Nicette Bruno, Luiz Carlos Arutin, Márcia Real, Fernando Bezerra, Giuseppe Oristânio e Moema Brum. De 10 set. 1980 a 15 fev. 1981. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. Atualidade permanente na velha comédia de costumes. *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1980, p.17.

*MÃOS DE EURÍDICE, AS*. Texto: Pedro Bloch. Direção e interpretação: Oswaldo Loureiro. Iluminação: José Augusto. De 3 jan. 1986 a 30 mar. 1986. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Clovis Garcia. Dois emocionantes monólogos. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1986, p.15 (acerca também de *Assunta do 21*).

*MÃOS SUJAS DE TERRA*. Texto (a partir de adaptação de conto de Josué Guimarães): Luiz Carlos Moreira. Direção, cenários e iluminação: Luiz Carlos Moreira. Músicos (ao vivo): Carvalho Bastos, Chico de Abreu, Renato e Priscilla Ermel. Composição: Priscilla Ermel e Sérgio Sá. Direção Musical: Priscilla Ermel. Elenco do Grupo Apoena: Aiman Hammoud, Flávio Dias, Irací Tomiatto, Júlia Gomes, Danielle Palumbo/Leide Câmara, Reginaldo Araújo/Luiz Carlos Moreira/Adelmo de Freitas e João Checa/Luís Antonio Brock. 1979 até 13 jan. 1980. Teatro Anchieta, Teatro Arthur Azevedo, Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Paulo Eiró. Não foi possível recuperar a data de estreia da temporada.

*MARACAIBO A GO GO*. Texto, direção e interpretação: Marcelo Mansfield e Ângela Dip. 28 jun. 1987. Espaço Off. 29 jun. 1987. Estação Madame Satã.

*MARACATU MARAVILHOSO*. Criação, direção e interpretação: Antônio Nóbrega. 7 e 8 jun. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Pascoal Carlos Magno).

*MARACATU MISTERIOSO*. Texto, direção e interpretação: Antonio Carlos Nóbrega. De 3 jun. 1983 a 4 jul. 1984. Centro Cultural São Paulo e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*MARAQUATAIA*. Texto e direção: Deoclides de Andrade. Grupo Ovelha Negra. Federação Paulista de Teatro Amador (Fepama). Elenco: Deoclides de Andrade, Tir Barbosa, Noêmia Duarte, Wanda de Castro, João Paulo Ricardo e Augusto Ferreira. 3 dez. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes).

*MARAT, MARAT*. Criação e direção: Márcio Vianna. Cenografia e figurinos: Doris Rollemberg. Preparação corporal: Marlene Bibas. Direção musical: Carlos Sandroni. Iluminação: Paulo César Medeiros. Pesquisa histórica: Denise Rollemberg. Cabeças e adereços: José Moçaira e Luiz Amadi. Produção e elenco: Grupo Teatral A Contrador, com Ana Luíza Magalhães, Leonel Brum, Litty Benayon, Rose Ripoll, Viviane Feder, Maja Vargas, Marluci Fabiola e Paulo Horta. De 18 a 29 out. 1989. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*MARCEL MARCEAU*. Roteiro, direção e interpretação: Marcel Marceau. Estreia: 24 jul. 1989. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MARES DA CHINA*. Espetáculo baseado nos filmes *noir* dos anos 1940. Texto: Marcelo Mansfield. Direção: Cristina Sano. Figurinos: Madalena Machado. Argumento: Madalena Spacassassi. Direção musical: Vicente Stefano. Elenco: Carlos Mani, Eliana Teruel e Madalena Spacassassi. De 6 a 23 abr. 1989. Espaço Off.

*MARGARIDO, O BOM MARIDO*. Texto e direção: Waldemar Sillas. Elenco: Miriam Martinez, Ricardo Páriz e Ademir Pelissaro. Estreia: 9 nov. 1984. Palhaçaria Pimpão. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MARGINAIS DE LUXO. LADO ESCURO.* Baseado em *Baal* de Bertolt Brecht. Direção: Roberto Lage. Elenco: Mariana Muniz e Guilherme Bonfanti. 3 nov. 1986. Escadarias do Teatro Sérgio Cardoso.

*MARIDO JECA, MULHER SAPECA.* Comédia musical de Ilse Hoccherm. Direção: José Adauto Cardoso. Elenco: Rosângela Esmeraldo, Rogério Lima, Walter Alvarenga e Fátima Furlan. Participação especial da cantora Joelma. De 26 nov. 1987 até 1988. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Taib.

*MARIDO, MATRIZ & FILIAL.* Texto: Sérgio Jockmann. Direção: Guilherme Correa. Elenco: Ivete Bonfá, Carlos Koppa e Floriza Rossi. De 22 maio 1980 a 12 out. 1980. Teatro das Nações.

*MARIDO, MULHER & CIA.* Texto: Enemir Franco. Direção: Mário de Carvalho. Elenco: Mauro Rodrigues, Symone Niasar, Enemir Franco e Ivanildo Alves. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. 1989. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MARIDO, MULHER & FILIAL.* Texto: Enemir Franco. Direção: Mário de Carvalho. Iluminação: Fauzer Kassen. Direção musical: Sandra Nunes. Figurinos e maquiagem: Marcos Moreira. Elenco: Renato Vidal, Simone Mauro e Enemir Franco. De 27 ago. 1987 a 30 dez. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmera).

*MARINHEIRO, O.* Texto: Fernando Pessoa. Direção: Isa Kopelman. Direção de arte: Luciana Porto e Haroldo Lourenção. Figurinos: Tânia Castello e Paulo Babboni. Preparação corporal: Yolanda Amadei. Preparação vocal: Mylène Pacheco. Iluminação: Hamilton Saraiva. Composição musical: Renato Primo Comi. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Tânia Castello, Luciana Chaui e Rosana Seligman. De 20 a 22 jan. 1989. Tusp. De 8 a 12 fev. 1989. Projeto Mambembe.

*MARQUESA E O IMPERADOR, A.* Texto: Ênio Gonçalves. Direção: Mario Masetti e Valter Padgursch. Direção de atividades circenses: José Wilson Leite. Iluminação: Ney Silva. Trilha sonora: Tunica. Adereços: Luís Rossi. Elenco: Nancy Galvão e Vicentini Gomes. De 8 abr. 1986 a 31 maio 1986. Teatro Cenarte.

Crítica: Vivien Lando. D. Pedro I e Domitila no circo. *O Estado de S. Paulo*, 21 maio 1986, p.4.

*MÁRTIR DO CALVÁRIO, O.* Texto: Eduardo Garrido. Direção: Vic Militello. Com o Grupo Pó de Serra. 5 abr. 1985. Centro Cultural São Paulo.

*MARY STUART.* Texto, direção, interpretação, escolha de figurinos, espaço cênico e sonoplastia: Denise Stoklos. Iluminação: Denise Stoklos e Ysla Jae. Fotografia e assistência de direção: Ysla Jae. De 21 ago. 1987 a 20 dez. 1987. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Charles Magno Medeiros. A fantástica Denise. *O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 1987, p.7.

*MÁSCARAS.* Texto baseado no livro de Ryunosuke Akutagawa: *Roshoman*. Adaptação, direção, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Músico: César Albino. Preparação corporal e coreografia: Silvia Bittencourt. Música e direção musical: Oswaldo Sperandio. Iluminação e assistência de direção: Aimar Labaki. Máscaras: Helô Cardoso. Adereços e sonoplastia: Attílio Caesar. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Grupo Ar Cênico, com Cida Almeida, Guilherme Leme, Leopoldo Pacheco, Cláudia Schapira, Emílio de Mello, Lígia Lemos e Sofia Papo. De 16 out. 1985 a 12 jan. 1986. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

Crítica: Clovis Garcia. Encenações instigantes do Ar Cênico e Mambembe. *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1985, p.20 (acerca também de *Inimigos de classe*).

Obs.: O espetáculo foi apresentado também no Festival Internacional de Teatro (Manizales, Colômbia), em 1986, e no Festival Internacional de Cádiz (Espanha), 1988. Também fez uma turnê, em 1989, pela Iugoslávia e Espanha.

*MÁSCARAS.* Texto baseado no livro de Ryunosuke Akutagawa: *Roshoman*. Adaptação, direção, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Músico: César Albino. Preparação corporal e coreografia: Silvia Bittencourt. Música

ao vivo e direção musical: Oswaldo Sperandio. Iluminação: Aimar Labaki. Máscaras: Helô Cardoso. Sonoplastia: Julian A. Tobón. Elenco: Attilio Caesar, Cláudia Schapira, Emilio de Mello, Maria Almeida, Leopoldo Pacheco e Sofia Papo. De 6 a 9 out. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*MASCULINO MUITO SINGULAR*. Texto: Bricaire e Lasaygues. Tradução: Marisa D. Murray. Direção: Afonso Gentil. Figurinos: Ivete Bonfá. Iluminação: Mario Márcio. Trilha sonora: Décio Gentil. Elenco: Patrícia Scalvi, Hélio Souto, Ivete Bonfá, Flávio Guarnieri, Sebastião Campos e Rubens Pignatari. De 19 ago. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Markanti.

Crítica: Clovis Garcia. Gargalhando sem parar. *O Estado de S. Paulo*, 28 ago. 1986, p.5.

*MATEUS PRESEPEIRO.* Texto e direção: Antonio Carlos Nóbrega. Estreia: 10 abr. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MATOGROSSO.* Criação e direção: Gerald Thomas. Assistência de direção: Richard Bach. Cenografia e figurinos: Daniela Thomas. Música: Philip Glass. Iluminação: Gerald Thomas e Wagner Pinto. Efeitos especiais: Christian Weiskircher. Equipe de música: Michael Tiesman, Pachoal Perrota, Jacques Morelenbaum, Carlos Alberto Figueiredo e Elza Lakschevitz. Coordenação de palco: Michael Blanco. Direção técnica: José Luis Joels. Direção de cena: Domingos Varela. Cenotécnica: Humberto Antero da Silva. Pintura e objetos de cena: Juvenal Santos. Regente: Michael Riesman. Elenco: Dry Opera Company, com Luiz Damasceno, Magali Biff, Oswaldo Barreto, Edílson Botelho, Zacharias Goulart, Domingos Varela e Cristiana Duarte. Atores convidados: Ana Kfouri, Richard Bach, Lu Grimaldi, Lena Brito e Esther Linley. Grande elenco (*sic*): Ana Elisa Poppe, Antonio Mello, Beatriz Filippo, Carl Alexander, Cláudio Soares, Cristina Amadeo, Eduardo Mamberti, Emmanuel Marinho, Gedivan de Albuquerque, Geórgia Goldfarb, Hiran Costa Jr., Isabella Parkinson, Jaqueline Sperandio, Johana Albuquerque, Jonas Dalbecchi, Lídia Maria Pia, Luis Carlos de Vasconcelos, Luzia Mayer, Marco Antonio Palmeira, Maurício da Silva, Patrícia Nidermeier, Paula Feitosa, Reynaldo Otero, Rogério Freitas, Ricardo Venâncio, Sarah Navarro, Shulamith Yaari e Zuila Bueno. 21 a 24 out. 1989. Teatro Municipal.

*MATRIMÔNIO COM DEUS.* Espetáculo apresentado pelo Odin Teatret. Direção: Eugenio Barba. Primeiro dia: *Moon and darkness* – demonstração de trabalho do Odin. Segundo e terceiro dias: *Esperando o amanhecer,* texto inspirado em *O estrangeiro* de Albert Camus; fragmentos de Samuel Beckett, Jean Genet e Witold Gombrowicz. Roteiro, interpretação e direção: Richard Fowler. Do quinto ao sétimo dias: *O país de todos* ou *Nós o país de Nod,* texto e direção: César Brie. Cenografia: Lena Bjerregarde e Paul Ostergaard. Figurinos: Lena Bjerregarde. Elenco: César Brie e Iben Nagel Rasmussen. 1987. Teatro Sérgio Cardoso. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. O ator. Intensivamente. *O Estado de S. Paulo,* 31 maio 1987, p.8.

Obs.: Trata-se de montagem estrangeira amparada por vários patrocinadores com cooperação do Projeto de Pesquisa do Laboratório Unicamp de Movimento e Expressão – setor teatro. Constam no programa ainda as seguintes informações: *Antes que Paris arda,* com Lena Bjerregard, César Brie, Richard Fowler, Iben Nagel Rasmussen e Ulrik Skeel. *Matrimônio com Deus.* Textos: Teresa D'Avila, Jorge L. Borges, Juan de la Cruz, Sergoj Esenin e outros. Direção: Eugenio Barba. Elenco: César Brie e Iben Nagel Rasmussen.

*MATURANDO.* Espetáculo apresentado com bonecos. Criação, iluminação e direção: Marcos Caetano Ribas. Direção musical: Hector Gonzales e Graziela de Leonardis. Cenografia, figurinos e adereços: Rachel Ribas. Bonecos: Marcos Caetano Ribas e Rachel Ribas. Manipulação: Marcos Caetano Ribas e Rosane Lima e Rachel Ribas. De 6 a 26 ago. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*MAURICE VANEAU PARA GOVERNADOR.* Texto, direção e atuação: Maurice Vaneau. De 23 jul. 1981 a 2 ago. 1981. Teatro Maria Della Costa.

Obs.: Primeiro espetáculo da década em que Maurice Vaneau participa como ator. O diretor belga ficou bastante conhecido pelo público frequentador do Teatro Brasileiro de Comédia. Além de ter dirigido vários espetáculos na empresa, fundada por Franco Zampari, Vaneau foi também um dos diretores artísticos da casa.

*MÁXIMO, O.* Texto composto por fragmentos de Nietzsche, Baudelaire e de Hamilton Vaz Pereira. Criação e direção: Hamilton Vaz Pereira. Cenografia: Cláudio Torres. Músicas: Hamilton Vaz Pereira, Arrigo Barnabé e Mário Manga. Iluminação: Marcos Ribeiro. Elenco: Lena Brito, Patrícia Pillar, Arrigo Barnabé, Hamilton Vaz Pereira, Mário Manga (guitarra, charango, bandolim, harmônica, violoncelo), Solange Badin e Zeca. De 2 dez. 1988 a 26 fev. 1989. Teatro Mars.

Obs.: As observações abaixo, sobre o espetáculo, foram feitas com a colaboração do autor e do diretor do espetáculo e encontram-se em material preparado pela equipe de Artes Cênicas do Centro Cultural São Paulo, em julho de 1990:

> Afastado de São Paulo desde 1984 [...] Hamiltom Vaz Pereira reencontrou o público paulistano apenas em 1987 com a apresentação de Estúdio Negasaki, na qual comparecia como dramaturgo-diretor-intérprete e aonde se podia reconhecer a potencialização do que se indicava em suas participações nos trabalhos em grupo daquela fase anterior. Seguindo na sua experimentação, sempre apoiado em recursos de multimídia e contando com a música como elemento marcante, Hamilton Vaz Pereira encontra no Teatro Mars, em função das características espaciais daquele local, condições únicas para a definição da inovadora concepção cênica na montagem de *O máximo*.
>
> Construindo uma piscina na parte fontal do palco, Hamilton aproveitou também o imenso pé-direito do teatro através da movimentação de elevadores que auxiliavam o elenco na utilização das passarelas superiores que circundavam a cena. Aberturas na parede do fundo do palco permitiam, ainda, localizar cenas num plano posterior ao palco, conseguindo, pela superposição dos vários níveis espaciais, um efeito do tipo de uma montagem cinematográfica.
>
> A montagem de O máximo foi realizada no final de 1988, simultaneamente à temporada de outro espetáculo, também de autoria de Hamilton Vaz Pereira, Nardja Zulpério.

*MEDÉIA, O DRAMATÍCULO.* Texto, figurinos, cenografia, iluminação e direção: Wagner Salazar. Adereços e maquiagem: Leopoldo Pacheco. Sonoplastia: Físico. Elenco: Leopoldo Pacheco e Cida Almeida. De 8 maio 1987 a 30 jun. 1987. Espaço Off.

*MÉDICO À FORÇA, O.* Texto: Molière. Direção: Manoel Ochoa. Elenco: Gesse Fróes, Márcio Edis, Mário Lopes, Cláudia Lobo, Gianfrancesco Lopes e Domingos Chari. De 17 jun. 1988 a 31 jul. 1988. Teatro Sadi Cabral.

*MEDIDA POR MEDIDA.* Texto: William Shakespeare. Direção: Sérgio Santiago. Sonoplastia e iluminação: Valter Machado. Figurinos: Jonas Antunes e Naíra Gonçalves. Elenco: Sérgio Garcia, Oswaldo Ludgero, Eduardo Sampaio, Ana Maria Quintal, Jonas Antunes, Evaristo de Oliveira, Eliana Berdugo, José Aurélio Martinez, Wagner Machado e Jefferson Rochetti. 1986. Teatro Sadi Cabral. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MEGAESPETÁCULO: REVOLUÇÃO FRANCESA.* Texto e direção: José Roberto Aguilar. Apresentação: 15 jul. 1989. Praça Charles Miller.

Obs.: Mais informações acerca do espetáculo, cf. Mário César Carvalho: Festa tomará a bastilha em São Paulo com 300 atores. – *Folha de S. Paulo,* 23 maio 1989, p.E-1, e Celso Fonseca: Um processo (muito particular) da história da revolução. *Jornal da Tarde,* 14 jul. 1989, p.20-A.

*MELHOR É RIR COM BONIFÁCIO, O.* Comédia pantomímica criada e dirigida por Ricardo Bandeira. Elenco: Ricardo Bandeira e Cecília Cirino. Estreia: 1 abr. 1986. Teatro-Bar Navegar é Preciso. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MEMÓRIAS DO ALIENISTA.* Texto: Machado de Assis. Adaptação: Armando Célio Jr. e Jorge Fernandes Lahan. Direção: André Jr. Elenco: Roseli Grimaldi, Silvana Gianordeli, Reinaldo Simões, Lígia de Castro e Rubens Pedrosa Jr. De 17 a 25 mar. 1984. Tusp.

*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.* Obra adaptada e dirigida por Lineu Hirschi e Zaira B. Alves. Cenografia e figurinos: Carlos Pazetto Jr., Luis Payone Torres e Gilberto Salvador. Direção musical: Beth Blush. Elenco: Núcleo Mascar Arte Cênica com Olair Coan, Cristina Bosco, Vera Zimmermann e Ronaly Moreno. Estreia: 6 maio 1987. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Taib.

*MENINA, A.* Texto: Décio e Afonso Gentil. Direção: Elvira Gentil. De 22 a 26 fev. 1984. Teatro Markanti. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MENINA NÃO ENTRA.* Texto: Wanderley Aguiar Bragança e Zeno Wilde. Direção: Zeno Wilde. Elenco: Edílson Lino, Júlio Góes, Antonio Brandão, Rubens Cruz, Luiz Carlos Sanches e Ana Maria Surani. 10 out. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Pesquisa e experiência no teatro alternativo. *O Estado de S. Paulo*, 24 dez. 1983, p.12.

*MENINAS, AS.* Texto: Lígia Fagundes Telles. Adaptação: Adélia Maria Nicolete. Direção: Paulo Moraes. Assistência de direção: Cenografia: William Pereira. Figurinos: Edith Siqueira. Composição e direção musical: José Marcos Prandini. Preparação corporal e coreografia: Leila Garcia. Iluminação: Nezito Reis. Cenotécnica: Chimarskinho e José Denis do Nascimento. Elenco: Ana Luísa Lacombe, Elaine Sarino, Mayara Norbin, Zuleika Oliveira e Eduardo Gaspar. De 20 out. 1988 até 1990. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). Não foi possível recuperar a data para encerramento da temporada.

*MENINOS DA RUA PAULO, OS.* Texto: Ferencz Molnár. Direção: Heitor Goldflus. Iluminação: Paulo Elman Sister e Felício Ramuth. Sonoplastia: Alejandro S. Birenbaun. Figurinos: Débora Gidali. Elenco: Grupo NDA, com Alan Cimerman, Alberto Hamaqui, Alessandra Neves, André Goldemberg, Arnaldo Leão Mandeltraub, Atália Rachel Haim, Carlos Alberto Ciocler, Cristiane Medeiros de Araújo, David Itzck Goichemberg, Débora Gidali, Filip V. Strul, Henry Jasinowodolinki, Jairo Tchernakovsky, Larissa Zalcberg, Luciana Knobel, Marcelo Udlis, Paola Schechtmann, Roberto Rozenberg, Ronaldo Borger, Sabrina Strul e Sônia Coussinsky. 11 e 12 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*MENO MALE.* Texto: Juca de Oliveira. Direção e iluminação: Bibi Ferreira. Assistência de direção: Marcus de Toledo. Cenografia: Cyro del Nero. Trilha sonora: Tunica. Iluminação: Davi de Brito e Raimundo Candeia. Cenotécnica: José Antonio Puppi. Elenco: Juca de Oliveira, Fúlvio Stefanini, Luiz

Gustavo, Maria Estela, Sandra Mara e Nicole Puzzi. De 25 mar. 1987 a 4 set. 1988. Teatro Faap e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Meno male*. Ottimo! *O Estado de S. Paulo*, 4 abr. 1987, p.6.

Obs.: O espetáculo foi contemplado com o incentivo da Lei Sarney. Em matéria publicada na *Folha de S. Paulo,* intitulada *Consumo no mercado artístico revela surpresas em 87,* em 31 dez. 1987, p.A-31, o jornal publicou uma planilha com as maiores bilheterias do ano. A pesquisa compreendeu o período de 1 jan. 1987 a 19 dez. 1987 e apresentou os seguintes resultados: *Meno male* (137.549 espectadores), *Muito barulho por nada* (espetáculo montado pelo Sesi com entrada gratuita, 112.712 espectadores), *Nostradamus* (92.710 espectadores), *Teledeum* (50.056 espectadores), *Feitiço* (entrada gratuita, 42.085 espectadores), *Vison voador* (37.237).

Em 1988, *Meno male* também foi a maior bilheteria do ano. Dessa forma, somados os dois anos, este espetáculo contou com 161.271 espectadores, segundo planilha do Instituto Data Folha, que consultou documentação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat).

*MENOR DOR, A.* Texto composto por: *Fala comigo doce como a chuva,* de Tennessee Williams, com tradução de Maria Vor Hees e *Noite,* de Harold Pinter, com tradução de R. Novoa e F. Boherer. Direção e iluminação: Cibele Forjaz. Cenografia e trilha sonora: William Pereira. Figurinos: Marcos A. Lima. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Lúcia Romano e Luciano Chirolli. De 25 a 30 jan. 1989. Tusp. De 1 a 5 mar. 1989. Projeto Mambembe.

*MENTIRA.* Inspirado em *O mentiroso,* de Jean Cocteau. Direção: Dílson Marinho. Elenco: Hernandez de Oliveira, Alexandra Dell'Antonio e Dílson Marinho. 1989. Espaço Retrô. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MENTIRA NOSSA DE CADA DIA, A.* Texto: Bill C. Davis. Tradução: José Armando Pereira da Silva. Direção e iluminação: Stephan Yarian. Música original: Walter Netto. Cenografia: Marcos Petrin. Música original: Walther Neto. Elenco: Antonio Petrin e Thadeu Aguiar. De 10 mar. 1988 a 29 maio 1988. Teatro do Bixiga.

*MÉTHODOS*. Texto: Marco Ricca e Roberto Lima. Direção: Roberto Lima. Coreografia: Cláudia de Souza e Mônica Ávila. Trilha sonora: Cacá Soares. Figurinos e adereços: Celso Soares. Iluminação: Tom Will. Elenco: Marco Ricca, Paulo Federal, Cláudia Maria de Souza, Cacá Soares, Nélson Peres, Ciça Fonseca, Milton Kenedy, Mônica Ávila, Adriana Consorte. De 1 abr. 1987 a 28 jul. 1987. Teatro do Bixiga.

*MEU AMOR, MINHA VIDA, MINHA PRIVADA ENTUPIDA*. Texto, direção, músicas, figurinos e cenografia: Léo Lama. Iluminação e sonoplastia: Sidney Savariego. Elenco: Kiko Barros, Marta Gramonte e Edson Giusti. De 11 nov. 1987 a 17 dez. 1987. Teatro Zero Hora. De 11 nov. 1988 até 1989. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MEU GURI, O*. Texto e direção: Zeno Wilde. (Inspiração na música homônima de Chico Buarque). Cenografia e figurinos: Célia Orlandi e Attílio Caesar. Direção musical: Wanderley Martins. Músicos: Sé Zurawski (Guitarra, violão bandolin, arranjos de sopro), Lé Zurawski (flauta, sax alto, sax tenor), Lucky Luciano, Chica Brother (percussão e bateria) e Kátia Guedes (oboé). Coreografia: Silvia Bittencourt. Iluminação: Renato Pagliar. Elenco: Jorge Julião, Eduardo Silva, Ciça Manzano, Franco Renaud, Zenildo Oliveira, José Barbosa, Sílvia Mazza, Edílson Lino, Arnaldo Rasselen, Marcelo Ferretti e Neto Alves. De 10 jul. 1984 a 4 nov. 1984. Teatro Ruth Escobar.

*MEU REFRÃO OLE, OLÁ*. Musical de Abelardo Figueiredo. Músicas: Chico Buarque. Projeto visual: Elifas Andreato. Coreografia: Cyro Barcellos. Elenco: Toni Ramos, Paulo Goulart Filho, Renato Barbosa, Chamon, Vanusa, Márcia, Wilma Dias e Yolanda Braga. 1989. Palladium. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MEU TIO, O IAUARETÊ*. Texto: João Guimarães Rosa. Adaptação: Walter George Durst. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Bárbara Bruno. Cenografia e figurinos: Márcio Medina. Iluminação: Roberto Lage e Fernando Jacon. Efeito especial: Wagner Fontes. Pesquisa e orientação cultural: Paulo Haranaka. Música: André Gereissati. Elenco: Carlos Augusto de Carvalho e Paulo Gorgulho. De 22 ago. 1986 a 29 dez. 1986. Teatro Paiol.

De 7 a 10 jul. 1988. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. De 2 dez. 1988 a 8 jan. 1989. Teatro do Bixiga.

Crítica: Vivien Lando. Guimarães Rosa despido de energia e grunhidos. *O Estado de S. Paulo*, 4 set. 1986, p.5.

*MILAGRE EM PESADELO, UM.* Texto e direção: Cordeiro Silva. Elenco: Grupo Wnymitcy, com Cordeiro Silva, Elza Lemos, Zilá Matos e outros. 30 jan. 1983. Teatro da Biblioteca Municipal da Lapa.

*MÍMICA.* Texto, direção e atuação: Zambo Chacon. Iluminação: Guilherme Bonfanti. De 1 a 4 maio 1987. Espaço Off.

*MIMOMENTO, UM.* Criação e interpretação: Eduardo Coutinho. Direção: Carlos Alberto Soffredini. Direção e criação musical: Walmy Rocha. De 30 set. 1988 a 18 dez. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*MINHA NOSSA.* Texto, iluminação e direção: Carlos Alberto Soffredini. Projeto visual: Irineu Chamiso Jr. Seleção musical: Ilder Miranda Costa. Arranjos e composição: Valmy Rocha. Canto: Ilder Miranda Costa e Valmy Rocha. Preparação corporal e dança: Fernando Neves. Músicos: Valmy Rocha (violão), Conceição (flauta), Elenice (percussão), Marquinhos (craviola) e Renata Soffredini/Conceição (canto da Uiara). Orientação e pantomima: Quadricômico Teatro Mímico. Elenco: Núcleo Estep, com Edu Silva/Jairo Alvarenga Jr., Célia Luca/Suzana Lakatos, Flávio Dias/Fernando Borges, Márcia Corrêa, Chiquinho Cabrera/Sérgio Corrêa/Isser Korik/Walter Ferreira/Jaime Caliberto, Antonio Fantini/Wagner Alberto e Ângela de Oliveira/Renata Soffredini. De 12 fev. 1986 a 30 mar. 1986. Teatro Markanti.

*MINHA NOSSA.* Texto: Carlos Alberto Soffredini. Direção e atuação: Grupo Mambembe. Cenografia e figurinos: Irineu Chamiso Jr. Assistência de cenografia e adereços: Petrônio Nascimento. Composição, direção musical e trilha sonora: Zero Freitas. Música ao vivo: Sé Zurawski, Lê Zurawiski, Lucky Luciano, Sérgio Roberto Chica e Zero Freitas. Maquiagem: Marco Antonio Stocco. Preparação de ator: Gabriel Vilela. Preparação corporal: Augusto Pompêo. Músicos: Valmy Rocha (violão), Coceição (flauta), Elenice (percussão), Marquinhos (craviola) e Renata Soffredini/Conceição (canto da

Uiara). Elenco: Maria do Carmo Soares, Ednaldo Freire, Paulo Drummond, Eunice Mendes, Fernando Neves, Norival Rizzo, Renata Soffredini, Márcia Corrêa, Chiquinho Cabrera/Sérgio Corrêa/Isser Korik/Walter Ferreira/Jaime Caliberto, Antonio Fantini/Wagner Alberto e Ângela de Oliveira/Renata Soffredini. De 6 jul. 1984 a 26 ago. 1984. O espetáculo inaugurou o Espaço Cultural Mambembe.

*MINHA POR UM DIA*. Texto: Celso Luiz Paulini. Direção: Márcia Abujamra. Elenco: Cristina Mutarelli e Isa Kopelman. 1987. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MINHAS LOUCAS MULHERES*. Texto: Walcir Carrasco. Direção: Sérgio Mamberti. Cenografia: Augusto Francisco. Figurinos: Domingos Fuschini. Música: Inácio Zatz. Preparação corporal: Leila Garcia. Trilha sonora: Tunica. Iluminação: Ricardo Costalonga. Adereços: Luís Rossi. Elenco: Cláudio Curi e Aldine Muller. De 7 out. 1989 até 1990. Crowne Plaza.

*MIRANDOLINA*. Texto: Carlo Goldoni. Tradução e adaptação: Maysa Ache. Direção: Milton de Almeida. Cenografia: Atílio Bari. Figurinos: Ivani Rodrigues. Sonoplastia: A. Salgueiro. Elenco: Grupo Theatralha & Cia, com Atílio Bari, Beth Freitas, Eduardo Manccini, Eduardo Osório, Gislene de Paula, Ivani Rodrigues, Marluce Riani e Walter Campos Jr. De 2 a 30 jun. 1989. Teatro Bela Vista.

*MISTÉRIO BUFO*. Texto e direção: Dario Fo. Elenco: Dario Fo e Franca Rame. Estreia: 18 maio 1989. Teatro Mars. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MISTÉRIO DAS FIGURAS DE BARRO*. Texto de Osman Lins adaptado por Luiz Carlos Moreira. Direção: Luiz Carlos Moreira. Cenografia, figurinos e adereços: Luiz Carlos Rossi. Direção musical: Regina Lucatto. Música: Carvalho Bastos. Produção: Apoena e Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Antônio Tadeu di Pietro, Irací Tomiatto e Waterloo Gregório. De 15 set. 1983 a 23 dez. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Martins Pena.

*MISTÉRIO DAS NOVE LUAS, O.* Texto: Ilo Krugli, Paulo César Brito e Sônia Piccinin. Direção, cenário e figurinos: Ilo Krugli. Músicas: Ronaldo Mota. Coordenação musical: David Tygel. Música ao vivo: Ronaldo Mota, Ignez Perdião, Damilton Viana e Tião. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Elenco do Teatro Ventoforte: Ilo Krugli, Loy de Andrade, Márcia Correa, Paulo César Brito, Regina Costa, Ronaldo Mota, Sonia Piccinin e Tião. 6 out. 1979. Teatro Ventoforte. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MISTÉRIO DE IRMA VAP, O.* Texto: Charles Ludlam. Tradução e adaptação: Roberto Athayde. Direção: Marília Pêra. Cenografia e figurinos: Colmar Diniz. Iluminação: Maneco Quinderé. Adereços: Américo Issa e Flávio Solano. Sonoplastia: Xodó e Andréa Zeni. Cenotécnica: Humberto Silva. Programação visual: Romero Cavalcanti. Elenco: Marco Nanini e Ney Latorraca. De 13 abr. 1988 a 30 jul. 1989. Teatro Procópio Ferreira.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Divertida brincadeira. *O Estado de S. Paulo*, 7 maio 1988, p.6.

Obs.: A segunda maior bilheteria de 1988, de acordo com o Instituto Data Folha, que consultou a Sbat, depois de *Meno male* e como já apresentado, foi *O mistério de Irma Vap,* com 105.775 espectadores. Seguiram-se a esta obra *O feitiço*, com entrada gratuita, que recebeu 87.757 espectadores, *O vison voador*, com 64.530 espectadores, e *O lobo de ray-ban,* com 44.134 espectadores.

*MISTÉRIOS DO SEXO, OS.* Texto: Coelho Neto. Direção: Jacques Lagoa. Elenco: Riva Nimitz, Miguel Ramos, Amaury Perassi, Teca Pereira, Miriam Lins, Nereide Bonamigo, Walter Cruz, Tadeu Aguiar e Sérgio Buck. De 15 a 26 mar. 1981. Teatro Oscar Wilde.

*MITOLOGIA.* Espetáculo apresentado pelo Grupo de Teatro Experimental Capixaba (Vitória, ES). Direção: César Huapaya. 1988. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MITOS FEMININOS, OS.* Colagem de textos de Molière, Raimundo Mattos e outros. Direção: Roberto Lage. Elenco: Elias Andreato e Edith Siqueira. 26 e 27 mar. 1988. Área de Convivência do Sesc Pompeia.

*MME. BLAVATSKY*. Texto: Plínio Marcos. Direção e iluminação: Jorge Takla. Figurinos: Kalma Murtinho. Cenografia e programação visual: J. C. Serroni. Cenografia: Tunica. Preparação corporal: Augusto Pompêo. Elenco: Walderez de Barros, Zecarlos de Andrade, Antonia Chagas, Cacá Amaral, George Otto, Paulo Novaes, Raimundo Mattos, Thaia Perez e Toni Lopes. De 30 ago. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Clovis Garcia. *Madame Blavatsky*, a amosfera da magia. *O Estado de S. Paulo*, 28 nov. 1985, p.23.

*MOÇAS DO SEGUNDO ANDAR, AS*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Kiko Jaess. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: Aldine Muller, Zaira Bueno, Helena Ramos, Clarita Sampaio e Gea Sampaio. De 26 maio 1982 a 31 dez. 1982. Teatro Hilton.

Crítica: Clovis Garcia. A "baixa-estação" teatral destaca autores teatrais. *O Estado de S. Paulo*, 3 jun. 1982, p.14; ibidem, 13 jul. 1982, p.14 (acerca também de *Croquetes à Lord Byron*).

*MOCKIMPOTT*. Texto: Peter Weiss. Direção: Carlos Mastradréa. Elenco: Carlos Brito, Fernando Granado, Guilherme Martins, Mila Bianchi, Otelo Vernucci, Renato Cuenca, Rita Lacerda, Rosa Freitas e Rosângela Canassa. 1989. Teatro Cacilda Becker (Lapa).

*MOÇO EM ESTADO DE SÍTIO*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Aderbal Júnior. Figurinos: Colmar Diniz. Elenco: Alexandre Vieira, Alfredo Ebasco, Almir Martins, Cláudia Duarte, Expedito Barreira, Fernando Carvalho, Fred Gouveia, Gê Menezes, Kinha Costa, Márcia Materppi, Qristina Negro, Ruthnéa de Moraes e Sérgio Miletto. De 6 ago. 1982 a 3 out. 1982. Teatro Taib e outros espaços de representação.

*MOMENTO, UM*. Fragmentos de vários textos de Roland Barthes. Roteiro: Zé Maria. Concepção: Vivien Buckup. Elenco: Duda Castilhos, Ethel Scharff e outros. 1985. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MOMENTOS DO TEATRO BRASILEIRO*. Roteiro e seleção de textos: Flávio Marinho. Direção geral: Miguel Falabella. Assistência de direção:

Jacqueline Laurence. Cenografia: José Dias. Figurinos: Lessa de Lacerda. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Direção musical, arranjos e preparação vocal: Fernando Moura. Música ao vivo: Fernando Moura, Eduardo Morelenbaum, Joca Moraes, Rodrigo Campello, David Ganc e Marcos Suzano. Preparação vocal: Marcos Leite. Cenotécnico: Luis Antonio Corrêa. Evento promovido pela IBM do Brasil. Elenco: Arlete Sales, Cássia Kiss, Osmar Prado, Walmor Chagas, Thales Pan Chacon, Ewerton de Castro, Maria Padilha e Stella Miranda. Coro: Marcelo Saback, Paula Barroso, Ramon Coelho, Rosana Bastos e Rosana Bustamante. 21 e 22 nov. 1988. Teatro Cultura Artística.

Obs.: Fizeram parte do espetáculo fragmentos dos seguintes textos: *Amor por anexins* (1870), de Arthur Azevedo; *Amor* (1934), de Oduvaldo Vianna; *Vestido de noiva* (1943), de Nelson Rodrigues; *Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna; *Eles não usam black-tie* (1957), de Gianfrancesco Guarnieri; *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá* (1971), de Fernando Melo e *Aurora da minha vida* (1980), de Naum Alves de Souza.

*MOMENTOS MALDITOS*. Roteiro e interpretação: Denise Stoklos. Estreia: 27 set. 1983. Teatro São Pedro. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MONSIEUR MOLIÈRE*. Junção de duas peças de Molière: *As preciosas ridículas* e *O corno imaginário*. Tradução: Zeca Capellini e Cristina Mendes. Música e direção musical: Cleston Teixeira. Cenografia e figurinos: Domingos Fuschini. Coreografia: Gilda Murray e Samuel Santana. Iluminação e sonoplastia: Washington Oliveira e Alex Oliveira. Direção: Sérgio de Oliveira. Elenco: Graça Berman, Cristine Mendes, Ricardo Pettini, Walter Breda, Jarbas Toledo, Ro Verdi e Roberto Mars Jr. De 24 fev. 1986 a 28 jul. 1986. Auditório ALS.

*MORADA DA MORTE, A*. Texto, cenografia e figurinos: José Rubens Siqueira. Direção: Francisco Medeiros. Cenografia e Figurino: José Rubens Siqueira. Elenco: Edith Siqueira, Ana Maria Braga/Suzana Lakatos, Giuseppe Oristânio, José Rubens Siqueira, Haroldo Botta, Ari França e Gabriela Rabelo. De 12 abr. 1985 a 5 maio 1985. Teatro João Caetano.

*MORANGO COM CHANTILLY*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção: Antônio do Valle. Cenografia e figurinos: Carlos Colabone. Música: Oswaldo

Sperandio. Iluminação: Mário Martini. Elenco: Françoise Fourton, Zécarlos Machado, João Carlos Couto, Roberto Arduim, Rosaly Grobman, Antonio Petrin/Josmar Martins e Sonia Guedes. De 9 jul. 1986 a 2 nov. 1986. Teatro Igreja.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Morango sem chantilly. *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1986, p.5.

*MORANGOS MOFADOS*. Texto: Caio Fernando de Abreu. Direção e iluminação: Paulo Otto e Fernando Guerreiro. Figurinos: Hamilton Lima e Gesner Braga. Elenco: Cia. Teatral Avatar (Bahia), com Paulo Pereira, Hamilton Lima, Márcia Andrade, Lúcio Tranchesi, Wilton Rafael, Iwan Espinheira e Mônica Gedione. De 3 a 26 mar. 1989. Teatro Bela Vista.

*MORANGOS MOFADOS*. Texto: Caio Fernando de Abreu. Direção e roteiro: Paulo Yutaka. Trabalho corporal e movimento: Fernanda Abujamra. Iluminação: Felícia Ogawa. Sonoplastia: Gilberto Sanches. Trilha sonora, cenografia e figurinos: Elenco: Grupo Quadricômico Teatro Mímico, com Eduardo Márquez, Gisela Arantes, Eli Daruji, Fábio Namatame e Gisela Arantes. De 7 jun. 1984 a 27 jul. 1984. Centro Cultural São Paulo e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Críticas: Clovis Garcia. Dois bons retratos da juventude atual. *O Estado de S. Paulo*, 21 jun. 1984, p.17 (acerca também de *Porcos com asas*).

Mariangela Alves de Lima. *Morangos mofados*: um testemunho sincero. *O Estado de S. Paulo*, 27 jun. 1984, p.16.

*MORATÓRIA, A*. Texto: Jorge Andrade. Direção: Vera Nunes. Elenco: Fanny Alves, Marlizênia Ferretti, Julieta Calil, Rubens Gonçalves, Luiz Prezia e Paco. De 26 a 28 jun. 1987. Cine-teatro do Clube Paineiras do Morumbi.

*MORRE O REI*. Texto: Eugène Ionesco. Tradução: Laura Amélia Vivona. Direção: Teresa Aguiar. Cenografia: Campello Neto. Figurinos: Kalma Murtinho. Adereços de figurinos: Vicentina Novelli e Pádua. Elenco: Jandira Martini, Francarlos Reis, Marcos Caruso, Noemi Gerbelli, Danúbia Machado e Ariel Moshe. De 11 ago. 1982 a 12 set. 1982. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Críticas: Clovis Garcia. Algumas restrições a esta montagem de *Morre o rei*. *O Estado de S. Paulo*, 2 set. 1982, p.23.

Ilka Marinho Zanotto. Para comunicar o incomunicável. *O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1982, p.20.

*MORTE ACIDENTAL DE UM ANARQUISTA.* Texto: Dario Fo. Tradução: Antônio Abujamra e Antônio Fagundes. Direção: Antonio Abujamra. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Assessoria musical: Paulo Herculano. Estreia: 24 ago. 1982. Elenco: Antônio Fagundes, João José Pompeu, Ileana Kwasinski, Serafim Gonzáles, Monalisa Lins, Tácito Rocha e Sérgio Oliveira. De 3 jan. 1985 a 28 jul. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita). De 21 ago. 1986 a 12 out. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Jardel Filho. 6 a 31 jan. 1988. Teatro Cultura Artística.

Crítica: Clovis Garcia. Quando o trágico é cômico. *O Estado de S. Paulo*, 11 set. 1982, p.14.

Obs.: De acordo com informações apresentadas pelo ator-produtor Antônio Fagundes, nas sete temporadas aproximadamente setecentos mil espectadores assistiram ao espetáculo. Trata-se do espetáculo que teve o maior número de espectadores na década.

*MORTE AOS BRANCOS – AYUCA CARAYBA, A LENDA DE SEPÉ TIARAJÚ.* Trabalho coletivo do Teatro Popular União e Olho Vivo. Texto final, pesquisa e direção: César Vieira. Músicas: José Maria Giroldo. Expressão corporal: Luíza Barreto Leite. Pesquisa: José Carlos Rston e Lia Mirtes Gonçalves. Ensaio musical: Ana Lúcia Silva e Arlindo Bello. Cenários e figurinos: Tuov. Execução de figurino: Helena Cuquerava. Objeto de cena: Cícero Ferreira. Iluminação: Tuov. Elenco: Ana Lúcia Silva, Alberto Kleinas, Antonio Carlos Nino de Mello, Arlindo Bello, Cícero Ferreira, Eliezer Martins, Elza de Oliveira, Fernando Ribeiro, Gilberto Almeida, Gonçalo Luiz de Melo, Lamartine Fernandes, Luisa Barreto Leite, Manoel Dutra, Márcia Moraes, Márcio Coelho, Maria Luiza Mello, Nélio José, Neriney Moreira, Nilda Maia Bello, Sonia Giacomini, Valmíria Moreno, Wilson Xavier e César Vieira. De 22 jan. 1984 a 13 maio 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). De 25 a 27 out. 1984. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. 5 jan. 1987. De 11 a 13 out. 1984. Teatro João Caetano. 10 dez. 1984. Teatro Municipal. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Matéria: União e Olho Vivo, de volta. *O Estado de S. Paulo*, 8 dez. 1984, p.20.

Obs.: O texto começa a ser criado em 1981, mas estreia em 1984, e a expressão tupi-guarani *ayuca caraíba* significa *morte aos brancos*. O espetáculo apresentou-se no Festival Internacional de Teatro (I Festival Latinoamericano de Teatro, em 1984), de Córdoba, Argentina, sendo considerado um dos melhores. Ainda no mesmo ano realizou três apresentações em Buenos Aires, em prol das Mães de Maio. Em 1985, na Venezuela, recebeu o Prêmio Ollantay do Centro de Estudos e Investigações Teatrais (Celcit). Nesse mesmo ano, segundo César Vieira, "[...] o mais importante galardão do teatro internacional foi conferido ao texto *Morte aos brancos*, com o nome de *O Julgamento de Nicolau II, Rei dos Guaranis e Imperador dos Mamelucos*, pela Casa de las Américas, de Havana, Cuba".

*MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE, A.* Texto: Arthur Miller. Direção, tradução, livre adaptação e trilha sonora: Domingos de Oliveira. Cenografia: J. C. Serroni. Figurinos: J. C. Serroni e Ciça Carvalho. Iluminação: Mário Martini. Elenco: Jorge Dória, Cleyde Yáconis, Jorge Chaia, Edith Siqueira, Tião Hoover, Thadeu Aguiar, Rubens Rollo, José Ferro, Fábio Máximo, Mayara Norbim, Ana Luisa Lacombe e Renato Dobal. De 15 ago. 1986 a 5 set. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia.

Críticas: Ilka Marinho Zanotto. Forte, mesmo mutilado. *O Estado de S. Paulo*, 24 set. 1986, p.5.

Telmo Martino. Derrotado na vida, herói no palco. *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1986, p.8.

*MORTE DO CHICO DO BIXIGA, A.* Texto e direção: Vianna Jr. Figurinos: Cacilda Vianna. Sonoplastia: José Luis. Elenco: Toninho Gessio, Evanice Cirino, Calixto de Holanda, Rosana Mantovani, Maurício Mesquita, Jacyra Viana, Walter Alves, Lady Von, Wando Carvalho, Silvia Steinberg, Gentil de Oliveira e Kaká. De 29 jan. 1987 a 8 fev. 1987. Teatro Martins Pena.

*MORTE E O DEMÔNIO, A.* Texto: Frank Wedekind. Tradução e direção: Luiz Roberto Galízia. Elenco: Abílio Tavares, Maria Paula Vignola, Marinilda Bertoletti e Samir Signeu. De 18 set. 1984 a 20 nov. 1984. Estação Madame Satã.

*MORTE E VIDA SEVERINA*. Texto: João Cabral de Melo Neto. Concepção cênica, adaptação, direção, figurinos, iluminação, coreografia e música: Tom Santos. Assistência de direção: Inês Maria. Músicas: Chico Buarque. Cenotécnica: Antônio Chagas. Elenco: Inês Maria, Hélio Tori, Janice Barreto, Márcia Deffonso, Marcus Card, Roberto Amato, Sola Nigres, Tom Santos, Marco Antonio, Izabel Ortiz, Luiz Amorim e Magda Carvalho. De 12 set. 1980 a 30 dez. 1980. O espetáculo voltou ao cartaz em 1982 e 1983. Teatro Aplicado. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MORTE SOBRE A LAMA*. Texto e direção: Ricardo Torres. Elenco: Ademir Miranda, Dora Wainer, Fernando Guimarães e outros. 1988. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MORTO QUE MORREU, O*. Texto de autor anônimo. Direção e figurinos: Carlito Martins. Elenco: Eli Vidal, Joany Dandaro, Cássio Martins, Sandra Martins, Waldiney Martins e Wanderley Martins. De 20 jul. 1985 a 1 set. 1985. Centro Cultural São Paulo.

*MOSTRA BRASIL I*. Evento composto por *Spaghetti e bolognesa,* de Hermes Altemani. Direção: Valéria di Pietro. Elenco: Antônio Gincko, Flor de Lis e João Valarelli; *A prisão experimental,* de G. de Maria. Direção: Nery Gomide. Elenco: Cristina César, Antônio Gincko, Flor de Lis e João Valarelli. 1988. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MOSTRA BRASIL II*. Festival de Comédias Brasileiras, evento constituído por *O grito do cachorro,* de Mah Luly. Direção: Nery Gomide. Elenco: Cristina César e Ricardo Guyash; *Nua, descasada,* de Jésus Padilha. Direção: Paulo Novaes. Elenco: Kate Hansen e Marco Rinaldi; *Analphaville,* texto e direção: Ênio Gonçalves. 1988. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*MOSTRA DO TEATRO DO ACENO*. Junção de: *A última fita,* de Samuel Beckett; *Carta ao pai,* de Stéphane Dosse; *Tango I* e *Tango II,* de Astor Piazzola. Direção: Stéphane Dosse. Elenco: Antônio Calloni, Ary França, Marina

Helou e Mariana Muniz. De 12 set. 1984 a 13 out. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO PAULO.* Do evento participaram: *Rasga coração,* com El Galpón, do Uruguai; *El paso,* com o Grupo Candelaria, da Colômbia; *El Gueguense,* com o Taller de Títeres Guachipilin, da Nicarágua; *El hijo,* com Teatro de Santa Clara, de Cuba; *Sobre el corazón de la tierra,* com Teatro delle Radice, da Suíça; *Isadora,* de Edgar Guillén e Walter Ventosila (que também faz a direção com Yvone von Mollendorff), do Peru; *Les milles crues,* com Laboratoire Gestuel, do Canadá; *Recordando el olvido. Los palacios pierden sus sombras,* com Otra Orilla, do Peru/Alemanha; *K, a última hora,* de Franz Kafka. Texto, direção e interpretação: François Kahn, com o Grupo C.S.R.T. Pontedera, da Itália; *Pedro Páramo,* com Unm, do México. 1989. Não foi possível recuperar as datas de apresentação dos espetáculos.

*MOTEL PARADISO.* Texto: Juca de Oliveira. Direção: José Renato. Cenografia: José Dias. Elenco: Maria Della Costa, Luiz Serra, Célia Coutinho, Juca de Oliveira, Sérgio Ropperto, Nancy Galvão e Paulo Castelli. De 13 maio 1983 a 29 jul. 1984. Teatro Maria Della Costa.

Críticas: Ilka Marinho Zanotto. Gente de carne e osso na peça. *O Estado de S. Paulo*, 23 jun. 1983, p.23.

Clovis Garcia. Motel, tema de peças divertidas, mas sérias. *O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1983, (acerca também de *Grande Motel; Coragem, meu bem, coragem* e *O infalível Doutor Brochard*).

*MRUV – MOVIMENTO RETILÍNEO UNIFORMEMENTE VARIÁVEL.* Texto, direção, sonoplastia e iluminação: Fábio Mafra. Bonecos: Sérgio Conde. Elenco: Grupo Após'Tolos São Paulo, com Alberto Joa, Camila Paiva, Maria Cristina, Thiago Paiva, Marjory Alves, Sérgio Brandão, Márcia Fossa, Osmar Lima, Reginaceli Freire, Sérgio Conde, Théo Costa, Camila Pena e Iberê Miranda. De 9 a 30 jun. 1988. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*MUITO BARULHO POR NADA.* Texto: William Shakespeare. Tradução: José Rubens Siqueira. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Assistência de direção:

Celso Ribeiro. Cenografia e figurinos: Zecarlos de Andrade. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Iluminação: Domingos Fiorini. Coreografia: Ruth Rachou. Adereços: Wagner Casabranca. Contrarregragem: Haroldo Acedo. Assessoria geral: Francisco Medeiros. Elenco: Nize Silva, Elias Gleiser, Luiz Parreiras, Ana Maria Barreto, Antonio Natal, Carlos Felipe, Zecarlos de Andrade, Sérgio Rossetti, Luiz Carlos de Moraes, José Rubens Siqueira, Marcelo Coutinho, Paulo Prado, Israel Ferez, Lúcio de Freitas, Marco Antônio Rivani, Margarida Moreira, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Miro Martinez, Norival Rizzo, Oldair Soares, Paulo Prado, Péricles Flaviano e Rosamaria Pestana. De 4 jul. 1986 a 28 jun. 1987. Teatro Popular do Sesi.

*MULATO, O.* Texto: Aluízio Azevedo. Adaptação: Ari Moreira. Direção, cenografia e iluminação: Carlos Di Simoni. Figurinos: J. Paiva e Cinthia Neder. Trilha sonora: Duda Queiroz e João Lima. Cenotécnica: Mário Marcio. Elenco: Tadeu di Pietro, Rony Guilherme, Eli Ortega, Cinthia Neder, Emerson Caperbá, Márcia Borges, Renata Pereira, Miguel Bretas, Valéria Di Pietro, Antonio Gincko, Eli Ortega, Penha Dias e Sandro Silva. De 7 ago. 1989 a 31 out. 1989. Teatro Bela Vista.

*MULHER, O MELHOR INVESTIMENTO.* Texto: Ray Cooney. Tradução, adaptação e direção: José Renato. Assistência de direção: César Teixeira. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Com Rildo Gonçalves, César Teixeira, Francarlos Reis, Wanda Stefânia, Jacques Lagoa, Dante Rui e Manuel Luís. De 6 nov. 1985 a 8 jun. 1987. Auditório Augusta.

*MULHER SEM IGUAL, UMA.* Texto: João Carlos Mageste. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia e figurinos: Renato Scripilliti. Música: Gilda Vandenbrande, Sebastião Apolônio, Maria Lúcia Ferreira, Celso Batista e Ângelo Bretas. De 23 maio 1986 a 7 nov. 1986. Teatro Cacilda Becker (Centro).

Crítica: Clovis Garcia. Ela só quer divertir o público. *O Estado de S. Paulo*, 12 jun. 1986, p.5.

*MULHERES, MITOS E MEDOS.* Texto, direção e música: Eneida Soller. Figurinos: Marcos Botassi. Elenco: Grupo de Teatro Experimental da Organização Autônoma das Mulheres, com Bernardete Rocha, Ana Maria Rocha, Kátia Vassoler, Dimas Carvalho, Alcione Alves, Maria Costa, Daniel

Soares, Maria Joaquim, Matia Teresa Ricci e Sebastião Neto. Estreia: 27 maio 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*MUMMENSCHANZ*. Espetáculo de mímica apresentado por Mark Olsen, Mark Thompson e Cláudia Weiss. De 1 a 16 mar. 1980. Teatro Cultura Artística.

*MUMU, A VACA METAFÍSICA*. Texto: Marcílio de Moraes. Direção: Leo Rodas. Produção: Grupo Jambaí de Comédia. De 19 a 27 maio 1984. Biblioteca Presidente Kennedy. 13 nov. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MUMU, A VACA METAFÍSICA*. Texto: Marcílio de Moraes. Direção: Mirta Lunasky. 1981. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*MURAL MULHER*. Texto, direção, iluminação e trilha sonora: João das Neves. Obra criada a partir da junção de fragmentos de vários textos. Espaço cênico: Germano Blum e João das Neves. Elenco: Bia Berg, Cláudia Mello, Isa Kopelmann, Lucélia Machiavelli, Nirce Levin, Simone Hofmann, Zenaide e Nara Gomes. De 12 out. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia e Centro Cultural São Paulo.

Críticas: Mariangela Alves de Lima. Um mural que poderia ser mais profundo. *O Estado de S. Paulo*, 11 dez. 1982, p.16.

Clovis Garcia. Textos que falaram sobre cultura brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1982, p.11 (acerca também de *Lola Moreno, Capitães de areia* e *Sobrevividos*).

*MURO DE ARRIMO*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção: Augusto Maciel. Elenco: Dirceu Demarqui. De 24 fev. 1986 a 4 mar. 1986. Teatro Cenarte.

*MURRO EM PONTA DE FACA*. Texto: Augusto Boal. Direção: Décio di Sevla. Sonoplastia: Marú Lisboa e Edson Matos. Iluminação: Júlio Baldonedo

e Décio Gimenez. Elenco: Adilson Barbosa, Ciça Aurinete e outros. De 1 mar. 1988 a 26 abr. 1988. Teatro Zero Hora.

*NA CARRÊRA DO DIVINO.* Texto e direção: Carlos Alberto Soffredini. Músicas, voz, arranjos e direção musical: Valney Rocha. Técnica vocal: Eudósia Acuña. Técnica corporal: Eduardo Coutinho. Iluminação: Ilder Costa Miranda. Músicos: Henrique Albert, Danielli Milani, Conceição Freitas e Walmy Rocha. Elenco: Núcleo Estep, com Antônio Fantini, Chiquinho Cabrera, Cláudia de Freitas, Fernando Borges, Isser Korik, Marcos Moreira, Mércia Corrêa, Renata Soffredini, Rita Ivanoff e Wagner Alberto. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). De 16 mar. 1987 até 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e outros espaços de representação. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Vivien Lando. Nos confins da roça. *O Estado de S. Paulo*, 31 mar. 1987, p.4.

*NA CARRÊRA DO DIVINO* (ou *NARRAÇÃO VISIONÁRIA DO VELHO NHÔ ROQUE LAMEU*). Texto: Carlos Alberto Soffredini. Tema e pesquisa: O Pessoal do Vitor. Direção: Paulo Betti. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Iluminação: Genilson Coelho e Walter Rodrigues. Sonoplastia: Avelino Bezerra. Violão: Avelino Bezerra. Viola: Rubinho Marques. Elenco: Pessoal do Victor, com Eliane Giardini, Adilson Barros, Reinaldo Santiago, Paulo Betti, Márcio Tadeu, Marcília Rosário e Maria Eliza Martins. De 6 set. 1979 a 28 dez. 1980. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes) e outros espaços de representação.

Obs.: Trata-se de espetáculo de grande sucesso do final da década de 1970 e início da de 1980. Tanto o dramaturgo quanto os atores do Grupo, para a criação da obra, fundamentaram-se no grande clássico de Antonio Candido: *Os parceiros do Rio Bonito*.

*NÃO ABRA PRA NINGUÉM DEPOIS DA MEIA-NOITE.* Texto: Bill Manhoff. Tradução e adaptação: Millôr Fernandes. Direção e cenografia: Geraldo Queiroz. Assistência de direção: Carlos Briani. Sonoplastia: Flávia Calabi. Cenotécnica: José Jader Soares e Ulisses H. Oliveira. Elenco: Rubens de Falco e Yoná Magalhães. De 10 a 29 set. 1981. Teatro Itália.

*NÃO É, ANA*? Adaptação de *Os sete pecados capitais,* de Bertolt Brecht e Kurt Weill. Direção: Zebba Dal Farra. Coordenação: Marcelo Nitsche. Estreia: 10 nov. 1988. Teatro Funarte. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*NÃO EXPLICA QUE COMPLICA*. Texto: Alan Ayckbourn. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Odavlas Petti. Cenografia: José Dias. Sonoplastia: Flávia Calabi. Iluminação: Odavlas Petti e José Dias. Adereços: Neneco. Elenco: Miriam Mehler, Kito Junqueira, Cléo Ventura, Luiz Serra, Analy Alvarez e Carlos Silveira. De 23 mar. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Paiol.

Crítica: Clovis Garcia. *Não explica que complica,* diversão inteligente. *O Estado de S. Paulo,* 14 abr. 1984, p.15.

*NÃO ME CULPES POR SER ASSIM*. Texto: Inês Bonilha. Direção: Marcos Antonio da Rocha. Músicas e letras: Edinho e Bernardo França. Trabalho musical: Conjunto Um Canto a Mais. Direção Musical: Edinho. Elenco: Marcos Antonio da Rocha, Antonio Carlos Cardoso, Ivan Lopes, Nerlei Paulino, Luiza Vieira, Edinho, Célia Pulino, Roberto Simpatia, Solange Maris, Inês Bonilha, Fernanda Vieira e Tânia Talles. 23 jul. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*NÃO ME MALTRATE, ROBINSON.* Texto e direção: Paulo Afonso Grisolli. Cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Música: Raul do Valle. Dinâmica corporal: J. C. Violla. Sonoplastia: Paulinho Pontes. Iluminação: Nezito Reis e Antônio Bezerra. Elenco: Luiz Armando Queiroz e Eduardo Tornaghi. De 7 maio 1980 a 2 nov. 1980. Teatro Bexiga.

Crítica Clovis Garcia. Duas adaptações da literatura e espontânea criação coletiva. *O Estado de S. Paulo,* 28 maio 1980, p.16 (acerca também de *Qual é, meu?*).

Obs.: O texto insere-se na *Trilogia do Avatar.* Seu autor afirma: "[...] formalmente, celebro, nestas peças, um obstinado ritual da palavra, em que acredito e julgo saber exercer". Divide-se em seis cenas: *Os princípios e os fins, Os tempos vãos, As palavras inúteis, A ressurreição da carne, Os perigos do homem* e *Cultura e civilização.*

*NARDJA ZULPÉRIO.* Texto, música e direção: Hamilton Vaz Pereira. Assistência de direção: Ricardo Homuth. Cenografia: Luiz Zerbini. Assistência

de cenografia: Tânia Mills. Figurinos: Cao. Assistência de figurinos: Luciana Cardoso. Iluminação: Marcos Ribeiro. Trilha sonora: Marco Mattoli e Marcelo Galbetti. Elenco: Regina Casé e participações especiais em vídeo e áudio: Grace Giannoukas (Telefonista), Theo Werneck (Mensageiro), Fernanda Montenegro (Afrodite), Luiz Fernando Guimarães (Felipe), Marisa Orth (Dolores) e Patrícia Casé (Narjara). De 30 set. 1988 a 31 out. 1988. Espaço Aeroanta.

Crítica: Jefferson del Rios. Regina Casé, entre o doce e o amargo. *O Estado de S. Paulo*, 9 out. 1988, p.3.

*NARIZ ONDE É QUE FICA? O.* Texto: Fernando Muralha e Taís Leão. Direção: Fernando Muralha. Coreografia: Yella Bittencourt. Cenografia: Francisco Giacchieri. Criação do espetáculo e elenco: Grupo Carroça de Ouro, com Fernando Muralha, Rosemarie de Paula, Cida Thiery, Cecília Zavantieri, Luiz Siqueira, Antônio Goldino, Fausto Ribeiro, Leno José, Paulo Adolfo e Paulo Gustavo. De 25 fev. 1981 a 2 ago. 1981. Jardim da Luz, Praça da República, Museu do Ipiranga.

*NAS ASAS DO CORAÇÃO.* Texto e direção: Gabriel Castellani. Elenco: Grupo Teatral Mamãe Veio?, com Augusto Buarque, Edna Ferri, Marco Bernardoni, Márcia Stoishow e Vera Helena Canolli. De 20 a 23 nov. 1986. Teatro Paulo Eiró e Teatro Martins Pena.

*NAS GÔNDOLAS DO TIETÊ.* 12 quadros com *performance*s, música e dança. Textos: Ângela Dip. Revisão de textos: Grace Giannoukas. Produção: Grupo Harpias e Ogros. Direção: Harpias e Ogros e Toninho Neto. Figurino, trilha sonora e iluminação: Harpias e Ogros. Elenco: Ângela Dip, Giovanna Gold e Grace Giannoukas. Participações especiais: Marcelo Mansfield e Haroldo Arruda. De 20 a 23 ago. 1986. Espaço Off. De 22 a 24 set. 1986, 29 set. 1986 e 1 out. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*NAS GÔNDOLAS DO TIETÊ I.* Criação da Cia. Harpias e Ogros, com Ângela Dip, Grace Giannoukas e Marcelo Mansfield. Iluminação: Marcelo Azevedo. De 13 nov. 1987 a 19 dez. 1987. Espaço Off.

*NAS GÔNDOLAS DO TIETÊ II*. Criação de texto e direção coletiva: Ângela Dip, Marcelo Mansfield e Toninho Neto. Elenco: Grace Giannoukas, Ângela Dip e Marcelo Mansfield. De 4 a 26 mar. 1988. Espaço Off.

*NASCI PRA SER BISCATE*. Texto: Miguel Ângelo Filiage. Direção: Ednaldo Freire. Direção musical: Wanderley Martins. Cenografia e figurinos: Petrônio do Nascimento. Coreografia: Juçara Amaral. Elenco: Grupo Overgoze, com Noemi Santisteban, Oswaldo Raimo, Salete Fracaroli e William Tucci. Estreia: 6 out. 1983. Teatro do Carmo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Obs.: Em entrevista a mim concedida, com relação ao espetáculo, Ednaldo Freire afirma que o texto adota a estrutura do teatro de revista e que a palavra "biscate", contida no título, refere-se ao indivíduo que faz qualquer trabalho.

*NATÃ, O SÁBIO*. Texto: Ephrain Lessing. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. Direção e adaptação: Miroel Silveira. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Coreografia: Gilda Murray e Samuel Santana. Participação: Coralusp – Regência: Eduardo Cruz Navega. Participação especial: Léa Vinocur Freitag. Iluminação: Paulo de Almeida. Elenco: Antônio Januzelli, Selma Pellizon, Roberta Barni, Osmar Di Piero, Vera Cecília Achatkin, Sérgio Conventi, Carlos Alberto Pezzi, Sidnei Lilla e Adilson Azevedo. De 30 nov. 1984 a 16 dez. 1984. Tusp. De 10 ago. 1985 a 10 nov. 1985. Tusp.

Crítica Ilka Marinho Zanotto. *Natã*: Texto clássico em feliz montagem. *O Estado de S. Paulo*, 15 dez. 1984, p.20.

*NATAL DOS ESQUECIDOS*. Texto e direção: Edmilson J. Santos. Elenco: Paulo Cardoso, Renato Martins, Josinaldo Torres e Edmilson Santos. Estreia: 11 dez. 1985. *Wall Shows*. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*NATUREZA HUMANA*. Texto, direção e seleção musical: Pedro Gonzalez Baessa. Direção de Arte: Sheila Yasue Watari. Cenografia: Edson Sarilio. Iluminação e sonoplastia: Grupo. Coreografia: Solange Rodrigues Perdiz. Elenco: Grupo de teatro ADC-Eletropaulo, com Adilson Osanan Paiva, Alessandra Pernetti, Aparecida Mamed Diniz, Creisler Sanches, Débora Florêncio Pereira,

Edílson Sarilio, Elaine Carvalho de Lima, Elisangela Rodolfo Miras, Fernando Sant'Anna Perdiz, Flor de Maria M. Nascimento, Floripes Pereira da Silva, Francisco das Chagas F. Santos, Francisco Paulo F. Souza, Jesum Antonio Felício, José Benedito da Silva Filho, José Espedito de Oliveira, Josinere Tavares das Neves, Marcelina Claudinete de Melo, Marco Antonio Água Forte, Maria Aparecida de Araújo, Maria de Lourdes L. Aparecido, Maria Tereza Valverde, Marli Pires de Freitas, Marta Messias dos Santos, Miriam Fortunato Nascimento, Motemir Régio da Silva, Osvaldo Agostinho dos Santos, Pedro Gonzalez Baessa, Robinson Hideaki Utida, Rogério Moreno, Sheila Yasue Watari, Simone Gonzalez de Abreu, Soraya Rodrigues Perdiz, Sueli Garcia, Edite Siqueira Rodrigues e Ana Maria Pereira da Silva. De 28 jan. 1987 a abril de 1987. Teatro Taib.

*NAVALHA NA CARNE*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Emílio Fontana. Elenco: Analy Alvarez, Luiz Serra e Roberto Rocco. De 13 jul. 1988 a 2 out. 1988. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Pachoal Carlos Magno).

*NAVALHA NA CARNE*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Emílio Di Biasi. Elenco: Ruthnéa de Moraes, Odilon Wagner e Edgard Gurgel Aranha. De 24 nov. 1979 a 10 maio 1980. Teatro Aliança Francesa (Centro) e Teatro João Caetano.

*NAVIO NEGREIRO, O*. Texto: Castro Alves. Solo com adaptação, direção e interpretação de Vado (Benedito Irivaldo Souza). 21 jan. 1983. Teatro de Bolso. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. 1986. Teatro Fernando Azevedo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*NEGÓCIOS DE ESTADO*. Texto: Louis Verneuil. Tradução, adaptação, direção e iluminação: Flávio Rangel. Figurinos: Kalma Murtinho. Elenco: Vera Fischer, Perry Salles, Armando Azzari, José Araújo, Maria Estela e Ruy Affonso. De 14 maio 1984 a 3 fev. 1985. Teatro Hilton.

Crítica: Clovis Garcia. Ironia, diversão, peças sem falhas. *O Estado de S. Paulo*, 23 maio 1985, p.14.

*NEGROS, OS*. Texto: Jean Genet. Tradução: Fátima Saad. Direção: Maurício Abud. Assistência de direção: Lourival Prudêncio. Direção musical, composição e preparação vocal: Jenecy Feres. Coreografia: Márcio de Moraes. Cenografia e figurinos: Tadeu Burgos. Assistência de figurinos e cenografia: Renata Martelli. Preparação corporal: Augusto Pompêo. Iluminação: Guilherme Bonfanti e Luiz Armando Queiroz. Máscaras e maquiagem: Neneco. Trilha sonora: Wanderley Ribeiro. Músico: Eduardo Silva Luiz Black. Cenotécnica: José Estevão B. Nascimento. Elenco: Dirce Thomaz, Gésio Amadeu, Adenilton José, Lizette Negreiros, João Acaiabe, Eduardo Silva, Márcio de Moraes, Northon Nascimento, João Acaiabe, Iléa Ferraz, Luiz Antonio Pilar, Cyda Moreno, Dida Pinho e Paulo Pompeia. De 20 out. 1989 a 3 dez. 1989. Tuca.

*NELSON 2 RODRIGUES*. Formado por *Toda nudez será castigada* e *Álbum de família,* de Nelson Rodrigues. Adaptação: Grupo de Teatro Macunaíma. Direção: Antunes Filho. Figurinos: Irineu Chamiso Jr. e Grupo de Teatro Macunaíma. Rapsódia musical: Mário Greggio e Grupo de Teatro Macunaíma. Iluminação: Davi de Brito. Sonoplastia: Ulisses Cohn. Narração da peça *Álbum de Família*: Odair Batista. Direção do trabalho de pesquisa: Walderez Cardoso Gomes. Dança: Paula Martins. Elenco: Cecília Homem de Mello, Marcos Oliveira, Marlene Fortuna, Olair Coan, Oswaldo Boaretto Jr., Walter Portella, Evaldo de Brito, Flávia [Steward] Pucci, Giulia Gam, Malu Pessin, Arciso Andreoni, Cissa Carvalho, Salma Buzzar, João Bosco Cunha, Lígia Cortez, Lúcia de Souza e Marco Antonio Pâmio. Estreia: 1984. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Nelson Rodrigues numa grande concepção teatral. *O Estado de S. Paulo*, 30 maio 1984, p.16.

*NELSON RODRIGUES, O ETERNO RETORNO*. Texto composto por fragmentos de *Toda nudez será castigada, Os sete gatinhos, Beijo no asfalto* e *Álbum de família,* de Nelson Rodrigues. Adaptação: Grupo de Teatro Macunaíma. Direção: Antunes Filho. Cenografia e figurinos: Irineu Chamiso Jr. e o Grupo. Adereços: Guilherme Pires. Iluminação: Sandro Poloni. Sonoplastia: Whalmir Barros. Rapsódia e direção musical: Mário Greggio. Dicção: Mara Suzana Behlau. Preparação corporal: Jou Eel Jia. Dança: Paula Martins. Maquiagem: Luiz Henrique e Whalmyr Barros. Coordenação de pesquisa: Walderez Cardoso Gomes. Elenco: Ângela Pralon, Arciso Andreoni, Ary

França, Bia Lessa, Cissa Carvalho, Geisa Gama, Isabel Ortega, José Ferro, Marcos Oliveira, Ricardo Hoflin, Tássia Camargo, Washington Lalsmar, Whalmir Barros, Luis Pereira Alves, Lígia Cortez, Walter Portella, Marlene Fortuna, Luiz Henrique, Salma Buzar e Manoel Paulin. De 6 maio 1981 a 1 dez. 1981. Teatro Anchieta.

Críticas: Clovis Garcia. O prazer estético em três horas. *O Estado de S. Paulo*, 10 maio 1981, p.12.

Ilka Marinho. *Eterno retorno*: caos ordenado. *O Estado de S. Paulo*, 10 maio 1981, p.52.

Matéria-crítica: O eterno retorno. *O Estado de S. Paulo*, 7 jun. 1981, p.26 (sobre Antunes Filho e a montagem do texto de Nelson Rodrigues).

*NEM MOZART, NEM BOWIE*. *Performance* com direção de Héctor Gonzalez. Elenco: Grupo de Arte Ponkã, com Paulo Garcia, Jean Pierre Kaletrianos e Luiz Brito. 10 jun. 1985. Estação Madame Satã.

*NEM TODO OVO É DE COLOMBO*. Texto: José Ignacio Cabrujas. Tradução: Aidé Saran e Marcos Fayad. Direção, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Adereços: Denise Araceli e Nelson Escobar. Elenco: Núcleo de Repertório do Teatro Brasileiro de Comédia, com Bárbara Fázio, Françoise Fourton, Carlos Palma, Luiz Carlos Rossi, Nelson Escobar e Tânia Bondezan. De 22 maio 1985 a 2 ago. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia.

*NERVUS RUSHIMIANUS*. *Performance* criada e conduzida por Fran Bogdzevicius e Mica Borges. De 4 jul. 1989 a 8 ago. 1989. Rose Bom Bom.

*NIJINSKI*. Texto e direção: Naum Alves de Souza. Assistência de direção: Mônica Guimarães. Coreografia: Célia Gouveia. Música: Hélio Ziskind e Paulo Tatit. Cenografia: Miro e Naum Alves de Souza. Iluminação: Abel Kopanski. Projeto gráfico: Guto Lacaz. Acessórios de Figurinos: Leda Senise. Pintura do cenário: Flávia Ribeiro e Carla Caffé. Direção de cena: Airton Franco. Máscaras: Marco Antonio Lima. Perucas: Neneco. Maquiagem e penteados: Fábio Namatame. Cenotécnica: Paulo Calux. Elenco: Celso Frateschi, J.C. Violla, Mariana Muniz, Ruth Rachou, Roberto Arduin, Beatriz Cardoso, Guga Stroeter e Roberto Ippólito. De 16 abr. 1987 a 2 ago. 1987. Teatro Cultura Artística.

*NIJINSKI, RÉQUIEM PARA UM DEUS*. Texto e direção: Caco Zanchi. Elenco: Sílvio Teiltelbaun. De 16 a 19 jul. 1987. Estação Madame Satã.

*NÓ CEGO*. Texto: Carlos Vereza. Elenco: Antônio Rodrigues e Nivaldo Santana. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*NÓ DE QUATRO PERNAS*. Texto: Nazareno Tourinho. Com o Grupo Teatral TransBrasil. De 12 a 14 set. 1986. Teatro Cruz Vermelha e Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR*. Texto, direção, cenografia e figurinos: Naum Alves de Souza. Elenco: Marieta Severo, Analu Prestes, Rodrigo Santiago e Mário Borges. De 2 a 10 ago. 1981. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Brasil, autor da magia que brilhou no festival. *O Estado de S. Paulo*, 13 ago. 1981, p.27.

*NO PAÍS DE MACUNAÍMA*. Criação e interpretação mímica: Alberto Gaus. Direção: Ingrid Dormien Koudela. Estreia: 9 ago. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*NO PRINCÍPIO SÃO FLORES*. Texto e direção: Jamil Dias. Produção: Grupo Anjos de Todas as Cores, com Jamil Dias, Elaine Farhat, Carlos E. Gimenez e Ricardo Della Volpi. De 12 a 20 dez. 1981. Espaço Persona.

*NOITE, ASPECTOS SOMBRIOS E LUMINOSOS DO SER*. Roteiro: Armando Célia Jr. a partir de textos de José Ângelo Gaiarsa e Beto Carminatti. Direção: Armando Célia Jr. e Inês Miranda. Com o Grupo Fácies e Flávio Guarnieri (ator convidado). De 3 a 11 jul. 1987. Espaço Off. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*NOITE DAQUELAS, UMA*. Texto: Cléo Bussato. Direção: Carlos Augusto Carvalho. Cenografia e figurinos: Luís Rossi. Preparação corporal: Lali Krotoszynski. Iluminação: Sidney Sérgio Rosa. Elenco: Cléo Bussato e

Carlos E. Amaral. De 6 set. 1989 a 8 out. 1989. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*NOITE DAS MAL-DORMIDAS, A.* Texto: Niels Petersen Schmidt. Direção: Álvaro Guimarães. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Elenco: Miriam Mehler, Vera Mancini, Neusa Maria Faro e Fernando Ozio. De 12 jan. 1983 a 10 abr. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia.

*NOITE DE REIS* (ou *O QUE QUISERES*). Texto: William Shakespeare. Direção: Augusto Francisco. Elenco: Cia. Téspis de Teatro Experimental, com Jarbas de Oliveira, José D'Ângelo e outros. 1989. Tusp. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*NOITE DOS CABELOS COMO FLORES, A.* Junção de dois textos: *Algo que não é falado,* de Tennessee Williams e *A mais forte,* de August Strindberg. Direção: André Pink. Cenografia e figurinos: Marco Antonio de Lima. Iluminação: Rodrigo Matheus e Cristiane Paoli. Corpo: Fábio Pink. Elenco: Grupo Teatro Íntimo, com Lavínia Pannunzio, Regina França e Vera Christina Figueiredo. De 8 out. 1987 a 8 nov. 1987. Estação Madame Satã. De 9 mar. 1988 a 9 jul. 1988. Estação Madame Satã e Teatro Markanti.

*NOITE DOS VAMPIROS, A.* Texto: Sebastião Apolônio. Direção: Sebastião Apolônio e César Teixeira. Cenografia e sonoplastia: Celso Rorato. Iluminação: Fabinho. Elenco: Miguel Bretas, Vânia Volponi, Ivan Correia, Milton Vieira, Fábio Del Porto, Albino Ramos e Natal Fernandes. Outubro de 1987. Auditório ALS. De 15 jan. 1988 a 27 mar. 1988. Auditório ALS e Teatro Paiol.

*NOITE NA TAVERNA.* Texto: Álvares de Azevedo. Adaptação: Oswaldo Mendes e Ademar Guerra. Direção: Ademar Guerra. Assistência de direção: Lala Schneider. Assistência de figurinos e adereços: Ney Souzah. Cenografia e figurinos: Maria Bonomi. Música e direção musical: Celso Piratta Loch. Coreografia: Juan Castiglione. Iluminação: Beto Bruel. Elenco: Grupo Teatro de Comédia (Paraná), com Lala Schneider, Sansores França, Anna Zétola, Carlos Bastos, Gilberto Afonso, Hélio Barbosa, José Scavazini, Maria Adélia Ferreira, Maurício Mares, Mozart Machado, Nena Inoue, Plínio Campos,

Rafael Camargo, Raquel Rizzo, Regina Bastos, Renato Pinheiro, Silvia Contursi, Sônia Schuib e Waldiu Teixeira. De 30 nov. 1989 a 30 dez. 1989. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

*NOIVA SE DISPUTA, UMA.* Texto: Aziz Bajur. Direção: Oswaldo Barreto. Cenografia: Augusto Francisco. Elenco: Daliléa Ayala, Lígia de Paula, Inês Sadek, Cláudio Curi, Josmar Martins, Kleber Afonso, Tião Hoover e Celso Batista. De 7 abr. 1983 a 10 maio 1983. Teatro Cezar.

*NONNA, A.* Texto: Roberto Cossa. Tradução: Glauco Mirko Laurelli. Direção e iluminação: Flávio Rangel. Cenografia: Flávio Phebo. Figurinos: Cleyde Yáconis. Música: Nino Rota. Elenco: Cleyde Yáconis, Flávio Galvão, Carlos Vergueiro, Célia Helena, Laura Cardoso, Cláudia Alencar, Marcos Plonka e Guilherme Corrêa. De 17 abr. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Anchieta, Teatro Paulo Eiró e Teatro Nydia Lícia.

Obs.: Em entrevista já mencionada, Lígia Cortez (2005) comenta:

> Lembro também que logo depois Flávio Rangel dirigiu minha mãe [Célia Helena] em outro espetáculo em que a Cleyde Yáconis fazia uma velha maravilhosa. Era o *A nonna*! Foi um espetáculo incrível... Lembro que um dia minha mãe me chamou para eu ver como a Cleyde se maquiava. Olha que coisa importante, esse tipo de relato, com certeza, ele não vai aparecer em outro lugar.
>
> Era um ritual e ao mesmo tempo de uma praticidade incrível. Ela usava clara de ovo: riscava o rosto com claros e escuros, depois passava a clara de ovo. Não consigo mais refazer isso, mas era uma melecada genial que ela passava. Ela ficava outra em cena. Outra! Um barato.

*NÓS DE VALOR, NÓS DE FATO.* Criação: Grupo de Teatro da Penitenciária Feminina da Capital. Coordenação geral e direção: Maria Rita Costa. Abordagem social do tema, nucleação de grupos e assistente social: Maria Lúcia S. Barroco. Máscaras e maquiagem: Marko Stocco. Cenários e figurinos do grupo. Iluminação: Wilson Damas. De 13 abr. 1983 a 1 maio 1983. Penitenciária Feminina e Centro Cultural São Paulo.

*NOS TEMPOS DA JOVEM GUARDA.* Texto, direção, roteiro e figurinos: Renato Kramer. Coreografia: Genilson de Souza. Iluminação: Guilherme

Bonfanti. Sonoplastia: Sérgio Cicala. Elenco: Cida de Assis, Gilberto Caetano, Ana Lúcia Cavalieri, Luiz Pazzini, Cleide Paes, Clóvis Gonçalves, Adriane Scolarick, Cyrano de Rosalém, Denis Victorazo, Fernando Neves, Renato Kramer, Ronaldo Spedaletti e Sérgio Carvalho. De 15 maio 1986 a 30 set. 1986. Teatro do Bixiga e Café Acrópolis. De 7 a 31 jul. 1988. Auditório ALS e outros espaços de representação.

Obs.: O espetáculo, paródia do programa *Jovem guarda*, apresentava-se sempre com convidados novos, que imitavam ou parodiavam artistas ligados ao movimento.

*NOSSA CIDADE*. Texto: Thornton Wilder. Tradução: Elsie Lessa. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Iluminação: Wagner Freire. Figurinos: Lola Tolentino. Direção musical: Gustavo Kurlat. Teclado: Márcia Regina Garcia Isoppo. Elenco: Grupo Tapa, com Jarbas Toledo, Wagner Freire, Ênio Gonçalves, Walderez de Barros, Brian Penido, Vera Regina, Mario Cezar Camargo, Vera Mancini, Clara Carvalho, Eduardo Brito, Eric Nowinski, Sérgio de Oliveira, Cacá Soares, Maria Pompeu, Javert Monteiro, Anette Lewin, Marco Antonio Rodrigues, Plínio Soares, Genésio de Barros e Umberto Magnani. De 4 ago. 1989 a 23 dez. 1989. Teatro Anchieta e Teatro Cultura Artística.

Crítica: Jefferson del Rios. A maior e a menor cidade do mundo. *O Estado de S. Paulo*, 9 ago. 1989, p.3.

*NOSSA SENHORA DAS FLORES*. Texto: Jean Genet. Tradução: Newton Goldmann. Direção e adaptação: Maurício Abud e Luiz Armando Queiroz. Composição e direção musical: Manoel Paiva. Cenografia e figurinos: Luís Rossi. Direção musical: Manoel Paiva. Iluminação: Nezito Reis e Luiz Armando Queiroz. Preparação corporal: Augusto Rocha. Solos de piano: Pietro Maranca. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Grupo Algo se Passa, com Luiz Armando Queiroz, Hugo Della Santa, Augusto Rocha, Décio Pinto, Cláudia Barioni, Nelson Baskerville e Lourival Prudêncio. De 21 jan. 1985 a 15 set. 1985. Teatro do Bixiga e Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Clovis Garcia. Ritual onírico em importante espetáculo. *O Estado de S. Paulo*, 1 mar. 1985, p.16.

*NOSSA SENHORA DAS FLORES*. Texto: Jean Genet. Tradução: Newton Goldmann. Adaptação: Maurício Abud. Direção: Luiz Armando

Queiroz. Composição e direção musical: Manoel Paiva. Cenografia e figurinos: Luís Rossi. Direção musical: Manoel Paiva. Elenco: Hugo Della Santa, Cláudia Barioni, Lourival Prudêncio, Décio Pinto, Raul Toledo, Robson Camargo, Marco Antonio Augusto, Geraldo Petean, e os travestis Claudia Wonder e Cintia. 1987. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*NOSSA VIDA EM FAMÍLIA*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Maucir Campanholi. Elenco: Grupo Alquimia, com Andréa Rezende, Atílio Garret, Celso Alvesan, Elaine Carvalho e Elias Mendonça. De 12 a 15 jan. 1989. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). De 16 mar. 1989 a 2 abr. 1989. Teatro João Caetano.

*NOSSO SENHOR DA LAMA*. Texto adaptado de *Quarto de despejo,* de Carolina Maria de Jesus, pelo bailarino francês Stéphane Dosse (responsável também pelo visual, iluminação e trilha sonora). Aderecista: Neneco. Sonoplastia: Toninho. Elenco: Antônio Calloni, Ary França, João Nicanor, Madalena Bernardes, Mariana Muniz, Marina Helou e Zanaide. De 17 fev. 1984 a 25 mar. 1984. Teatro Anchieta.

*NOSTRADAMUS*. Texto: Doc Comparato. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Nary Júnior. Cenografia: J. C. Serroni. Trilha musical: Paulo Herculano. Coreografia: Clarisse Abujamra. Assistência de coreografia: Lu Grimaldi. Figurinos: Ninete van Vuchelen. Iluminação: Mário Martini. Coreografia: Clarisse Abujamra. Adereços: Felipe Tassara. Maquiagem: Domingos Fuschini. Caracterização: L. Timoczenko. Elenco: Antônio Fagundes, Tácito Rocha, João José Pompeo, Neusa Maria Faro, Walter Breda, Sérgio Oliveira, Domingos Fuschini, Roberto Mars Jr., Luca Baldovino, Rita Malot, Maria Duda, Ana Kfouri, Claudia Rezende, Monalisa Lins, Simone Correa, Marco Antonio Leão, Jarbas Toledo, Yur Fogaça, Luiz Carlos Ribeiro, Nivaldo Todaro, Célio Di Malta, Ricardo Pettine, Pedro Salli e Ari Janiche. De 19 nov. 1986 a 29 mar. 1987. Teatro Jardel Filho.

*NOTURNO PARA PAGU*. Texto: baseado em Augusto de Campos. Roteiro e direção: Carmem Paternostro. Assistência de direção: Tereza Campos. Trilha sonora: Carmem Paternostro e Roland Schaffner. Figurinos: Décio

Noviello, Paulo Cesar Bicalho e Ricardo Teixeira. Elenco: Grupo de Teatro de Pesquisa (Minas Gerais), com Ana Paula Nacife, Bete Coelho, Mônica Rodrigues, Rosana Conde, Simone Correa, Nelson Fonseca, Kalluh Araújo, Geraldo Vidigal, Geraldo Peninha e Arnaldo Alvarenga. De 20 jul. 1983 a 5 fev. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro São Pedro.

Crítica: Clovis Garcia. Nova linguagem e um problema para a crítica. *O Estado de S. Paulo*, 9 mar. 1984, p.15 (acerca também de *Nosso Senhor da Lama, O grande circo místico* e outros).

*NOVELA DAS 8*. Texto: Ismael Fernandes. Direção, trilha sonora, iluminação e cenografia: Carlos Di Simoni. Figurinos: Ornella Venturi e Villa Romana. Elenco: Thais Andrade, Rildo Gonçalves, Carlos Arena, Vitor Branco e Ruthnéa de Moraes/Neusa Maria Faro. De 26 maio 1988 a 28 ago. 1988. Teatro Cacilda Becker (Centro).

*NOVIÇAS REBELDES*. Texto e trilha musical: Dan Goggin. Tradução e adaptação: Flávio Marinho. Direção e figurinos: Wolf Maia. Cenografia: J. C. Serroni. Coreografia e sapateado: Wolf Maya e Kika Sampaio. Elenco: Betina Vianny, Cecília Salazar, Cininha de Paula, Dudu Moraes/Liane Maia, Fafy Siqueira/Totia Meireles, Neusa Maria Faro, Rosa Maria, Regina Restelli e Sylvia Massari. De 9 set. 1988 a 26 fev. 1989. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro Jardel Filho.

*NOVIÇO, O*. Texto: Martins Pena. Direção: Stephan Yarian. Assistência de direção: Antônio Araújo. Iluminação: Hamilton Saraiva. Sonoplastia: Edinho Amorim. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Christiane Caldas, Elene Tziortzis, Eliel Ferreira, Guilherme Nascimento, Alberto Gouveia, Yedda Chaves e Fausto César Franco. De 4 a 9 jul. 1987. Tusp.

*NOVIÇO, O*. Texto: Martins Pena. Direção: Neyde Veneziano. Música e direção musical: Paulo Damasceno. Com música ao vivo. Coreografia: Rosa Mendes Freire. Cenografia: Rogério Falcão. Figurinos: Jorge Luiz de Oliveira e Miguel Marcarian Jr. Preparação de ator: Walderez Bruno. Sonoplastia e arranjos musicais: Lincoln Antonio. Iluminação: Cláudio Floriano. Elenco: Carlos A. Bellini, Gisele Menzer, Elaine Carvalho, Marcelo Mota Monteiro, Charles Möeller Falcão, Lizi Cristina Seixas, João Carlos Fonseca, Beto Carlos, Marco

Aguiar, Samuel da Luz, Miguel Marcarian Jr., Alessandra Mazagão, Gláucia Correa, Lincoln Antonio e Dagoberto Feliz. 14 nov. 1986. Não foi possível recuperar a data para encerramento da temporada. Centro Cultural São Paulo. De 8 a 11 jan. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*NOVIÇO, O.* Texto: Martins Pena. Direção: Mirna Borges. Sonoplastia e iluminação: Marco Kronka. Elenco: Grupo Dramas & Tramas, com Acir Franco, Alex Silva, Carlos Fabiano, Ednéia Parra, Edvaldo Soares, Hélio Nunes, Kauê Mattos, Plínio Camillo, Raquel Daneu e Regina Gomes. De 20 dez. 1986 a 13 abr. 1987. Auditório ALS.

*NUA, DESCASADA.* Texto: Jésus Padilha. Direção: Paulo Novaes. Preparação corporal: Antônio José Sarubbi. Cenografia: Campello Neto. Figurinos: Luiz e Alda Já-Já. Elenco: Kate Hansen e Eduardo Pituca. De 11 jul. 1988 a 27 set. 1988. Teatro Sadi Cabral e Teatro Zero Hora. De 9 set. 1989 a 1 jan. 1990. Teatro Zero Hora.

*NUA NA PLATEIA.* Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção, iluminação e trilha sonora: Sebastião Apolônio. Elenco: Zilda Mayo e Vitor Branco. De janeiro a 4 jun. 1989. Teatro Itália.

*NUANCE DE VOZ.* Junção de textos de vários autores: Bertolt Brecht, Tennessee Williams, Jorge Amado, Jim Morrison, Clarice Lispector, Jean Genet, Charles Chaplin e Caetano Veloso. Roteiro e direção: Francisco Azevedo. Elenco: Carlos Cardoso, Fábio Chester, Leila Lucena, Luca Jr., Mário Moura, Ricardo Feares e Cida Camargo. De 13 jun. 1987 a 30 set. 1987. Espaço Aonde. 1988. Espaço Aonde. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*NUMA NICE.* Texto: Caryl Churchill. Direção e tradução: André Adler. Cenografia e figurinos: Flávio Império. Música tema: Lulu Santos. Cantor: Ricardo Graça Mello. Arranjador: Guto Graça Mello. Arranjador do tema para orquestra: Maesto Mauro Giorgetti. Diretor de cena: Day Falcon Borba. Cenotécnica: Gilberto Caetano. Elenco: Ana Mauri, Bruna Lombardi, Célia Helena, Ewerton de Castro, Flávio Galvão, Miguel Ramos e Paulo Betti. De 8 set. 1982 a 31 dez. 1982. Teatro Anchieta.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Montagem frágil para texto sem imaginação. *O Estado de S. Paulo*, 6 nov. 1982, p.18.

*Ó PROCEVÊ NA PONTA DO PÉ.* Criação: Grupo Galpão, de Belo Horizonte. Direção: Fernando Linares. Elenco: Wanda Fernandes e outros. De 12 a 14 out. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*OBSERVATÓRIO, O.* Texto inspirado em imagens de Samuel Beckett, James Joyce e Julio Cortázar. Criação e direção: Elizabeth Lopes. Assistência de direção: Ana Braga e Otávio Mendes. Dramaturgia: Jayme Compri. Criação e direção: Elisabeth Lopes. Supervisão: Ulysses Cruz. Iluminação: Domingos Quintiliano e Wagner Pinto. Cenografia e figurinos: Dado Barocjello. Assistência de figurino: Ellen Igersheimer. Trilha sonora: Roberto de Cara. Objetos de cena: Marcelo Larrea e Charles Lopes. Preparação vocal: Vera Sodré. Preparação de atores: Elizabeth Lopes e Marcos Barreto. Dança: Leila Garcia e Ronaldo Passos. Malabares: Fernando Alves Pinto. Aeróbica: Paulo Chiavegatti. Acrobacia: Boris Trindade. Direção de cena: Ronaldo Costa. Contrarregragem: Zeca Pezzatte. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Bel Kowarick, Caetano Vilela, Ronaldo Passos, Marcos Barreto, Fernanda Guerra, Luisa Ressel, Márcia Moraes, Marion Dillange e Zeca Pezzatte. De 1 set. 1989 a 29 out. 1989. Teatro Bibi Ferreira e Teatro João Caetano.

*OCUPAÇÕES MARAVILHOSAS.* Criação: Grupo Escroqueria Paulista, inspirada em obra de Julio Cortázar. Direção: Odavlas Petti. Cenografia: Ricardo Omuth. Elenco: Emílio de Melo, Lúcia Romano, Luciano Chirolli, Ricardo Omuth e outros. De 5 a 28 ago. 1988. Teatro do Bixiga.

*OFF COURSE.* Criação e realização: Marta Ozzetti (flauta). Iluminação: Guilherme Bonfanti. Elenco: Patrícia Gaspar, Adriana Ridolfi, Eli Daruj e Alice Camargo (clarinete). De 27 a 30 abr. 1987. Espaço Off.

*OH, CALCUTTA!* Idealização: Kenneth Tynan. Textos de diversos autores. Direção original do espetáculo: Jacques Levy. Tradução: Lílio Alonso e Gilberto Di Piero. Direção e iluminação: Kiko Jaess. Coreografia: Marilena Ansaldi. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Deny Alvarez. Direção musical:

Wanderley Martins. Elenco: Manoela Assunção, Roberto Azevedo, Graça Berman, Alberto Baruque, Carlos Koppa, Paulo Wolf, Fernando Wellington, Vera Mancini, Helen Werneck, Fausto Rocha, Vânia de Brito, Maria Lima, Flávio Cardoso, Renata Soffredini, Inês Aguiar, Andréa Leão e Ricardo Viviani. De 10 maio 1984 a 30 dez. 1984. Teatro Brigadeiro. De 21 nov. 1985 a 8 jun. 1986. Teatro Jardel Filho (antigo Teatro Brigadeiro) e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). 1986. Teatro Paulo Eiró, Teatro Ruth Escobar e Taib. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Montagem abrasileirada de *Oh! Calcutta!* bem-feita. *O Estado de S. Paulo*, 2 jun. 1984, p.14.

*OH, CAROL!* Texto e direção: José Antônio de Souza. Assistência de direção: Gilberto Zarmati. Iluminação: Gil Carlos Teixeira. Cenografia: Waldir Gunther e Murilo Sala. Elenco: Wanda Stefânia, Beth Goulart e Paulo Guarnieri. De 17 jan. 1980 a 22 out. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Oh, Carol*: uma peça que faz rir muito e pensar ainda mais. *O Estado de S. Paulo*, 27 jan. 1980, p.33.

*OH, LALÁ! BELLE ÉPOQUE*! *"UM DIVERTIMENTO DE GEORGE FEYDEAU"*. Texto adaptado: Millôr Fernandes. 1ª parte – *Cabaret Paris 1900* (*poutpourri* de cançonetas francesas da época); 2ª parte – *A finada senhora sua mãe*, *Grand finale* (can-can). Direção, produção, cenografia, figurinos e programação visual: Maurice Vaneau. Direção musical: Paulo Herculano. Coreografia: Célia Gouveia. Elenco: Nathália Timberg, Maurice Vaneau, Riva Nimitz, Eliseu Salvador, Denise Reinert, Sophia Basiliat e Bernardete Carrara. De 7 out. 1983 a 30 dez. 1983. Teatro Aliança Francesa.

Crítica: Clovis Garcia. O efervescente champanha para os festejos de Vaneau. *O Estado de S. Paulo*, 1 nov. 1983, p.15.

Obs.: Com este espetáculo, o diretor belga comemorou 35 anos de atividades no Brasil.

*OITO MULHERES*. Texto: Roberto Thomas. Tadução: Lílio Alonso. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Guilherme Guimarães. Direção e iluminação: Kiko Jaess. Direção musical: Zero Freitas. Elenco: Carmem Silvia,

Célia Biar, Etty Frazer, Wanda Stefânia, Liana Duval, Myriam Pérsia, Solange Couto e Andréa Leão. De 27 jul. 1983 a 22 dez. 1983. Teatro Hilton.

Crítica: Clovis Garcia. *Oito mulheres*: destaque para as atrizes. *O Estado de S. Paulo*, 7 set. 1983, p.16.

*OKLAHOMA*. Texto: Rodgers e Oscar Hammerstein. Baseado na peça *Green grow the Lilacs*, de Lynn Riggs. Música: Richard Rodgers. Direção: Altair Lima. Direção musical e de coro: Delora Bueno. Coreografia: Janet Moye. Coreografia do sapateado: Bonnie Ford. Cenografia: Larry Shetler. Figurinos: Irene Adams. Objetos de cena: Helen Ibbs, Jill Lavin e Jane Fieler. Iluminação: Jonh Morley. Direção de cena: Joh Thornton. Arranjos e regência: Maestro Cyro Pereira. Elenco: Grupo de Teatro *Strolling Players*, com Susy Latuszynski, Joedd Price, Bárbara Phelan, Sellers, Mckee, Christopher, Bob Bauchat, Joseph Phelan, Shari Bauchat, Patrick Lavin, Cocola Drake, Betina Secemski, Cecily Lavin, Tom Drake, John Roth, Linda Fletcher, Frank Giland. Coro: Márcia Alboledo, Jeanette Bauchat, Ivani Becker, Natalie Brabner, Leci Brendgen, Margareth Dandrige, Leila Davico, Helen Gibbs, Kathrin Gilland, Paquita Gilland, Jill Lavin, Márcia Lima, Jane Moore, Catherine Moye, Alisa Nerod, Vânia Passador, Áurea Rocha, Kathrin Wilms, David Adams, Roberto Adler, Ricardo Becheli, Pixuca Brabner, Frank Gilland, Robert Gorter, Robin Halton, Felix Latuszynski, Daniel Lozano, Arnold Muñoz, Daniel Paranhos, Pierre, Kiko Redorat e Adler Rocha. De 16 a 25 maio 1986. Teatro A Hebraica.

*O-KOTÔ. Performance*. Autores e criação de músicas: André Fonseca e Cherry Taketani. Interpretação: André Fonseca (guitarra, kotô, vocal), Cherry Taketani (voz, chamisen, dança). 5 e 6 out. 1987. Espaço Off. O espetáculo voltou a ser apresentado no mesmo local (29 a 31 out. 1987), acrescido de textos da dramaturga Consuelo de Castro.

*ÓLEO E DANIEL*. Adaptação de romance homônimo de Roberto Freire. Direção: Rodrigo Matheus. Elenco: André Pink, Ciça Roxo, Paulo Marcelo e Thiago Matheus. 1985. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*OLHA PRA MIM E ME AMA*. Roteiro e concepção: Abílio Tavares. Direção musical, arranjos e pianeiro: Pedro Paulo Bogossian. Saxofone: Marcos Crepaldi. Elenco: Abílio Tavares, Pedro Paulo Bogossian, Maria Paula Bignole e Rosi Campos. De 8 dez. 1988 a 29 fev. 1989. Teatro Lua Nova.

*OLHARES DE PERFIL*. Roteiro: Alejandra Guilbert e Roberto Cardovani. Direção e maquiagem: Roberto Cardovani. Figurinos: Aurichi Pereira. Sonoplastia e iluminação: Roberto Silva. Elenco: Roberto Cardovani, Maximiliana Reis, Eduardo Gaspar e Tiambê. De 17 ago. 1989 a 30 dez. 1989. Auditório Augusta.

Crítica: Jefferson del Rios. Olhares com sabor de um certo segredo. *O Estado de S. Paulo*, 6 set. 1989, p.3.

*OLHO AZUL DA FALECIDA, O*. Texto: Joe Orton. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Marcelo Marchioro. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Adereços: Renato Dobal. Elenco: Paulo Goulart, Bárbara Bruno, Chico Martins, Haroldo Botta e Antoine Rovis. De 25 nov. 1988 até 25 jul. 1989. Teatro Paiol.

*OLHO DA RUA, O*. Texto: criação coletiva de alunos do 3º ano da EAD/USP. Direção: Paulo Yutaka. Máscaras: Auda Kater. Elenco: Ademir de Souza, Cristina Galvão, Raphael Messias, Carlos Palma, Mauro Ferraz, Noeli Santisteban e Rogério Vidotti. 1981. TUSP. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*OLHOS VERDES DA NEUROSE, OS. SENHOR X. O EIXO DAS FUNÇÕES*. *Performance*. Autores e intérpretes: Simone Grande em *Os olhos verdes da neurose*; Jorge Schutze em *Senhor X*; Jaqueline Obrigon e Davis Bruno em *O eixo das funções*. 14 nov. 1987. Espaço Alquimia.

*ONDE CANTA O SABIÁ*. Texto: Gastão Tojeiro. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Cenografia e figurinos: Zecarlos de Andrade. Trilha sonora: Valdemar Gonçalves. Elenco: Luiz Parreiras, Paulo Hesse, Clóvis Gonçalves, Ruthnéa de Moraes, Jorge Cerruti, Salete Fracarolli, Anamaria Barreto, Rosamaria Pestana, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Zecarlos de Andrade e Luiz Carlos de Moraes. De 16 set. 1988 a 1989. Teatro Popular do Sesi. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ONDE ESTÁS?* Texto: Breno Moroni. Direção: Olney de Abreu. Elenco: Maria Luísa de Lima, Breno Moroni e Olney de Abreu. De 1 nov. 1980 a 30 dez. 1980. Teatro Oficina.

Crítica: Clovis Garcia. O ressurgimento do monólogo dramático. *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1980, p.16 (acerca também de *Eu, Sócrates, corruptor de menores; O diário de um louco; O jovem Karl Marx;* e *Bom dia, cara*).

*ONDE NÃO HOUVER INIMIGO URGE CRIAR UM*. Texto: João Bethencourt. Direção: Paulo Drumond. Supervisão, iluminação e interpretação: Eraldo Rizzo. Trilha sonora: Zero Freitas. Cenografia: Renato Marques. Elenco: Almir de Areias e França Antunes. De 11 set. 1981 a 4 jan. 1982. Teatro de Bolso.

*ONGIRA: GRITO AFRICANO*. Texto: Estevão Maya-Maya e Antônio de Pádua. Direção: Thereza Santos. Teatro Brigadeiro. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Crítica: Clovis Garcia. Musical raro para valorizar a cultura negra. *O Estado de S. Paulo*, 16 fev. 1980, p.14.

Obs.: O espetáculo estrutura-se na cultura afro-brasileira, tematizando a questão do negro.

*ÓPERA DE SABÃO*. Adaptação a partir de texto de Marcos Rey. Direção: Roberto Vignati. Direção musical: Michael Kelly. Cenografia: Márcio Tadeu. Coreografia: Domi Santos. Figurinos: Ramon Mendes. Sonoplastia: Marco Donatti. Elenco: Cia. Folhetim Voador Não Identificado, com Salete Fracarolli, Irineu Pinheiro, Adenor Simões, Maria do Carmo Soares, Leo Magalhães e J. França. De 4 nov. 1987 a 30 dez. 1987. Teatro Odeon.

*ÓPERA DO MALANDRO*. Texto: Chico Buarque de Hollanda. Direção e trilha sonora: Luís Antônio Martinez Corrêa. Assistência de direção: Aurélio Michiles e Fernando Horcades. Cenografia e figurinos: Maurício Sette. Ilustração dos telões, cartazes e programa: Maurício Arraes. Pintura de telão: Bartô. Direção musical: José Albino Pestana de Medeiros. Músicos: José Albino, Antonio Carlos Sarno, Benjamim Rafael Taubkin, Ary Dias, Diranir Pedro de Souza, Itamar, Valdir Ramiro, Vicente de Souza Duarte e Wilson Benevides de Anastácio. Laboratório corporal e coreografia: Mara Borba. Iluminação:

Luis Antônio Martinez Corrêa e Maurício Sette. Elenco: Abrahão Farc, Marlene, Tânia Alves, Walter Breda, Stella Miranda, Aldo Bueno, Cláudio Mamberti, Beatriz Berg, Ana de Fátima, Margot Ribas, Maria da Paixão, Claudia Jimenez, Dirce Tangará, Luiz Guilherme, Andréa de Maio, Antonio Chaves, José Rubens Chasseraux, Augusto Pompêo, Helio Asp, Irlan Nery, Luiz Fernando e Paulo Delmondes. De 23 out. 1979 a 4 fev. 1980. Reestreia: 30 jul. 1980. Teatro São Pedro, Teatro Tuca e Teatro Faap. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica Mariangela Alves de Lima. Exemplo raro de competência. *O Estado de S. Paulo*, 1 maio 1980, p.21.

Obs.: Há um belíssimo programa apresentando estrutura da obra, cena a cena; breve cronologia de vida e obra de Bertolt Brecht, de John Gay e de Chico Buarque de Hollanda; desenhos de Grosz e Gaspar Neher; letras das músicas da obra; ensaios críticos sobre Brecht e acerca da obra, além de vasto material iconográfico.

*ÓPERA JOYCE*. Texto: Alcides Nogueira. Concepção, direção e cenografia: Marcio Aurelio. Música: Hélio Ziskind e Paulo Tatit. Produção: Núcleo Joyce e Cooperativa Paulista de Teatro. Figurinos: Leda Senise. Iluminação: Marcio Aurelio e Cibele Forjaz. Cenotécnica: David José da Silva. Elenco: Vera Holtz, João Carlos Couto e Miguel Magno. De 9 dez. 1988 a 14 maio 1989. Teatro Brasileiro de Comédia. De 1 a 23 dez. 1988. Espaço Off.

*ÓRFÃOS*. Texto: Lyle Kessler. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Stephan Yarian. Asssistência de direção: Lúcia Capuano. Cenografia e figurino: Augusto Francisco. Iluminação: Antonio Abujamra. Elenco: Celso Frateschi, Tadeu Aguiar e participação especial de Jorge Julião. Estreia: 11 nov. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ÓRFÃOS DE JAMES DEAN, OS*. Texto: Ronaldo Ciambroni e Cristina Marques. Direção: Ednaldo Eiras. De 26 jun. 1989 a 11 jul. 1989. Dama Xoc.

*ÓRFÃOS DE JÂNIO, OS*. Texto: Millôr Fernandes. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Teresa Aguiar. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Trilha sonora: Júlio Medaglia. Iluminação e sonoplastia: Enzo

Capra. Direção de cena: Plínio Passos. Elenco: Cacilda Lanuza, Gésio Amadeu, Francarlos Reis, Carmem Monegal e Clarisse Abujamra. De 14 jan. 1981 a 17 maio 1981. Teatro Paulo Eiró e Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Dificuldade em enfrentar os tempos presentes. *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 1981, p.41.

*ORGASMO ADULTO FOGE DO ZOOLÓGICO, UM*. Texto: Dario Fo e Franca Rame. Tradução: Zilda Daeier. Direção: Antonio Abujamra. Cenografia: J. C. Serroni. Iluminação: Francisco Medeiros. Elenco: Denise Stoklos e Miguel Magno. De 16 dez. 1983 a 3 jun. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia. De 5 jun. 1985 a 30 jul. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). De jan. a 8 maio 1986. Teatro Sesc Pompeia e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. Fo e Magalhães Jr. em bons espetáculos teatrais. *O Estado de S. Paulo*, 6 jan. 1984, p.15 (acerca também de *A bengala do finado*).

*OSSOS D'OFÍCIO*. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Silnei Siqueira. Cenografia: Marcos Weinstock. Músicas: Tunica. Iluminação: Luiz Dulcini. Cenotécnica: S. M. Santana, Luiz M. Rodrigues e Sosígenes T. da Silva. Contrarregragem: Décio José. Elenco: Antonio Petrin, João José Pompeo, Luiz Serra, J. França e Sônia Guedes. Estreia em Santo André, em 1 ago. 1981. Em São Paulo, de 16 set. 1981 a 10 jan. 1982. Teatro Aliança Francesa e Teatro João Caetano.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Os ossos d'ofício*, espetáculo que transborda humanidade. *O Estado de S. Paulo*, 19 set. 1981, p.19.

*OSTAL*. Concepção: Grupo Tribo de Atuadores Oi Nóis Aqui Traveiz (Porto Alegre). Coordenação: Aldo Rostagno e Paulo Flores. Direção: Paulo Flores. Elenco: Arlete Cunha, José Carlos Carvalho, Maria Rosa, Sérgio Etchichurg, Adriano Marinho e Marcos Castilhos. 1988. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: Espetáculo apresentado na Mostra Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Madame Satã.

*OTHELLO*. Texto: William Shakespeare. Direção: coletiva. Cenografia: Flávio Império. Figurinos: Murilo Sola. Adereços: Donato Velleca. Iluminação:

Iacov Hillel. Sonoplastia: Flávia Calabi. Coreografia e preparação corporal: Alberto Martins. Preparação vocal: Maria do Carmo Bauer. Direção de cena e maquilagem: Rosento Martins (Nenéco). Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Elenco: Juca de Oliveira, Ney Latorraca, Cacilda Lanuza/Cléo Ventura, Christiane Rando, Imara Reis/Berenice Raulino, Oswaldo Raimo, Washington Lasmar e Carlos Augusto de Carvalho. De 13 jan. 1982 a 30 maio 1982. Teatro Cultura Artística. De 13 jan. 1982 a 30 maio 1982. Teatro Cultura Artística.

Crítica: Clovis Garcia. Excepcional tratamento de espaço em *Othello*. *O Estado de S. Paulo*, 9 fev. 1982, p.19.

*OUT OF AFRICA*. *Performance*. Direção: Paulo Alves. Com Ana Lúcia Barroso e Anna Paula Zétola. De 6 a 13 jul. 1986. Bar Boite Malícia.

*OUTRA FACE, A.* Texto, direção, figurinos e cenografia: Clery Cunha. Iluminação: José Paulo Rosa. Música: Cleston Teixeira. Elenco: Lu Martan, Roberto Rocco, Jack Militello, André Falcon Martins, Laércio Schiave, Luciene Cunha e Tino Teste. De 25 ago. 1989 a 15 dez. 1989. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves) e Auditório ALS.

*OUTRA FACE, A.* Adaptação: Roney Wanderley e Dionísio da Ponte. Texto: Clery Cunha e Jesse J. Costa. Direção: Clery Cunha. Elenco: Roney Wanderley, Tony Santos, Fábio Pimentel, Dionísio da Ponte, Nivaldo Rodrigues e Wilma Camargo. De 27 jun. 1980 a 27 set. 1980. Café Teatro Leila Diniz e Teatro das Nações.

*OUTRO LADO DOS LENÇÓIS, O.* Texto: Walcir Carrasco. Direção e música: Manoel Paiva. Cenografia: Antonio Oliveira dos Santos. Figurinos: Sérgio Reis. Elenco: Matilde Mastrangi, Sandra Barsotti, André L'Abatte, Ney Piacentini, Bárbara Fazio e Jofre Soares. De 12 set. 1985 até 1986. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*OUTRA NOITE PERDIDA COM PATRÍCIO BISSO, UMA.* Texto, direção e interpretação: Patricio Bisso. Direção musical: Rosa Maria Soares de Almeida. 1983. Teatro Aliança Francesa (Centro). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*OVERDOSE*. Texto e direção: Anamaria Dias. Cenografia: Paulo César Lima. Figurinos: Cristina Nogueira. Sonoplastia: Marcelo Azevedo. Elenco: Isadora de Faria. De 7 set. 1987 a 27 out. 1987. Espaço Off.

*OXENTI ROMI XINAIDI?!* Texto: Criação: Cia. Dramática Flamboyant e Fernando Limoeiro. Direção: Beto Silveira. Figurinos: Bré Gilbert. Cenografia: Cláudio Lucchesi. Música e direção musical: Ademir Martins. Músicas ao vivo: Paulo Garfunkel e outros. Elenco: Ademir Martins, José Guerreiro, Maria Luiza Jorge e outros. De 13 mar. 1982 a 30 maio 1982. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes) e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. Dois espetáculos: inspiração de fora e nacional. *O Estado de S. Paulo*, 4 fev. 1982, p.22 (acerca também de *Viva sem medo suas fantasias sexuais*).

Obs.: O espetáculo fez parte de evento promovido pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos de Artes e Diversões (Sated/SP), chamado *Auê nos sindicatos – Uma ciranda das artes* e apresentou-se no Sindicato dos Marceneiros e dos Coureiros.

*PACTO ERÓTICO*. Texto e direção: Antônio Rody. Sonoplastia e iluminação: Iguaçu Braga e outros. Figurinos: Amanda. Elenco: Antônio Rody, Susy Bailo, Bulema Pérsida, Maurício Reis, Márcio Martins, Maquele Sani, Marina Néri e Selma di Paula. De 22 abr. 1987 a 27 mar. 1988. Teatro de Bolso.

*PADRE À ITALIANA, UM*. Texto: Pedro Mario Herrero. Tradução e adaptação: Armindo Blanco. Direção: Líbero Rípoli Filho. Cenografia e figurinos: Márcia Mello. Iluminação: Paolino Raffanti. Elenco: Paolino Raffanti, Dante Rui, Marlene Santos, Magno Francisco, Dirce Militello, Wilson Ribaldo e Ivan Salles. De 12 ago. 1981 a 31 jan. 1982. Teatro Markanti.

*PÁIA ASSADA*. Apresentado por Rolando Boldrin: espetáculo falado, cantado e dedicado ao mestre da pintura e da embolada Manezinho Araújo. Cenografia: Carvajal. Iluminação: Antonio Abujamra. De 10 ago. 1987 a 22 dez. 1987. Teatro Paiol.

*PAÍS DE SIR NEY, O*. Texto e direção: Jairo Arco e Flexa. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: Jairo Arco e Flexa, Tereza de Almeida

e Danúbia Machado. De 16 maio 1986 a 17 ago. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia.

*PAÍS DO SOL, O.* Texto: Renata Pallottini. Direção: Fernando Peixoto. 1982. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PAÍS DOS ELEFANTES, O.* Texto: Louis-Charles Sirjacq. Tradução: Ferreira Goulart. Direção: Alai Milhant. Cenografia: Jacques Gabel. Figurinos: J. C. Serroni. Iluminação: Bruno Boyer. Direção musical: João Carlos Dalgalarrondo. Músicos: Paraná, Glaucus Xavier, Castora, Eduardo Contrera e Guello. Pintura de arte: Juvenal Irene dos Santos. Pintura do telão: Alphonse Laverde. Adereços: Luís Rossi e Charles Lopes. Elenco: Antônio Fagundes, Adyel, Denise Del Vecchio, Francarlos Reis, Fábio Camargo, Aldo Bueno, Jorge Caia, Ricardo Pettini, Walter Breda e Roberto Mars Jr. De 11 abr. 1989 a 2 jul. 1989. Teatro Sérgio Cardoso e Teatro Cultura Artística.

Crítica: Aimar Labaki. *O país dos elefantes*, as insuficiências da coprodução. *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1989, p.1.

*PAIXÃO SEGUNDO G. H., A.* Texto adaptado do homônimo de Clarice Lispector. Direção e iluminação: Cibele Forjaz. Cenografia, figurinos, trilha sonora e interpretação: Marilena Ansaldi. De 1 nov. 1989 a 10 dez. 1989. Teatro Mars e Pavilhão da Bienal (MAC).

*PAIXÃO DE DRÁCULA.* Texto e direção: Ivan de Lima. Cenografia e figurinos: Acácio Gonçalves. Elenco: Ivan Lima, Rosa Maria, Lourival Prudêncio, Luiz Peixe e Janete. Estreia: 11 ago. 1981. Café-Teatro Homo Sapiens. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PAIXÃO DE DRÁCULA.* Texto: Ivan Lima e Acácio Gonçalves. Direção: Ivan Lima. Cenografia: Acácio Gonçalves. Elenco: Acácio Gonçalves, Carlos Milani, Ivan Lima, Lizette Negreiros, Lourival Prudêncio e Janete Gonçalves. 21 jun. 1980. Café Teatro A Pulga. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PAIXÃO, CRIME E JUSTIÇA.* Texto: Pato Papaterra e Jorge Thadeu. Direção: Douglas Munhoz. Cenografia: Marcos Botassi. Direção musical:

César Assolant. Elenco: Cláudia Amaral Rezende, Clóvis Gonçalves, Mauro Ferraz e Pato Papaterra. De 7 a 30 abr. 1989. Teatro do Bixiga.

*PALÁCIO DOS URUBUS, O.* Texto: Ricardo Meirelles. Direção: Flávio Dias. Assistência de direção e coreografia: Sidney Donatelli. Cenografia: Gau. Produção e direção: Grupo Vivará e Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Alice Pelegattti, Manoel Alves, Beto Ferreira, Flávio Dias, Manoel Alves, Mônica Rodrigues, Paulo Pedroso, Sidney Donatelli e Tereza Telles. De 5 ago. 1981 a 8 nov. 1981. Teatro Paulo Eiró, Teatro das Nações, Teatro João Caetano e Teatro Arthur Azevedo. 1987. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PALAVRAS CRUZADAS*. Texto e direção: Paulo Roberto Moreira. Criação: Grupo Gula Matari. Elenco: Luiz Carlos Rossi, Mara Salles, Valdir Ribeiro e Paulo Roberto Moreira. De 24 nov. 1981 a 31 dez. 1981. Teatro Bixiga. 10 mar. 1982. Tuquinha. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PALHAÇO NU, O.* Texto: Alcione Araújo. Direção: Elizabete Dorgam. Elenco: Sílvio Ferreira, Thaís Fantanzi e Wagner Bello. 30 mar. 1987. Estação Madame Satã.

*PALHAÇO REPETE SEU DISCURSO, O. Show*-palestra com texto e apresentação de Plínio Marcos. Todos os textos são de Plínio Marcos, compostos por causos e anedotas, e têm por títulos: *Eu poderia fazer outra coisa, O anedoteiro, O passarinho, Artista de televisão, As figurinhas, Soldados da minha rua, O instigador, O sistema, O trabalho, Transporte coletivo, Sem espaço, Três mictórios, O paquerador baixinho, Para onde vai?, Lazer mais barato, A violência* e *O som universal*. De 19 ago. 1983 a 18 mar. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Adoniran Barbosa) e vários espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. Três possibilidades de reflexão. *O Estado de S. Paulo*, 4 fev. 1984, p.14 (acerca também de O belo indiferente e Salto alto).

*PALHAÇOS*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção e iluminação: Nelson Ferreira. Cenografia: Bruno Miranda. Figurinos: F. E. Kokotch. Sonoplastia: Vadinho. Elenco: Paulo Azevedo e Arnaldo Apolônio. De 26 a 30 ago. 1987. Teatro Paulo Eiró.

*PALHAÇOS*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção e músicas: Antônio Ozório. Arranjos musicais: Antônio Osório e Leandro Duarte. Cenografia e figurinos: Indalécio Santana. Músicas: Antônio Ozório. Elenco: Grupo Matraca, com Indalécio Santana e Wilson Justino. De 6 mar. 1981 a 4 set. 1981. Teatro Arthur Azevedo e outros espaços de representação.

*PALOMARES*. Texto: Ana Maria Amaral. Direção: Ana Maria Amaral e Sylvio Zilber. Cenografia: Zé dos Móbiles e Irineu Chamiso Jr. Música: Paulinho Silva, Sérgio Lemcke e Walter Silva. Elenco: Américo Alimonti, Antônio Tadeu Di Pietro, Cléo Busatto, Fernando Assumção, Liege Esteves, Marta Bianco e Rivadalvis Marinho. De 8 abr. 1981 a 28 jun. 1981. Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Teatro de bonecos, dois exemplos raros. *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1981, p.55 (acerca também de *Fausto*).

*PANTOMIMA*. Texto, direção e interpretação: Ricardo Bandeira. 1982. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PAPA HIGHIRTE*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Reinaldo Maia. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Direção musical: Marcus Vinícius. Elenco: Grupo São Paulo Ensemble, com Aiman Hammoud, Alvinho Gomes, Haydée Figueiredo e Javert Monteiro. De 14 jul. 1986 a 1 out. 1986. Centro Cultural São Paulo e Teatro Sérgio Cardoso.

*PAPA RABO*. Texto adaptado de *Fogo morto,* de José Lins do Rego. Direção: Fernando Teixeira. Elenco: João Costa, Ronald Lira e Carlos Varela. 1 out. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PAPAI & MAMÃE (CONVERSANDO SOBRE SEXO)*. Texto: Marta Suplicy e Mário Prata. Direção, trilha sonora e cenografia: Flávio de Souza. Direção musical: Zero Freitas. Músicos: Sé Zurawski, Alex Ambak e outros. Figurinos e programação visual: Carlos Moreno. Bonecos e adereços: Petrônio Nascimento e Ângelo Osório. Iluminação: Ivan José. Coreografia: Augusto Rocha. Elenco: Ana Lúcia Barroso, Genézio de Barros, Cristina Mutarelli, Iara Jamra, Ana Maria de Souza, Augusto Rocha, Marcos Botassi,

Maria Luíza Jorge e Norival Rizzo. De 11 out. 1984 a 30 nov. 1984. Espaço Mambembe.

*PAPÉIS DE BRINCADEIRA*. Criação: Grupo Truques, Traquejo e Teatro. Direção: Hélio Muniz. Elenco: Mariana Muniz, Selma Pellizon e outros. De 16 jul. 1983 a 7 ago. 1983. Teatro Ventoforte. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PAPEL DE GRAHAN BELL EM BABEL, O*. Texto: Márcio Barone e Ruy Pires. Direção e interpretação: Grupo Frafatu (Frango Farofa e Tubaina), com Ana Maria Marinho, Carlos Messias, Liliana Cavallo, Elcio Sodré e Marcos Ribeiro. De 15 jul. 1987 a 1 ago. 1987. Espaço Off.

*PARA ALGUNS A NOITE É AZUL*. Texto: poemas de Lou Reed. Direção: Mário Bortoloto. 10 a 13 set. 1987. Estação Madame Satã.

Obs.: O espetáculo integrou a Mostra de Novíssimos Diretores do Teatro Contemporâneo do Estação Madame Satã.

*PARAÍSO ZONA NORTE*. Texto (com junção de *A falecida* e *Os sete gatinhos*): Nelson Rodrigues. Adaptação e direção: Antunes Filho. Letra do hino: João Moura Jr. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Iluminação: Max Keller. Assistência de iluminação e operação de luz: Davi de Brito. Coordenação do método: Walter Portella. Adereços: Juvenal Irene dos Santos, Luís Rossi e Núcleo de Cenografia do CPT. Pintura de arte e acabamento de cenário: Juvenal Irene dos Santos. Trilha sonora e operação de som: Raul Teixeira. Preparação vocal do hino. Gisele Cruz. Preparação vocal e expressão verbal: Mônica Montenegro. Preparação de mímica: Paulo Yutaka, Alice K. e Alberto Gaus. Tai-chi-chuan: Estelamare de Paula. Cenotécnica: José Revolto Mir. Elenco: Flavia Pucci, Hélio Cícero, Luís Melo, Luiz Furlanetto, Barthô di Haro, Teresa Negrini, Samantha Monteiro, Clarissa Drebtchinsky, Eliana César, Rita Martins, Olival Nóboa Leme, Luiz Fernando, Jefferson Primo e Geraldo Mário. De 28 abr. 1989 a 1990. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Críticas: Aimar Labaki. Montagem abstrata demais. *O Estado de S. Paulo*, 5 maio 1989, p.12.

Jefferson del Rios. Uma Zona Norte que está na alma do mundo. *O Estado de S. Paulo*, 5 maio 1989, p.12.

*PARAVACINA: SEM AMARRAR E SEM DESTINO*. Texto: Marco Ricca. Direção: Roberto Lima. Cenografia: Eli Sumida e Cacá Soares. Figurinos: Eli Sumida e Adriana Consorte. Coreografia: Regina de Souza. Música: Duda Oliveira. Iluminação: Eli Sumida. Direção musical e sonoplastia: Cacá Soares. Elenco: Grupo Necas de Pitibiribas, com Nelson Peres, Marco Ricca, Cacá Soares, Cláudia de Souza e Kiko Gonçalves. De 20 abr. 1986 a 30 jun. 1986. Teatro do Bixiga.

*PARCEIROS, OS*. Texto: Marcos Rey. Adaptação e direção: Alberto Soares. Elenco: Ricardo Castro, Isabel Cueva, Nanci Augusta e José Parente. De 7 dez. 1988 a 26 jan. 1989. Teatro Henfil e Teatro Bela Vista.

*PARE... E CAIA NOS MEUS BRAÇOS*. Texto: João Carlos Rodrigues. Direção: Sebastião Apolônio. Elenco: Julio César Nabuco, Maria Cristina Tavares, Wagner Tadeu e Ligia Vasconcelos. 1983. Teatro Cenarte. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PARENTES ENTRE PARÊNTESES*. Texto, direção, seleção musical e cenografia: Flávio de Souza. Assistência de cenografia: Marcos Botassi. Assistência de direção: Cecília Marengoni. Figurinos e penteados: Patricio Bisso. Iluminação: Davi de Brito e Robinson Teixeira. Cenotécnica: Antonio Gentil. Elenco: Carlos Moreno, Roney Facchini, Cristina Mutarelli, Mira Haar, Iara Jamra, Ana Maria de Souza e Marcos Bottassi. De 10 mar. 1983 a 23 dez. 1983. Teatro do Bixiga.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A família, entre farsa e comédia. *O Estado de S. Paulo*, 6 abr. 1983, p.19.

*PARQUE, O*. Texto: Botho Strauss. Direção, tradução, adaptação, cenografia e trilha sonora: Augusto Francisco. Preparação corporal: Paulo Contier. Dramaturgia: João José Cury. Figurinos: Armando R. Filho. Iluminação: Edvaldo Rodrigues. Efeitos especiais: Marcelo Corpanni. Preparação vocal: Eudósia Acuña. Elenco: Alberto Gouveia, Ângela Gouveia, Armando R. Filho, Marcella de Lucca, Siomara Schroder, Casé Campos, Tuna Dwek, Guilherme Filho, Wagner Bello, Ronaldo Borges, Ângelo Osório e Miriam Palma. De 5 out. 1988 a 18 dez. 1988. Auditório Augusta.

*PARTES FEMININAS (PARTI FEMMINILI UNA GIORNATA QUALUNQUE E COPPIA APERTA)*. Texto: Franca Rame. Direção: Dario Fo. Elenco: Franca Rame e Dario Fo. 8 maio 1989. Teatro Mars. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PAS DE DEUX*. Autores, manipuladores e criadores: Marcos Caetano e Raquel Ribas. De 5 nov. 1982 a 16 abr. 1983. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Bons atores marcam os títeres dos contadores. *O Estado de S. Paulo*, 21 nov. 1982, p.45.

*PAS-DE-DEUSES*. Concepção e direção: Ivaldo Bertazzo. Elenco: Selma Egrei e outros. 1986. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Vivien Lando. Marcas inconfundíveis. *O Estado de S. Paulo*, 9 out. 1986, p.5.

*PASOLINI, MORTE E VIDA*. Texto: Michel Azama. Tradução: Francarlos Reis. Direção: Stephan Yarian. Assistência de direção: Ariel Moshe. Cenotécnica: Antonio Chimanski. Elenco: Francarlos Reis, Antonio Petrin, Thadeu Aguiar e Hélio Zacchi. Juca de Oliveira faz a voz do juiz. 18 mar. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PASSAGEM DA RAINHA, A*. Texto: Antônio Bivar. Direção: Álvaro Guimarães. Assistência de direção: Ricardo Chiffeni. Cenografia: Osmar Rosan Filho. Assistência de cenografia: Júlio César Vargas. Sonoplastia: Paulo Barbosa. Iluminação: Celso de Liso. Elenco: Bronie, Eliana Barbosa, Nilda Maria, Roberto Orosco e Thadeu Aguiar. De 13 mar. 1984 a 20 abr. 1984. Teatro Cezar.

*PASSAGEM DOS PRÍNCIPES, A*. Textos de William Shakespeare, Jean-Paul Sartre e outros. Criação, direção, iluminação e trilha sonora: Paulo Gaeta. Elenco: Paulo Gaeta, Cássio Brasil, Lulu Brandão e outros. 1988. Espaço Persona. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PÁSSARO DO POENTE*. Texto: Carlos Alberto Soffredini. Encenação: Marcio Aurelio. Concepção visual: Takashi Fukushima. Coreografia: Mariana Muniz. Trilha sonora: Hector Gonzáles e Graciela de Leonardis. Figurinos: Paulo de Moraes. Elenco: Grupo de Arte Ponkã, com Paulo Yutaka, Seme Lufti, Celso Saiki, Alice K., Celso Saiki, Celina Fujii, Carlos Takeshi, Paulo Garcia, Carlos Barreto e Marcos Marcel. De 25 mar. 1987 a 19 jul. 1987. Teatro Ruth Escobar. De 13 a 30 out. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O singelo voo da graça andrógina. *O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1987, p.6.

Obs.: O espetáculo foi apresentado também no Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (Porto, Portugal), em 1988.

*PASSATEMPO*. Espetáculo de Perry Salles. 1989. Boite Ta Matete. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PATÉTICA (A VERDADEIRA HISTÓRIA DE GLAUCO HOROWITZ*). Texto: João Ribeiro Chaves Neto. Direção: Celso Nunes. Assistência de direção: Edson Barbieri. Cenografia e figurinos: Flávio Império. Cenotécnica: Adilson Tadeu e Chimanski. Iluminação: Luís Ricardo Oliveira. Elenco: Ewerton de Castro, Antonio Petrin, Regina Braga, Lílian Lemertz, Vicente Tuttoilmondo e Orlando Oliveira Silva. De 30 abr. 1980 a 30 nov. 1980. Teatro Arthur Azevedo, Teatro João Caetano e Auditório Augusta.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Patética*: reminiscências de um tempo que ainda. *O Estado de S. Paulo*, 21 maio 1980, p.16.

Obs.: Do mesmo modo como o ocorrido com *Rasga coração*, o texto foi vencedor em concurso promovido pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT). Por sua temática fazer referência a Vladimir Herzog, a obra ficou censurada por aproximadamente cinco anos. Segundo matéria de divulgação, a peça foi escrita em vinte dias, logo após a notícia do "suicídio" do jornalista, ocorrido em 25 out. 1975, nas dependências do Doi-Codi, de São Paulo.

Em cartaz, as peças que voltaram do exílio. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 abr. 1980, p.44.

*PATO COM LARANJA*. Texto: William Douglas Home. Tradução e adaptação: Bárbara Heliodora e Paulo Autran. Direção: Adolfo Celi. Cenografia e

figurinos: Guilherme Guimarães. Trilha sonora: Simon Khoury. Elenco: Paulo Autran, Eva Wilma/Irene Ravache, Karin Rodrigues, Márcio de Luca e Hedy Siqueira. De 8 mar. 1980 a 28 set. 1980. Teatro Brigadeiro.

Crítica: Clovis Garcia. O recomendável e o óbvio em mais duas comédias em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1980, p.23.

*PATOS, OS*. Texto: Miriam Rother. Direção: Tim Urbinati. Supervisão: Fauzi Arap. Elenco: Ana Maria de C. Leite, Analy Alvarez, Assunta Perez, Bruno Giordano, Sofia Negrão e Walter Cruz. 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PAX ET MULIER*. Adaptação do texto *Mulheres na assembleia,* de Aristófanes. Direção: Jean Pierre Kalestrianos. Cenografia e figurinos: Lourdes Camillis. Música: Denise Garcia. Elenco: Grupo Tapandari, com Maria do Carmo Arcieri, Maria Helena Figueiredo, Jacqueline Schein, Maria Cardoso, Jacqueline Guimarães, Valéria Costa Sene, Kátia Guedes, Dinah Doctors e Denise Garcia. De 23 nov. 1984 a 23 dez. 1984. Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*PEÇA POR OUTRA, UMA*. Texto: Jean Tardieu. Tradução: Manuel Bandeira, Pina Côco e Renato Icarahi. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Cenografia: Ricardo Ferreira. Figurinos: Lola Tolentino. Direção musical: Zé Lourenço. Adereços: Tonico e Deco. Piano: Miguel Briamonte. Elenco: Grupo Tapa, com Denise Weinberg, Brian Penido, Eliana Fonseca, Guilherme Sant'Anna, Ernani Moraes, Clara de Carvalho, Zecarlos Machado e Charles Myara. De 6 ago. 1987 a 27 dez. 1987. Teatro Aliança Francesa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Tardieu e a luta mais vã. *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1987, p.6.

*PEDAÇOS E MISETEMO*. Texto e interpretação do primeiro texto *Pedaços*: Denise Namura. Autor e intérprete do segundo texto *Misetemo*: Zambo Chacon. Música: Grupo Lumi. 21 e 22 dez. 1987. Espaço Mambembe.

*PEDREIRA DAS ALMAS*. Texto: Jorge Andrade. Direção: Grupo de Teatro Amador Chão Palco. De 31 out. 1984 a 11 nov. 1984. Teatro Paulo Eiró. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PEDREIRA DAS ALMAS*. Texto: Jorge Andrade. Direção: Rogério Wanderley Brito. Iluminação: Ântonio Carlos Sarini. Desenho de figurino: Ricardo C. Mendonça. Direção musical: Eduardo Stella. Grupo de metais: Fasg. Grupo instrumental: Korja. Elenco: Grupo de Pesquisas Teatrais Arteatro, com Alexandre C. Rezende, Beth Souza, Isaac Martins, Carlos Henrique de Souza, José Luiz de Almeida, Kael Scarlorb, Kako Mattos, Márcia, Marco Bueno, Mariza Porto, Maurício, Raquel Medeiros, Regina Rodrigues, Renata Palaes, Tânia Cristina, Romão e Valéria Cristina. De 18 jun. 1987 a 12 jul. 1987. Teatro Martins Pena.

*PEDRO E DOMITILA*. Texto: Ênio Gonçalves. Direção: Mario Masetti. Direção de atores: Walter Padgurschi. Cenografia e figurinos: Carlos Clémen. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Ênio Gonçalves e Thaia Perez. De 7 set. 1984 a 14 out. 1984. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*PEDRO PEDREIRO*. Texto: Renata Pallottini. Direção: Elvira Gentil. Elenco: atores-estudantes de curso de teatro desenvolvido pela Casa de Cultura Mazzaropi. 1986. Teatro Markanti. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PEGA LADRÃO*. Texto: Cláudia Decastro. Direção: Silnei Siqueira. Cenografia: Augusto Francisco. Músicas: Zero Freitas. Elenco: Kito Junqueira, Sandra Barsotti, Noemi Marinho e Cláudia Decastro. De 30 out. 1980 a 1 fev. 1981. Teatro Aliança Francesa (Centro).

*PEGANDO FOGO... LÁ FORA*. Texto: Gianfrancesco Guarnieri. Direção: Celso Nunes. Assistência de direção e de cena: Cacau Guarnieri. Cenografia: Irineu Chamiso Jr. Assistência de cenografia: Fernando Guarnieri. Figurinos: Jusy Cazarré. Direção musical: Pietro Maranca. Iluminação: Cacá D'Andretta. Trilha sonora: Zebba Dal Farra. Bonecos rígidos e máscara: Júlia Crisanta. Bonecos flexíveis: Jésus Seda. Cenotécnica: Paulo Caluz e Titão. Elenco: Myriam Muniz, Célia Helena, Gianfrancesco Guarnieri e Pietro Maranca. De 15 out. 1988 a 18 dez. 1988. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A dificuldade de Guarnieri em encenar a crise. *O Estado de S. Paulo*, 9 nov. 1988, p.3.

*PEGUE E NÃO PAGUE*. Texto: Dario Fo. Tradução: Maria Antonietta Cerri e Regina Vianna. Direção: Gianfrancesco Guarnieri. Codireção: Wagner de Paula. Cenografia e figurinos: Irênio Maia. Trilha sonora: Paulo Alcorage. Direção musical: Marcus Vinícius. Adereços: Lígia Medeiros. Iluminação: Joaquim de Oliveira e Roberto Leonel. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro e Abílio Del Fiori. Pintura de cenário: Carlos Machado. Contrarregragem: Carlos Marques. Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Herson Capri, Regina Vianna, Bete Mendes, Renato Borghi e Wagner de Paula. De 16 out. 1981 a 13 jul. 1983. Teatro Taib e outros espaços de representação.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Guarnieri, 25 anos, arte e coerência. *O Estado de S. Paulo*, 29 out. 1981, p.24.

*PELO AVESSO*. Texto e direção: Márcio Augusto. Assistência de direção: Richard Riguetti. Cenografia e figurinos: João Carlos Lorusso. Música: Fávio Farid. Coreografia: Lúcia Aratanha. Iluminação: Waltinho Antunes. Elenco: Guilherme Bonfanti, Vicente de Luca, Rosaly Grobman, Celso Luís Giunte, Márcio Augusto, Christiane Rando, Oswaldo Raino e Salete Fracaroli. De 13 maio 1981 a 20 ago. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. A explosiva criatividade de quatro autores novos. *O Estado de S. Paulo*, 23 jun. 1981, p.23 (acerca também de *Bom dia, cara* de Paulo Yutaka; *Rito do corpo em lua* de Ismael Ivo; *Denise Stoklos-show de mímica* de Denise Stoklos).

*PENÚLTIMO MARAJÁ, O*. Texto: Márcio de Lucca. Direção: Arnaldo Dias. Sonoplastia e iluminação: Antônio Bezerra. Pintura de cena: Guilherme Adolfo. Cenografia: Dirceu Marques de Medeiros. Trilha sonora: Paulo Vicente. Elenco: Márcio de Lucca, Zaira Bueno e Miguel Ramos. De 12 ago. 1988 a 18 dez. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*PEQUENO GRANDE PÔNEI, O*. Texto: Marta Góes, Toninho Neto e Grace Giannoukas. Criação, direção e interpretação: Grace Giannoukas. Com vários quadros e um convidado diferente a cada semana. 6 jul. 1988. Espaço Off. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PEQUENO MUNDO DE MARCELO MANSFIELD, O.* Texto e direção: Marcelo Mansfield. Elenco: Ângela Dip, Giovanna Gold, Marcelo Mansfield e Grace Giannoukas. De 25 a 27 jun. 1987. Espaço Mambembe.

*PEQUENO RETÁBULO DE DOM CRISTÓVÃO*. Texto: Federico García Lorca. Direção: coletiva. Sonoplastia e iluminação: Nelson Marcondes. Elenco: Soraya Aguillera, Cidinha Lemos e Paulo Fabiano. 1986. Sesc Fábrica Pompeia. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PERCEVEJO, O.* Texto: Vladimir Maiakóvski. Direção e trilha sonora: Luís Antonio Martinez Corrêa. Adaptação livre da obra de Maiakóvski por Luís Antonio Martinez Corrêa, Guel Arraes, Ney Costa Santos, Dedé Veloso, Fernando Horcades, João Carlos Mota e Maurício Arraes. Revisão, a partir do russo, por Boris Schnaiderman. Cenografia: Hélio Eichbauer. Figurinos: Hélio Eichbauer e Márcio Pontes. Músicas: Caetano Veloso. Iluminação: Ivan Marques. Realização cinematográfica: Guel Arraes e Ney Costa Santos. Coreografia: Nelly Laport. Elenco: Grupo Klop, com Gilberto Caetano, Dedé Veloso, Maria Alice Vergueiro, Cacá Rosset, José Maria de Carvalho, Flávio Cardoso, Michele Matalon, Marcello Rangoni, Gisele Schwartz, Yelta Hansen, Luís Antonio Corrêa e Carlos Augusto Carvalho. Durante o espetáculo projetava-se um filme no qual apareciam, ainda, José Celso Martinez Corrêa, Eduardo Dusek, Lita Cerqueira, Ovídio Barroso, Maurício Sette, Luciano Reston, Antonio Francisco Chaves, Marga Abi-Ramia, Caetano Veloso e Paulo Autran. De 24 ago. 1983 a 30 out. 1983. Sesc Pompeia.

Obs.: O espetáculo foi montado com inserção de muitos números circenses e com significativa influência de diversos expedientes do futurismo russo.[6]

*PERDOA-ME POR ME TRAÍRES*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Antônio do Valle. Cenografia, figurinos e iluminação: William Pereira. Percussão: Gilson Lopes. Elenco: Angela Barros, Jaime Sebastian, Kátia Brito, Miriam Palma, Samir Signeu e Sílvio Costa Filho. De 26 a 28 jul. 1985 e 2 a 4 ago. 1985. Teatro Arthur Azevedo e Teatro Martins Pena.

---

6 Dentre outros materiais, cf. Amâncio Costa, 1999.

*PERFORMANCE (SEM TÍTULO)*. Criação: Grupo Harpias e Ogros. Intérpretes: Ângela Dip, Grace Giannoukas e Marcelo Mansfield. Quadros: *Sou vesga, porém sexy*. *Sou cego, porém cantor. Os astigmáticos também amam. Os imperfeitos*. 18 nov. 1987. Singapore Sling (Bar).

*PERFORMANCE*. Texto, direção e interpretação: Ricardo Barreto e Sérgio Martins. Grupo Agentes da Cia. (Central de Ideias Criativas). De 12 a 19 ago. 1987. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PERFORMANCE*. Texto, direção e atuação: Guto Lacaz. 1 out. 1984. Teatro Procópio Ferreira.

*PERFORMANCE*. Com Zenaide e uma jiboia como coadjuvante. 4 out. 1984. Estação Madame Satã.

*PERFORMANCE*. Texto e interpretação: Ricardo Barreto e Sérgio Martins. De 12 e 19 ago. 1987. Centro Cultural São Paulo.

*PERFORMANCE TEATRAL PELO GRUPO ODISSEIA*. Apresentação: 15 maio 1983. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PERFUME DE CAMÉLIA*. Texto: José Augusto Torres Fontes. Direção: Ronaldo Brandão. Cenografia: Colmar Diniz. Figurinos: Domingos Fuschini. Iluminação: Francisco Medeiros. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Maria Luiza Castelli, Raymundo de Souza, Márcia Corban, Mário Jorge, Ivan Lima e Márcia Corban. De 20 set. 1983 a 30 out. 1983. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Nesse espetáculo, os elogios são apenas para Sócrates. *O Estado de S. Paulo*, 8 out. 1983, p.15.

*PERSONA LOCADORA LTDA (ASCENÇÃO E QUEDA DE UMA LOCADORA DE PESSOAS)*. Roteiro: Walter Garcia. Argumento e direção: Armando Célio Jr. Cenografia: Flávia Barone. Figurinos: Rodrigo Lopes. Iluminação: Tom Teschina. Preparação de ator: Eduardo Ferrari. Sonoplastia:

Eduardo Ferrari, Pipoca Jr. e Rodrigo Lopes. Elenco: Celso Pavarim, Eduardo Ferrari, Domingos Baroni, Flávia Barone, Ricardo Iazeta, Simone Pereira, Domingos Neto, Wilma Moretti, Malu Apocalypse, Arnaldo C. Mesquita, Denise Haiek, Ton Teschima, Valter Frota e Rodrigo Lopes. De 15 a 27 ago. 1988. Espaço Off.

*PERERECA DA VIZINHA ESTÁ PRESA NA GAIOLA, A. Performance* com o Grupo Tragicômicos. Autor: Marcos Favaretto e Luís Henrique Nery. 22 jul. 1985. Estação Madame Satã.

*PERSEGUIÇÃO, A* ou *O LONGO CAMINHO QUE VAI DE ZERO A ENE*. Texto: Timochenco Wehbi. Direção: Luiz Fernando de Rezende. Elenco: Anselmo Rodrigues e Júlio Callado. 18 ago. 1984. Teatro do Carmo (antigo Teatro Equipe). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PERU, O*. Texto: Georges Feydeau. "Adaptação libertina": Juca de Oliveira. Direção: José Renato. Assistência de direção: Armando Tiraboschi. Música: Paulo Herculano. Cenografia e figurinos: Flávio Phebo. Assistência de cenografia: Carlos Sá. Coreografia: Umberto da Silva. Adereços: Carlos Machado. Iluminação: Paulo Weudes. Cenotécnica: José Revolto Mir. Elenco: Sandra Bréa, Marcos Caruso, Sebastião Campos, Riva Nimitz, Jussara Freire, Jacques Lagoa, Deive Rose, Rildo Gonçalves, Tereza Teller, Arnaldo Tiraboschi, Zenah Pereira, Lu Martan e Thadeu Aguiar. De 14 set. 1985 a 10 fev. 1986. Teatro Itália.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Com a pulga*, *O peru*: duas comédias que não se pode perder. *O Estado de S. Paulo*, 2 nov. 1985, p.14 (acerca também de *Com a pulga atrás da orelha*).

*PESADELO*. Criação: Grupo Forja. Direção: Tim Urbinatti. De junho de 1983 a 1 maio 1984. Teatro Arthur Azevedo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PESSOA & PIRANDELLO*. Junção de dois textos. *O marinheiro*, de Fernando Pessoa. Direção: Antônio Abujamra. Elenco: Bárbara Fazio, Denise Aracelli e Tânia Bondezan. *O homem da flor na boca*, de Luigi Pirandello.

Direção: Antonio Ghigonetto. Elenco: Antonio Herculano. De 25 abr. 1985 a 2 ago. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*PESSOA(S) DE FERNANDO PESSOA.* Roteiro e direção: Olair Coan. Elenco: Orlando Vieira. De 4 jun. 1986 a 30 dez. 1986. Teatro Sadi Cabral e Auditório ALS.

*PESSOA EM PESSOAS. A AVENTURA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA.* Roteiro: Fernando Segolin. Direção: Jacques Lagoa. Elenco: Ana Cláudia Bringel, Cida Vieira e Giuseppe Oristânio. 1987. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PESTE, A.* Texto: Albert Camus. Direção: Nítis Jacon. Elenco: Grupo Proteu de Londrina. 12 e 13 jul. 1986. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PHAEDRA* (ou *FEDRA*). Adaptação das obras de Eurípedes, Sêneca e Racine. Roteiro e direção: Emilie Chamie e Jorge Takla. Elenco: Juliana Carneiro da Cunha, Denilto Gomes e Julio Villan. 1980. Teatro João Caetano. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PIAF.* Texto: Pam Gems. Tradução: Millôr Fernandes. Direção e iluminação: Flávio Rangel. Direção musical: Nelson Melin. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Música ao vivo: Nelson Melin, Irene Mutanen, Álvaro Augusto e Paulo Eduardo. Elenco: Bibi Ferreira, Íris Bruzzi, Léa Garcia, Carlos Capeletti, Silvio Ferrari, Pierre Astrié, Rita de Cássia, George Otto, Fábio Pilar, Tina Ferreira, Hélio Ribeiro, Marcus Toledo, Jorge Ramos e Rômulo Marinho Jr. De 5 set. 1981 a 30 dez. 1984. Teatro Cultura Artística. 1986. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada, nem os espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. Bibi-Piaf, milagre da representação. *O Estado de S. Paulo*, 13 out. 1984, p.13.

*PICARDIAS DO PICADEIRO.* Espetáculo de mímica com roteiro e atuação de Vicentini Gomes. 3 a 28 abr. 1985. Teatro de Bolso.

*PICASSO E EU.* Roteiro, figurino e roteiro musical: Marilena Ansaldi. Direção e iluminação: José Possi Neto. Cenografia: Felippe Crescenti. Coreografia: João Maurício. Iluminação: Davi de Brito. Elenco: Marilena Ansaldi, Antonio Alonso (voz em *off*) e Júlio Villan (participação especial – filme). De 13 maio 1982 a 5 set. 1982. Teatro Anchieta.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Relação arbitrária em cena. *O Estado de S. Paulo*, 21 maio 1982, p.17,

Obs.: Trata-se da sétima produção de Marilena Ansaldi. Há uma matéria a respeito publicada no *Estado de S. Paulo*, 14 mar. 1982, p.44.

*PÍNCAROS DA GLÓRIA, OS.* Texto, direção, cenografia e figurinos: Lala Deheinzelin. Coreografia: Lala Deheinzelin e Fernando Jacon. Elenco: Adriana Ridolf, Beto Martins, Paulo Contier, Sofia Bisilliat e outros. 1986. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PINN*. Texto: Antonio Carlos Assumpção Silva. Assistência de direção e sonoplastia: Natanael Elói. Coreografia: Henrique de Pacce. Figurinos: Sandra França e Henrique de Pacce. Adereços: Cláudio Lucindo. Elenco: Grupo de Teatro do Monte Líbano, com Adriano Patah, Alfredo Lahan, Juliana Saad e outros. De 2 a 5 out. 1986. Clube Monte Líbano e Banespa.

*PIPPING*. Texto: Roger O. Hirson. Direção geral: Roger Tarquini. Letras: Stephen Schartz. Elenco: alunos e ex-alunos da Cultura Inglesa, de Pinheiros. De 25 nov. 1987 a 13 dez. 1987. Teatro Cultura Inglesa. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PLANTÃO 21*. Texto: Sidney Kingsley. Tradução: Gert Meyer. Direção: Antonio Ghigoneto. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: Grupo de Teatro Monte Líbano. De 30 nov. 1981 a 5 dez. 1981. Clube Monte Líbano.

*PLENA VOZ, A.* Texto acerca de vida e obra de Vladimir Maiakóvski. Direção: Batista Mendes. Elenco: Grupo Alternativo Tainá, com Betto Cezar, João Paulo Ricardo, Loro Lucci e outros. De 29 jun. 1989 a 9 jul. 1989. Teatro Martins Pena. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PLÍNIO MARCOS, MESMO*. *Show*-palestra com o autor. De 8 jan. 1988 a 6 mar. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*PÓ DE GUARANÁ*. Texto: Bill Russel e Mel Rose. Adaptação: Zé Rodrix. Direção: Wolf Maya. Direção musical: Cláudio Savietto. Elenco: Cininha de Paula, Eliane Maia, Cláudio Savietto, Roberto Azevedo e Scio Sciu. 1 jun. 1983. Village Station. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PÔ, ROMEU*. Texto: Ephrain Kishon. Tradução: Millôr Fernandes. Direção e iluminação: Adriano Stuart. Música e direção musical: Beto Strada. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Coreografia: Fernando Jacon. Pintor de arte: Juvenal Irene dos Santos. Elenco: Odilon Wagner, Paulo Hesse, Cininha de Paula e Otávio Augusto. De 20 jun. 1985 a 29 dez. 1985. Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente).

Crítica: Clovis Garcia. Uma crítica debochada ao ser humano. *O Estado de S. Paulo*, 25 jul. 1985, p.18.

*PODER, PODER, PODER, QUEM VAI QUERER?* Texto e direção: Rubens Pignatari (baseado em *Era uma vez um rei*, do Grupo Alephi, do Chile). Elenco: Antônio Rodrigues, Nivaldo Santana e Frank Delgado. 1986. Teatro Martins Pena. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*POE (INVEJA DOS ANJOS)*. Texto: Edgar Alan Poe. Tradução: Ricardo de Almeida. Direção: Stephan Yarian. Assistência de direção: Fernando Yacon. Sonoplastia: Flávia Calabi. Cenografia e figurinos: Márcio Medina. Contrarregragem: Pimenta. Elenco: Bárbara Bruno, Val Folly e Paulo Goulart Filho. De 11 mar. 1987 a 26 abr. 1987. Teatro Paiol.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Poe irônico e diluído. *O Estado de S. Paulo*, 14 mar. 1987, p.5.

*POENTE NO PAÍS POENTE, O*. Texto e direção: Celso Saiki. Elenco: Grupo O Pessoal do Poente, com Adriana Chen, Fátima Pinto, Fernando Gonçalves, Gisa Rey, José Vítor, Newton Saiki e Paulo Barreto. De 21 a 28 ago. 1983. Teatro João Caetano.

*POESIA DE UMA VIDA, A*. Texto: Carlos Drummond de Andrade. Direção: Blandina Bibas. Elenco: Benê Mendes. 1988. Museu de Arte de São Paulo. De 31 out. 1989 a 26 nov. 1989. Tuca (Sala Pequena). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*POLEIRO DOS ANJOS*. Texto e direção: Buza Ferraz. Músicas e direção musical: Caíque Botkay. Músicos: Marcos Esteves e Ricardo Wilson. Cenografia, coreografias e figurinos: Cláudio Tovar. Iluminação: Aurélio Di Simoni e Luís Paulo Nenén. Elenco: Antonio Grassi, Gilda Guilhon, Buza Ferraz, Felipe Pinheiro, Ângela Rebello, Ariel Coelho, Chico Lá e Juliana Prado. De 20 a 31 jan. 1982. Auditório Augusta.

*PONTO FINAL*. Criação, adaptação e interpretação: Gabriel Guimard. Música ao vivo: Marcelo Pinto. De 14 abr. 1988 a 29 jun. 1988. Teatro do Bixiga.

*PONTO LIMITE*. Roteiro e concepção: Ana Kfouri, Lu Grimaldi e Paulo José. Direção e iluminação: Paulo José. Figurinos: Domingos Fuschini. Música: André Abujamra. Interpretação e coreografia: Ana Kfouri e Lu Grimaldi. De 10 ago. 1989 a 1 out. 1989. Espaço Off.

*POR CIMA DAS ESTRELAS*. Texto: Mario García-Guillén. Direção: Ricardo Paradizzi. Elenco: Fátima Gontijo e Fábio Vinasci. 14 jun. 1989. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*POR CIMA DAS ESTRELAS*. Texto: Mário García-Guillén. Direção: Eugênio Puppo. Assistência de direção: Otávio Dias. Cenografia: Sílvia Malta e Sérgio Gonzalez. Figurinos: Érica Mazotto. Sonoplastia: Eugênia Puppo e Otávio Dias. Elenco: Wanda Stefânia, Sérgio Ferreira e Didi Nascimento. 29 nov. 1986. Teatro Igreja. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*POR QUE O ESPELHO?* Roteiro: Renato Campão. Direção e interpretação: Luciene Adami e Paulo Gandolfi. 1986. Espaço Off. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*POR TELEFONE*. Texto: Antônio Fagundes. Direção: Miro Martinez. Elenco: Thiago de Alencar e Eliana César Couto/Neusa Felipe. De 5 set. 1988 a 27 nov. 1988. Teatro Taib e Teatro Markanti.

*POR TELEFONE*. Texto: Antônio Fagundes. Direção: Marco Ghilardi. Cenografia e figurinos: Maria do Carmo Nefussi. Sonoplastia e iluminação: Carlo Livera. Elenco: Márcio de Luca e Tina Ferreira. De 29 jan. 1986 a 12 abr. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*PORANDUBAS POPULARES*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção: Antonino Assumpção. Cenografia: José Ferreira da Silva e Albino Alves. Figurinos: Mariluci Vaz Nogueira e Hélio Roberto de Lima. Iluminação: Cleide Breda do Prado. Elenco: Grupo Cênico Regina Pacis (São Bernardo do Campo/SP), com Alcides Médici, Ana Maria Médici, Arlete Bechiato Capoletto, Hilda Breda, José Antônio Guazzelli, José Bonifácio de Carvalho, José Luiz do Prado, José Ricardo Nogueira, Maria Tereza Guazzelli e Pedro Paulo Seraceni. De 1 jul. 1981 a 30 ago. 1981. Teatro Cenarte.

*PORCENTEIRO, O*. Texto: Antonio Bernardino Sena. Pesquisa e adaptação: Direção: Antônio do Valle e Donizete Mazonas. Iluminação: Rogério Carvalho. Sonoplastia: Claudiney Benatti. Elenco: Grupo Águas Claras, com Adauto Mazonas, Arildo Martini, Carlos Antônio, Cláudio Martins, Donizeti Mazonas, Enivaldo Benatti, Marli Mazonas, Meyre Gonçalves, Pedro Marques, Rosália Santos e Tereza Amaral. De 1 a 5 mar. 1989. Teatro Anchieta.

*PORCOS COM ASAS*. Texto: Marco Lombardo Radice e Lídia Ravera. Tradução: Maria Celeste Marcondes. Direção e adaptação: Mário Sérgio Medeiros. Músicas: Wilson Nunes. Preparação corporal e movimentos: Beatriz Junqueira. Cenografia e figurinos: Rê Fernandes. Sonoplastia: Paulo de Oliveira. Elenco: Caco Monteiro, Kátia Lattufe, Márcia Cabbrita, Luiz Battistella, Emmanuel Santos, Miriam Ficher, Marcelo Evelin, Silvia Perez, Pedro Pianzo, Titila Tornaghie e Paulo de Oliveira. De 1 jun. 1984 a 15 set. 1984. Teatro do Bexiga.

Crítica: Clovis Garcia. Dois bons retratos da juventude atual. *O Estado de S. Paulo*, 21 jun. 1984, p.17 (acerca também de *Morangos mofados*).

*POROROCA, A. Performance* com criação coletiva orientada por Luiz Roberto Galízia. Direção: Luiz Roberto Galízia. Sonoplastia: Hector Gonzalez e Graciela Gonzalez. Elenco: Maria Alice Vergueiro e Magaly Biff. 28 jul. 1984. Teatro Aliança Francesa. 2 ago. 1984. Estação Madame Satã.

*PORTA DOS FUNDOS*. Texto: James Maclure. Direção: Ângelo Caldeira. Elenco: Gilmar Fróis, Preto Rezende e Luís Guilherme. 1986. Teatro Paulo Eiró. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PORTEIRO, O. Performance*. Monólogo de Macbeth. Direção: Nezito Reis. Música: Tato Fischer. Efeitos: Walter Pirosini. Elenco: Décio Pinto. 2, 3, 16 e 17 jul. 1986. Teatro do Bixiga.

*PORTOBELLO CIRCUS*. Texto: Domingos de Oliveira. Direção: Ednaldo Freire. Cenário e figurinos: Petrônio Nascimento. Trilha sonora: Gilmar Guido e Mili Blitsmann. Elenco: Milton Marques, Cláudia Fleury e outros. 1986. Teatro das Nações. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*PQP – PALHAÇOS QUERIDOS PALHAÇOS, OS*. Texto e direção: Waldemar Sillas. Elenco: Ricardo Fares, Oscar de Oliveira, Maurício Néspoli e Ademir Pelissaro. Novembro de 1983 a 27 mar. 1984. Teatro Maria Della Costa e Teatro Palhaçaria Pimpão.

Crítica: Clovis Garcia. Pesquisa e experiência pelo teatro alternativo. *O Estado de S. Paulo*, 24 dez. 1983, p.12 (acerca também de *Bierdermann e os incendiários, Édipo rei, Tantos & tortos*).

*PRA LÁ DE MARRAKESH*. Texto: Christopher Durang. Tradução: Amália Zeitel. Direção: Celso Nunes. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Iluminação: Abel Kopanski. Elenco: Sônia Samaia, Seme Lufti, Eurico Martins, Stephen Laurence, Jandira Martini e Francarlos Reis. De 12 jun. 1985 a 31 ago. 1985. Teatro Maksud Plaza.

*PREÇO, O*. Texto: Arthur Miller. Tradução: Millôr Fernandes. Direção e iluminação: Bibi Ferreira. Assistência de direção: Marcus de Toledo. Ceno-

grafia e figurinos: José Dias. Assistência de cenografia: Cristhina de Laredo. Pintura cenográfica: Marcos Martins. Trilha sonora: Roberto Wilson. Cenotécnica: Pedro Girão, Luís Antonio e Antonio Chimanski. Contrarregragem: Ricardo Malheiros. Elenco: Paulo Gracindo, Carlos Zara, Rogério Fróes e Eva Wilma. De 15 mar. 1989 a 30 jul. 1989. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Jefferson del Rios. Sonhos traídos em *O preço*. *O Estado de S. Paulo*, 7 abr. 1989, p.3.

*PREPARE SEUS PÉS PARA O VERÃO*. Texto: Marta Góes e (monólogo de) Arthur Kohl. Direção: Cecília Sampaio Santos. Coreografia: Zecarlos Nunes. Trilha sonora: Tunica. Figurinos e maquiagem: Fábio Namatami. Elenco: Adriana Ridolfi, Artur Kohl, Gisela Arantes, Grace Giannoukas e Marisa Orth. De 6 a 30 maio 1987. Espaço Off.

*PRESENÇA DE VINÍCIUS*. Roteiro e criação: Renato Borghi, Othon Bastos e Sérgio Mamberti. Direção: Celso Nunes. Direção musical e arranjos: Paulo Herculano e Azeitona. Cenografia e figurinos: Felippe Crescenti. Coreografia: Juliana Carneiro da Cunha. Sonoplastia: Cacá. Cenotécnica e iluminação: Adílio Athos. Contrarregragem: Paulo Carrera. Músicos: Azeitona, Guto, Ike e Teresa. Elenco: Renato Borghi, Othon Bastos, Sérgio Mamberti, Juliana Carneiro da Cunha e Rosa Maria. De 6 mar. 1981 a 3 maio 1981. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Atores, o ponto alto de dois espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1981, p.43 (acerca também de *Brasil: da censura à abertura*).

*PRIMEIRA COMUNHÃO, A*. Texto: Fernando Arrabal. Elenco: Grupo Sugere a Trapaça e Manda Beijos, com Gladys Rodrigues, Angela Ferracioli, Ilder Miranda, Marcelo Ferretti e Paulo Márcio. 15 ago. 1985. Estação Madame Satã. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*PRIMEIRA NOITE, A*. Concepção, direção e autoria: Grupo de Arte Ponkã. Audiovisual: Graciela de Leonardis e Hector Gonzalez. Pesquisa literária: Silvia Oberg. Coordenação de movimentos: Denilton Gomes. Coordenação teatral: Celso Saiki. Trabalho corporal: Lala Deheinzelin. Elenco: Celso Saiki, Carlos Barreto, Ana Lúcia Cavalieri, Claudia Rydlewski, Graciela

de Leonardis, Paulo Garcia e Tanaka Min. De 11 jul. 1985 a 8 set. 1985. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*PRÍNCIPE E O SÁBIO, O.* Texto, direção, letras das músicas: Núcleo Pó de Guaraná, da Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Ayrton Salvagnini. 1986. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento do espetáculo.

*PRISÃO NO VENTRE.* Texto: Dario Uzan Filho. Direção: Samir Signeu. Elenco: Liliane Freitas, Surley Valério, Déo Silveira, Emilson, João Carlos Guardaccionni e Samir Signeu. 4 ago. 1984. Teatro Martins Pena.

*PRK A 1000.* Espetáculo organizado a partir de esquetes da antiga Rádio Nacional, de Lauro Borges e Castro Barbosa. Elenco: Andréa Dantas, Karen Accioly e Aloísio de Abreu. De 24 jun. 1983 a 1984. Teatro Sesc Pompeia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PROFECIA DE NOSTRADAMUS, A.* Texto: Miroel Silveira. Direção: Carlos Alberto Pezzi. Elenco: Graça Berman, Carlos Alberto Pezzi, Nilson Rúbio e Júlio Leonardo. 1 jul. 1989. Teatro Henfil. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*PROFISSÃO DE FÉ.* Espetáculo inserido na modalidade teatro de sombras. Roteiro e direção: Gladys Mesquita Ribeiro. Elenco: Cláudia Sá Motta, Djalma Amaral, Fábio Kleine e Jerusa Castelluci. 1986. Catedral de São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento temporada.

*PROMETEU LIBERTADO.* Texto, direção e iluminação: Miroel Silveira. Cenografia e figurinos: Clovis Garcia. Coreografia: Lia Robatto e Iolanda Amadei. Elenco: Aurélio Vieira, Beto Martins e outros. Participação do Coralusp. De 1 a 31 out. 1982. Anfiteatro da Cidade Universitária.

*PROVISORIAMENTE PAIXÕES.* Adaptação de dois contos de Marguerite Yourcenar. Tradução: Marthe Calderaro. Direção: Fernando Guimarães e Adriano Guimarães. Elenco: Dora Wainer, Tetê Sobreira e Harlton Schwartz. De 21 set. 1989 a 8 out. 1989. Espaço Off.

*PROVOCAÇÕES*. Roteiro: Clarisse Abujamra. Direção: Val Folly. Produção do Teatro Brasileiro de Danças. Elenco: Sérgio Santos e Paul Maria Wenninger. 1989. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. *Opera Room*.

*PRÓXIMO, O.* Texto: Terence Mc Nally. Tradução: Regina Brandão. Direção: Antonio Osório. Elenco: Medeiros Rocha e Selma Pellizon. De 28 nov. 1989 a 2 dez. 1989. Teatro Martins Pena.

*PRÓXIMO CAPÍTULO, O (PERFORMANCES PONKÃ)*. *Performance* apresentada em 17 capítulos diferentes de Urbano, personagem vivido por Paulo Yutaka que, a cada dia, recebe um convidado diferente. Roteiro: Paulo Yutaka. Direção: Seme Lufti. Capítulo 1: *Moreno claro.* Elenco: J. Violla e Banda Bandrix. 20 out. 1984. Capítulo 2: *Acordes do acordo.* Elenco: José Celso Martinez Corrêa. *José Celso Martinez Corrêa não pôde ir e o pessoal tratou performaticamente de bolar um capítulo extra da novela*. *Performance*: *Kodomo no Koto*. Roteiro e direção: Milton Tanaka e Cláudio Creti. Elenco: Milton Tanaka, Afonso Roberto, Sandra Negretti e Eliana Floriano. *Performance* musical: Hector Gonzáles. 21 out. 1984. Capítulo 3: *A mulher-fantasma*. Elenco: Celina Fujiri e Felícia Ogawa. *Performance* curta, com Graciela de Leonnardis. *Poeta romântico* Roteiro: Carlos Barreto. Direção: Celso Saiki. Elenco: Graciela de Leonnardis, Paulo Garcia e Medianeira Amodeo. 24 out. 1984. Capítulo 4: *Neo Nazi*. Elenco: Seme Lufti e alunos da Escola Macunaíma: Fred, Célia, Gisele, Cris, Ernesta e Zeca. *Performance*: *Kodomo no Soto*. 25 out. 1984. Capítulo 5: *Jane das Selvas*. Elenco: Cláudia Alencar e Graciela de Leonnardis. *Performance*: *Relações afetivas*. Roteiro e direção: Ana Lúcia Cavalieri e Carlos Barreto. 26 out. 1984. Capítulo 6: *Os defeitos do homem*. Elenco: Vicentini Gomes. *Performance*: *Kodomo no Soto*. *Performance*: *No domingo Deus descansou*. Elenco: Carlos Barreto, Graciela de Leonnardis e Paulo Garcia. 20 out. 1984. Capítulo 7: *Gólen*. Elenco: Milton Tanaka. *Performance*: *Rock I*. Roteiro e direção: Hector Gonzáles. Elenco: Hector Gonzáles, Graciela de Leonnardis, Carlos Barreto, Paulo Yutaka, Cidão e Júnior. 20 out. 1984. Capítulo 8: *O lavador de pratos*. Elenco: Tato Fisher e Rosi Campos. *Performance*: *Era uma vez (Os três porquinhos)*. Autor e direção: Celso Saiki. Elenco: Ana Lúcia Cavalieri, Carlos Barreto, Celso Saiki e Graciela de Leonnardis. 31 out. 1984. Capítulo 9: *Café forte*. Elenco: Seme Lufti, Célia Watanabe, Ana Lúcia Cavalieri, Paulo Garcia

e Banda Bandrix. *Concerto performático*. Elenco: Marcos Antonio Cancelo, Gunther H. W. Pusch, Graciela de Leonnardis, Hector Gonzáles e Madalena Bernardes. 1 nov. 1984. Capítulo 10: *Repartição*. Elenco: Fábio Namateme, Gisela Arantes, Edu Marques e Eli Daruj. *Performance*: *Era uma vez (Os dois irmãos João e Maria, Assalto ao açougue)*. Elenco: Celso Saiki, Carlos Barreto, Ana Lucia Cavalieri, Paulo Garcia e Grupo Pessoal do Poente: F. Gonçalves, Gisa Rey e Marcos Marcel. 2 nov. 1984. Capítulo 11: *Tela de vidro.* Elenco: Carlos Takeshi, Celina Fujii, Ivald Granato. *Performance*: *Re-lações afetivas.* Elenco: Ana Lúcia Cavalieri, Carlos Barreto. *Poeta romântico*. Elenco: Carlos Barreto, 3 nov. 1984. Capítulo 12: *Ao piano*, com Cida Moreyra e Caio Fernando Abreu. *Performance*: *Era uma vez* (*Strip-tease às avessas*). Autor e direção: Celso Saiki. Elenco: Ana Lúcia Cavalieri, Celso Saiki. *Kodomo no Koto*, 4 nov. 1984. Capítulo 13: *Tony Walter. Elenco:* Pituco e Paulo Afonso. *Performance*: *No domingo Deus descansou* e *Rock II*, 7 nov. 1984. Capítulo 14: *A cigarra*. Elenco: Celso Saiki. *Performance curta.* Elenco: Carlo Barreto e Celso Saiki, 8 nov. 1984. Capítulo 15: *Sete quedas*. Elenco: Lucila Meireles, George Schlesinger, Isabel Silveira, Luiz Galízia (VT). *Performance*: *Era uma vez* (*Assalto ao açougue, A dança das bundas*). *Poeta romântico*, 9 nov. 1984. Capítulo 16: *Lírica Marta*. Elenco: Mira Haar e Fernando Duarte. *Performance*: *Era uma vez* (*Sodoma*). Criação: Celso Saiki e Carlos Barreto. Elenco: Ana Lúcia Cavalieri, Carlos Barreto, Celso Saiki e Grupo Pessoal do Poente: Fernando Gonçales, Gisa Rey e Marcos Marcel. *Kodomo no Koto*. 10 nov. 1984. Reprise do capítulo 9. *Performance*: *Re-lações afetivas. Era uma vez* (*Os três porquinhos*). 11 nov. 1984. Reprise do capítulo 11. *Performance*: *Strip-tease. Kodomo no Koto*. 14 nov. 1984. Reprise do capítulo 3. *Performance*: *Re-lações afetivas. Era uma vez* (*A dança das bundas, Os três porquinhos, Os dois irmãos*). 15 nov. 1984. Reprise do capítulo 13. *Performance*: *Era uma vez* (*Sodoma*). Poeta romântico. 16 nov. 1984. Capítulo 17: *Vizinhos*, com Carlos Moreno. *Performance*: *Era uma vez*. (*A dança das bundas, Assalto ao açougue e João e Maria)*. *Kodomo no Koto*. 17 nov. 1984. Reprise do capítulo 7. *Performance*: *Re-lações afetivas*. *Poeta romântico*. 18 nov. 1984. Capítulo final. Elenco: Maria Alice Vergueiro, Robson Borba e Banda Bandrix. Retrospectiva das *performance*s. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*PSICODRAMA DAS ELEIÇÕES 86. Performance* com coordenação e atuação de Regina Monteiro, Vânia Greller, Anita Malufe, Manoel Mascarenhas e Stella Sá Moreira. 18 out. 1986. Câmara Municipal.

*PURGATÓRIO, UMA DIVINA COMÉDIA, O.* Texto: Mário Prata. Direção: Roberto Lage. Assistência de direção: Aimar Labaki. Cenografia e figurinos: José da Anchieta. Assistência de cenografia: Fernando Uzeda. Direção musical: Tunica. Composição e arranjo musical: Sérvulo Augusto e Armandinho Ferreti. Coreografia: Fernando Jacon. Cenotécnica: Walter Emílio e José Estevão Bezerra do Nascimento. Contrarregragem: Paulo Calux. Elenco: Odilon Wagner, Miguel Magno, Illeana Kwasinski, Roney Facchini, Marina Helou, Tânia Bondezan, Ana Lucia Barroso e Mauro de Almeida. De 18 maio 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Clovis Garcia. Um espetáculo divertido e que pode induzir à reflexão. *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1984, p.19.

Obs.: Em entrevista já mencionada, Roberto Lage assim se refere ao espetáculo:

> Convidados dos mais diversos segmentos, com coquetel bancado pela Alpargatas para lançar o espetáculo. Todo o mundo que assistia, adorava e enlouquecia etc. Então, nós abrimos o primeiro dia de bilheteria com uma segurança absoluta de que ganharíamos dinheiro e também seríamos muito felizes. A bilheteria do teatro abria às duas horas. Eu e o [Mário] Prata, sentamos em um boteco em frente ao Cultura Artística a uma e meia da tarde, imaginando o tamanho da fila. Não vendeu um ingresso. Durante a primeira semana de apresentação do espetáculo não houve procura para nenhum ingresso. Página inteira em jornal, imprensa dando a maior cobertura, *outdoor* espalhado pela cidade. Não vendeu um ingresso. Não se sabe o motivo deste fenômeno. A Alpargatas bancava tudo até abrir a bilheteria, daí para frente não tinha mais patrocínio. Essa peça me levou a vender uma casa para pagar 50% dos prejuízos, os outros 50% foi o Roberto Araújo, que era meu sócio da CAD, uma produtora. Eu tinha de cumprir três meses de temporada conforme contrato com o teatro, eles obrigavam e eu não poderia tirar o espetáculo de cartaz antes. Lotou na última semana. Aí eu não tinha mais bala para mudar de teatro... Eu acho que os deuses do teatro me castigaram pela soberba. Eu fui duas vezes castigado em teatro pela minha soberba. Essa foi uma delas. Foi decepcionante para todos nós.

*QORPO SANTO, UM.* Inspirado em Qorpo Santo. Texto e direção: Rodolfo Vasquez Garcia. Cenografia: Gilberto Salvador. Figurinos: João Pimenta. Iluminação: Paula Madureira. Direção musical: Sônia Ray. Sonoplastia: Rose

Ciupak. Elenco: Cia. de Teatro Ava Gardner, com Ivan Cabral, Maryvone Klo-ck, Jorge Cristal e outros. De 1 jun. 1989 a 27 ago. 1989. Teatro do Bixiga.

*QORPO SANTO, A IMPOSSIBILIDADE DA SANTIFICAÇÃO.* Teatro Aliança Francesa (Centro). 1984. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QORPO SANTO DOIS – REVISITANDO, UM.* Texto e direção: Rodolfo García Vázquez. 1989. Teatro Estação Madame Satã. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUARTETO, O.* Texto: Antonio Bivar. Direção: Carlos Di Simoni. Cenografia: Flávio Acayabe e Ricardo Terezaka. Figurinos: Kalma Murtinho. Sonoplastia e iluminação: Fábio Gebrim. Preparação corporal: Paula Martins. Elenco: Dionísio Azevedo, Geórgia Gomide, Eliane do Vale e Vitor Branco. De 4 jun. 1986 a 31 ago. 1986. Teatro Márcia de Windsor.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Muito barulho por nada. *O Estado de S. Paulo*, 7 jun. 1986, p.5.

*QUATRO MENINAS, AS.* Texto: Pablo Picasso. Tradução: Iacov Hillel e Lílian Sarkis. Direção: Iacov Hillel. Cenografia e figurinos: Marisa Rebolo. Músicas e direção musical: Oswaldo Sperandio. Coreografia e preparação corporal: Sylvie Lagache, Georg Schlesinger, Ballet Ismael Guiser e Academia Piolim de Artes Circenses. Preparação vocal: Celine Imbert. Som e luz: João Donda. Iluminação: Iacov Hillel e João Donda. Elenco: Lílian Sarkis, Bernadete Alonso, Jandira de Souza e Nancy Galvão. De 12 jul. 1982 a 19 set. 1982. Teatro João Caetano e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. O mérito de duas peças, a direção. *O Estado de S. Paulo*, 1 out. 1982, p.16 (acerca também de *As tias*).

*QUE É ISSO, GABEIRA?, O.* Texto, adaptação e roteiro: Carmem Paternostro. Espetáculo de teatro-dança com Ana Paula Nacif, Bete Campos, Cláudia Campos e outros. 1984. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUE MANTÉM UM HOMEM VIVO?, O.* Texto: Bertolt Brecht. Direção: Renato Borghi. Cenografia: Marcio Aurelio. Figurinos: Elifas Andreato e Edith Siqueira. Sonoplastia: Wanderley Cruz. Iluminação: Magno Francisco. Elenco: Renato Borghi e Ester Góes. De 15 out. 1982 a 16 jan. 1983. Teatro das Nações.

Crítica: Clovis Garcia. Dois grandes momentos teatrais: com Brecht. *O Estado de S. Paulo*, 7 nov. 1982, p.38 (acerca também de Lírio do inferno).

*QUE O MORDOMO VIU, O.* Texto: Joe Orton. Tradução, direção e iluminação: Flávio Rangel. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Elenco: Francarlos Reis, Jandira Martini, Rildo Gonçalves, Guilherme Correa, Sandra Mara e Maurício Lancastre. 5 set. 1986. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Vivien Lando. Diversão inconsequente e segura. *O Estado de S. Paulo*, 18 set. 1986, p.4.

*QUADRANTE.* Textos de vários autores. Concepção, roteiro, direção e interpretação: Paulo Autran. 28 nov. 1988. Teatro Maria Della Costa. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. De 11 jan. 1989 a 18 fev. 1989. Sala Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita).

Crítica: Jefferson del Rios. Quadrante, emoção e requinte. *O Estado de S. Paulo*, 5 jan. 1989, p.3.

*QUAL É, MEU? (GUERRILHA URBANA NO BRASIL, DE 68 A 72)* Criação: Grupo Mamão de Corda, da Cooperativa Paulista de Teatro. Roteiro e atuação: Jair Antônio Alves, Ecila Pedroso, Zé de Abreu, Paulo Rocha e Nara Keiserman. Direção: Jair Antônio Alves. De 9 abr. 1980 a 22 jun. 1980. Teatro Paulo Eiró, Teatro João Caetano e Teatro Oficina.

Crítica: Clovis Garcia. Duas adaptações da literatura e espontânea criação coletiva. *O Estado de S. Paulo*, 28 maio 1980, p.16 (acerca também de *Não me maltrate, Robinson*).

*QUALÉ, QUALÉ, QUALÉ, QUE É?* Criação: Grupo Venha de Onde Vier. Elenco: Yara Chyint, Cynthia Xavier, Yvone Plonsky, Rogério Ferreira de Andrade, Ismael Campos, Maria Júlia Oliveira e Renato Ferrari Filho. 10 e

11 fev. 1984. Auditório Martin Braun Weser. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUALQUER QUARTA-FEIRA, SEM FALTA, LÁ EM CASA*. Texto: Mário Brasini. Direção: Teresa Aguiar. Cenografia: Geraldo Jorgensen. Figurinos: Danúbia Machado. Elenco: Grupo Rotunda, com Danúbia Machado e Ariane Porto. De 19 out. 1987 a 29 dez. 1988. Auditório ALS.

*QUALQUER SEMELHANÇA É MERA COINCIDÊNCIA*. Texto: Darcio Della Mônica. Direção: Darcio Della Mônica e Fernando César. 1980. Grande Teatro São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUANDO AS MÁQUINAS PARAM*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Amauri Alvarez. Elenco: Grupo Malta, com Roberto Rocco e Diná de Lara. De 6 abr. 1981 a 10 jan. 1982. Espaço Cultural TTT e outros espaços de representação.

*QUANDO AS MÁQUINAS PARAM*. Texto: Plínio Marcos. Direção: Roberto Rocco. Sonoplastia: Nelson Ferreira. Iluminação: Elias de Brito Ribeiro. Elenco: Roberto Rocco e Martha Volpiani. 8 e 9 dez. 1985. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*QUANDO O CORAÇÃO FLORESCE (AMOR NA TERCEIRA IDADE)*. Texto: Aleksei Arbuzov. Tradução: Marisa D. Murray. Direção: Paulo Autran. Música: Carlos Lyra. Cenografia: Felippe Crescenti. Coreografia: Lala Deheinzelin. Trilha sonora: Tunica. Iluminação: Renato Pagliaro. Elenco: Carlos Zara e Eva Wilma. De 4 jan. 1985 a 5 jan. 1986. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

Crítica: Clovis Garcia. Intérpretes, ponto alto de uma comédia sentimental. *O Estado de S. Paulo*, 23 jan. 1985, p.18.

*QUANDO TENHO RAZÃO NÃO É CULPA MINHA*. Trabalho apresentado em um único dia, em 1981, pelo Grupo Rua do Circo, com Hugo Possolo, Márcia Nunes, Luiz Felipe e Carmo Murano. Nesta remontagem apenas Hugo Possolo e Carmo Murano se apresentaram. De 3 ago. 1984 a 30 set. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*QUANTAS VEZES*. Texto: Moacyr Ferragi. Direção: João Albano. Assistência de direção: Maria Yuma. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Trilha sonora: Zero Freitas. Preparação vocal: Eudósia Acuña. Contrarregragem: Cacá Martinho. Cenotécnica: Walter Emílio. Iluminação: Kari Lage. Elenco: Moacyr Ferragi, Priscilla Camargo, voz de Ítalo Rossi. De 27 nov. 1985 a 23 fev. 1986. Teatro Domus.

*QUARTO DE EMPREGADA*. Texto: Roberto Freire. 1989. Teatro Cacilda Becker (Lapa). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUARUP*. Texto: Antonio Callado. Adaptação: Júlio Callado e Ana Lucia A. Mello. Direção: Júlio Callado. Cenografia: Florêncio Borges. Pesquisa histórica e figurinos: Renato Solnado. Iluminação: Rafael Moreira Santos. Música: Sérgio Cafa. Coreografia: Márcio Cruz. Elenco: Rosana de Carvalho, Laura Carot, Roberto Trujilo, Marcus Túlio, Edson Mendes, Elias Bedore, Gileno dos Santos, Ronaldo de Castro, Juliana Albuquerque, Anísio Leal e Jero de Lima. De 31 ago. 1987 a 29 dez. 1987. Teatro Cenarte. 1988. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*QUASE 84*. Texto: Fauzi Arap. Direção: Marcio Aurelio. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Direção de cena: Washington Augusto. Pintura: Édio Guerra e Reinaldo dos Santos. Cenotécnica: Oswaldo Lisboa. Elenco: Grupo Venusurânia, com Walderez de Barros, Dulce Muniz, Ênio Gonçalves, Seme Lufti, Cláudia Alencar, Rodrigo Matheus e Paula Pompeia. De 24 set. 1983 a 29 jan. 1984. Teatro João Caetano, Teatro Maksud Plaza e Teatro Centro Cultural São Paulo.

Crítica: Clovis Garcia. *Quase 84*: unidade e consistência dramática. *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 1983, p.23,

*QUATRO E SIM*. *Performance* de mímica com interpretação de Arthur Kohl e Júlio Sárkány. Música: Grupo Marzipan. 8 jan. 1987. Espaço Viver.

*QUATRO MULHERES*. Texto: Leilah Assumpção. Concepção: Verônica Wadja. Direção: Odavlas Petti. Elenco: Françoise Fourton, Cristina Marques,

Maria Clara Fernandes e Carola Monteicelli. Espetáculo com fito comercial apresentado no estande da *L'Arc en Ciel* – Feira Cosmética. De 23 a 27 mar. 1988. Pavilhão da Bienal (Parque do Ibirapuera).

*QUATRO VEZES UM*. Texto: Bernardino Corrar. Direção: Tino Arino. Elenco: Eduardo Namem e Carlinhos Machado. De 6 a 20 ago. 1981. Clube dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar.

*QUE BONITOS OJOS TIENES*. Espetáculo inspirado em quadros de Edvard Münch. Texto, direção e sonoplastia: Beto Costa. Iluminação: Wlad Castiglioni. Concepção, bonecos e máscaras: Beto Costa, Marta Baião, Du Pirãn e Robson Ruy. Elenco: Ramon de Lemos, Marta Baião, Du Pirãn, Robson Ruy, Beto Costa e Marlene Rodrigues. De 14 set. 1987 a 10 nov. 1987. Espaço Mambembe. De novembro a 27 dez. 1987. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar a data de estreia da temporada.

*QUE DESCANSE EM PAZ*. Texto: José Martinez Queirolo. Direção: Tereza Aline. Elenco: Cida Almeida e Z. Wilson. 1986. Espaço Off. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*QUE HUMOR DE MULHER*. Texto: Gilberto Fernandes. Supervisão da sequência de *show*: Abelardo Figueiredo. Direção musical: Sérgio Bizetti. Cenografia: Paulo Penna. Figurinos: Fernando José. Preparação corporal: Maria Augusta Salgueiro. Bonecas: Marcos Favaretto e Dirce Militello. Iluminação: Mario Márcio. Interpretação: Vic Militello. De 4 ago. 1983 até 1984. Teatro Cezar. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*QUE MAL FAZ UM MORCEGO QUANDO CHUPA*. Texto e direção: José Antônio de Souza. Cenografia: Herton Rotman. Figurinos: Célio Graciotti. Iluminação: Renato Pagliaro. Trilha sonora: Rogério Costa. Elenco: Josimar Martins, Ana Lúcia Arbex, Denis Derkian, Jairo Arco e Flexa, Chico Martins, Isadora de Faria e Di Domenico. De 27 maio 1988 a 28 ago. 1988. Teatro Lua Nova.

*QUE QUE É, MEU?* Texto do Grupo Rote Grutze, da Alemanha. Tradução: Vera Achatkin. Adaptação, direção e cenografia: Volker Quandt. Elenco:

Alberto Baruque, Amaury Perassi, Gilberto Caetano, Cristiane de Macedo, Mariana Suzá, Marly Gottschefesky e Rafael Veiga de Camargo. De 15 a 17 abr. 1988. Teatro Cenarte.

*QUE SAUDADE, ELIS.* Texto e direção: Cléber Paulo Montanheiro. Elenco: Mirna Milt, Gisele Reis e Célia Sales. 18 a 22 jan. 1989. Teatro Cenarte.

*QUEM DÁ MAIS*. Texto: João Batista Biribalta. Coreografia: Agnaldo Marques. Direção musical: Geová Bezerra. Elenco: Orival César, Declier Menezes, Célia Rodrigues, Kina Cardoso, Ildefonso Machado e José Ramos. 14 set. 1984. Teatro das Nações (Sala Oscarito). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*QUEM É ESSE TAL DE SR. MICHEL?* Texto: Hugo Possolo. Músicas: Paulo Soveral e Gerson de Souza. Figurinos: Alice Cruz. Cenografia: Ronaldo Esteves. Iluminação: Edite Bueno. Sonoplastia: Antonio Jorge. Elenco: Grupo A Vaca Gritou Mé, com Hugo Possolo, Emílio Ribeiro, Mariana Possolo, Carmem Murano e Gerson de Souza. De 15 mar. 1984 a 15 abr. 1984. Teatro Ruth Escobar (Sala do Meio).

Obs. Peça fundamentada, de certa forma, no conceito de "teatro foro", de Augusto Boal. O espectador recebia um cardápio com o nome de trinta cenas e escolhia 15 delas para serem apresentadas no espetáculo.

*QUEM É QUE PODE COM O BODE QUEM DO UM BODE PODE?* Texto: Fernando Limoeiro. Direção do espetáculo e musical: Vladimir Capella. Cenografia e figurinos: Alberto Camarero. Elenco: Indalécio Santana, Ana Beltrão, Antonio Paulucci e outros. De 30 abr. 1982 a 1 ago. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. A tradição da farsa volta em dois bons espetáculos. *O Estado de S. Paulo*, 4 jun. 1982, p.18 (acerca também de *De caviar a misto quente*).

*QUEM NÃO ARRISCA, NÃO PETISCA.* Texto coletivo. Concepção e direção: Sílvio Varjão. Adereços: Cal. Trilha sonora: Lary Coutinho. Elenco: Ana Carlota, Chiquinho Brandão, Carlos Barreto, Eulina Rosa, Helen Helene,

João Bourbonnais, Nina de Cássia e Sílvio Varjão. De 21 jan. 1983 a 5 mar. 1983. Chopperia do Sesc Pompeia.

Obs.: Apropriando-se de expediente do antigo teatro de revista brasileiro, o elenco distribuía ao público 21 ditados populares, sendo que os atores, durante o espetáculo, representavam sete deles. Inserido em proposição de teatro participativo, o público deveria identificar os ditados encenados.

*QUEM NASCE PATO... NÃO CHEGA A CISNE.* Texto: Paulo Afonso Grisoli e Tite Lemos. Direção: João Telles. Elenco: Grupo Teatral da Siemens. De 2 a 18 jun. 1982. Teatro das Nações e Arthur Azevedo.

*QUEM PROGRAMA AÇÃO, COMPUTA CONFUSÃO.* Textos: Anthony Marriot e Bob Grant. Direção: Attílio Riccó. Assistência de direção: Angelina Muniz. Cenografia: José Dias. Figurinos: Angelina Muniz e Attílio Riccó. Sonoplastia: Roberto Wilson. Cenotécnica: Arapuam. Pintura de cenário: Palhinha. Elenco: Elizabeth Hartmann, Paulo Celestino Filho, Guilherme Correa, Zaira Bueno, Bruna Gascon, Denis Derkian, Eleonora Prado e Valdir Ramos. De 30 mar. 1989 a 30 jul. 1989. Teatro Taib.

*QUEM TE FEZ SABER QUE ESTAVAS NU?* Texto: Zeno Wilde. Direção: Antônio do Valle. Cenário e figurinos: Márcio Tadeu. Elenco: Roberto Ascar, Cissa Carvalho, Analy Alvarez, Antonio Calloni, Marcelo Fonseca, Tânia Sekler e outros. De 9 nov. 1989 a 23 dez. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*QUEM TEM MEDO DE ITÁLIA FAUSTA.* Texto e direção: Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Cenografia: Carlos Eduardo de Andrade. Figurinos: Carlos Eduardo de Andrade, Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Sonoplastia: Maria Luiza Kfouri. Trilha sonora: Mana Kfouri. Iluminação: Sidney Rosa. Elenco: Miguel Magno, Ricardo de Almeida, Bronie e Renata Mello. De 17 jul. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Vivien Lando. Gargalhadas ininterruptas. *O Estado de S. Paulo*, 19 jul. 1986, p.5 (a crítica afirma que Miguel Magno e Ricardo de Almeida são os pais não assumidos do besteirol).

*QUEM TEM MEDO DE ITÁLIA FAUSTA*. Texto, direção: Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Elenco: Grupo Aldebarã, com Miguel Magno, Ricardo de Almeida, Angélica Chaves e Fernanda Abujamra. De 9 jun. 1983 a 10 jul. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia.

Obs.: Segundo Silvia Fernandes (2000, p.30),

> Estruturado por meio de uma sucessão de quadros compostos por Miguel Magno e Ricardo de Almeida, *Quem tem medo de Itália Fausta?* mudava o rumo do Aldebarã, pois revisitava algumas etapas do teatro brasileiro. Vários recursos de maquiagem, figurinos, cenários e efeitos musicais eram utilizados para indicar a comédia de costumes, o *vaudeville*, o melodrama e o teatro de revista, que marcaram a história da cena no país.

*QUEXERXE TRUVE*. *Performance*. Direção: Myriam Muniz. 14 jul. 1985. Sesc Pompeia.

*QUIMERA GARCIA LORCA*. Texto: Federico García Lorca. Adaptação, direção e atuação: Suzana Lakatos e Ilder Miranda Costa. 1985. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*QUINZE ANOS DEPOIS*. Texto: Bráulio Pedroso. Direção: Carlos Frederico. Cenografia: Fausto Balone. Figurinos: Hugo Rocha e Isabella. Iluminação: Carlos Alberto Pereira. Seleção musical: Carlos Frederico. Elenco: Isabella e Carlos Frederico. De 20 set. 1984 a 13 out. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia.

*RÁDIO BIXIGA PRK... DEIA*. Texto e músicas: Sérvulo Augusto e José Rubens Chasseraux. Direção: Valter Padgurschi. Elenco: Sérvulo Augusto, Chiquinho Brandão, José Rubens Chasseraux, Henrique Lisboa e Stela Maia. De 7 out. 1981 a 1984. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e outros espaços de representação. Não foi possível recuperar a data de encerramento das temporadas do espetáculo.

*RÁDIOPHOLIA*. Concepção: Jorge Vidal. Direção: Edson Santana. Elenco: Grupo 4Crescenti Minguante, com Jorge Vidal, Soraya Aguilera, Gérson de Almeida, Márcia Manfredini, Ferreira Filho e Pompeia Feliciano. De 4 a 19 dez. 1987. Espaço Alquimia.

Crítica: Lauro Lisboa Garcia. Boa folia radiofônica. *O Estado de S. Paulo,* 19 dez. 1987, p.8.

*RAGTIME.* Texto e direção: Mário Wilson. Música apresentada por integrantes da Banda Ópera Cabaré. Elenco: Marta Anderson, Jacques Lagoa, Oscar Magrini e outros. 22 set. 1982. Ópera Cabaré. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RAÍCES DE AMÉRICA. Show* com roteiro de: Enrique Bergen e Flávio Rangel. Direção: Flávio Rangel. Figurinos: Mabel B. Vazques. Elenco e canções apresentadas pelas vozes do grupo *Raíces de América,* com Mariana Avena (voz) e os músicos Tony Osanah, Enzo Merino, Willy Verdager, Oscar Segovia, Julio César Peralta, Fredy (Frederico) Góes, Celso Ribeiro e participação especial da atriz Isabel Ribeiro. De 18 mar. 1980 a 20 jul. 1980. Teatro Procópio Ferreira e Palácio das Convenções do Anhembi.

*RAINHA DO ABC, A.* Texto: Carlinhos Lira. Criação do Movimento Cultural Amador de São Caetano do Sul, Diadema e Mauá. Elenco: Alonso Portela, Cleusa Borges e Chico da Silva. De 8 a 29 nov. 1981. Teatro da Praça.

*RAINHA DO FRANGO ASSADO, A.* Espetáculo fundamentado em grafites de Alex Vallauri. Roteiro: Alex Vallauri e Mara Borba. Direção e Trilha sonora: Mara Borba. Grafites, cenografia e adereços: Alex Vallauri. Iluminação: Iacov Hillel. Figurinos: Toni Fernandes. Preparação vocal: Eudósia Acuña. Máscaras: Donato Velleca. Elenco: Mara Borba. De 27 abr. 1987 a 1 jun. 1987. Teatro Maria Della Costa.

*RAINHA POR UM DIA.* Texto: Celso Luiz Paulini. Direção: Márcia Abujamra. Cenografia: Felippe Crescenti. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Jacob Solitrenick. Elenco: Isa Kopelmann e Cristina Mutarelli. De 18 nov. 1987 a 5 dez. 1987. Espaço Off.

*RAMBO DE RABO PRESO.* Texto: Marinho e Toni Vieira. Direção: Mário Vaz Filho. Elenco: Jéssica Denny e Vando Reis. 15 set. 1988. Teatro das Nações. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RAPAZES DA BANDA, OS*. Texto: Mart Crowley. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Carlos Di Simoni. Elenco: Carlos Arena, Celso Batista, Álvaro Guimarães e outros. De 14 a 20 jun. 1982. Café Teatro Odeon.

*RAPSÓDIA LOUCA*. Texto: Eduardo Scarpetta. Tradução, adaptação e direção: Paulo Gaeta. Direção musical: Francisco Improta. Elenco: Grupo Nmatti, com Cissa Manzano, Fernando Uzeda e Francisco Improta. 1987. Bodega Bay. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*RASGA CORAÇÃO*. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: José Renato. Assistência de direção: Narcy Junior. Cenografia: Marcos Flaksman. Figurinos: Marcos Flaksman, Chico Spinosa e Domingos Fuschini. Coreografia e preparação corporal: Lúcia Aratanha. Arranjos musicais: John Neschling e Sérgio Scolo. Adereços: Carlos Machado. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Cenotécnica: René Magalhães. Execução das músicas: Sérgio Scolo, Luiz Philippe, Joca Moraes e Tete. Elenco: Raul Cortez, Antonio Petrin, Sonia Guedes, João José Pompeo, Tomil Gonçalves, Márcio Augusto, Carlos Capeletti, Antonio Carlos Dantas, Denise Krepsky, Miriam Lins, Raquel Araújo, Tatiana Nogueira, Vicente de Luca, Wilson Rabelo, Marlene Marques, Alexandre Soares, Cristina Marques, Armando Azzari, Domingos Fuschini, Fortuna Safdiê, Wilson Rabelo e Roseli Silva. De 16 out. 1980 a 22 mar. 1981. Teatro Sérgio Cardoso.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Penar da alma brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 26 out. 1980, p.39.

Obs.: A primeira matéria sobre a peça foi publicada no *Estado de S. Paulo*, em 13 set. 1980. Peça anunciada para estrear em 14 out. 1980 (ibidem), para inaugurar o novo Teatro Sérgio Cardoso. Em 16 out. 1980 (ibidem, p.23), página inteira dedicada à obra; 2 nov. 1980 (ibidem, p.39), acerca de *Rasga coração*.

*RASPE O MOFO PARA O NOVO APARECER*. Criação coletiva a partir de textos de Thiago de Mello e de João Cabral de Melo Neto. Direção: Luiz Freire. Cenografia e iluminação: Samuel do Nascimento. Sonoplastia: Jailton Garcia. Elenco: Carlos Ferreira, Jayme Garcia, Neide Cordeiro e outros. 28 jul. 1982. Teatro Taib. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RATO EM FAMÍLIA, UM.* Texto e direção: Edson Bueno. Elenco: Grupo Delírio de Teatro (Curitiba/PR), com Áldice Lopes, Eliane Karas, Paulo Martins, Silvia Monteiro e Paulo Ramos. De 21 a 29 out. 1988. Teatro Igreja.

*RATOEIRA, A.* Texto: Agatha Christie. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Afonso Gentil. Cenografia e figurinos: José de Anchieta. Elenco: Rosaly Papadopol/Myriam Lins, Alexandre Dressler e Paulino Raffanti. De 20 jun. 1980 a 25 jan. 1981. Teatro Markanti.

*REENCONTRO, O.* Texto: Rhodes Bonfin. Direção: Francisco Azevedo. Elenco: Wanda Kosmo e Wladimir Ponchirolli. 1981. Teatro João Caetano. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*REFÚGIO.* Texto: M. Imaci. Direção: Torteau Regis. Elenco: André Sant'Anna, Marlene Rodrigues e outros. 1989. Anfiteatro da PUC-Exatas. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*REI DEVASSO, O.* Texto: Serafi Pitarra. Direção: Antonio Abujamra. Tradução e adaptação: Alberto Simon. Assistência de direção: Márcia Correa, Antonio Herculano e Maurício Tagliari. Cenografia, programação visual e figurinos: Francesc Petit. Coro preparado por Denise Stoklos. Iluminação: Francisco Medeiros e Antonio Abujamra. Música: Emílio Carrera. Elenco: Grupo Maldição, com Cláudio Mamberti, Antonio Herculano, Gilberto Caetano, Luiza Viegas, Marianna Monteiro, João Francisco, Nelson Escobar, Carolina Oliviero, Gisela Arantes, Júlio Sárkány e Silvia Dantas. De 23 mar. 1984 a 15 abr. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Clovis Garcia. Frágil – e divertida – análise do poder. *O Estado de S. Paulo*, 7 abr. 1984, p.22.

*REI DO PERU, O.* Texto e direção: Gugu Olimecha. Figurinos: Daniely Cristini. Músicas: Leão. Elenco: Cristina Amaral, Edy Serrell, Mara Manzam e Álbenis Amaral. De 4 nov. 1988 a 1989. Teatro Cenarte e Teatro das Nações. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*REI DO RISO, O.* Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Música e direção musical: Oswaldo Sperandio. Cenografia e figuri-

nos: Flávio Império. Pintura de cenografia: Wagner Casabranca. Iluminação: Domingos Fiorini. Direção de cena: Claudino Martinuzzo. Elenco: Diná de Lara, Edney Giovenazzi, Elias Gleizer, Jairo Arco Flexa, Lúcio de Freitas, Luiz Carlos de Moraes, Luiz Parreiras, Marcelo Coutinho, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Marilena Ribeiro, Miro Martinez, Nelson Spazzini, Nize Silva, Paulo Prado, Rosamaria Pestana e Sérgio Rossetti. De 17 maio 1985 a 16 mar. 1986. Teatro Popular do Sesi.

*REI MORREU. VIVA O REI, O.* Texto e direção: César Vieira. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Obs.: Esta peça foi escrita em 1965, e proibida pela censura por ser considerada uma agressão ao sistema vigente. A última versão foi escrita em 1982, não encenada, mas apresentada em leitura dramática, devido à proibição, em 16 fev. 1982. Teatro Ruth Escobar.

*REI MORTO E O CAVALO, O.* Entropia da obra de Oswald de Andrade. Adaptação e direção: Jayme Compri. Cenografia: Ilka Reis. Figurinos: Noemia Duarte, Cristina Lozano. Direção musical: João Carlos Luz e outros. Iluminação: Marco Franchi, Ceci Honório. Sonoplastia: William Costa. Elenco: Grupo Ivamba, com Armando Pontes, Rita Miranda, Paulo Barroso, Marcos Parucker, Deoclides de Andrade, Jackie Gonçalves, João Carlos Luz, Augusto de Carvalho, Célia Viana, Cristina Lozano, Cristina Pinho, Ilka Reis, Jayme Compri, Marcelo Salmaso, Marta Mêola, Noemia Duarte, Pedro Lopes e Sergio Nascimento. De 1 set. 1986 a 25 nov. 1986. Teatro Cenarte.

*REINO JEJUA, MAS O REI NEM TANTO, O.* Texto (adaptação do conto *Balas de estalo,* de Machado de Assis): José Antônio de Souza. Direção e coordenação: Myriam Muniz e Paulo Herculano. Elenco: Acê Moreira, Carlos Palma e outros. De 10 mar. 1982 a 25 abr. 1982. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Clovis Garcia. Folclore bem aproveitado e pornochanchada teatral. *O Estado de S. Paulo,* 20 mar. 1982, p.17 (acerca também de *A saga da mãe de ouro*).

*REIS VAGABUNDOS, OS.* Roteiro e direção: Maria Helena Lopes. Iluminação: Acosta. Cenografia: Fiapo Barth. Músicos: Fábio Mentg e Flávio

Bricca Rocha. Elenco: Grupo Tear (Rio Grande do Sul), com Marco Fronchetti, Ângela Gonzaga, Pedro Wayne, Nazaré Cavalcanti, Sônia Copini e Sérgio Lulkiu. De 2 a 6 fev. 1983. Circo Malmequer. 6 maio 1983. Teatro Sesc Fábrica. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RELAÇÃO TÃO DELICADA, UMA*. Texto: Lolah Bellon. Tradução: Zélia Brosson. Dramaturgia: Maria Adelaide Amaral. Direção e cenografia: William Pereira. Preparação: Vivien Buckup. Trilha sonora: Tunica e William Pereira. Iluminação: Cibele Forjaz. Direção de cena: Carmo Luiz. Cenotécnica: Aníbal Marques. Elenco: Irene Ravache, Regina Braga e Roberto Arduin. De 5 out. 1989 até 1990. Sala São Luiz. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Jefferson del Rios. Delicadeza e emoção em um belo álbum de família. *O Estado de S. Paulo*, 20 out. 1989, p.3.

*RELAÇÕES INDIRETAS*. Texto e direção: Murilo César. Direção: Tom Santos. Cenografia, iluminação e figurinos: Antonio Chagas. Elenco: Tom Santos, Inês Maria, Arnaldo Weiss e Hélide Grecco. De 29 mar. 1984 a 27 maio 1984. Teatro Brigadeiro.

*RELAÇÕES NATURAIS, AS*. Texto: Qorpo Santo. Direção: Álvaro Apocalypse. Cenário: Álvaro Apocalypse e Julio Espíndola. Figurinos: Terezinha Veloso. Direção de atores: Arildo de Barros. Música e Regência: Lindembergue Cardoso. Criação de Bonecos: Álvaro Apocalypse, Terezinha Veloso, Maria do Carmo Mello, Júlio Espíndola, Sema Soares e Myriam Melo. Elenco/personagem – Bonecos: Qorpo Santo – o autor; Impertinenti; Truquetruque – o filósofo indagador; Um indivíduo – o exibicionista; as mulheres da vida: Mildona, Marca, Júlia, Mariposa; Malherbe e Inesperto – respectivamente o patrão e o criado; os filhos – Um, Dois e Três; Mordomo; Mata-barata; Pianista; Bailarina; Namorado; Namorada. Grupo Giramundo – Teatro de Bonecos é constituído basicamente por professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. De 2 a 6 fev. 1983. Teatro Faap. 1987. Teatro Anchieta. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. A paixão pela vida do Giramundo. *O Estado de S. Paulo*, 9 out. 1987, p.6.

*RELAÇÕES NATURAIS E OUTRAS COMÉDIAS*. Textos: José Joaquim de Campos Leão (Qorpo Santo), Torquato Neto e outros autores. Direção e adaptação: Olney de Abreu. Preparação corporal: Douglas Franco. Confecções de bonecos: Grupo Abracadabra. Elenco: Luiz Tadeu Pati, Olney de Abreu, Wladimir de Carvalho e Célia Benvenuti. De 7 maio 1981 a 30 ago. 1981. Teatro Paulo Eiró, Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Café-Teatro Oscar Wilde.

*RELATÓRIO DA 12ª HORA*. Texto: Rui César Silva, Rô Reys e Sílvio Ferraz Melo. Direção: Rô Reys. Trilha sonora: Renato Moraes e Sílvio Ferraz Melo. Figurinos e objetos cênicos: Rui César Silva. De 16 jun. 1982 a 1 ago. 1982. Centro Cultural Carbono.

*RELIMBRANZZA*. Texto e direção: Celso Frateschi. Com o Grupo Independente da Periferia. De 19 a 22 dez. 1987. Casa de Cultura Mazzaropi.

*RÉPTEIS DA TERRA*. Texto: Erbaldo Vieira. Direção: Aparecido Luiz. Iluminação e sonoplastia: Edmar Pereira. Elenco: Cydinho Santos. Participação especial: Clao F. M. De agosto a outubro/1987. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*REPÚBLICA 21*. Texto e direção: Indalécio Santana. Elenco: Grupo Vambora, com Antônio José, Estelita Moraes e Sandra Lima. De 17 a 25 jun. 1989. Centro Cultura Jabaquara. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*RÉQUIEM DAS HARPIAS*. Criação, interpretação e produção: Grupo Harpias e Ogros, com Ângela Dip, Grace Giannoukas, Giovanna Gold e Marcelo Mansfield. Música: Os Mulheres Negras. Participação especial: Zé do Caixão e Marisa Orth. 3 abr. 1987. Espaço Mambembe. Não foi possível recuperar data de encerramento da temporada.

*REQUINTES DE CRUELDADE*. Texto: Paschoal Lourenço. Direção, iluminação e sonoplastia: Ivan Köhn. Elenco: Grupo Tarta de Teatro, com Rony Schneider, Edy Soares e Regina Gomes. 3 nov. 1987. Teatro Lua Nova. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RESISTÊNCIA, A*. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Elvira Gentil. Elenco: Orlando Vieira, Carlos Alberto Pezzi, Renato Lima, Ana Becker, Vera Lúcia Mariano, Eladin Lima e Sérgio Ferreira. De 17 jul. 1987 a 27 set. 1987. Teatro Markanti.

*RESISTÊNCIA, A*. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Paulo Filisbino. Elenco: Miguel Rosas, Thelma Lúcia Bertozzi, Kátia Belinda Neves, André Spoo e Wilton Araújo. De 8 a 26 fev. 1984. Teatro Martins Penna.

*RESISTÊNCIA, A*. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Cecil Thiré. Cenografia e figurinos: Maria Carmem. Cenotécnica: Humberto Silva. Elenco: Cecil Thiré, Ariclê Perez, Edwin Luise, Amilton Monteiro, Imara Reis, Ginaldo de Souza e Maria Vasco. De 12 mar. 1980 a 31 ago. 1980. Teatro Maria Della Costa.

*RETALHOS*. Criação coletiva: Grupo Nós. Direção: Silvia Pogetti e Beth Lopes. Músicas: Antonio Ozório. Elenco: João Bosco Cunha e Lica Neiame. De 5 a 30 maio 1982. Teatro João Caetano e Teatro Arthur Azevedo.

*REVELAÇÕES DE UMA PROSTITUTA E SEU PATRÃO*. Texto: Dacia Maraini. Direção: Miroel Silveira. Projeto visual: Gastão de Magalhães. Elenco: Lady Francisco e Roberto Scudero. De 17 abr. 1985 a 30 jun. 1985. Teatro Sadi Cabral.

Crítica: Clovis Garcia. Em cena, presença de uma força dramática. *O Estado de S. Paulo*, 9 maio 1985, p.24.

*REVER*. Supervisão: Myriam Muniz. Direção musical: Zebba Dal Farra e Armando Ferrante. Elenco: Ná Ozzetti, Suzana Salles, Marilene Costa (cantoras), Paulo Macedo e Regina Braga. 1987. Teatro Funarte e Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*REVER II*. Show de música e teatro. Coordenação geral: Myriam Muniz. Direção musical: Zebba Dal Farra. 1ª parte: *Império dos Mangarás*: colagem de poemas, *Caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 2ª parte: *Show Rever II*. Cenografia: Beto Ipólito, Celso Pacheco, Henrique Lanfranchi e

Muriel Matalon. Iluminação: Cacá D'Andretta e João. Sonoplastia: Flávio Sani e Itamar Correa. Figurino: Muriel Matalon e Schirley Cunha. Elenco (1ª parte): *Teatro voador*: Andréa Gutierrez, Anésia Brás, Ângela Fagundes, Ari Cassiano, Artur Yacubian, Bia Barreto, César Zangari, Clóvis França, Elisa Aquino, Henrique Lanfranchi, Ivone Albuquerque, José Dalton, Kátia Mascowa, Kátia Olmos, Lílian Pérsia, Marco Antonio Santos, Marcos Franco, Mônica Guimarães, Muriel Matalon, Narahan Dib, Naysandy Lucena, Nívea Vieira, Paula Marra, Paulo Othoniel, Quim Braga, Regilson Feliciano, Renata Leirner, Renata Talarico, Rosana Silva, Samuel Silvério, Sara Novaes, Silvana Lazzari, Tarcísio Drago e Vera Reis. Participação especial: Ná Ozzetti e Suzana Salles. 2ª parte: *Prólogo*: (texto de Fernando Pessoa): Paulo Macedo. *Crenças antigas* (Maquiavel/Maestro Damiano Cozzella). *Dança*: Luciana Chaui. *Nada além* (Custódio Mesquita/Evaldo Gouveia): Zebba Dal Farra. *Improviso vocal* (com sonoplastia de Tristão e Isolda, de Wagner): Adriane Magalhães. *Chora brasileira* (Fátima Guedes): Zebba Dal Farra. *Canção do amor e da amizade* (Zezé Abreu): Zezé Abreu. *Quimono* (Zebba Dal Farra: Paulo Macedo): Cláudia Pacheco. *Edredon de seda* (Rosa Passos/Arnaldo Medeiros): Maricene Costa. *Noites quentes* (Gilvan Gomes): Leila Pantel. *O que vier eu traço* (Alvaidade/José Maria): Tina. *Singapura* (Eduardo Dusek): Regina Colonéri. *Rave in Concert* (Armando Ferrante): Armando Ferrante. *Voo* (Zebba Dal Farra/André Luis Oliveira): Cláudia Ferrete. *Improviso com flauta* e *O índio* (Caetano Veloso): Adriana Magalhães e Coro. *Enviado de Iansã* (Zebba Dal Farra/André Luiz Oliveira): Todos. *Oxóssi* (Antonio Carlos Franquini): Maricene Costa e Coro. *Sangrando* (Gonzaguinha): Marcy. *Marta Saré* (Edu Lobo/Guarnieri): Murilo Lobo. *Almerinda, Almerinda* (Monólogo de Consuelo de Castro): Regina Braga, Ângela Balia, Tina e Regina Colonéri. *O revólver do meu sonho* (Frejat / Gilberto Gil/Wally Salomão): Ângela Balia e Coro. *Cantores do rádio* (Lamartine Babo): Todos. *Canção do aventureiro* (Ária da Ópera Guarani, de Carlos Gomes e Scalvini. Tradução: Paula Barros): Todos. Banda: Armando Ferrante (piano), AC Dal Farra (bateria), Zebba Dall Farra (violão e guitarra) e Nadinho Feliciano (baixo). De 19 a 21 dez. 1986. Teatro Funarte (Sala Guiomar Novaes).

Obs.: Esse espetáculo foi dedicado a Flávio Império, Elis Regina, Dr. Alfredo Mesquita, Rodrigo de Mello Zilber e Dr. Carlos D'Andretta Jr.

*REVISTA DO BIXIGA – DEIXE O MINHOCÃO PRA DEPOIS* (vários textos). Texto e direção: José Antônio de Sousa. Elenco: Hélcio Magalhães, Teca Pereira e outros; *Uma rápida*. Texto: Tácito Rocha. Direção: José Antônio de Sousa. Elenco: Washington Lasmar e Cássia Venturelli. *Cruzes, estamos nuzes!* Texto: José Antonio da Silva. Direção: Oswaldo Barreto. Elenco: Teça Pereira e Hélcio Magalhães. *Enquanto a mulher não pula*. Texto e direção: Aziz Bajur. Elenco: Eliana Barbosa, Samuel Napolitano, Carlos Barreto, Regina Lopes, Lauri Prieto, Ana Lúcia Arbex, Valéria Sanchez, Gil Carlos Teixeira e Celso Saiki. *Deixa o minhocão pra depois*. Texto: José Antonio de Souza. Direção: Oswaldo Barreto. Espetáculo, na forma do teatro de revista, com vários quadros apresentados. Cenografia e figurinos: Maria Cecília La Loira. Iluminação: Walmir Araújo. De 6 out. 1980 a 9 dez. 1980. Teatro Oficina.

*REVISTA EM REVISTA, A*. Texto: Ronaldo Ciambroni e Aron Aron. Elenco: Cleybi Dias, Eliane Andreoli, Josy Sótanos, Manolo de Meise, Roberto Francisco e Maitê Alves. De 30 set. 1988 a 31 dez. 1988. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*REVISTA... EM REVISTA*. Texto, adaptação e direção: Aron Aron. Elenco: Cleybi Dias, Carlos Sampaio e outros. 1988. Teatro das Nações. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*REVISTANDO O TEATRO DE REVISTA*. Texto: Neyde Veneziano e Perito Monteiro. Direção: Neyde Veneziano. Cenografia: Alberto Camarero. Figurinos: Miguel Marcarin Jr. Arranjos: Lincoln Antonio, Wilson Ávilla e Dagoberto Feliz. Músicos: Sandro Campbell, Tiago de A. Ribeiro e outros. Preparação vocal: Sarah Lopes. Preparação corporal: Eduardo Coutinho. Coreografia: Marco Aguiar e Neyde Veneziano. Iluminação: Cláudio Gabriel Floriano. Direção musical: Dagoberto Feliz. Elenco: Grupo Gextus – Grupo Experimental de Teatro UniSantos, com Dagoberto Feliz, Marcelo Motta Monteiro, Valentina Rezende, Renata Zhaneta, Carlos Alberto Bellini, Miguel Marcarian Jr., Rosângela Feliz, Beto Carlos, Sandro Campbell, Waldemar Pinduca, Alexandre Hilsdorf, Emanuela Bianca, Marco Aguiar, Gisele Menzin e Lizi da Luz. De 5 jan. 1989 a 11 jun. 1989. Teatro Anchieta e Teatro Dias Gomes.

*REVOLUÇÃO, A*. Texto: Isaac Chocrón. Tradução: Ricardo de Almeida e Antonio Abujamra. Coprodução: Celcit. Direção: Antonio Abujamra. Figurinos: Sócrates. Direção musical: Júlio Medaglia. Cenário: Antonio, Paulo, Plínio e Luiz. Iluminação: Chiquinho Medeiros. Elenco: João Carlos Couto e Lu Martan/João Francisco Garcia. De 15 set. 1983 a 8 jan. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Clovis Garcia. *A revolução*, boa ideia e má escolha. *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1983, p.19.

*REVOLUÇÃO ESTÁ CHEGANDO... E EU NÃO SEI O QUE VESTIR, A*. Texto: Umberto Simonetta e Lívia Cerrini. Tradução, adaptação, direção, cenário e figurinos: Jandira Martini. Trilha sonora: Zero Freitas. Elenco: Ileana Kwasinski. De 8 nov. 1989 até 1990. Espaço Off. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RICARDO III*. Texto: William Shakespeare. Direção: Marcos Daud. Produção: Cia. de Teatro Clássico, com Bruno Arneiro, Elias Batista, Francisco Carvalho, Marcos Daud, Mário Llaguno, Francisco Carvalho e Lúcia Bitancourt. De 24 out. 1988 a 13 dez. 1988. Auditório Augusta.

*RIMBAUD. Performance* com Luiz Roberto Lopreto e Lala Daheinzelin. 1987. Pavilhão da Bienal. Não há mais informações nas fontes consultadas.

*RINOCERONTE, O*. Texto: Eugène Ionesco. Tradução: Luís de Lima. Direção: Ivan Feijó. Preparação corporal: Carlos Oliveira. Preparação vocal: Denis Portugal e Raquel Barcha. Cenografia: Ivan Stancati. Figurinos: Kátia Olmos. Iluminação: Davi de Brito. Sonoplastia: Windmüller. Adereços: Karilas e outros. Elenco: Grupo Improvisadores do Rei, com Marcos Daud, Beli Leal, Paulo Moraes, Jerry Mendes, Flávia Pucci, Plínio Soares, Elaine Sarino, Elias Chatsky, Leni Sillas e Marcelo Corpani. De 19 ago. 1987 a 1 nov. 1987. Teatro Taib.

*RINOCERONTE CARECA, O*. "Antipeça para toda a família", de Eugène Ionesco. Texto: Marco Ghilardi. Direção: José Ferro. Cenografia: Ary Ribeiro Jr. Elenco: Ana Luiza Lacombe, Ginho Novaes, Cyrano Rosalém, Dirce Carvalho, Ruth Elizabeth, Hélio Zachi e Lílian Bites. 1986. Teatro Brasileiro

de Comédia (Sala de Arte). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*RIO DE JANEIRO EM SURTO* ou *OS CARIOCAS. Performance*. Autores: integrantes dos grupos Dissritmia (direção: Luise Cardoso) e Intrépida Trupe (direção: Crika Ohana). Direção geral do evento: Isabela Socchin. Apresentações-solo: Debby Crowald, Catarina Abdala e João Brandão. 19 out. 1987. Espaço Mambembe.

*RISCO E PAIXÃO*. Texto e supervisão: Fauzi Arap. Direção: Francisco Medeiros. Assistência de direção: Tereza Menezes. Cenografia e figurinos: Carlos Eduardo Colabone. Iluminação: Reginaldo Fonseca. Trilha sonora: Zero Freitas. Preparação corporal: Klauss Vianna. Cenotécnica: Jorge Ferreira Silva, Jacinto Jota e Evandro Furkin. Elenco: T.A.RÔ. Rosa dos Ventos, com Noemi Marinho, Martha Mellinger, Antônio de Andrade, Cláudia Mello, Carlos Eduardo Colabone, Eric Nowinski, Roberto Ascar, Décio Pinto e Tim Urbinatti. De 29 nov. 1988 a 30 abr. 1989. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*RITO DE AMOR E MORTE NA CASA DE LILITH – A LUA NEGRA*. Roteiro, criação, direção, figurinos e coreografia: José Possi Neto. Cenografia: Alexandre F. Törö. Desenho de maquiagem: Anna Van Steen. Adereços: Marcos A. Lima. Trilha sonora: Denilto Gomes e George Freire. Música ao vivo: George Freire. Iluminação: Davi de Brito. Elenco: Odilon Wagner, Selma Egrei, Mazé Crescenti, Suzana Yamauchi, Ana Mondini, Denilto Gomes, George Freire, Vicente de Franco, Wilson Aguiar e Ciça Meirelles. De 4 dez. 1986 a 1987. Auditório Augusta. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RITOS DE INFÂNCIA*. Texto: Zeno Wilde. Direção: Maithê Alves e Roberto Francisco. Cenografia e figurinos: Domingos Pascale. Iluminação: Paulo Seabra. Elenco: Emerson Rossi, Isabel Scisci, Miriam Palma, Paulo Seabra, Rosana Damas e Wagner Mangueira. De 28 maio 1987 a 13 set. 1987. Teatro Lua Nova.

*RITUAL DO SEXO*. Texto: Ary Santiago e Cronel Marins. Direção: José Mojica Marins. Iluminação: Lino Pacheco. Elenco: Emannuela Migs, Ary Santiago, Eleotério Batista e Marcela Franco. De 16 jun. 1982 a 5 set. 1982. Teatro das Nações.

*ROCK AND ROLL*. Texto: José Vicente. Direção: Antonio Abujamra. Cenografia e figurinos: Julieta Lyra. Elenco: Célia Helena, Francarlos Reis, Hélio Cícero e Francisco Solano. 21 abr. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Despedida de um teatro da juventude. *O Estado de S. Paulo*, 2 maio 1983, p.18.

*ROCK INDEX (DANÇANDO NO FRONT)*. Musical: Joel Cardoso de Oliveira e Naomi Ishii Torigui. Direção: Carlito. Elenco: Joel Oliveira, Naomi Ishii Torigui e Luiza Nicolino. Com música ao vivo e as participações de Nardinho, Beto Freire e Toninho Emilson. De 13 maio 1986 a 2 ago. 1986. Centro Acadêmico da Santa Casa e Kaleidos.

*RODINETE*. Texto: Renata Pallottini. Direção e figurinos: Elvira Gentil. Direção musical: Cibele Troiano. Música: Oswaldo Faustino. Arranjos musicais: Waldomiro Lima. Sonoplastia: Décio Gentil. Coreografia: Glória Borghoff. Elenco: Grupo Semente, com Mariza Porto, Eladir Lima, Miguel Bretas, Lu Martan, Maurílio Porto, Neide Rossi, Vinício Angelici, Julio Leonard, Ethel Alves e Andréa Barros. De 4 maio 1988 a 15 jan. 1989. Teatro Lua Nova.

*ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA, O*. Texto: Cecília Meireles. Direção: Maria Fernanda. Música: Edino Krieger. Execução musical: Luís Fernando. Elenco: Maria Fernanda, Rubens de Falco e Oswaldo Neiva. De 9 a 27 mar. 1983. Teatro Nydia Licia e Teatro Aliança Francesa (Centro).

*ROMARIA*. Texto: Miroel Silveira e Ruth Guimarães. Direção: Emílio Fontana. Cenografia: Clovis Garcia. Figurinos: Paulo Molière. Elenco: Cristina Marques, Marcelo Coutinho, Paulo Drumond, Régis Monteiro, Péricles Flaviano, Adilson Azevedo, Anna Becker, Tina Rinaldi, Marcela Alves, Carlos Alberto Pezzi, Eli Ortega, Edgar Castro, Galvão Frade, Pio e Cabral Lobato. Participação especial: Inezita Barroso. De 25 set. 1987 a 7 out. 1987. Teatro Copan e Teatro Cultura Artística.

*ROMEU E JULIETA*. Texto: William Shakespeare. Direção e adaptação livre: Antunes Filho. Adaptação livre dos poemas do narrador e da cotovia: Walderez Cardoso Gomes. Figurinos: Cissa Carvalho. Assistência de figurinos: Luiz Henrique e Lúcia de Souza. Máscaras e adereços: Darcy Figueiredo e Grupo de Teatro Macunaíma. Pesquisa, seleção e montagem musical: Grupo de Teatro Macunaíma. Direção de cena: Luiz Henrique. Esgrima: Hugo Mattos. Preparação vocal: Marlene Fortuna. Sonoplastia: Ulisses Cohn. Orientação histórica: Julita Scarano. Dança: Paula Martins. Iluminação: Davi de Brito. Elenco: Arciso Andreoni, Cecília Homem de Mello, Darcy Figueiredo, Evaldo de Brito, Flávia Steward Pucci, João Bosco Cunha, Lígia Cortez, Lúcia de Souza, Luiz Henrique, Malu Pessin, Marcos Oliveira, Giulia Gam, Marco Antônio Pâmio, Cissa Carvalho, Marlene Fortuna, Olair Coan, Oswaldo Boaretto Jr., Salma Buzzar, Ulisses Cohn, Walter Portella, Kiko Guerra, Adriana Abujamra Aith, Cida Rodrigues, Cláudio Saltini e Francisco José. De 26 abr. 1984 a 30 dez. 1984. Teatro Anchieta.

Críticas: Ilka Marinho Zanotto. *Romeu e Julieta*, a depuração total. *O Estado de S. Paulo*, 29 abr. 1984, p.36.

Clovis Garcia. A riqueza temática que gera uma obra-prima. *O Estado de S. Paulo,* 26 abr. 1984, p.25; Espetáculo que repousa na participação do ator. *O Estado de S. Paulo,* 26 abr. 1984, p.25.

*ROMEU E ROMEU*. Texto e direção: Ronaldo Ciambroni. Assistência de direção: Gilberto Gregolin. Cenografia: Dante Skall. Sonoplastia e iluminação: Wilson Santos. Vozes gravadas: Renato Kramer, Roberto Francisco, Vera Mancini e Wilma de Souza. Elenco: Marcelo Galdino e Wagner Maciel. 1986. Teatro Acrópolis. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento de temporada.

*ROMEU E ROMEU*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Darcy Figueiredo. Elenco: Renato Kramer e Osmar Ângelo. De 18 jul. 1985 a 6 out. 1985. Teatro Zero Hora.

*ROMULUS MAGNUS*. Texto: Friedrich Dürrenmatt. Direção e iluminação: Sylvio Zilber. Cenografia: Ednaldo Freire e Petrônio Nascimento. Figurinos: Gaby Del Rey. Adereços e bustos: Petrônio Nascimento e Helô Cardoso. Música: Conrado Silva. Músicos: Guta Maia (viola), José Angelino

Bozzini (trompa), Kátia Guedes (oboé/voz), Marcus Vinícius Gomes (violino) Sérgio Roberto Chica (percussão) e Sílvio Interlandi (cello). Música: Conrado Silva. Elenco: Benê Rodrigues, Luiz Damasceno, Wanderley Martins, Carlota Novaes, Jurandir Mazzariello e Luiz Siqueira. De 15 maio 1984 a 16 set. 1984. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão).

Crítica: Clovis Garcia. *Romulus Magno* entre os melhores do semestre. *O Estado de S. Paulo*, 14 jul. 1984, p.14.

*RONDA DA LUXÚRIA*. *Performance* com personagens de Nelson Rodrigues e Arthur Schnitzler. Roteiro: Alberto Guzik. Direção: Myriam Muniz. Elenco: Emílio Alves e Helena Bastos. De 22 out. 1986 a 29 nov. 1986. Espaço Off. De 11 a 14 dez. 1986. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*ROSA*. Texto adaptado por Jayme Compri, Moacir Ferragi e René Birochi. Elenco: Grupo Boi Voador. 20 maio 1988. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*ROSA DE CABRIÚNA*. Texto: Luís Alberto de Abreu, baseada em *Alice,* de José Antônio da Silva. Direção: Márcia Medina. Supervisão: Antunes Filho. Figurinos e adereços: Renato Di Renzo e Grupo de Teatro Forrobodó. Iluminação: Davi de Brito. Cenário-painel intitulado *Fazenda de Cabriúna*, feito por José Antonio da Silva. Pesquisa musical/efeitos sonoros: Grupo de Teatro Forrobodó. Desafio: Téo Azevedo. Linguagem corporal: Paula Martins. Fandango: Rogério Wanderley. Direção de cena: Orestes Carossi. Direção de pesquisa: Eloísa Longo e Dário Uzam. Preparação vocal: Marlene Fortuna. Preparação de atores: Jéferson Primo. Elenco: Barthô di Haro, Beth Daniel, Carla Miranda, Carlos Freire, Elida Marques, Elizete Gomes, Iolanda Vilela, Joça Santo, Luiza Albuquerque, Marcelo Presotto, Maria Prado, Naiclê Leônidas, Norcy Meira, Orestes Carossi, Renato Palhares, Sueli Rocha, Tereza Marinho, Wagner Nacarato e Warney Paulo. De 19 set. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Anchieta.

*ROSA DO ASFALTO.* Texto e interpretação: Elizeu Munhoz. Direção: Tânia Neves. 14 out. 1988. Teatro Zero Hora. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN ESTÃO MORTOS*. Texto: Tom Stoppard. Direção e sonoplastia: Ivan Feijó. Cenografia: Ivan Feijó e Marcelo Barbosa. Figurino: Adriana Vaz. Iluminação: Ivan Feijó e Davi de Brito. Preparação vocal: Fernanda Gianassella. Elenco: Grupo Improvisadores do Rei, com Cássio Scapin, Marcos Daud, Francisco Bretas, Kátia Olmos, Roney Facchini, Mateus Esperança, Antonio Veloso, Ivan Janson e Eduardo Marques. De 26 maio 1989 a 3 dez. 1989. Museu de Arte de São Paulo e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*RUA DEZ*. Texto: Nery Gomide. Direção e iluminação: Fauzi Arap. Assistência de direção: Márcio Ferreira. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Trilha sonora: Zero Freitas. Fotos e *slides*: Ary Brandi. Elenco: Amaury Alvarez, Antônio de Andrade, Israel Pinheiro, Paulo Drummond e Pedro Pianzo. 16 out. 1986. Teatro Lua Nova. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*RUMORES DA PROVÍNCIA*. Texto: Nicolai Gogol. Adaptação: Miguel Filiage. Orientação teórica: Arlete Cavalieri. Preparação corporal: Sonia Azevedo. Cenografia e máscaras: Petrônio Nascimento. Figurinos: Petrônio Nascimento e Débora Nogueira. Iluminação: Hamilton Saraiva. Sonoplastia: Edinho Amorim. Direção e trilha sonora: Wanderley Martins. Elenco: Grupo Dromedário Dramático, com Débora Nogueira, Marco Antonio Farias e outros. De 19 ago. 1987 a 27 set. 1987. Tusp.

*SÁBADO EM 30, UM*. Texto: Luiz Marinho. Direção: Antônio do Valle. Cenografia: Therezinha Di Renzo. Direção musical, composição e adaptação: Luciana Deschamps. Figurinos: Érica Masotto. Danças folclóricas: Toninho Macedo. Iluminação e operação de som: Vado Leal. Elenco: Grupo de Teatro do Clube Alto de Pinheiros, com Ignez Sayão, Vera Villela, Rodrigo Gotttberg, Paulo Sayão, Cecília Bicudo Griesi, Lena Jota Teixeira, Vera Ramos, Álvaro da Costa Carvalho, Judith Bretas de Cardoso, Rita Paula Cardoso, José Claret Cintra, Sandra Lourenço, Karl Di Rienzo, Isis Regina Gottberg, Wolney Feres, Nino Vecchione, Mario Fernando Cintra e Therezinha Di Rienzo. 23 e 24 set. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*SAGA DA MÃE DE OURO, A.* Texto, cenografia, música, iluminação e direção: Jurandyr Pereira. Elenco: Ademir Pelissaro, Inês Maria, Tom Santos e outros. De 29 jan. 1982 a 16 maio 1982. Teatro Aplicado e Teatro Arthur Azevedo.

Crítica: Clovis Garcia. Folclore bem aproveitado e pornochanchada teatral. *O Estado de S. Paulo*, 20 mar. 1982, p.17 (acerca também de *O reino jejua, mas o rei nem tanto*).

*SAGA DAS JAPONESAS, A.* Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Carlos Di Simoni. Coreografia: Carlo Dorigatti. Elenco: Afonso Coralov, Ariel Moshe, Cláudio Gardim, Roberto Francisco, Ricardo Hoflin e Fábio Ferrigoli. 19 maio 1983. Boite Medieval. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*SAI DA FRENTE QUE ATRÁS VEM GENTE.* Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Mario Masetti. Música e direção musical: Solano de Carvalho. Coreografia: Lala Deheinzelin. Cenografia e figurinos: Marisa Rebollo. Trilha sonora: Zero Freitas. Iluminação: Adrian Cooper e José Roberto Elizer. Música ao vivo: Sérvulo Augusto, Cláudio Otávio, Caio, Adriana, Braza, Nilson, Ari Dias, Wagner Marinonio, Francisco Carlos Brunaro, Paulo César Batista, Luiz Benedito Mancio, Marcelo Mastrobuono, Solano de Carvalho, Júlio Vicente, Osmar, João Telles e Zinho. Cenotécnica: Jorge Ferreira Silva. Elenco: Aiman Hammoud, Aldo Bueno, Cachimbo, Amair Campos, Cleo Busatto, Henrique Lisboa, Nara Gomes, Paco Sanches, Richards Paradizzi e Sonia Loureiro. De 22 mar. 1984 a 30 dez. 1984. Teatro Taib e Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Clovis Garcia. Cenas esfuziantes para um hino de amor a São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 20 abr. 1984, p.16.

*SAI DA FRENTE QUE ATRÁS VEM GENTE.* Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Roberto Barbosa. Trilha sonora: Márcio Megaton. Iluminação: David de Brito e Roberto Barbosa. Adereços: Manoel Costa. Música original: Solano Vasconcelos. Elenco: Cristina Lopes, Dauri Carvalho, Edgar Gonçalves, Dilma Maria, Eliane Nunes, Emílio Lopes, Filó Oristânio, Manoel Costa, Osmar Malheiro, Penha Regina Dias, Suely Lima e Zezé Eustáquio. De 1 a 4 out. 1987. Teatro Arthur Azevedo. De 21 a 24 jan. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*SALADA PAULISTA*. Criação: coletiva. Texto, cenários, figurinos, seleção e letras de músicas, direção e produção: Pod Minoga Studio. Colaboradores: Naum Alves de Souza e Pedro Alberto de Souza. Estrutura para cenários projetada e executada por Fernando Brettas e Marcelo Cecchi. Voz em *off*: Cláudio de Souza. Elenco: Ângela Grassi, Flávio de Souza, Dionísio Jacob, Carlos Moreno, Mira Haar e Regina Wilke. 1980. Teatro Experimental Eugênio Kusnet. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*SALTO ALTO*. Texto: Mário Prata. Direção: Nitis Jacon de Araújo Moreira. Coreografia: Fernando Jacon. Música-tema: Marco Antônio Scolari. Letra: Nitis Jacon. Sonoplastia: Marco Antônio Scolari, Carlos Alberto Scolari, José Cláudio Rodrigues, Marco Antonio Gomes e Plínio Bortoloto. Figurinos: Edna M.A. Kuymmel. Cenografia: William Pereira e Nitis Jacon. Iluminação: Marcos Alves dos Santos, Norma Nasser Gardemann e Nitis Jacon. Com orientação do Grupo Proteu, apresentado pela Cia. de Teatro Ambulante: Seja o Que Deus Quiser (de Londrina), com Ana Lúcia Barroso, José Carlos Cenovicz, Nilton A. Marques, Maria Fernanda Coelho, Célia Maria Boregas, Marco Antonio Scolari, Carlos Alberto Scolari, Márcia Oliveira Scolari, André Luiz Lopes, Margarise Correa, Marco Antonio Gomes, Sandra Lúcia Penharvel, Regina Pellegrini, João Darwin, Tânia Nascimento, Paulo César Gianelli, Paulo Moreira Castro, Iracido Nascimento, Rosalina Silva, Anselmo dos Santos e Giuseppe Loiacono. De 30 nov. 1983 a 12 fev. 1984. Teatro Taib.

Crítica: Clovis Garcia. Três possibilidades de reflexão. *O Estado de S. Paulo*, 4 fev. 1984, p.14 (acerca também de *O belo indiferente* e *O palhaço repete seu discurso*).

*SALVE-SE QUEM PUDER QUE O JARDIM ESTÁ PEGANDO FOGO*. Texto: Álvaro Alves de Faria. 1980. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SAMPA, A CIDADE DE AMAR*. Texto, cenografia e figurinos: José Rubens Siqueira. Direção: Francisco Medeiros. *Videotape*: José Rubens Siqueira (roteiro e direção), Marcelo Machado (câmara e edição) e Olhar Eletrônico (realização). Atores do vídeo: Umberto Magnani, Gésio Amadeu, Carlos Meceni, João Acaiabe, Luís Pellegrini, Sônia Mota, Júlia Mota Carvalho, Cristina Trevisan, Leonardo Crescenti, Marcelo Machado, Maria Helena

Grembecki, Chloé Siqueira e Paulo Giardini. Super-8: Leonardo Crescenti. Elenco: Alexandre Corrêa, Fernando Bezerra e Neusa Maria Faro. 23 jun. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*SANTA JOANA*. Texto: Bernard Shaw. Tradução: Flávio Rangel. Direção e iluminação: José Possi Neto. Trilha sonora: Arrigo Barnabé. Cenografia: J. C. Serroni. Figurinos: Jacqueline Terpins e Miko Hashimoto. Adereços: Marco Antonio Lima, Roberto Saturnino e André Canadá. Pesquisa: Rose Nogueira. Coreografia: Mazé Crescenti. Músicos: Grupo Pau Brasil, com Nelson Aires, Rodolfo Stroeter, Paulo Belinati, Bob Wyatt, Roberto Sion, Arrigo Barnabé, Cláudio Faria e Adélia Issa. Sonoplastia: Ricardo Hucke. Pintor de arte: Juvenal Irene dos Santos. Elenco: Ester Góes, Odilon Wagner, Celso Frateschi, Pariz, Thales Pan Chacon, Cláudio Mamberti, Zecarlos Machado, Carlos Moreno, Roney Facchini, Miguel Magno, Marcos Oliveira, Celso Giunti, Guilherme Cavallari, Paulo Borges, Roberto Ippolito, Cacá Ribeiro e Cláudio Faria. De 23 out. 1985 a 13 abr. 1986. Auditório Elis Regina e Teatro Taib.

Crítica: Clovis Garcia. Imaginoso e criativo, um grande espetáculo. *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1985, p.17.

*SANTO E A PORCA, O*. Texto: Ariano Suassuna. Elenco: Grupo Cataclisma. Projeto Teatro na Escola (Secretaria Municipal de Cultura). 21 e 22 fev. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SANTO E A PORCA, O*. Texto: Ariano Suassuna. Direção: Ednaldo Freire. Cenografia e figurinos: Petrônio Nascimento. Música de prólogo, entreatos e epílogo, trilha sonora e sonoplastia: Gilmar Guido. Elenco: Grupo de Funcionários da Siemens, com Cláudia Fleury, Milié Blitsman, Oswaldo Prats, Roselaine Foltram, Cláudio Guedes, Maria do Socorro, Nilo de Souza e Ronaldo Cavalieri. De 5 jul. 1986 a 3 ago. 1986. Teatro das Nações.

*SANTO INQUÉRITO, O*. Texto: Dias Gomes. Direção: José Luiz Sans Calvo. Elenco: Maria Aparecida Cortez, Sérgio Medina, Francisco Sérgio e Nirton Cortez. 21 maio 1985. Teatro Arthur Azevedo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*SANTO INQUÉRITO, O.* Texto: Dias Gomes. Direção: Paulo Augusto Pires. Cenografia: Paulo Augusto Pires. Figurinos: Nelly Pires. Iluminação: Waldemar Lopes. Coreografia: Paulo Augusto Pires. Elenco: Grupo Pé no Chão, com Maria Inês Batina, Emílio Lopes, Renato Belschasky, José Carlos Cerpa, Paulo Rubens Pires, Aristides M. Netto, Luiz Carlos Vetoni, Délcio de Oliveira Jr., Celso Fonseca e Ernane Gogliano Jr. De 26 a 30 abr. 1983. Cine-Teatro Cacilda Becker e Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes).

*SANTO MILAGROSO, O.* Texto: Lauro César Muniz. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Assistência de direção: Celso Ribeiro. Cenografia e figurinos: Irênio Maia. Coordenação musical: Wagner Casabranca. Coreografia: Cláudia Resende. Sonoplastia: Renato Pagliaro. Iluminação: Domingos Fiorini. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Elenco: Elias Gleizer, Luiz Carlos de Moraes, Luiz Parreiras, Nize Silva, Rosamaria Pestana, Cleide Eunice, Rubens Pignatari, Ary Guimarães, Reinaldo Resende, Lúcio de Freitas, Marcos Granatto, Lizette Negreiros, Paulo Prado, Luís Carlos Ribeiro, Antônio Andrade, Alberico Souza, Romeu Freitas, Ricardo Dias, Eduardo Sena, Wellington Dias, Nilson Luís, Eugênia Santacruz e Cláudia Resende. De 26 mar. 1981 a 29 maio 1983. Teatro Popular do Sesi.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Teatro retoma sua função quase esquecida: divertir. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 1981, p.22 (acerca também de *O dia em que raptaram o papa*).

*SANTO MILAGROSO, O.* Texto: Lauro César Muniz. Direção: Walter Loureiro. Elenco: Grupo Teatral Bom Conselho. De 21 a 30 ago. 1987. Teatro Arthur Azevedo. 11 e 13 dez. 1987. Casa de Cultura Mazzaropi. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SAPATEIRA PRODIGIOSA, A.* Texto: Federico García Lorca. Direção: Reynaldo Puebla. De 17 jun. 1983 a 3 jul. 1983. Circo Bem-Me-Quer. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SÃO, EM ATO NO.* Texto e direção: Fábio Mafra. Elenco: Grupo Após'Tolos de São Paulo, com Alberto Joá, Camila Pena, José Nogueira, Marjory Alves, Osmar Lima e Sérgio Conde. De 14 fev. 1989 a 12 mar. 1989. Teatro João Caetano. De 20 maio 1989 a 4 jun. 1989. Teatro Cacilda Becker.

*SÃO PAULO É UMA LOUCURA*. Direção: Reynaldo Puebla. Elenco: Grupo de Teatro A Peste. 21 dez. 1980. Teatro Anchieta. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SÃO PAULO, EU TE AMO, À PROCURA DO ELDORADO*. Texto: Carlinhos Lira. Elenco: Solange Souza, Ronaldo Martins e outros. 1987. Teatro Markanti. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*SAÚDE*. *Performance* com o Grupo de Teatro-dança Tesouro da Juventude, a partir de textos de Antonin Artaud. 1984. Teatro São Pedro. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SCHWEYK NA 2ª GUERRA MUNDIAL*. Texto: Bertolt Brecht. Tradução: Sérgio Viotti. Direção: Mario Masetti. Música: Hanns Eisler. Adaptação das letras das músicas: Wanderley Martins e equipe musical, com Wanderley Martins, Oswaldo Sperandio, Pedro Paulo Bogossian, Rosely Gonçalves, Renato Primo, João Lisanti, Milton Cury e Flávio – Estúdio Eldorado. Coreografia: Sílvia Bittencourt. Cenografia e figurinos: Cláudio Lucchesi. Sonoplastia: Marcelo Ferreti. Iluminação: Reginaldo da Fonseca e Guto Wagner. Produção: EAD/USP. Elenco: Alfredo Damiano, Attílio Caesar, Cida Almeida, Ângela Ferraciolli, Cassiano Ricardo, Deborah Evelyn, Dirce de Carvalho, Eliana Teruel, Lena Whitaker, Leopoldo Pacheco, Ligia Lemos, Lu Bigattão, Lucila Rudge, Paschoal Magno, Paulo Márcio, Reinaldo Di Renzo e Sofia Papo. De 17 jan. 1985 a 3 mar. 1985. Teatro São Pedro.

*SE*... Roteiro, trilha sonora e figurinos: Marilena Ansaldi. Direção: Luiz Roberto Galízia. Sonoplastia e iluminação: Jackson Silva. Com Marilena Ansaldi e Emílio Alves. De 16 mar. 1984 a 13 jun. 1984. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho), Teatro São Pedro e Sesc Pompeia.

Obs.: Com relação ao assunto discutido pelo espetáculo, assim discorre a autora-atriz: "[...] o trabalho dignifica o homem e isso é apenas uma meia-verdade porque o trabalho também danifica o homem. Se o homem está desempregado ou com medo de perder o seu emprego, ele é um ser sem dignidade. Isso eu abordo no espetáculo".[7]

---

7 Nossos autores através da crítica. São Paulo, Associação Museu Biblioteca Lasar Segall (v.4), 1983, p.22, apud matéria de divulgação, *Jornal da Tarde*, p.1984

*SE CHOVESSE VOCÊS ESTRAGAVAM TODOS*. Texto: Tânia Pacheco e Clóvis Levi. Direção: Ademir Ferreira. Elenco: Grupo A Jaca Est, com Geraldo Fernandes e Neuza Migiolo. 1984. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SE NUREYEV PODE, PORQUE EU NÃO POSSO?* Texto: Paulo Hesse e Maria Eugênia. Direção, iluminação e trilha sonora: João Albano. Assistência de direção: Cadu Fonseca. Cenografia e figurinos: Maria do Carmo Nefussi. Sonorização: Tunica. Cenografia: Clarisse Abujamra. Coreografia: Clarisse Abujamra. Cenotécnica: Walther Ribeiro. Contrarregragem: Luiz C. Franco. Elenco: Paulo Hesse, Márcio de Luca, Miriam Lins/Maria Vasco e Moacyr Ferragi. De 16 mar. 1984 a 29 jul. 1984. Teatro Markanti.

*SEDA PURA E ALFINETADAS*. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Francisco Azevedo. Concepção geral de cenografia: Campello Neto. Paisagismo: Silvio Arins. Figurinos: Clodovil Hernandez. Coreografia: Valdir Gonçalves. Adereços: Luiz Alberto Izquierdo e Carlos Machado. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Contrarregragem, operação de som e projeção: Valmir Aguiar. Elenco: Hilton Have, Clodovil Hernandez, Isadora de Faria, Márcia Real, Bruno Barroso e Lília Cabral. De 27 nov. 1981 a 1 ago. 1982. Teatro Brigadeiro.

Crítica: Clovis Garcia. Um espetáculo que cumpre seu fim: divertir. *O Estado de S. Paulo*, 9 dez. 1981, p.18.

*SEGREDO DA ALMA DE OURO, O*. Texto: Leilah Assumpção. Concepção e direção geral: Jorge Takla. Música e direção musical: Oswaldo Sperandio. Figurinos e concepção visual: Attílio Baschera. Coreografia: Umberto da Silva. Preparação vocal: Luiz Enaglia Tenaglia. Direção de produção: Marco Antonio Rodrigues. Direção de cena: Yara Leite. Elenco: Abigail Wimer, Céline Imbert, Luiz Roberto Galízia, Selma Egrei, Armando Tiraboschi, Augusto Rocha, Beto Mainere, Celso Batista, Eurico Martins, José Araújo, Lucci Baiocchi, Marcos Piza, Nancy Júnior, Nelson Escobar, Palomares, Pâmela Cleaver, Ricardo de Almeida, Silen Clair e Vera D'Agostino. De 21 set. 1983 a 2 out. 1983. Teatro Procópio Ferreira.

*SEGUNDO TIRO, O.* Texto: Robert Thomas (inspirado em texto de Ladislau Fodon). Tradução: Sérgio Viotti e Dorival Casper. Direção, iluminação e sonoplastia: Marcio Aurelio. Figurinos: Geny Costa Ramil e Sylvio Mandel. Cenografia: Renato Scripilliti. Adereços: Fábio Namatame. Elenco: Kito Junqueira, Regina Braga, Thaia Perez e Roberto Orosco. De 7 maio 1986 a 6 jun. 1986. Teatro Taib.

Crítica: Vivien Lando. Imperdoável desperdício. Um tiro pela culatra. *O Estado de S. Paulo,* 16 maio 1986.

*SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE GODOT.* Noite dedicada a homenagear Samuel Beckett, apresentando *performance*s com convidados e jogos e brincadeiras com o público. Como prêmios, os que conseguissem se destacar ganhariam ingressos para o espetáculo *Katastrophé.* 16 abr. 1986. Restaurante Pirandello.

*SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR*. Texto: Luigi Pirandello. Direção: Cláudio Lucchesi. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Coreografia: Silvia Bittencourt. Preparação de atores: Myriam Muniz. Elenco: Grupo Stabile de Teatro Móbile, com Alberto Gouveia, Casé Campos, Cristiane Fischer, Guilherme Filho, Joel Salomão, Marcela de Lucca, Maria Clara Fernandes, Zezéh Barbosa, Valéria Lauand, Wagner Belo, Fausto César Franco, Fernanda Haucke, Luciano Xandô e José Piñeiro. De 23 a 25 fev. 1987. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*SELVAGEM CASAMENTO PERFEITO.* Texto e direção: José Augusto Torres Pontes. Adereços: Cyro del Nero. Iluminação: Wilson Rabelo. Sonoplastia: José Alfeu. Elenco: Paulo Pompeia, Westy Dornellas, Milton Cecílio e outros. De 30 set. 1985 a 5 jan. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Sadi Cabral.

*SELVAGEM CORAÇÃO, CAVALO NOVO.* Recital com criação de Abílio Tavares, Pedro Bogossian, Daniela Negrussi e William Pereira. 1º jul. 1988. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SEMANA DA PÁTRIA.* Programação especial em comemoração à data cívica. Elenco: Ricardo Blat, Ruthnéa de Moraes e Márcia de Carvalho.

Participação: Coral Canto Livre. Regente: Telma Chan. 3 set. 1986. Estação Madame Satã.

*SEMANA DE ARTE PERFORMANCE.* Com os textos: *Catarsográfica*, criação coletiva, com Artur Matuck. 5 nov. 1984; *Concerto tradicional, composição musical* Emanuel Pimenta e Dante Pignatari, 6 nov. 1984. *Pugnar radical*, com Hudinilson Jr. e Cláudia Alencar, 7 nov. 1984. *La estrutura del rito,* com Andrés Guilbert. 8 nov. 1984. *Yugen (Aura),* de Fernando Zarif e Emanuel de Melo Pimenta, 9 nov. 1984. *Pane*, com Osmar Dalio, 10 nov. 1984. *Isabelle* e *Estranha descoberta acidental*, de e com Guto Lacaz e Rafic Farah, 11 nov. 1984. Debate com todos os artistas performáticos, 12 nov. 1984. De 5 a 12 nov. 1984. Centro Cultural São Paulo.

*SEM RÓTULO. Performance*. Texto: Bornes. Elenco: Seme Lufti e Berenice Raulino. Música: Renato Lemos (violoncelo). 29 jul. 1985. Estação Madame Satã. 5 set. 1985 e 6 set. 1985. Estação Paulista.

*SENA ACUMULADA, A.* Texto e cenografia: Mauro Silveira. Direção: Dirceu Demarqui. Assistência de direção, sonoplastia e iluminação: Paulinho Krika. Elenco: Ivo Camargo e Mauro Silveira. De 5 jul. 1989 a 31 ago. 1989. Teatro Zero Hora.

*SENHOR DE PORQUEIRAL, O.* Texto: Molière. Tradução: Pina Côco. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Cenografia: Juvenal Irene dos Santos. Figurinos: Lola Tolentino. Direção musical: Gustavo Kurlat. Iluminação: Wagner Freire. Elenco: Grupo Tapa, com Ernani de Moraes, Noemi Marinho, Zecarlos de Andrade, Brian Penido/Cássio Scapin, Cassiano Ricardo, Clara Carvalho/Christine Couto, Guilherme Sant'Anna, Gustavo Kurlat, Jarbas Toledo, Paulo Arapuan, Valnice Vieira Bolla. Atores para substituição: Denise Weinberg e Nelson Baskerville. De 15 jun. 1989 a 1990. Teatro Aliança Francesa (Centro). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Jefferson del Rios. Um ótimo tapa no porqueirol colonizado. *O Estado de S. Paulo*, 5 jul. 1989, p.3.

*SENHOR DOS CACHORROS, O.* Texto: José Augusto Fontes. Direção: Hugo Barreto. Cenografia e figurinos: José Carlos Serroni. Direção musical: Júlio Medaglia. Elenco: Antônio Fagundes, Edney Giovenazzi e Clarisse Abujamra. De 26 jun. 1980 a 26 out. 1980. Teatro Brasileiro de Comédia.

Crítica: Clovis Garcia. Realidade em dois tons: a análise séria e a sátira. *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 1980, p.19 (acerca também de *Brasil, de fio a pavio*).

*SENHOR GALINDEZ, O.* Texto: Eduardo Pavlovsky. Direção e tradução: Paulo Medeiros de Albuquerque. Revisão final do texto: Carlos Urbim. Cenografia e figurinos: Luís Antônio Carvalho da Rocha e Grupo Circo XX. Música: Celso Loureiro. Iluminação: João Acyr. Elenco: Zecarlos Machado, Cacá Amaral, Nirce Levin, Luiz Damasceno, Thereza Freitas e Christina Rodriguez. De 9 jul. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Ruth Escobar.

Crítica: Clovis Garcia. O simbolismo, dentro dos subterrâneos das ditaduras. *O Estado de S. Paulo*, 9 set. 1980, p.19.

*SENHORA.* Texto: José de Alencar. Adaptação: Sérgio Viotti. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Cenografia: Túlio Costa. Figurinos: Ninette van Muchelen. Elenco: Arnaldo Dias, Antoine Rovis, Isadora de Faria, Imara Reis e Ruthnéa de Moraes. De 4 out. 1985 a 21 nov. 1985. Teatro Popular do Sesi e outros espaços de representação. De 6 jun. 1986 a 17 ago. 1986. Teatro Martins Pena, substituição Ruth Escobar, Centro Cultural São Paulo e outros espaços de representação. 15 e 16 abr. 1987. Auditório da CMTC Clube.

*SENHORA DOS AFOGADOS.* Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Silvia Poggetti. Elenco: Bráulio Negrão, Cícero Gagliardi, Cleide Morote e outros. De 9 a 20 dez. 1987. Clube de Regatas Tietê. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SENHORITA JÚLIA.* Texto: August Strindberg. Tradução: Edith Siqueira e Elias Andreato. Direção: Renato Borghi. Direção musical: Cristiano Mota Mendes. Figurinos: Alice Correa. Iluminação: Hector Othon. Cenografia: Elifas Andreato. Assistência de arte: André Siqueira e Thais Sogayar. Cenotécnica: Jarbas Lotto e Laboratório de Artes Cênicas. Elenco: Edith Siqueira, Elias Andreato, Juçara de Morais. Produção do grupo e da Cooperativa Paulista de Teatro. De 6 abr. 1984 a 27 maio 1984. Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. Peça digna, à altura de Strindberg. *O Estado de S. Paulo*, 19 abr. 1984, p.20.

*SENHORITA JÚLIA* e *O URSO*. Textos: August Strindberg e Anton Tchekhov. Direção: Leda Villela. Iluminação: Alex Andreotti. Cenografia e figurinos: Paulo Molière. Elenco: Clóvis Gonçalves, Nancy Galvão, Cyrano Rosalém, Clóvis Gonçalves, Dirce Carvalho, Adriana Navarro e Cacá de Lima. De 24 jun. 1987 a 4 out. 1987. Teatro Sadi Cabral.

*SERÁ QUE JÁ NOS CONHECEMOS?* Textos: Augusto Francisco, Tennessee Williams, Karl Valentin, Miguel Falabella e Alcione Araújo. Textos selecionados, direção, cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Direção musical e composições: Oswaldo Sperandio. Iluminação: Edgar Duprat. Adereços: Luiz Laranjeiras. Elenco: Carina Palatnik, Luiz Guilherme, Mauro de Almeida e Rafaela Puopollo. De 14 dez. 1987 a 15 abr. 1988. Bar 3º Tempo.

*SERATA FUTURISTA*. *Performance* dirigida por Luiz Fernando Ramos. Coordenação: Héctor Gonzalez. Apresentação: Wilson José. Elenco: Ana Maria Braga, Aderval Borges, Cassiano Quilici e outros. 17 jun. 1985. Estação Madame Satã. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SERIEDADE*. Texto: Grupo Abracadabra. Direção: Olney de Abreu. Elenco: Tadeu Pati, Nelson Baltrucci, Douglas Franco, Edson Melo, Olney de Abreu, Valéria Sanches, Valdemi de Carvalho e Luís Vicente Norris Jr. 28 jun. 1981. Horto Florestal.

*SERMÃO DA SEXAGÉSIMA*. Texto: Padre Antonio Vieira. Adaptação e interpretação: da Cia. de Teatro Sia Santa, com Ayrton Salvanini. Cenografia e figurinos: Jucan. De 5 a 15 jan. 1988. Pequeno Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

*SERPENTE, A*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Antonio Abujamra. Cenografia e figurinos: Augusto Francisco. Elenco: Françoise Fourton, Iara Pietricovski, Nelson Escobar e Antonio Herculano. De 6 set. 1984 a 25 nov. 1984; 26 mar. 1985 a 2 ago. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

Crítica: Clovis Garcia. *A serpente*: espetáculo curto, inovador e mágico. *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1984, p.20.

Obs.: O espetáculo foi apresentado no Festival de Teatro de Expressão Ibérica (Porto, Portugal), em 1985.

*SERTÃO, SERTÃO*. Seleção de textos: José Garbuglio, David José e Lima Duarte. Direção: José Amâncio. Elenco: Lima Duarte, Papete e Saulo Laranjeira. 5 a 14 ago. 1988. Espaço Mambembe.

*SEXY LEILÃO. Performance*. Criação: Lúcia Lisboa, Silvia Mazza, Cassiano Ricardo, Fátima Lima, João Branco e Matias Capovilla. 23 nov. 1985. Malícia Bar.

*SIGILO BANCÁRIO*. Texto: João Bethencourt. Direção: José Renato. Cenografia: Renato Scripilliti. Trilha sonora: Charles Kahn. Elenco: Sérgio Mamberti, Márcia Maria, Luiz Serra, Antonio Petrin, Kátia Soares, Lucélia Machiavelli, Carlos Silveira e Noemi Gerbelli. De 7 jul. 1989 a 10 dez. 1989. Teatro Itália.

*SILVEIRA SAMPAIO EM REVISTA*. Texto composto por cenas de *Triângulo escaleno, Treco nos cabos, A vigarista*. Direção e iluminação: Carlos Palma. Cenografia e figurinos: Cristina Fischetti. Direção musical e instrumentista: Herbert Frederico. Direção de cinema: Mauro Haddar Ruazar. Pesquisa e documentação: Wanderley Fernandes. Elenco/Peça – *Triângulo escaleno:* Luís Carlos Rossi, João Bosco Cunha e Jandira de Souza. Peça – *Treco nos cabos*: Luiz Carlos Rossi, Jandira de Souza, João Bosco Cunha e Herbert Frederico. Peça – *A vigarista*: Luiz Carlos Rossi, Jandira de Souza, João Bosco Cunha e Raphael Messias. Pianista: Herbert Frederico. De 27 jan. 1986 a 15 abr. 1986. Teatro do Bixiga e Teatro Martins Pena.

*SIMÓN*. Texto: Isaac Chocrón. Tradução: Renata Pallottini. Direção: Francisco Medeiros. Cenografia e figurinos: José Armando Ferrara. Iluminação: Francisco Medeiros e José Rubens Siqueira. Direção artística do Projeto: Nagib Elchmer. Coordenação: Antonio Abujamra. Elenco: Giuseppe Oristânio/José Rubens Siqueira e Haroldo Botta/José Fernandes de Lira. De 28 mar. 1984 a 15 jun. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. *Simón*, mágico e emocionante. *O Estado de S. Paulo*, 26 abr. 1984, p.25.

*SIMULADO, O*. Criação: Grupo Teartéia. Direção: Leslie Marko. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: José Eduardo Viotti, Fernando S. Pessoa, Joaquim F. de Oliveira e Laurent Mattalia. De 6 jan. 1981 a 1 fev. 1981. Teatro Martins Pena.

*SINAL DE VIDA*. Texto: Lauro César Muniz. Direção: Oswaldo Mendes. Cenografia e assistência de direção: Suely Muniz. Figurinos: Ana Frida. Iluminação: Dirceu Camargo. Elenco: Antônio Fagundes, Maria Rita, Sadi Cabral, Marlene França, Kate Hansen, Cléo Ventura e Bruno Barroso. De 7 abr. 1979 a 3 fev. 1980. Auditório Augusta.

*SÍNDICA, QUAL É A TUA?* Texto: Luiz Carlos Góes. Direção: João Albano. Elenco: Ana Maria Arbex, Maria Luiza Jorge e Carmem Mello. De 29 out. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Clovis Garcia. Bom espetáculo de autor brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, 1 dez. 1982, p.21.

*SÍNDROME DE SUPER-HOMEM*. Texto inspirado em *O falecido Mattia Pascal*, de Luigi Pirandello: Flávio de Souza. Direção: Cristina Mutarelli. Concepção visual: Mira Haar e Carlos Moreno. Produção: Pod Minoga Studio. Trilha sonora: Tunica. Iluminação e assistência de direção: Hiram Eduardo. Elenco: Flávio de Souza, Iara Jamra, Maria Luiza Jorge, Patrícia Gaspar, Ary França e Décio Pinto. 1986. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Vivien Lando. Contornos de deboche no universo de emoção. *O Estado de S. Paulo*, 15 out. 1986, p.5.

*SÍNTESE E SURPRESA – FRAGMENTOS DO TEATRO FUTURISTA*. Junção de 24 peças-síntese da dramaturgia do futurismo italiano. Direção: Luiz Fernando Ramos. Cenografia: Pedro Salles. Figurinos: Márcia Macul. Iluminação: Luiz Rodrigues. Direção musical: Plínio Cutait. Coreografia: Paulo Contier e Lúcia Navarro. Máscaras: Neneco. Elenco: Ana Maria Braga, Patrícia Gaspar, A. C. Moreira, Paulo Contier, Aderval Borges, Cassiano

Quilici, Luiz Rodrigues e Luiz Fernando Ramos. De 4 out. 1985 a 19 nov. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Teatro João Caetano.

Crítica: Clovis Garcia. Peças experimentais importantes. *O Estado de S. Paulo*, 31 out. 1985, p.14 (acerca também de *Ubu*).

*SIZWE BANZI ESTÁ MORTO*. Texto: Athol Fugaard, John Kani e Winston Ntshona. Tradução: Adriane Marcolino. Direção: Edemir Ferreira. Iluminação: Abel Kopanski. Produção: Grupo Uhuru. Elenco: João Acaiabe e Ricardo Dias. De 21 ago. 1987 a 25 out. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia e Casa de Cultura Amácio Mazzoropi.

*SÓ NÓS DOIS*. Texto: Roberto Villani. Direção: André Rezende. Elenco: Valter Gabarron e Roberto Campolican. De 9 jun. 1987 a 30 set. 1987. Teatro Acrópolis.

*SOB CONTROLE*. Texto: Neri Gomes de Maria. Direção: José Luís de Oliveira. Música: Paulo Barros. Produção: Grupo e Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Valéria Santos, Richard Saadi e Valnice Vieira. De 27 jul. 1981 a 4 out. 1981. Espaço Cultural TTT – Truques, Traquejos e Teatro e Teatro Martins Pena.

*SOBRE VIDA*. Texto: Paulo Miranda. Direção: Ruy Tupinan. Elenco: Flávio Guarnieri e outros. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*SOBREVIVIDOS*. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Leão Lobo. Elenco: Afonso Coralov, Cida Moreyra, Cristina Dias, Leão Lobo, Lúcia Bavaresco, Fábio Ferrigoli e William Guimarães. De 4 nov. 1982 a 6 fev. 1983. Teatro Cenarte. 1984. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento do espetáculo.

Críticas: Clovis Garcia. A dramaturgia nacional em dois espetáculos corretos. *O Estado de S. Paulo*, 19 dez. 1982, p.51 (acerca também de *Fim de caso*).

Clovis Garcia. Textos que falaram sobre cultura brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1982, p.11 (acerca também de *Lola Moreno, Mural mulher* e *Capitães de areia*).

*SOCIETY IN BAIXARIA*. Texto: Celso Luiz Paulini. Direção: Paulo Novaes. Elenco: Kate Hansen e Emerson Caperbá. De 9 nov. 1989 a 1990. Teatro Brasileiro de Comédia (Arte). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*SÓCRATES DE PLATÃO*. Interpretação e adaptação: Ayrton Savanini e Marcos Machado. Cenografia e figurinos: Jucan. De 2 a 12 fev. 1988. Pequeno Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

*SOLIDÃO E CIA. LTDA*. Texto e direção: Francisco Azevedo. Elenco: Carlos Cardoso, Cida Camargo, Fábio Chester e outros. 1988. Espaço Aonde. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento do espetáculo.

*SOLNESS, O CONSTRUTOR*. Texto: Henrik Ibsen. Tradução: Edla Van Steen. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Cenografia: Ricardo Ferreira. Assistência de cenografia: Ana Rita Bueno. Figurinos e direção de arte: Lola Tolentino. Iluminação: Sidnei Sérgio Rosa. Pintura: Antonio Carlos Leite e Quirino Fortunato Leite. Adereços: Juvenal Irene dos Santos e Damaris Martins dos Santos. Supervisão de cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Coordenação: Joaquim da Silva. Elenco do Grupo Tapa: Paulo Autran, Denise Weinberg, Abrahão Farc, Karin Rodrigues, Cissa Carvalho, Charles Myara e João José Pompeo. De 14 set. 1988 a 30 dez. 1988. Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Jefferson del Rios. *Solness*, uma sólida catedral de estilo e técnica. *O Estado de S. Paulo*, 17 set. 1988, p.2.

Obs.: Às quartas-feiras, a partir de 16 nov. 1988, a Companhia promovia debate público após o espetáculo, acerca da obra e do autor.

*SOMENTE ÀS QUARTAS-FEIRAS COM A OUTRA*. Texto: Muriel Resnik. Direção: Jece Valadão. Adaptação: Gugu Olimecha. Elenco: Jece Valadão, Lílian Ramos, Paulo Wolff e Vera Mancini. 20 a 27 dez. 1987. Teatro Hilton.

*SOMOS... MAS QUEM NÃO É?* Texto: Eliseu Miranda. Direção: Sebastião Apolônio. Cenografia: Alexandre Rocha. Figurinos: Vera Tavares de Lima. Iluminação: Hélcio Vidal. Elenco: Sebastião Apolônio, Zilda Mayo, Raul Gonçalves, Altino Tesk e Júlio César Nabuco. De 13 abr. 1983 a 28 jul. 1983. Teatro Cenarte e Teatro Major Diogo.

*SONHO (OU TALVEZ NÃO)*. Texto: Luigi Pirandello. Tradução e figurinos: Gianni Ratto. Direção: Márcia Abujamra. Cenografia: Luis Frúgoli. Iluminação: Jorge Takla. Coreografia: Zeca Nunes. Trilha sonora: Tunica. Elenco: Edith Siqueira, Carlos Palma e Guilherme Bonfanti. De 26 ago. 1987 a 29 set. 1987. Teatro Igreja.

*SONHO DE UMA NOITE DE VELÓRIO*. Texto: Odir Ramos da Costa. Direção, coreografia, trilha sonora e iluminação: Celso Saiki. Figurinos: Zamir D'Oliveira. Elenco: Pessoal do Poente, com Lucinha de Brito, Marcos Marcel, Radja Lins e Rita Almeida. Atores convidados: Ivo Haberli e Zanir D'Oliveira. Participação especial: Bisa. De 16 a 31 ago. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Célia Helena.

*SONHO DE UMA NOITE DE VELÓRIO*. Texto: Odir Ramos da Costa. Direção: Denoy de Oliveira e Ilder Miranda. Elenco: Augusto Borges, Carminda André, Dalex Mosi e Luiza Mendo. De 13 a 24 jun. 1984. Teatro Paulo Eiró.

*SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO*. Texto: William Shakespeare. Direção e adaptação: Carlos Meceni e João Bourbonnais. Cenografia e figurinos: Miguel Paladino. Coreografia: Anselmo Moreno. Música: Filó. Técnica circense: Manoel Ramos Leite. Elenco: Adriana Pedreschi, Boris Trindade Jr., Camila Bolaffi, Rodrigo Matheus, Dirceu de Oliveira, Fernando Carvalhosa, Kiko Bellucci, Mariana Maia, Ruth Zyman, Sylvia Soares, William Tucci e mais 24 pessoas cujos nomes não constam nas fontes consultadas. De 25 jan. 1987 a 29 mar. 1987. Conjunto Esportivo Constâncio Vaz Guimarães.

*SONHO E OUTRO SONHO, UM*. Texto: Machado de Assis. Direção: Ângela Carvalho e André Gardel. Elenco: Grupo de Pesquisas Literárias e Teatrais do Tuca, com Mariza Woodward, Jofre Soares e outros. De 8 dez. 1989 a 1 abr. 1990. Auditório do Tuca.

*SOPA DE SONHO*. Texto e direção: Celso Frateschi. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Música e direção musical: Tato Fischer. Elenco: Grupo Teatral Esquina (EAD/USP), com Carlos Takeschi, Cristina Bosco, Marcília Rosário, Nelson Baskerville, Reinaldo Santiago, Wilson Justino e André Cecatto. De 29 abr. 1983 a 31 jul. 1983. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Autor retrocede em nova montagem. *O Estado de S. Paulo*, 3 jul. 1983, p.42,

*SOPRO DE VIDA, UM*. Texto: Clarice Lispector. Adaptação: Marilena Ansaldi e José Possi Neto. Direção: José Possi Neto. Coreografia: Victor Navarro. Iluminação: Jorge Costa. Cenografia: Felippe Crescenti. Elenco: Marilena Ansaldi e Ulis. De 7 ago. 1979 a 27 jan. 1980. Teatro Ruth Escobar (Sala Galpão) e Teatro Municipal.

*SORVESTAR, UMA VIAGEM INTERGALÁTICA*. Texto e direção: Celso Saiki. 1984. Não há mais informações sobre o espetáculo nas fontes consultadas.

*SP EM SURTO*. *Performance* com ideia de Grace Giannoukas, do Grupo Harpias e Ogros. Produção coletiva. Roteiro – Palco: Cláudia Wonder, Corcunda e Coga. Saguão: Emile (Luis Lopreto), Galã (Marcelo Mansfield), Carlito Continu, Rapunzel (Giovanna Gold), Sax (Gilles Eduard), Madeleine (Grace Giannoukas). Palco: Julinho e Arthur (Júlio Sárkány, Arthur Khol), Lala e Luni, Defunto, Pesadelo, Marylin e Maggy (Paulo Gandolfi, Lucienne Adami). Klaus Nomi – Harpias e Ogros, Parabéns (Marcelo Mansfield), Luni e Marisa Orth, Dublagem (Kaique Antunes), Emile e Galã (Marcelo Mansfield, Luiz Lopreto), Jack (Lucienne Adami e Paulo Gandolfi. Praia (todos). Participaram do evento: Grupo Luni, Harpias e Ogros, XPTO e outros integrantes das áreas de teatro, mímica, música e artes plásticas. 7 nov. 1986. Espaço Mambembe.

*SPECTRUM*. Inspirada em Vergílio Ferreira e Jean-Paul Sartre. Texto: Laerte Levay. Direção: Décio Betencourt. Elenco: Munir Mendjoud e Tâmara Bauah. 1989. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*SUA EXCELÊNCIA, O CANDIDATO*. Texto: Jandira Martini e Marcos Caruso. Direção: Silnei Siqueira. Cenografia: Flávio Phebo. Iluminação: Abel Kopanski. Sonoplastia: José Cavalcanti Filho. Adereços: Carlos Machado. *Jingle*: Alberto Caruso. Elenco: Renato Consorte, Elizabeth Hartmann, Benjamin Cattan, Marcos Caruso/Luiz Serra, Eliana Rocha, Eurico Martins e Edson Koshiyama. De 10 jan. 1986 a 3 maio 1987. Teatro Itália.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O humor, da grosseria à perfeição. *O Estado de S. Paulo*, 29 jan. 1986, p.15.

*SUÍTE FORA DE SI*. Texto: Wagner Coelho e Joaquim Paula. Direção e produção: Grupo Torpes Delícias, com Wagner Coelho, Joaquim Paula e Renato Calaça. 29 abr. 1987. Estação Madame Satã e Sesc Pompeia. Não foi possível recuperar data de encerramento da temporada.

*SUÍTE PARA 1, 2, 3*. Criação: Grupo Marzipan. Espetáculo com oito peças coreográficas de Renata Melo, Cacá Ribeiro, Fernando Lee e Rose Akras. 1987. Espaço Off. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Obs.: Por se tratar de um trabalho situado em "zona de fronteira", misturando dança e teatro, ora o Grupo era inserido no roteiro de teatro, ora no de dança.

*SUPERMEN*. Texto: Colin Spencer. Tradução: Pontes de Paula Lima. Direção: Carlos Di Simoni. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: André Loureiro, Arlindo Barreto/Giuseppe Oristânio, Ana Mauri, Carlos Capeletti e Hilda Zerlotti. De 2 fev. 1980 a 27 abr. 1980. Café Teatro Odeon.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Super-heróis que não cabem no palco. *O Estado de S. Paulo*, 21 fev. 1980, p.18.

*SUPYSÁUA, ÍNDIO ÍNDIO*. Texto e direção: Aurélio Michiles. Figurinos e cenografia: Sônia da Silva Lorenz. Assistência etnográfica: Maria Elisa Ladeira. Iluminação: Iacov Hillel. Direção musical: Caito Marcondes. Trabalho corporal: Maria Elisa Ladeira. Elenco: Isa Kopelman, Alice Gonçalves, Lenira Rangel, João Paulo, Aurélio Michiles, Almir de Areias, Maurício Paoli, Helô Pires e José Ordoñez. De 31 out. 1980 a 31 dez. 1980. Pavilhão da Bienal.

*SWING – A TROCA DE CASAIS*. Texto: Luís Carlos Cardoso. Direção: Kleber Afonso. Iluminação: Cidinho Guedes. Elenco: Ruthnéa de Moraes, Carlos Seidl, Walter Cruz e outros. De 10 nov. 1982 a 6 fev. 1983. Teatro Major Diogo. 1984. Teatro Major Diogo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*SWING – A TROCA DE CASAIS*. Texto: Luís Carlos Cardoso. Direção (em algumas fontes aparece como direção coletiva): Juca de Oliveira. Cenografia: Felippe Crescenti. Iluminação: Cidinho Guedes. Sonoplastia: Flávia Calabi. Cenotécnica: Joel Jardim. Elenco: Juca de Oliveira, Luiz Gustavo, Kate Hansen/Íris Bruzzi e Cléo Ventura. De 10 maio 1980 a 6 set. 1981. Teatro Franco Zampari.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *Swing*: do cômico ao grotesco, com bom gosto. *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1980, p.16.

*TÁ BOA, SANTA?* Texto: Fernando Mello. Direção: Álvaro Guimarães. Figurinos: Ivete Bonfá. Trilha sonora: Carlos Henrique (Poli). Elenco: Sebastião Campos, Paulo Wolf e Ivete Bonfá. De 11 fev. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro Markanti e Teatro Martins Pena.

Crítica: Clovis Garcia. A comédia é boa. E o público ri o tempo todo. *O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1982, p.20.

*TABLEFADAS*. Texto: Gilson Lopes, Milton Camino e Toninho Macedo. Direção: Toninho Macedo. Grupo Tabefe. De 28 mar. 1984 a 8 abr. 1984. Teatro Cenarte.

*TALVEZ UM BEIJO NA BOCA*. *Performance* de Fábio Cimino. Participação especial: Gustavo Suarez. 15 e 16 set. 1986. Estação Madame Satã.

*TAMANHO DOS OLHOS, O*. Concepção e interpretação: Eliana Teruel, Lena Whitaker e Marcelo Mansfield. Direção: Patrícia Gaspar. 13 a 23 jul. 1988. Espaço Off.

*TAMBORES NA NOITE*. Texto: Bertolt Brecht. Tradução: Fernando Peixoto. Direção: Mario Masetti. Cenografia e figurinos: Beto Nanieri. Direção musical: Chiquinho Brandão e Wanderley Martins. Trilha sonora: Zero Freitas, com o Grupo Bando da Lua Vermelha, formado por Alzira Andrade, Cacá Rosset, Cláudio Mamberti, Dulce Muniz, Edith Siqueira, Wanderley Martins, Alain Fresnot, Cecília Camargo, Chiquinho Brandão, Júlia Pascale, Mario Masetti e Rafael Ponzi. De 25 dez. 1980 a 1 fev. 1981. Teatro Lira Paulistana e outros espaços de representação.

*TANGOS E TRAGÉDIAS*. Texto (vocal e acordeon): Nico Nicolaiewsky e Hique Gomes (violino e vocal). Iluminação: Guilherme Bonfanti. Elenco: Dilmar Messias. 11 a 14 mar. 1987. Espaço Off e Teatro João Caetano.

*TANTOS & TORTOS DEVANEIOS A BOMBORDO*. Criação: Companhia Cênica de Brincadeiras Tantos & Tortos. Direção: Sérgio Luiz Penna. Cenografia: Rosana Schimitt e Adriana Grechi. Figurino: Érica Mazotto. Adereços de cena: Sérgio Gonzalez. Bonecos: Wilson Franco e Cia. Cênica. Camisetas e grafitti: Romano e Pedro. Banda Salamandra: Ângelo (sanfona), Lúcia (violão, viola e voz), Gui (contrabaixo), André (clarinete) e Alaor (bateria e percussão). Elenco: Adriana Grechi, Emília Paula Mello, Marcelo Marer e Mariana Mesquita. De 31 ago. 1983 a 3 jun. 1984. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Centro Cultural São Paulo.

Crítica: Clovis Garcia. Pesquisa e experiência pelo teatro alternativo. *O Estado de S. Paulo*, 24 dez. 1983, p.12 (acerca também de *Biedermann e os incendiários, Tantos & tortos* e *Os pqp – palhaços queridos*).

*TANTOS & TORTOS DEVANEIOS A BOMBORDO*. Criação: Companhia Cênica de Brincadeiras Tantos & Tortos. 1984. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*TANZI – UMA MULHER NO RINGUE*. Texto: Claire Lucham. Tradução e adaptação: Luís Fernando Veríssimo. Direção geral: Roberto Lage. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Direção musical: Oswaldo Sperandio. Música: Oswaldo Sperandio. Letra: José Rubens Chasseraux. Preparador físico e de lutas: Maurício Calil. Elenco: Mayara de Castro, Raymundo de Souza, Cláudia de Castro, Roseli Silva, Patrícia Gaspar, Luiz Guilherme e Paulo César Gorgulho. De 29 mar. 1985 a 12 maio 1985. Auditório Augusta.

*TAPERA TAPEJARÁ CABORÉ*. Revista poético-musical de Esdras Domingos e Paulo Morais (proposta para lembrar e homenagear o Tropicalismo), encenada pela Cia. Dramática Formicida Avec Cachaça. 1986. Centro Cultural São Paulo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*TARÂNTULA, A*. Texto: Paulo Emanuel. Direção: Paulo Emanuel e Rita Borges. Produção: Teatro Experimental O Ovo (Salvador, BA). Elenco:

Marcelo Dantas, Newton Bacelar e Roberval Barreto. De 13 a 24 jan. 1982. Teatro Ruth Escobar.

*TARÔ-ROTA ATOR*. Texto, pesquisa e criação, com coordenação de Renato Cohen: Grupo Estação da Luz (ideia do ator como *performer*). Criação musical: Armando Chuh. Iluminação: Paulo Almeida. Figurinos: Beatriz Bianco. Cenotécnica: Alberi Lima. Sonoplastia: Javier Rodrigues. Marionete: Esther Fingerman. Máscara Nô: Donato Velleca. Elenco: Sérgio Esteves, Angela Barros, Alberi Lima, Beatriz Bianco, Meire Nestor, Nello Landi e Renato Cohen. 8 maio 1984. Estação Madame Satã. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TARTUFO, O*. Texto: Molière. Direção: José Possi Neto. Assistência de direção: Hiram Eduardo. Cenografia: Felippe Crescenti. Assstência de cenografia: Luis Frugoli. Direção de cena: Josafá Souza Santos. Figurinos: Clô Orosco e João Santaella Jr. Preparação corporal: Mazé Crescenti. Cenotécnico-chefe: Walter Emílio. Elenco: Paulo Autran, Cristina Mutarelli, Karin Rodrigues, Cláudia Alencar, Sérgio Mamberti, Hedy Siqueira, Arnaldo Dias/ Ivan Lima, Emerson Caperbá, José Barbosa, George Freire, Roberto Orosco, Nicole Puzzi, Raul Barreto e Walter Seben. De 31 mar. 1985 a 22 set. 1985. Teatro Maria Della Costa.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Autran/Tartufo e alquimia teatral. *O Estado de S. Paulo*, 13 abr. 1985, p.20 (acerca também de *Feliz páscoa*).

Obs: Este espetáculo foi apresentado, no mesmo teatro, em rodízio com *Feliz páscoa*, do Projeto Exercício de Comédia.

*TARTUFO, O PECADO DE MOLIÈRE*. Texto: Molière. Adaptação: Carlos Henrique Escobar e João Albano criaram as cenas suplementares da obra. Direção e iluminação: João Albano. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Direção musical: Tunica. Elenco: Geraldo Del Rey, Henrique César, Maria Yuma, Oswaldo Barreto, Selma Luchesi, Jorge Cerruti, Eliana do Valle, Ângelo Sarra, Sandro Silva e a voz de Walmor Chagas. De 6 jun. 1984 a 11 nov. 1984. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Molière em encenação com ritmo ágil: *Tartufo*. *O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 1984, p.25.

*TEATRO DE CORDEL*. Texto organizado a partir de várias histórias com adaptação de Vic Militello e Orlando Senna. Direção: Vic Militello. Elenco: alunos do curso de teatro da Academia Piolim de Artes. De 20 set. 1980 a 1981. Teatro da Praça. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

Crítica: Clovis Garcia. Revista, em duas comédias. *O Estado de S. Paulo*, 2 out. 1980, p.23.

*TEATRO DE OBJETOS OU ATORES-OBJETOS*. Texto: Sulamita Mereines e Antonio Damásio. Participação do físico e crítico de arte Mário Schemberg. 2 e 3 maio 1984. Museu da Imagem e do Som. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*TEATRO DO ORNITORRINCO CANTA BRECHT E WEILL*. Texto: Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução: Paulo Heculano, Cacá Rosset e Luiz Roberto Galízia. Direção: Cacá Rosset. Elenco: Cacá Rosset, Cida Moreyra e Luiz Roberto Galízia. De 1 a 14 maio 1982. Museu de Arte de São Paulo, Centro Cultural São Paulo e Sesc Pompeia. Trata-se de uma segunda versão. A primeira estreou em 27 ago. 1977, no porão do Teatro Oficina. Em terceira versão, o espetáculo foi apresentado em 14 ago. 1983, no Sesc Pompeia, no evento *14 noites de performances*.

*TEATRO FEITO EM CASA*. Criação: Grupo Via Magia. Elenco: Cleo Busatto, Ro Reyes e Ruy César. 8 mar. 1983. Sesc Pompeia. De 23 a 27 mar. 1983. Teatro Faap.

*TEATRO MALUCO DE ZÉ FIDELIS, O*. Texto: Zé Fidelis. Adaptação: Grupo O Pau Brasil o Português Levou. Direção: Paulo Yutaka. Cenografia e figurinos: Márcio Medina. Direção musical: Murilo Alvarenga. Direção de cena: Cacau. Elenco: Mirtes Mesquita e Carlos Augusto de Carvalho. De 13 dez. 1982 a 1 maio 1983. Teatro Augusta, Teatro Paulo Eiró, Teatro João Caetano, Teatro Cultura Artística, Sesc Pompeia e Centro Cultural São Paulo.

Crítica: Clovis Garcia. Os méritos da montagem dos textos de Zé Fidélis. *O Estado de S. Paulo*, 28 jan. 1983, p.15.

*TEATRO POPULAR UNIÃO OLHO VIVO. Shows*. Artista/Conjunto: Teatro Popular União Olho Vivo, Chico Buarque, José Maria Giroldo, Arlindo Bello, Carlos Castilho, Murilo Alvarenga, Vitor Bartoluci e João Samuel Dias. Convidados: Fidel Castro, Adolfo Pérez Esquivel, Lula, Carlito Maia, Frei Beto e Frei Giorgio. Trata-se de gravações de shows realizados pelo Tuov no Brasil e no exterior. De julho de 1978 até 2001.

Obs.: Segundo César Vieira, em entrevista a mim concedida, o Grupo apresentou inúmeros espetáculos musicais nessa década, com cenas de obras anteriores. *Ivoty Pitá* correspondia ao espetáculo *Morte aos brancos* de menor extensão, em que havia a cena da "desbatização" do *Morte aos brancos*, uma cena do *Bumba meu queixada* e outra do *Rei Momo*. Além disso, o Grupo apresentou, ainda, dois outros eventos chamados *Império brasílico* e *América nossa América*.

*TEATRO QUE VI NA EUROPA, O. Performance* com texto: Miguel de Almeida. Elenco: Ivald Granato, Laís Machado e Cláudia de Alencar. 6 e 7 maio 1983. Sala Parangolé, do Carbono 14.

*TEÇO, CADÊ MEU PAI?* Texto: Tom de Carvalho. Direção: Lauro Alves. Elenco: Grupo Teatral Grita, com Tom de Carvalho e Roberto de Carvalho. De 6 a 10 mar. 1985. Teatro Paulo Eiró.

*TEIA DE ARANHA*. Texto: Agatha Christie. Tradução: Olympio José. Direção: Elvira Gentil. Cenografia e figurinos: Zéapparecido Cunha. Iluminação: Mário Márcio. Trilha sonora: Carlos Roberto. Elenco: Rubens Pignatari, Elvira Gentil, Gustavo Pinheiro, José Lira, Décio Gentil, Vanice Pedrazzini, Elaine Carvalho/Ethel Alves, Fernando Rodrigues, Luis Cutolo, Ibsen Wilde, Rubens Pignatari e Wilson Tímpano. De 12 mar. 1987 a 5 jul. 1987. Teatro Markanti.

*TELEDEUM*. Texto: Albert Boadella. Direção: Cacá Rosset. Cenografia, figurinos e programação visual: Miguel Paladino. Direção e produção musical: Sérvulo Augusto. Coreografia e assistência de direção: Lala Deheinzelin. Iluminação: Abel Kopanski e Guilherme Bonfanti. Sonorização: Tapeson (Ailton D'Ângelo). Elenco: Grupo Ornitorrinco, com Rosi Campos, José Rubens Chachá, Ricardo Blat, Gerson de Abreu, Ary França, Mário César Camargo,

Norival Rizzo, Paulo Ivo, Roney Facchini e Roseli Silva. De 24 abr. 1987 a 28 fev. 1988. Teatro Ruth Escobar e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). Temporada popular: de 3 a 20 mar. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho). De 15 abr. 1988 a 18 set. 1988. Teatro Igreja.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Uma comédia singela, quase pura. *O Estado de S. Paulo*, 8 mar. 1988, p.3.

Obs.: Acerca do espetáculo, em entrevista a mim concedida em 17 fev. 2006, afirma Iná Camargo Costa:

> *Teledeum* foi um acontecimento no teatro paulista porque desmascarou profundamente o dito liberalismo da Nova República. Porque a Santa Madre Igreja mandou vetar e a Censura vetou. Ainda não havia sido promulgada a Constituinte de 1988. Portanto, todo o arsenal de repressão da ditadura persistia valendo. Pois é, o governador do PMDB não "peitou" a Igreja Católica. Que República é essa?! Que Nova República é essa em que a Igreja veta um espetáculo teatral? Então, se a obra não tivesse qualquer outro valor, por este valor histórico e político, desmascarou o discurso e a pose da Nova República. [...] Então, um dos grandes feitos do teatro brasileiro dos anos oitenta foi barrar a pretensão da Igreja Católica de definir o nosso cardápio teatral. Isso é um grande feito e tem que ser lembrado. Aliás, a peça continua atual porque discute a mercantilização da fé.

O espetáculo foi apresentado também no X Festival Internacional de Teatro (Manizales, Colômbia) e no Festival Internacional das Ilhas Canárias, ambos em 1988.

*TEM CAVIAR NA FEIJOADA*. Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Nuno Oliveira Gallo. Cenografia: Cláudia Fernandes. Figurinos: Cidinha Freitas. Iluminação: Aristides Moreira. Sonoplastia: Laura Soares. Elenco: Cidinha Freitas, Edy Soares, Karina Katmo, Rony Guilherme e Sandra Amorim. De 13 fev. 1989 a 28 maio 1989. Teatro Bela Vista.

*TEM UM PSICANALISTA EM NOSSA CAMA*. Texto: João Bethencourt. Direção: Odavlas Petti. Assistência de direção: Narcy Jr. Cenografia: Flávio Phebo. Figurinos: Chico Spinosa. Iluminação: Paulo Rosa Ramos. Cenotécnica: Aldemar de Oliveira Lima (Nenê). Elenco: Irene Ravache, Fúlvio Stefanini e Serafin Gonzalez. De 22 jan. 1980 a 28 jun. 1981. Teatro Itália e outros espaços de representação.

Críticas: Clovis Garcia. Agilidade do diálogo em uma comédia de João Bethencourt. *O Estado de S. Paulo*, 3 fev. 1980, p.36; idem, O recomendável e o óbvio em mais duas comédias em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1980, p.23.

*TEMOS QUE DESFAZER A CASA*. Texto: Sebastian Junyent. Tradução: Eugênio Puppo, Otávio Dias e Mario García-Guillén. Direção e cenografia: Marcio Aurelio. Elenco: Maria Della Costa e Maria Luiza Castelli. De 1 mar. 1989 a 30 abr. 1989. Teatro Hilton.

*TEMPESTADE, A (OU O PUNHAL DE CALIBAN)*. Texto inspirado em obras de William Shakespeare. Direção e figurinos: Ilo Krugli. Cenografia: Roberto Mello e Ilo Krugli. Direção musical: Rui Weber. Músicas: Ilo Krugli, Edgard Lippo, Rui Weber e Alex de Souza. Iluminação: Roberto Mello. Criação e confecção dos bonecos: João Maria Teixeira e Glyns Braga Roman. Elenco do Teatro Ventoforte: Luiz Laranjeiras, Antonio Gomes, Fátima Campideli, Ilo Krugli, Cecéu Mendonça, Paulo da Rosa e Rosa Camporte. Músicos-marinheiros: Alex de Souza, Fábio Torini, Fernando Cavalcante, João Batista e Maria do Carmo Amaral. De 23 nov. 1989 a 17 dez. 1989. Teatro Ventoforte.

*TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA*. Roteiro: Paulo Yutaka. A partir da direção de Luiz Roberto Galízia. Elenco: Grupo de Arte Ponkã, com Ana Lúcia Cavalieri, Carlos Barreto, Celso Saiki, Graciela de Leonardis, Hector Gonzáles, Paulo Yutaka e Sérgio Silva. De 7 a 29 set. 1987. Teatro Maria Della Costa.

*TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA*. Roteiro: Paulo Yutaka. Direção: Luiz Roberto Galízia. Direção musical: Hector Gonzalez. Músicos que também participam do espetáculo como atores: Alcides Trindade, Graciela Leonardis e Hector Gonzalez. Dançarino: Milton Tanaka. Elenco: Grupo de Arte Ponkã, com Carlos Barreto, Ana Lúcia Cavalieri, Celso Saiki e Milton Tanaka. De 28 fev. 1983 a 26 jun. 1983. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado), Teatro Experimental Eugênio Kusnet e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. Demonstração de qualidade teatral renovada: Pon-Kã. *O Estado de S. Paulo*, 18 mar. 1983, p.14.

*TEMPO E A VIDA DE CARLOS E CARLOS, O.* Texto e direção: Emílio Di Biasi. Assistência de direção: Vitor Machado Ficca e Marcelo Marchioro. Música: Arrigo Barnabé e Hermelino Neder. Dramaturgia: Alberto Guzik e João Cândido Galvão. Coreografia: Emílio Alves. Cenografia, figurinos e adereços: Mário Cafiero. Iluminação: Iacov Hillel. Cenotécnica: José Revolto Mir. Elenco: Carlos Mani, Alberto Soares, Genésio de Barros, Marco Stocco, Gaby Imparato, Cristina Sano, João Vieira, Daniela Mazzariol, Carlos Martins, Miriam Mehler, Marcos Machado, Sacha Svetloff, Eugênio Puppo e Célia Orlandi. De 28 ago. 1987 a 27 set. 1987. Teatro Sérgio Cardoso. De 9 a 27 set. 1987. Teatro João Caetano.

Obs.: O espetáculo, que recebeu o Prêmio Estímulo, é resultante de uma oficina desenvolvida nas Oficinas Culturais Três Rios, cuja proposta era O Teatro de Bob Wilson. No programa, e logo na primeira página, o espetáculo está dedicado "[...] à memória de Luiz Roberto Galízia, grande inspirador deste espetáculo".

*TEMPO E OS CONWAYS, O.* Texto: J. B. Priestley. Tradução: Renato Icarahy. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Cenografia: Ricardo Ferreira. Figurinos: Lola Tolentino. Direção musical: José Lourenço. Iluminação: Cia. de Luz, Samuel Betts – Juares Farinon. Elenco: Grupo Tapa, com Beatriz Segall, Denise Weinberg, Ricardo Blat, Cristiane Couto, Emília Rey, Giuseppe Oristânio, Luciana Braga, Luís Carlos Buruca, Maria Clara Carvalho e Vicente Barcellos/Clóvis Gonçalves. De 27 ago. 1986 a 28 dez. 1986. Teatro Aliança Francesa (Centro).

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Os Conways, esses chatos. *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1986, p.4.

*TENTAÇÃO.* Texto e direção: Paulo Emanuel. Canto e violão: Anelize. Elenco: Grupo Amor Roxo, de Salvador (Bahia). De 28 fev. 1983 a 10 mar. 1983. Teatro Ruth Escobar.

*TERAPIA COM O ANALISTA DE BAGÉ.* Adaptação da obra Luís Fernando Veríssimo: Cláudio Cunha. Direção e iluminação: Oswaldo Loureiro. Cenografia: Lielzo Azambuja. Música: Zé Rodrix e Miguel Paiva. Coreografia: Toni Nardini. Direção musical: Cláudio Savietto. Sonoplastia: Geraldo José. Elenco: Cláudio Cunha e Edna Velho. De 1 set. 1989 a 26 fev. 1990. Teatro Bibi Ferreira.

*TERCEIRO BEIJO, O.* Texto: Walcir Carrasco. Direção: Jacques Lagoa. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Roberto Issa e outros. Sonoplastia: Tunica. Iluminação: Sidnei Sérgio. Elenco: Nicole Puzzi, Márcio de Luca, Ney Galvão, Liana Duval. De 4 set. 1984 a 11 dez. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia.

*TERESINHA DE JESUS.* Texto e direção: Ronaldo Ciambroni. Direção musical e música: Gilda Vandenbrande. Letras de músicas: Dirceu de Oliveira. Elenco: Ronaldo Ciambroni, Eurico Martins, Vera Mancini, Renato Kramer, João Prata e Wilma de Souza. De 29 ago. 1981 a 25 out. 1981. Teatro Taib, Teatro Paiol e Teatro João Caetano.

*TEREZINHA DE JESUS.* Texto: Ronaldo Ciambroni. Direção: Luis Damasceno. Cenografia e figurinos: Sérgio de Oliveira. Efeitos especiais: Lu Martan. Direção musical e música: Gilda Vandenbrande. Letras de músicas: Dirceu de Oliveira. Coreografia: Nancy Rinaldi. Direção de cena: Sebastião Isaías. Elenco: Ronaldo Ciambroni, Kleber Macedo/Florissa Rossi/Vera Mancini, Salomé Parísio, Cacá Amaral, Carlos Capelletti/Luiz Peixe, Carlos Milani, Cristina Marques, Eurico Martins, José Rosa, Manuel Luiz Aranha, Nina Rosa, Raimundo de Souza e Sonia César. 22 mar. 1980. Teatro Aplicado, Teatro Martins Pena e Teatro da Praça. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TERROR E MISÉRIAS DO III REICH.* Texto: Bertolt Brecht. Elenco: Grupo Mamão de Corda, com Ana Lúcia Cavalieri, Evinha Sampaio, Ernani, Hélio Cícero e Wilson Justino. De 12 a 16 mar. 1980. Teatro Arthur Azevedo. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*THEATRO MUSICAL BRASILEIRO: 1914-1945.* Roteiro e direção: Luiz Antonio Martinez Corrêa e Marshall Netherland. Direção geral: Luiz Antonio Martinez Corrêa. Direção musical: Marshall Netherland. Cenografia e figurinos: Patricio Bisso. Iluminação: Maneco Quindaré. Coreografia: Gisele Schwartz. Supervisão de coreografias: Nadia Nardini. Preparação vocal: Marcos Leite. Pintura de telões: Odilon e equipe Central Técnica de Produção da Funarj. Supervisão artística: Fabio Pilar. Cenotécnica: José Revolto Mir e Álvaro Fagundes. Elenco: Annabel Albarnoz, Aloísio de Abreu, Andréa Dantas, Eduardo Silva, Jorge Maia, Licia Manzo, Luiz Carlos Buruca, Maria

Sita, Márcia Cabral, Carlos Jaolino, Gustavo Rocha e Marshall Netherland. Músicos: Marshall Netherland (piano) e Mario Leme (bateria). Participação especial de Zé Celso. De 16 set. 1988 a 30 dez. 1988. Teatro Itália.

Crítica: Jefferson del Rios. O encanto do *Theatro musical brasileiro*. *O Estado de S. Paulo*, 23 set. 1988, p.3.

*TIA CLOSE*. Texto: Pedro Tadech e Pasqual Lourenço. Direção: Ricardo Dix. Iluminação e sonoplastia: Paulo Roberto Giácomo. Visual: Tetê Miranda. Elenco: Pasqual Lourenço. De 11 abr. 1988 a 24 jul. 1988. Teatro de Bolso.

*TIAS, AS*. Texto: Agnaldo Silva e Doc Comparato. Direção e visual: Carlos Di Simoni. Figurinos: Lu Martan. Elenco: Oswaldo Barreto, Kleber Afonso, Carlos Capeletti, Josmar Martins, Cláudio Curi, Vitor Branco e Deive Rose/Sandra Barsotti. De 30 jul. 1982 a 16 jan. 1983. Café-Teatro Odeon.

Crítica: Clovis Garcia. O mérito de duas peças, a direção. *O Estado de S. Paulo*, 1 out. 1983, p.16 (acerca também de *As quatro meninas*).

*TIETÊ, TIETÊ*. Texto: Alcides Nogueira Pinto. Direção e trilha sonora: Marcio Aurelio. Cenografia: Luiz Fernando Pereira. Iluminação: Luiz Marchi. Elenco: Grupo Os Farsantes, com Cecília Camargo, Marcelo Almeida, Elias Andreato, Júlia Pascale, Edith Siqueira, Juçara de Moraes, Maria Cecília Garcia e João Paulo Couto. De 18 set. 1980 a 27 jan. 1981. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Teatro Museu de Arte de São Paulo.

*TIGRESA, A*. Texto: Dario Fo. Atuação e direção: Maurice Vaneau. Tradução: Millôr Fernandes. De 9 mar. 1985 a 16 jun. 1985. Teatro Cultura Artística e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Clovis Garcia. Fo, Vaneau e a essência do teatro. *O Estado de S. Paulo*, 7 abr. 1985, p.33.

*TIMIDAMENTE FELIZ*. Reunião de dois textos de Eugène Labbiche (*Os dois tímidos* e *Un garçon de chez very*). Tradução: Pablo Moreira. Direção: Carlos Palma. Cenografia: Cristina Fischetti e Carlos Palma. Figurinos: Regina Guerreiro. Iluminação: Nezito Reis. Adereços: Cristina Fischetti e Renato Herzer. Elenco: Bernadete Alonso, João Bosco Cunha, Paulo Giardini e Renato Herzer. De 15 ago. 1989 a 25 out. 1989. Teatro João Caetano.

*TINHA QUE SER ASSIM*. Texto: Irene de Carvalho. Direção: Carlos Tamanini. Cenografia: Carlos Alberto. Sonoplastia: Adelmo Rodrigues. Coreografia: Carlos Tamanini e Helena Magalhães. Música: Sandra Carvalho, Carlos Tamanini e Marcio Silva Junior. Música de abertura: Sérgio Lora. Elenco: Sandra Carvalho, Reinaldo Vieira, Nadja Rodrigues, Carlos Tamanini, Caléu Guida e Adelmo Rodrigues. De 4 a 8 jul. 1984. Teatro Arthur Azevedo.

*TIO VÂNIA*. Texto Anton Tchekhov. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Celso Frateschi. Cenotécnica: João Sabiá, Hermínio Damasceno. Elenco: Josenildo Marinho, Joyce Ruyz, Elisa Prado, Elisabeth Dorgan, Cláudia Carli, Pedro Veneziani, Ricardo Homuth e Antonio Galleão. De 1 a 6 mar. 1989. Tusp. De 8 a 12 mar. 1989. Projeto Mambembe.

*TIRANDO A MAQUIAGEM*. Texto: Monika Pi. Elenco: Mônica Pi, Leny Terra, Leila Moren e Yara Nantes. 19 maio 1983. Bughouse Discotheatro. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TIRO NO CORAÇÃO, UM*. Texto: Oswaldo Mendes. Direção: Plínio Rigon. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Pintura de arte: Juvenal Irene dos Santos. Música e direção musical: Dyonísio Moreno. Coreografia: Walmor Borges e Luiz Fernandes. Iluminação: Abel Kopanski. Sonoplastia: Luiz Carlos Costa. Elenco: Dionísio Azevedo, Umberto Magnani, Luiz Serra, Walderez de Barros, João Acaiabe, Vicente Acedo. Coro: Antonia Chagas, Luiz Eduardo Fernandes, Paulo Novaes, Susie Walker, Renato Modesto e Miguel Vicente. De 24 ago. 1984 a 26 dez. 1985. Auditório Augusta, Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente) e Centro Cultural São Paulo.

*TOALHAS QUENTES*. Adaptação do *vaudeville* de Marc Camolleti: Bibi Ferreira. Direção: Maurice Vaneau. Cenografia: Flávio Phebo. Figurinos: Pestana. Elenco: Arlete Montenegro, Jonas Mello, John Herbert, Ivete Bonfá e Zélia Martins. 11 jan. 1983. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. 1985. Teatro Záccaro. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Adultério, tema comum a duas divertidas peças. *O Estado de S. Paulo*, 13 jan. 1983, p.14 (acerca também de *Amizade colorida*).

*TO BE... OR NOT TO BE (ou O QUE DIRIA SHAKESPEARE).* Revista com roteiro de Roberto Valsecchi. Direção: Maithê Alves. Elenco: Cleybi Dias, Maithê Alves, Naida Martins, Cory Campos, Edivaldo Vidal, Eurípides Borges, Gabriel Celidônio, Ivan Correia, José Alfredo Manolo de Meyse, Roberto Francisco, Roberto Ferreira e Sérgio Carvalho. De 20 jul. 1988 a 28 ago. 1988. Teatro Odeon.

*TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA.* Texto: Gláucio Gil. Direção: Kiko Penillo. Elenco: Grupo Tucheu, com Cláudio Perillo, Fábio Lapa, Renato Cuenca, Rosa Freitas e Márcia Ohba. De 3 jun. 1987 a 16 ago. 1987. Teatro União Cultural Brasil-Estados Unidos e Teatro João Caetano.

*TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA.* Texto: Nelson Rodrigues. Concepção, direção, iluminação e direção musical: José Antônio Teodoro. Figurinos: Grupo e Iracema Munhoz. Coreografia: Ceres Vittori. Maquiagem e cabelo: Beto Maran. Elenco: Grupo Delta (Londrina/PR), com Adriano Garib, Ceres Vittori, Donizete Buganza, Luís Cláudio Castelo Branco, Léa Albuquerque, Henrique Bonametti, Edna Aguiar, Luciane Lagana, Pedro Vegas, Carmem Benedetti, Geysa Costa, Valéria Tortorelli, Daniela Luz, Pedro Luiz Ramos e Dílson Marcos Moura. 1986. Teatro das Nações e Teatro Cultura Artística. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. De 13 jan. 1987 a 8 mar. 1987. Teatro Cultura Artística (Sala Rubens Sverner).

*TODAS AS VEZES QUE DIZEMOS ADEUS.* Texto: Marco Ricca. Direção: Roberto Lima. Figurinos: Paulo Rossi. Sonoplastia: Cacá Soares. Iluminação: Tom Will. Elenco: Grupo Necas de Pitibiribas, com Dione Leal e Cacá Torres. De 2 jun. 1988 a 28 ago. 1988. Teatro do Bixiga.

*TODO MUNDO NU.* Texto, produção, direção, cenografia, figurinos e seleção musical: Ricardo Bandeira. Iluminação: Iguassu Braga. Com a participação de três elencos, que se revezavam. De 7 jan. 1988 a 28 fev. 1988. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves). 1989. Não foi possível recuperar as datas de estreia e encerramento da temporada.

*TODO MUNDO NU.* Texto, produção, direção, cenografia, figurinos, seleção musical e iluminação: Ricardo Bandeira. Elenco: Ricardo Bandeira, Briza Nogueira, Angélica Belmont, Nereide Bravo, Cristina Machado, Cristina Rocha, Clayton Cardoso e Cleber Franca. 1986. Teatro Arthur Azevedo, Teatro Brigadeiro, Teatro Aplicado, Teatro Paiol e Teatro Paulo Eiró. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*TODO MUNDO NU.* Texto, direção e interpretação: Ricardo Bandeira. Elenco: Lourdes Viana, Glória Torres, Ilzy Cotrin, Marilene Lima, Cristina Machado, Franco Renaud, Clayton Cardoso, Marisa Guerra, Lúcia Akiko, Rosana Tosta, Cecília Cirino, Paulo de Moraes e Eduardo Santos. De 17 nov. 1981 a 31 mar. 1982. Teatro de Bolso, Teatro Brigadeiro, Teatro Aplicado e Teatro Paiol. De 30 nov. 1982 a 30 dez. 1982. Teatro Brigadeiro. 1984. Teatro das Nações (Sala Oscarito) e De Repente Bar. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. A boa diversão está presente em dois musicais. *O Estado de S. Paulo*, 4 jan. 1982, p.19 (acerca também de *Felisberto do café*).

*TOMANDO CORPO.* Criação, direção e atuação: Eli Darly. Trilha sonora: Christiane Liu. 18 jul. 1989. Espaço Off. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TONTURAS DE VERÃO.* Autores, interpretação e produção: Grupo Harpias e Ogros, com Ângela Dip, Grace Giannoukas e Marcelo Mansfield. De 23 e 24 mar. 1987. Espaço Mambembe.

*TOP LESS*. Texto: Walcir Carrasco. Direção: Jacques Lagoa. Elenco: Vanessa Alves, Mounique Lafond, Ariel e Wagner Maciel. 25 mar. 1989. Auditório ALS. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TOP SECRET.* Direção: Ivaldo Granato. Participação: Dedé Veloso, Lanny Gordin, Paulinho Boca de Cantor, Luiz Carlos Trevisan, Pepe Escobar, Jorge Mautner, Luiz Melodia, Denise Stocklos, Nicola Macchione, Regina Guerreiro, Matinas Suzuki e Time de Futebol Feminino Nova Onda. 2 out. 1984. Radar Tantã.

*TOPOGRAFIA DE UM DESNUDO*. Texto: Jorge Diaz. Tradução: Renata Pallottini. Direção: Tereza Aguiar. Montagem da trilha sonora e efeitos: Dimas Damico. Cenografia e figurinos: Jucam. Músicas: Vladimir Capella. Preparação corporal: Márcio Cruz. Preparação vocal: Mariluce Lopes. Cantor: Paulo Adlof. Filme: Marcos Craveiro e André Ciolfi. Montagem, trilha e efeitos: Dimas Damico. Elenco: Ariane Porto, Mariluce Lopes, Arthur Inédito, Márcio Cruz, Renato Ferreira, Delma Medeiros, Malu Pimenta, Isval Pinho e Waldo de Mattos. De 30 jul. 1986 a 31 ago. 1986. Teatro Ruth Escobar.

*TRADUÇÃO DE UBU, REI*. *Performance*. Participantes: Zé Wilson e alunos do Circo Escola Picadeiro. Música: Sérvulo Augusto. 12 ago. 1986. Bar-Ba-ro.

*TRÁGICA ANGÚSTIA*. Texto e direção: Mauro Russo. Letras e músicas: Aloísio Collares. Direção musical: Paulo Steimberg. Elenco: Cezare de Araújo, Ronaldo Dell'Acqua e Márcia Machado. De 12 set. 1985 a 13 out. 1985. Teatro das Nações (Sala Dercy Gonçalves).

*TRÁGICA VIÚVA NEGRA, A*. Texto: Ademar Terra. Direção: Carlos Simões. 1989. Teatro Zero Hora. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*TRÁGICO À FORÇA*. Junção de cinco textos de Anton Tchekhov. Livre adaptação de Marcio Aurelio, Edith Siqueira, Elias Andreato e Maurício Maia. Tradução, espaço cênico e direção: Marcio Aurelio. Assistência de direção: Iolanda Huzak e Mauricio Maia. Direção musical: Tato Fischer. Cenotécnica: Lalau, Paraná e Clair. Elenco: Edith Siqueira, Elias Andreato, Fernando Neves, Hugo Della Santa, Flávio Colatrello, Tato Fischer, Rodrigo Matheus e Maurício Maia. De 23 jun. 1982 a 6 nov. 1982. Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e outros espaços de representação.

Crítica: Clovis Garcia. A comédia de Tchekhov em *Trágico à força*. *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1982, p.19.

*TRÁGICO ACIDENTE, UM*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção e "movimentações coreográficas": Carlos Barretto. Cenografia e figurinos: Paulo Garcia. Iluminação: Carlos Barretto e Márcio Pimentel. Trilha sonora:

Carlos Barretto e Celso Saiki. Elenco: Pessoal do Poente, com Adilson Braz, Gisa Rey, Sonia Carvalho, Valdeci Bispo e os atores convidados: Jorge Primo, Marcio Pimentel e Mona. De 16 a 31 ago. 1986. Teatro Experimental Eugênio Kusnet e Teatro Célia Helena.

*TRÁGICO ACIDENTE, UM (ou VAMOS BRINCAR DE PAPAI E MAMÃE ENQUANTO O DR. FREUD NÃO VEM)*. Texto: Carlos Queiroz Telles. Direção: Nítis Jacon. Cenografia: Nítis Jacon, Zulmira Amélia Roxo, João Rodrigues da Silva e José Souza. Músicas: Mário César, Marco Antonio Scolari e outros. Elenco: Grupo Proteu (Londrina), com José Carlos Cenovicz, Ana Lúcia Barroso e outros. De 14 a 18 jul. 1982. Teatro Taib.

*TRAIÇÕES*. Texto: Harold Pinter. Tradução: Sonia Samaia. Direção, iluminação e concepção de trilha sonora: José Possi Neto. Cenografia: Maria Bonomi. Figurinos: Clodovil Hernandez. Sonoplastia: Sebastião Izaias. Elenco: Paulo Autran, Karin Rdorigues, Odilon Wagner e Arnaldo Dias. De 10 ago. 1982 a 26 dez. 1982. Teatro Faap.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Traições, poesia e beleza em grandes momentos. *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1982, p.38.

*TRAIR E COÇAR É SO COMEÇAR*. Texto: Marcos Caruso. Direção: Attílio Riccó. Cenografia: José Dias. Figurinos: Beth Filipecki e Yonne Choeirie. Coreografia: Rose Figueiredo. Iluminação: Irlan Nery e Érica Kaneco. Sonoplastia: Roberto Wilson. Elenco: Adriano Reys, Bruna Gasgon, Denise Fraga, Guilherme Corrêa, Imara Reis, Ileana Kwasinski, José Augusto Branco, Márcio de Lucca/Denis Derkian e Rômulo Arantes. De 24 ago. 1989 a 1990. Teatro Maria Della Costa. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TRAMPO & GANDAIA*. Texto e direção: Roberto Gil Camargo. Iluminação: Edward Camargo. Elenco: Grupo Artes, com Dimas Vieira, Renã, Dinho Gonçalves, Mário Sílvio Gomes, Hamilto Sbrana, Marisa Salvestro e Malu. De 12 a 29 mar. 1981. Teatro Aplicado.

Crítica: Clovis Garcia. Homossexualismo em quatro peças. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1981, p.36 (acerca também de *Bent*, *Macho beleza* e *Blue jeans*).

*TRANCAS, TRÂNSITOS E TRANSCENDÊNCIAS*. Espetáculo apresentado no Espaço Off. 1987. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*TRANSPIRAÇÃO.* Roteiro: Júlia Pascale. Texto: Caito Marcondes. Direção: Juçara de Morais e Júlia Pascale. Preparação corporal e coreografia: Beto Martins. Música: Reies Gil e Caito Marcondes. Cenografia e iluminação: Juçara de Morais. Adereços: Marco Antonio Furtado. Elenco: Júlia Pascale. De 18 a 22 dez. 1985. Centro Cultural São Paulo (Sala Adoniram Barbosa).

Obs.: Espetáculo de teatro-dança, em proposição de teatro mínimo, "introduzido" (assim aparece na divulgação do espetáculo) e pesquisado no Brasil por Luiz Roberto Galízia.

*TRATADO GERAL SOBRE A FOFOCA*. Texto: Ângelo Gaiarsa. Seis histórias adaptadas por Ana Luíza Fonseca. Direção: Zecarlos de Andrade. Assistência de direção: Horácio Viola. Cenografia e figurinos: Tawfik. Assistência de cenografia: Ronie. Bonecos: José de Souza Neto. Anjos: Mari Yachimoto. Direção musical e composição: Nelson Ayres. Composição musical: Edgar Poças. Músicos: Eliane Elias, Inavi Sabino, William Caram e Mané Silveira. Preparação corporal: Yolanda Amadei. Aderecista: Léo Leoni e Mário Márcio. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro e Walter Ribeiro. Elenco: Oswaldo Barreto, Lígia de Paula, Celso Batista, Fernando Athayde, Maria da Paixão, Ademir Arantes, Vicente Baccaro, Rafaela Puopoulo, Regina Dourado, Selma Egrei, Cristina Pereira e Paulo Azevedo. De 10 set. 1980 a 9 nov. 1980. Teatro Anchieta.

Crítica: Clovis Garcia. Revista em duas comédias. *O Estado de S. Paulo*, 2 out. 1980, p.23 (acerca também de *O teatro de cordel*).

*TREACTUS.* Roteiro e coreografia: Dagmar Dornelles. Elenco: Ângela Dip, Dagmar Dornelles e Marcelo Dornelles. 1987. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. Espaço Off.

*TRÊS ATOS*. Espetáculo inspirado em três obras de Marguerite Duras: *A doença da morte, A música dois e Savanah Bay.* Adaptação e direção: Stephan Dosse. Elenco: Grupo de Teatro Escola. 1986. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*TRÊS MARIAS E UMA ROSA*. Texto: David Benavente. Tradução e adaptação: Sônia Guedes. Direção: Celso Nunes. Cenografia: Túlio Costa. Tapeçarias e figurinos: Ninette van Vuchelen. Sonoplastia: Sérgio Krasniansky. Iluminação: Sérgio Savariego. Música: Walter Neto. Elenco: Sônia Guedes, Antonio Petrin, Haydée Figueiredo e Carmem Silvia. De 29 abr. 1988 a 22 maio 1988. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte) e Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

*TRIBUTO*. Texto: Bernard Slade. Direção e iluminação: Antonio Mercado. Tradução: Paulo Autran. Cenografia: Renato Scripilliti. Figurinos: Rafael Domingues. Adereços: Carlos Machado. Músicas, arranjos e execução: Zé Rodrix. Violino: Germano Wajnrot e Pique Riverti. Supervisão cenotécnica: Joaquim Francisco da Silva. Contrarregragem: Toshimitsu Shimada. Elenco: Jorge Dória/Paulo Autran, Karin Rodrigues, Márcia Real, Benjamin Cattan, Pedro Pianzo, Tânia Bondezan e Mariana Suzá. De 18 mar. 1987 até 1988. Teatro Procópio Ferreira. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. Fantasia sem limite. *O Estado de S. Paulo*, 26 mar. 1987, p.4.

*TRILOGIA DA LOUCA, A*. Texto: Harvey Fierstein. Tradução: Roberto de Cleto e Geraldo Queiroz. Direção: Antonio Abujamra. Assistência de direção: Miguel Magno e Roberto Domingues. Cenografia: Cláudio Moura. Figurinos: Madeleine Saad. Cenotécnica: Carlos P. de Mello. Elenco: Nicette Bruno/Miguel Magno, Ricardo de Almeida, Zecarlos de Andrade, Thales Pan Chacon e Jorge Julião. De 1 mar. 1985 a 19 maio 1985. Teatro Brasileiro de Comédia.

*TRILOGIA KAFKA*. Adaptação de textos da obra de Franz Kafka por Gerald Thomas. Direção, iluminação e trilha sonora: Gerald Thomas. Cenografia e figurinos: Daniela Thomas. Assistência de direção: Domingos Varela. Assistência de iluminação: Wagner Pinto. Assistência de cenografia: Carla Caffé. Assistência de figurinos: Denise Borges Mauler. Trilogia. *Um processo*, estreia: 5 maio 1988. Elenco: Bete Coelho, Oswaldo Barreto, Marco Stocco, Marcos Barreto, Malu Pessin, Magali Biff, Edílson Botelho e Zacharias Goulart. *Uma metamorfose,* estreia: 9 maio 1988. Música original: Phillip Glass.

Elenco: Luiz Damasceno, Marco Stocco, Marcos Barreto, Magali Biff, Malu Pessin, Edílson Botlho e Zacharias Goulart. *Praga*, estreia: 16 maio 1988. Elenco: Bete Coelho, Luiz Damasceno, Malu Pessin, Magali Biff, Marcos Barreto, Luiz Damasceno e Domingos Varela. Teatro Ruth Escobar.

Críticas: Lauro Lisboa Garcia. Trilogia Kafka: polêmica. *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1988, p.6.

Charles Magno Medeiros. O teatro instigante de Gerald Thomas. *O Estado de S. Paulo*, 25 maio 1988, p.6.

*TRIVIAL SIMPLES*. Texto: Nélson Xavier. Direção: Antônio do Valle. Cenografia e figurinos: Lica Neiame. Música: Marcelo Galbetti. Iluminação e cenografia: Edson de Mello. Produção: Grupo e Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Grupo de Teatro Pasárgada – Cia. Teatral Piedade, Terror & Anarquia, com Paulo Deo e Ana Beltrão. De 29 jan. 1980 a 1 jun. 1980. Teatro Cenarte, Teatro Martins Pena e Teatro Arthur Azevedo.

*TROIANAS, AS*. Texto: Eurípedes. Adaptação: Jean-Paul Sartre. Tradução: Rolando Roque da Silva. Direção: Alexandre Dressler. Elenco: Grupo Teatral Semente, com Vanice Pedrazzini Gentil, Décio Gentil e Margarida Maria Fonseca. De 27 jul. 1984 a 5 ago. 1984. Casa de Cultura Mazzaropi.

*TROPICANALHA*. Texto: Aziz Bajur. Dreção: Paulo Moraes. Cenografia: Sebastião Campos. Figurinos: I. Tricário. Trilha sonora: Bibo Bueno. Vozes: Arlete Montenegro, Luiz Parreiras e Paulo Hesse. Elenco: Ivete Bonfá, Paulo Prado, Daliléa Ayala, Paulo Moreno e Rosemar Schick. De 8 jun. 1989 até 1990. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Arena). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*TROVÃO QUE RASGOU O SILÊNCIO, O* ou *O HOMEM QUE NÃO SE VENDEU A SATANÁS*. Texto coletivo com coordenação e direção: Donizete Silva e Wilson José. Cenografia: Grupo. Elenco: Grupo de Teatro Se Fosse o que Seria?, com Márcia Dutra, Marli Dutra, Amélia, Osnilson, Wilson José e Donizete Silva. 1982. O Grupo, ligado à Cúria Metropolitana, apresentou o espetáculo, que homenageava Santo Dias, em salões, paróquias e espaços abertos das zonas Leste e Sul da cidade.

*TU DIRÁS QUE É A MORTE, EU DIREI QUE É A VIDA*. Texto e direção: José Antonio de Souza. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Sonoplastia: Zero Freitas. Iluminação: Gil Carlos Teixeira. Elenco: Kate Hansen, Abraão Farc, Gésio Amadeu, Roberto Orosco, Abrahão Farc, Maria Yuma, Victor Branco. De 16 set. 1987 a 31 out. 1987. Teatro Paiol.

*TUDO BEM NO ANO QUE VEM*. Texto: Bernard Slade. Direção: Flávio Rangel. Figurinos: Guilherme Guimarães. Elenco: Glória Menezes e Tarcísio Meira. De 7 jul. 1982 a 11 ago. 1982. Teatro Procópio Ferreira e Teatro Maria Della Costa.

*TUDO NA MÃO*. Texto: Walter Alvarenga. Direção: Cassandra Rios. Elenco: Rosângela Esmeraldo, Maria da Paz e Walter Alvarenga. 1989. Teatro Márcia de Windsor. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*TUDO NO ESCURO*. Texto: Peter Schaffer. Tradução: Francarlos Reis. Adaptação: Marcos Caruso. Direção e iluminação: Silnei Siqueira. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Zecarlos de Andrade. Adereços: Leo Leoni. Pintura do cenário: Luis Frugoli. Elenco: Francarlos Reis, Jussara Freire, Walderez de Barros, João José Pompeu, Eugênia De Domenico, Marcos Caruso, Sérgio Ropperto e Cid Pimentel. De 11 mar. 1988 a 30 jul. 1988. Teatro Maria Della Costa.

*TUTTI BUONA GENTE!* Texto: Gabriel Giuli e Mário Vaz Filho. Direção: José Miziara. Cenografia: Domingos Garcia e Jorge Vieira. Figurinos: Wilson Coca. Quadros: Mari Cardoso. Iluminação: Jean Garret. Trilha sonora: Reinaldo M. Souza. Elenco: Norma Blum, Cátia Pedrosa e Emerson Vanelli. De 15 mar. 1989 a 13 ago. 1989. Teatro Bibi Ferreira.

*UBU REI*. Texto: Alfred Jarry. Tradução: Maria Júlia Gomes e Luciano Lopreto. Direção: Jair Antônio Alves. Músicas: Luiz Chaves. Cenografia e figurinos: Márcio Tadeu. Adereços: Roberto Saturnino e Eurico Jr. Cenotécnica: Sidney. Efeitos sonoros: Lelo Afonso, Sidney, Lílian Regina Barreto e Luiz Carlos Paz. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro. Elenco: Grupo Mamão de Corda, com Vicente Galvão Parizi, Maria Luiza Jorge, Berenice Baader,

Sonia Esper, José Dantti, Roberto Saturnino, Miguel Rosas, Eurico Junior e Carlos Pereira. De 10 abr. 1981 a 28 jun. 1981. Teatro Experimental Eugênio Kusnet, Teatro São Pedro (Studio São Pedro) e Teatro Arthur Azevedo.

Crítica: Clovis Garcia. Cooperativa, uma alternativa para o teatro. *O Estado de S. Paulo*, 21 abr. 1981, p.14.

*UBU, PHOLIAS PHYSICAS, PATAPHYSICAS E MUSICAES*. Texto: Alfred Jarry. Tradução, adaptação e direção: Cacá Rosset. Cenografia e figurinos: Lina Bo Bardi. Iluminação: Pedro Farkas. Música: Pedrinho Batera e Jean Trad. Coreografia: Augusto Pompêo. Técnicas circenses: José Wilson Leite. Figurinos circenses: Maria Elisa Costa. Adereços: Alessandro Loria, Márcia Maria Benevento e Alejandro Ferrari. Cenotécnica: Henrique de Pace. Banda Pataphysica: Júlio Vicente, Zé Português, Pedrinho Batera e Jean Trad. Elenco: Grupo Ornitorrinco, com Cacá Rosset, Rosi Campos, José Rubens Chasseraux, Chiquinho Brandão, Christiane Tricerri, Gilberto Caetano, Regina Lopes, Luís Ramalho, José Wilson Moura Leite e Cássia Venturelli. De 25 maio 1985 a 30 maio 1987. Teatro João Caetano e Teatro Ruth Escobar (Sala Gil Vicente). De 28 set. 1988 a 2 out. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho).

Crítica: Clovis Garcia. Peças experimentais importantes. *O Estado de S. Paulo*, 31 out. 1985, p.14 (acerca também de *Síntese e surpresa*).

Obs.: Segundo Sílvia Fernandes (ibidem, p.16),

> Cacá Rosset, a partir da montagem de *Ubu*, em 1984, assume solitariamente a direção do Ornitorrinco, sempre procurando utilizar os recursos da pesquisa que o grupo desenvolvera até então, ainda em companhia de Luiz Roberto Galízia. As montagens de *Teledeum* (1987), *O doente imaginário* (1988), *Sonho de uma noite de verão* (1990) e, especialmente, *O avarento* parecem ter desviado o Ornitorrinco do trabalho de pesquisa mais radical, que ainda persiste no Núcleo 2, com espetáculos dirigidos por Maria Alice Vergueiro.

Sílvia Fernandes (2000, p.220), ao comentar sobre a formação e importância dada à pesquisa teórica dos três líderes, em distintos momentos – Maria Alice Vergueiro, Luiz Carlos Galízia e Cacá Rosset –, afirma: "A encenação de *Ubu* é um fecho exemplar dessa postura. Parte de uma concepção da ala mais radical dos teatralistas russos da década de 20 – a montagem de atrações –, para retrabalhá-la na aproximação com os textos e as teorias de Jarry".

O espetáculo foi um dos maiores sucessos da década de 1980 e teve mais de quinhentas apresentações com um público estimado próximo de trezentas mil pessoas. Além do sucesso na cidade, o espetáculo apresentou-se nos seguintes festivais: Latino-Americano do México, em 1985; Internacional de Teatro (Manizales, Colômbia), em 1985; Internacional de Cádiz (Espanha), em 1986.

*UFOPIA – DILÚVIO PARA UMA VOZ*. Texto, cenografia, figurinos e direção: William Pereira. Iluminação: Cibele Forjaz. Elenco: Lígia Lemos. De 1 ago. 1988 a 27 set. 1988. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*ÚLTIMA CENA, A*. Texto: Jaime L. Leitão Rodrigues. Direção: Nelcino Ferraz. Elenco: Vicente Fantin e Alberto Chagas. De 6 a 8 maio 1983. Auditório Biblioteca Kennedy.

*ÚLTIMA CENA*. Texto: Jaime Leitão. Direção: José Geraldo Marcondes. Elenco: Vicente Fantini e Zani Fantini. 1985. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ÚLTIMA FITA, A*. Texto composto a partir da junção de texto de Samuel Beckett, *O Tango I e II* de Piazolla e *Carta ao pai* de Dosse. Direção: Stepham Dosse. Elenco: Grupo de Teatro do Aceno, com Antônio Calloni, Ary França e Mariana Muniz. 1984. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ÚLTIMA GRAVAÇÃO, A*. Texto: Samuel Beckett. Tradução: Maria Adelaide Amaral. Direção: Iacov Hillel. Cenografia: Maria Helena Grimbeck. Elenco: Antonio Petrin. De 9 a 31 dez. 1988. Teatro Brasileiro de Comédia. De 4 set. 1989 a 16 dez. 1989. Teatro Sérgio Cardoso (Sala Paschoal Carlos Magno).

*ÚLTIMA GRAVAÇÃO, A*. Texto: Samuel Beckett. Direção e interpretação: Grupo O Valete, com Eric Podor. De 17 a 20 nov. 1983. Teatro Aliança Francesa (Butantã).

*ÚLTIMA GRAVAÇÃO DE BECKETT, A.* Texto e direção geral: Luiz Roberto Lopreto. Elenco: Ivan de Oliveira. 22 e 23 dez. 1986. Espaço Off.

*ÚLTIMO ENCONTRO, O.* Texto: Edla Van Steen. Direção: Silnei Siqueira. Cenografia: Paulo Daer. Figurinos: Cissa Carvalho. Iluminação: Abel Kopanski. Trilha sonora: Júlio Medaglia. Cenotécnica: José Estevão. Elenco: Kito Junqueira, Edith Siqueira, Liana Duval, Homero Kosac, Petê Marchetti, Octávio Mendes, Ronaldo Costa, Cássia Bianchi, Mauro Rodriguez e Geraldine Quaglia. De 8 jun. 1989 a 30 jul. 1989. Auditório Augusta.

Crítica: Jefferson del Rios. Van Steen, ricos detalhes de sentimentos. *O Estado de S. Paulo*, 13 jun. 1989, p.2.

*ÚLTIMO TANGO EM HUAHUATENANGO, O.* Texto: Peter Solomon (do *San Francisco Mime Troupe*). Adaptação e direção: Márcio Augusto. Composição e direção musical: Chico Lá e Ricardo Pavão. Coreografia: Hugo Rodas. Figurinos: Vicente de Paula. Iluminação: Márcio Augusto. Elenco: Augusto Pereira da Rocha, Ademir de Souza, Luiza Viegas, D'Artagnan Júnior, Fernanda Abujamra, Juca de Assis, Luís Carlos Gomes, Marcelo Almada, Márcio Correa, Regina Papini e Vicente de Luca. 10 ago. 1984. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado).

*ÚLTIMOS DIAS DE SOLIDÃO, OS.* Texto: Jerôme Savary. Direção: Sílvia Poggetti. Tradução: Vicente Galvão Parizi. Músicas: Antônio Ozório. Coreografia: Walmor Borges. Elenco: Osvaldo Raimo, A. C. Moreira, Miguel Rosas, Indalécio Santana, Antônio Osório, Cleide Paes, Telma Silvestre, Vicente Galvão Parizi e Silvia Poggetti. De 10 a 28 set. 1980. Teatro João Caetano.

*UM É POUCO, DOIS É BOM, EM QUATRO... É ÓTIMO.* Texto: Zilda Cardoso. Direção: Jardel Mello. Cenografia: Luiz Carlos Khouri. Iluminação e sonoplastia: Antonio Souza. Elenco: Mariângela, Joselita Alvarenga, Maria Luiza Castelli e Vitor Branco. De 10 ago. 1989 a 23 dez. 1989. Teatro Henfil.

*UM LOUCO É POUCO, DOIS É BOM, TRÊS MELHOR.* Texto, iluminação e direção: Adilson Rodrigues. Sonoplastia: Zico Santana. Cenografia: Francisco Luís e Cida Reis. Figurinos: Marcela e Zete. Músicos: Luiz Carlos

Waack e Marcelo Valença. Elenco: Grupo Espinha na Cara, com Carla Adduci, Francisco Luís e Luís Henrique Bernardes. 1986. Teatro Arthur Azevedo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada. De 28 mar. 1987 a 5 abr. 1987. Auditório da Biblioteca Infanto-juvenil de Vila Maria e outros espaços de representação.

*UM MIL NOVECENTOS E NOVENTA*. Texto e direção: Dirceu de Oliveira. Elenco: Marilena Silva, Nina de Cássia e Dirceu de Oliveira. De 29 maio 1989 a 10 jun. 1989. Espaço Off.

*URRUS*. Roteiro e direção: Hugo Della Santa. Assistência de direção, de roteiro e espaço cênico: Liça Neiame. Música e efeito: Júlio de Almeida. Elenco: Adilson Azevedo, João Bosco Cunha, Jobelcina Sdaf, Jorge Fram e Roberto Scudero (alunos de 2º ano da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo). De 16 jan. 1981 a 5 fev. 1981. Tusp e Teatro São Pedro (Studio São Pedro).

*UTOPIA EM SOL QUADRADO*. Texto: Pierre Peres. Direção: Cauê de Matos. Músicas: Geraldo Meira Sadia e Leonel Farias Molina. Elenco: Jorge Luís Mineiro, Sérgio Pinheiro, Mauri Rodrigues e Sílvia Rita. Cantora: Vânia Meira. De 26 a 30 set. 1984. Teatro Martins Pena.

*UTOPICAMENTE S.O.S. Performance* com concepção e atuação de Fábio Cimino e Gustavo Soares. 10 nov. 1986. Estação Madame Satã.

*VAGABUNDOS*. Texto: Ênio Gonçalves. Direção coletiva com supervisão de Fauzi Arap. Cenografia, figurinos e sonoplastia do Grupo. Iluminação: Fauzi Arap e Reginaldo Fonseca. Elenco: Ênio Gonçalves, Walter Cruz, Eudes Carvalho e Simone Brandão. De 2 fev. 1987 a 28 abr. 1987. Teatro Cacilda Becker (Centro).

*VAGÕES DE ALGODÃO*. Texto: Tennessee Williams. Tradução: Maria Lúcia Candeia e Maia Levy. Direção: Vicente Báccaro. Cenografia: Fernando Szklarowsky. Figurinos: Campello Neto. Elenco: Dirce Carvalho, Paulo César Barbosa e Pato Papaterra. De 21 a 29 maio 1988. Teatro Cenarte.

*VAGOS, VIAGENS E ENCONTROS (ou HELENA E O MARINHEIRO ou CINZAS DE VERÃO). Performance*, inspirada na obra poética de Markos State, por Tom Will, com quadros de criação espontânea fruto das experiências do grupo com sonhos e poemas surrealistas. Direção: Robson Camargo. Assistência de direção: Laerte Mello. Coreografia: Lu Botelho. Cenografia e figurinos: Andre Cantú. Elenco: Grupo de Teatro Universitário Martup (Faculdade Marcelo Tupinambá), com Dione Leal, Lu Botelho, Sonia Francine, Paulo Federal, Pacheco Pacheco, Laerte Mello, Malu Botalo, Roberto Marchetti, Tom Will. 18 e 19 abr. 1986. Auditório da Faculdade Marcelo Tupinambá. 22 abr. 1986, 2 maio 1986, 1 e 2 jun. 1986. Teatro Paulo Eiró. 9 jun. 1986. Teatro João Caetano. 13 jun. 1986. Auditório da Faculdade Marcelo Tupinambá.

*VALDECK DE GARANHUNS E SEUS BONECOS DE PAU DURO.* Espetáculo de Valdeck de Garanhuns. Direção: Alna Prado. Manipulação: Valdeck de Garanhuns. De 24 fev. 1987 a 3 mar. 1987. Teatro Cenarte.

*VALSA NÚMERO 6*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Luiz Amorim. Elenco: Delurdes Moraes. De 3 out. 1988 a 23 abr. 1989. Teatro Markanti e Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Câmara).

*VALSA NÚMERO 6*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Paulo Yutaka. Elenco: Jacqueline Cordeiro. 1988. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VAMOS TRANSAR*. Criação: Grupo Teatral Rote Grütze (Alemanha). Adaptação: Baggardteatret. Tradução: Liliana Reales e Tabajara Ruas. Direção: Volker Quandt. Projeto desenvolvido pela Fundação Guaíra e Instituto Goethe de Curitiba, com coordenação geral de Yara Fa Silveira. Música: Rafael Veiga de Camargo. Iluminação: Joana Lopes. Sonoplastia: Carlos Blome. Elenco: Christiane de Macedo, Edson Rocha, Marly Gottschefsky e Paulo Sérgio Ramos. De 2 a 10 jun. 1984. Teatro Experimental Eugênio Kusnet.

*VAMPÍRIA*. Texto: Tacus. Direção e iluminação: Dionísio Azevedo. Preparação corporal: Paula Martins. Sonoplastia: Tunica. Música ao vivo. Cenografia e figurinos: Carlos Moreno e Marcos Botassi. Elenco: Dionísio

Azevedo, Flora Geny, Geraldo Petean, André Ceccato, Miguel Ramos, Helena Bagnoli, Décio Pinto, Nelci Marcelo, Tatiana Nogueira, Paulo Giardini e André Ceccato. De 24 jul. 1987 a 15 nov. 1987. Teatro do Bixiga.

Crítica: Vivien Lando. O uivo de Vampíria. *O Estado de S. Paulo*, 5 ago. 1987, p.6.

*VARIEDADES A GRANEL*. Textos: Lena Witaker e Maurício Arruda. Criação e direção: Patrícia Gaspar, Marta Ozzetti, Alice Camargo, Adriana Ridolfi, Renata Franco e Alice Camargo. Flauta e clarinete: Marta Ozzetti e Alice Camargo. Elenco de dança e teatro: Patrícia Gaspar, Adriano Ridolfi, Renata Franco e Eli Daruy, Lena Whitaker, Eliana Terul e Ney Piacentini. 7 e 8 dez. 1987. Espaço Off.

*VEADO, O*. Texto: Benedito Sbano. Direção e trilha sonora: Carlito Martins. Cenografia: Humberto Militello. Elenco: Carlito Martins, Glória Nascimento, Wladimir Martins, Cássio Martins, Ely Vidal, Sandra Martins, Joaney Dandare, José Batista e Gabi Martins. De 19 jul. 1985 a 31 ago. 1985. Centro Cultural São Paulo (Circo-teatro).

*VELHA DAMA INDÍGNA, A*. Texto: Bertolt Brecht e Kurt Weill. Tradução: Cacá Rosset, Luiz Roberto Galízia, Luiz Antonio Martinez Corrêa e Tatiana Belinck. Direção: Cacá Rosset. Iluminação: Abel Kopanski. Elenco: Maria Alice Vergueiro e os músicos Cláudio Guimarães, Guilherme Vergueiro (também direção musical) e Ricardo do Canto. De 10 a 28 ago. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Jardel Filho) e Sesc Pompeia.

*VELHO BUFÃO, O*. Texto e atuação: Waldemar Sillas. Direção: Vera Andrade. De 14 ago. 1986 a 27 set. 1986. Palhaçaria Pimpão.

Obs.: No jornal *O Estado de S. Paulo*, a obra era apresentada como besteirol.

*VELHOS MARINHEIROS*. Texto: Jorge Amado. Adaptação de *Os velhos marinheiros*, mais precisamente, *Quincas Berro d'Água* e *Capitão de Longo Curso*, por Carlos Szlak. Direção: Ulysses Cruz. Cenografia e figurinos: Domingos Fuschini. Pesquisa, seleção e montagem musical: Grupo. Pesquisa de efeitos sonoros: Ivan Feijó e Roberto Moreno. Iluminação: Davi de Brito e Robinson Teixeira. Sonoplastia: Roberto Moreno. Coordenação de pesqui-

sas: Walderez Cardoso Gomes. Dança: Paula Martins. Orientação corporal: Antonio Calloni, Luca Raldovino e Luiz Antonio. Orientação vocal: Marlene Fortuna e Márcia Regina. Elenco: Grupo de Arte Boi Voador, com Antônio Calloni, Luís Rossi, Carmen Prado, Charles Lopes, Domingos Fuschini, Eliete Cigarini, Hélio Cícero, Isabel Maria, Jair Assumpção, Luca Baldovino, Luiz Antonio, Luiz Furlaneto, Márcia Regina, Marília Librandi, Roberto Moreno, Silvana Funchal, Wanda Hamburgo, Wladimir Mafra, Domingos Quintiliano, Raquel Rodrigues, Alexandre Corrêa, Alexandre Borges e Rodrigo Matheus. De 20 mar. 1985 a 30 jun. 1985. Teatro Anchieta. De 5 a 30 mar. 1986. Teatro Anchieta.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. Velhos marinheiros, espetáculo de encantos. *O Estado de S. Paulo*, 4 abr. 1985, p.16.

*VELÓRIO À BRASILEIRA*. Texto: Aziz Bajur. Direção: Ivan Kohn. Cenografia e figurinos: Carlos Simões. Elenco: Arlete Montenegro, Marcos Lander, Fátima Maluf, Ronaly Moreno, Sérgio Buck, Eudes Carvalho e participação especial de Hélcio Magalhães. De 22 jan. 1986 a 29 jun. 1986. Teatro Sadi Cabral.

*VELÓRIO À BRASILEIRA*. Texto e direção: Aziz Bajur. Iluminação: Zé Carlos. Produção: Cooperativa Paulista de Teatro e Grupo Alpha, com Adelmo Rodrigues, Aziz Bajur, Marlene Graciano, Frieda, Nelson A. Gonçalves, Roberto Bonaccorsi e Zélia Silva. De 10 set. 1981 a 30 jan. 1983. Teatro Aplicado.

*VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU*. Texto: Carlos Alberto Soffredini. Direção: Gabriel Villela. Elenco: Grupo Terceira Dentição, com estudantes da ECA e da EAD: Cibele Forjaz, Maria Clara, Valéria Lauand, Zezeh Barbosa, Romis Ferreira, Rachel Barcha, Claudia Moras, Lúcia Romano, Guilherme Filho, Davi Rocha Ta Iu, Alberto Gouveia, Angelo Lopes e Ângelo Osório. 1986. Espaço Cultural Mambembe. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU*. Texto: Carlos Alberto Soffredini. Direção: Iacov Hillel. Cenografia: Irineu Chamiso Jr. Coreografia: Jussara Amaral. Iluminação: Iacov Hillel e Cacá D'Andretta. Direção musical

e músicas: Wanderley Martins. Elenco: Grupo Mambembe com Berenice Raulino, Calixto de Inhamuns, Ednaldo Freire, Enierre Rachel, Fernando Torres, Genésio de Barros, Maria do Carmo Soares, Rosi Campos, Sérgio Roberto Chica e Sérgio Bisetti. De 30 out. 1979 a 20 jan. 1980. Teatro Célia Helena, Teatro Martins Pena e Teatro Circo dos Bancários.

*VENDEDOR DE MILAGRES, O.* Inspirado em conto de Gabriel Garcia Marques. Direção: José Caldas. Elenco: Gianni Bissaca, Pascale Charreton, Mauro Ginestroni, Roberto Spagnol e outros. 1988. Centro Cultural São Paulo (Sala Paulo Emílio Salles Gomes). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VENERÁVEL MADAME GONEAU, A.* Texto: João Bethencourt. Direção: Gianni Ratto. Cenografia: Augusto Francisco. Sonoplastia: Maria Antônia Teixeira. Cenotécnica: Arquimedes Ribeiro. Elenco: Fúlvio Stefanini, Baby Garroux, Jacques Lagoa, André L'Abbate, Marta Volpiani, Yara Grey e Ernani Magarão. De 23 abr. 1981 a 20 dez. 1981. Teatro Paiol.

*VÊNUS DAS PELES, A.* Texto: Leopold von Sacher Masoch. Tradução: Jorge Bastos. Adaptação e direção: Maurício Abud. Assistência de direção: Roberto Rosa e Cláudia Borioni. Figurinos: Kita. Cenografia: Renato Prieto e Ricardo Homuth. Iluminação: Luiz Armando Queiroz. Sonoplastia: Tunica. Voz, áudio e máscaras: Luiz Antonio Diniz. Trabalho corporal: Bia Ocugne. Máscara: Aude. Elenco: Tânia Seckler, Ariel Moshe, Helena Bagnoli, Renato Prieto, Bia Ocugne e Paulo Giardini. De 4 dez. 1985 a 9 mar. 1986. Teatro do Bixiga.

Crítica: Ilka Marinho Zanotto. O velho amor romântico. Com sexo. *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1985, p. 19 (acerca também de *Louco circo do desejo* e *As is (Assim é)*).

*VERDADEIRA HISTÓRIA DE AMOR, UMA.* Texto: Roberto Villani. Direção: André Resende. Elenco: Valter Gabarron e Roberto Campolican. 1987. Teatro Acrópolis. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VERDADEIRA HISTÓRIA DE FRANKESTEIN, A.* Texto: Jack Smight. Adaptação e direção: Cissa Carvalho e Ricardo Hoflin. Elenco: Ricardo Hoflin, Ary França e Otávio Dias. 4 out. 1985. Teatro Cezar. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*VEREDA DA SALVAÇÃO.* Texto: Jorge Andrade. Direção: Toninho Fernandes. Elenco: Grupo Casa da Ira, com Vânia Otobom, Jorge Santarém, Tatá Aguiar e outros. 1987. Teatro Authur Azevedo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VERY, VERY SEXY.* Texto: Paschoal Lourenço e Pedro Tudesh. Direção: Sebastião Apolônio. Elenco: Leila Cravo, Lúcia Mello, Ariel Moshe e Frederico O. De 8 jul. 1987 a 20 dez. 1987. Auditório ALS.

*VERY, VERY VERÍSSIMO.* Adaptação a partir de crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Roteiro e direção: Olair Coan. Cenografia: Neuter Michelon. Iluminação e trilha sonora: Luiz Casado. Sonoplastia: Ronaly Moreno. Iluminação: Lurdes Gasques. Música: João Peres e Olair Coan. Direção musical: Fernando Mattos. Coreografia: Rosmary Almeida. Elenco: Ângelo Rabacow, Luís Roberto Bites, Margareth Guimarães, Marizilda Rosa, Nelson Faria, Ricardo Peixoto, Rosmarry Almeida e Valéria Fontana. De 1 nov. 1989 a 6 dez. 1989. Teatro Cenarte.

*VESPERAL PAULISTÂNIA PASSOS DA CIDADE (VESPERAL PAULISTÂNIA).* Pesquisa histórica: Sheila Schvarzman e Hugo Segawa. Iniciativa e promoção: Secretaria de Estado da Cultura (Condephaat). Roteiro e direção: Joana Lopes. Direção musical: Samuel Kerr. Figurinos: Campelo Neto. Sonoplastia e iluminação: Tuca Som. Elenco: Umberto Magnani, Ciça Camargo, Antonio Petrin, João Batista Acaiabe, Luiz Armando Queiroz, André Rosatelli e outros. 18 dez. 1983. Convento de São Francisco, Faculdade de Direito, Escola de Comércio Álvares Penteado, Largo do Ouvidor, Praça do Patriarca, Viaduto do Chá, Teatro Municipal e Rua Formosa. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*VESTIDO DE NOIVA.* Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Marcio Aurelio. Cenografia: Gregório Gruber e Marcio Aurelio. Dramaturgista: Edelcio

Mostaço. Figurinos: Domingos Fuschini. Iluminação: Nei Piedade e Marcio Aurelio. Cenotécnica: João Donda e Dago Marcelino. Elenco: Núcleo Pessoal do Victor, com Alzira Andrade, Hugo Della Santa, Denise Del Vecchio, Fernando Neves, Lílian Sarkis, Márcio Megaton, Christiane Rando, Ciça Camargo, Marcelo Andrade e Jandira de Souza. De 28 out. 1987 a 10 jan. 1988. Teatro Anchieta.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Montagem primorosa. *O Estado de S. Paulo*, 1 nov. 1987, p.9.

*VEZ POR SEMANA, UMA*. Texto: Muriel Resnik. Adaptação e direção: Gugu Olimecha. Cenário: Campello Neto. Figurinos: Eugênia Fleury. Elenco: Jece Valadão, Roberta Close, Kate Hansen e Paulo Wolp. 1986. Teatro Taib. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VIAGEM*. *Performance* em sete atos. Idealizador: Serkis Kaloustian. Direção corporal: Ciça Teivelis. Elenco: Niltão Oliveira, Helena Teivelis e Vânia Maria de Carvalho Alves. 13 set. 1984. Centro Cultural São Paulo. Não foi possível recuperar a data de encerramento da *performance*.

*VIAGEM AOS CONFINS*. Texto e direção: Danieli Finzi Pasça. Elenco: grupo ítalo-suíço Teatro Íntimo Sunil Ensemble, com Danieli Finzi Pasça, Maria Tereza Finzi e Pedro Sarubbi Ruzzi. 1988. Galpão de Exposição do Sesc Fábrica. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VIDA DE ARTISTA*. Texto e direção: Paulo César Coutinho. Cenografia e figurinos: Marcelo Marques. Iluminação: Ney Bonfante. Elenco: Débora Duarte, Paulo Drummond e Pedro Pianzo. De 5 maio 1989 a 9 jul. 1989. Teatro Antônio Abujamra.

Crítica: Aimar Labaki. Débora Duarte, atuação memorável. *O Estado de S. Paulo*, 31 maio 1989, p.3.

*VIDA DE GALILEU, A*. Texto: Bertolt Brecht. Tradução: Roberto Schwarz. Direção: Celso Nunes. Cenografia: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho. Bonecos: Maria Luiza Marques e Renato Perré. Adereços: Ney

Souzah. Direção musical: Celso Piratta Loch. Iluminação: Aurélio de Simoni. Sonoplastia: Cesarti. Preparação corporal e coreografia: Eva Schul. Produção do Teatro de Comédia do Paraná. Elenco: Paulo Autran, Rosana Stavis, Ires Daguia, João Paulo Leão, Enéas Lour, Laerte Ratier, Moacyr David, Christiane de Macedo, Marly Gottschefsky, Mário Schoemberg, Florival Gomes, Blasi Jr., Fernando Klug, Paulo Mota, Ivete Bozaski, Emílio Pitta, Regina Vogue, Inês Becker, Onivaldo Dutra, Marco Antonio Antunes, Álvaro Bittencourt e Talita Horn. De 25 a 27 set. 1989. Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita).

*VIDA, MORTE E RESSUREIÇÃO DE CRISTO.* Grupo Cênico de Teatro Amador da Igreja Nossa Senhora das Graças. Direção: João Batista de Souza e Orlando Lurial Filho. 20 e 21 abr. 1984. Parque do Carmo – Itaquera e Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora das Graças.

*VÍDEO PICLES.* Texto, figurinos, bonecos e direção: Jésus Seda. Coreografia: Cristina Homem. Sonoplastia: Natanael Santos. Elenco: Adriano Bussab, Antony Fadlallah, Carla D. Maluf, Cláudio Chakmati, Caro Nabil El Khoury, Carolina Benetti Barbosa, Cristiane Verdi Haddad, Fernanda Bussab, Geórgia Fajuri, Gilberto Mourad, Jane Carol N. Maluf, Juliana Bogus Saad, Juliana Bussab Maluf, Leonardo Kehdi Júnior, Letícia Carneiro, Luís Fernando Saad, Paulo Sérgio Saad, Richard Khoury, Valéria Carneiro e Valéria Monteiro. 19 a 23 ago. 1987. Teatro do Clube Atlético Monte Líbano. De 20 out. 1989 a 18 dez. 1989. Teatro Célia Helena.

*VILLAGE NEW YORK.* Texto: Ira Evans. Tradução: Wolf Maya e Alexandre Marques. Direção e coreografias: Wolf Maya. Direção musical: Zé Rodrix. Cenografia: Marco Antonio Palmeira. Figurinos: Kalma Murtinho. Piano ao vivo: Marco Antônio Wardini. Iluminação: Jorginho de Carvalho. Elenco: Alexandre Marques, Alexandre Soares, Augusto Rocha, Bruno Giordano, Cláudia Costa, Gileno Santoro, Genilson de Souza, Carlos Briani, Jorge Julião e D'Artagnan Junior. De 17 mar. 1982 a 20 jun. 1982. Teatro Paiol.

*VINÍCIUS DE MORAES.* Textos e músicas: Vinícius de Moraes. Roteiro e interpretação: Ayrton Salvagnini. Iluminação: Guto. Violão: Zeza Amaral. De 4 set. 1989 a 27 nov. 1989. Teatro Crowne Plaza.

*VISON VOADOR, O.* Texto: Ray Conney e John Chapman. Adaptação e tradução: Marcos Caruso. Direção: Odavlas Petti. Cenografia: Campello Neto. Adereços: Carlos Machado. Elenco: Luiz Carlos Arutin, Marcos Caruso, Célia Coutinho, Newton Prado, Desirée Vignoli, Bruno Giordano, Jussara Freire e Marly Marley. De 15 maio 1987 a 1988. Teatro Brasileiro de Comédia. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada. De 5 jan. 1989 a 5 mar. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia e Teatro Bibi Ferreira.

*VÍTIMAS DO DEVER.* Texto: Eugène Ionesco. Direção: Tereza Aline. Preparação vocal: Luzia Carmela e Jorge Nakao. Preparação corporal: Vivien Buckup. Iluminação: Jr. Sampaio, Tereza Aline e Vera Natureza. Sonoplastia: Luiz Bastos e Tereza Aline. Elenco: Grupo Seismaisum, com Alceste Madella, Jr. Sampaio, Leandro Resende, Luiz Bastos, Rodolfo Vasquez e Marisa Papa. De 19 jun. 1987 a 5 jul. 1987. Teatro Aliança Francesa (Butantã). De 10 ago. 1987 a 27 set. 1987, Auditório Augusta.

*VITRÔ INDISCRETO.* Texto, direção, cenografia e figurinos: Miguel Ângelo Filiage. Arranjos musicais: Pedro Bogossian. Elenco: Beto Santana, Delta Negreiros e Pedro Bogossian. De 2 dez. 1988 a 29 jan. 1989. Teatro Igreja.

*VIÚVA ALEGRE, A.* Música: Franz Lehár. Texto original: Léo Stein e Victor Leon. Tradução e adaptação: Edson Lima. Direção geral: Carlos Di Simoni. Cenografia e figurinos: Campelo Netto. Coreografia e preparação corporal: Paula Martins. No espetáculo também havia bailarinos. Direção musical: Bruno Rocella. Adereços: Carlos Machado. Elenco: Acácio Gonçalves, Márcia Prado, Celso Batista, Vitor Branco, Vera Zimmerman, Selma Lucchesi, Acê Moreira, Alice Faria, Ana Ares, Ana Lúcia Cavalieri, Ângelo Sarra, Antonio Sarubbi, Carlos Martins, César Teixeira, Clayre Gallizzi, Cleybi Dias, Dada Cyrino, Eliana Malanga, Elza Gonçalves, Ester Barreto, Francisco Ciparullo, Gileno Santoro, João Bosco, João Valarelli, Jorge Silva, Josmar Martins, Kátia Guedes, Krystyna Kasperowicz, Léa Martins, Mara Manzan, Márcio Prado, Marcos Lander, Paula Cristina Rodrigues, Paulo Novaes, Phillipe Levy, Renato Dobal, Sandra Peres, Sandro Silva, Sebastião Apolônio, Silen Clair, Silvia Alves, Silvia Massari, Tancredo Mancini, Tatiana Nogueira, Vera D'Agostino, Vicente Baccaro, Viviane Alfano, Waldemar Gallani, Wanderley Cardoso, Washington Lasmar e Yara Marques. Bailarinos: Águeda Lúcia de Souza,

Ana Maria de Sá, Beatriz Monteiro, Eliana Reis, Fátima Orquiza, Gabriela Yankillevich, Giovani Pitoli, Marcelo do Vale, Marisa Costa e Silva, Mauro Sanches, Regina Tâmara, Sérgio Sink, Tânia Farah, Tony Smith e Viviane Camargo Flarsbaum. De 15 a 24 mar. 1985. Teatro Bandeirantes.

*VIÚVA, PORÉM HONESTA*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Cenografia: Ricardo Ferreira. Figurinos: Lola Tolentino. Iluminação: Samuel Betts. Elenco: Grupo Tapa, com Denise Weinberg, Clarisse Dorzié, Ernani Moraes, Celso Lemos, Cláudio Gaya, Charles Myara, Guilherme Sant'Anna, Edson Fieschi, Henri Pagnoncelli, Brian Penido, Emilia Rey, Clara Carvalho, Teresa Frota e Ana Luiza Lacombe. 23 abr. 1987. Teatro Aliança Francesa. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

Crítica: Charles Magno Medeiros. Um encanto de viúva. Deliciosa. *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1987, p.6.

*VIÚVA, PORÉM HONESTA*. Texto: Nelson Rodrigues. Direção e iluminação: Roberto Lage. Assistência de direção: Aimar Labaki. Figurinos: Cecília Cerroti e Cláudia Johnsen. Trilha sonora: Tunica. Samba de breque: Sérvulo Augusto e José Rubens Chasseraux. Coreografia: Anselmo Moreno. Cenotécnica: Jorge Ferreira da Silva. Elenco: Grupo Orvietto Ensemble, com Monalisa Lins, Aiman Hammoud, Amair Campos, Amaury Álvares, Delurdes Moraes, Paulo Ivo, Suzana Lakatos, Mauro de Almeida, Luiz Guilherme e Irineu Pinheiro. De 8 jul. 1983 a 30 dez. 1983. Teatro Itália.

Crítica: Clovis Garcia. Um jogo cênico que faz pensar. *O Estado de S. Paulo*, 20 ago. 1983, p.15.

*VIVA A NAU CATARINETA*. Texto: Altimar Pimentel. Direção e adaptação para teatro de bonecos: Cláudio Ferreira. Cenografia e figurinos: Leo Leoni. Produção: Universidade Federal de Pernambuco. Bonecos: Murilo Lima. Sonoplastia e iluminação: Coura Filho. Atores manipuladores: Abner Campos, Cláudio Ferreira, Clorys Daly e outros. De 9 jun. 1982 a 1 ago. 1982. Circo Mal-Me-Quer.

Crítica: Clovis Garcia. O folclore em trabalho importante. *O Estado de S. Paulo*, 24 jul. 1982, p.18.

*VIVA A NOVA REPÚBLICA*. Texto: Jésus Rocha. Direção e música: Carlos Imperial. Cenografia: Edu Marinho e Paulo Rollo. Elenco: Luiz Serra, Célia Coutinho, Liana Duval e Sônia Lima. De 3 fev. 1986 a 20 jun. 1986. Teatro Maria Della Costa.

*VIVA O CORDÃO ENCARNADO*. Texto: Luiz Marinho. Direção: Otto Prado. Cenografia: Alna Prado e Otto Prado. Figurinos e coreografia: Alna Prado. Músicos do Trio Baiano, com Marcos, Zezinho do Bombo e Bigode. Colaboração geral: Derli Benites. Elenco: Júlio Callado, Marina Eusébio, Leão Lobo, Cida Moreyra, Albenis Amaral, Diná Motta, Eleonora Prado, Pedro Américo Lira Rodrigues, Francisco Neto, Glorinha Santos, Hélcio Rodrigues, Ramon de Lemos, Divanildo Modesto, Alna Prado, Ênio Andrade, Mara Manzan, Ângelo Ramiro e Brás Machado. De 25 abr. 1980 a 28 dez. 1980. Teatro Cenarte. 1981. Teatro Cenarte. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VIVA O TEATRO BRASILEIRO*. Texto: Jair Antônio Alves. Elenco: Jair Antônio Alves e convidados diários. Participações Especiais: Umberto Magnani, Ester Góes, César Vieira, Edith Siqueira e Elias Andreato. De 29 mar. 1984 a 1 abr. 1984. Teatro João Caetano.

*VIVA SEM MEDO SUAS FANTASIAS SEXUAIS*. Texto: John Tobias. Adaptação: João Bethencourt. Direção: José Renato. Figurinos: Lu Martan. Cenografia: José Dias. Iluminação e sonoplastia: Paulo Weudes. Elenco: Miriam Mehler, Guilherme Corrêa, Hélio Souto e Marcos Caruso. De 19 jan. 1982 a 3 out. 1982. Teatro Itália.

Crítica: Clovis Garcia. Dois espetáculos: inspiração de fora e nacional. *O Estado de S. Paulo*, 4 fev. 1982, p.22 (acerca também *Oxenti Romi Xinaidi?!*).

*VOCÊ CONHECE EISLER? (ou SE OS TUBARÕES FOSSEM HOMENS)*. Texto: Willy Corrêa de Oliveira. Direção: Fernando Peixoto. Elenco: Caio Pagano, Martha Herr, John Boudler, José Fernandes e Willy Corrêa de Oliveira. 29 maio 1981. Museu de Arte de São Paulo. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VOCÊ SABE QUE DIA É HOJE?* Texto: Mario García-Guillén. Direção: Ricardo Ferreira. Figurinos: Grupo. Iluminação e sonoplastia: Nelson Dias Rodrigues Jr. Elenco: Grupo Luzes da Ribalta, com Hermes Rodrigues, Nery Regiane Herchcovitch, Simone Herchcovitch e Edson Maruschi. De 30 jul. 1986 a 31 ago. 1986. Teatro João Caetano.

*VOCÊ VAI VER O QUE VOCÊ VAI VER*. Texto: Raymond Queneau. Tradução: Luciano Lopreto. Roteiro: Gabriel Villela e integrantes do Circo Grafitti. Direção e cenografia: Gabriel Villela. Assistência de direção: Beto Santina. Figurinos e adereços: Gabriel Villela, Charles Lopes e Luís Rossi. O espetáculo era apresentado na carcaça de um velho ônibus. Direção musical e teclados: Pedro Paulo Bogossian. Direção vocal/interpretação: Glorinha Beuttenmüller. Preparo de *clown*: Francesco Zigrino. Preparação corporal: Eduardo Coutinho. Coreografia: Fernando Lee. Iluminação: Nezito. Cenotécnica: Estevão do Nascimento. Vozes em *off*: Bete Coelho, Paulo Ivo e Helen Helene. Elenco: Circo Grafitti, a partir de tipologia de personagens-tipo do circo-teatro, com Gerson de Abreu (o canastrão), Romis Ferreira (o galã), Rosi Campos (a dama-galã), Helen Helene (a apresentadora), Zezeh Barbosa (a caricata), Caru Camargo (a *sobrette*) e Pedro Paulo Bogossian (o maestro). De 17 maio 1989 a 30 set. 1989. Centro Cultural São Paulo (Espaço Flávio Império).

Crítica: Aimar Labaki. Circo e teatro em comunhão. *O Estado de S. Paulo*, 27 maio 1989, p.3.

Obs.: Baseado no texto *Os exercícios de estilo*, a peça desenvolve-se em 29 quadros (dos 99 originais), em que um acontecimento é reapresentado, de modo diferente a cada vez, possibilitando um amplo espectro de trabalho interpretativo. Não importa a história a ser contada, mas sim seu modo de apresentação por intermédio das mais variadas e inusitadas personagens.[8]

*VOO DOS PÁSSAROS SELVAGENS, O*. Texto: Aldomar Conrado. Direção: Rogério Fróes. Cenografia e figurinos: José Dias. Iluminação: Kari Lage. Sonoplastia: Andréa Zeni e Xodó. Preparação corporal: Vera Lopes. Elenco: Tâmara Taxman e Leonardo Franco. De 6 abr. 1988 a 5 jun. 1988. Teatro Odeon.

8 Amâncio Costa (1999, p.271-3) analisa e comenta os aspectos ligados ao circo-teatro.

*VOO NOTURNO*. Texto: Antoine de Saint-Exupéry. Adaptação: Hamilton de Souza. Direção: Emílio Fontana. Elenco: Sérgio Mamberti, Armando Tiraboschi, Walter Cruz, Marcelo Coutinho e Regina Vaz. 30 nov. 1988. Teatro Sadi Cabral. Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*VOO SOBRE OCEANO*. Texto: Bertolt Brecht. Tradução e direção: Ingrid Dormien Koudela. 24 nov. 1986. Não há mais informações acerca do espetáculo nas fontes consultadas.

*VOU QUERER TAMBÉM SENÃO EU CONTO PRA TODO MUNDO.* Textos: Gugu Olimecha, Max Nunes, Jésus Rocha, Ziraldo e Agildo Ribeiro. Direção: Oswaldo Loureiro. Direção musical: Edson Frederico. Programação: Ziraldo. Cenografia: Arlindo Rodrigues. Figurinos: Didi e Maria Odete. Elenco: Agildo Ribeiro. 1987. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*VOZ DO BRASIL – A PEÇA, A.* Texto e direção: Jairo Arco e Flexa. Cenografia e figurinos: Campello Neto. Elenco: Karin Rodrigues e Miro Martinez. De 5 nov. 1984 a 29 jan. 1986. Teatro Maksoud Plaza.

Crítica: Clovis Garcia. Bons exemplos de tipos de revistas. *O Estado de S. Paulo*, 8 dez. 1984, p.20.

*WALFREDO, MEU ANJO*. Texto: Benê Rodrigues. Direção e figurinos: Teresa Aguiar. Cenografia: Geraldo Jurgenan. Sonoplastia e iluminação: Enzo Capra. Elenco: Márcia Real, Denis Derkian, Ileana Kwasinski, Amadeu Tilli e Bárbara Bruno. De 13 maio 1981 a 28 jun. 1981. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala de Arte).

*WEST SIDE STORY*. Texto: Stephen Sondheim. Argumento: Arthur Laurents. Direção e cenografia originais: Jerome Robbins. Assistência de direção: Susie Chin. Letras: Stephen Sondheim. Músicas: Leonard Bernstein. Direção e coreografia: Jay Norman. Direção musical: Douglas G. Lutz. Assistência de regência: Ken Heyneker. Cenografia: Paul Kelly. Vestuário: Denise Romano. Iluminação: Linda Heard. Elenco: Lindsay Dyett, Pamela Khoury,

Geraldo Alverio, J. R. Davis, Jeff Robinson, Carl Don, C. M. Gampel, Lee Heinz, Buck Hobbs, John Charles, Bob Hilbun/Bob Romaniak, J. R. Peters, Jerry Ziaja, Michael McCord, Rick Ferraro, Tom Warren, Kate Murtagh, Elisa Lenhart, Libby Rhodes, Bob Berkson, Don Cohen, Marshall Lucas, Alan Stuart, Richard Renzaneth, Meghan Dittmar, Colleen Durham, Anna Maria D'Antonio e Lori Rogasta. 12 a 19 ago. 1982. Teatro Záccaro.

Crítica: Mariangela Alves de Lima. *West side story*: longe, muito longe do original. *O Estado de S. Paulo*, 20 ago. 1982, p.21.

*WILL*. Cenas de William Shakespeare. Direção: Evaristo Oliveira. Elenco: Grupo Boca de Cena, com Adilson Braz, Gilda Liberato e outros. 8 set. 1989. Teatro Brasileiro de Comédia (Sala Assobradado). Não foi possível recuperar a data de encerramento da temporada.

*WOYZECK*. Texto: Georg Büchner. Tradução: Marchner. Direção e adaptação: Olair Coan. Assistência de direção: Ronaly Moreno. Cenografia, figurinos e adereços: Armando R. Filho. Trilha sonora: Waghi. Iluminação: Luiz Casado. Cenotécnica: João Sabiá e Hermínio Damasceno. Elenco: Annette Ramer, José Aurélio Martinez, Luiz Casado, Marcos Azevedo, Paula Hernandez, Fausto César Franco e Thaís Ferrara. De 4 a 9 jan. 1989. Tusp. De 18 a 22 jan. 1989. Projeto Mambembe.

*XANDU QUARESMA (ou FARSA DE UM CANGACEIRO, TRUCO E PADRE)*. Texto: Chico de Assis. Direção: Adriano Stuart. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Música e direção musical: Beto Strada. Iluminação: Walter Brandão e Adriano Stuart. Pintura de arte: Juvenal Irene dos Santos. Adereços: J. C. Serroni, Luís Rossi e Juvenal Irene dos Santos. Elenco: Cia. Estável de Repertório, com Antônio Fagundes, João José Pompeo, Tácito Rocha, Serafim Gonzalez, Neusa Maria Faro, Monalisa Lins, Sérgio de Oliveira, Roberto Mars Júnior e Walter Breda. 29 mar. 1984. Teatro Braz Cubas (Santos). De 18 jan. 1985 a 2 jun. 1985. Teatro Cultura Artística. De 2 jun. 1986 a 17 ago. 1986. Teatro Jardel Filho. 1987. Teatro Cultura Artística. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. *Xandu Quaresma*, lufada simpática de brasilidade. *O Estado de S. Paulo*, 26 jan. 1985, p.14.

*XICA DA SILVA*. Texto: Carmosina M. Araújo. Direção: Valdir Ribeiro. Assistência de direção: Odair Costa Silva. Música: Eduardo de Oliveira. Elenco: Grupo Jovens Artistas da Cidade, com Carlito Alves, Carmelita Viktor, Chica Flosi, Júlio Rodrigues, Luciano Maikot, Magda Baumgratz, Mauro Persil, Nino Ferreira, Ronaldo de Castro, Sandra Tadzio, Sérgio Saad e Theo Costa. De 21 jan. 1984 a 26 fev. 1984. Teatro do Carmo.

*XICA DA SILVA*. Texto: Luís Alberto de Abreu. Direção: Antunes Filho. Assistência de direção: Walter Portella e Rogério Wanderley. Cenografia e figurinos: J. C. Serroni. Maquiagem: Luiz Henrique. Iluminação: Davi de Brito. Cenotécnica: Evandro Furquin. Tingimento de tecidos: Luís Rossi. Criação da trilha sonora: Grupo de Teatro Macunaíma, Barthô di Haro e Raul Teixeira. Preparação vocal: Marlene Fortuna. Elenco: Arciso Andreoni, Dirce Thomas, Ailton Graça, Edna Ferri, Jefferson Primo, Geraldo Mário, João Carlos Luz, Joca Santo, José Rosa, Luís Melo, Luís Santos, Marlene Fortuna, Ricardo Karman, Rita Martins, Roberta Nunes, Rubens Teixeira, Sandra Damas, Sueli Penha, Tânia Moura e Walter Portella. De 25 mar. 1988 a 26 jun. 1988. Teatro Anchieta.

*Y ASÍ SE BAILA EL TANGO*. Texto: Leon Romero. Direção: Rodolfo Vasquez Garcia. Cenografia e figurinos: João Pimenta. Iluminação: Isis Carvalho. Coreografia: Juan C. Herrera. Direção musical: Jorge Cristal. Elenco: Mônica Barbosa, Caru Camargo, C. R. Marinho, Edla Pedroso, Glauci Campos, João Pimenta, Jorge Cristal, Júnior Crazy, Kiko Bernardone, Luís Hungar, Maryvone Klock, Ney Bemahiah, Reginah Moreno, Rogério Favoretto, Sônia Gama, Suzana Borges e Vladimir Russo. 7 out. 1988. Teatro Bela Vista. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*YEPETO*. Texto: Roberto Cossa. Tradução: Regina C. Prado e Emílio Di Biasi. Direção: Emílio Di Biasi. Música: Zé Rodrix. Figurinos: Bonetti. Elenco: Rubens de Falco e Marcelo Andrade. De 2 ago. 1989 a 30 dez. 1989. Teatro Paiol.

*ZÁ, ZÂM*. Texto e direção: Augusto Francisco. Elenco: Eduardo Tornaghi, Décio Pinto, Jô Gama, Patrícia Gaspar e Acê Moreira. 1984. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

*ZUM OU ZOIS*. Texto, direção, cenografia, figurinos e interpretação: Carlos Meceni e José Mauro Padovani. Iluminação: Nezito Reis. Trilha sonora: Tunica. De 19 jul. 1982 a 2 jan. 1983. Teatro do Bixiga. 1984. Teatro do Bixiga. Não foi possível recuperar as datas de estreia e de encerramento da temporada.

Crítica: Clovis Garcia. Uma peça para agradar adultos e crianças: uma ideia ousada e que acaba funcionando bem. *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 1982, p.10.

Obs.: A propaganda diz tratar-se de espetáculo para crianças, jovens e adultos, cuja estreia ocorreu em 1979.

# Referências bibliográficas

## Livros e teses


ABRAMO, L. *Vida e arte – memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ALMADA, I. *Teatro de Arena:* uma estética de resistência. São Paulo: Boitempo, 2004.

AMÂNCIO COSTA, E. B. *Saltimbancos urbanos – a influência do circo na renovação do teatro brasileiro das décadas de 80 e 90*. São Paulo, 1999. Tese. Departamento de Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ARRABAL, F. *Teatro pánico.* Madrid: Ediciones Cátedra, 1986.

BARROS, M. de. Comparamento. In: ______. *Ensaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BENJAMIN, W. *Walter Benjamin.* São Paulo: Ática, 1985a.

______. *Obras escolhidas:* magia e técnica, arte e política. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

BENTLEY, E. *A experiência viva do teatro.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.

BERGER, J. *Modos de ver*. Barcelona: Gustavo Gili, s. d.

BOLOGNESI, M. F. *Política cultural:* uma experiência em questão (São Bernardo do Campo: 1989-1992). São Paulo, 1996. Tese de doutoramento. Departamento de Teatro da ECA-USP.

BORNHEIM, G. *Brecht:* a estética do teatro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRANDÃO, F. P. (Org.) *Estudos sobre teatro:* Bertolt Brecht. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRECHT, B. *Bertolt Brecht. Poemas 1913-1956*. 6.ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

______. *Bertolt Brecht. Teatro completo, 1.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BRYAN, G. *Quem tem um sonho não dança – cultura jovem, brasileira nos anos 80.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
______. *Testemunha ocular – história e paisagem*. Bauru: Edusc, 2004.
CAMPOS, C. de A. *Zumbi, Tiradentes* (e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo). São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1988.
CARBONARI, M. *Teatro épico na América Latina:* estudo comparativo da dramaturgia das peças *Preguntas inutiles de Enrique Buenaventura (TEC – Colômbia),* e *O nome do sujeito de Sérgio Carvalho e Márcio Marciano (Cia. do Latão – Brasil).* São Paulo, 2006. (Dissertação de mestrado) – Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (Prolan), Universidade de São Paulo.
CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da história:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
CARLSON, M. *Teorias do teatro:* um estudo crítico-histórico, dos gregos à atualidade. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
CERTEAU, M. de. *A cultura no plural.* 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.
______. *A invenção do cotidiano:* 1. artes do fazer. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
CHAUI, M. *O nacional e o popular na cultura brasileira – seminários.* 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
COHEN, R. *Work in progress na cena contemporânea*: criação, encenação e recepção. São Paulo: Perspectiva, 1998.
______. *Performance como linguagem:* criação de um tempo – espaço de experimentação. São Paulo: Edusp/Perspectiva,1989.
COPEAU, J. *Critiques d'um autre temps.* Paris: NRF, 1923.
COPEAU, J. et al. *Investigaciones sobre el espacio escenico.* Madrid: Alberto Corazon, s. d.
COSTA, I. C. *A hora do teatro épico no Brasil.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
DORT, B. *Leitura de Brecht.* Lisboa: Forja, s. d.
EAGLETON, T. *A ideia de cultura.* São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
______. *A ideologia da estética.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
ELIAS, N. *O processo civilizador*: história dos costumes (vol.I). 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
FERNANDES, S. *Grupos teatrais – Anos 70.* São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
______. *Memória & invenção:* Gerald Thomas em cena. São Paulo: Perspectiva/ Fapesp, 1996.
FO, D. *Manual mínimo do ator.* 2.ed. São Paulo: Senac, 1999.
GALIZIA, L. R. Introdução. In: ______. *Os processos criativos de Robert Wilson.* Trabalhos de arte total para o teatro americano contemporâneo. São Paulo: Perspectiva, 1986.
GARCIA, S. *Teatro da militância:* a intenção do popular no engajamento político. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1990.

______. *As trombetas de Jericó.* Teatro das vanguardas históricas. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 1997.

GUINSBURG, J., LIMA, M. A. et al. (Org.). *Dicionário do teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, Sesc SP, 2006.

GUZIK, A. *TBC:* crônica de um sonho. O teatro brasileiro de comédias – 1948-1964. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos:* o breve século XX*:* 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

______. *Sobre história.* 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

______. (Org.). *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

HOLLANDA, H. B. de. *Asdrúbal Trouxe o Trombone – memórias de uma trupe solitária de comédiantes que abalou os anos 70.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HUNT, L. *A nova história cultural.* 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HUYSSEN, A. *Seduzidos pela memória:* arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAY, M. Scopic regimes of modernity. In: FOSTER, H. *Vision and Visuality*. Seattle: Bay Press, 1988.

JAMESON, F. *O método Brecht.* Petrópolis: Vozes, 1999.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2004.

KONDER, L. *As artes da palavra:* elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

KOUDELA, I. D. *Brecht: um jogo de aprendizagem.* São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1991.

LEFEBVRE, H. et al. *Teatro e vanguarda.* Lisboa: Presença, 1970.

LE GOFF, J. *História e memória.* 5.ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIPMANN, W. Estereótipos. *In*: C. Steimberg (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo, 1970.

LICIA, N. *Ninguém se livra de seus fantasmas.* São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIMA, M. A. de. *Imagens do Teatro Paulista.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Centro Cultural São Paulo, 1985.

MAGALDI, S. *Panorama do teatro brasileiro.* 2.ed. Rio de Janeiro: MEC-SNT, 2003.

MAGALDI, S.; VARGAS, M. T. *Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)*. São Paulo: Senac, 2000.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço:* cultura popular e lazer na cidade. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MATE, A. *30 anos da Cooperativa Paulista de Teatro*: uma história de tantos (ou mais quantos sempre juntos) trabalhadores fazedores de teatro. São Paulo: Imesp, 2009a.

_______. *Buraco d'Oráculo:* uma trupe paulistana de jogadores desfraldando espetáculos pelos espaços públicos da cidade. São Paulo: RWC, 2009b.

_______. *A produção teatral paulistana dos anos 1980 – rabiscando com faca o chão da história*: tempo de contar o (pré)juízos em percursos de andança. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MATTOS, D. J. L. *O espetáculo da cultura paulista*: teatro e televisão em São Paulo (décadas de 1940 e 1950). São Paulo: Códex, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral.* 4.ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2002.

_______. *Brasil fora de si*: experiências de brasileiros em Nova York. São Paulo: Parábola, 2004.

MENESES, U. T. de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*. (São Paulo), n°115, USP, 1983.

_______. A fotografia como documento: Roberto Capa e o miliciano abatido na Espanha. Sugestões para um estudo histórico, *Tempo* (Niterói), 7 (14), jan.-jun., 2003.

MICHALSKI, Y. *O teatro sob pressão*: uma frente de resistência. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória:* a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, M. L. de. *Madame Satã* – o templo do underground dos anos 80. São Paulo: Lira, 2006.

MOSTAÇO, E. *Teatro e política:* Arena, Oficina e Opinião (uma interpretação da Cultura de Esquerda). São Paulo: Proposta Editorial/Secretaria de Estado da Cultura, 1982.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1981.

PATRIOTA, R. *Vianinha um dramaturgo no coração de seu tempo*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

PEIXOTO, F. *Brecht: vida e obra.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

PEREIRA, C. A. M.; HOLLANDA, H. B. de. *Patrulhas ideológicas – marca reg.:* arte e engajamento em debate. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PISCATOR, E. *O teatro político.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

*POD MINOGA Studio:* A arte de brincar no palco sem pedir licença. São Paulo: Sesc SP, 2008.

PONTES, P.; HOLLANDA, C. B. de. *Gota d'água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

RIVIÈRE, J.-L. Gesto. In: *Enciclopédia Einaudi,* v.11. Lisboa: Imprensa Oficial – Casa da Moeda, 1987.

SILVA, A. S. da. *Oficina:* do teatro ao te-ato. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SIMON, A. *Dictionnaire du théâtre contemporain.* Paris: Librairie Larousse, 1970.

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
*TEATRO POPULAR DO SESI: 40 ANOS*. São Paulo: Sesi, 2004.
TELLES, N.; CARNEIRO, A. (Orgs.). *Teatro de rua:* olhares e perspectivas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
VARGAS, M. T. *Sônia Oiticica – uma atriz rodrigueana?* São Paulo: Imprensa Oficial; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.
VIANNA, D. *Companheiros de viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
VIANNA FILHO, O. *O melhor teatro de Oduvaldo Vianna Filho*. São Paulo: Global, 1984.
VIEIRA, C. *Em busca de um teatro popular*. 4.ed. atualizada. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.
WILLIAMS, R. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

## Jornais

### *Folha de S. Paulo*, São Paulo

DEL RIOS, J. Emoção vence o baluartismo. 30 dez. 1981, p.25. (espetáculo: *A ferro e fogo*)
_______. Mãos sujas de terra ou um sonho popular. 17 nov. 1979, p.23. (espetáculo *Mãos sujas de terra*)
FRIAS FILHO, O. Tragicomédia mostra autor teatral de raro talento. 3 out. 1988, p.E-5. (espetáculo: *Fica comigo esta noite*)
LABAKI, A. Humor de São Paulo descobre seu besteirol. 5 mar. 1988, p.A-34. (espetáculo: *Levadas da breca*).
_______. Surrealismo traz Lélia Abramo de volta por um dia. 7 nov. 1988, p.E-8. (espetáculo: *Arcanos maiores da poesia surrealista*).
MATÉRIA NÃO ASSINADA. 2 nov. 1997, Caderno Dinheiro, p.13.
PILAGALLO, O. Dama dá xeque no Estado do bem-estar. 30 dez. 1999, Caderno especial, p.10.
SÁ, N. de; PAIVA, M. R. O teatro apolíneo de Antunes Filho (entrevista). 6 fev. 2000, Caderno Mais!, p.10.

### *Jornal da Tarde*, São Paulo

GUZIK, A. Eldorado: um serão indigesto. 7 dez. 1985, p.8. (espetáculo: *Eldorado*)
MAGALDI, S. Bom fim de ano? Ficou só a esperança. 30 dez. 1981.
MARTINO, T. Vá ver *A ferro e fogo* no Studio São Pedro. Mas depois não diga que não foi avisado. 8 jun. 1981. (espetáculo: *A ferro e fogo*)

### *O Estado de S. Paulo*, São Paulo

DEL RIOS, J. A alucinada viagem de Flávio de Souza. 25 out. 1988. (espetáculo: *Fica comigo esta noite*)

______. A maior e a menor cidade do mundo. 9 ago. 1989, p.3. (espetáculo: *Nossa cidade*)

______. *A mancha roxa*, um efeito devastador. 21 mar. 1989, p.3. (espetáculo: *A mancha roxa*)

______. Algo cativante neste *Diálogo*. 20 dez. 1988, p.3. (espetáculo: *Diálogo noturno com um homem vil*)

______. As emoções em velocidade elétrica. 1 out. 1989, p.3. (espetáculo: *525 linhas*)

______. Cacá Rosset, deboche irresistível. 10 nov. 1989, Caderno 2, p.2. (espetáculo: *Doente imaginário*)

______. Delicadeza e emoção em um belo álbum de família. 20 out. 1989, p.3. (espetáculo: *Uma relação tão delicada*)

______. Emoção e poesia em *Cerimônia do adeus*. 15 out. 1988, p.3. (espetáculo: *Cerimônia do adeus*)

______. *Jogo de cintura* não tem o que o texto promete. 9 dez. 1988, p.23. (espetáculo: *Jogo de cintura*)

______. No palco a transfiguração. 22 mar. 1989, p.1. (espetáculo: *Elas por ela*)

______. *O amigo da onça*, leve e vibrante. 18 ago. 1988, p.3. (espetáculo: *O amigo da onça*)

______. *O concílio do amor*, com um toque experimental. 29 nov. 1988, p.2. (espetáculo: *O concílio do amor*)

______. O encanto do *Theatro musical brazileiro*. 23 set. 1988, p.3. (espetáculo: *Theatro musical brasileiro: 1914-1945*)

______. Oficina, a história e a paixão revisitadas. *1* set. 1989, p.3. (espetáculo: *Decifra-me ou devoro-te*)

______. Olhares com sabor de um certo segredo. 6 set. 1989, p.3. (espetáculo: *Olhares de perfil*)

______. *Os cegos*, uma estranha fábula sobre a vida. *2* nov. 1989, p.3. (espetáculo: *Os cegos*)

______. *Quadrante*, emoção e requinte. 5 jan. 1989, p.3. (espetáculo: *Quadrante*)

______. Regina Casé, entre o doce e o amargo. 9 out. 1988, p.3. (espetáculo: *Nardja Zulpério*)

______. *Solness*, uma sólida catedral de estilo e técnica. 17 set. 1988, p.2. (espetáculo: *Solness, o construtor*)

______. Sonhos traídos em *O preço.* 7 abr. 1989, p.3. (espetáculo: *O preço*)

______. Um ótimo tapa no porqueirol colonizado. 5 jul. 1989, p.3. (espetáculo: *O senhor de Porqueiral*)

_______. Uma cerimônia de posse e maldição. 9 jul. 1988, p.1. (espetáculo: *Louco de amor: um ato de loucura*)

_______. Uma Zona Norte que está na alma do mundo. 5 maio 1989, p.12. (espetáculo: *Paraíso zona norte*)

_______. Van Steen, ricos detalhes de sentimentos. 13 jun. 1989, p.2. (espetáculo: *O último encontro*)

EMEDIATO, L. F. Besteirol sem graça. 3 set. 1986, p.5. (espetáculo: *Batalha de arroz num ringue para dois*)

_______. Vampirismo sedutor. 20 set. 1986, p.4. (espetáculo: *Drácula*)

FARIA, M. R. de. Emocionante criação teatral. 6 out. 1989, p.3. (espetáculo: *Encontrar-se*)

FEBROT, L. I. Delmiro Gouveia, criticado. 21 mar. 1981, p.21. (espetáculo: *O coronel dos coronéis*)

GARCIA, C. A "baixa-estação" teatral destaca autores teatrais. 3 jun. 1982, p.14. (espetáculo: *As moças do segundo andar* e *Croquetes à Lord Byron)*

_______. A atualidade de Molière num espetáculo cuidado. 16 jul. 1982, p.26. (espetáculo: *As malandragens de Escapino*)

_______. *Aurora da minha vida*, apenas um bom espetáculo. 19 jul. 1981, p.16. (espetáculo: *Aurora da minha vida*)

_______. A boa diversão está presente em dois musicais. 4 jan. 1982, p.19. (espetáculos: *Felisberto do café* e *Todo mundo nu*)

_______. A comédia de Tchekhov em *Trágico à força.* 9 jul. 1982, p.19. (espetáculo: *Trágico à força*)

_______. A comédia é boa. *E o público ri o tempo todo.* 13 mar. 1982, p.20. (espetáculo: *Ta boa, Santa?*)

_______. A dramaturgia nacional em dois espetáculos corretos. 19 dez. 1982, p.51. (espetáculos: *Fim de caso* e *Sobrevividos*)

_______. A estreia auspiciosa de um autor. 20 jul. 1984, p.15. (espetáculo: *A lei de Linch*)

_______. A greve, tema de dois espetáculos. 31 dez. 1981, p.14. (espetáculos: *A ferro e fogo* e *Em defesa do companheiro Gigi Damiani*)

_______. A história recente no palco. 21 ago. 1980, p.24. (espetáculo: *O filho do Carcará*)

_______. A incômoda sensação do já visto em *Ekhart.* 13 jun. 1984, p.15. (espetáculo: *Ekhart, o cruel*)

_______. A poesia de um espetáculo bem brasileiro. 5 set. 1984, p.15. (espetáculo: *Cruis credo*)

_______. A quebra das convenções em espetáculo desafiante. 11 fev. 1982, p.27. (espetáculo: *O Hamleto*)

_______. A realidade cultural do interior, sem caricatura. 23 mar. 1980, p.38. (espetáculo: *Ato cultural*)

______. A repressão em um espetáculo interessante. 1 jun. 1985, p.18. (espetáculo: *A lira dos vinte anos*)
______. *A revolução*, boa ideia e má escolha. 27 set. 1983, p.19. (espetáculo: *A revolução*)
______. A riqueza temática que gera uma obra-prima. 26 abr. 1984, p.25. (espetáculo: *Romeu e Julieta*)
______. *A serpente*: espetáculo curto, inovador e mágico. 27 set. 1984, p.20. (espetáculo: *A serpente*)
______. A superficialidade domina na adaptação de *Giovanni*. 26 mar. 1986, p.17. (espetáculo: *Giovanni*)
______. A tradição da farsa volta em dois bons espetáculos. 4 jun. 1982, p.18. (espetáculos: *De caviar a misto-quente* e *Quem é que pode com o bode quem do um bode pode?*)
______. Adultério, tema comum a duas divertidas peças. 13 jan. 1983, p.14. (espetáculos: *Toalhas quentes* e *Amizade colorida*)
______. Agilidade do diálogo em uma comédia de João Bethencourt. 3 fev. 1980, p.36 (espetáculo: *Tem um psicanalista na nossa cama*).
______. Algumas restrições a esta montagem de *Morre o rei*. 2 set. 1982, p.23. (espetáculo: *Morre o rei*)
______. *Amar, verbo intransitivo*, excelente resultado cênico. 31 mar. 1983, p.17. (espetáculo: *Amar, verbo intransitivo*)
______. Angústias no barracão. 8 maio 1986, p.4. (espetáculo: *Uma lição longe demais*)
______. Apesar dos senões, bons intérpretes para Arrabal. 14 fev. 1985, p.19. (espetáculo: *O arquiteto e o imperador da Assíria*)
______. *As criadas*, muita força dramática. 8 dez. 1981, p.2. (espetáculo: *As criadas*)
______. Atualidade permanente na velha comédia de costumes. 17 set. 1980, p.17. (espetáculo: *Mãos ao alto, São Paulo*)
______. *Barrela*: após 21 anos, a mesma força dramática. 17 jul. 1980, p.20. (espetáculo: *Barrela*)
______. Bibi-Piaf milagre da representação. 13 out. 1984, p.13. (espetáculo: *Piaf*)
______. *Boa noite, mãe*, espetáculo num crescendo de tensão. 22 ago. 1984, p.18. (espetáculo: *Boa noite, mãe.*)
______. Bom espetáculo de autor brasileiro. 1 dez. 1982, p.21. (espetáculo: *Síndica, qual é a tua?)*
______. Bons exemplos de tipos de revistas. 8 dez. 1984, p.20. (matéria-crítica)
______. *Campeões do Mundo*: sem emoção. 30 jul. 1981, p.24. (espetáculo: *Campeões do mundo*)
______. Cena rural no palco para o público urbano. 18 nov. 1979, p.16. (espetáculo: *Na carrêra do Divino*)
______. Cenas esfuziantes para um hino de amor a São Paulo. 20 abr. 1984, p.16. (espetáculo: *Sai da frente que atrás vem gente*)

________. Encenação que valoriza a volta do Taib à atividade. 19 out. 1985, p.15. (espetáculo: *Fogo na Terra*)

________. Comédia alegre, realizada com perícia técnica. 27 maio 1982, p.28. (espetáculo: *Corrente pra frente*)

________. Comédia, alívio de tensões. 20 set. 1980, p.19. (espetáculos: *Os filhos de Dulcina* e *O bengalão do finado*)

________. Cooperativa, uma alternativa para o teatro. 21 abr. 1981, p.14. (espetáculo: *Ubu rei*)

________. Demonstração de qualidade teatral renovada: Pon-Kã. 18 mar. 1983, p.14. (espetáculo: *Tempestade em copo d´água*)

________. *Desencontros clandestinos*, cumprindo sua finalidade. 26 mar. 1982, p.23. (espetáculo: *Desncontros clandestinos*)

________. Despedida de um teatro da juventude. 2 maio 1983, p.18. (espetáculo: *Rock and roll*)

________. Dias Gomes, texto ousado e crítico. 31 ago. 1985, p. 19. (espetáculo: *Amor em campo minado*)

________. *Dibuk*. Encantamento e magia. 26 ago. 1983, p.19. (espetáculo: *Um dibuk para duas pessoas)*

________. *Divina increnca*, resultado de qualidade. 8 mar. 1986, p.14. (espetáculo: *Divina increnca*)

________. Dois atores em grande momento. 25 maio 1983, p.16. (espetáculo: *Ganhar ou ganhar*)

________. Dois bons retratos da juventude atual. 21 jun. 1984, p.17. (espetáculos: *Morangos mofados* e *Porcos com asas*)

________. Dois clássicos nos palcos da cidade. 1 nov. 1981, p.34. (espetáculos: *Jorge Dandan, o marido confundido* e *Jorge Dandin*)

________. Dois emocionantes monólogos. 25 jan. 1986, p.15. (espetáculos: *As mãos de Eurídice* e *Assunta do 21*)

________. Dois espetáculos: inspiração de fora e nacional. 4 fev. 1982, p.22. (espetáculos: *Viva sem medo suas fantasias sexuais* e *Oxenti Romi Xinaidi?!*)

________. Dois grandes momentos teatrais: com Brecht. 7 nov. 1982, p.38. (espetáculos: *O lírio do inferno* e *O que mantém um homem vivo?*)

________. Dois musicais brasileiros interessantes e de qualidade. 20 nov. 1982, p.22. (espetáculos: *Love, love, love* e *Felisberto do café*)

________. *Dona Rosita*: no palco um Lorca com muita poesia. 9 maio 1980, p.17. (espetáculo: Dona Rosita, a solteira)

________. Duas adaptações da literatura e espontânea criação coletiva. 28 maio 1980, p.16. (espetáculos: *Não me maltratre, Robinson; Qualé, meu? (guerrilha urbana no Brasil, de 68 a 72)* e *A gaiola – vida, sonhos e lutas da nossa classe operária*)

________. *Édipo*, um dos melhores do ano. 10 jun. 1983, p.14. (espetáculo: *Édipo rei*)

______. Ela só quer divertir o público. 12 jun. 1986, p.5. (espetáculo: *Uma mulher sem igual*)

______. Elenco, um ponto alto em Um beijo, um abraço, um aperto de mão. 27 mar. 1984, p.20. (espetáculo: *Um beijo, um abraço, um aperto de mão*)

______. Em cena, presença de uma força dramática. 9 maio 1985, p.24. (espetáculo: *Revelações de uma prostituta e seu patrão*)

______. Encenações instigantes do Ar Cênico e Mambembe. 18 dez. 1985, p.20. (espetáculos: *Inimigos de classe* e *Máscaras*)

______. Excepcional tratamento de espaço em *Othello*. 9 fev. 1982, p.19. (espetáculo: *Othello*)

______. Fassbinder, com direção certa e intérprete perfeita. 22 maio 1981, p.20. (espetáculo: *Afinal, uma mulher de negócios*)

______. Fiel às propostas de Galizia. 28 mar. 1986, p.13. (espetáculo: *Código 25*)

______. *Fim de jogo*, no melhor estilo de Beckett. 29 ago. 1980, p.23. (espetáculo: *Fim de jogo*)

______. Fo, Vaneau e a essência do teatro. 7 abr. 1985, p.33. (espetáculo: *A tigresa*)

______. Folclore bem aproveitado e pornochanchada teatral. 20 mar. 1982, p.17. (espetáculos: *O reino jejua, mas o rei nem tanto* e *A saga da mãe de ouro*)

______. Frágil – e divertida – análise do poder. 7 abr. 1984, p.22. (espetáculo: *O rei devasso*)

______. Frivolidade aparente. 23 set. 1986, p.5. (espetáculo: *Ao sol do novo mundo*)

______. Gargalhadas e um tempero muito erótico. 20 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *Gato de estimação*).

______. Gargalhando sem parar. 28 ago. 1986, p.5. (espetáculo: *Masculino muito singular*)

______. *Gemini*, falta a ação dramática. 23 set. 1982, p.2.1. (espetáculo: *Gemini*)

______. Grande peça por Beatriz Segall. 26 abr. 1985, p.16. (espetáculo: *Emily*)

______. Homossexualismo em quatro peças. 29 mar. 1981, p.36. (espetáculos: *Bent, Macho beleza, Blue jeans* e *Trampo & gandaia*)

______. Imaginoso e criativo, um grande espetáculo. 20 dez. 1985, p.17. (espetáculo: *Santa Joana*)

______. Intérpretes, ponto alto de uma comédia sentimental. 23 jan. 1985, p.18. (espetáculo: *Quando o coração floresce (amor na terceira idade*)

______. Ironia, diversão, peças sem falhas. 23 maio 1985, p.14. (espetáculo: *Negócios de Estado*)

______. *Louco circo do desejo*, diálogo fluente e brilhante. 3 jan. 1986, p.16. (espetáculo: *Louco circo do desejo*)

______. *Madame Blavatsky*, a amosfera da magia. 28 nov. 1985, p.23. (espetáculo: *Madame Blavatsky*)

______. Mais um musical alegre. 17 abr. 1985, p.14. (espetáculo: *Dona Flor e seus dois maridos)*

________. *Mal secreto*: excelente espetáculo. 5 set. 1981, p.15. (espetáculo: *Mal secreto*)

________. Marília Pêra em atuação perfeita. 11 out. 1985, p.19. (espetáculo: *Brincando em cima daquilo*)

________. Montagem abrasileirada de *Oh! Calcutta!* bem feita. 2 jun. 1984, p.14. (espetáculo: *Oh, Calcutta!*)

________. Montagem corajosa com texto de Arthur Azevedo. 25 maio 1985, p.19. (espetáculo: *Eloy, o herói*)

________. Montagens quase perfeitas do Pessoal do Cabaré. 23 jan. 1982, p.16. (espetáculo: *Cabaré Valentin*)

________. Morineau, Maria, Cleyde. 21 nov. 1981, p.16. (espetáculo: *Ensina-me a viver*)

________. Musical raro para valorizar a cultura negra. 16 fev. 1980, p.14. (espetáculo: *Ongira, grito africano*)

________. *Não explica que complica*, diversão inteligente. 14 abr. 1984, p.15. (espetáculo: *Não explica que complica*)

________. Nelson Rodrigues numa grande concepção teatral. 30 maio 1984, p.16. (espetáculo: *Nelson 2 Rodrigues*)

________. Nova linguagem e um problema para a crítica. 9 mar. 1984, p.15. (espetáculos: *Noturno para Pagu, Nosso Senhor da Lama* e *O grande circo místico*)

________. O efervescente champanha para os festejos de Vaneau. 1 nov. 1983, p.15. (espetáculo: *Oh, lalá! Belle époque!*)

________. O esmero formal de *Hedda Gabler*. 13 mar. 1983, p.38. (espetáculo: *Hedda Gabler*)

________. O folclore em trabalho importante. 24 jul. 1982, p.18. (espetáculo: *Viva a nau catarineta*)

________. *O Hamleto*, montagem audaciosa e renovadora. 3 abr. 1985, p.16. (espetáculo: *O Hamleto*).

________. *O jardim das delícias*: com todo o encantamento de Tchekhov. 22 jan. 1982, p.18. (espetáculo: *O jardim das cerejeiras*)

________. O mérito de duas peças, a direção. 1 out. 1982, p.16. (espetáculos: *As quatro meninas* e *As tias*)

________. O prazer estético em três horas. 10 maio 1981, p.12. (espetáculo: *Nelson Rodrigues, o eterno retorno*)

________. O recomendável e o óbvio em mais duas comédias em cartaz. 2 abr. 1980, p.23. (espetáculos: *Tem um psicanalista em nossa cama, Elas complicam tudo, Pato com laranja* e *A exposa*)

________. O ressurgimento do monólogo dramático. 13 dez. 1980, p.16. (espetáculos: *O jovem Karl Marx*; *Onde estás; O diário de um louco* e *Eu, Sócrates, corruptor de menores*)

________. O riso permanente junto à reflexão, em Fo. 21 ago. 1985, p.17. (espetáculo: *Um casal aberto... ma non troppo*)

_______. O simbolismo, dentro dos subterrâneos das ditaduras. 9 set. 1980, p.19. (espetáculo: *O senhor Galindez*)
_______. *Oito mulheres*: destaque para as atrizes. 7 set. 1983, p.16. (espetáculo: *Oito mulheres*)
_______. Os méritos da montagem dos textos de Zé Fidélis. 28 jan. 1983, p.15. (espetáculo: *O teatro maluco de Zé Fidélis*)
_______. Passagem livre em *Abajur lilás*. 9 jul. 1980, p.19. (espetáculo: *Abajur lilás*)
_______. Peça digna, à altura de Strindberg. 19 abr. 1984, p.20. (espetáculo: *Senhorita Júlia*)
_______. Peça para ser apreciada e apoiada por vários motivos. 12 maio 1983, p.21. (espetáculo: *Coração na boca*)
_______. Peças experimentais importantes. 31 out. 1985, p.14. (espetáculos: *Síntese e surpresa – fragmentos do teatro futurista* e *Ubu rei*)
_______. Ponkã e Ornitorrinco: duas propostas criativas. 17 maio 1984, p.18. (espetáculo: *Mahagonny*).
_______. Problemas da juventude, tema de três espetáculos. 16 nov. 1980, p.44. (espetáculos: *Foi bom, meu bem?, Aquela coisa toda* e *Exercício da paixão*)
_______. Quando o trágico é cômico. 11 set. 1982, p.14. (espetáculo: *Morte acidental de um anarquista*)
_______. *Quase 84*: unidade e consistência dramática. 21 out. 1983, p.23. (espetáculo: *Quase 84*)
_______. Realidade em dois tons: a análise séria e a sátira. 11 jul. 1980, p.19. (espetáculos: *O senhor dos cachorros* e *Brasil, de fio a pavio*)
_______. Revista, em duas comédias. 2 out. 1980, p.23. (espetáculos: *Teatro de cordel* e *Tratado geral sobre a fofoca*)
_______. Ritual onírico em importante espetáculo. 1 mar. 1985, p.16. (espetáculo: *Nossa senhora das flores*)
_______. *Romulus Magno* entre os melhores do semestre. 14 jul. 1984, p.14. (espetáculo: *Romulus Magnus*)
_______. Roubar, verbo riso. 25 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *Festival de ladrões*)
_______. Teatro: público pequeno para muitos espetáculos. 7 out. 1981, p.22.
_______. Texto bem estruturado e justiça para Chiquinha. 30 set. 1985, p.16. (espetáculo: *Chiquinha Gonzaga*)
_______. Texto menor de Nelson Rodrigues bem encenado. 5 set. 1980, p.17. (espetáculo: *Dorotéia*)
_______. Textos que falaram sobre cultura brasileira. 25 dez. 1982, p.11. (espetáculos: *Lola Moreno, Mural mulher* e *Sobrevividos*)
_______. Três possibilidades de reflexão. 4 fev. 1984, p.14. (espetáculo: *O palhaço repete seu discurso, O belo indiferente* e *Salto alto*)
_______. Um espetáculo divertido e que pode induzir à reflexão. 12 jul. 1984, p.19. (espetáculo: *O purgatório, uma divina comédia*)

______. Um espetáculo engraçado, mas que provoca reflexão. 21 dez. 1984, p.18. (espetáculo: *Ao papai com dinamite e afeto*)
______. Um espetáculo que cumpre seu fim: divertir. 9 dez. 1981, p.18. (espetáculo: *Seda pura e alfinetadas*)
______. Um exemplo de como enfrentar um teatro de crise. 13 fev. 1980, p.15. (espetáculo: *Jesus homem*)
______. Um jogo cênico que faz pensar. 20 ago. 1983, p.15. (espetáculo: *Viúva, porém honesta*)
______. Um raro momento teatral. 19 set. 1982, p.47. (espetáculo: *Agnes de Deus*)
______. Uma análise séria de nossa realidade. 2 dez. 1981, p.18. (espetáculo: *Lua de cetim*)
______. Uma aula de interpretação. 26 set. 1981, p.18. (espetáculo: *Ensina-me a viver*)
______. Uma boa peça e teatro imperfeito. 27 jan. 1982, p.18 (espetáculo: *Filhos do silêncio*)
______. Uma crítica debochada ao ser humano. 25 jul. 1985, p.18. (espetáculo: *Pô, Romeu*)
______. Uma ópera-rock cheia de surpresas. 13 nov. 1982, p.25. (espetáculo: *José e seu manto technicolor*)
______. Uma peça para agradar adultos e crianças: uma ideia ousada e que acaba funcionando bem. 7 ago. 1982, p.10. (espetáculo: *Zum ou zois*)
______. Uma revolução cênica insuperável. 23 ago. 1985, p.15. (espetáculo: *A herdeira*)
______. Violência, com enfoque superficial. 20 jul. 1985, p.14. (espetáculo: *Extremos*)
______. *Xandu Quaresma*, lufada simpática de brasilidade. 26 jan. 1985, p.14. (espetáculo: *Xandu Quaresma, ou Farsa de um cangaceiro, truco e padre*)
GARCIA, L. L. Boa folia radiofônica. 19 dez. 1987, p.8. (espetáculo: *Rádiopholia*)
______. *Trilogia Kafka*: polêmica. 14 maio 1988, p.6. (espetáculo: *Trilogia Kafka*)
GOLDFELDER, M. Heiner Müller no palco do Sesc. 1 jul. 1988, p.3. (espetáculo: *Eras*)
KAHNS, M. Densidade e escorregões. 26 jul. 1986, p.5. (espetáculo: *Criança enterrada*)
LABAKI, A. Atriz salva *Um casal do barulho*. 13 maio 1989, p.3. (espetáculo: *Um casal do barulho*)
______. Circo e teatro em comunhão. 27 maio 1989, p.3. (espetáculo: *Você vai ver o que você vai ver*)
______. Débora Duarte, atuação memorável. 31 maio 1989, p.3. (espetáculo: *Vida de artista*)
______. *Erêndira*, uma peça sem diálogo com o seu original. 16 mar. 1989, p.3. (espetáculo: *Erêndira*)
______. Grandes talentos e pouco resultado. 18 mar. 1989, p.3. (espetáculo: *A cena de origem*)

______. *Lua nua* fica abaixo do talento da autora e atores. 5 abr. 1989, p.13. (espetáculo: *Lua nua*)

______. Montagem abstrata demais. 5 maio 1989, p.12. (espetáculo: *Paraíso zona norte*)

______. Não respeitaram os limites das *Blas fêmeas*. Que pena. 8 abr. 1989, p.4. (espetáculo: *Blas fêmeas*)

______. O brilho de Tonia numa valsa frágil. 21 abr. 1989, p.3. (espetáculo: *Esta valsa é minha*)

______. *O país dos elefantes*, as insuficiências da coprodução. 11 abr. 1989, p.1. (espetáculo: *O país dos elefantes*)

______. Um Tennessee Williams grotesco e impreciso. 27 jul. 1989, p.2. (espetáculo: *De repente... no último verão*)

LANDO, V. *A garota do gângster*. A sessão coruja é melhor. 8 jul. 1986, p.5. (espetáculo: *A garota do gângster*)

______. Beckett: silêncio. 9 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *Katastrophé*)

______. Contornos de deboche no universo de emoção. 15 out. 1986, p.5. (espetáculo: *Síndrome de super-homem*)

______. Criação coletiva de equívocos. 13 jan. 1987, p.5. (espetáculo: *A ermo*)

______. D. Pedro I e Domitila no circo. 21 maio 1986, p.4. (espetáculo: *A marquesa e o imperador*)

______. Diversão inconsequente e segura. 18 set. 1986, p.4. (espetáculo: *O que o mordomo viu*)

______. Divino teatro pecador. 13 nov. 1986, p.5. (espetáculo: *Divinas palavras*)

______. Édipos e Electras a ver navios. 24 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *Hello, boy!*)

______. Fuja deste espetáculo. 21 out. 1986, p.4. (espetáculo: *Antígona*)

______. Gargalhadas ininterruptas. 19 jul. 1986, p.5. (espetáculo: *Quem tem medo de Itália Fausta*)

______. Guimarães Rosa despido de energia e grunhidos. 4 set. 1986, p.5. (espetáculo: *Meu tio, o Iauaretê*)

______. Imperdoável desperdício. Um tiro pela culatra. 16 maio 1986. (espetáculo: *O segundo tiro*)

______. Marcas inconfundíveis. 9 out. 1986, p.5. (espetáculo: *Pas-de-deuses*)

______. Melancolia da humanidade. 2 out. 1986, p.5. (espetáculo: *Balada de um palhaço*)

______. Nos confins da roça. 31 mar. 1987, p.4. (espetáculo: *Na carrêra do divino*)

______. O amor e a política. Com risco. 16 abr. 1986, p.4. (Elenco: *Festival de ladrões*)

______. O galo cantou. O autor não sabe onde. 13 maio 1986, p.4. (espetáculo: *Carmem com filtro*)

______. O uivo de Vampíria. 5 ago. 1987, p.6. (espetáculo: *Vampíria*)

______. Patética agressividade. 20 ago. 1987, p.6. (espetáculo: *Dois perdidos numa noite suja*)

_______. Uma paixão requentada. 7 maio 1986, p.4. (espetáculo: *Grita paixão*)

_______. Vudu, arrepios. Mas pouco dá para entender. 19 jul. 1986, p.4. (espetáculo: *O dia das bruxas*)

LIMA, M. A. de. A agilidade das formas e o sensível: *Feliz ano velho*. 5 out. 1983, p.17. (espetáculo: *Feliz ano velho*)

_______. A dificuldade de Guarnieri em encenar a crise. 9 nov. 1988, p.3. (espetáculo: *Pegando fogo... lá fora*)

_______. A família, entre farsa e comédia. 6 abr. 1983, p.19. (espetáculo: *Parentes entre parênteses*)

_______. A incompetente direção de um texto indefinido e tosco. 24 set. 1981, p.25. (espetáculo: *O bebê furioso*)

_______. A luta ecológica em nível internacional. 20 ago. 1986, p.5. (espetáculo: *E morrem as florestas*)

_______. A paixão pela vida do Giramundo. 9 out. 1987, p.6. (espetáculo: *As relações naturais*)

_______. *Amadeus*, medidas certas. Mas sem expressão maior. 29 ago. 1982, p.38. (espetáculo: *Amadeus*)

_______. Apropriação indevida de clichês. 5 jul. 1980, p.19. (espetáculo: *Às margens plácidas*)

_______. Ardente dolorida! Maria Alice Vergueiro interpreta os solos da peça com perfeição. 16 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *Katastrophé*)

_______. *Artaud*, o direito de ser acessível e compreendido. 23 set. 1984, p.43. (espetáculo: *Artaud: o espírito do teatro*)

_______. As irônicas lições da *Irmã Maria Ignácio*. 12 ago. 1982, p.25. (espetáculo: *Irmã Maria Ignácio explica tudo*)

_______. Autor retrocede em nova montagem. 3 jul. 1983, p.42. (espetáculo: *Sopa de sonho*)

_______. *Com a pulga, O peru*: duas comédias que não se pode perder. 2 nov. 1985, p.14. (espetáculos: *O peru* e *Com a pulga atrás da orelha*)

_______. De efeito devastador. 5 abr. 1987, p.10. (espetáculo: *Depois do expediente*)

_______. Dificuldade em enfrentar os tempos presentes. 8 mar. 1981, p.41. (espetáculo: *Os órfãos de Jânio*)

_______. Divertida brincadeira. 7 maio 1988, p.6. (espetáculo: *O mistério de Irma Vap*)

_______. Em *Fulaninha...*, os estigmas da solidão. 17 set. 1988, p.2. (espetáculo: *Fulaninha e dona Coisa*)

_______. Encenação singela e sem preocupações excessivas. 7 out. 1981, p.22. (espetáculo: *39*)

_______. Equilíbrio de tensões com grande beleza. 2 jul. 1987, p.7. (espetáculo: *Eletra*)

_______. Espetáculo agradável e facilmente esquecido. 25 mar. 1982, p.30. (espetáculo: *Doce deleite*)

_______. Espetáculo que repousa na participação do ator. 26 abr. 1982, p.25. (espetáculo: *Romeu e Julieta*)

_______. Exemplo raro de competência. 1º maio 1980, p.21. (espetáculo: *Ópera do malandro*)

_______. *Feliz Páscoa* com humor, leveza e falhas. 18 maio 1985, p.19. (espetáculo: *Feliz Páscoa*)

_______. *Geni*, apenas decorativo. 19 out. 1980, p.30. (espetáculo: *Geni*)

_______. Ideias boas em espetáculo ruim. 29 jun. 1986, p.4. (espetáculo: *Até amanhã*)

_______. *Mão na luva*, espetáculo íntegro. 30 set. 1984, p.41. (espetáculo: *Mão na luva: introdução ao homem de duas faces*)

_______. Maquiavel, acima dos séculos. 9 jul. 1988, p.1. (espetáculo: *A mandrágora*)

_______. Margens da Ipiranga. 16 abr. 1988, p.6. (espetáculo: *Às margens da Ipiranga*)

_______. Montagem frágil para texto sem imaginação. 6 nov. 1982, p.18. (espetáculo: *Numa nice*)

_______. Morango sem chantilly. 17 jul. 1986, p.5. (espetáculo: *Morango com chantilly*)

_______. *Morangos mofados*: um testemunho sincero. 27 jun. 1984, p.16. (espetáculo: *Morangos mofados*)

vMuito barulho por nada. 7 jun. 1986, p.5. (espetáculo: *O quarteto*)

_______. O ator. Intensivamente. 31 maio 1987, p.8. (espetáculo: *Matrimônio com Deus*)

_______. O riso comedido na máscara de Arlequim. 11 jul. 1989, p.2. (espetáculo: *Arlecchino sevitore di due patroni)*

_______. O teatro delicado e bonito do Asdrúbal. 3 mar. 1983, p.38. (espetáculo: *A farra da terra*)

_______. Os Conways, esses chatos. 27 set. 1986, p.4. (espetáculo: *O tempo e os Conways*)

_______. Ou adesão. Ou recusa. 10 set. 1987, p.7. (espetáculo: *Kronos*)

_______. Paixão em ritmo devastador. 20 mar. 1987, p.7. (espetáculo: *Fedra*)

_______. *Patética*: reminiscências de um tempo que ainda. 21 maio 1980, p.16. (espetáculo: *Patética – a verdadeira história de Glauco Horowitz*)

_______. Peça-símbolo da fase de censura. 24 abr. 1979, p.18. (espetáculo: *Rasga coração*)

_______. Poe irônico e diluído. 14 mar. 1987, p.5. (espetáculo: *Poe – inveja dos anjos*)

_______. Relação arbitrária em cena. 21 maio 1982, p.17. (espetáculo: *Picasso e eu*)

_______. Sob o fascínio de uma arte elaborada. 29 jul. 1982, p.21. (espetáculo: *Hystéria*)

_______. Super-heróis que não cabem no palco. 21 fev. 1980, p.18. (espetáculo: *Supermen*)

_______. *Swing*: do cômico ao grotesco, com bom gosto. 25 jun. 1980, p.16. (espetáculo: *Swing – a troca de casais*)

_______. Teatro de bonecos, dois exemplos raros. 12 abr. 1981, p.55. (espetáculos: *Palomares* e *Fausto*)

______. Toda a ironia de Brecht na criação do Ornitorrinco. 23 jun. 1982, p.16. (espetáculo: *Mahagonny songspiel*)
______. Um estúdio muito bagunçado. 15 ago. 1987, p.6. (espetáculo: *Estúdio Nagasaki*)
______. Um mural que poderia ser mais profundo. 11 dez. 1982, p.16 (espetáculo: *Mural mulher*)
______. Uma fantasia sem a realização artística. 23 abr. 1982, p.27. (espetáculo: *Gay Fantasy*)
______. Velha ideia com excelente resultado. 10 nov. 1984, p.16. (Espetáciulo: *Boca molhada de paixão calada*)
______. *Velhos marinheiros*, espetáculo de encantos. 4 abr. 1985, p.16. (espetáculo: *Velhos marinheiros*)
______. *West side story*: longe, muito longe do original. 20 ago. 1982, p.21. (espetáculo: *West side story*)
MAGALDI, S. Sobe o pano. Onde estão os autores nacionais? 3 out. 1982, p.34.
MARTINO, T. Derrotado na vida, herói no palco. 15 ago. 1986, p.8. (espetáculo: *A morte do caixeiro viajante*)
MATÉRIA NÃO ASSINADA. Os campeões do Mundo, o teste de Dias Gomes para a abertura política. 4 out. 1980, p.24.
MATÉRIA NÃO ASSINADA. Outra vez o evangelho de Zebedeu. 6 dez. 1984, p.18.
MATÉRIA NÃO ASSINADA. Matéria-crítica sem título. 7 jun. 1981, p.26. (sobre Antunes Filho e a montagem do texto de Nelson Rodrigues, *O eterno retorno*)
MATÉRIA NÃO ASSINADA. União e Olho Vivo, de volta. 8 dez. 1984, p.20.
MEDEIROS, C. M. A fantástica Denise. 11 nov. 1987, p.7. (espetáculo: *Mary Stuart*)
______. A fórmula do sucesso. 3 mar. 1988, p.6. (espetáculo: *Uma cama entre nós*)
______. *À margem da vida*. 26 fev. 1988, p.6. (espetáculo: *À margem da vida*)
______. A paixão segundo Barthes. 29 mar. 1988, p.7. (espetáculo: *Fragmentos de um discurso amoroso*)
______. Alice sem as delícias do bom Bivar. 7 maio 1987, p.6. (espetáculo: *Alice, que delícia*)
______. Belo e comovente. 18 mar. 1988, p.6. (espetáculo: *Exercício número 1*)
______. Elogio da tolerância. 13 maio 1988, p.6. (espetáculo: *O manifesto*)
______. *Hair*, um desagradável gosto de requentado. 29 maio 1987, p.7. (espetáculo: *Hair*)
______. Lobos atormentados. 10 dez. 1987, p.6. (espetáculo: *Lobo de ray ban*)
______. Montagem primorosa. 1 nov. 1987, p.9. (espetáculo: *Vestido de noiva*)
______. O encontro da razão e da paixão. 14 abr. 1988, p.7. (espetáculo: *Encontro entre Descartes e Pascal*)
______. O teatro instigante de Gerald Thomas. 25 maio 1988, p.6. (espetáculo: *Trilogia Kafka*)

______. Só um texto belíssimo. 13 dez. 1987, p.6. (espetáculo: *Auto da barca do Camiri*)

______. Um encanto de viúva. Deliciosa. 14 maio 1987, p.6. (espetáculo: *Viúva, porém honesta*)

______. Uma comédia singela, quase pura. 8 mar. 1988, p.3. (espetáculo: *Teledeum*)

RAMOS, L. F. Fábulas políticas sem conclusão e sem moral. 20 jul. 1988, p.3. (espetáculo: *Eras*)

______. O teatro refletido em *Lago 21*. 19 jun. 1988, p.3. (espetáculo: *Lago 21*).

______. Vertigens ocultas no *Corpo de baile*. 24 maio 1988, p.1. (espetáculo: *Corpo de baile*)

SALES, Dom E. Igreja poderá participar do Conselho de Censura. 15 set. 1982, p.19.

VALIM, A. Espetáculo duplamente insatisfatório. 16 out. 1986, p.3. (espetáculo: *Caixa de outras coisas*)

ZANOTTO, I. M. *A adorável Júlia*, alucinante jogo. 17 set. 1983, p.16. (espetáculo: *Adorável Júlia*)

______. A criatividade, a fúria e a arte do teatro. Onde estão? 11 out. 1981, p.40.

______. A explosiva criatividade de quatro autores novos. 23 jun. 1981, p.18. (espetáculos: *Rito do corpo em lua, Pelo avesso, Denise Stoklos – show de mímica* e *Bom dia, cara*)

______. Acima de tudo, o indivíduo. 30 mar. 1980, p.37. (espetáculo: *Arte final*)

______. *Ah! Mérica*, um vibrante retrato do continente latino. 4 maio 1985, p.15. (espetáculo: *Ah! Mérica*)

______. *Aí vem o dilúvio*, o lugar para a utopia. 22 jul. 1981, p.17. (espetáculo: *Aí vem o dilúvio*)

______. Alegoria poética sobre a trajetória de ser humano. 12 nov. 1983, p.18. (espetáculo: *A conferência dos pássaros*)

______. Apenas corriqueiro, televisivo. 9 abr. 1986, p.4. (espetáculo: *A feira do adultério*)

______. Atores, o ponto alto de dois espetáculos. 22 mar. 1981, p.43. (espetáculos: *Presença de Vinícius* e *Brasil, da censura à abertura*)

______. Autran/Tartufo e alquimia teatral. 13 abr. 1985, p.20. (espetáculos: *Feliz Páscoa* e *O tartufo*).

______. *Belas figuras*, possibilidade de paz, normalidade. 4 jun. 1983, p.12. (espetáculo: *Belas figuras*)

______. *Bella ciao*, melhor peça deste ano. 12 dez. 1982, p.44. (espetáculo: *Bella ciao*)

______. Boa diversão, mas poderia ser melhor. 8 dez. 1983, p.18. (espetáculo: *Madame Pommery*)

______. Bons atores marcam os títeres dos Contadores. 21 nov. 1982, p.45. (espetáculo: *Pas de deux*)

______. Brasil, autor da magia que brilhou no festival. 13 ago. 1981, p.27. (espetáculos: *Mansamente* e *No natal a gente vem te buscar*).

______. *Briga de foice*, clima empolgante. 11 abr. 1985, p.21. (espetáculo: *Briga de foice*)

______. *Bumba, meu queixada* leva o teatro para além do palco. 27 nov. 1979, p.21. (espetáculo: *Bumba, meu queixada*)

______. *Casa grande e senzala*, de volta às raízes culturais. 23 out. 1980, p.22. (espetáculo: *Casa grande & senzala*)

______. *Chorus line* à altura da Broadway. 15 abr. 1983, p.15. (espetáculo: *A chorus line*)

______. Com feição de milagre. 6 maio 1986, p.3. (espetáculo: *A hora e a vez de Augusto Matraga*).

______. *Cyrano*, canto lírico de Rostand. 27 set. 1985, p.20. (espetáculo: *Cyrano de Bergerac*)

______. De repente, no Eugênio Kusnet, teatro à vista. 21 mar. 1981, p.21. (espetáculo: *O coronel dos coronéis*)

______. Do drama romântico à farsa. 15 nov. 1981, p.40. (espetáculo: *Cala boca já morreu*: *Anti Nelson Rodrigues*)

______. *El día que me quieras*, um espetáculo brilhante. 9 nov. 1980, p.47. (espetáculo: *El día que me quieras*)

______. *Escola de mulheres*, um espetáculo encantador. 19 jan. 1985, p.15. (espetáculo: *Escola de mulheres*)

______. *Eterno retorno*: caos ordenado. 10 maio 1981, p.52. (espetáculo: *Nelson Rodrigues, o eterno retorno*)

______. Exageros, o mal de *Bésame mucho*. 24 nov. 1982, p.16. (espetáculo: *Bésame mucho*)

______. Fantasia sem limite. 26 mar. 1987, p.4. (espetáculo: *Tributo*)

______. Fo e Magalhães Jr. em bons espetáculos teatrais. 6 jan. 1984, p.15. (espetáculos: *Um orgasmo adulto foge do zoológico* e *A bengala do finado*)

______. Forte, mesmo mutilado. 24 set. 1986, p.5. (espetáculo: *A morte do caixeiro viajante*)

______. Genet, inteiro no Municipal. 10 dez. 1981, p.19. (espetáculo: *As criadas*)

______. Gente de carne e osso na peça. 23 jun. 1983, p.23. (espetáculo: *Motel paradiso*).

______. Guarnieri. 25 anos, arte e coerência. 29 out. 1981, p.24 (espetáculo: *Pegue e não pague*)

______. *Hamlet*, as falhas não empanam a importância. 1 nov. 1984, p.22. (espetáculo: *Hamlet*)

______. *Happy end*: atual e arrebatadora. 29 ago. 1981, p.18. (espetáculo: *Happy end*)

______. Ibsen, exercício para o pensamento. 13 set. 1985, p.16. (espetáculo: *Os espectros*)

______. Ininteligível. Tedioso. Bestialógico. 6 maio 1987, p.5. (espetáculo: *Eletra com Creta*)

______. *As lágrimas Amargas de Petra von Kant*: extraordinário. 18 abr. 1984, p.16. (espetáculo: *As lágrimas amargas de Petra von Kant*)

______. Lauro César Muniz, num trabalho sem consistência. 25 abr. 1985, p.26. (espetáculo: *Direita, volver*)

______. *Macunaíma*, um milagre teatral. 15 jun. 1984, p.16. (espetáculo: *Macunaíma*)

______. Mágicas presenças, peça obrigatória. 11 fev. 1984, p.17. (espetáculo: *Amante inglesa*)

______. Mediocridade, denominador comum nos palcos de teatro. 24 set. 1980, p.18.

______. *Meno male*. Ottimo! 4 abr. 1987, p.6. (espetáculo: *Meno male*)

______. Molière em encenação com ritmo ágil: Tartufo. 28 jun. 1984, p.25. (espetáculo: *Tartufo, o pecado de Molière*)

______. Motel, tema de peças divertidas, mas sérias. 26 nov. 1983, p.15. (espetáculos: *Grande motel, Motel Paradiso* e *O infalível doutor Brochard*)

______. Mrozek em espetáculo perfeito. 2 fev. 1985, p.15. (espetáculo: *Os emigrados*)

______. Não ouça. Mas veja. 13 maio 1986, p.4. (espetáculo: *Carmem com filtro*)

______. Naum, o teatro retoma a metafísica. 11 mar. 1984, p.27. (espetáculo: *Um beijo, um abraço, um aperto de mão*)

______. Nesse espetáculo, os elogios são apenas para Sócrates. 8 out. 1983, p.15. (espetáculo: *Perfume de Camélia*)

______. O humor, da grosseria à perfeição. 29 jan. 1986, p.15. (espetáculo: *Sua excelência, o candidato*)

______. O singelo voo da graça andrógina. 2 abr. 1987, p.6. (espetáculo: *Pássaro do poente*)

______. O talento perdido em *Calabar*. 17 maio 1980, p.20. (espetáculo: *Calabar*)

______. O velho amor romântico. Com sexo. 27 dez. 1985, p. 19. (espetáculos: *Louco circo do desejo* e *A Vênus das peles*)

______. O Ventoforte sem fazer jus a seu talento. 20 nov. 1982, p.20. (espetáculo: *História de fuga, paixão e fogo*)

______. *Os ossos d'ofício*, espetáculo que transborda humanidade. 19 set. 1981, p.19. (espetáculo: *Ossos d'ofício*)

______. Para comunicar o incomunicável. 10 ago. 1982, p.20. (espetáculo: *Morre o rei*)

______. Penar da alma brasileira. 26 out. 1980, p.39. (espetáculo: *Rasga coração*)

______. Pesquisa e experiência pelo teatro alternativo. 24 dez. 1983, p.12. (espetáculos: *Menina não entra, Édipo rei, Tantos & tortos, Os pqp – palhaços queridos palhaços*)

______. Quem ousa negar a força do ator no palco? 22 ago. 1982, p.37. (espetáculo: *Amadeus*)

______. Relato poético que ilumina a face eterna do espírito. 17 dez. 1980, p.18. (espetáculo: *As aves da noite*)

______. *Romeu e Julieta*, a depuração total. 29 abr. 1984, p.36. (espetáculo: *Romeu e Julieta*)

______. Sarah e Freud, sedutores. 23 mar. 1985, p.22. (espetáculos: *Freud no distante país da alma* e *A divina Sarah)*

______. *Simón*, mágico e emocionante. 26 abr. 1984, p.25. (espetáculo: *Simón*)

______. Tão feroz. E irresistível. 29 ago. 1986, p.4. (espetáculo: *O drama das camélias*)

______. Tardieu e a luta mais vã. 17 set. 1987, p.6. (espetáculo: *Uma peça por outra*)

______. Teatro retoma sua função quase esquecida: divertir. 8 abr. 1981, p.22. (espetáculos: *O santo milagroso* e *O dia em que raptaram o papa*)

______. Texto clássico em feliz montagem. 15 dez. 1984, p.20. (espetáculo: *Natã, o sábio*)

______. Tímida recriação, acerca de *D. Casmurro*. 24 mar. 1987, p.7. (espetáculo: *Dom Casmurro*)

______. *Toalhas quentes*: Adultério, tema comum a duas divertidas peças. 13 jan. 1984, p.14. (espetáculo: *Amizade colorida* e *Toalhas quentes*)

______. *Traições*, poesia e beleza em grandes momentos. 15 ago. 1982, p.38. (espetáculo: *Traições*)

______. Três espetáculos, três rumos válidos. 5 fev. 1984, p.31. (espetáculos: *Amante sociedade anônima*, *Dueto para um só* e *Os amores de Lorca*)

______. Um contrabaixo bem afinado, camaleônico. 1 out. 1987, p.7. (espetáculo: *O contrabaixo*)

______. Um espetáculo que poderia ter sido, mas que não foi. 25 abr. 1982, p.39. (espetáculo: *Uma certa Carmem*)

______. Uma dissecação bem conduzida. 27 out. 1984, p.18. (espetáculo: *De braços abertos*)

______. Vibração contínua em *O homem elefante*. 7 abr. 1981, p.42 (espetáculo: *O homem elefante*)

## *O Globo*, Rio de Janeiro

MATÉRIA NÃO ASSINADA. Maluf dá mais de seiscentos abraços nos delegados. 11 de julho de 1983, p.4.

## Revistas

ABREU, L. A de. Cansaço dos 80. *Palco e plateia.* Especial n.6. São Paulo, 1988, p.45.

______. Bella ciao. *Teatro da Juventude.* São Paulo: Governo do estado de São Paulo – Secretaria do Estado da Cultura, vol.XVI, n.38, nov. 2001, p.106-7.

_______. Teatro de rua, questões impertinentes. *Cadernos da ELT – Escola Livre de Teatro*, Santo André, Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer da Prefeitura de Santo André, ano 2, n.1, jun. 2004, p.5-6.

*ANUÁRIO DE ARTES CÊNICAS- TEATRO/DANÇA (1980-1989)*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1996.

*ANUÁRIO DE TEATRO DE GRUPO DA CIDADE DE SÃO PAULO (2004)*. São Paulo: Escritório das Artes, 2006.

AQUINO, M. A. de. 1964-2004: um olhar reflexivo. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.158, jul.-set., 2004, p.37-57.

ARANTES, O. F. (Coord.). O popular. *Arte em revista*. São Paulo: Ceac/Kairós, n.3, 1979.

_______. Teatro. *Arte em revista*. São Paulo: Ceac/Kairós, n.6, 1979.

BARRETO, P. S. Casas de Cultura e o projeto de Cidadania Cultural. *Polis*. São Paulo, no. 28, 1997.

BORNHEIM, G. A. Os entreatos do besteirol. *Mambembe*. Rio de Janeiro: Minc; Inacen, ago. 1986, p.21.

BOSI, E. A opinião e o estereótipo. *Contexto*, São Paulo: Hucitec, n.2, mar. 1977, p.97-104.

LIMA, M. A. de. A crítica teatral. *Camarim*, São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, ano VIII, n.34, p.22-23, jan.-fev.-mar. 2005.

CHAUI, M. Cultuar ou cultivar. *Teoria e Debate*. São Paulo, n.8, out.-nov.-dez. 1989.

COSTA, I. C. Por um teatro épico. Entrevista. Publicada pela Companhia do Latão – São Paulo. *Vintém: teatro e cultura brasileira*. São Paulo, Hedra, s.d., p.12-17.

_______. Teatro épico: o desafio da atualidade. *Caderno do Folias*, São Paulo: Grupo Folias d´Arte, n.1, p.7, s.d.

DEL RIOS, J. Baldwin na pauliceia gay. *Entertainments*, São Paulo, 1986.

FREITAS, A. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.34, jul.-dez. 2004, p.3-21.

GUIMARÃES, C.; LIMA, M. A. de; VARGAS, M. T. (Orgs.). *Dionysos 24 – Teatro de Arena*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/DAC-Funarte/SNT, out. 1978.

GUZIK, A.; PEREIRA, M. L. (Orgs.). *Dionysos 25 – Teatro Brasileiro de Comédia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ DAC-Funarte/SNT, set. 1980.

LUIZ, M. Visualidade 85 – fragmentária, contemporânea, uma. *Mambembe*. Rio de Janeiro: Minc; Inacen, ago.1986, p.13.

MENESES, U. T. B. de. A fotografia como documento: Roberto Capa e o miliciano abatido na Espanha. Sugestões para um estudo histórico. *Tempo*. Niterói, 7 (14), jan./jun. 2003, p.143.

MOSTAÇO, E. São Paulo/85: a tendência cosmopolita. *Mambembe*. Rio de Janeiro: Minc; Inacen, ago. 1986, p.26.

OLIVEIRA, F. de. Entrevista. Publicada pela Companhia do Latão – São Paulo. *Vintém: teatro e cultura brasileira*. São Paulo, Hedra, s.d., p.4-11.
*PALCO E PLATEIA*. São Paulo, n. 1 a 6, de jul. 85 a jan.-fev. 1987.
PEIXOTO, F. (Org.). *Dionysos 26 – Teatro Oficina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ DAC-Funarte/SNT, jan. 1978.
SANTOS, W. G. dos. 1964, 1930, 1989: uma questão de método. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 158, jul.-set., 2004.
ZANOTTO, I. M. *Mãos sujas de terra*. Revista *Istoé*, São Paulo, 1979, p.63.

## Programas de teatro[1]

*39; Ah! Mérica; Alice, que delícia; A lira dos 20 anos; A amante inglesa; Abajur lilás; A casa de Bernarda Alba; A cena de origem; A divina Sarah; A estrela Dalva; Afinal uma mulher de negócios; A garota do gangster; Agnes de Deus; A hora e a vez de Augusto Matraga; A infecção sentimental contra ataca; Aí vem o dilúvio; Allegro desbum; Amadeus; A mandrágora; À margem da vida; Amigo da onça; Às margens da Ipiranga; A nonna; A rainha do frango assado; A resistência; A revolução; Arte final; As is; As lágrimas amargas de Petra von Kant; Ataliba, a gata Safira; A última gravação; Aurora da minha vida; Auto dos 99%; A velha dama indigna; A vida de Galileu Galilei; Balada Brecht; Balada para um palhaço; Batalha de arroz num ringue para dois; Brasileiro, profissão esperança; Bella ciao; Bent; Bésame mucho; Bilbao cabaré; Blue jeans; Bolero; Brasil, da censura à censura; Brincando em cima daquilo; Cabaret; Cabaré Valentin; Cabeça e corpo; Cala a boca já morreu* (1981 e 1987); *Camas redondas, casais quadrados; Capitães de areia; Cara & coroa; Carmem com filtro; Cerimônia do adeus; C. de canastra; Choro Lorca; A chorus line; Com a pulga atrás da orelha; Coquetel Clown; Coração na boca; Corpo de baile; Cyrano de Bergerac; De braços abertos; Decifra-me ou devoro-te; Depois do expediente; Dercy beaucoup; Direita volver; Divina increnca; Divinas palavras; Doce deleite; Doce privacidade; Dois perdidos numa noite suja; Domus capta; Dores de amores; Drácula; D. Rosita, a solteira; D. Quixote* (Grupo A Barraca, de Portugal); *Édipo rei; El día que me quieras; Eletra com Creta; Elis aniversário; Encontrar-se; Encontro com Fernando Pessoa; Espelho Vivo; Evita; Fedra; Freud, no distante país da alma; Fulaninha e Dona Coisa; Elas por ela; Elis (se eu quiser falar com Deus); Em defesa do companheiro Gigi Damiani; Emily; Emoções baratas; Ensina-me a viver; E ponha o tédio no ó; Erêndira; Escola de mulheres; Escuta Zé; Essa gente incrível; Esta valsa é minha; Exercício n°1; Feitiço; Feliz ano velho; Fica comigo esta noite; Filhos do*

1 O acesso à totalidade absoluta dos programas aqui citados deve-se à gentileza de José Cetra Filho – hoje um querido amigo – que colocou à minha disposição seus arquivos e sua casa, durante três meses.

*silêncio; Fim de jogo; Foi bom, meu bem?; Fragmentos do discurso amoroso; Ganhar ou ganhar; Gay fantasy; Geni; Giovanni; Grande e pequeno; Hamletmachine; Happy end* (1981 e 1986)*; Hedda Gabler; Hello boy!; Horácios e Curiácios; Inimigos de classe; Irmã Maria Ignácio explica tudo; Jogo de cintura; Katastrophé; Kronos; Laços; Lago 21; Lembranças da China; Leonce e Lena; Levadas da breca; Ligações perigosas; Lírio do inferno; Lobo de ray ban; Lola Moreno; Love, love; Louca pelo saxofone; Louco de amor: um ato de loucura; Lua de cetim; Lua nua; Macunaíma; Mahogonny songspiegel; Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube; Malandragens de Escapino; Madame Pommery; Mão na luva; Mãos sujas de terra; Mary Stuart; Máscaras; Matrimônio com Deus; Maturando; Memórias póstumas de Brás Cubas; Meno male; Meu tio, Iauaretê; Moço em estado de sítio; Momentos do teatro brasileiro; Morango com chantilly; Morte acidental de um anarquista; Muito barulho por nada; Na carrêra do Divino; Não me maltrate, Robinson; Nardja Zulpério; Nelson 2 Rodrigues; Nijinski; Nossa cidade; Nostradamus; Numa nice; O bebê furioso; O beijo da mulher aranha; O concílio do amor; O contrabaixo; O coronel dos coronéis; O corpo estrangeiro; O despertar da primavera; O dia em que raptaram o papa; O doente imaginário; O dragão; O dragão na neblina; O encontro de Decartes com Paschal; O eterno retorno; O exercício; O fantópera da asma; O gosto da própria carne; O Hamleto; Oh, calcutta; Oh, Carol; O homem elefante; O jardim da cerejeira; Olhares de perfil; O manifesto; O máximo; O mistério de Irma Vap; O olho azul da falecida; O país dos elefantes; O pássaro do poente; Ópera do malandro; Ópera do sabão; Ópera Joyce; O percevejo; O peru; O preço; O que mantém um homem vivo; Órfãos; Os colunáveis; O senhor dos cachorros; O senhor é quem?; Ossos do ofício; O teatro maluco de Zé Fidelis; O tempo e a vida de Carlos e Carlos; O tempo e os Conways; Othello; O último encontro; O vison voador; Paraíso zona norte; Parentes entre parênteses; Pasolini, morte e vida; Patética; Pegando fogo, lá fora; Pegue e não pague; Piaf; Picasso e eu; Poleiro dos anjos; Quadrante; Quase 84; Quem tem medo de Itália Fausta; Raíces de América; Rasga coração; Revistando o teatro de revista; Risco e paixão; Rito de amor e morte na casa de Lilith – a Lua negra; Romeu e Julieta; Romeu e Romeu; Rosa de Cabriuna; Rua Dez; Salto alto; Santa Joana; Senhor de Porqueiral; Senhorita Júlia; Síndrome de super homem; Solness, o construtor; Sua excelência, o candidato; Tartufo; Teledeum; Temos que desfazer a casa; Theatro musical brasileiro; Toda nudez será castigada* (Grupo Delta – Londrina)*; Trágico à força; Traições; Tributo; Ubu, pholias physicas, pataphysicas e musicaes; Ubu rei; Uma lição longe demais; Uma metamorfose; Uma relação tão delicada; Uma peça por outra; Um casal aberto... ma non troppo; Um casal do barulho; Um dia muito especial; Um orgasmo adulto escapa do zoológico; Um processo; Vestido de noiva; Vida de artista; Viúva, porém honesta; Você vai ver o que você vai ver; Xandu quaresma; Xica da Silva* (1988); *Zum ou zois.*

# Apêndice
# Apontamentos acerca do conceito de acessibilidade

Tendo em vista a complexidade abarcada pelo popular, compreendendo também existir pouca reflexão e muito preconceito sobre o assunto, o apêndice presta-se fundamentalmente a apresentar algumas questões a partir das quais o pressuposto pelo popular pode ser pensado e desenvolvido.

## Acessibilidade geográfica

> *Relegado apenas aos espaços fechados, inacessíveis ao grande público, fechado à nação, o teatro corre o risco de tornar-se entretenimento (ou experiência fundamental) de uma pequena casta cultural. A própria história do teatro ocidental e oriental nos indica, foi nas e das ruas e espaços abertos que o teatro extraiu sua força e sua forma fundamentais.*
>
> *Teatro de rua, questões impertinentes,*
> Luís Alberto de Abreu

Ir ao encontro do público e estar onde estão as pessoas com as quais o grupo essencialmente pretende formar uma "comunidade de ouvintes", sem a utilização de fosso de orquestra ou de quartas paredes segregantes interpostos aos dois conjuntos de indivíduos presentes em um espaço de representação, caracteriza inicialmente um espaço comum. São espaços nos quais o grupo, constituído por vários indivíduos agregados e amparados por um significativo

sentido coletivo, pode dar a todos o sentido de plenitude pela troca de experiências que potencialmente concerne e legitima sua existência. Nesse sentido e de acordo com Ernst Fischer (1981, p.13), "[...] a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias".

Se o espetáculo vai para a rua – espaço que para Michel Certeau (1994) já é polemológico por excelência –, o caráter de contenda pode ser potencializado e se ampliar. A interlocução pode pressupor também a reinvenção de uma prática social, por intermédio da qual o "invadido" (aquele cujo espaço foi ocupado provisoriamente pelo espetáculo) interfere de modo tático na obra do "invasor" (artista que se apropria dos logradouros públicos). Nessa perspectiva – dependendo dos expedientes de trabalho que caracterizem o grupo a se apresentar na via pública (seja teatro de rua ou teatro na rua): espaço este no qual existem múltiplas interferências e que fomenta a dispersão –, a rua pode recuperar a condição de espaço reestruturante e possibilitador da palavra-ação ressignificada politicamente.

Além disso, tomando a ampla reflexão apresentada pelo professor Ulpiano Bezerra de Meneses[1] acerca da perda do significado e representação simbólica dos monumentos, no século XX, a cidade já não é mais constituída por cidadãos, mas por passantes. Passantes que, por inúmeros processos manipulatórios, têm dificuldade de perceber a si mesmos, aos outros e aos monumentos pela cidade. Ainda de acordo com Meneses, no texto *Os paradoxos da memória* (2007, p.28), o habitante das grandes cidades apenas passa pelos espaços sem praticá-los: ele sai de um ponto e se encaminha para o outro "[...] anulando o que existe no intervalo". Esta observação pode passar também a ideia de que um espetáculo na rua funcionaria como um monumento: uma narrativa visual, que levaria cada sujeito ou mesmo a comunidade a prestar mais atenção àquele espaço. Tal situação, na medida em que o espetáculo pressupõe um tempo de pouso e o desenvolvimento de outra qualidade de percepção espacial, pode redimensionar ou trazer à tona os problemas da própria comunidade de que o sujeito faz parte. Assim, tudo aquilo quase ou pouco percebido pelos fluxos de passagem cotidianos pode despertar a consciência cidadã e organizativa da

---

1 Reflexão desenvolvida em sala de aula, durante curso de pós-graduação em História Social, na disciplina Fontes Iconográficas na Pesquisa Histórica, ministrada por Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, durante o primeiro semestre de 2005.

comunidade para, além de se perceber como ser comunitário, reivindicar e encaminhar seus direitos.

Nesse particular, estratagemas e táticas reivindicatórias e capacidade de exposição no concernente à defesa de ideias podem ajudar o reestabelecimento de fronteiras, reiventariando tanto seus protagonistas quanto o próprio espaço que ganha uma função estético-social. O cenário do espetáculo de/na rua, assumida ou "acidentalmente" recorta a paisagem urbana, normalmente conhecida, apropriando-se da silhueta da cidade para redimensioná-la a partir de novas proposições dialógicas com a própria cultura da cidade.

Por meio do espetáculo apresentado na rua, um novo jogo social se estabelece. Com relação ao exercício ou procedimentos do jogar, no caso do teatro apresentado na rua, esse fazer pressupõe a busca de contato mais efetivo com a comunidade na qual o grupo está inserido e não apenas com uma parcela da sociedade, como ocorre com o teatro apresentado em espaços fechados. Tomando Michel de Certeau (1994, p.83-4),

> [...] os jogos *formulam* (e até formalizam) as *regras* organizadoras dos lances e constituem também uma *memória* (armazenamento e classificação) de esquemas de ações articulando novos lances conforme as ocasiões. Exercem essa função precisamente por estarem longe dos combates cotidianos que não permitem "desvelar o seu jogo", e cujas aplicações, regras e lances são de uma complexidade muito grande.

A partir da perspectiva de Certeau, um espetáculo popular, apresentado na rua ou não, e que dialoga com a comunidade no sentido de troca de experiência significativa, pode tanto ajudar a balançar as convicções segundo as quais a vida é expiação e culpa quanto ampliar as possibilidades de reconhecimento das imposições e condicionamentos do mercado. De outra forma, como recorrentemente se diz, na prática teatral: jogar significa colocar-se em situação, estar em permanente estado de prontidão para responder, improvisar e relacionar-se efetivamente. Ainda nesse particular, para Bertolt Brecht,

> [...] jogar é transformar em decisão a opinião do que joga, na ausência de informações suficientes sobre o jogo dos adversários, é um desafio à sorte e aos determinismos [...]. Quando não jogamos (isto é, quando vivemos pacatamente e sem riscos) também nos decidimos na ausência de informações suficientes, desafiando o acaso e determinismos; portanto, jogamos no mais profundo sentido da palavra. (apud Lefebvre, 1970, p.60)

Na conotação usada por Brecht, o jogo dá conta de uma indisposição à acomodação e uma predisposição à luta, intentada pela capacidade de pensar. De outra forma, por meio do jogar, o homem – que é uma coisa desmontável e passível de ser reconstruída – assim como a História, fazem-se um ao outro, transformando-se e produzindo-se mutuamente (Dort, s. d.).

A manifestação teatral que se aproxima de seu público (sua comunidade) sem restrições de quartas paredes e de fossos de orquestra, sem impedimentos econômicos como a cobrança de ingresso, sem subestimar ou superestimar o público, sem exigir e impor silêncio sepulcral e contrição absolutos com relação à obra e tantas outras exigências efetivamente separatistas – tudo isso pode repropor o espetáculo como festa e encontro. Decorrente das conquistas políticas, muitos grupos na década de 1980 recomeçam a trilhar esse caminho.

## Acessibilidade temática

*A redescoberta dos grandes temas capazes de incendiar multidões modificando os rumos de uma humanidade faminta de todas as fomes do mundo deveria ser um anseio generoso de todos os atores em potencial.*

*Hipocritando, fragmentos e páginas soltas*, Gianni Ratto

É basicamente notório para todos aqueles envolvidos com a linguagem teatral que a arte é significativamente condicionada pelo seu tempo e que representa, de modos mais e menos explícitos, a humanidade. Produção amparada e afinada aos vislumbres, necessidades e esperanças de um indivíduo ou conjunto deles, numa situação histórica particular, o teatro pode materializar uma experiência desprendida, mas concernente à cotidianidade. Se o teatro conseguir propor novas e qualitativas formas de contato com a vida das pessoas, ele pode interferir no comportamento e apreensão que esses sujeitos fazem de si, individual e coletivamente, abarcando os contextos grupais e sociais de modo mais amplo. Dessa forma, em tese – evitando dogmatismos ou cartesianismos –, os temas ou assuntos a partir dos quais um texto se organiza precisam interessar e ser relevantes para o público ao qual a obra se apresenta.

Ao transformar o espaço de representação em uma ágora propícia à troca de experiências, muitos artistas criam e organizam sua obra para tentar prender, capturar, espantar, enlevar, irritar, divertir o espectador, e fazer com que ele não se disperse tanto do contexto criado por intermédio da obra, pelo menos no momento de sua apresentação. Dessa forma, do mesmo modo como certas substâncias ao serem misturadas não dependem apenas de suas composições químicas, mas também (e em grande medida) da temperatura, do tamanho e do material de que seja formado o recipiente que acolhe a mistura, da rapidez do manipulador e tantas outras variáveis, o espetáculo, como resultado final em um processo, repleto de desejos e alvos que nem sempre se combinam, compreende um conjunto de escolhas feitas, abrigantes de pontos de vista estéticos, políticos e econômicos. Por intermédio dessa trinca, que pode ser organizada das mais diversas maneiras, talvez se consiga escapar de certa abstração contida em um genérico "ter a perspectiva do povo na análise dos fenômenos sociais".

Na condição de parceiro de aventura estética, em obra cuja recepção pressupõe mudez aparente e sem intervenção do público, cada espectador precisa ser encarado a partir de uma interessante *dualidade.* Ao discutir a importância da obra de Brecht – jamais apartada da militância política, lembra os traços filosóficos contidos na obra ou uma dramaturgia enquanto filosofia –, Fredric Jameson afirma: "Os filósofos burgueses insistem na distinção fundamental entre ação e contemplação. Mas o pensador verdadeiro (o dialético) não faz esta distinção. Se você a fizer, deixa a política para aqueles que agem e a filosofia para aqueles que contemplam, enquanto na realidade o político deve ser um filósofo e o filósofo um político" (Jameson, 1999, p.101).

Espetáculos premidos pelo conceito-convenção de quarta parede dificilmente, para além do modo como se estruturam, podem apresentar uma temática ideologicamente denunciadora das amarras políticas aprisionantes da vida social de modo mais amplo. Longe de qualquer engessamento ou imposição que descarte a dialética, os grandes problemas político-sociais, na maior parte dos casos, encontram-se nas ruas e não dentro das salas de visita. Algumas vezes o embate entre aquilo que se trama dentro de salas de visita e a contestação nas ruas também é interessante, como, por exemplo, em *A ferro e fogo,* de Luiz Carlos Moreira; *As confrarias,* de Jorge Andrade; *Bella ciao* e *Cala boca já morreu,* de Luís Alberto de Abreu; *Eles não usam black-tie,* de Gianfrancesco Guarnieri, *Estado de sítio,* de Albert Camus, *Os fuzis da Senhora*

*Carrar,* de Bertolt Brecht, *Os tecelões,* de Gerhart Hauptmann; *Teledeum,* de Albert Boadella; *Um inimigo do povo,* de Henrik Ibsen. Outras vezes, ainda, o que se desenvolve entre várias salas de visita, sem perder de vista o mundo, também é muito interessante: *Apareceu a Margarida,* de Roberto Athayde; *Gota d'Água,* de Paulo Pontes e Chico Buarque de Hollanda; *Morte aos brancos,* de César Vieira, *O rei da vela*, de Oswald de Andrade; *Rasga coração* e *Mão na luva,* de Oduvaldo Vianna Filho; *Terror e misérias do Terceiro Reich,* de Bertolt Brecht e tantos outros. Dificilmente aquilo que se desenvolve apenas em uma única dessas salas, tematizando problemas restritos àqueles que nela se encontram em processo de conversação, pode se prestar para a ida às ruas: *Casa de bonecas,* de Henrik Ibsen; *O membro ausente (El miembro ausente)*, de Ariel Barchilón, dentre tantas outras obras, são exceções.

Em tese, dependendo do modo como a obra venha a ser apresentada, todos os assuntos podem interessar ao teatro popular, que se organiza a partir de uma pluralidade de assuntos e de combinações. Dessa forma, tende a ganhar relevância no teatro popular, além do divertimento, a criação de personagens cuja estratégia consegue driblar, se contrapor e se vingar de seus algozes e exploradores: Caroba, de *O santo e a porca,* de Ariano Suassuna, é um surpreendente e delicioso exemplo, senso de esperteza, oportunismo, retórica e tática estão presentes na personagem que aprendeu "com a vida". Aliás, na comédia popular brasileira há um plantel de personagens absolutamente expressivo de gente que aprende a se defender muito bem de seus algozes: João Grilo e Chico de *O auto da compadecida,* de Ariano Suassuna; Cearim, de *O testamento do cangaceiro* de Chico de Assis; Matias Cão e João Teité de *Burundanga, O anel de Magalão, O auto da paixão e da alegria, O parturião, Sacra folia,* de Luís Alberto de Abreu; Semicúpio de *As guerras do alecrim e da manjerona,* de José Antonio da Silva – o Judeu; Fulaninha de *Fulaninha e Dona Coisa,* de Noemi Marinho; Crespim e Pascoal de *A torre em concurso,* de Joaquim Manoel de Macedo; Etelvina de *Cala a boca, Etelvina!* de Armando Gonzaga; Eusébio e Benvinda de *A capital federal,* de Arthur de Azevedo e tantas outras. Todos os assuntos, de acordo com sua elaboração dramatúrgica, compreendendo o desenvolvimento da fábula do ponto de vista das personagens populares e detendo a função protagônica, tendem a interessar à ampla população da periferia da cidade (e que eventualmente, mesmo longe da chamada periferia geográfica, more em cortiços ou apertadíssimos apartamentos nos centros mais densamente povoados).

No concernente à pseudoincapacidade de certos assuntos complexos de serem assimilados pela classe trabalhadora, afirmam vários detratores de Brecht e do teatro épico brechtiano em geral que esta classe seria contrária aos novos temperos trazidos, por exemplo, pelas vanguardas. Brecht rebate mais este "achismo" (naturalmente classista) a partir da metáfora segundo a qual a classe trabalhadora não é contrária aos novos temperos, mas à carne quando podre, referindo-se portanto ao assunto ou ao ponto de vista por intermédio do qual ele se apresenta. De certa forma, além de contestar as obras pautadas em procedimentos próximos à reificação – corolário de certo viés cultural do liberalismo hegemônico, principalmente pela insistência e imposição de certos e sempre repetidos assuntos –, é certo que Brecht contestava artistas, obras e mesmo movimentos que vendiam gato por lebre, a partir do, por ele chamado, teatro culinário.

## Acessibilidade na criação e apresentação da personagem

> *O teatro épico é a tentativa mais ampla e mais radical de criação de um grande teatro moderno; cabe-lhe vencer as mesmas imensas dificuldades que, no domínio da política, filosofia, da ciência e da arte, todas as forças com vitalidade têm de vencer.*
>
> *Poder-se-á fazer teatro épico onde quer que seja?*, Bertolt Brecht

É certo que entrou para o senso comum a ideia segundo a qual tanto as personagens quanto os modos de representação característicos do teatro popular são estereotipados. Apesar de não discutir aqui o conceito, que é absolutamente ideológico – como o é, também, por exemplo, dizer que as personagens de Tchekhov são arquetípicas –, Brecht, em *Para o Sr. Puntilla e seu criado Matti – notas sobre o teatro popular* (apud Brandão, 2005, p.117), afirma:

> [...] o incontestável é que o ator, ao representar a brutalidade, a infâmia, a fealdade, quer numa operária, quer numa rainha, não pode de forma alguma sair-se bem se não possuir sutileza e sentido de equidade e não for sensível ao belo. [...] A arte consegue apresentar a fealdade de um objeto feio de uma forma bela e a indignidade de um objeto indigno de uma forma digna.

De outra forma, o conceito de acessibilidade na criação da personagem passa também por outras e fundamentais lições de Brecht, segundo as quais é preciso fugir do óbvio, desnaturalizar os assuntos e a cena, por intermédio de gestos e atitudes que priorizem uma apreensão crítica e transitem com a contradição, em perspectiva dialética.

De acordo com aquilo que se poderia chamar de grandes obras populares, que normalmente são também boas obras épicas, as personagens apresentadas por certo condicionamento social têm capacidade para reconhecer as táticas que são obrigadas a adotar para se safar de seus algozes. Fundamentadas naquilo que se chama de sabedoria popular, as personagens populares têm retórica e conseguem argumentar, justificar coerentemente ou não a seu favor, mesmo de modo hiperbólico, mesmo de modo repleto de voltas.

A obra poética de Brecht é extensa, intensa e repleta de reveladoras surpresas. Muitas vezes, o autor utilizou-se também da poesia para "demonstração" de algumas de suas teses conceituais. Assim, dentre as obras evocando um conceito, neste caso o da mostração (gesto explicitado, antecipado e partilhado com o público), é modelar o poema *O mostrar tem que ser mostrado* (Brecht, 2001, p.241).

> Mostrem que mostram! Entre todas as diferentes atitudes
> Que vocês mostram, ao mostrar como os homens se portam
> Não devem esquecer a atitude de mostrar.
> A atitude de mostrar deve ser a base de todas as atitudes.
> Eis o exercício: antes de mostrarem como
> Alguém comete traição, ou é tomado pelo ciúme
> Ou conclui um negócio, lancem um olhar
> À plateia, como se quisessem dizer:
> Agora prestem atenção, agora ele trai, e o faz deste modo.
> Assim ele fica quando o ciúme o toma, assim ele age
> Quando faz negócio. Desta maneira
> O seu mostrar conservará a atitude de mostrar
> De pôr a nu o já disposto, de concluir
> De sempre prosseguir. Então mostram
> Que o que mostram, toda noite mostram, já mostraram muito
> E sua atuação ganha algo do fazer do tecelão, algo
> Artesanal. E também algo próprio do mostrar:
> Que vocês estão sempre preocupados em facilitar
> O assistir, em assegurar a melhor visão

Do que se passa – tornem isso visível! Então
Todo esse trair e enciumar e negociar
Terá algo de uma função cotidiana como comer,
Cumprimentar, trabalhar. (Pois vocês não trabalham?) E
Por trás de seus papéis permanecem
Vocês mesmos visíveis, como aqueles
Que os encenam.

O gesto, como uma expressão reflexa (no sentido de nem sempre conseguir ser premeditado), como expressão imitativa e decalcada de certos modismos sociais e senhas entre iniciados, como expressão/manifestação reiterante de certos sentidos e significados postos pela fala, caracteriza-se em uma resultante de diversos processos de escolha. Jean-Loup Rivière, ao afirmar que o gesto supõe permanentemente uma situação de interlocução, mas que não se reduz exclusivamente à comunicação, lembra que o gesto "[...] dirige-se sempre a um *outro,* real ou imaginário, mediata ou imediatamente; [...] Antes de ser funcional, comunicativo ou estético, o gesto é aquilo que aliena ao homem uma parte do seu corpo para o mergulhar na rede significante da sociabilidade" (1987, p.14). Brecht recomenda que se escolha entre os gestos aqueles que têm uma acentuada determinação social. Portanto, o gesto escolhido ou atitude significativa tende a mostrar de modo claro quem é a personagem e o que ela representa socialmente. Trata-se, mesmo porque não interessa que seja de outra forma, de descartar o trânsito com a individualidade, e mostrar alegoricamente os modos como a personagem se relaciona na vida social no contexto histórico de que faz parte.

Abrigando a dialética do gesto e do contragesto, chamado por Brecht de *gestus* (revelador das contradições em que se encontra mergulhada a personagem), esse elemento pode ser encontrado em cena de *Bella ciao,* de Luís Alberto de Abreu, importantíssima obra do inicio da década de 1980. Apesar de Ribeiro e Maria se gostarem muito, por escolha e imposição amedrontada dela, acabam por se separar. Maria não queria ter a mesma vida de sobressaltos da mãe, com relação ao pai, trabalhador anarquista. Maria opta por um casamento tranquilo, distante das lutas político-militantes, buscando o "refúgio do lar". José, seu marido, tem uma visão liberal, aposta em si e no progresso de uma vida pessoal sem riscos. Com o sumiço e a morte do irmão comunista, durante o Estado Novo, Maria separa-se de José: não lhe é mais possível levar uma relação mergulhada na neutralidade e tranquilidade em dias de barbárie.

Abreu, que nomeia cada cena, adotando proposição recomendada por Brecht, apresenta na cena 12, *Rápido reencontro,* o seguinte diálogo, depois da separação de Maria:

> *(Maria e Ribeiro estão um diante do outro, à média distância.)*
> Ribeiro – Onde você está?
> Maria – Na casa do papá.
> Ribeiro – Você está bem?
> Maria – Estou ficando bem. Quando você saiu da prisão?
> Ribeiro – Há um mês.
> Maria – Você não se cansa de volta e meia ir preso?
> Ribeiro – Eu estou cansado. É a polícia que não cansa de me prender. *(Maria sorri.)* Também não é tanto assim. Essa foi a segunda vez.
> Maria – Que está fazendo?
> Ribeiro – O de sempre. E como está seu pai?
> Maria – Bem. Um pouco mais velho.
> Ribeiro – Você continua bonita. *(Tenta se aproximar.)* Maria, eu...
> Maria *(Cortando, mas sem dureza.)* – Não fale, Ribeiro.
> Ribeiro – Foi uma época dura. Nós sobrevivemos.
> Maria – Foi. Mas eu estou mais interessada nessa época que vem. As manhãs são sempre melhores.
> Ribeiro – A gente sobrevive é pra reaprender. Sempre.
> Maria – Eu vou indo. *(Não sai do lugar.)*
> Ribeiro – Você está bem?
> Maria – Hu-hum. *(Sorri.)*
> Ribeiro – Eu li que os índios mostram com orgulho as cicatrizes de guerra.
> Maria – Eu sou do Brás. É longe do Amazonas.
> Ribeiro – Eu vou indo, Maria. *(Não se move do lugar.)*
> Maria – As manhãs são sempre melhores.
> Ribeiro – Os que sobrevivem têm a obrigação de reaprender.
> Maria – As manhãs são sempre melhores.
> Ribeiro – Eu vou indo, Maria.
> Maria – Eu vou indo, Ribeiro. *(Nenhum dos dois se move. A luz fica algum tempo e depois cai lentamente)*[2]

---

2 Abreu. *Bella ciao,* nov. de 2001, p.106-7. Esta obra é apontada por inúmeros conhecedores e especialistas de teatro como uma das mais importantes e significativas da década de 1980. Ilka Marinho Zanotto, participando de evento promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*: *O que o crítico fez pela arte no ano passado?,* com coordenação de Cremilda Medina e Maria da Glória Lopes, afirma: "Com base na opinião dos colegas críticos, vi os espetáculos mais importantes.

Trata-se de uma belíssima cena. Nela, Maria e Ribeiro, ao despedirem-se um do outro, permanecem "plantados" no mesmo lugar. Dizem uma coisa, mas agem de outro modo. A contradição – nesse caso, espécie de hiato emocional – caracteriza, para Brecht, um *gestus*. A atitude revela o desejo mais verdadeiro e profundo, mas não é suficiente para aproximá-los. Atitude, dialética, repleta de desejos contraditórios: entre motivações determinantes (o desejo de estarem fisicamente mais próximos) e secundárias (utilização de discurso apartante) pode aproximar muito as personagens dos processos de defesa mediados pela utilização de discursos prontos utilizados pelo espectador. O recolhimento do sentimento da personagem pode levar o espectador não só a pensar acerca desse preterimento-carregado-de-desejo, mas a julgar a cena e a si mesmo. Pode ajudá-lo a entender que a incapacidade das personagens não decorre tanto de opções pessoais, mas, normalmente, das injunções históricas e sociais. Ao perceber mais profundamente, o espectador pode (re)aprender a julgar para além da tranquilidade suscitada por uma aparência ordenada em uma sociedade administrada.

Às vezes, a escolha por um conjunto de atitudes da personagem ou o alargamento gestual do épico, de acordo com as proposições apresentadas por Gerd Bornheim (1992, p.243-310), caracterizam-se em mergulho objetivo na própria substância objetiva, ou no que ela possa ser, ou de outra forma, por intermédio daquilo que Brecht preconiza representar o alargamento gestual do conceito de épico, que Hegel teria chamado de substância objetiva e o dramaturgo alemão nomeava processo. De outra maneira, por intermédio de determinada seleção de gestos pode-se entender para além da personagem certos mecanismos a partir dos quais a História se faz como um processo social, de que é feita a vida, ou como uma substância social também em processo e em desenvolvimento. Assim, mesmo em processos estéticos, tanto o conhecimento das situações quanto a tomada de posição com relação a eles não são entidades diferentes, mas aspectos distintos de uma mesma manifestação de valor. A justaposição entre o "querer e o não poder" ou o "poder e o não querer" das personagens intenta juízos e a compreensão de que os mesmos funcionam, de modos explícitos ou não, como parte de uma totalidade, que abarca o real, as

---

E realmente, diante do mar de mediocridade que está aí, eu há muito não estou sendo motivada a ver teatro. [...] *Bella ciao* – para mim é o espetáculo mais importante dos que vi este ano, em termos absolutos e não só comparativos – está sem público". *O Estado de S. Paulo,* domingo, 2 jan. 1983, p.20.

imagens do mundo, as concepções do mundo. Dessa forma, a atitude dúbia de Maria e Ribeiro, de *Bella ciao* precisa ser analisada não como um ato (ou impossibilidade) isolado, mas decorrente de um complexo de problemas. Segundo Agnes Heller (1992, p.14),

> As escolhas entre alternativas, juízos, atos, têm um conteúdo axiológico objetivo. *Mas os homens jamais escolhem valores,* assim como jamais escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre ideias *concretas,* finalidades *concretas,* alternativas *concretas.* Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem do mundo. E reciprocamente: sua atitude valorativa se fortalece no decorrer dos concretos atos de escolha. A heterogeneidade da realidade pode dificultar extraordinariamente, em alguns casos, a decisão acerca de qual é a escolha que, entre as alternativas dadas, dispõe de maior conteúdo valioso; e essa decisão – na medida em que é necessária – nem sempre se pode tomar independentemente da concreta pessoa que a pratica.

À luz do apresentado neste item e compreendendo as chaves de acessibilidade, no sentido de maior explicitação das determinações sociais da personagem, parte-se do pressuposto fundamental de que nas práticas populares de representação não existem quaisquer paredes a separar os dois grupos distintos porém articulados de sujeitos: público e atores. O ator, no processo épico, assim também como para Stanislavski, deve aperfeiçoar-se no ato crítico da observação. A diferença desta capacidade entre Stanislavski e Brecht, de acordo com o segundo, não deve fundamentar-se no *decalque* (colar-se a um modelo e copiá-lo absoluta e servilmente), mas no conceito de reprodução, que contempla um viés histórico-crítico da personagem e dos embates que ela trava em seu percurso na obra. Nesse sentido, vale reiterar como fundamental que os aspectos da historicidade pressuposta pelo trabalho do ator, no sentido da construção da sua personagem, precisa cultivar a "[...] historização, que no fundo é a consciência da mutabilidade de tudo e todos. Pela historização portanto o ator não trabalha amparado em referenciais definitivos e estáticos, dados de uma vez por todas; as ações apresentam então certa ambiguidade, como se não pudesse apreendê-las como um todo pronto" (Bornheim, 1992, p.264).

A personagem construída numa perspectiva épica deve contemplar, portanto – enquanto exercício de superação e de transformação (o que não é

fácil) –, particularidades pessoais e transitórias, contrapostas àquelas sociais, históricas e classistas, evidenciando, fundamentalmente, as contradições mais essenciais. Mais amplo que isso, e daí definitivamente o rompimento com os pressupostos stanislavskianos, o trabalho do ator ou o seu mostrar (ato de mostração) deve priorizar a atitude contraditória entre o *gestus* do ator e aquele da personagem. O ator "[...] deve ter não apenas uma visão da realidade, como essa visão deve saber ser crítica, e, mais ainda, tal crítica deve fazer-se presente no trabalho artístico do ator – e é dentro desse contexto que surge o cultivo do distanciamento" (ibidem, p.261).

Para além dessas considerações, no concernente ao trabalho do ator, este deve buscar o *gestus*, que pressupõe "[...] a expressão mímica e gestual das relações sociais, nas quais os homens de uma determinada época se relacionam" (ibidem, p.281). Ainda com relação ao termo, lembra Bornheim, na mesma obra, as seguintes questões: com Brecht, certos termos aparecem de repente e sem explicação. A expressão latina *gestus* faz parte desse tipo de aparição, mas ele lembra, entretanto, que "[...] possivelmente o seu emprego esconda algum tipo de inquietação" (p.280), e que o conceito "[...] aparece provavelmente como sinônimo de seu derivado alemão, *Geste*." Em nota de roda pé, afirma Bornheim tratar-se de um movimento rico em expressão.

Em tese, o desenvolvimento de certa gestualidade, contraditória, revelante e explicitante do social ("pelo gesto o ator por inteiro se faz social") surgiu pelo fato de Brecht considerar que no teatro literário de seus dias os atores, presos por questões metafísicas e íntimas da personagem, terem perdido, desvalorizado ou reduzido ao máximo a função do gesto. Para Brecht, entretanto, o gesto social é fundamental pelo fato de, por intermédio dele, se poder estabelecer as relações entre o texto e o espectador. Nesse sentido, lembrava o dramaturgo que "[...] o caráter de um homem é produzido por sua função". De outra forma, "[...] os sentimentos devem ser extrovertidos, postos em termos de exterioridade, isto é, devem ser desenvolvidos e transformados em gestos. Desse modo a expressão se faz exterior" (apud Gerd Bornheim, ibidem, p.279).

Por incrível que possa parecer, principalmente a quem defende a tese de que o trabalho do ator inserido nas formas populares é estereotipado, espontaneísta, pouco elaborado e tantos adjetivos próximos a este, é bom ter presente a limpeza, o caráter alegórico e a explicitação para além do si mesmo desses artistas. De outra forma, e pela tentativa de alcance universal do gesto, por exemplo, para o ator que trabalha na rua, é importante lembrar a sofisticação

necessária no labor gestual para que a personagem e seus contornos possam ser entendidos por uma plateia formada desde crianças mais novinhas àqueles espectadores inseridos na chamada terceira idade.

## Acessibilidade com relação à escolha por certa visualidade.

> *[...] seja qual for a situação e o código empregado – visual, gestual ou outro qualquer – o certo é que nas mais variadas formas de entretenimento e cultura popular desfrutadas "em casa", "fora de casa mas no pedaço", pode-se constatar o mesmo processo de produção e circulação de significados cujos efeitos são, de um lado, a constituição de um pedaço concreto de relações e, de outro, o estabelecimento de passagens entre o "pedaço" e a sociedade mais ampla. Existe, portanto, entre as instituições e valores sociais dominantes e o plano do concreto vivido, um complexo sistema de mediações que processa, em ambos os sentidos, as múltiplas formas de intersecção entre o "nós do pedaço" e o "eles" dos centros de poder da sociedade abrangente.*
>
> *Festa no pedaço:* cultura popular e lazer na cidade, José Guilherme Cantor Magnani

Apesar de a imagem como representação visual dos objetos materiais estar ligada também àquela do domínio imaterial (mental), um contingente enorme de pessoas não vê mais apenas o material: vê, sobreposta à materialidade, uma imagem mental idealizada, grandemente imposta por uma concepção hegemônico-ideológica, de como as coisas devem ser. Assim, sem fazer apologia a qualquer civilização visio-apocalíptica de George Orwell a Francis Fukuyama, passando por Umberto Eco e Aldous Huxley, aquilo que se sabe ou o que se imagina saber, aquilo em que se acredita ou que se imagina acreditar, afeta o nosso modo de ver as coisas e com elas nos relacionarmos.

É bastante comum, nos dias de hoje, tomar como referente da realidade empírica as imagens criadas e apresentadas culturalmente pela indústria da diversão e elas se colocarem como referência visual e mesmo como convenção do real, depositadas que estão no imaginário. A grotesca e tão alardeada exemplificação, pelo senso comum da flor natural ser "tão linda e nem parecer de verdade!" aproxima-se, enquanto ilustração, daquilo que aqui se diz. Assim, se a organização dos sentidos é histórica, e eles (os sentidos) "falam", sobretudo, pela visão, a partir do exemplo suscitado, percebe-se o quanto nossa capacidade perceptiva tem se perdido.

A apreensão visual pressupõe o reconhecimento (parcial ou total) da coisa vista: seja a partir de ícones, de índices ou de símbolos. Nesse particular, faz-se importante, tomando John Berger (s. d., p.14-16): "*[...] solamente vemos aquello que miramos. Y mirar es un acto voluntario [...]. Nunca miramos sólo una cosa; siempre miramos la relación entre las cosas y nosotros mismos. [...] aunque toda imagen encarna un modo de ver, nuestra percepción o apreciación de una imagen depende también de nuestro propio modo de ver*".

A não compreensão imediata da imagem (que é sempre um corpo físico e não apenas um conjunto de significação), no exato instante de sua aparição, caracteriza ou entropiza uma relação de percepção exigida e construída sintomaticamente nas chamadas artes da representação. Nessas manifestações, os símbolos (que costumam ser apresentados a partir de um sistema polissêmico extremamente complexo), apresentados em escala 1:1, desfilam diante de nossos olhos, como se estivéssemos em uma estação, contemplando um objeto ou artefato material, mas que se sabe não ligado concretamente à vida social e mundana, e que passa lancinantemente. Parafraseando Baudelaire, que afirmava ser a arte "uma floresta de símbolos", nas manifestações espaço-temporais, pessoas-atores, na condição de personagens, apresentam-se numa cenografia em que tudo, pela semelhança à realidade empírica, caracteriza-se em simulacro dessa realidade "realisticamente irreal", mas rigorosamente apresentada na condição de símbolo visual, intentando interpretações e diálogos com a realidade ficcionalizada. Essa profusão de símbolos pode ser ainda mais destacada e ampliada do ponto de vista prático – e dependendo da forma utilizada pelo encenador – por luzes, maquiagens, trilha sonora, ajustamentos prosódicos, físicos e todos os recursos que compõem o espetáculo teatral.

Decodificar a trama simbólico-imagética nas artes da representação demanda a familiaridade, o trânsito e a articulação de um complexo sistema estético-

cognitivo, rigorosamente amparado pela vida social, e aqui a similitude entre o estudo da história e o da criação artística têm em comum um determinado modo de formar imagens: historiador e dramaturgo (que transita com o épico), a partir de diferentes formas, alvos, objetivos e interesses, presentificam o passado. Peter Burke (2004), tomando John Huizinga, lembra a aproximação entre os fazeres do dramaturgo e do historiador. Aliás, e no infinitivo, o verbo criar refere-se a formar. Assim, se uma das exigências fundamentais do historiador é também buscar ver de modo mais acurado (sobretudo aquilo ainda não percebido), estabelecendo certos e determinados tipos de articulação, o ato de ver se caracteriza em dar formas às imagens da vida social, transcriando-as a partir de discursos diferentes, ampliar a capacidade de ver a partir da ênfase no desenvolvimento dos processos perceptivos. Fayga Ostrower (1981) apresenta a tese de que o homem cria não porque goste ou queira, mas por necessitar. Desse modo, afirma a autora que "[...] nada existe que não seja forma" e que o formar decorre da capacidade de percepção, cujo nexo articula o sentir e o entender.

A interpretação em arte, entretanto, apresenta um grande problema: nem sempre o sentido de uma obra é perceptível no instante-já (seu *hic et nunc*) em que se está em relação com ela. Nesse sentido, salvaguardadas as diferenças, uma vez que os autores tratam especificamente da questão da análise de textos (sem, entretanto, esquecer que toda manifestação ligada ao universo das artes da representação sustenta-se também em um texto), Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (1997) oferecem excelentes pistas com relação a essa questão. Afirmam os autores que todo documento é portador de um discurso e que, em arte, mas não exclusivamente, o conteúdo histórico que se pretende recuperar depende muito, dentre outros, da forma do texto: seu vocabulário, seus enunciados, tempos verbais. Dessa maneira, a história não se reduz à estrutura do texto e nem ela pode ser desprezada para a análise dos conteúdos históricos e sociais dos discursos.

Ato decifratório e permanentemente intercambiante, a partir de uma metodologia analítica, é preciso não perder de vista que as fontes visuais (e nelas as artísticas) precisam ser apreendidas em função de três dimensões que se articulam: a formal, a semântica e a social.[3] Para completar, citando Martine Joly (2004, p.113), "[...] a significação global de uma mensagem visual é cons-

3 Cf. Freitas, jul./dez. 2004, p.3-21.

tituída pela interação de diferentes ferramentas, de tipos de signos diferentes: plásticos, icônicos, linguísticos. E que a interpretação desses diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural do espectador, de cuja mente é solicitado um trabalho de associações".

Não se propondo à reprodução ilusionista e emocional do real, os espetáculos épicos brechtianos e populares intentam a imaginação do espectador e potencializam o real, em suas contradições. Na tradição popular, realidade e sonho aparecem fundidos, amalgamados; portanto, a imaginação que Walter Benjamin afirma, em *O narrador,* ser a mais épica das faculdades humanas, ao potencializar o real – de acordo ainda com proposições de Bertolt Brecht, segundo as quais "[...] em um objeto existem múltiplos outros objetos" – intenta sua descoberta. Nesse processo, o trânsito com os expedientes metalinguísticos é absolutamente fundamental para haver processo de troca de duas distintas, mas próximas realidades: a do sujeito que assiste a obra e aquela dos sujeitos que a produziram. O espetáculo, previamente preparado, mas a partir de uma estrutura repleta de lacunas, completa-se por intermédio da relação cena-público que, às vezes, forma um grande palco. Nessa perspectiva, a visualidade e tudo o que pode ser apreendido pelos olhos precisam apresentar uma narrativa e garantir certa precisão.

É fundamental, então, que se repense o visual, o visível e a visualidade a partir de suas dimensões sociais, o que quer dizer, de acordo com as teses de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, que visual refere-se à sociedade e não às fontes, e que a imagem, como qualquer outro artefato, é também uma coisa que se caracteriza em parte viva de nossa realidade social. A visualidade, rigorosamente amparada no efetivo das relações, caracteriza-se em dimensão significativa da vida e dos processos sociais. Ainda com Meneses (jan.-jun. 2003, p.143), "[...] os sentidos jamais se encontram nas imagens, nelas próprias, engastadas em atributos formais à espera de um gatilho universal que os detone". Próximo a tais observações, afirma Peter Burke (2004, p.232): "[...] as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação".

Nessa perspectiva, relações, objetos, adereços e a própria visualidade da cena precisam ser criados e formulados tanto a partir de sua função social

quanto estética, mas que permita a percepção também de um objeto de uso e como objeto de troca. Partindo, de certa forma, das mesmas preocupações e trânsito com a alegoria, no teatro épico brechtiano – que não reconstitui de modo decalcado o real –, ao escolher um objeto para a cena, procede-se a partir de escolhas simbólico-sociais que transcendam a própria cena. A isso, é preciso acrescentar um descortinar dos processos de alienação, a partir da reificação e das permanentes tentativas de fragmentação do homem por parte do sistema. A coisificação do homem pela fetichização da mercadoria tende a instaurar uma forma de relação social entre as coisas. Fundamentado em acurada leitura de Marx e transpondo alguns de seus conceitos para as artes, afirma Mário Fernando Bolognesi (1996, p.197-8):

> [...] a mercadoria passa a reter uma unidade que não se encontra mais no homem, ou na relação de produção. Ela, por assim dizer, sintetiza o capitalismo, a propriedade privada e o trabalho alienado, pois se coloca como resultado e objetivo último das relações sociais. As relações entre os homens atingem uma forma racional e abstrata na mercadoria, um abstracionismo, contudo originário do universo concreto da produção.
>
> O fetichismo aponta o caráter velado daquela aderência metafísica e teológica, que quer esconder suas marcas essenciais, efetivamente concretas, e encontra na forma dinheiro a sua mais sublime efetivação. O invólucro místico da mercadoria manifesta-se, pois, no valor de troca. O uso tem interesse para os homens, mas somente a troca é que confere o estatuto último da coisa produzida, na forma de mercadoria, como relação social entre coisas, que são, igualmente, relações entre os homens.

Tomemos aqui a já mencionada *Gota d'água* de Paulo Pontes e Chico Buarque de Hollanda (1976, p.32-4), uma vez que nela há uma proposta cenográfica de divisão do cenário em *sets,* é preciso escolher claramente os objetos que possam evocar o ambiente em que as cenas acontecem. Para o apartamento de Creonte, os autores privilegiaram uma ampla gama simbólica contida na cadeira. Segundo o próprio Creonte, cuja filha deve se casar com Jasão (um sambista e morador da vila a qual Creonte é dono):

> Você já parou pra pensar direito
> o que significa uma cadeira? A cadeira faz
> o homem. A cadeira molda o sujeito
> pela bunda, desde o banco escolar

até a cátedra do magistério
Existe algum mistério no sentar
que o homem, mesmo rindo, fica sério
Você já viu um palhaço sentado?
Pois o banqueiro senta a vida inteira,
o congressista senta no senado
e a autoridade fala de cadeira
O bêbado sentado não tropeça,
a cadeira balança mas não cai
É sentando ao lado que se começa
um namoro. Sentado está Deus Pai,
o presidente da nação, o dono
do mundo e o chefe da repartição
O imperador só senta no seu trono
que é uma cadeira co'imaginação
Tem cadeira de rodas pra doente
Tem cadeira pra tudo que é desgraça
Os réus têm seu banco e o próprio indigente
que nada tem, tem no banco da praça
um lugar para sentar. Mesmo as meninas
do ofício que se diz o mais antigo
têm escritório em todas as esquinas
e carregam as cadeiras consigo
E quando um homem atinge seu momento
mais só, mais pungente de toda a estrada,
mais uma vez encontra amparo e assento
numa cadeira chamada privada
*(Tempo)* Pois bem, esta cadeira é a minha vida
Veio do meu pai, foi por mim honrada
e eu só passo pra bunda merecida
que é que você acha?
[...]
Um dia vai ser sua essa cadeira
Quero ver você nela bem sentado,
como quem senta na cabeceira
do mundo. Sendo sempre respeitado,
criando progresso, extirpando as pragas,
traçando o destino de quem não tem,
fazendo até samba, nas horas vagas
Porém... existe um pequeno porém

Não vai ser assim, pega, senta e basta
Primeiro você vai me convencer
que tem condições de assumir a pasta.

Trata-se de um texto repleto de alegorias sociais, escrito em 1975 – adaptado de *Medéia* de Eurípedes, para ser apresentado na TV, criado por Oduvaldo Vianna Filho – que apresenta, de acordo com os próprios autores na introdução da obra, algumas das estratégias adotadas por regimes ditatoriais para cooptar, dentre os quadros das classes médias, os melhores, para dar representatividade e legitimidade institucional ao próprio regime. Dessa forma, representando o poder, a figura que na Grécia da Antiguidade tinha conotação de governador e de usurpador, o pragmático Creonte alicia outros que como ele podem se bandear para o estrato ou classe dos que governam, os *áristos* (os melhores, excelentes): aqueles que podem exercer o mando por sua condição e natureza superior naquele contexto e momento histórico. Ao escolher a cadeira-trono, Creonte dá uma "lição de *Príncipe*" ao futuro genro e demonstra claramente os seus interesses. Acessibilidade garantida no concernente a uma escolha rigorosamente alegórica: do simples ao complexo, do geral ao particular, do comum ao maravilhoso, do consuetudinário ao imaginativo ilimitado, do tornado natural à desnaturalização.

Tomando ainda o assunto assento como referência, na primeira obra de Bertolt Brecht, *Baal* (1818-19), a referência é alegórica, mas carrega um caráter absolutamente iconoclasta, niilista e escatológico, mais atento às características estéticas da obra, que se liga ao expressionismo alemão. Canta a personagem Baal uma música de versos absolutamente grotescos:

Orge me disse que o melhor lugar
Não é a sepultura dos meus pais,
Nem o confessionário, nem bordéis,
Nem o macio colo quente e gordo.
Orge me disse que o melhor lugar
Para ele era sempre a privada.
É um lugar onde se está contente,
Por cima estrela, por baixo estrume.
Lugar maravilhoso, onde se pode
Mesmo em lua de mel ficar sozinho.
Na humildade, lá você se encontra:

Um ser humano que nada retém.
Lugar onde toda sabedoria
Prepara a pança para novas orgias.
Descansa-se o corpo agradavelmente,
Fazendo-se algo para si com afinco.
Lá você se reconhecerá a si mesmo,
Um ser glutão que come na privada.
(Brecht, 1986, p.27-8)

Enfim, utiliza-se de alegorias identificáveis, repleta de alusões às situações e objetos ordinários e carregados por assumida e explicitada historicidade: objetos sociais, do cotidiano. Brecht tem uma produção repleta de obras poéticas significativas. Dentre elas, e no contexto que aqui se busca demonstrar, podem encontrar-se os seguintes versos:

De todas as obras humanas, as que mais amo
são as que foram usadas.
Os recipientes de cobre com as bordas achatadas e com mossas,
Os garfos e facas cujos cabos de madeira
Foram gastos por muitas mãos: tais formas
São para mim as mais nobres. Assim também as lajes
Em volta das velhas casas, pisadas e
Polidas por muitos pés, e entre as quais
Crescem tufos de grama: estas
São obras felizes.
Admitidas no hábito de muitos
Com frequência mudadas, aperfeiçoam seu formato e tornam-se valiosas
Porque delas tantos se valeram.
Mesmo as esculturas quebradas
Com suas mãos decepadas, me são queridas. Também elas
São vivas para mim. Deixaram-nas cair, mas foram carregadas.
As construções quase em ruína
Têm de novo a aparência de incompletas.
Planejadas generosamente: suas belas proporções
Já podem ser adivinhadas; ainda necessitam porém
De nossa compreensão. Por outro
Elas já serviram, sim, já foram superadas. Tudo isso
Me contenta.
(idem, 2001, p.84)

Em meu quarto, na parede caiada
Há uma curta vara de bambu, ligada
A um gancho de ferro, para
Retirar redes da água. A vara
Apareceu numa loja de coisas velhas, *downtown.* Ganhei-a
De meu filho no aniversário. Está gasta.
Na água salgada a ferrugem do gancho corroeu o cordão.
Esses indícios de uso e de trabalho
Emprestam-lhe grande dignidade. Gosto
De pensar que esse aparelho de pesca
Foi-me deixado por aqueles pescadores japoneses
Que foram banidos da Costa Oeste, confinados em campos
Como estrangeiros suspeitos; que me chegou às mãos
Para lembrar-me tantas
Questões humanas não solucionadas
Não insolúveis, porém.
(ibidem, p.296)